GUGA

UM BRASILEIRO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.club*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

GUGA

UM BRASILEIRO

GUGA

UM BRASILEIRO

Em depoimento a
Luís Colombini

SEXTANTE

NOTA DA EDITORA: Foram feitos todos os esforços para dar crédito aos detentores dos direitos sobre as imagens utilizadas neste livro. Pedimos desculpas por qualquer omissão ou erro; nesse caso, nos comprometemos a inserir os créditos corretos a pessoas ou empresas nas próximas edições desta obra.

Copyright © 2014 por Gustavo Kuerten

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

EDIÇÃO Melissa Lopes Leite
REVISÃO Ana Grillo e Luis Américo Costa
PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Natali Nabekura
CAPA Raul Fernandes
IMAGEM DE CAPA Philippe Arruda
TRATAMENTO DE IMAGEM DE CAPA Over Digital
TRATAMENTO DE IMAGENS DO MIOLO Trio Studio
ADAPTAÇÃO PARA EBOOK Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C682g

Kuerten, Gustavo
Guga, um brasileiro [recurso eletrônico] / Gustavo Kuerten. Rio de Janeiro: Sextante, 2014.
recurso digital
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-431-0149-1 (recurso eletrônico)
1. Kuerten, Gustavo, 1977-. 2. Tenistas - Brasil - Biografia. 3. Livros eletrônicos. I. Título.

14-14977

CDD: 927.96332
CDU: 929:796.431

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
GMT Editores Ltda.
Rua Voluntários da Pátria, 45 – Gr. 1.404 – Botafogo
22270-000 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244
E-mail: atendimento@esextante.com.br
www.sextante.com.br

PREFÁCIO,
POR ALICE THÜMMEL KUERTEN

Em toda a minha vida, jamais imaginei, nem no mais profundo dos meus sonhos, que algum dia fosse apresentar um livro que falasse sobre um filho meu e sobre toda a nossa família.

Aliás, eu nem saberia por onde começar tal sonho, raciocínio ou delírio de ter um filho que se tornasse número 1 do mundo e que tivesse o carisma que tem, que soubesse levantar uma criança da mesma forma que erguia uma taça ou um troféu, que, a partir de uma vida simples, com muito mais limitações do que possibilidades, conseguisse montar este enorme quebra-cabeça da sua carreira. Pois ele fez tudo isso através do seu talento, unicamente com as peças que estavam ao seu alcance, como vontade, determinação, disciplina, garra, alegria, tristeza, persistência e, acima de tudo, fé e esperança naquilo em que acreditava.

Os anos se passaram e coisas inacreditáveis aconteceram com ele e conosco. Às vezes subíamos a ladeira até o fim; outras, escorregávamos; de vez em quando caíamos; mas nunca desistimos...

Em diversos momentos, achamos que estávamos assistindo a um filme e que os personagens eram muito distantes de nós. Só com o tempo fomos acreditando que essa história era verdadeira e que até fazíamos parte dela também.

Ainda assim, nunca imaginamos fazer dessa história um livro, cujo principal personagem se chama GUGA – figurinha humilde que não conseguia falar de si mesmo para os outros e achava muito mais fácil outros falarem dele em reportagens.

Porém na hora certa, solicitado e incentivado por muitos, resolveu rever sua vida e sua trajetória, escrevendo esta obra, que, tenho certeza, agradará a todos os leitores.

E qual não foi a surpresa para Guga quando, ao começar a contar a sua história, e ao mesmo tempo ler a sua escrita, fosse dando ele mesmo um ressignificado a sua vida, valorizando ainda mais cada pessoa que faz parte dela e concluindo que, com certeza absoluta, jamais seria o que foi, e continua sendo, não fossem todos os por ele citados, e talvez ainda alguns anônimos, a formar esta grande trajetória vitoriosa.

Confesso me sentir orgulhosa pelo filho e pela família que tenho.

Guga teve muita clareza nas suas escolhas, no caminho que achava certo, empenhado em fazer com excelência tudo aquilo a que se propôs.

Concluo dizendo que Guga deu o seu melhor, daquele sentimento que o contagiava a realizar algo que também alimentava a sua alma.

Espero e desejo a todos vocês, leitores, que, com este livro, consigam conhecer e entender o Guga, com ele chorar e rir, como ele lutar e amar e principalmente se espelhar naquilo que considerarem o melhor.

O MONSTRO
4 DE JUNHO DE 1997

De repente, a montanha pareceu alta demais. Por mais que quisesse continuar a escalada, não conseguia enxergar o caminho até o topo. Tinha desejo, vontade, garra, mão, perna, braço, tudo em ponto de bala, mas faltava o indispensável para avançar: me convencer de que era possível.

A trajetória de 1997 em Roland Garros tinha sido magnífica. Se o fim estivesse próximo, pelo menos já tinha boas histórias para contar pros netos. Em nove dias e quatro jogos, ganhei de gente bem mais cotada do que eu. Na primeira rodada, venci o tcheco Slava Dosedel, que, poucos meses antes, ganhara duas partidas seguidas de mim. Aí veio Jonas Björkman, 24º do mundo, um osso duro de roer. Na sequência, superei o austríaco Thomas Muster, atualmente quinto do ranking, número 1 do mundo no ano anterior e campeão de Roland Garros em 1995, numa partida que pode ser resumida como um drama com final feliz. E ainda, em outro jogo sofrido, disputado em dois dias, tinha ganhado no quinto set de Andrei Medvedev, ucraniano apelidado de Urso, pelo seu tamanho e pela forma como esmagava seus oponentes.

Mas agora, depois da arrancada sensacional, um monstro de filme de terror se materializava na minha frente querendo acabar com a minha festa. Nas quartas de final, ia encarar Yevgeny Kafelnikov, campeão de Roland Garros no ano anterior na simples e em duplas. Apesar de falar inglês fluentemente e gostar de golfe e beisebol, na essência Kafelnikov tinha características típicas de um espião da Guerra Fria: calculista, mecânico, implacável, uma pedreira. Eu nem sequer existia no mapa do tênis e ele já ganhava juvenil de Grand Slam. Três anos antes, eu nem me classificava para os campeonatos que ele conquistava. Oito meses antes, num torneio em Stuttgart, na Alemanha, perdi dele sem a mínima chance: 6-1, 6-4, em menos de uma hora.

Talentoso e versátil como poucos, era somente uma questão de tempo até que ele chegasse a número 1. Aos 23 anos, o russo já era o terceiro do ranking e estava louco para ganhar Roland Garros pela segunda vez e com isso alcançar o posto de melhor do mundo. Eu, com 20 anos, era o 66º do ranking, a zebra que nem sequer aparecia no seu radar. A pedrinha que, sem esforço, ele já tinha chutado para longe em outra oportunidade.

Eu estaria mais tranquilo se Kafelnikov tivesse perdido para o australiano Mark Philippoussis nas oitavas de final. Nunca tinha jogado contra Philippoussis, e isso pelo menos era mais promissor do que encarar um sujeito que recentemente me dominara em quadra do

começo ao fim. Mas Kafelnikov venceu e agora eu tinha que resolver um quebra-cabeça complicado.

O estilo do russo não era muito diferente do meu. Gostava de jogar no fundo da quadra, tomando a iniciativa, batendo forte, fazendo o adversário correr o tempo inteiro. O problema é que ele era muito melhor do que eu em tudo! Sacava com mais força e precisão. Sua devolução de saque era possivelmente a melhor do circuito. Contra-atacava nesse mesmo nível. Tinha uma esquerda excepcional: cruzada, paralela; fazia o que queria com a bola. Não dava espaço nem deixava o adversário se sentir confortável em quadra. Trocando em miúdos, na minha cabeça ele era o legítimo bicho-papão, pronto para me engolir.

Nos dois dias que antecederam o jogo contra Kafelnikov, fiquei desnorteado. Só pensava em achar o fio da meada para superá-lo. Trocava ideia com Larri, mas nada que meu técnico dizia fazia efeito naquela situação. Não havia nada que me fizesse acreditar. Sem me convencer de que dava para ganhar, a chance era que eu caísse ali mesmo. Mas ao mesmo tempo era justo esse final que eu não queria. Por mais que o subconsciente me atormentasse, criando mais um monstro – como se um só não fosse suficiente –, a cabeça trabalhava para encontrar uma maneira de continuar escrevendo a história. "Deve ter um jeito de ganhar desse cara, tem que ter!", não mudava o disco na minha mente. "Como conseguir? Como?" Mas eu não conseguia enxergar o caminho, não fazia ideia de como superar aquilo; dessa vez estava muito além da minha capacidade.

A menos de 24 horas da partida, estava claro que Kafelnikov era um jogador de tênis de outro nível, muito melhor do que eu. No desespero, achei uma vantagem, ainda que bem fuleira: conhecia o jogo dele muito mais do que ele conhecia o meu. E também havia um detalhe que talvez pudesse funcionar: Kafelnikov começava devagar e demorava para engrenar. Diante disso, Larri e eu traçamos uma estratégia. Antes da partida, aqueceríamos até o último minuto para entrar em quadra fervendo, agressivo, partindo para cima dele com tudo desde a primeira bola. Depois era tentar manter o ritmo acelerado, forçando, até o meu limite, de um jeito que nunca havia feito. Mais do que surpreso, ele tinha que ficar atordoado com meu volume de jogo logo nos primeiros games.

Além disso, o russo gostava de bola na altura da cintura. Quando ela vinha como ele queria, batia forte e reto, disparando torpedos para tudo que é lado. "Tenta mandar mais alto, perto do ombro, para tirar da altura do umbigo, aí ele se complica", Larri sugeriu.

Existia ainda uma última carta na manga, que estava com mais cara de blefe que qualquer outra coisa. A direita (forehand) dele é bastante dependente da confiança – era ali que eu precisava forçá-lo a se atrapalhar. A probabilidade era pequena, mas em algum momento eu teria que mostrar que tinha jogo e não estava blefando.

O plano estava traçado e parecia bom, ou pelo menos o melhor cenário naquelas circunstâncias. A questão é que eu não me convencia de que era bom o bastante para derrotar alguém muito mais capacitado que eu. A batalha interior não terminava. A cabeça repetia "Vai, cara, acredita!", mas o inconsciente continuava sabotando.

Na noite anterior às quartas de final, eu, Larri, Rafa e Letícia fomos jantar no lugar de sempre, a pizzaria Victoria, perto do hotel Montblanc, um duas estrelas simplesinho em que nos hospedávamos em Paris. Comi meu macarrão com refrigerante, conversando sobre qualquer assunto menos o jogo do dia seguinte. Mais do que um pacto de silêncio, era um acordo tácito que ajudava a manter a nossa tranquilidade.

O jantar foi um momento de relaxamento no qual o Rafa contou o que tinha visto na cidade enquanto eu treinava. Às vezes, a gente fazia um ou outro comentário sobre as partidas do dia, mas, na maior parte da refeição, Rafa narrava os passeios com a namorada. Em todos, fosse museu, parque ou torre, havia uma multidão de japoneses que filmava tudo, conhecendo as coisas pela lente de câmeras em vez de olhá-las diretamente. A gente achou isso curioso, sem saber que era o início de um fenômeno global.

Terminado o jantar, fui para o quarto e repassei a tática pela bilionésima vez. Força máxima na largada. Devolução funda e depois bolas altas, mantendo o jogo na direita dele. Se fizer isso, faço aquilo. Se inverter, vou por ali. Meu ritual era assim: antecipar a partida na cama, no chuveiro, no sonho, sempre buscando a tão almejada confiança. Mas naquela noite era diferente. Tinha um monstro debaixo do travesseiro que não parava de me atormentar. Mesmo assim, após uma reza de agradecimento por tudo que eu tinha vivido até então, dormi bem e bastante.

De manhã, lá pelas dez horas, saí da cama animado. O jogo estava marcado para a tarde. Tomei café com Larri, conversamos, fomos para o complexo de Roland Garros, almoçamos o macarrãozinho de sempre para dar energia. Duas horas antes do jogo, colocamos o plano em ação. Fomos aquecer com o turbo ligado para começar a partida com a adrenalina lá em cima.

Na quadra 4, Larri batia forte, simulando o estilo do russo, para que eu praticasse os golpes na altura e na velocidade certas. Não fazia nem vinte minutos que estávamos ali quando Kafelnikov chegou para aquecer com seu técnico na quadra 3, bem ao lado. Apenas uma muretinha nos separava. Não havia jeito de fingir que não tinha visto. Anatoly Lepeshin, o técnico do russo, era amigo de Larri havia mais de vinte anos. Os dois se cumprimentaram com a maior animação. Eu e Kafelnikov trocamos um "*hello*", "*hi*", baixinho, meio de lado.

Cada um retomou seu aquecimento e eu não sabia o que fazer, se batia mais forte para impressionar ou se escondia o jogo para aumentar a surpresa na hora derradeira. De vez em quando, olhava de rabo de olho para a quadra 3 e, desesperado, via que o russo não errava uma bendita duma bola. Quase uma hora depois, Kafelnikov e Anatoly foram embora. Eu e Larri continuamos ali, conforme o combinado, até praticamente a hora do jogo.

Logo em seguida, ainda suado e ansioso, sentei num dos bancos de madeira do vestiário de Roland Garros para trocar de roupa. Nas fases anteriores do torneio, a qualquer momento havia pelo menos umas sessenta pessoas ali, entre jogadores, técnicos, massagistas, fisioterapeutas. Agora não havia nem quinze, e o ambiente mais calmo ajudava a concentração. Olhei sem enxergar os vinte armários de metal protegidos com cadeados à minha frente, dez em cima, dez embaixo. Levantei, não queria ficar parado nem prestar atenção em nada que não

fosse um jeito de ganhar de Kafelnikov.

Ao lado do vestiário há um corredor que muitos jogadores usam para se aquecer. Fui para lá e comecei a dar umas corridas para elevar mais a temperatura do sangue e tentar espantar o conflito. Nessa hora, Larri chegou perto e falou alto, com o habitual vozeirão encorajador:

– Vamos lá, Cavalo, chegou a hora. Pra cima dele. Vai, Cavalo!

Fazia anos que, nesses momentos cruciais, meu técnico só me chamava de Cavalo, segundo ele um animal elegante e viril que passa a imagem de força e potência. Sempre gostei do apelido, e tinha um aspecto carinhoso que me tranquilizava. Calado, passei por ele ainda tentando encontrar um jeito de me convencer de que ia dar. Não queria que ninguém percebesse que faltava alguma coisa em mim. Felizmente, se notou, Larri Antônio dos Passos, gaúcho que preza determinação e coragem, não se manifestou.

Saí do vestiário e parei no começo da passagem que conduz à quadra central. Kafelnikov estava lá, indiferente, ou simulando indiferença. Mal me olhou, como se quisesse passar a mensagem de que eu não o incomodava. O tênis é uma mistura de xadrez com teatro. De um lado, você precisa ter cálculo e paciência para encaixar as bolas. Do outro, tem de ser artista para controlar e esconder as emoções. Se o adversário perceber que você está nervoso, intimidado ou exausto, já era, tchau, acabou. Naquele instante, a partida já tinha começado, e eu precisava me controlar.

Era a primeira vez que eu ia jogar na quadra central, a estrela maior da constelação de Roland Garros. Vendo pela televisão, o negócio já é grande. Mas ali na quadra, do ponto de vista do jogador, é gigantesco. Eu sonhava em jogar ali desde pequeno. Mas, na hora em que aconteceu, estava tão envolvido no meu conflito interior que não saboreei o momento como deveria. Por outro lado, também não fiquei intimidado pela grandeza da coisa. Tudo o que eu sentia era necessidade de me convencer de que era possível ganhar.

Na hora em que meu nome foi anunciado nos alto-falantes, avancei e fui colocar minhas coisas no banco ao lado da quadra. A maioria das mais de 10 mil pessoas que estavam na plateia aplaudiu e começou a gritar “Allez, Gugá!”, o brado de guerra com o qual a torcida francesa me incentivava.

Em busca de mais confiança e apoio, procurei na torcida meu irmão mais velho, a única pessoa da família – e um dos raros brasileiros – que testemunhara minha escalada em Roland Garros. A presença de Rafael na plateia de certa forma personificava e sintetizava a surpresa geral que era eu ter chegado às quartas de final. No ano anterior, em 1996, já como profissional, eu tinha jogado o Aberto da França pela primeira vez. Perdi logo na rodada inicial para o sul-africano Wayne Ferreira. Rafa não estava lá.

Quando ficou sabendo que eu participaria de novo, Rafa uniu o bom com o melhor. Combinou tirar férias com Letícia, sua então namorada, hoje mulher e mãe dos seus quatro filhos. Na época, Letícia morava na Espanha e eles marcaram de se encontrar em Paris. A ideia era assistir ao meu primeiro jogo e, como a lógica dizia que eu ia perder logo, passear depois pela Europa. Resumindo: ganhar uma partida já estaria de bom tamanho.

Mas ganhei do Dosedel e do Björkman. Diante do inesperado, Rafael e Letícia continuaram em Paris para me prestigiar. Nada que comprometesse demais o plano anterior deles, pois ainda sobravam uns dias para seguir viagem. Mas venci também as partidas contra Muster e Medvedev. De novo, os dois ficaram do meu lado.

Rafa era treinador de tênis, não tinha compromisso inadiável no Brasil, dava um jeito. Letícia, porém, devia voltar ao trabalho. Antes de sair de férias, ela tinha dito ao chefe que, além de viajar com o namorado, iria assistir a um jogo do cunhado em Roland Garros. Era uma maneira de gerar assunto e atrair simpatia, uma vez que quase todo espanhol é louco por tênis.

Letícia telefonou para o chefe:

– Pode me dar mais uns dias? O irmão do Rafa continua jogando...

O homem estranhou:

– Mas seu namorado é brasileiro, não tem como... Brasileiro nas quartas de final?

– Tem sim. É o Gustavo Kuerten.

– Mas Kuerten é alemão...

Desfeito o engano, o homem entendeu a importância do pedido. Disse que ela podia ficar em Paris enquanto a façanha perdurasse. O chefe da Letícia estava longe de ser o único a achar que a zebra era alemã. Antes de ganhar de Dosedel na primeira partida, raros jornalistas, inclusive brasileiros, faziam ideia de quem era o tal do Gustavo Kuerten. À medida que fui vencendo é que descobriram que eu era de Santa Catarina, que o sobrenome alemão vinha do meu avô paterno e que já fazia dois anos que eu competia como profissional.

Depois que superei Muster, os repórteres se apressaram em obter mais notícias a meu respeito. Larri agia como um anteparo. Muitas vezes, dizia que não ia ter entrevista fora do estabelecido na programação, que eu precisava me concentrar para manter o desempenho. "Ele não pode se dispersar", resumia numa frase o impedimento. Mas a gente não podia simplesmente fechar a porta. Quando dava, eu me via cercado por gente de todo o mundo querendo saber qualquer coisa. Embora feliz, eu ficava abismado, perplexo com aquele tratamento de celebridade.

A mãe, em Florianópolis, também não estava entendendo nada. De uma hora para outra, o telefone tocava com insistência na residência e no trabalho de dona Alice Kuerten. Na rua, era parada por desconhecidos que perguntavam como se sentia por ter um filho tão especial. Gente que ela nunca tinha visto aparecia na frente de casa para dar parabéns e desejar boa sorte, tratando-a como se fosse mãe de ator de novela.

Um dia ela chegou em casa e mal conseguiu entrar. A varanda, a sala e a cozinha tinham virado um acampamento de jornalistas com câmeras fotográficas e filmadoras. Parecia que, se deixasse, eles morariam lá até a competição acabar.

Na revista diária que circula no complexo de Roland Garros, eu era retratado como a sensação do torneio, o talento desconhecido que, mesmo numa chave difícil, estava surpreendendo tenistas consagrados. Na imprensa em geral, o destaque ia para as curiosidades

da jovem revelação. Num dia, contavam que o catarinense simpático, cabeludo e desengonçado tinha sonhado em ser jogador de futebol. No outro, que torcia para o Avaí, tocava violão, gostava de jogar fliperama e contar piada. Quando falei que pegava onda desde os 9 anos, pronto, começaram a me chamar de surfista do saibro.

Os organizadores de Roland Garros foram dos poucos que não se deixaram contagiar pela descontração que me cercava. Incomodados com o uniforme de cores berrantes que eu usava nos jogos, chamaram Larri para uma conversa reservada um dia antes da partida contra Kafelnikov. Pediram que, dali para a frente, eu entrasse na quadra de branco, bege ou algum tom sóbrio em respeito à convenção praticada nos torneios do Grand Slam.

Aquele era um tempo em que roupa vistosa em Roland Garros era uma heresia só tolerada nos raros campeões que estavam acima do bem e do mal. Andre Agassi, por exemplo, costumava usar camisas rosa-choque e verde-limão. Para os demais, recomendava-se manter a tradição. Meu uniforme, porém, era tingido de azul e amarelo chamativos que doíam nos olhos. Parecia uma pilha Rayovac. Diante dele, o rosa e o verde de Agassi eram refresco. Mas a ideia não foi minha.

Fabricante italiana de roupas e equipamentos esportivos, a Diadora, que me patrocinava desde 1995, criava três ou quatro modelos de uniformes a cada temporada. Primeiro apresentava o pacote completo aos jogadores mais bem posicionados no ranking, para que optassem pelo que mais gostassem. Como eu estava no fim da fila, sobrou o coloridão para mim. Kafelnikov, então o principal tenista patrocinado pela Diadora, usava modelos mais discretos, que misturavam branco com azul-marinho, embora também tivesse um azul e amarelo de reserva.

Quando os organizadores do torneio fizeram o pedido da troca do uniforme, Larri não cedeu à pressão. Deu uma resposta sincera que retratava a minha falta de prestígio e recursos na época:

– Desculpe, não vai dar. Ele não tem outro.

Os organizadores preferiram não transformar aquilo em uma crise. Optaram por deixar pra lá. Mais do que compreensivos, acharam que não valia a pena criar caso com alguém que, ao que tudo indicava, ia durar pouco e logo o problema estaria resolvido. Para não me desconcentrar, Larri não comentou nada comigo. Ele só foi me contar isso semanas mais tarde, num tom brincalhão e levemente indiferente, como se relatasse um fato pitoresco da minha trajetória aos amigos.

Seja pelo uniforme, pelos retratos favoráveis na imprensa ou pelos resultados dos jogos, o fato é que chamei a atenção. Nas ruas, os parisienses, geralmente recatados, me lançavam olhares curiosos, pediam autógrafo, vinham elogiar, dar força. Alguns diziam que estavam torcendo por mim. Faziam isso com o maior respeito e, mais impressionante ainda, com uma simpatia enorme. Fora do Brasil, era a primeira vez que os torcedores me tratavam com tanto carinho.

Na hora em que saí da passagem de acesso e pisei na quadra central, vindo logo atrás de

Kafelnikov, os gritos de “Allez, Gugá!” me despertaram. Foi aí que procurei Rafael na multidão. Ele estava lá, ao lado de Letícia. Meu irmão olhava diretamente para mim. Na minha casa, a conquista de um sempre foi a conquista de todos. Até então, nossos êxitos eram importantes para nós, mas modestos aos olhos do mundo. A gente sempre deu um passo de cada vez. Mas aquilo era um salto extraordinário, que já envolvia meu país inteiro.

O olhar do Rafael transmitia uma energia diferente da habitual. Dias atrás, pouco antes do jogo com Dosedel, a expressão dele era somente de amparo e carinho pelo irmão mais novo. Quatro vitórias depois, no entanto, Rafa havia mudado a maneira de me encarar. Já tinha dado mostra de que acreditava. Mas agora ele parecia seguro de que eu ia chegar ao topo da montanha. Naquele instante, Rafa acreditava muito mais em mim do que eu mesmo.

Ao lado dele, vi o José Neto, um amigo de infância que morava na Finlândia e que tinha viajado a Paris para torcer por mim. Ali também estava Jorge Salkeld, meu agente desde que eu tinha 17 anos. A dois assentos de distância, de boné e com o mesmo uniforme amarelo e azul, Larri me olhava com solidariedade. Ele me conhecia como jogador mais do que ninguém ali. Punha fé em mim, pois milagres existem para isso mesmo, e nesse dia eu ia precisar de uma dúzia deles.

Na plateia, os holofotes, os olhares e as câmeras estavam voltados para mim, a revelação promissora do torneio, mas eu me sentia um coadjuvante esperançoso no grande show de Kafelnikov na quadra central. Por mais que o grito de incentivo de Larri, “Vamos, Cavalo!”, se unisse aos brados de “Allez, Gugá!” dos franceses, por mais que o Rafa e meus amigos me passassem força, eu não conseguia me convencer.

Comecei a me aquecer em quadra batendo bola com Kafelnikov em meio a um turbilhão emocional, tentando domar nervosismo e ansiedade, eletricidade e adrenalina, excitação e frio na barriga e mais dezenas de sensações desencontradas. “Tem um jeito, sei que tem, precisa ter, vou conseguir”, não parava de repetir para mim a cada raquetada. Com bola pra cá e bola pra lá, deixei de ouvir os torcedores. Depois parei de enxergar o Zé Neto e Jorge Salkeld. Olhei para o Rafa e não o vi mais. Nem Larri estava presente. Tudo e todos sumiram de vista. Restou apenas Kafelnikov do outro lado da rede, a bola indo e vindo e eu entrando no jogo de corpo e alma.

ACADÊMICOS UNIDOS DA RAQUETE

De saída, minhas chances eram mínimas. Só maluco apostaria na ideia de eu ser alguém no tênis mundial. Tudo jogava contra, da época ao lugar em que nasci. Aos 6 anos, quando comecei, Florianópolis, de ponta a ponta, do infantil ao profissional, não tinha a menor tradição. Tirando uns quatro ou cinco catarinenses que remavam contra a maré, só dava paulista e gaúcho no cenário nacional. A gente mal tinha onde treinar, bolinha nova era caçada a laço e comemorada com rojão. A ilha inteira tinha umas dez quadras de tênis, entre elas, umas três no LIC, o Lagoa Iate Clube, três na Astel, a associação dos funcionários da Telesc, e duas no Lira Tênis Clube – sendo que apenas Roland Garros tem dezoito.

Mas, justiça seja feita, Florianópolis não estava sozinha nesse esquema de três quadras para cá e duas bolinhas para lá. No começo da década de 1980, tirando uma ou outra cidade, o tênis praticamente não tinha espaço no Brasil. Era visto como uma atividade elitista, hobby caro de gente esnobe. Até o placar espantava o público. Como que os pontos pulavam de 15 para 30, para 40 e depois diminuíam para 1? Mal havia uma palavra em português, era tie-break, set point, match point, game point, break point, forehand, backhand, spin, smash.

Em um país acostumado ao futebol, ninguém entendia bulhufas, era coisa do outro mundo. Mesmo as mais importantes partidas do tênis mundial não passavam na televisão, com exceção da final de Wimbledon. Roland Garros, US Open, Aberto da Austrália... esquece. Coisas de um tempo em que os canais a cabo eram uma realidade além da imaginação.

Com outras modalidades também não era muito diferente. Atletismo, natação, basquete, só em Olimpíadas, e foi na de 1988 que descobri Oscar Schmidt, nosso querido Mão Santa, de quem até hoje sou fã. No máximo, passava o circuito de Fórmula 1, por causa de Emerson Fittipaldi e, mais tarde, Nelson Piquet e Ayrton Senna. No vôlei, começava a surgir a geração de Bernard, William, Montanaro e companhia, que anos depois ganharia tudo, chamaria a atenção das emissoras e mostraria ao país que brasileiro podia ir longe mesmo com muito menos recursos do que americanos e europeus.

Desde que o tênis fora criado, na Inglaterra do século XIX, só dois brasileiros tinham passagens ilustres em sua história. No masculino, o destaque era o gaúcho Thomaz Koch, herói da Taça Davis que, em 16 anos, venceu 74 das 118 partidas que disputou, na simples e em duplas. Ganhou duas medalhas de ouro em 1967 nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, no Canadá. Em Wimbledon, foi campeão de duplas mistas em 1975.

Mas, por maiores que tenham sido suas glórias, Koch não chegou perto de Maria Esther Bueno, o maior nome brasileiro no tênis. Uma lenda, ela ganhou 71 títulos. Por dois anos consecutivos, 1959 e 1960, foi a número 1 do mundo. Venceu 18 torneios do Grand Slam, na simples e em duplas. Foi finalista no Aberto da Austrália e em Roland Garros, tricampeã de Wimbledon e tetra no US Open. Ela é, disparado, a maior tenista da nossa história.

Mas a falta de informação era tanta que até a adolescência eu mal sabia que eles existiam. Já tinha ouvido falar de Thomaz Koch, mas, aos 17 anos, durante o famoso jantar dos campeões de Wimbledon, para o qual fui convidado por meu amigo Jimy Szymanski, vice-campeão juvenil, fiquei espantado quando homenagearam uma das maiores jogadoras da história do torneio e o apresentador chamou ao palco "a brasileira Maria Esther Bueno". Aquilo ecoou na minha cabeça: "Brasileira? Não é possível! Nunca ouvi falar!" Mas como eu ia saber? Hoje você liga a televisão e os canais esportivos estão transmitindo um ou mesmo dois torneios simultâneos. Se quiser, dia sim, dia não, vê jogos de Roger Federer, Novak Djokovic e Rafael Nadal. Com essa proximidade, fica fácil saber quem é quem e virar fã. Naquela época as coisas eram bem diferentes.

Mesmo os melhores do mundo só apareciam umas duas vezes por ano na minha TV, e ainda assim jogando a final. Antes disso, era uma dificuldade saber o que tinha acontecido. A gente conhecia os ídolos mais pelos jornais, revistas e, sobretudo, por ouvir dizer. Quando eu tinha 10 anos, em 1986, fazia mais de uma década que brasileiros não brilhavam no saibro, na grama ou nas quadras duras dos principais torneios. Os campeões eram outros, nascidos na Europa, na Austrália ou nos Estados Unidos.

No quarto de casa, onde eu dormia com o Rafa, tínhamos dois pôsteres de tenistas pregados na parede, extraídos de uma revista que não existe mais, a *Tênis Esporte*. Ao lado da cama do meu irmão ficava o sueco Björn Borg. Ao lado da minha, o americano John McEnroe. Para preservá-los e ajudar a demonstrar a nobreza que lhes atribuíamos, a mãe tinha mandado enquadrá-los. No nosso santuário particular, Borg e McEnroe eram venerados e idolatrados como os caras que nós queríamos ser, embora nunca tivéssemos visto nenhuma partida deles ao vivo. O único mundo do tênis que eu conhecia de perto começava em casa e acabava no clube, sem quase nada no meio.

Acervo pessoal

Guga (10 anos) e Rafael (13 anos) posam com uniforme da Schlösser ao lado de troféus e medalhas dos torneios juvenis e do pôster do ídolo John McEnroe.

A gente cobiça o que está perto. Em casa, desde que me entendo por gente, queria imitar o Rafa, três anos mais velho do que eu. Até os 4 ou 5 anos, uma das frases que mais repeti foi "Igual Fael". Se ele comia bolo, eu também queria. Se subia no encosto do sofá, eu escalava atrás, com a mãe de olhos arregalados desesperada de medo que eu caísse. Se não conseguia repetir os passos de meu irmão, começava a chorar e tinham de me acalmar.

– Gu, tu ainda é pequeno, o Rafa é grande. Não te desespera, paciência, uma hora vai dar, tu vai fazer o mesmo que ele.

Eu parava de chorar, mas a frase não me confortava por muito tempo. Se ele fazia naquele momento, eu também tinha que fazer. Até meus 5 anos, tudo o que eu queria era ser como o meu irmão.

A mãe achava que, depois de um mês de vida, os filhos já estavam grandinhos para acompanhar os pais ao clube – o Gui, meu irmão caçula, de bebê conforto, eu de carrinho e o Rafa com as próprias pernas. Antes mesmo que eu aprendesse a engatinhar, de um jeito ou de outro, tinha uma quadra por perto. E, depois que ganhou uma raquete de aniversário, quase

sempre o Rafa estava numa delas.

Íamos sempre aos dois principais clubes da cidade, o Lira e o LIC, e, mais tarde, à Astel, o clube da associação de funcionários da Telesc, estatal que então operava o sistema de telefonia de Santa Catarina. A mãe trabalhava ali desde 1972, era assistente social, uma das criadoras e dirigentes da associação, que oferecia esporte e lazer às famílias dos funcionários. A gente tinha passe livre lá.

A Astel contava com escolinhas de futebol, basquete e tênis. Rafa não ligava para cesta, drible ou gol, mas era vidrado em raquete e bolinha. Ele tinha talento, jeito, força e técnica. Nos torneios do clube era campeão e, nos regionais, ficava entre os cinco primeiros.

Era só uma questão de tempo até acontecer. Se o Rafa jogava tênis, eu também tinha que jogar. Com 5 anos, eu me esforçava para bater na bolinha igual Fael, ainda que, mesmo com as duas mãos, não tivesse tamanho nem força para segurar as raquetes de madeira, pesadas pra caramba. Em um Natal, Rafa ganhou uma de grafite da Head, toda preta, mais leve, uma modernidade que se tornou sonho de consumo dos tenistas da época. Eu implorava para ele me emprestar, mas o Rafa tinha ciúme, no jogo nem ia muito em bolas baixas para não arranhá-la no piso. Eu ficava indignado. Se ele jogava com ela, eu também queria uma.

Com o tempo, só desejar a mesma raquete e compartilhar o mesmo esporte deixou de ser um objetivo. Se o Rafa era bom, eu também tinha que ser. Na verdade, eu precisava ser. Queria que ele tivesse de mim o mesmo orgulho que eu tinha dele. Então, aos 6 anos, me inscrevi na escolinha de tênis do LIC para ter aulas com o Ralf, meu primeiro professor. Na época, o clube só tinha quadras de tênis fast, as mais comuns no início dos anos 1980. O piso parecia inteiriço, mas, como um mosaico, era formado pela colagem de uma infinidade de pedriscos minúsculos.

Por volta dos meus 10 anos, quando a Astel montou sua equipe infantil de tênis, me bandeei para lá e comecei a praticar com os melhores da cidade, sob o comando do Gelatina e, mais tarde, do Carlos Alves, treinador referência no estado, mais conhecido como Carlinhos.

Eu precisava mesmo das aulas. Para os meus padrões, o Rafa era forte demais, rápido, imbatível. Eu era brigador, um alucinado em quadra, mas também desengonçado, uma mistura aguerrida de garça e graveto. O Rafa era esbelto, eu era só muito magrelinho. Me atrapalhava com as pernas, tinha muito mais ímpeto do que coordenação. Para quem me viu jogando nessa época, não existia ideia mais delirante do que pensar que um dia eu seria número 1 do mundo por 43 semanas.

Comecei imitando o Rafa, mas logo a referência passou a ser o pai. Inspiração e modelo, Aldo Amadeu Kuerten tinha um talento natural para os esportes e, em qualquer um deles, da bocha ao futebol, encontrava um modo de sobressair. Anos antes de eu nascer, chegou à seleção estadual de basquete, foi campeão e mais tarde deu aula em um clube catarinense.

Foi por influência da mãe, que já jogava tênis nesse clube, que o pai se encantou pelo esporte e passou a se destacar aí também. Colocava bem a bola, batia forte, fazia jogadas impossíveis, tanto cruzadas quanto paralelas, era imbatível e também inventivo. No início,

sacava como todo mundo. Mas um dia viu na TV o levantador William, da seleção de vôlei, dar um "viagem ao fundo do mar", saque no qual o jogador joga a bola bem para cima, um pouco para a frente, e pula atrás dela. Resolveu adaptá-lo ao tênis. Funcionou e isso virou uma de suas marcas registradas nos jogos do clube.

Além de criativo para colocar a bola em jogo, também sabia ser um encrenqueiro de carteirinha. Com a mesma facilidade com que fazia amigos, metia-se em rolos nas quadras. Se achava que a bola tinha caído dentro e o adversário falava que havia sido fora, não amolecia. Batia boca, ameaçava parar, mostrava o punho, queria decidir de um jeito ou de outro. Vê-lo jogar me deixava fascinado. Na minha cabeça, ele não perdia nunca, ganhava tudo: discussões e partidas. No meu imaginário, mesmo McEnroe não dava nem para a largada contra o Super-Aldo. Se houvesse um confronto entre os dois, eu tinha certeza de que o pai seria o vencedor. Ser motivo de orgulho para o meu herói se tornou um projeto de vida para mim.

O Rafael sabia o que fazer na quadra, tinha um jogo bonito, técnica, recursos na manga, mas lhe faltava a gana que o pai possuía de sobra. Ultracompetitivo, o pai, mais do que gostar de ganhar, detestava perder. Não largava o osso, não desistia de bola, disputava até o último instante. Se o adversário estava perto de fechar o set, virava um leão, tirava força do além e fazia o impossível para virar. Juntando as duas, a técnica do Rafa e a raça do pai, sem perceber eu tinha uma fórmula de sucesso pronta em casa.

Para o pai, tênis sempre foi um hobby. Para o Rafa, porém, era mais do que isso. Além de disputar torneios, ele ganhava dinheiro encordoando raquetes e treinando os mais jovens na Astel. Mas, apesar de amar o esporte, Rafa achava que seu futuro não estava no tênis. Aos 17 anos, quando entrou na faculdade, continuou sendo treinador de tênis, mas parou de competir para se dedicar ao estudo de Ciências da Computação na Universidade Federal de Santa Catarina, onde se formou.

Eu ficava intrigado com a opção dele. Como podia abandonar uma coisa que lhe dava tanto prazer? Será que não seria fisgado de novo? A resposta veio anos depois. Rafa desistiu do tênis, mas o tênis não desistiu dele. Como administrador da minha carreira, conseguiu unir as duas coisas de que mais gosta, tênis e números.

Rafa estava certo. Se eu entrava em quadra, era para ganhar, desde o tempo de João Carlos Diniz, um dos grandes incentivadores do tênis em Santa Catarina. Ele ia atrás de patrocínio e promovia torneios batizados em homenagem a quem tinha possibilitado aquilo. Não contavam pontos para nada e a premiação para o primeiro lugar às vezes era um perfume. Mas eu disputava aquilo como se fosse final de Copa do Mundo.

Acabou que tanto eu quanto meu irmão iríamos encontrar as funções mais adequadas às nossas habilidades e aos nossos temperamentos. A minha paixão por competir e a gana de vencer me fez ir até o nível mais alto do tênis profissional. O conhecimento profundo do esporte aliado ao amor pelos números e à seriedade levaram o Rafa a administrar brilhantemente a minha carreira, de forma que eu não precisasse me preocupar com outra coisa a não ser jogar. O tênis foi o que uniu nossa família lá no início e, desde então, é uma

parte importante da vida de todos nós.

VALENDO!

O aquecimento terminou, a plateia se aquietou e a quadra central mergulhou no silêncio, aguardando o primeiro lance das quartas de final de Roland Garros. Com o mesmo 1,90 metro de altura que eu, Yevgeny Kafelnikov parecia um gigante do outro lado da quadra. "Preciso achar o caminho, deve ter um jeito, tenho que conseguir", eu não parava de pensar. Restava-me confiar no plano combinado com o Larri de acelerar com tudo para cima do russo, que começava em marcha lenta.

Não vi direito como aconteceu. Sei que coloquei força máxima em todos os golpes, cada saque, direita, esquerda, cruzada e paralela, um alucinado mirando no alvo e disparando em linha reta sem se distrair. Quando percebi, o primeiro set tinha terminado. Conferi o placar e era aquilo mesmo: inacreditáveis 6-2 para mim.

Sentei no banco e mordi a toalha para manter a concentração, mania que me acompanhava desde o juvenil. Aqui e ali, alguém gritava "Allez, Gugá!". Com o canto do olho, enxerguei de novo o placar; os números continuavam lá. Em menos de trinta minutos, conseguira um terço da tarefa.

Eu tinha encaixado uma bela peça do quebra-cabeça, mas o que aquilo queria dizer? Kafelnikov estava um pouco mais devagar do que de costume. Mas e quando esquentasse? Voltaria a ser o monstro que conquistara o título do ano anterior? Ou eu tinha chance? Se não encontrasse a funda para acertar a pedra na testa do gigante, ele provavelmente não ia parar de avançar até me comer vivo.

Não levou dois minutos no segundo set para Kafelnikov mostrar que tinha despertado. Embalado, eu continuava indo para cima, jogando bem, acertando torpedos, a esquerda funcionando. Mas, ao contrário de antes, o russo agora respondia à altura. A partida entrou num padrão espetacular, os dois lados medindo forças. De fora, a impressão era que o jogo estava parelho, mas não era o que eu sentia. Havia, para mim, um desequilíbrio nas entrelinhas. Eu tinha que usar toda a minha inspiração para me equiparar ao feijão com arroz dele. Não demorou nada para aquilo ficar claro para todo mundo.

Lá pela metade do segundo set, Kafelnikov passou a controlar a partida. Eu acelerava, ele me ultrapassava. Eu mal fazia garoar e ele vinha com um temporal; eu soltava rojão, ele aparecia com um foguetório de Copacabana no réveillon. Nessa toada, o russo fez 5-3, precisando só de um game para empatar o jogo. Olhei para o Rafa: meu irmão parecia estar

assistindo a outra partida, os olhos brilhando de otimismo. Respirei fundo, saquei e engatei a sexta marcha, forçando o motor de um jeito que nunca tinha feito antes. Igualei em 5-5. Mas aí Kafelnikov engatou a sétima. Acertou uma curtinha e depois umas três bolas no fundo da quadra que não dava para acreditar. Ganhou dois games seguidos e fechou em 7-5. Jogo empatado. Um set a um.

Voltei para o banco desconsolado, quase moendo a toalha com os dentes. Fiquei ali, olhando para o nada e pensando: "Não acredito. Tô indo além do meu limite, jogando o mega-ultra-plus do máximo e o cara consegue me superar e ganhar desse jeito, pá-pum. Não tem mais para onde correr. Já era. Não é possível alguém jogar tanto."

Nesse momento de total desespero, mal sabia que ia sentir na pele o que sempre ouvi do meu amigo Serginho Vianna: "Calma. No começo é assim, depois piora." Voltei para o terceiro set e nem tive chance. Kafelnikov me trucidou e virou o jogo, dois a um para ele. Antes disso, eu ainda buscava um caminho, tentando me convencer de que devia haver um jeito de ganhar do russo. Mas, depois daquele banho de água fria, a esperança se desgarrou e me vi perdido. Exausto, com o corpo dolorido e a pilha acabando, não enxergava mais nada na frente a não ser a desoladora sensação de que aquele Roland Garros ia acabar no próximo set.

Há coisas que me fascinam no tênis. Uma delas é que se trata de um jogo de detalhes em eterna alternância e às vezes um deles se transforma em algo imponderável e muda a partida. Um pássaro sobrevoa a quadra e, quando vai embora, leva junto a concentração e a vitória do tenista que acompanhou aquilo. Ou a pessoa escuta um ronco de avião, interpreta que é sinal dos céus e vira um jogo perdido. Uma provocação do adversário pode dar o estímulo certo ou fazer o outro perder a cabeça. Suspiro, gesto, jeito, piscada, qualquer coisa pode fazer com que o cenário se alterne muito rápido, para o bem ou para o mal.

Quando o quarto set teve início, não planejei. Não tracei nenhum caminho, apenas deixei a vida me levar. Como tudo indicava que eu ia perder logo, quis desfrutar do momento e saborear cada instante. Nunca tinha ido tão longe e aquele podia ser meu último set em Roland Garros. Eu não fazia ideia do que ia acontecer com a minha carreira: se continuaria subindo ou se já tinha batido no topo e agora ia declinar sem sentir o gostinho desses momentos preciosos em um Grand Slam.

– Vai lá, Guga, agora que o fim está próximo, relaxa e aproveita, surfa essa onda com gosto – falei para mim mesmo como forma de consolo e encorajamento nos meus últimos metros de prancha, lá embaixo só o mar e os tubarões me cobiçando.

Às vezes, o gatilho da alternância de poderes pode ser acionado na hora em que o tenista deixa pra lá. Enquanto me debatia na areia movediça, só afundava. Quando parei de espernear, mudei a sintonia e passei a prestar atenção no caminho, sem pensar mais no fim da viagem, só apreciando a paisagem, sem pressa de chegar. Menos tenso, me senti menos cansado. Menos cansado, fui relaxando. Mais relaxado, voltei à vida. Reencontrei meu eixo, passei a jogar bem. As bolas começaram a entrar. Me animei mais e soltei o braço. Meu grau de acerto ficou elevado de novo; quebrei o saque de Kafelnikov. Fiz 3-0 no quarto set. Uma

parte de mim queria voltar a ter esperança, mas a sensação de que não ia conseguir nadar até a praia ainda era forte.

Mas de repente olhei para a frente e, do outro lado da rede, vi um cara com sinais de desgaste. Não sei se a fisionomia dele tinha mudado ou se eu é que queria enxergá-lo de outra maneira. O fato é que, para mim, o brilho no olhar já não tinha o fogo dos indestrutíveis. Na minha avaliação, o russo estava dando as primeiras mostras de que pulmão de monstro também cansa. Ahá, isso, sim, era uma carta muito diferente na mesa. Finalmente estava enxergando uma luz no fim do túnel, o clarão que eu tinha passado dois dias tentando encontrar.

"Ele não vai conseguir sustentar o mesmo volume de jogo; eu vou manter meu grau de inspiração no alto e dominar a partida", pensei com uma convicção tão grande que mal dava para crer que aquilo estava na cabeça do mesmo jogador que, quinze minutos antes, já se via fazendo as malas no hotel.

Mais do que um pensamento, aquela sentença tinha ares de um decreto particular que reunia diagnóstico da situação, plano de voo e solução de um problema complicado. Me agarrando à carta de intenções que acabara de redigir na mente, acelerei mais na quadra. Fiz 4-0. Em mais de duas horas de jogo, aquele foi o primeiro instante em que senti de verdade que estava competindo com Kafelnikov. Antes, por mais que tivesse momentos inspirados, eu era um sujeito acuado, na defensiva, usando todos os recursos para sobreviver. Por mais que parecesse aguerrido, o subconsciente continuava sabotando, travando algum elemento interno que faria a diferença se estivesse ativado. Mas agora eu tinha espantado o fantasma e a engrenagem funcionava como devia ser. Fechei o quarto set, 6-0. Empatei o jogo em 2 a 2, levando a partida para o set decisivo.

No banco, tomei água, comi um teco de banana e mordi a toalha com uma sensação muito diferente da vez anterior. Não tinha mais nenhuma dúvida na cabeça. Dali para a frente, só a certeza de que o controle do jogo estaria na minha mão. Sem nada para atrapalhar a visão, agora enxergava a situação claramente. Depois do 4-0 no set anterior, percebendo que eu tinha ressuscitado com estilo, o russo colocara o pé no freio para poupar energia e recomeçar com tudo nos games derradeiros. Uma decisão inteligente e possivelmente a melhor opção para ele. Mas agora a força estava do meu lado e, pela primeira vez, eu acreditava de fato que podia ganhar.

No quinto set, continuei grudado no pescoço dele. No primeiro game quebrei o saque, e logo em seguida fiz 2-0. Como eu queria ter conseguido jogar assim durante toda a partida! Aquela era mesmo uma combinação explosiva: a união da minha mentalidade vencedora com a tática inicial do Larri, de acelerar ao máximo para atropelar o adversário. Voando baixo, batendo no limite da força, eu me empolgava cada vez mais, com a chance da minha vida se materializando, a possibilidade de ir à semifinal de Roland Garros cada vez mais próxima.

Mas, uma vez monstro, sempre monstro. Kafelnikov tinha uma estratégia. Experiente, ele se resguardava para dar o bote na hora certa. Sua intenção era me desgastar, drenar a energia que

me restava. No momento em que eu diminuísse o ritmo, o leão daria o salto mortal e rasgaria a zebra ao meio. Tudo o que ele tinha que fazer era não deixar que eu me distanciasse. Eu tentava de tudo que era jeito, mas o russo ficava me segurando, só administrando para me conduzir ao ponto que ele queria. Tive um monte de oportunidades para deslanchar; ele refreou todas. Para Kafelnikov, quanto mais disso, melhor. O russo apostava que aquele vai não vai me deixaria nervoso, principalmente com ele encostando. Se empatasse, então, aí é que eu degringolaria e ele acabaria comigo.

O sujeito realmente fazia jus ao título do ano anterior. Jogando como um mestre do xadrez, Kafelnikov diminuiu a vantagem e encostou. Mesmo assim, não me senti ameaçado. Numa das trocas de lado, com o placar mostrando 5-4 para mim, só existia uma questão a ser desvendada no mundo. Ganhar do russo não era mais uma missão impossível. O problema, o mesmo de sempre, se resumia a como ganhar.

– Vamos, Guga, fica tranquilo. É só fechar – falei para mim mesmo, tentando espantar a ansiedade e manter a calma. – Se concentra, mantém a atenção nas jogadas, ponto a ponto.

No tênis de alto nível, mesmo que o jogador esteja com uma boa vantagem perto da linha de chegada, a supremacia é relativa. Finalizar a partida é um capítulo à parte, o momento mais crítico, o jogo dentro do jogo. É pressão que não termina mais, vinda de todos os lados. O adversário vai fazer de tudo para evitar a derrota. O jogador, por sua vez, além do oponente, tem de enfrentar seus demônios, imaginários e reais, passados e presentes. O medo de desperdiçar a oportunidade depois de chegar tão perto pode virar uma gosma paralisante. E aí, se isso acontecer, não tem acordo, o cara perde mesmo. Por isso o tênis depende tanto da força mental. Depois de certo patamar no ranking, as habilidades se equivalem e, na hora do vamos ver, a concentração e o sangue-frio decidem mais do que a técnica.

Um tenista que não sabe lidar com a pressão da hora derradeira nunca vai ser campeão. Já o campeão dos campeões será aquele que se acostumar com esses momentos críticos a ponto de não deixar que eles interfiram em sua determinação e sua concentração. Enquanto houver um embate entre dúvida e convicção, sempre haverá o risco de a convicção ser abalada pela dúvida. Convencimento e controle, eis a chave para o sucesso no tênis, o que decide os jogos mais importantes.

Com 5-4 para mim no quinto set, fiz 30/15. Faltavam só dois míseros pontos para eu passar à semifinal. Do jeito que eu vinha jogando, não precisava de mais nada, era só permanecer na mesma toada. Aí eu e Kafelnikov disputamos um ponto duro, pancada pra cá, martelada pra lá, um apostando no erro do outro. Vi, então, a chance de ousar e fazer uma jogada indefensável. Arrisquei e cometi um erro gritante. Cedi o empate de graça para ele, 30/30.

Era tudo o que Kafelnikov queria. Fiquei nervoso e a dúvida engoliu a minha convicção. Perdi o controle do fluxo dos pensamentos. Em segundos, a retrospectiva dos meus piores momentos passou inteira na minha mente. A saudade do meu pai. O guri de quem estava ganhando, mas fraquejei e perdi com 10 anos de idade. O menino que eu vencia até ficar com pena, amolecer e perder aos 12. O adolescente que me enrolou. Todos os caras, em qualis,

challengers e torneios da ATP, que eu estive próximo de vencer, mas de quem perdi por causa das minhas vaciladas. Era uma avalanche de derrotas seguidas que não acabava mais, anos de frustração em um segundo, na hora crucial de um set decisivo diante do adversário mais temido.

Não tinha jeito, eu precisava ignorar o espetáculo interno de terror e me recompor. Respirei fundo, tomei meu tempo e saquei da melhor forma que pude. Mas não teve jeito. Com os nervos à flor da pele, joguei a primeira bola mais de dois metros fora. Resultado: Kuerten 30, Kafelnikov 40. Break point para ele. O monstro, habitualmente frio, deu um discreto sorrisinho de triunfo.

Parecia que eu tinha caído na teia de vez. Na estratégia do russo, diante daquela situação, eu devia ficar mais nervoso. Mas, de certa maneira, Kafelnikov errou sua previsão. Não fiquei nervoso, e sim absoluta e totalmente desesperado. Pela lógica, o desespero deveria ter implodido minha resistência. Mas, em vez de sucumbir, me inflamei. Meu grau de indignação comigo mesmo ficou tão monumental que superou os outros sentimentos.

– Guga, que é que tu tá fazendo? Isso é inadmissível. Tava com o jogo na mão, correndo para o abraço, e agora tá entregando. Foi para fazer essa lambança que tu remou tanto? Pô, aí não dá. Tu não tem a mínima noção do que tem que fazer – eu bradava em silêncio para mim mesmo, completamente apavorado.

Se soubesse português, o russo compreenderia que Larri gritava desesperadamente para eu sacar na direita. Apesar de o meu melhor saque ser o aberto na esquerda dele, era ali que Kafelnikov já estava esperando com a faca nos dentes, sabendo que na hora agá aquele era o meu salvador da pátria. Embora eu e Larri tivéssemos praticado muito nos treinos, sacar na direita não era nem jamais seria minha opção.

– Na direita, Cavalo, saca na direita! – Larri se esgoelava.

Como a minha cabeça já não servia para nada, segui a dele. Nunca fui de quicar muito a bola antes do saque, mas ali prolonguei a coisa.

– Tu vai acertar, Guga, tu tem que acertar – eu ficava tentando me convencer, ao mesmo tempo que apelava aos céus: – Por favor, ele precisa errar, meu Pai amado, me ajuda. – Ainda quicando a bola, eu orava com todas as forças.

Estava tão tenso, tão dominado pelas emoções, tão apavorado que, se Kafelnikov devolvesse dentro, não me enxergava em condições de dar continuidade ao ponto. Caso a bola voltasse para o meu lado, já me via paralisado, sem ação, só observando minha ruína. Tudo bem que ainda podia ter mais jogo pela frente, mas, se eu já me sentia destruído naquele momento, de onde tiraria força para ir além?

O russo ficava me encarando com uma expressão provocativa, querendo dizer "Vai, cara, manda, você está tão nervoso que tá óbvio que não vai acertar". Saquei na direita dele. Queria muito dizer que dei um ace fulminante. Mas não foi nada disso. Com o braço encolhido, o saque saiu muito lento, supostamente fácil para o russo. Só que demorou tanto para chegar que ele se atrapalhou e rebateu torto com o aro da raquete, isolando a bola uns três metros para

fora da quadra. Por dentro, eu dava pulos de alegria. Empatei, 40/40.

Nessa hora, em mais uma legítima e arrebatadora esquizofrenia de tenista, saí do fundo do poço e fui direto para a estratosfera.

– Ganhei o jogo! Agora não tem mais jeito. O cara não aproveitou a chance dele e ele que se lasque. Este jogo é meu – decretei, os olhos cintilando, a convicção espantando as dúvidas e, com elas, todos os meus fantasmas e demônios.

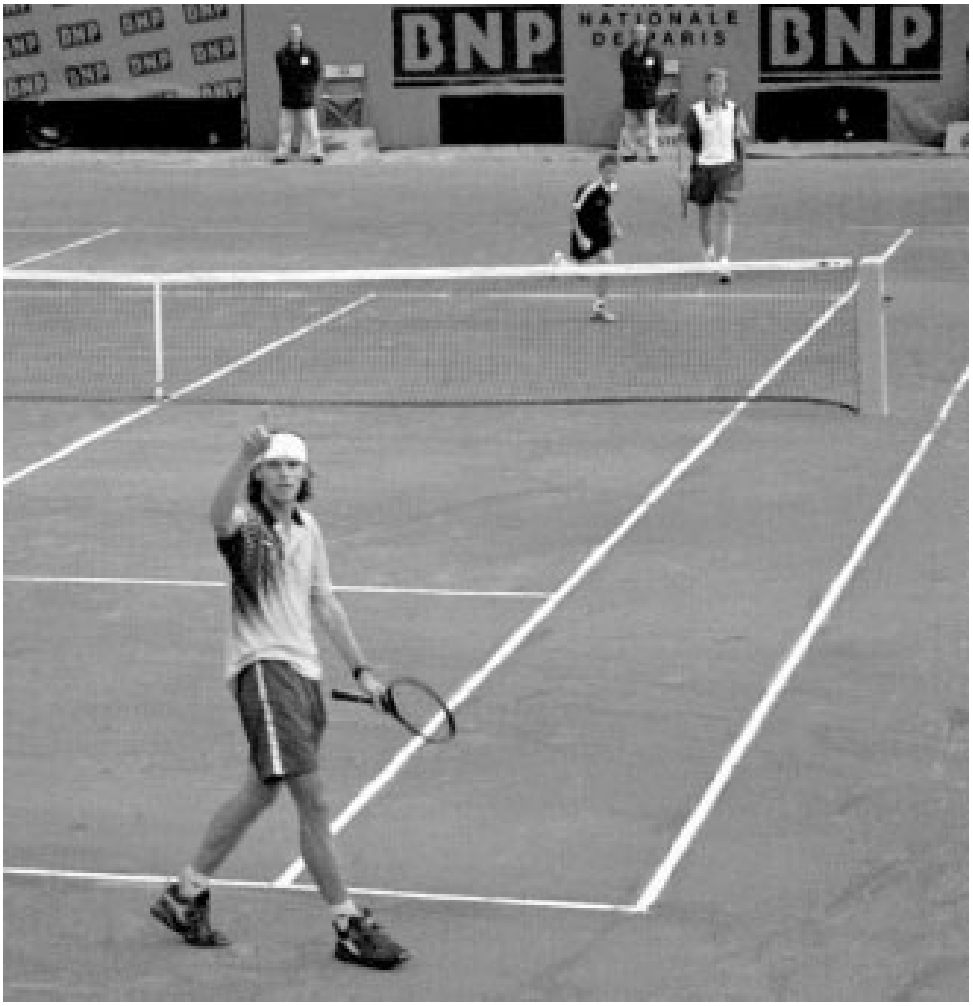
A sensação da vitória era tão profunda que retomei o desempenho do primeiro set, um cara mirando no alvo e disparando em linha reta até acertar na mosca. Quando finalizei o game, ganhando a partida e concretizando o inimaginável, urrei como se tivesse conquistado o título. Ainda com adrenalina saindo pelos olhos, Rafa exultava, berrava, vibrava. Em lágrimas, Letícia, a namorada dele, quase esmagava meu irmão no abraço de comemoração. Larri estava eufórico e emocionado. A plateia foi ao delírio e aplaudia, sorrindo com o ar de satisfação de quem presencia um fenômeno raro, o cometa flamejante que só cruza o céu a cada duzentos anos.

Caramba, o que tinha sido aquilo? Depois de estar perdendo por 2 sets a 1, como é que eu havia mudado o roteiro da história? Como tinha sido possível ganhar do Kafelnikov, o número 3 do mundo?! Como aquele absurdo tinha acontecido?

Apesar de ter sido o protagonista da história, naquela hora eu não tinha resposta para nenhuma das perguntas. Ainda mal acreditava que tinha vencido, que aquele carnaval na torcida era todo para mim. No entanto, era real. Eu tinha superado o monstro e a escalada da montanha continuava. Eu estava na semifinal de Roland Garros.

Enquanto guardava a raquete na bolsa, olhei de novo para o lugar em que meu pessoal ficava. Larri ainda estava arrebatado. Ele não era disso, não costumava se prolongar nas comemorações, acabava um jogo e já estava pensando no seguinte. Larri só estaria naquele estado de espírito por alguma coisa muito inusitada e grandiosa. Caminhando para sair da quadra, tentando compreender o episódio, olhei mais uma vez para ele e ele olhou para mim. Nessa troca de olhares, sem nenhuma palavra ou gesto, eu entendi. Sem margem para dúvida, nascia ali entre nós a convicção de que o título de Roland Garros seria nosso.

Paulo Cleto



Guga em momento de pura convicção ao desbancar o favorito Yevgeny Kafelnikov nas quartas de final de Roland Garros, em 3 de junho de 1997.

UMA GRANDE DUPLA

O primeiro tenista premiado da família foi a mãe. Na juventude, Alice Thümmel, seu nome de solteira, foi vice-campeã estadual de duplas. Pegou o gosto por esportes de sua mãe, Olga Schlösser Thümmel, minha querida oma (avó em alemão), que jogou vôlei na juventude.

Nascida em março de 1949 em Blumenau, a mãe não teve uma infância comum. Numa época em que não havia desquite e divórcio, seus pais se separaram quando ela tinha 4 anos. Sem terem como se sustentar sozinhas, a oma e a mãe foram morar em Brusque, na casa dos pais da oma, Adolfo e Maria Gertrudes Schlösser. Na época, ali também morava Kurt, outro filho do casal, por quem a mãe sempre teria muito carinho.

Adolfo, o avô da mãe, era sócio e um dos herdeiros da indústria de tecidos Schlösser, fundada pelo pai dele. No início da década de 1950, ainda dava expediente na empresa, mas, na prática, quem tocava o negócio eram dois de seus filhos, Horst e Kurt, irmãos da oma. Era um tempo mais simples, em que quase tudo era adquirido na base da permuta. A faxineira era paga com retalhos de tecido. Batata, feijão, farinha, arroz, leite eram trocados por peças de fazenda. A família levava uma vida confortável, mas sem luxo.

A rotina da casa primava pela retidão e pela parcimônia. Se quatro pessoas iam se sentar à mesa, havia quatro batatas cozidas, arroz e salada para quatro e quatro bifes ou quatro pedaços de frango para satisfazer o estômago e não desperdiçar nada. A rigidez germânica ensinou a mãe, desde cedo, a valorizar o que tem e a fazer muito com pouco.

Minha bisavó tinha muitas crises de depressão, tratadas com eletrochoques medievais. As crises tinham começado anos antes, quando ela perdera um filho com seis meses de vida. Com o avanço da idade, o transtorno mental se agravou, alterou seu comportamento e mudou seu temperamento. Queixava-se de tudo sem ter razão em quase nada. Se antes ela dava pouco carinho aos filhos, agora ficara ainda mais distante. Apesar de casada com um empresário, convenceu-se de que, se tinha nascido pobre, tinha que morrer pobre. Embora tivesse recursos para comprar, nem televisão a família tinha em casa.

Muitas décadas mais tarde, três anos depois da morte do marido, aos 92 anos, minha bisavó não suportou a saudade e também se foi. Em 1985, o pai, a mãe, eu e meus dois irmãos tínhamos ido passar o domingo do Dia das Mães com ela e a oma em Brusque. No começo da noite, fomos embora, mas a oma ficou lá. No meio do caminho para Florianópolis, na altura de Biguaçu, nosso carro passou a apresentar um problema intermitente: pifava de três em três

quilômetros. Foi uma complicação voltar para casa: o que devia durar uma hora levou quatro.

Pouco depois de termos chegado, por volta das dez horas, o telefone tocou. Era a oma dando aquela notícia triste. No enterro da minha bisavó, em maio de 1985, o pai comentou com a mãe:

– Que tristeza, a família está diminuindo, as pessoas estão morrendo. Quem será o próximo, Alice?

Doze dias depois, em meio a um torneio de tênis, a gente teria a resposta, a última que eu queria, a que eu gostaria que nunca tivesse existido.

Meu bisavô Adolfo era um pai e avô exemplar, atencioso e afetuoso com a filha e a neta. Ele comprava vestidos, levava ao médico, perguntava como tinha sido na escola. De noite, colocava música clássica numa eletrola e chamava Alice para ouvir junto. Aos sábados, falava para a neta:

– Não tem ninguém no escritório, os trabalhadores estão sozinhos na fábrica, vamos lá fazer uma visita a eles.

E então meu bisavô levava a mãe a um por um dos teares, cumprimentando e conversando com todos os funcionários. Nessa época, ele já tinha passado sua participação na empresa para os filhos, mas mesmo assim não deixava de fazer uma gentileza e valorizar quem tinha ajudado a construir a companhia. Esse respeito, essa consideração pelas pessoas mais humildes influenciaram muito a mãe.

Desde cedo, Alice Thümmel queria ser professora. Depois de se formar na escola normal em Brusque, fez uma especialização em ensino de crianças com deficiência intelectual. Em meados de década de 1960, o melhor curso desse tipo ficava no Rio de Janeiro. Então, com 17 anos e financiamento dos tios, foi morar num pensionato carioca com outras 49 moças. Passou um ano no Rio e fez uma série de cursos gratuitos na Espeg, Escola de Serviço Público do Estado da Guanabara. Aprendeu inglês, aprimorou o alemão e estudou psicologia social, entre outras coisas. Com um currículo incomum para as mulheres daquele tempo, a mãe decidiu voltar para casa. Teve uma ajudinha do namorado para resolver isso e, no retorno a Brusque, ela encaixou mais uma peça do seu destino.

Por uma dessas coisas que ninguém explica, a mãe sempre achou que ia casar, ter um filho deficiente e ficar viúva cedo. “Era uma certeza tão grande que me preparei para isso”, ela nos contou um dia. “Fui atrás de conhecimento para cuidar de crianças especiais e do meu emprego para não depender nem de marido.” A mãe sempre foi meio vidente, com uma intuição do outro mundo. Tinha umas premonições impressionantes, embora nunca haja passado por sua cabeça que um dia teria um filho campeão.

Quando ela ainda estava no colégio, começou a jogar tênis na Sociedade Esportiva Bandeirantes, um clube de Brusque. Era talentosa e vencia torneios. Virou o orgulho da família quando foi vice-campeã estadual. Seu instrutor dizia que ela podia ir além e se destacar em nível nacional. Mas, para chegar lá, tinha que corrigir um problema de postura e fortalecer o seu braço esquerdo, muito aquém do direito. Sugeriu então que praticasse também

outro esporte, um em que usasse as duas mãos ao mesmo tempo. Tentou vôlei, mas não teve o resultado esperado. Então foi para o basquete.

Com 15 anos, inscreveu-se em um curso dado por um jovem talento. Nascido em Braço Norte, cidade do sul de Santa Catarina, Aldo Amadeu Kuerten jogava basquete desde os 12 anos e tinha sido campeão estadual. Com 21 anos, participou de um torneio em Brusque, chamou a atenção da cidade e foi convidado a integrar o time local. Como tinha gostado de lá, decidiu aceitar. Filho de um dentista prático que fez carreira na política, Aldo foi trabalhar no escritório do DER, Departamento de Estradas de Rodagem, e nos fins de semana dava aulas de basquete para meninos e meninas no Clube Bandeirantes.

Nos treinos, entre um arremesso e outro, Alice se encantou pelo professor e vice-versa. Seis anos mais velho do que a mãe, com mais de 1,80 metro de altura, magro, forte, desenvolto, espirituoso e com fama de namorador, Aldo Kuerten era o galã do clube. Começaram a conversar depois das aulas, tomavam sorvete juntos, perceberam que se afinavam. Passaram a se encontrar em festas, bailes, na igreja ou no cinema, nunca sozinhos. Deram início a um namorico. Mas aí a mãe foi morar no Rio e a coisa esfriou um pouco. Mesmo assim, o pai não perdia a chance de revê-la quando ela voltava a Brusque para visitar a mãe e os avós.

Dois anos mais tarde, quando soube que a mãe estava quase concluindo os cursos no Rio, ele pegou um ônibus e foi visitá-la. Passearam, foram aos pontos turísticos, jantaram juntos. Foi a primeira vez que andaram de mãos dadas sem ter alguém vigiando. O pai gostou da experiência e fez um pedido:

– Volta, Alice, vamos ficar mais perto.

Foi assim que a mãe deixou o Rio, atropelou a concorrência feminina e começou a namorar o pai. Em Brusque, ela não tinha mais a ajuda financeira dos tios. Precisava se virar. Fez vestibular e passou em primeiro lugar na faculdade de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Estudava de manhã e fazia estágios de tarde ou de noite. Em um ano, como funcionária da prefeitura, prestou serviço numa comunidade carente da Lagoa da Conceição. Em outro, deu assistência à associação de lixeiros. No final do expediente, faltando quinze para a meia-noite, ia de carona para casa num caminhão de lixo. No último ano da faculdade, estagiou no Senac, Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial. Quase sem tempo livre, os torneios de tênis foram deixados de lado.

Assim que se formou em Serviço Social, a mãe recebeu um convite para se mudar para São Paulo e trabalhar na Bombril. Seria um belo impulso na carreira dela, mas o pai não gostou da ideia de ver a namorada longe outra vez. Decidiu fazer uma contraoferta. Num dia em que visitava a mãe em casa, em dezembro de 1971, fez-lhe um convite para um passeio estranho:

– Alice, vem comigo pegar um terno que deixei para lavar no tintureiro.

A inocente aceitou. Assim que ela entrou no carro, ele tirou uma caixinha do bolso.

– Dá o dedo, põe essa aliança, vamos casar.

Acervo pessoal

Aldo e Alice Kuerten casam-se em 8 de julho de 1972.

O pai sempre foi mais objetivo do que romântico. Apaixonada, a mãe nem sentiu falta de jantar à luz de velas num momento tão importante. Aceitou na hora. Logo na sequência, os dois entraram de novo na residência dos Schlösser e o pai pediu a mãe oficialmente em casamento à oma. Com receio de que a mãe voltasse a pensar na proposta da Bombril, o pai queria casar o quanto antes. O noivado foi rápido, de seis meses, e só não foi mais ligeiro porque não havia vaga antes na igreja.

Enquanto cuidava dos preparativos do casamento, a mãe buscava um emprego melhor. Na época, ganhava 490 cruzeiros no Senac. Era pouco, mas suficiente para uma moça solteira que morava na casa dos avós. No entanto, na iminência de casar e ter uma família, precisava de mais. Fez um concurso público em março, o resultado saiu em abril e em maio de 1972 começou a trabalhar como assistente social na Telesc. De saída, seu holerite subiu para 2.250 cruzeiros, uma fortuna para ela, quatro vezes e meia o que ganhava antes.

Dois meses depois de a mãe entrar na Telesc, em 8 de julho de 1972, Alice e Aldo Kuerten se casaram, ela com 23 anos, ele com 29. Com seu primeiro salário, ela pagou parte da festa de casamento, toda a lua de mel e ainda sobrou dinheiro. O casal foi morar em Florianópolis, ao lado da ponte Hercílio Luz, que é o cartão-postal da cidade, numa casa que pertencia ao

pai de Aldo. Em vez de alugar, decidiram comprá-la. Acertaram que dariam uma entrada e que o restante seria dividido em doze parcelas mensais. Enquanto a mãe pagava as contas domésticas, o pai se dedicava a levantar dinheiro para quitar a casa.

Moraram uns três anos ali, de 1972 a 1975. Nessa casa, o pai deu uma agitada na sua vida profissional. Com curso incompleto de Administração e formado em Economia, ao mesmo tempo que trabalhava no Departamento de Estradas de Rodagem, criou um negócio próprio perto de casa. No começo de 1973, junto com um sócio, abriu uma empresa para confeccionar peças de acrílico, material chique na época. Especializou-se em placas de consultório e luminosos para o comércio. Gostou de ser empreendedor. Pouco depois, separou-se do sócio, pediu demissão do DER e inaugurou uma serralheria para fazer grades e portões de ferro.

A mãe seguia no seu emprego na Telesc. Todo dia pegava ônibus, atravessava a ponte para a ilha e ia para o escritório no centro de Florianópolis. Mas aí aconteceram duas coisas que acabariam por se interligar e modificar a rotina do casal. Em outubro de 1973, nasceu Rafael, primeiro filho dos Kuerten. Depois, a Telesc mudou a sede do centro da cidade para o bairro do Itacorubi. Essa transferência não era boa para a mãe, que, com filho pequeno, tinha que gastar mais tempo para ir de casa para o trabalho.

A melhor solução seria mudar de casa para um local mais próximo da Telesc. Isso traria um triplo benefício: a mãe não precisaria mais se locomover pela cidade, poderia almoçar em casa e também brincar um pouco com o Rafa, que então ficava sozinho com a babá, a Dete, Maria Bernardete Schaerfert, que até hoje, quase quarenta anos depois, ainda trabalha com a mãe.

Assim, no segundo semestre de 1975 a família se mudou para uma casa alugada no bairro de Trindade, a quatro quilômetros da nova sede da Telesc. Foi aí, meses depois de o pai, a mãe e o Rafa se instalarem na nova moradia, que vim ao mundo, em setembro de 1976. A ideia era que esse fosse o nosso canto por muito tempo, mas não cheguei a passar um ano ali. Sem mais nem menos, a proprietária pediu a casa de volta. Sem negociação, tivemos de mudar novamente.

O pai não gostou dessa história de trocar de endereço por causa da vontade alheia e achou que o melhor era construir a própria casa para a família. Fazia pouco tempo que ele tinha feito um serviço grande em troca de um terreno íngreme e pedregoso com 25 metros de frente, 560 de fundo e quase 60 graus de inclinação. Apesar de ser uma pirambeira, ficava no mesmo Itacorubi para onde a Telesc tinha se mudado. Decidiu que em breve ia dar um jeito de levantar nossa moradia ali.

Enquanto pensava no que fazer, a família se mudou para outra casa alugada ali perto, no bairro do Córrego Grande. Passaram-se poucos meses e, por volta de fevereiro de 1979, a mãe ficou grávida de novo. Foi o peteleco que faltava para que o pai decidisse levar adiante o plano de construir a casa definitiva dos Kuerten. O problema é que não tinha muito dinheiro. Mas o pai, dentro e fora das quadras, se iluminava diante de um desafio, não descansava enquanto não o superava.

Para viabilizar o projeto, desenhado pela mãe, trabalhou em dobro. A mãe, por sua vez, resgatou o fundo de garantia e vendeu duas férias acumuladas. O carro da família, uma Brasília, também foi vendido e transformado em cimento e tijolo. Quase tudo que tinha valor era passado para a frente para financiar o sonho da casa própria.

As obras começaram mais ou menos na mesma época em que a família ficou completa. O pai e a mãe sempre quiseram ter três filhos, com uma diferença de três anos de um para outro. Selando o plano, em novembro de 1979 nasceu meu irmão caçula, Guilherme Kuerten, o Gui.

Estava tudo indo conforme o planejado até que, quando a construção no Itacorubi estava pela metade, em maio de 1980, o proprietário da casa alugada de Córrego Grande também a pediu de volta. O contrato de um ano tinha terminado e o homem se negou a renovar. O pai rogou para ele esperar mais um pouco, falou que a conclusão da obra não demorava, que tinha dois filhos pequenos e um recém-nascido em casa, mas não teve jeito. E aí a família se viu numa sinuca.

Faltavam três, quatro meses no máximo para o sobrado do Itacorubi ficar pronto. Mas quase todo mundo só alugava com contrato mínimo de doze meses. Que proprietário de Córrego Grande aceitaria locar sua casa ou apartamento por um terço disso? O pai percorreu todas as imobiliárias da região, mas não teve sucesso. A solução restante foi alugar uma casa de veraneio, cujos donos locavam por temporada.

Assim, em junho de 1980 fomos parar num casinha de madeira na Lagoa, que era o que a família podia pagar enquanto quase todos os seus rendimentos iam para levantar a nova propriedade. A construção era velha, estava se esfacelando, com frestas que deixavam o vento gelado do inverno transformar os quartos em geladeiras com paredes. Era um esquema bem improvisado, não tinha cobertor que desse conta e o Gui chorava a noite toda, a ponto de os vizinhos acharem que tinha alguma coisa errada com a gente.

Bateu o desespero para mudar logo, mas a obra não terminava. A casa nova ficava no alto de um morro íngreme. Para chegar lá, pessoas e carros tinham de escalar um ladeirão de terra. Aquilo precisava ser cimentado, mas custava caro e todo o nosso dinheiro estava sendo usado para terminar a obra. “O acesso fica para depois, vamos concluir a casa e então a gente vê como sobe até lá”, o pai decidiu. Nossas reservas já estavam na raspa do tacho, mesmo com ele fazendo uma série de permutas e, para economizar mais, confeccionando e instalando todas as esquadrias, janelas e portas corrediças do imóvel. Seu serviço ficou bom como sempre, mas dessa vez não combinou muito com o estilo da casa.

A construção tinha um estilo mais rústico e o prateado do alumínio a deixava com uma aparência meio Frankenstein. O pai teve então uma ideia que, à primeira vista, soou como aberração, mas, mais tarde, se revelaria providencial. Pintou todo o alumínio de verde para parecer madeira. Ficou ótimo. Hoje, existe alumínio de tudo quanto é cor, brilhante ou fosco, mas, naquele tempo, aquilo era uma inovação de outra galáxia. Depois que tudo ficou pronto, vira e mexe o pai levava cliente lá para ver como era, transformando nossa casa num mostruário habitado e num manancial de oportunidades de negócio.

Os operários trabalhavam duro, mas, com ou sem ideias magníficas, sempre acontecia algum imprevisto. O fornecedor prometia e não honrava. Quando cumpria o prazo, chovia e o caminhão de entrega não conseguia subir a pirambeira de lama. O que era para acontecer em uma semana levava três. Um dia o pai foi lá pressionar o mestre de obras. Pediu que ele acelerasse, que já não aguentava mais ficar no casebre congelante da Lagoa.

– Olha, seu Aldo, prometo que o senhor pode providenciar a mudança para a metade de agosto.

O pai se insurgiu:

– De jeito nenhum. Agosto é mês de cachorro louco, não dá boa sorte. Precisa ser antes. Eu paro tudo no trabalho e venho aqui ajudar vocês. De julho não passa.

O pai prometeu e cumpriu. Arranjou alguém para cuidar da serralheria e passou dez dias se dedicando a finalizar a casa. Enquanto a bagunça continuava, chegou a mobília. O pai tinha feito um grande trabalho para a fábrica de móveis Formaco e, como pagamento, em mais uma permuta, eles forneceram sofás, mesas, cadeiras, camas e armários de banheiro e cozinha. No dia 31 de julho, enquanto os pintores terminavam de passar a última demão de tinta na fachada, finalmente mudamos para a casa em que eu moraria por 21 anos. Por essa e por outras é que meu pai sempre foi meu herói. Não havia problema que ele não resolvesse.

UM PERIQUITO NA MUDA

Posso viver cinco séculos e não haverá para mim ano mais atípico, mais fabulosamente estranho do que 1997, com passagens tão surpreendentes que custo a entender até hoje como aquilo aconteceu. Para começar, eu tinha conseguido minha primeira vitória em um Grand Slam, e contra um adversário muito superior, um dos quarenta melhores do mundo.

Quando entrei em quadra para enfrentar o sueco Mikael Tillström no Aberto da Austrália, em janeiro, tinha mais esperança do que segurança na vitória. O cara batia forte, tinha um ano de experiência a mais do que eu. Mas eu queria muito, eu precisava vencer.

Além de matar a fome de leão que Larri me ensinou a ter, desejava mostrar a meu novo patrocinador que valia a pena apostar em mim. Desde o dia 1º de janeiro, o Banco Real tinha passado a me patrocinar, juntando-se à Diadora. Foi a primeira vez que não tivemos que correr atrás de parceria, que uma empresa nos procurou com o objetivo de associar a marca à minha imagem. Assinei um contrato de dois anos que me rendia algo como 100 mil reais por ano, o que, pela primeira vez na vida, pagava o Larri, os custos das viagens e ainda deixava uma sobra. Depois de dez anos de cálculos e apertos financeiros, a mãe podia aposentar a planilha de despesas com a qual sabia quanto custava por mês ou ano a minha participação nos torneios.

O grande responsável pelo acordo que aliviou as contas familiares foi Carvalhinho, apelido pelo qual Paulo Carvalho é mais conhecido. Em 1996, ele era funcionário da agência de marketing esportivo Koch Tavares, empresa de Luis Felipe Tavares, ex-jogador de Copa Davis e entusiasta do tênis. Na época, o Banco Real, um dos parceiros da Koch, buscava um tenista promissor para patrocinar. Carvalhinho indicou meu nome, argumentando que eu era jovem, tinha talento e potencial para grandes conquistas. A sugestão foi aceita.

Ex-árbitro que passou a ganhar a vida organizando torneios, Carvalhinho era amigo de Larri. Ele me via jogando desde pequeno e conhecia bem minha carreira. Com o tempo, fomos nos aproximando e, em 2001, eu o convidei para trabalhar conosco. Enquanto Jorge Salkeld buscava acordos no exterior, Carvalhinho passou a me representar no Brasil, numa parceria vitoriosa que durou muitos anos.

Voltando ao Aberto da Austrália, tive que ir para lá sozinho. Com compromissos assumidos com outros tenistas que ele treinava, Larri não pôde me acompanhar a Sydney, onde eu jogaria um quali antes de seguir até Melbourne, cidade que sedia o primeiro Grand Slam do

ano. Acho que Larri já sabia a roubada que vinha pela frente. Eram dois dias inteiros de viagem, um negócio interminável. Saí de Florianópolis na quarta, fui para São Paulo, dormi, acordei, entrei no avião, cheguei em Los Angeles, esperei doze horas, embarquei para a Nova Zelândia, aguardei mais um tempão, subi de novo num avião e, até que enfim, cheguei a Sydney.

Pouco antes do pouso, o comandante deu boas-vindas aos passageiros pelo sistema de som:

– Senhoras e senhores, estamos nos aproximando de Sydney. Espero que tenham gostado do voo e que aproveitem sua estada na Austrália. O céu está limpo e a temperatura é de cerca de 30 graus neste sábado ensolarado.

No mesmo segundo, pensei: "O comandante falou sábado? Mas que sábado? Era para ser sexta." Assim que pousamos, chamei a aeromoça e perguntei:

– Que dia é hoje?

– É sábado – ela respondeu, sorrindo com ternura; devia estar acostumada com isso.

"Não é possível", falei comigo mesmo. "Estou até torto de tanto avião. Saí de casa na quarta. Quarta, quinta, sexta, tem muito dia no meio até chegar no sábado, não pode ser."

Ninguém tinha me dito que o viajante perde um dia quando vai para aquela banda do mundo. Resultado: junto com as 24 horas, perdi o quali do torneio. Na hora em que o avião aterrissou, a primeira rodada já tinha começado. Mal pisei no país e já fiz uma lambança válida por uma temporada inteira, um papelão daqueles que o cara conta e ninguém acredita. Sem opção, injuriado, fui para o hotel, louco para tomar um banho e esticar o corpo.

Cheguei à recepção, confirmei a reserva, estava no meio do check-in quando me dei conta: cadê minha pochete? Olha daqui, remexe dali, revira os bolsos, abre mala, procura na raqueteira. Nada, sumiu, desapareceu com tudo dentro: passaporte, dinheiro, documentos, cartão de crédito. Toca a telefonar para o aeroporto, para a polícia, fazer boletim de ocorrência, acionar as autoridades, providenciar um novo passaporte. Que espetáculo de estreia em solo australiano!

"Ô Guga, não dá para te deixar sozinho. Só não perde a cabeça porque está grudada no pescoço." A mãe e a oma repetiram essa frase centenas de vezes durante a vida inteira.

De fato, eu era desligado. Herdei isso do pai. Na infância, perdia agasalho, guarda-chuva, dinheiro, chave. Esquecia até raquete no clube. Mais tarde, cheguei ao cúmulo de esquecer uns cinco ou seis troféus em quarto de hotel. Se eu conseguia isso, imagina então com uma pochete ao sair meio zonzo do avião.

Então eu estava perdido e aturdido na recepção do hotel quando vi chegar Luis Lobo, duplista argentino que eu conhecia havia muitos carnavais. Expliquei a situação e o cara salvou minha pele, me deixando ficar no quarto dele. Instalado ali, eu passava o dia treinando com os jogadores que disputavam o torneio de Sydney, esperando o milagre de conseguir meu passaporte de volta. Sem isso, não ia nem ter como embarcar para Melbourne e jogar no Aberto da Austrália. Depois de três dias de aflição, telefonaram do aeroporto avisando que

haviam encontrado minha pochete.

Eu já perdera toda a esperança de recuperá-la. E mesmo quando foi achada não punha a menor fé em que minhas coisas ainda estivessem lá. Mas ela estava intacta, com toda a documentação, os cartões e uns 1.500 dólares que eu tinha levado para a viagem. Era tão inacreditável que interpretei o resgate do dinheiro e dos documentos como um sinal de que a minha sorte tinha começado a mudar. Feliz da vida, com o passaporte na mão, peguei o avião para Melbourne.

Deixei as coisas no hotel e fui direto para o lugar da competição verificar se meu nome estava na relação dos competidores do Aberto da Austrália. Sim, olha eu lá na lista. Beleza, já eram duas coisas seguidas dando certo. Pouco depois, mais uma prova de que o vento soprava a favor. Conforme prometido, a entrega tinha chegado. Como ocorria desde 1995, recebi o primeiro lote do ano dos uniformes da Diadora. Magnífico. Dois dias antes, estava perdido, sem um centavo para comer, sem cartão de crédito para pagar hotel, sem passaporte para viajar, e agora tinha tudo de volta e ainda uniforme tinindo de novo para estrear em um Grand Slam.

Abri a sacola na maior empolgação. Era enorme, fui tirando tudo de dentro, colocando em cima da cama. Mas, peraí, tudo azul e amarelo?! Nunca poderia imaginar que seria algo tão chamativo, tão fora do padrão de qualquer convenção do esporte. Impressionante como apenas duas cores podiam se combinar de maneira tão espalhafatosa.

O calção era azul escandaloso. A camisa, azul e amarela, bem mais amarela do que azul. Podia jurar que tinham me dado a possibilidade de optar entre tênis azuis ou amarelos, mas naquele pacote só tinha os amarelões. Vesti o traje completo, tênis, meias, calção e camisa, me olhei no espelho de alto a baixo e, rapaz, me deu uma vergonha! Eu parecia um periquito na muda.

Fui me adaptando ao novo modelo aos poucos. No primeiro dia de treino, pus só o calção. No segundo, acrescentei os tênis. No terceiro ou quarto, vesti o traje completo e saí correndo do vestiário para não dar tempo de ninguém falar nada. Mas era só dar brecha que vinha gozação de tudo quanto era lado. Fernando Meligeni, o Fininho, se escangalhava de rir. Mas eu ia reclamar do quê? Era o 88º do mundo, estava lá na porta dos fundos do ranking e mesmo assim a Diadora, uma referência na Europa, estava me apoiando. Além de levar na boa, eu tinha obrigação de agradecer a ela por permitir que eu representasse a marca nas quadras.

Estreei no Aberto da Austrália contra Mikael Tillström, um dos poucos que eu conhecia por lá. Tillström tinha feito parte da mesma equipe que eu no Interclubes alemão de 1996. Sabia que ele gostava de piso rápido e que chegara às quartas em Melbourne um ano antes. O sueco entrou em quadra pronto para exterminar o franco-atirador brasileiro e tentar defender os pontos da temporada anterior. Estava tão concentrado que nem olhou para sua torcida, vinte ou trinta compatriotas com pintura de guerra no rosto e chapéu de viking.

Fiz meu primeiro ponto. Aplausos efusivos. Mandei uma paralela certeira. A plateia vibrou. Acertei uma bola bonita. A galera dos vikings urrou de satisfação. A coisa foi indo

assim até quase o final do segundo game, eu não entendendo bulhufas. Até que finalmente caiu a ficha e os suecos se tocaram de que estavam torcendo para o cara errado, que o brasileiro estava jogando de azul e amarelo, a cor da bandeira deles, e o compatriota, de branco. A essa altura, até Tillström ria da situação.

Debaixo de um sol de deserto, os dois primeiros sets foram parelhos, com artilharia pesada dos dois lados, ele pressionando, eu salvando, ele se esquivando, eu batendo. Venci os dois apertado, 7-5 e 7-6. O cara não se conformou. No terceiro, virou bicho, não tinha outra coisa a fazer: ganhou o set. No começo, achei que tinha poucas chances, mas, agora que estava na frente, não ia deixar barato. Invocado, voando baixo para cá e para lá, tirei forças e recursos sei lá de onde, fiz 6-4 no quarto set e liquidei a partida com o corpo todo doído, na minha primeira, magnífica, inesperada, histórica vitória num Grand Slam.

Mesmo que fosse madrugada no Brasil, achei um orelhão e telefonei para a mãe.

– Guga, está tudo bem? Aconteceu alguma coisa para tu ligar a esta hora?

– Ah, mãe, fiquei com saudade, tô meio chateado...

– Que aconteceu? – ela perguntou, já imaginando o que viria numa época em que eu mais perdia do que ganhava.

– Ah, mãe, partida dura... – E aí falei a frase de sempre: – Não deu...

– Não fica assim, filho, tu sabe que perder faz parte, mantém a fé que uma hora vai dar...

Aí não me aguentei e parei de fingir e enganar a mãe. Explodindo de felicidade, dei a notícia mais inesperada do ano:

– Não, mãe, desta vez deu, sim. Eu ganhei, tu acredita?! Teu filho ganhou uma partida de Grand Slam!

A mãe não sabia se ria ou chorava; eu fiquei do mesmo jeito, emocionado, só falando coisas desencontradas e querendo que ela estivesse ali para ter me visto vencer. Numa tacada só, aquilo tinha sido uma façanha dupla. Além da vitória em si num dos maiores torneios do mundo, eu havia superado Tillström, que estava quase cinquenta posições acima de mim. O especialista em quadra dura era ele, não eu. Em 1996, um ano antes, o sueco tinha ido longe no Aberto da Austrália, enquanto eu perdia para um italiano na primeira rodada do challenger de Punta del Este. Pela primeira vez na vida, me senti um jogador completo e realizado, um tenista que tinha mesmo condições de honrar o plano de seu treinador e continuar subindo, quem sabe chegando aos cinquenta melhores do mundo no futuro.

Eu perderia a partida seguinte em quatro sets para um sul-africano, mas a vitória sobre Tillström não saía da minha cabeça. “Este ano promete”, pensei. Depois da Austrália, voltei ao Brasil. Nem tive tempo de dar um beijo na mãe em Florianópolis. Fui direto para Ribeirão Preto, no interior de São Paulo, jogar contra os Estados Unidos na Copa Davis, na primeira rodada depois de o Brasil retornar ao grupo mundial. Com Paulo Cleto no comando, nossa equipe era a mesma do ano anterior, comigo, Fernando Meligeni, Jaime Oncins e Roberto Jábali.

Eu estava superconfiante, jogando o melhor tênis da minha carreira. A gente treinava como

se fosse o confronto de nossas vidas e eu via que estava desempenhando num nível diferente. Tinha certeza de que ia fazer bonito. Mas, dois dias antes da minha primeira partida, com a cabeça na lua, fui pegar o jantar no micro-ondas. Esqueci que o prato estava pelando e descobri que o cérebro leva um tempinho até registrar que a mão está pegando fogo. Para piorar, em vez de me livrar logo daquilo, levei o prato até uma bancada. Fiquei com uma bolha enorme no dedão da mão direita.

Paulo foi à loucura com a minha tontice. E aí ligava para médicos, colocava dedo na água fria, passava pasta de dentes, furava bolha, punha pomada, enfaixava esparadrapo, relaxava treino para poupar a mão. Nunca tive calo ou nada parecido e jogar com um treco enrolado no polegar comprometia a atuação. Logo no treino seguinte, apesar de continuar competitivo, já deu para notar que não era a mesma coisa. Com dor eu até sabia lidar, mas a falta de sensibilidade gerada pelo esparadrapo é que me matava.

Na minha estreia na simples da Davis, perdi para MaliVai Washington. Embora ele estivesse acima de mim no ranking, na 24ª posição, era um tenista que no saibro eu teria totais condições de vencer. Ganhei o primeiro set, mas perdi os seguintes. Um a zero para os americanos.

No segundo jogo da simples, contra o ex-número 1 Jim Courier, Fininho foi um herói, fez uma partida espetacular, incomodou o adversário, lutou até o final, incendiou a torcida, mas não conseguiu vencer. Dois a zero para os americanos.

Na partida de duplas, eu e Jaime enfrentamos Alex O'Brien e Richey Reneberg, então uma das parcerias mais matadoras do mundo. Os caras entraram em quadra com aquele jeitão de quem não ia precisar de muita força para nos despacharem logo. Erraram feio. Joguei bem, mas nada que chegasse perto do Jaime, que, num dia inspiradíssimo, virou uma máquina devoradora de oponentes. Escovamos os caras e vencemos por 3 sets a 0. No placar geral agora estava 2 a 1. Os americanos continuavam na frente, mas estávamos encostando.

Aí foi a minha vez de confrontar Courier, um dos gigantes do saibro, o cara que se tornou bicampeão de Roland Garros no mesmo ano em que eu rezava para tentar conseguir sentar na plateia. Relaxado, ele ganhou os dois primeiros sets com uma facilidade constrangedora. Caramba, tudo bem que era o Courier, mas aonde tinha ido parar aquele jogador confiante que acreditava que tinha condição de encarar os melhores do mundo?

Voltei para o terceiro set pronto a jogar o máximo. Funcionou. Comecei a me encontrar, a jogar de igual para igual, vibrando, pressionando, sem me intimidar com o fato de que do outro lado da rede estava um exterminador. A partir dali, aquela se tornou uma legítima partida de Copa Davis, com a competição num grau elevado, provocação da torcida, os adversários se digladiando e o jogo pegando fogo. Quando venci o terceiro set, a torcida quase veio abaixo.

O quarto set começou e Courier já não estava mais com um ar relaxado. Parecia o gênio matador de sempre, o cara que despachava um rival atrás do outro. A partida prosseguiu, mas agora, mesmo diante de um dos maiores, eu jogava num nível excelente, com chances reais de

ganhar o jogo. Só que ninguém é bicampeão de Grand Slam à toa. Depois de um monte de ameaças da minha parte, Courier conseguiu me encurralar no tie-break. Perdi em quatro sets. A rodada estava definida; os Estados Unidos avançaram. No entanto, mesmo com a sensação ruim de derrota, o que experimentei naqueles dois últimos sets foi a grande conquista do fim de semana.

Com a seleção dispensada, voltei à rotina. Apesar do resultado adverso na Copa Davis, tinha um forte pressentimento de que estava nos trilhos para chegar mais longe. O segredo dali em diante era manter o patamar de excelência dos dois últimos sets da partida contra Courier. Se conseguisse isso, era só ter paciência que a oportunidade viria, mais cedo ou mais tarde.

Larri tinha decidido que a bola da vez seriam os torneios grandes nos Estados Unidos. No quali da Filadélfia, descobri que quadra central enfeitada e com holofote era só para finalista. Para aspirantes como eu, só uma rede grudada na outra, sem bolas novas e com juiz escondido no canto, luz ruim, meia dúzia na plateia. Era um negócio tão desestimulante quanto desesperador. Quase não dava vontade de jogar.

A recompensa por ter pagado esse mico não demorou. Em Memphis, depois de vencer um americano na primeira rodada, enfrentei Andre Agassi pela primeira vez. Embora ele não estivesse na sua melhor fase, ainda era o 12º do mundo e, mesmo se nem estivesse no ranking, não deixaria de ser lendário, um dos melhores entre os melhores. Dormindo, sonâmbulo, acordado, jogando muito ou pouco, nada disso importava; para mim o Agassi era o Agassi, o cara que eu admirava tanto que quando criança comprava camiseta igual à dele achando que por isso fosse jogar naquele mesmo nível.

Antes do jogo, fiquei uma hora aquecendo com Luis Lobo, o duplista que me salvou no hotel em Sydney. Lobo só dava porrada, eu rebatendo cada vez mais forte para ficar em ponto de bala para encarar o americano. Encharcado de suor, fui para o vestiário me trocar. Larri estava me esperando lá. A quatro ou cinco metros, Agassi era o extremo oposto: com extrema tranquilidade, arrumava suas coisas. Aí ocorreu uma das cenas de bastidores mais inesperadas de todos os tempos.

Larri tinha me alertado que Agassi poderia me intimidar, mas nunca imaginei que pudesse ser daquele jeito. De repente, ele se levantou do banco, veio em nossa direção, chegou perto e soltou o primeiro. Depois, não parou mais. Agassi estava com dor de barriga ou algum tipo de desarranjo. O ar ficou impregnado com a consequência dos barulhos que ele não parava de fazer, um pum emendando no outro. Larri ainda brincou, dizendo que devia ser arma secreta. Rapaz, a lenda era humana.

De fato, aquele não era o dia do americano. Embora tenha acertado algumas daquelas bolas de desconcertar, ele não conseguia manter o padrão de jogo do passado. Eu, ao contrário, estava afiado, fazendo tudo certo, emplacando uma atrás da outra. Surpreendente, inimaginável, ganhei da lenda por 2 a 0, 6-2 e 6-4. Com isso, virei notícia de jornal em Memphis, o guri dos tênis amarelos que superou Agassi.

Na sequência, veio Jeff Tarango, 84º do ranking, o americano mais encrenqueiro do

circuito, com um estilo de jogo esquisito, que forçava o adversário a jogar mal. O cara usava todo tipo de truque para tentar ganhar. Parava o jogo, xingava o juiz, invocava com o adversário, provocava na troca de lado, reclamava com a torcida. A tática era eficaz. Eu não sabia lidar com aquilo. Perdi de 2 sets a 0, as duas vezes no tie-break.

Depois de Memphis, veio Indian Wells. Na primeira rodada, derrotei um australiano e aí, logo na sequência, tive que encarar o sul-africano Wayne Ferreira, décimo do mundo, que tinha acabado comigo quando jogamos em Roland Garros no ano anterior, 1996. Era, portanto, a segunda vez que eu disputaria com ele, mas a primeira com Ferreira na condição de top ten. Fiquei tão ou mais ansioso do que quando me vi frente a frente com Courier ou Agassi.

O primeiro set foi enrolado, os dois se matando num jogo nervoso para não dar brecha para o adversário, eu conseguindo me manter naquele querido patamar de excelência. Ganhei por 7-6. Quando sentei no banco para beber água e morder a toalha, meu corpo ficou pequeno para tanta felicidade. Ainda tinha muito jogo pela frente, mas eu havia ganhado um set de um tenista muito bom que estava setenta posições acima de mim no ranking!

No segundo set, a razão da minha alegria virou motivo de lamento. Fiquei intimidado com a possibilidade de vencer um cara tão superior, me embananei e ele venceu por 6-1. Mas era na hora do aperto que, como meu pai, eu renascia das cinzas. Parti para o tudo ou nada. Subi ainda mais o nível, quebrando saque, dando martelada, ace, cruzada, paralela, o arsenal todo. Venci o terceiro set por 6-3. O jogo era meu! Foi a primeira vez que ganhei de um top ten do circuito, uma coisa maravilhosa, estupenda, formidável, linda, para nunca mais esquecer, mais um sonho realizado, mais um objetivo cumprido.

Na sequência perdi para o americano Byron Black, de quem eu tinha acabado de ganhar na primeira rodada em Memphis, numa nova evidência de que, mesmo fazendo uns milagres, ainda faltava consistência para o meu jogo. Mesmo entre os melhores do circuito, é impossível um tenista manter o nível de excelência em todas as partidas, mas eu não conseguia sequer manter um padrão de jogo regular. Como é que eu ganhava de top ten, bicampeão, ex-número 1 e depois perdia de jogadores comuns?

Além da dificuldade em controlar a partida, eu tinha problemas para dominar as emoções. Às vezes, ficava tão eufórico por ganhar set de adversário impossível que passava do ponto e me desconcentrava. Ainda não tinha descoberto que água demais mata a planta. Ou então relaxava com oponente menos estrelado e perdia jogo ganho. Larri ficava maluco com a minha falta de manha e minhas oscilações na hora agá. Tentava de toda maneira, com treino e apontamentos, me manter na mesma estação. Eu me empenhava ao máximo, mas não tinha muito jeito: esse tipo de coisa só o tempo resolve.

Com o fim da temporada de quadra dura nos Estados Unidos, fui à Europa jogar no saibro. Na primeira escala, em Estoril, eu e Fininho fomos campeões nas duplas. Éramos os dois únicos brasileiros por lá, tínhamos saído de casa juntos, viajamos juntos, jogamos juntos e juntos fomos campeões. Lindo. Na simples, ganhei a primeira partida, justamente contra ele. Beleza. Na segunda, enfrentei o espanhol Francisco Clavet, um cara encardido que sempre

beliscava uns torneios europeus.

No primeiro set, num início arrasador, atropelei e venci por 6-1. Magnífico. Aí, sucumbi à bobeira mais uma vez, afoguei a planta e perdi a mão. Levei o troco, perdi o segundo set pelo mesmo placar. Ah, não, de novo não. Respirei fundo, me concentrei, fui para cima, passei a jogar bem. Então fiquei nervoso de novo com meu próprio sucesso, me atrapalhei pela bilionésima vez, perdi um monte de chances de fechar a partida. Mais experiente, Clavet foi me administrando, até liquidar o set por 7-6 e vencer o jogo. Tinha acontecido de novo. Mas, pô, o que me faltava? Por que eu me sentia tão perto e não conseguia chegar lá?

Na arquibancada, Larri arrancava os cabelos. Depois, no vestiário, ele só dizia:

– Calma, Cavalo, calma. Você sabe como fazer. Só não te afoba, te controla.

Na semana seguinte, em Barcelona, foi ainda pior. Na primeira rodada, peguei Albert Portas, espanhol sem tradição nenhuma, que, então 133º do mundo, tinha vindo do quali. Se houve algum jogo no ano em que fui considerado favorito, foi aquele. Mas perdi por 6-2 e 6-1. Comparado a Portas, pareci um amador. Ele foi mais regular, mais forte, mais veloz, mais preciso. Tudo bem que o cara estava numa semana iluminada, chegando inclusive à final de Barcelona. Mas foi uma paulada e tanto. Eu me sentia como um personagem que tentava fugir do roteiro do filme mas acabava sempre se estropiando num final trágico. Cansado de tanta reprise ingrata, Larri estava próximo de ficar careca de vez, além de rouco de tanto falar "Calma, Cavalo".

Depois de um começo de ano muito bom, eu parecia estar desaprendendo. Em Praga, perdi na segunda rodada para Fabrice Santoro, francês habilidoso, mas com um estilo de jogo estranho. Em Hamburgo, um australiano não me deixou passar da primeira rodada. Em Monte Carlo, também fui eliminado na rodada inicial, dessa vez, de novo, pelo tcheco Slava Dosedel, o mesmo cara que, um mês antes, tinha tirado o doce da minha boca, não me deixando chegar à final do challenger de Indian Wells. Rapaz, como era complicado jogar com esse cidadão.

Se o adversário jogasse bem, Dosedel fazia melhor. Perdi o primeiro set assim. Mas, se baixasse o nível, o tcheco se confundia. Descobri isso sem querer, quando joguei mal no segundo set e venci. Então esse era o truque para ganhar dele: esquecer tudo o que eu sabia. Mas como é que eu podia jogar mal de propósito? Vinha me preparando a vida toda para ser um bom jogador. Aquilo era inversamente proporcional às minhas performances, expectativas e ambições. Em nome da vitória, ainda tentei. Mas depois me impacientei, cansei de tentar jogar mal e pisei fundo. Dancei. Dosedel ganhou o terceiro set, mais uma vez por 6-1, e fechou a partida.

Fazia tempo que não perdia tantos jogos seguidos. Naquele ano, a temporada europeia não estava funcionando. A gente precisava de um plano B. Ou até de plano nenhum. "Calma, Cavalo, ainda vai vir o que a gente está buscando. O jogo tá aí, tu só precisa de calma." As palavras de Larri pareciam fazer mais sentido do que nunca. Então, depois de Hamburgo, numa decisão mais intuitiva do que racional, ele e eu desistimos do torneio de Roma. Pegamos

um avião para casa, para matar a saudade da família, descansar e rever os amigos.

Essa pausa me fez um bem danado. Me senti revigorado. O desânimo passou, mudei de sintonia. Me deu uma vontade louca de entrar em quadra para repetir os melhores momentos do começo do ano e depois seguir para o próximo estágio. Aproveitando que a gente estava no Brasil, decidimos jogar o challenger de Curitiba, um torneio pequeno que tinha uma premiação de uns 8 mil dólares para o campeão.

Aquilo era tudo o que eu precisava para retomar a confiança. Ganhei uma partida, fiquei mais leve, venci outra, me senti melhor, papei mais uma e então me vi feliz e solto, com o otimismo restaurado. Nas duplas do challenger de Curitiba, jogando com Jaime Oncins, fui à semifinal, mas tivemos que desistir porque ele se machucou. Na simples, fiquei com o título, ganhando do romeno Răzvan Sabău.

Agora, sim. Depois da chuvarada, o sol estava brilhando para mim. Se antes não emplacava nada, agora tinha ganhado oito partidas seguidas, com a torcida brasileira vibrando junto, me passando um carinho enorme, uma energia eletrizante, contagiante, me valorizando. Eu voltava a me sentir um bom jogador. Foi assim, feliz da vida, cheio de gás, esperança e amor para dar, que Larri e eu voltamos à Europa para disputar Roland Garros em maio de 1997.

O GUARDIÃO DAS TAÇAS

Nos dois primeiros meses de vida, não deu para notar nada de diferente. A mãe conta que o Gui até ganhou peso mais rápido do que o Rafa e eu, que ele mamava com mais vontade do que nós. Mas, por volta do terceiro mês, ela estranhou alguma coisa no desenvolvimento dele. Não sabia o que era. Suspeitou que não enxergasse ou não escutasse bem. Em dez dias, levou-o a sete médicos.

O fonoaudiólogo e o oftalmologista garantiram que ele via e ouvia tudo. Pediatras e clínicos gerais acharam que não tinha nada de anormal. Numa visita de fim de semana, minha tia Célia perguntou:

– Alice, já levou esse menino ao neurologista?

Na semana seguinte, a mãe marcou consulta com um. Logo no primeiro teste, o médico já sabia do que se tratava. Se você desloca um bebê para a frente, ele instintivamente, por reflexo, coloca os braços para a frente para se proteger. O Gui não fez isso. Faltavam exames para o diagnóstico exato da causa da disfunção, mas estava claro que havia um problema neurológico. O médico, porém, não quis falar de imediato.

– Quando a senhora pode voltar aqui com seu marido para conversarmos?

– Olha, doutor, meu marido não tem tempo e o senhor não precisa me poupar. Sempre soube que ia ter um filho deficiente. Só quero saber qual o problema e o que tenho que fazer para cuidar bem dele.

Resignado, o médico contou tudo e a mãe, mesmo já meio preparada, levou um baque. Ao entrar no carro para voltar para casa, não aguentou e desabou. Chorou muito, até recompor as forças. Quando chegou em casa, não sabia como dar a notícia ao marido. Preferiu ser o mais direta possível. Mal terminou de falar, o pai retrucou:

– Está errado. Vamos a outro médico, um que saiba o que fala.

No dia seguinte, os dois foram ao consultório do doutor Álvaro José de Oliveira, que mais tarde se tornaria amigo da família. Assim que o médico acabou de examinar o Gui e confirmou o problema, o pai só quis saber uma coisa:

– Diga, doutor: ele vai ou não vai poder jogar tênis?

O médico se espantou.

– Olha, Aldo, vamos dar tempo ao tempo, um passo de cada vez. Primeiro precisamos saber se ele consegue engatinhar, se vai andar sozinho, depois a gente vê esse negócio do

tênis.

Assim que se confirmou que o Gui tinha nascido com microencefalia e paralisia cerebral e que teria limitações sérias para se locomover ou se comunicar, o pai não reagiu bem. Aldo Kuerten era esportista, um atleta ligado em desempenho, excelência e resultado, não se sentia confortável com falhas. Preconceituoso o pai nunca foi, mas se desvincular de uma hora para outra da formação germânica, daquela cultura de supremacia da raça, era algo que estava além do seu alcance.

Durante uns dois anos, ele praticamente evitou o Gui. Na medida do possível, tentava ser indiferente, o que era difícil, pois o pequeno tinha dificuldade para dormir. Acordava de vinte em vinte minutos. Quando começava, não conseguia parar de chorar. Nos seus dois primeiros anos de vida, era capaz de se esgoelar das sete da noite até as seis da madrugada, até apagar de cansaço. E acordar vinte minutos depois.

Gui não comia nem ia ao banheiro sozinho. Usou fralda a vida toda. Engatinhou, mas só andava se a gente o segurasse pela mão. Nunca falou uma palavra, embora demonstrasse com expressões e sons que estava feliz, contrariado ou irritado. Dependia da gente para tudo. Detestava comer, pois, mesmo com alguém dando de tiquinho em tiquinho, uma parte ia para o estômago e a outra descia pelo buraco errado e podia parar no pulmão. Como sabia que podia passar por essa aflição a cada refeição, evitava se alimentar com todas as forças.

Os médicos lhe deram sete anos de vida, no máximo catorze. Viveu 28. Todo dia era uma luta. Quando fui jogar meu primeiro Masters em Hannover, na Alemanha, a ideia era ir com a família toda. Fazia questão que o Gui estivesse lá para que, pelo menos uma vez na vida, ele visse ao vivo de onde saíam os meus troféus. Mas, na véspera da viagem, ele teve pneumonia e a mãe foi obrigada a ficar com ele. Fui, joguei e, na volta, descobri que o Gui tinha ficado internado esse tempo todo, quase vinte dias. Por mais que eu telefonasse para casa para ter notícias, não me contavam para não atrapalhar minha concentração. Quando soube, fiquei mal como poucas vezes na vida.

Após os 5 anos, principalmente depois que o pai morreu, meu irmão passou a ter convulsões frequentes, numa média de sete por dia. Nessas horas, ficava roxo e nos deixava desesperados, impotentes, sem ter o que fazer a não ser esperar passar a crise. Não raro, também tinha febres que passavam de 40 graus.

Apesar dos sustos frequentes, para mim a convivência com o caçulinha era normal, um dado da vida, como a areia da praia. O Gui era meu irmão, assim como o Rafa. A diferença era que um irmão eu queria imitar e o outro, me divertir com ele. Eu gostava demais de dormir com o Gui, tocar violão para ele, ficar ao seu lado quando ele assistia à TV.

Era vidrado em *Os Trapalhões* e programas de auditório, gostava de tudo que tinha palmas. Curtia Gugu, Raul Gil, mas seu preferido era o Silvio Santos, o que fez com que, durante anos, Larri entrasse em casa cantarolando "Silvio Santos vem aí...".

Gui adorava palmas da mesma forma que não suportava gritos. Quando a gente assistia a jogos do Avaí, não podia gritar "gol" senão ele se acabava de chorar. Outra coisa que

detestava era despedida. Quando eu ia viajar, um dia antes ele me via fazendo a mala e ficava amuado. Se eu fosse só dar uma saída, ele logo entendia e engatinhava até a porta, sinalizando que também queria ir. Não aceitava me levar ao aeroporto, mas no dia da minha chegada era o primeiro a entrar no carro para ir me receber. Adorava me recepcionar, e eu amava ficar perto dele.

Dei-lhe todos os troféus que ganhei. Chegava em casa, abria a mala, ele sorria, eu estendia o prêmio e falava:

– Olha, Gui, mais um pra ti.

Ele não sabia o que era, não sabia avaliar a importância daquilo, mas os olhos cintilavam, fascinados com o brilho do metal ou o cristal daquelas formas diferentes. O Gui era o guardião das minhas taças.

Edu Garcia / Agência Estado

Guga comemora, na volta ao Brasil, sua vitória em Roland Garros ao lado do irmão Guilherme, que segura o troféu do torneio.

Como todo irmão, além de presenteá-lo, eu também o sacaneava até dizer chega. Fazia cócegas, apertava, espremia para ter mais espaço na cama quando a gente dormia junto. Na infância, eu adorava o Nelson Piquet. Num domingo, fomos à Astel. Estava empurrando o carrinho do Gui, passeando com ele, quando imaginei estar em uma corrida de Fórmula 1. Acelerei na reta final. Infelizmente, a pista era defeituosa. Em disparada, o carrinho do Gui se chocou contra a borda de uma lajota mal colocada. O impacto nos fez decolar. Desabei em cima do carrinho. Ele voou uns três metros. Apavorado, fui resgatá-lo. Quando o levantei do chão, ele tinha uma expressão radiante de "Faz de novo!". A única consequência mais grave da minha imprudência é que ele quebrou o dedinho da mão. Em poucas semanas, estava novo.

Naquela época, no começo dos anos 1980, a exclusão de uma pessoa como o Gui começava em casa. Filho deficiente só saía para ir ao médico. No mais, ficava confinado no quarto. Mas conosco era diferente. A gente levava uma vida normal. Íamos com o Gui a festas, eventos, churrascos, casamentos e ao clube nos fins de semana. Mesmo que a família soubesse que teria que voltar para casa a qualquer momento se ele tivesse febre ou convulsão, era muito gostoso, um prazer conviver com ele em todas as situações. Por isso, a gente assumia o risco.

Demorou, mas o pai aceitou o Gui. Um fato inesperado o fez mudar de comportamento,

transformando-o. Por volta de 1982, Eduardo Scherer, irmão do Fernando, que mais tarde ficaria conhecido como o campeão de natação Xuxa, ficou doente. Eles são de Florianópolis e têm idades parecidas com a minha e a do Rafa. Conviviam com a nossa família e Eduardo jogava tênis com a gente. Mas aí ele pegou um vírus que comprometeu sua saúde e o fez passar um bom tempo na UTI entre a vida e a morte. "O risco de o Eduardo morrer mexeu com o Aldo", contou a mãe. "De repente, ele valorizou mais a vida e, por consequência, sua relação com o Gui. Com o Rafa e o Guga, ele sempre foi um superpai. Mas, depois da doença do Eduardo, o pai ausente do Gui virou o paizão de todos."

De uma hora para outra, passou a fazer mais companhia, brincava com ele, tocava violão, abraçava, dava carinho. Um dia se deu conta de que, se ele teve tanta dificuldade em lidar com a situação, outros pais deviam enfrentar o mesmo desafio. Resolveu fazer alguma coisa para ajudar. Junto com a mãe, passou a participar da diretoria da Apae (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) de Florianópolis, localizada a cerca de 200 metros de casa. Ia às reuniões, dava testemunho, falava da sua dificuldade anterior, do seu novo ponto de vista em relação a crianças com necessidades especiais, tornou-se um defensor de quem não podia se defender por si só.

Sem querer ou saber, Gui foi um professor involuntário. Deu uma gigantesca lição de vida à família inteira. A mim, especificamente, ajudou a moldar minha visão de mundo. Ensinou a relativizar, a enxergar e valorizar a grandeza que existe nas pequenas conquistas. Por ser como era, nunca me deixou esquecer onde está a verdadeira natureza das coisas. Ser famoso, aparecer na TV, conquistar títulos admiráveis, tudo isso tem valor, mas são as coisas simples que realmente importam.

O Gui nos mantinha com o olhar no presente, no aqui e agora, sem a expectativa do futuro. Isso valia para tudo: em casa, na escola, na quadra, no dia a dia. No momento em que ele pegou um pão e o colocou na boca sozinho, a família comemorou como se o Avaí tivesse ganhado o Campeonato Brasileiro. Quando engatinhou pela primeira vez, fizemos uma festa digna de conquista de Copa do Mundo. O que viesse estava bom, sem pretender que ele usasse garfo ou corresse pela casa. A conquista era aquela e ponto.

Acervo pessoal

Guga, aos 4 anos, beijando a mão do caçula Guilherme, com 1 ano.

Muita gente já veio falar comigo para dizer que imagina a emoção que senti ao ganhar Roland Garros. É fácil encontrar emoção e felicidade num momento tão grandioso quanto esse. Mas o que me fascina é o que chamamos de "efeito Gui", aquele que faz com que a gente valorize uma coisa de cada vez e extraia o máximo de cada situação e cada instante. Eu fui aos céus quando ganhei o primeiro campeonato infantil no clube, do mesmo jeito que vibrei quando conquistei o estadual. Ser o número 1 do Brasil me deixou tão radiante quanto no dia em que venci o primeiro torneio da ATP. Tudo depende de perspectiva e enfoque, da maneira como a gente olha. Pequenas e grandes conquistas têm, no fundo, o mesmo gosto. Na hora em que acontecem, sem que a gente saiba o que vem pela frente, todas são enormes.

Centenas de vezes a mãe ouviu esta pergunta:

– Dona Alice, como é ser mãe de um campeão de tênis, uma pessoa tão importante?

Todas as vezes ela deu mais ou menos a mesma resposta, em forma de diálogo:

– Você tem filhos?

– Sim.

– Como é ser mãe deles?

– Ué, é ser mãe – a outra pessoa respondia.

– É igual comigo. Não tem diferença entre ser mãe de campeão do mundo e do outro que não é. Campeão é qualidade momentânea, amor pelos filhos é para sempre. A gente se apega igual, por mais diferentes que os filhos sejam.

A mãe também sempre lembrava que tinha três filhos: o Rafa, o cérebro da casa; eu, o atleta promissor; e o Gui, que dependia dela para tudo. Claro que ficou superorgulhosa quando ganhei aqueles títulos maravilhosos, da mesma forma que não cabia em si quando o Rafa entrou na faculdade e depois recebeu o diploma. Mas, quando chegava em casa num tempo em que não tinha enfermeiro para colaborar, o Gui estava lá esperando para que ela desse remédio, comida na boca, limpasse o cocô. Troféu em Paris era só uma parte da vida, e isso não mudava o resto.

A mãe gosta de contar uma história sobre mim que a emociona até hoje. Esse episódio lhe mostrou de um jeito marcante o que ela sempre quis: não importava o quanto eu voasse alto, não deixaria de ser o Guga que ela criou, com os mesmos princípios e valores.

No final de 1995, fazia três anos que eu não passava o Natal em casa, viajando e participando de torneios. Eu vinha de uma rodada de quase três meses na Europa. Já era o número 1 do Brasil e agora estava na lista dos cem principais tenistas do ranking mundial. Estava cansado, com saudade de casa, sol, praia, calor. Mas esse foi o ano em que Santa Catarina inundou. As tempestades que caíram foram tão fortes que Florianópolis virou uma ilha dentro da ilha. A mãe tinha planejado que a gente passasse o Natal em Brusque, junto com a oma, mas alagou tanto que não dava nem para sair da rua, quanto mais pegar a estrada. Para completar, acabou a luz e ficamos no escuro.

Acendemos velas. A gente fingia que era romântico, mas na verdade era só precário. A mãe esquentou o peru que levaríamos a Brusque para complementar a ceia que minha avó tinha feito. Também preparou um arrozinho na hora. No momento em que nos sentamos à mesa, ela comentou, em tom de desalento:

– Ah, Guga, a gente planejou uma ocasião tão linda para ti. Tantos Natais que tu passou fora de casa e, agora que está aqui, a gente só tem isto...

– Mãe, o importante é estar com vocês. A única pena é que a oma não está com a gente. O resto está perfeito, mesmo se só tivesse ovo frito.

Falei com tanta sinceridade que os olhos da mãe se encheram de lágrimas. Para mim, estar ao lado deles comendo peru e arroz à luz de velas na ceia de Natal era o melhor presente que eu podia receber. Eu não tinha isso havia tempos e, naquele momento, esse era o meu prêmio mais importante.

A FAÍSCA

Tenista é um ser supersticioso. Tem manias e hábitos, gosta de tradição. Mas, embora muitas vezes pareça, não é lunático. A repetição tem propósito. Toda atividade, mental ou física, traz uma sensação. O corpo vive de associações. Para os melhores tenistas, é fundamental encontrar um jeito, um movimento, uma sequência de ações que traga conforto e concentração. Só com isso eles alcançam a sensação, a convicção de que têm o controle do jogo, do corpo e da mente, algo abstrato, imaginário, porém ao mesmo tempo real e fundamental. Sem controle, não se ganha nada. Não existe jogador bom que não crie ritual para si, embora nem sempre ele seja evidente. Há momentos, porém, quando já está mergulhado no jogo, em que não sente necessidade de fazer nada. Mas, na maioria das vezes, precisa de um lembrete para se alinhar com seu interior e ativar o seu melhor.

Ivan Lendl puxava os cílios. Antes do saque, Federer bate com a raquete nos pés, algo comum no circuito. Djokovic pode puxar a manga da camisa e afastar o cabelo antes de sacar. Eu mordia toalha no intervalo. Durante a partida, também puxava as mangas da camisa e gemia. Antes de a bola entrar em jogo, nunca, de jeito nenhum, pisava nas linhas. Sharapova também as evita, o que faz com que ela dê pulinhos engraçados quando anda na quadra.

Nadal é mais rebuscado. No banco, deixa duas garrafinhas de água alinhadas na diagonal. Dá um gole em uma, fecha a tampa, põe no chão e depois bebe da outra. Antes do saque, seja seu ou do adversário, encontra tempo para, numa sequência invariável: puxar o calção, coçar a bunda, afastar o cabelo da orelha direita, alisar o nariz, arrumar o cabelo na orelha esquerda, passar a mão de novo no nariz e mexer no calção mais uma vez.

O povo acha graça, mas, na história do tênis, talvez nunca tenha havido outro tenista com o poder de concentração e o autocontrole de Nadal. Se o proibirem de fazer seu ritual, isso vai afetar seu jogo. E pode estar certo de que ele vai criar outro.

O ritual existe dentro e fora das quadras. Então, como sempre, Larri e eu nos hospedamos no hotel Montblanc. Era a quinta vez que a gente ia a Paris, a segunda para disputar Roland Garros. A essa altura, em maio de 1997, já podíamos bancar mais do que um duas estrelas modesto escondido atrás de uma portinha, mas não havia sentido em mudar. Depois de cinco anos, o dono já tinha virado amigo. Ao contrário de antes, agora o quarto tinha até banheiro e televisão. A gente quase se sentia em casa, o que valia muito mais do que travesseiro de peninhas e toalha felpuda. Além disso, só doido quebra tradição à toa na terra da magia.

Ainda embalado pela vitória no challenger de Curitiba, dias antes, deixei a bagagem no hotel e já fui treinar num clube anexo, no alto de um morro. O complexo principal de Roland Garros é exclusividade dos tenistas que já provaram seu valor no circuito. Numa quadra lateral, eu e Márcio Carlsson, que estava disputando o quali, começamos a bater bola. Não demorou nada e a primeira faísca acendeu. Eu mirava no fundo e acertava. Batia mais forte e a bola ia. Punha mais velocidade e cravava na linha. Ia ao máximo do máximo e fazia de novo. Era uma coisa tão impressionante que, quando parei para beber um gole d'água, um duplista que estava assistindo perguntou:

– Me diz uma coisa, amigo: você não vai errar *uma* bola?

Até então, em 20 anos de existência, eu só tinha feito isso duas vezes na vida. A primeira tinha sido na mesma cidade, em 1992, no dia em que Larri e eu encontramos uma brecha para treinar na quadra 8. A segunda acontecera um mês antes, numa das únicas coisas boas da temporada lamentável na Europa. Na despedida de Hamburgo, resolvi treinar com o técnico uma última vez. Numa quadra nos fundos do clube, começamos a trocar bolas. Minutos depois, veio a chuva.

Larri ficava no meio da quadra rebatendo para as laterais, eu correndo de um canto a outro como um para-brisa, devolvendo no meio, a chuva apertando. Ele respondia melhor que metrônomo, eu voando de cá para lá, batendo mais forte, a chuva engrossando. Mesmo na tempestade, eu aumentava cada vez mais a força e a velocidade das pancadas, sempre mandando na mão dele. Ficamos mais de meia hora assim, sem um único erro, até que Larri isolou a bola de propósito, soltando um urro de conquistador do mundo. Na mesma hora, ouvimos aplausos, assobios e gritos de "Maravilhoso!". Só então percebemos que tínhamos uma pequena plateia. Dois duplistas, o canadense Daniel Nestor e o americano Donald Johnson, haviam interrompido seus treinos devido à chuva e, vendo aquele espetáculo de troca de bolas, ficaram por ali assistindo. Mais tarde, depois que ganhei o título, Nestor seria o criador da expressão "Gugamania", que retratava que, além do título, eu tinha conquistado o carinho de todos.

Agora, no final de maio de 1997, a gente repetia numa quadra parisiense a catarse de Hamburgo. Para mim, era sinal de que alguma coisa diferente estava acontecendo, uma suspeita confirmada logo mais em dois outros treinos. O primeiro foi contra o chileno encrenqueiro Marcelo Ríos, então o décimo do mundo. Depois de meia hora na quadra, ele estava incomodado com meu jogo. Irritado, já tinha xingado o céu, reclamado, debatido com o treinador, jogado a raquete, a forma que ele encontrava para expressar a sua contrariedade em situações desfavoráveis.

No outro treino, pratiquei com o espanhol Alex Corretja, sétimo do ranking, que tinha vencido os maiores torneios no saibro daquela temporada. Corretja é muito mais tranquilo do que Ríos, não é chegado a extremos e arroubos. Mas, depois de uma saraivada de bolas precisas, tive até que amenizar para o cara não se sentir mal. Ficou claro que ele estava ficando desconfortável, meio sem graça debaixo de tanto acerto meu. Numa troca de lado de

quadra, Corretja comentou, meio sério, meio na brincadeira:

– Qué pasa, chico? Lo que estás jugando? Así te vas a gañar el torneo!

Com um elogio desse naipe, em três dias de treino meu nível de felicidade e contentamento foi às alturas. Larri ficava me enquadrando, insistindo para eu controlar a dose de animação, me devolvendo ao prumo. Tênis é um jogo que se ganha de dentro para fora. Sem o ponto de equilíbrio interno, o que pode dar errado dará.

Animado, me sentindo inspirado, mal continha a ansiedade de jogar logo. E aí, finalmente, chegou o grande dia da estreia no Roland Garros de 1997. Logo na primeira rodada, tive que encarar Slava Dosedel, o tcheco que havia pouco ganhara duas partidas seguidas de mim. Jogamos numa quadra periférica, com capacidade para trezentas pessoas, mas só com umas cem assistindo.

O tcheco tinha um estilo enganoso. De início, parecia que o cara não jogava nada. Vira e mexe, errava umas bolas simples. Mas aí, aos poucos, se esgueirando, na maciota, ele vinha vindo, colocava bem aqui, ia manejando ali, cortando os espaços, e aí, do nada, começava a dar umas paralelas de esquerda de cinema. Fora com essa artimanha que ele tinha me anulado nas duas vezes. Sem saber direito como contornar isso, eu estava incomodado com a ideia de virar freguês.

Já no final do primeiro set, ficou evidente que havia algo de diferente no meu jogo. Olhei para Larri, ele olhou para mim e nenhum dos dois entendia nada. Perguntei para ele: "O que está acontecendo?" Larri apenas sorriu. Dosedel era o mais perplexo de todos. Estava escrito na cara dele: "Quem é esse cara? É impossível que seja a pessoa de quem acabei de ganhar em Monte Carlo." Com o mesmo tênis fabuloso dos treinos iluminados, no que deve ter sido o set mais brilhante da minha vida até então, dei um espetáculo formidável. Fiz 6-0 em menos de vinte minutos. O que era aquilo? Eu tinha virado um mestre da Matrix, acessando de uma hora para outra um nível de excelência desconhecido no meu tênis?

O segundo set teve início e, nos primeiros saques do tcheco, repeti um negócio que tinha acabado de inventar e que parecia trazer sorte. Sei lá de onde tirei aquilo. Desde a metade do primeiro set, toda vez que Dosedel ia colocar a bola em jogo, eu ficava indo e voltando, dando um passo para a frente, outro para trás, como um pugilista estudando o momento de dar o bote. Era possível que aquela movimentação tirasse o foco dele, sei lá. A certeza era que os passinhos aumentavam minha concentração. Até o final do jogo, e também da minha carreira, tal dancinha viraria uma espécie de amuleto.

Depois daquele absurdo 6-0 no primeiro set, Larri olhava intrigado para mim. Seu rosto parecia um ponto de interrogação com uma única pergunta debaixo do boné: "Por quanto tempo o Cavalo vai conseguir sustentar esse volume de jogo?" Dosedel parecia seguro do que estava fazendo, dando a impressão de agir como se me atraísse para uma armadilha. Tinha parado com os erros fáceis e, seguindo a toada de sempre, agora colocava as melhores cartas na mesa, desferindo suas esquerdas matadoras na paralela. Mesmo sem o brilhantismo do primeiro set, eu prosseguia afiado, mas Dosedel ia se impondo cada vez mais. Fomos indo no

pau a pau, sem ninguém dar chance para o outro. Ganhei o segundo set por 7-5.

Na primeira bola do terceiro set, eu tinha duas convicções. A primeira era que realmente algo de muito especial estava acontecendo na minha estreia. A segunda era que nada me impediria de ganhar o jogo. Por mais que o tcheco me apertasse, eu não facilitava. Continuei firme, sem perder a concentração nem dar margem para a bobeira, a empolgação no ponto de equilíbrio. Depois de cada ponto que fazia, de cada game fechado, não baixava a guarda. Fui começando a ver a linha de chegada, a certeza da vitória crescendo. E aí o improvável se concretizou. Fechei o set em 6-4, liquidei o jogo: 3 a 0 para mim.

Com esse resultado, eu batia meu recorde em Paris. Aquela tinha sido a minha melhor performance em Roland Garros. No ano anterior, eu fora eliminado na primeira rodada. Agora já estava na segunda. Fosse lá o que viesse depois, já estava no lucro.

VACA NA PISCINA E VOLEIO NO PINGUE-PONGUE

A casa nova do Itacorubi era boa para os pais e maravilhosa para os filhos. Ficava na rodovia Admar Gonzaga, a SC-401, na subida do morro da Lagoa da Conceição, um lugar tranquilo. Pirambeira estreita e comprida, o terreno tinha 14 mil metros quadrados, maior do que dois campos de futebol, com mina d'água, macacos, bandos de aves, passarinho que fazia ninho na lareira e árvores frutíferas: laranja, romã, pitanga. Morei lá dos 4 aos 25 anos.

A casa até hoje pertence à família, embora esteja arrendada para uma entidade que cuida de idosos. Ao longo dos anos, anexos foram construídos. A planta original, no entanto, tinha quase 300 metros quadrados, formato de L, dois andares, três quartos e garagem grande, onde o pai colocou uma mesa de pingue-pongue. No quintal, churrasqueira e piscina. Na parte de trás, mais morros. Quase não tínhamos vizinhos. Nos arredores, poucas residências, todas modestas.

O terreno fazia divisa com uma fazenda, o que era bom, pois o dono trazia leite recém-tirado para nós toda manhã, mas também tinha desvantagem. Um dia, por exemplo, uma vaca atravessou a cerca viva e caiu na piscina. Imagina acordar de manhã e ouvir a piscina mugir. Tirar o bicho de lá deu um trabalhão. Tivemos que escoar toda a água e depois dar um jeito de içar uma vaca de quase 500 quilos esperneando em pânico. Para crianças como nós, parecia um espetáculo de circo.

Acervo pessoal

Família Kuerten reunida na piscina da casa no Itacorubi (Alice, Aldo, Rafael, Guga – atrás de Aldo – e Guilherme – à frente), em novembro de 1982.

Em mais uma de suas mirabolâncias, o pai quis fazer uma quadra de tênis na parte de trás da casa, mas não conseguiu atrair apoio para o seu projeto. De uma ponta a outra, o terreno tinha rocha e mais rocha. Para fazer qualquer coisa ali, até mesmo a churrasqueira, era preciso dinamitar as pedras. Mas as explosões rachavam os azulejos da piscina e provocavam vazamentos. Ao longo dos anos, foram diversas tentativas. Pelos cálculos da mãe, lá pela quinta, depois de mais uma explosão frustrada que destruiu mais azulejos do que rocha, ela chamou o pai e disse:

– Aldo, é a quadra ou o casamento!

Nós ficamos sem a quadra, mas, anos depois, mesmo na ausência do pai, eu me empenhei para realizar seu sonho. Um dia surgiu a chance e comprei por conveniência um pedaço de terreno do vizinho para construir uma quadra dura. Na época, dois anos depois de ganhar meu primeiro Grand Slam, a fazenda tinha sido vendida e o novo dono, demonstrando grande senso de oportunidade, estava construindo um condomínio chamado Roland Garros. Eu nunca tive nada a ver com isso, mas todo mundo achava e continua achando que era meu.

Se fosse dar crédito à imaginação popular, antes que 1997 terminasse eu já seria o rei do gado e dono do mundo. Além de imóveis em todos os bairros de Florianópolis, juravam que

eu tinha fazendas no interior, apartamentos em Paris, ilhas em Angra e umas dezesseis casas na Bahia. Se aquilo existisse, acho que levaria uns três meses para inspecionar as minhas propriedades.

Mas o fato é que, antes de Roland Garros, a única coisa que adquiri foi um apartamento de dois quartos em Balneário Camboriú, onde me tornei o vizinho de frente da oma. Era o meu quartel-general quando ia treinar com Larri por lá. Depois, até 1999, minha única aquisição foi o pedaço de terreno do vizinho para construir a quadra de tênis em homenagem ao pai, onde também praticava quando voltava a Florianópolis. Foi nela que aperfeiçoei boa parte do meu jogo em quadra dura. Como o pedaço já era nosso, ainda fiz lá um campinho de futebol para jogar com os amigos.

Na minha infância e adolescência, a monotonia nunca entrou na casa do Itacorubi, seja pelo lado das crianças, dos adultos ou da confluência dos dois. Se a gente não tinha companhia, eu e Rafa jogávamos gol a gol com bola de meia no corredor de casa. Um dia inventamos de jogar com bola de borracha e a parede ficou toda marcada. Quando viu aquilo, o pai apareceu na hora com água, pano e sabão para a gente limpar tudo. Nos fins de semana, quando não estávamos no clube, chamávamos os amigos da escola e os vizinhos e promovíamos as inesquecíveis Olimpíadas do Itacorubi.

Tínhamos muitas modalidades. Concorríamos em corrida, natação, vôlei na piscina, três dentro-três fora, futebol e pingue-pongue. Cada prova somava pontos para a colocação geral. No final do dia, entregávamos as medalhas. Pouca coisa me deixava mais feliz do que levar a de ouro, feita de qualquer coisa amarela ou brilhante. Eu estava lá no meio do morro, mas me via subindo no pódio em Los Angeles ou Seul, sentia que era feito da mesma fibra que Oscar, Bernard, Joaquim Cruz ou Hortência, brasileiros que me enchiam de orgulho e inspiração.

Além das Olimpíadas, organizávamos também memoráveis campeonatos de pingue-pongue nos fins de semana. Eles eram tão disputados que às vezes a garotada dormia lá em casa para continuar cedo no dia seguinte. A gente simulava as chaves de Wimbledon ou de Roland Garros, extraídas de uma revista, e cada um escolhia um jogador. Eu era sempre o McEnroe; Rafa, o Borg. Tirando esses dois, que moravam em forma de pôster na parede do nosso quarto, os demais garotos podiam ficar com todos os outros. Eu adorava aquilo, fingia que estava na quadra, tentava até dar voleio no pingue-pongue. Eram momentos maravilhosos, principalmente quando eu vencia e levantava as minhas primeiras taças de Roland Garros.

Durante os dias úteis, também era agitado lá em casa. Ainda que o Gui fosse pequeno e a gente evitasse sair por qualquer coisa, isso não refreava o lado sociável do pai. Logo no café da manhã, já perguntava para a mãe quem eles iam chamar de noite. “Mas, Aldo, sossega um pouco”, falava a mãe. Não adiantava. Na sequência, ele já estava sugerindo os nomes de pessoas que, no jantar, rachariam a pizza ou, se fosse inverno, aproveitariam as castanhas cozidas com ponche preparados pela mãe. Os convidados tanto podiam ser sócios do clube como os vizinhos que nunca tiveram dinheiro para frequentar um. Para o pai, jamais existiu esse negócio de rico e pobre, preto e branco, culto e semianalfabeto. Uma pessoa era uma

pessoa e estamos conversados.

Três vezes por semana, o pai ia para o clube depois do jantar. Eu e o Rafa só podíamos ir junto se já tivéssemos estudado para a prova ou feito a lição de casa. Deve ser por isso, por estar sempre correndo para acompanhá-lo, que minha caligrafia nunca foi boa. Eu começava os deveres na mesa da sala, mas, se não desse tempo, terminava no ônibus, no joelho, onde fosse possível, para estar com tudo em dia quando o pai fizesse a convocação. Mal terminávamos de comer, ele anunciava:

– Estou indo pro clube. Quem vem junto? Estou saindo daqui a pouco.

Sem convicção e esperança, a mãe repetia o "Sossega, Aldo" de todo dia, enquanto a gente escovava os dentes na pressa. Depois um pegava a raquete, outro a chuteira, agasalho para a mãe não ralhar se estivesse frio e nos juntávamos a ele na porta de casa, na maior felicidade.

Nos fins de semana a gente não saía do clube. Chegávamos ao LIC no sábado de manhã e só voltávamos para casa à noite. Aí dormíamos, acordávamos no domingo, tomávamos café da manhã e lá íamos de novo para o clube. Mas algumas vezes, por causa do Gui, a gente ficava em casa. Se estava calor, o pai ligava para os amigos, convidava para uma cerveja com camarãozinho e transformava a piscina em ponto de encontro.

Durante a semana, o pai e a mãe trabalhavam o dia inteiro e a nossa convivência com eles se restringia à noite. Eram duas ou três horas apenas, mas que a gente aproveitava muito. Quando não tínhamos convidados e o pai não ia ao clube, conversávamos com calma à mesa do jantar, contávamos como tinha sido o dia, num momento sagrado só nosso. Depois sentávamos no sofá e o pai tocava violão enquanto a mãe fazia cafuné na gente – tanto cafuné que a oma reclamava. "Se continuar assim, vai estragar os meninos, deixar todos eles mimados", ralhava minha avó, nascida em 1921 e criada em outros moldes educacionais.

Ao nos colocar na cama, a mãe fazia massagem nos pés, delícia sem preço na Terra. Quando cresci mais um pouco, aprendi que adultos também gostavam. Aí eu me dispunha a massagear os pés dela e do pai em troca de uma pequena fortuna, uns cinco reais em moeda de hoje. Nunca tinha visto tanto dinheiro junto de uma vez na minha mão. Meus primeiros rendimentos vieram daí. Eu me sentia muito adulto quando recebia o pagamento, influenciado sem saber pela atmosfera do protestantismo alemão que pairava sobre nós e prezava a austeridade, a disciplina e o trabalho como valores supremos.

Na casa do Itacorubi, eu e o Rafa desenvolvemos nosso instinto de sobrevivência. Com 12 anos, meu irmão ganhou de aniversário uma máquina de encordoar raquetes. Que eu me lembre, só existia mais uma em Florianópolis, na loja Esportiva, do Davi, da qual éramos clientes. O Rafa instalou a máquina no quartinho ao lado da garagem, o mesmo que, poucos anos depois, acomodaria o primeiro computador da família. Com o tempo, aquele cômodo se tornou uma mistura de escritório da casa e oficina do Rafa. Quando entrou na faculdade de Ciência da Computação, meu irmão mais velho se apoderou de vez dele.

Rafa estudava de manhã, treinava de tarde e, de noite, ia para o quartinho da garagem encordoar raquete. Cobrava 20 dólares por cada, o que lhe garantia um lucro de 13 dólares em

média. Quando as encomendas se acumulavam, eu pedia que ele me deixasse ajudar. Nesses casos, eu ficava com 40% do lucro (quatro dólares inteiros, outra fortuna para mim!) e ele com o restante. No começo, eu levava quase uma hora para encordoar direito. Depois aprendi a realizar o serviço em 15 minutos, o que quadruplicava meus ganhos numa noite.

Isso virou um pequeno negócio. Mais tarde, quando passei a viajar ao exterior para jogar, já sabia que, se encontrasse corda boa, inevitavelmente vendida mais barato do que no Brasil, podia comprar na hora. Isso aumentava a margem de lucro do Rafa, chegando a 15 dólares por raquete. Quando a mãe ia para o centro da cidade, a gente lhe entregava parte de nossos ganhos e pedia que fosse ao doleiro convertê-los. Naquele tempo, a inflação tinha disparado e a moeda americana, que nunca parava de se valorizar, era uma maneira de proteger nosso dinheiro. Mas, já então, a gente diversificava os investimentos.

Como a economia da época era imprevisível, também colocávamos dinheiro na poupança. Mensalmente, o governo anunciava o índice de inflação e a gente ia ao banco para atualizar a caderneta. Ali, o caixa calculava os rendimentos numa máquina a manivela, preenchia nossa caderneta a caneta e a devolvia. Os últimos dois metros na fila eram emoção pura. Eu ficava ansioso para descobrir quanto nossos ganhos tinham aumentado. Ingênuo como só, torcia para a inflação ser bem alta, para que o reajuste fosse grande e a gente tivesse mais dinheiro na conta.

Com os rendimentos do encordoamento de raquetes e das aulas de tênis, armazenados em dólar ou na poupança em cruzeiros, aos 18 anos o Rafa conseguiu juntar 7.500 dólares. Assim comprou seu primeiro carro, um Gol usado, recompensa justa por tanta mão dolorida de lidar com fio de nylon para cá e para lá. Meu irmão levou uns quatro anos para juntar essa quantia, numa pequena grande conquista familiar. Comemorei e vibrei, grudado ao meu irmão. Rafa estava fazendo a parte dele. Além de meu irmão, protetor e amigo, ali nascia o empresário, que continuaria cuidando de mim.

NÃO VOU ERRAR MESMO!

Aquela podia ser, até então, a maior tacada da minha vida. Depois de ganhar de Slava Dosedel, se superasse na segunda rodada o sueco Jonas Björkman, ganharia pontos suficientes para decolar da 66ª posição do ranking e, num único voo, aterrissar entre os cinquenta primeiros. Isso seria um recorde total para mim, mais uma marca digna de registro. Normalmente, eu levaria muitas semanas para chegar a essa colocação disputando os torneios menores da ATP. Uma nova vitória em Roland Garros, no entanto, faria com que desse um salto de meses em um dia.

O ranking da ATP relaciona basicamente os principais 1.500 tenistas em atividade, dos quais só os cem primeiros têm acesso a Grand Slams. O jogador que está na 50ª colocação ocupa uma posição curiosa. Ele já fez muito, foi longe demais, mas ainda não chegou aonde realmente interessa. Deixou para trás 97% da listagem, mas isso é só uma condição para continuar seguindo e alcançar a delícia dos 3% que estão no topo, a elite responsável pelas grandes atrações e as maiores atuações do tênis.

Björkman era o 23º do ranking. Apesar da boa colocação, nosso confronto era aquele tipo de jogo em que tudo podia acontecer, com o embate de dois estilos opostos. Eu gostava de disputa franca em campo aberto, de soltar o braço na troca de bola. O sueco adorava a combinação de saque e voleio, colocando bolas improváveis, correndo para a rede e fechando espaços a fim de encurtar os pontos. Eu esperava que meu jogo o incomodasse tanto quanto o dele me desagradava. A única semelhança entre nós era que, em momentos críticos, os dois não largavam o osso e tiravam forças do além para vencer a partida. Em situações em que nove entre dez tenistas afundariam, eu e Björkman continuávamos remando contra a correnteza até o fim.

Se estivesse apostando na loteria esportiva, não saberia que coluna assinalar. Björkman não tinha nenhuma dúvida. Para o sueco, eu era o desconhecido de quem ele não podia perder. Para mim, ele era a incógnita. Numa hora, achava que a balança pendia para o lado dele. E aí eu tinha uma sensação ruim: mais do que frustração, temia a desilusão. Com catorze anos em competições, eu vinha progredindo, mas não conseguia me firmar. Ganhava uma e perdia duas. Vencia duas e perdia cinco, numa oscilação desgastante.

O abalo, porém, era fugaz. Já no momento seguinte, espantava os pensamentos ruins e acionava o efeito Gui. “Um passo de cada vez”, eu repetia para mim mesmo. “Se concentra no

teu melhor.” Repassava a aula de tênis que dei contra Dosedel, me empolgava e o nível de confiança ia lá em cima. Quando entrei em quadra, já acreditava do fundo da alma que tinha chance. Mas, realmente, eu não esperava aquilo.

Logo na metade do primeiro set, parecia que o vigésimo do mundo era eu, e Björkman, um cara conformado com ser derrotado por um jogador muito superior. Quanto mais eu dominava, mais ele se desesperava. O sueco sacava, corria até a rede para dar o bote e então via seus planos frustrados. Eu mal dava chance para ele chegar perto, mandando a bola na forquilha. Ele caprichava mais e eu devolvia melhor. Assim foi o primeiro set, 1 a 0 para mim.

Eu tinha feito de novo, jogando num nível muito acima do habitual. O negócio agora era manter o padrão elevado. Sem ter muito mais para onde correr, Björkman apostava suas fichas na minha queda de rendimento. Esperava que, mais cedo ou mais tarde, eu cansasse, e aí seria a vez dele.

Mas no segundo set continuei dando show, numa apresentação mais empolgante ainda. Acertava umas paralelas lindas de esquerda, numa época em que ainda não havia consagrado o golpe como marca registrada. Era ace, winner, deixadinha, tudo funcionava. Magnífico, eu estava chegando lá. Depois da décima bola mágica, pouco antes de fechar o set em 6-2 e o placar chegar a 2 a 0 para mim, Björkman abriu os braços e falou para quem quisesse ouvir:

– Pô, você não vai errar uma?

Até então, só tinha escutado essa frase em treinos, nunca numa partida. No calor da hora, vinda de um sueco que depois chegaria a quarto do ranking, era inédita e desconcertante. Ficou difícil tirar aquilo da cabeça. Ainda acertei outras bolas de circo, mas aquele desabafo do sueco, sem que eu me desse conta, tinha refreado um pouco meu ímpeto matador.

Mesmo assim, rapidamente abri uma boa vantagem no terceiro set, 4-1. Fiz então mais uma jogada linda e o sueco repetiu o gesto, abriu os braços e comentou em voz alta:

– Não tem condição de jogar com esse cara, ele acerta tudo!

Depois desse novo elogio, me desconcentrei, e esse descuido custou caríssimo. A partir daí, fiz uma bobagem atrás da outra. Deu branco, desaprendi totalmente. Entreguei uma longa sequência de games. Sentindo-se revigorado com sua recuperação, Björkman mudou o comentário:

– Até que enfim, já estava mais do que na hora de você errar!

Animado, ele partiu para cima e encostou. Empatamos em 4-4 no terceiro set. Eu tentava, mas não conseguia reativar o lado vencedor. Mas tudo bem, aquilo era Roland Garros, e a terra da magia nunca me decepcionava. Se não estava dando na técnica, então eu ia seguir com o coração.

A partir daí, a partida virou uma espécie de vale-tudo físico e emocional, com os dois lados apelando para qualquer coisa. O sueco me encarava com expressão feroz, tentando deixar claro que estava mais de quarenta posições acima de mim no ranking e eu que me colocasse no meu lugar. Eu devolvia o olhar dizendo que aquele era o jogo mais importante da minha carreira, que a partida era minha e ele que se conformasse. Aí Björkman levantava os

braços, pedindo o envolvimento da plateia. Em resposta, o meu pessoal torcia mais alto que todo mundo. Fortalecido, o sueco venceu aquela queda de braço e o terceiro set. O placar da partida ainda continuava a meu favor: Kuerten 2, Björkman 1.

No quarto set, retomei meus melhores momentos, dando tudo, soltando o braço numa pancadaria só, mas o sueco também acertava bolas inacreditáveis. Era impossível prever o resultado, com tudo em aberto e qualquer dos dois podendo ganhar. Parecia que eu tinha uma flor na mão e estava disputando um bem me quer, mal me quer. A cada game, eu ficava oscilando, vou perder, vou ganhar, perder, ganhar... Empatamos em 5-5.

No game seguinte, passei à frente, louvado seja Deus, só faltava mais um para o passo inédito na carreira. Nervoso pra caramba, me agarrava ao efeito Gui para não pensar em passado e futuro. "Concentração total, só o presente existe, uma coisa de cada vez, vamos lá, Guga, não tira o olho da bola, só mais um ponto", repeti a frase umas dez vezes. Fui chegando mais perto. De repente, lá estava o match point. Mas eu não conseguia fechar a partida. Perdi as contas de quantas vezes tive que segurar o grito na garganta. Mais apegado ao osso do que nunca, o sueco não se entregava.

"Agora eu vou ganhar, só falta mais um ponto", pensava eu no terceiro match point, sem nenhuma dúvida de que ia conseguir. "Não tem mais jeito, é meu."

Eu fazia tudo certo, mas o sueco tirava coelho da cartola e me continha. Nas muitas vezes em que ele igualou, eu me descabelei. Lá pelo quarto ou quinto match point, a certeza tinha mudado.

"Nunca mais vou ganhar isto aqui", pensava com a mesma convicção com que, segundos antes, acreditava que o jogo era meu.

Bem me quer, mal me quer, aquilo já estava dando nos nervos. De repente, me enchi dessas idas e vindas, dos altos e baixos da montanha-russa. Nunca tinha ido tão longe, já tinha aprendido muito com o jogo anterior, aquilo era Roland Garros, agora eu tinha que resolver. O saque era dele, mas o match point podia ser finalmente meu. Me enfezei:

"Cara, manda aí, pode fazer o teu melhor que não vai ter jeito. Vou responder com uma bomba que tu não vai ver a cor da bola", desafiei com o olhar.

Björkman sacou com a competência que o elevou ao quadrante dos 25 melhores do mundo. Dominando sua técnica, correu para a rede. Especialista em voleio, só esperava a bola chegar até ele para me entortar. Mas ele não contava que a resposta viesse tão rápida, com uma devolução na veia, sem que ele tivesse tempo de avançar até a rede. Ponto meu. Fim de jogo. Vitória!

Eu estava na próxima fase, em mais um jogo da minha vida, contra o austríaco Thomas Muster, um dos adversários mais perigosos que enfrentaria. Eu queria muito ganhar, embora parecesse totalmente improvável. Fosse lá como fosse, já me sentia nos céus. Quando a semana virasse e a ATP contabilizasse meus pontos, eu teria chegado a um novo patamar na carreira. Mais uma missão cumprida. Finalmente, eu era um dos cinquenta melhores do mundo.

A MAIOR PERDA EM TODOS OS TORNEIOS

É triste perder. Aos 8 anos, tinha acabado de ser eliminado de um torneio no Clube Santa Mônica, em Curitiba. Não sabia se ia procurar diversão ou assistir a algum jogo dos meus colegas da equipe da Astel. Como sempre, a gente tinha ido para lá em turma. Às vezes, eram doze, quinze crianças apinhadas no micro-ônibus da Astel, com os motoristas Arapinha, Mãozinha ou Abelardo tentando se concentrar no caminho enquanto a gente fazia algazarra. Mas, muitas vezes, o transporte não estava disponível e os pais tinham que acompanhar a garotada, de ônibus ou com os próprios carros, seguindo em comboio pela estrada.

Era um tempo heroico, no qual havia mais boa vontade do que dinheiro e cada família se virava como podia para pagar a inscrição e as despesas de viagem. No que dizia respeito a mim, pelo menos podia contar com a verba que recebia da indústria de tecidos Schlösser, minha primeira patrocinadora oficial. A empresa me dava uniforme e algo como 300 reais por mês, que custeavam parte do transporte e das refeições fora de casa. Eu tinha o maior orgulho de vestir uma roupa com o símbolo de uma empresa, me sentia importante.

Nessa viagem a Curitiba, quem devia nos conduzir era o Carlinhos, apelido de Carlos Alves, nosso treinador na Astel. Mas ele teve um contratempo em cima da hora e ficou impossibilitado de ir. Avisou na terça que não poderia viajar na quarta. A maioria dos pais não tinha como faltar ao trabalho. Como meu pai tinha seu próprio negócio, pediu ao sócio para cuidar de tudo e assumiu a responsabilidade de ir com a garotada.

A mãe nos levou de carro à rodoviária, eu e o Rafa no banco de trás. Pouco antes de embarcar, o pai lembrou que estava com um bolo de cheques pré-datados de clientes no bolso.

– Alice, esqueci de deixar em casa. Fica com isso, por favor. Guarda para mim numa gaveta. Segunda estou de volta – pediu. Deu um beijo nela e subiu no ônibus para nos levar ao torneio. Conhecido como Centro-Sul, aquele campeonato regional reunia tenistas gaúchos, catarinenses, paranaenses e paulistas até 18 anos, divididos em categorias. Não havia prêmio em dinheiro, mas contava pontos no ranking nacional, o que era incentivo mais do que suficiente para dar o máximo. Ainda sem chance de chegar a uma final, eu vivia ali minhas primeiras experiências em competições contra adversários mais fortes, numa mistura de desafio e diversão, sendo que perder nunca me divertiu, mesmo sabendo que os caras eram melhores do que eu.

Eu estava na categoria de 8 até 10 anos. Rafael, então com 11 anos, disputava a faixa dos

10 aos 12. Meu irmão era bom, um dos três melhores de Santa Catarina e um dos principais do brasileiro em sua categoria. Nesse tipo de torneio, depois de assistirem aos jogos dos filhos, os pais se revezavam arbitrando as partidas de outros meninos.

Com o pai acompanhando minha partida, eu soltava o braço para fazer bonito. Mas o adversário era quase dois anos mais velho do que eu e, nessa idade, isso é uma diferença enorme. Perdi e fiquei chateado. Puxa, que droga, queria tanto ter lhe dado uma alegria. Guardei minhas coisas na raqueteira e, quando olhei, ele não estava mais lá. Já devia ter ido apitar em alguma outra quadra.

Fiquei sem saber o que fazer. Podia ir atrás dele, dos colegas ou ver se o jogo do Rafa já tinha começado. Também tinha a possibilidade de encontrar uma quadra vazia e chamar alguém para mais uma disputa. Mas decidi ir brincar para desencanar da derrota. Estava lá me divertindo quando um amigo da família, Marcílio Medeiros, pai da Renata e da Clarissa, que também participavam do torneio, veio falar comigo:

– Guga, precisamos ir embora.

– Como assim? Ainda tem campeonato, o pai está de árbitro, o Rafa ganhou, vai jogar de novo.

– Não vai ter mais. Você e o Rafa vêm comigo, estamos indo para casa, sua mãe pediu.

– Mas o que foi? Aconteceu alguma coisa com o Gui? A oma? Cancelaram o torneio? Adiaram, transferiram?

Eu não tinha a mais leve suspeita do que podia ter acontecido. Marcílio me enrolou, não respondeu nem sim nem não, só disse que precisávamos achar o Rafa e partir logo. Então colocou nós dois no banco de trás do carro e pegou a estrada. Se a gente perguntava de novo, ele desconversava.

Chegamos a Florianópolis de noite. O carro fez a curva devagar, subindo o morro, e foi se aproximando de onde morávamos. Eu e Rafa nos espichamos por cima do banco do passageiro para olhar o incomum monte de veículos parados dos dois lados da rua. Tudo era muito estranho. Marcílio acelerou para o carro escalar o ladeirão. Na frente de casa, também não havia mais lugar para estacionar, com um automóvel fechando a saída do outro. O que está acontecendo?, eu e Rafa nos perguntávamos numa troca ansiosa de olhares.

A resposta veio rápida. A mãe saiu correndo e veio nos receber. Sentou com os filhos num banco da varanda, colocou os braços ao redor de nós dois e explicou que a gente tinha perdido o pai, que ele tinha morrido durante o torneio de Curitiba. Aquilo não era possível, super-herói não morria. Eu não podia acreditar. Começamos a chorar. Ela nos abraçou com força e disse:

– Agora somos só nós três e o Gui. Mas juntos a gente consegue. Vai dar tudo certo, a gente vai lutar, vai seguir em frente e vencer.

Depois a mãe nos levou para dentro, mandou tomar banho, deu alguma coisa para comer e nos colocou na cama. O corpo do pai ainda não tinha chegado. Soube depois que ela podia ter ido esperá-lo no Instituto Médico Legal, mas não quis sair do nosso lado. Não queria que nos

sentíssemos mais desamparados.

Só depois, no dia seguinte e nos demais, é que a mãe pôde contar com calma o que tinha ocorrido. Logo após assistir ao meu jogo, o pai foi arbitrar uma das partidas do torneio. De repente, sentiu-se mal. Desceu da cadeira e falou para a primeira pessoa que viu:

– Arranja outro juiz que estou tendo um infarto...

Do outro lado da quadra, o pai de um dos jogadores filmava a partida. Esse homem era médico, percebeu logo que alguma coisa estava errada e saiu correndo para acudir. O clube tinha ambulatório, caixa de primeiros socorros, doutor de plantão, mas nenhum desfibrilador nem comprimidos destinados a ataques cardíacos. Não tinha como meu pai ser acudido ali.

Zeca Santiago, um dos treinadores de tênis mais conhecidos de Santa Catarina, colocou o pai no carro e correu para o hospital mais próximo. No caminho, meu ídolo teve mais dois infartos. A certa altura, com dor e dificuldade para respirar, fez um esforço para transmitir um recado à mulher. Tirou do pescoço o grosso cordão de prata com crucifixo que a mãe tinha dado de presente para ele e o estendeu.

– Zeca, entrega isso para a Alice... Diz a ela que eu a amo muito.

– Você mesmo diz.

– Não...

Ele sabia que não tinha mais jeito. Pouco depois, parou de lutar e ficou em silêncio. Quando chegaram ao hospital, não havia mais o que fazer. Era uma sexta-feira, 24 de maio de 1985, no final da tarde. Meu pai tinha morrido, aos 41 anos. Depois de 12 anos de casamento, deixava a mulher de 35 anos e os três filhos, Rafa com 11, eu com 8 e o Gui com 5. Diante do inevitável, Zeca avisou minha mãe e o pessoal do clube e foi então que o Marcílio Medeiros nos localizou, colocou no carro e levou para casa.

Depois de ouvir a mãe contar como tinha sido, o Rafa comentou:

– Bem que eu achei que alguma coisa ia acontecer.

– Por que você está dizendo isso?

Então ele relatou uma história assombrosa, de arrepiar. Mais ou menos três horas antes de morrer, na hora do almoço, o pai tinha ido ao banco com o Rafa para sacar dinheiro. O pai era expansivo e brincalhão, mas também reservado, não costumava se abrir nem falar de preocupações, menos ainda com os filhos. Na volta do banco, porém, antes de entrar no Clube Santa Mônica, ele fez uma coisa inusitada e inédita. Em tom sério, quase solene, falou sobre o futuro. Indicando a beira da calçada, convidou o filho mais velho a acompanhá-lo e escutá-lo:

– Senta aqui um pouco comigo, Rafa. Olha, você precisa ajudar a mãe. O Gui dá trabalho e você não pode deixá-la sozinha. Cuida também do Guga. Estou meio preocupado com essa vontade dele de querer ser jogador de futebol. Fala para o Guga não desistir do tênis que ele ainda vai ser um dos maiores.

Vegetariano, o pai não comia carne vermelha, bebia e fumava pouco, era magro, regrado e esportista desde os 12 anos, não tinha histórico de doença cardíaca na família. Não dava para entender por que ele tinha falado daquelas preocupações, menos ainda naquela hora, sem nada

que indicasse o que estava para acontecer. Hoje, a gente tem certeza de que a conversa com o Rafa foi uma despedida. Ele pressentiu que, dali em diante, não estaria mais com a gente e, cumprindo seu papel de pai, quis orientar a família pela última vez.

O enterro de Aldinho também foi uma coisa assombrosa. Sempre soube que ele era querido e vivia cercado de amigos, mas nunca tinha visto tanta gente junta. Eu não fui o único a me espantar com aquela quantidade de pessoas num acontecimento desse tipo. Tio Silvio, irmão do pai, comentou:

– Depois de Nereu Ramos, esse deve ser o maior enterro do estado – disse, referindo-se ao único catarinense que chegou à presidência do Brasil.

Nesse dia, porém, a cena mais marcante ocorreu quando o Pitoco veio falar comigo. Ele formava com o Parrudo a dupla de boleiros do pai na Astel. Carinhoso, chegou do meu lado, colocou a mão no meu ombro e, em tom encorajador, disse:

– Guga, teu pai falava que um dia tu ia ser campeão de tênis. Daqui pra frente, tem que se empenhar para fazer isso, por você e para o Aldo.

Foi uma surpresa. Jamais imaginei que meu pai pensasse uma coisa dessas de mim. Ele nunca me disse, provavelmente para eu não criar expectativa nem querer viver o sonho dele, e sim cultivar meu próprio caminho no tênis. É normal que os pais sonhem que os filhos possam ir além deles. Desde novinho, eu levava jeito, era bom jogador. Mas campeão?! Eu, o filho magrelo, avoado e desengonçado?! De onde ele tirou isso?

Fiquei relembrando o pai me vendo jogar. Numa das primeiras vezes que viajou comigo para me ver disputando torneio fora de casa, ficou bravo porque eu perdi na primeira rodada, no Clube Paineiras, em São Paulo. Mas também era verdade que ficou orgulhoso numa das últimas vezes que me viu em quadra. Como diretor de tênis do LIC, o pai organizava torneios. Em maio de 1985, dias antes de morrer, promoveu um no qual os pais jogavam com seus filhos. Ele e Rafa fizeram dupla na categoria A. Foram vice. Eu e a mãe jogamos na B. Fomos campeões. O prêmio era um jantar com direito a acompanhante. A mãe convidou o pai, eu chamei o Rafa, e, assim, tivemos um dos nossos raros jantares fora de casa, o último com os quatro juntos.

Mais tarde, perguntei à mãe se aquilo era mesmo verdade, se o pai realmente achava que eu tinha futuro no tênis. Ela disse que sim, que, mais do que esperança, às vezes o pai falava de um jeito como se tivesse certeza de que eu seria um grande campeão.

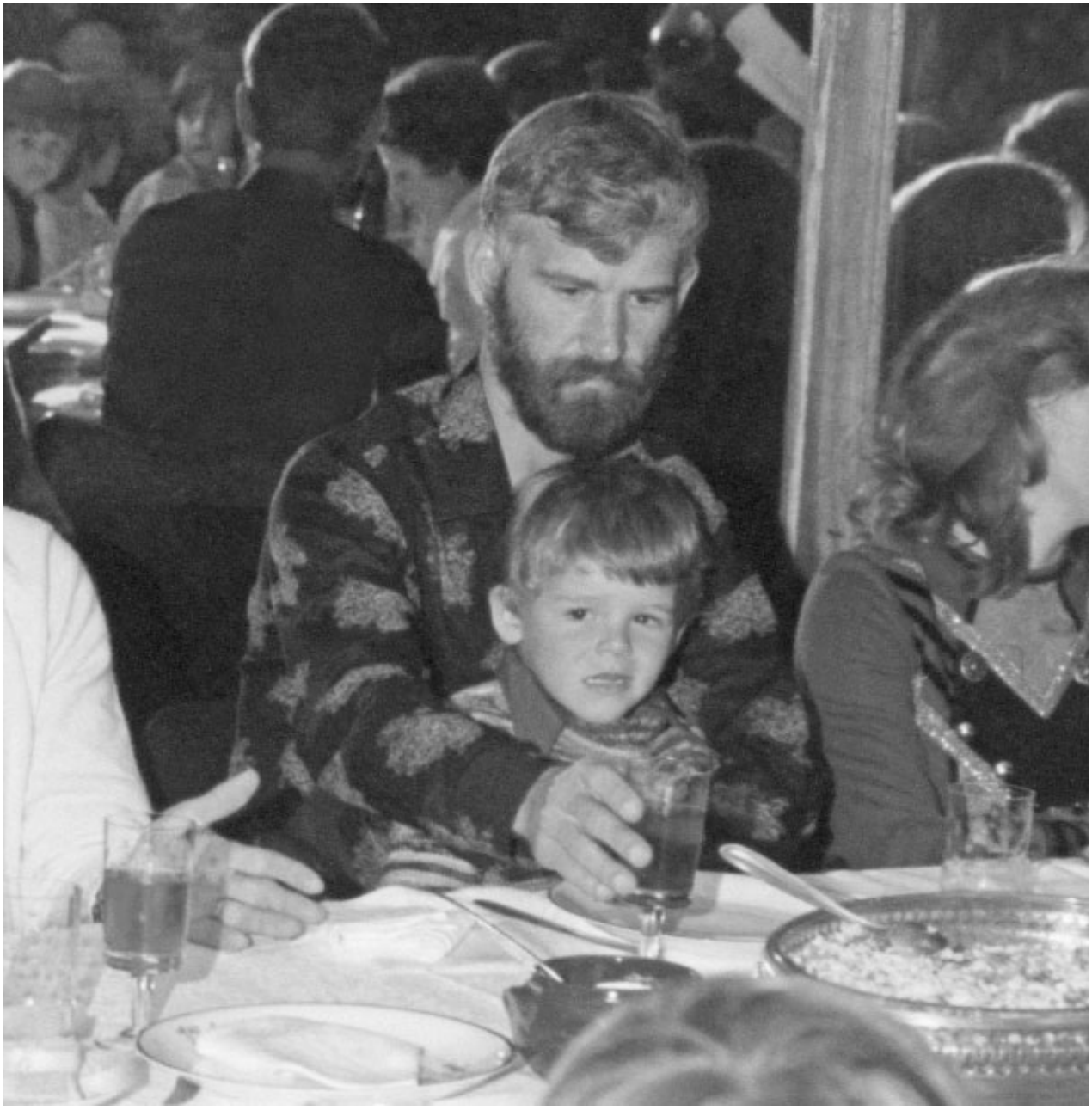
– Mas o que foi que ele viu em mim, mãe? – perguntei.

– Guga, eu queria muito te dar a resposta, mas não sei. O Aldo só falava que tu era aguerrido e arrojado, que não desistia nunca e que ia ser um vencedor, um dos melhores do mundo.

Em 1997, quando ganhei o primeiro título em Roland Garros, um repórter perguntou se eu também ia dedicar a vitória a meu pai.

– Não, não precisa – respondi. – Dedico todos os dias da minha vida a ele.

Acervo pessoal



Aldo e Guga no jantar de encerramento do ranking de tênis do LIC, em 10 de outubro de 1980.

A ZEBRA FELIZ NO CEMITÉRIO DOS CAMPEÕES

Versão parisiense da antiga 2 de Wimbledon, a quadra 1 de Roland Garros era conhecida como o cemitério dos campeões. Muitos gigantes tinham caído nela, abatidos por uma sucessão de zebras. Foi na 2 de Wimbledon, por exemplo, que o heptacampeão Pete Sampras perdeu em 2002 para o suíço George Bastl, 145º do ranking. Das dezoito quadras de Roland Garros, a 1 é a terceira maior, vindo atrás da Suzanne Lenglen e da Philippe Chatrier, a central. Mesmo que não ligassem para a superstição embutida no apelido, algumas estrelas do circuito ficavam incomodadas por terem que jogar lá. Habituadas às quadras principais, consideravam a 1 um rebaixamento, algo que não estava à altura delas.

Contra todas as expectativas, eu tinha vencido as duas partidas anteriores. Agora era ali na quadra 1 que, pela terceira rodada de Roland Garros, no final de maio de 1997, eu enfrentaria o austríaco Thomas Muster, terceiro do ranking e ex-número 1, um gigante do tênis com fama de imbatível no saibro. Se os campeões evitavam o cemitério, as zebras agradeciam a oportunidade de jogar num lugar em que tinham mais chance de ser felizes. Com um inimigo tão poderoso à frente, a superstição não deixava de ser uma arma para me apoiar e dar esperança.

Com capacidade para 8 mil pessoas, a quadra 1 é um estádio. Antes, eu só tinha jogado em quadras periféricas, uma do lado da outra, com arquibancadas para quinhentas almas. Agora, numa mudança violenta de perspectiva, estava no meio de um buraco grandioso. A luz era diferente, entrava no ângulo que a inclinação da arquibancada permitia, refletindo nas faixas ou placas de publicidade. Nas periféricas, um jogador na quadra 6 assiste ao jogo da 7 e ouve os xingamentos e as reclamações vindos desta. Na 1, só existem você, o adversário e, conforme o caso, os gritos da plateia ou um silêncio tão intimidador que pode perturbar mais que o próprio adversário.

Depois da segunda rodada, os jogadores passam a treinar na mesma quadra em que vão disputar o próximo jogo. Essa medida existe para amenizar o impacto do choque cultural, da diferença entre bater bola no clube e disputar jogo no Maracanã. Depois de uma vida na periferia, agora eu tinha sido promovido e, pela primeira vez na carreira, saboreava a quadra 1 no treino. Com as arquibancadas vazias, a voz de Larri ecoava:

– Se liga, Cavalo, presta atenção, se concentra na esquerda cruzada. Capricha no ângulo. Isso, abre a quadra para tu ser feliz na paralela. Acredita, Cavalo, tu vai ganhar o jogo desse

jeito.

A gente praticava que nem maluco, só parando para comer e dormir, com poucos momentos de relaxamento. Quando aparecia a chance, na horinha do descanso, eu me enfurnava no piso subterrâneo debaixo da quadra Suzanne Lenglen, destinado aos juvenis. Era àquele lugar que eu estava habituado, sabia onde ficava a comida, o suco, a diversão, me sentia bem, não tinha que ficar perguntando nada. Então ia para lá e me entretinha nas máquinas de fliperama. Adoro competição desde que me entendo por gente – do tênis ao Atari, aquele era o meu universo.

Assim que terminei o aquecimento de uma hora e meia com Larri, pouco antes de entrar em quadra contra Muster, ainda achei outra brecha para jogar uns quinze minutos de fliperama. Era um jeito excelente de aliviar a tensão e relaxar para a disputa que vinha pela frente. No vestiário, com a roupa trocada, voltei a aquecer, enquanto Larri fazia sua última recomendação:

– Não esquece, esquerda cruzada e depois paralela, abre a quadra e fulmina. Faz assim que a oportunidade vai aparecer, é só esperar. Acredita, Cavalo, acredita.

Eu estava a minutos de enfrentar o mesmo cara que, pouco antes, numa partida de duplas comigo e Jaime Oncins pela Copa Davis em São Paulo, tinha sido chamado de gay pela torcida e abandonara o jogo. Ao entrar em quadra, ninguém falou nada, embora eu e ele soubéssemos que a provocação também estaria em jogo. O austríaco devia estar louco para tirar aquilo a limpo, me despachando o quanto antes.

Com ou sem clima de revanche no ar, Muster era perigosíssimo. Mas também era fato que ele vinha dando umas derrapadas na temporada, sinalizando que podia não ser mais o campeão imbatível dos anos anteriores. Era a isso que eu me agarrava, além da superstição da quadra e do meu volume crescente de jogo. Mas, quando a partida começou, me surpreendi com a habilidade dele. Paguei o preço por ter questionado sua capacidade. Muster continuava sabendo jogar como o campeão que fora e ainda queria ser.

Eu não estava acostumado com aquilo. Era coisa demais para administrar: a ansiedade, a excitação, o ambiente desconhecido, um adversário que estava entre os três melhores do mundo. Canhoto, o austríaco me desestabilizava. Só vinha bola torta, o cara era muito rápido, corria demais, estava em todos os lugares. Cadê a oportunidade de que o Larri tinha falado no vestiário? Muster não baixava a guarda. Com quinze minutos de jogo, eu já estava ofegante, consumindo uma energia enorme para chegar às bolas. A perspectiva de aquilo continuar assim começou a me dar agonia. Cansado, tenso e preocupado, eu não ia durar muito. Depois de um primeiro set duríssimo, que perdi no tie-break, sentei e pensei:

"Dancei. Um a zero pro cara. Como é que vou aguentar isso? O jogo mal começou e já estou morto."

Aí olhei para o lado e, baita surpresa!, lá estava a resposta. Muster parecia estar do mesmo jeito que eu, sofrendo com o cansaço.

Apesar de momentaneamente destruído, preparo físico eu tinha. Além disso, havia minha esquerda cruzada, arma que me ajudaria demais nesse jogo e, mais tarde, ao longo dos anos,

me consagraria. Haveria ainda outro trunfo, uma arma reserva que até então eu ainda não sabia manejar direito. Larri já tinha exposto a teoria centenas de vezes, mas foi só ali, na partida contra Muster, que a tese ficou clara na prática. Até então, para mim, jogar bem era mandar porrada em 100% do tempo, do início ao fim. Larri dizia que eu precisava mudar isso. Tinha que aprender a me poupar. Em vez de fazer força o tempo todo, sem pausa, tinha também que pensar com sutileza, colocar efeito, deslocar, dar golpes que, combinados com os torpedos, pudessem levar o adversário à loucura.

Nasceria ali, no aprimoramento dessa combinação de opostos, um novo estilo de jogo no saibro. Até então, ou o jogador soltava o braço, ou era mais conservador, administrando a partida e colocando os golpes. As duas coisas somadas no mesmo tenista eram uma novidade naquele momento, uma técnica mais agressiva que veio à tona num instante de pura necessidade.

Foi sensacional quando o plano e a execução se combinaram, os dois andando juntos. Ficou tudo mapeado, com a sensação de que eu tinha assimilado um novo jeito de jogar. Sem pensar no que estava fazendo, a ação era automática, com cálculo impecável na sutileza e na porrada. Em resultado, meu grau de acerto e controle foi às alturas, com o nível de consistência que tanto busquei.

Alternando jogadas, fui para cima. Mal dava para acreditar. Não errava uma. Acertava na cruzeta, na rebimboca da parafuseta, só faltava fazer chover. Para cansar o cara, deslocava-o para cá e para lá, que nem para-brisa, fazia-o correr para a frente e para trás, depois dava martelada sem apelo. Lá pelas tantas, Muster abriu os braços, berrando na quadra:

– Que droga é essa? Quem é esse cara? O que tá fazendo? Pô, assim, não dá, para de dar bola impossível.

Eu já tinha visto aquela história na partida contra Björkman, quando o elogio em tom de desabafo tirou um pouco do meu ímpeto. Agora não ia me deixar amolecer por palavras doces. Se o cara estava chateado com bola boa, então eu ia deixá-lo arrasado com jogada esplêndida. É formidável quando planos perfeitos são bem executados. O set acabou 6-1 para mim, uma escovada no ex-campeão. Empatei a partida, 1 a 1.

Se eu tinha feito uma vez, podia fazer a segunda. No set seguinte, sustentei o nível. Muster e o mundo mantinham a expressão incrédula. Não era possível que o garotão desconhecido continuasse a jogar daquele jeito. Só ídolos do passado seguravam um rojão tão alto por tanto tempo. O austríaco apostava num fraquejo que não estava existindo. Fechei o set e virei o jogo, 2 a 1 para mim.

No intervalo, Muster parecia chocado com a possibilidade de não vencer. Não era todo dia que um novato deixava um ex-campeão aturdido com aquele volume de jogo. Do meu lado, por mais empolgado que estivesse, não era todo dia que ficava cansado daquele jeito. Aquele grau de exigência ia além do que eu já tinha experimentado. Mesmo no banco eu continuava sem fôlego. Até aí, tudo bem, talvez nem tivesse como ser diferente. Mas meu erro foi demonstrar ao adversário que estava de língua de fora. Muster olhou para o lado e aí foi a vez

dele de enxergar a oportunidade. Acreditando que eu já tinha dado tudo o que podia, o austríaco se empolgou.

No quarto set, apostando no meu cansaço, Muster voltou a ser o gladiador sanguinário dos velhos tempos, o cara que todo mundo temia. Um gigante em quadra, anulava quase tudo que eu fazia. Simplesmente não havia como segurá-lo. Ele venceu o set. O jogo ficou empatado em 2 a 2. Fomos para o set derradeiro.

Depois do baile, Muster voltou ao banco como se fosse o senhor da guerra que deu uma lição definitiva no recruta atrevido. Eu tentava não demonstrar de novo o quanto estava moído, enquanto tentava encontrar um jeito de não deixá-lo me levar para as cordas mais uma vez. Se isso acontecesse, não enxergava como sair da enrascada.

No começo do quinto set, vi a viola indo pro saco. O austríaco despejou em cima de mim uma intensidade de jogo ainda maior do que antes. Parecia uma queda de braço entre adulto e criança. Ele quebrou meu saque, controlou a partida como se quisesse deixar claro quem mandava ali. Fez 3-0 no quinto set, uma vantagem praticamente irreversível àquela altura. Nas minhas sete partidas no Roland Garros de 1997, foi a situação mais crítica, o momento mais alarmante. O sonho estava chegando ao fim.

Quando sentei no banco na virada de lado, depois de ser trucidado daquele jeito, minha sensação era de que o jogo já tinha terminado. Eu me sentia sem força, energia, esperança, me via aniquilado. Soltei a raquete, olhei para trás e falei para Larri e Rafa, que estavam na primeira fileira da arquibancada:

– Não dá mais, acabou. Tô dando tudo, mas esse cara é de outro mundo, pega até pensamento. Não aguento mais, para mim chega, não consigo.

Meu irmão mais velho é uma das pessoas mais controladas que conheço. Não eleva a voz. O prédio pode estar desabando que ele, sem se desesperar, vai dar um jeito de encontrar a saída. Mas aquela foi uma das raríssimas vezes que vi o Rafa perder o controle e se exaltar:

– Que história é essa? Como que não dá, cara? Olha onde tu está. Já viemos até aqui; se liga, Guga. Tu não pode desistir. Para com isso de já era, entra lá e faz o que tu sabe.

Em um momento em que não acreditava mais em mim, me agarrei ao incentivo de meu irmão, o cara que eu queria imitar na infância, que tinha deixado de viajar com a namorada pela Europa para me apoiar. As palavras dele foram a boia e o motor ao mesmo tempo. Voltei disposto a represar o dique. Como não tinha mais tanta força física, fui para o extremo do risco, comecei a variar o tempo inteiro, dando muita deixadinha e alternando soltando o braço. Acertei tudo. Aquilo desorientou Muster. Fiz meu saque, quebrei o dele e depois confirmei novamente para empatar e deixar tudo igual: 3-3 no set decisivo.

Rafa parecia em transe. Larri mal se mexia, como se um movimento brusco pudesse quebrar minha recuperação. Metade da plateia estava abobalhada; a outra, atônita. Muster parecia mais perplexo do que todos, com aquele jeito de “Mas de onde o cara está tirando isso?”.

Minha empolgação era tão grande que o cansaço sumiu e me senti fresco de novo. Se fosse

necessário, seria capaz de jogar mais três horas seguidas. Foi a primeira vez na carreira que tive uma recuperação tão repentina e poderosa. Minutos antes, eu mal levantava da cadeira, e agora me via pronto para a maratona. Quando eu achava que só tinha uma gota, descobrir que havia mais café no bule foi fundamental naquele momento e essencial nos jogos que viriam.

Depois de tirar uma desvantagem tão grande, senti que o jogo estava mais para mim do que para ele. O austríaco discordava. Sem dar margem, Muster sacou e fez 4-3. Eu, jogando inspirado, empatei, 4-4. A essa altura, era impossível dizer para qual lado a partida ia se inclinar. Sacando de novo, Muster acreditava que tinha tudo para decidir ali. Mas foi aí que a torcida ganhou o jogo para mim. Depois do incentivo do Rafa, alguém na plateia gritou:

– Allez, Gugá!

Foi a primeira vez que escutei isso. Antes já tinha ouvido os franceses dizerem "Allez" para compatriotas ou ídolos mundiais. Para mim, com o meu nome depois do verbo de incentivo, era inédito e quase inacreditável. Ao primeiro "Allez, Gugá" se juntaram outras vozes e mais outras. De repente, parecia que o estádio inteiro me empurrava para ir em frente, gritando a mesma coisa. Então vamos lá, Guga.

Impulsionado pela torcida, quebrei o saque de Muster, fiz 5-4 na reta final. No intervalo da troca de lado, dei uma mordida na banana e pus a toalha na boca enquanto mastigava. Larri e Rafa se esgoelavam, me mandando ir para cima dele. Pensei, com a toalha quase sendo trucidada pelos dentes:

"Guga, agora não tem mais essa de ficar pensando se vai por aqui ou por ali. O jogo está definido, na tua mão, mantém a estratégia e o ímpeto matador. Não dá espaço para a bobeira agora. É ganhar ou ganhar."

Sob os gritos da torcida, de Larri e de Rafa, fui com tudo. Alarmado com a possibilidade de perder a partida, o ex-campeão Muster fazia o seu melhor. Mas, mesmo com o máximo do outro lado, com a inspiração que eu estava, com o incentivo dos franceses, com os gritos do meu irmão, eu estava pronto para ganhar. Mantive meu serviço e fechei o set, 6-4 para mim. Ganhei a partida com um espetáculo de tirar o chapéu. No mesmo instante, virei para a plateia, apontei para o Rafa e gritei:

– Essa foi para ti! Para ti!

Aí cumprimentei Muster e o juiz. A plateia aplaudia de pé. Dei um jeito de escalar a arquibancada para abraçar meu irmão. Ao lado dele, Larri comemorava, embora parecesse estar num transe maior do que antes. Rafa me enganchou num abraço de campeão, com a felicidade de ambos se enlaçando como se aquele fosse nosso maior momento juntos.

– Obrigado, Rafa, tu me salvou.

– Tu conseguiu! – vibrou meu irmão.

Jacques Demarthon / AFP

Guga cumprimenta o austríaco Thomas Muster depois de vencê-lo pela terceira rodada do torneio.

– Mas até agora não sei como. Não acredito que fiz isso. Só sei que foi por ti – respondi.

Na verdade, ninguém acreditava. Na mesma hora, os repórteres que me viram abraçar o Rafa quiseram saber quem era ele. Larri teve que sair correndo até o vestiário para me encontrar, tentando se esquivar de jornalistas que perguntavam se ele era meu técnico e o que tinha a comentar sobre aquela vitória. De um minuto para outro, a gente tinha saído do anonimato e virado notícia de jornal.

Até então, nas entrevistas que eu dava depois dos jogos, só me via diante de uns três repórteres brasileiros e mais dois perdidos. O Brasil não tinha tradição no tênis, a cobertura completa do evento não se justificava para jornais, revistas, rádios e emissoras de televisão nacionais.

Depois de vencer Muster, no entanto, a sala de imprensa tinha gente para todo lado: brasileiros, alemães, americanos, espanhóis, franceses, russos, asiáticos, africanos, australianos. Mais tarde, ao voltar para o hotel, também encontraria jornalistas me esperando com bloco de anotações ou câmera ligada. Queriam saber tudo ao mesmo tempo sobre o

catarinense cabeludo e desengonçado que ganhara de ex-campeão jogando de uniforme azul e amarelo, mordia toalha no intervalo e comia banana, coisa que ninguém tinha visto antes.

A cada resposta que eu dava, os caras pareciam acreditar menos no que haviam visto. Que figura era aquela? Brasileiro, chamava a avó de oma. Em vez de jogar futebol, surfava e jogava tênis de um jeito diferente. Não tinha nascido num grande centro, mas numa ilha. Música? Adorava Bob Marley em primeiro lugar e depois Guns N' Roses, mas também curtia samba, pagode e MPB. Tocava violão, aprendeu sozinho em revistas de cifras vendidas em banca de jornal. Era bom contador de piadas, andava com revistinha de anedotas na mala. Por mais que eu falasse, eles queriam saber mais: minha comida preferida, se namorava, desde quando Larri me treinava, se tinha imaginado que um dia chegaria aonde estava, quem eram meus ídolos.

No dia seguinte, abri os jornais franceses e não acreditei que estava lá. Eram textos pequenos, mas todos favoráveis, me tratando como um alegre prodígio. Na quadra, falavam que eu jogava tênis como os ilustres, embora me vestisse de azul e amarelo. Brincavam que, no dia a dia, eu parecia mais um garotão jogando fliperama e usando moletom e bermuda, um esculacho para a elegância parisiense. Do dia para a noite, se divertindo com meu jeito de ser, todo mundo estava me tratando como celebridade.

Era difícil saber qual dos dois lados estava mais espantado, se os jornalistas ou eu. Pelo histórico, era na partida contra Muster que eu deveria ter parado. Isso seria o normal, o provável e o lógico. Se tivesse sido assim, eu já estaria num lucro respeitável, contabilizando pontos pra caramba por ter chegado à terceira rodada. Mais longe do que isso, ninguém acreditava: jornalistas, especialistas, Larri, meu irmão, a mãe, os amigos, todos que apostavam em mim, inclusive eu. Mas tinha acontecido, e agora, pela primeira vez, as pessoas me paravam na rua para dar os parabéns e dizer que estavam torcendo pela minha próxima vitória.

Em vez de ter acabado, tudo estava só começando. Um novo jogador, um novo estilo no saibro, um novo eu. Meu apelido começava a ser pronunciado de todos os jeitos: Guga, Gugá, Googa – um nome simpático e fácil de guardar em todas as línguas. Naquela vitória, tinha sido dado o primeiro passo para a transformação do desconhecido Guga dos clubes de Florianópolis no famoso Guga das quadras mundiais.

Acervo pessoal

Guga com Rafael, Letícia, Cássio Motta, Paulo Cleto, Antônio Carneiro, Luiza, Braguinha e Larri. Rafa está no mesmo assento em que viu o irmão ganhar de Muster dois dias antes.

A QUADRA, NOSSO SANTUÁRIO

Aos 41 anos de idade e doze de casamento, o pai não imaginava que ia morrer cedo. Não deixou testamento nem seguro de vida. Não tinha economias. O único dinheiro que um dia sobrou ele usou para construir e depois melhorar a casa do Itacorubi em que a gente morava. Dois anos antes de morrer, na sua serralheria, tinha deixado o ferro um pouco de lado e apostado em esquadrias de alumínio, liga metálica moderníssima na década de 1980, mais resistente que madeira e que não oxidava como o ferro.

Por muito tempo, o pai manteve a família fazendo uma janela aqui, uma esquadria ali, mas, nos últimos anos, vinha prosperando. O país estava vivendo o boom do alumínio, todo mundo queria essa novidade em casa. Além das vendas picadas, tinha contratos grandes para instalar esquadrias em condomínios inteiros, alguns de luxo. No mês em que teve o infarto, estava engatando o maior negócio de sua vida. Tinha acertado que seria representante comercial em Santa Catarina das duas principais fabricantes nacionais de alumínio, a Alcan e a Alcoa. Finalizava a montagem de dois escritórios, um em Camboriú e outro em Tubarão, quando teve que subir no ônibus para levar os dois filhos mais velhos ao torneio no Clube Santa Mônica, em Curitiba. Já tinha até recebido uma carga enorme de alumínio, guardada num depósito.

Apesar dos bons negócios, dinheiro à vista era raridade no dia a dia. A maioria dos pagamentos era feita com cheque pré-datado ou, mais comumente, na base da permuta. Foi assim que o pai engordou o patrimônio familiar. Em troca de seus serviços, recebia joia, lote de cobertor, móveis, terreno, moto, etc.

Desde o início do casamento, o combinado entre o casal Kuerten era que o pai investiria no crescimento da empresa e nas melhorias na casa, enquanto a mãe cuidaria das contas domésticas. Quando o pai se foi, a mãe, aos 35 anos, ficou numa encruzilhada. Não sabia se tentava continuar a empresa do pai ou permanecia no emprego que já pagava luz, água, telefone, roupa, comida e educação dos filhos. A vantagem da empresa era que o alumínio estava em alta no gosto popular e as encomendas só tendiam a crescer. Mas a mãe não entendia nada de vendas e o Rafa, com 11 anos, era muito novo para cuidar de um negócio.

Fazia seis anos, desde junho de 1979, que ela havia sido uma das fundadoras da Astel, criada para oferecer esporte e lazer às famílias de quem trabalhava na Telesc. A mãe fazia o que gostava, seguia sua vocação como a responsável pelo departamento de assistência social da empresa. O salário era bom, suficiente para honrar todas as nossas despesas. Porém, mais

importante, ainda havia o plano de saúde, fundamental para quem tinha um filho como o Gui, que tomava muito remédio e podia ser internado no hospital a qualquer momento.

A dúvida de qual caminho seguir durou pouco. Decidiu fechar a empresa do pai. O chefe da mãe lhe concedeu uma semana de folga para que ela pudesse se desembaraçar do estoque de alumínio e dar fim ao negócio. O pessoal da Alcan e da Alcoa a recebeu muito bem e aceitou receber o estoque e desmontar os dois escritórios sem custo nenhum para nossa família.

A mãe venceu a corrida contra o tempo. Quando a semana terminou, o alumínio tinha voltado para as fábricas e boa parte do maquinário do pai tinha sido vendida, a maioria a preço de farelo. Foi aí que ela se lembrou do bolo de cheques pré-datados que o pai tinha lhe entregado na rodoviária, pouco antes de embarcar para o torneio de Curitiba, na última vez que a mãe viu o marido com vida.

Na gaveta, devia haver quase cinquenta cheques, todos em nome do pai ou da empresa. Era uma boa soma. Mas, se aquilo entrasse no inventário, não ia valer nada, pulverizado pela inflação, quando a burocracia terminasse e tudo finalmente passasse para o nome dela. Então a mãe telefonou para cada um dos donos dos cheques, explicando que o pai tinha morrido e pedindo para substituir o cheque, mudando o nome do portador. Do bolo todo, só oito aceitaram. O resto declinou. A maioria das folhas foi para o lixo e o bolão de cheques virou bolinho.

O pai não tinha seguro, mas a mãe, sim, por ser funcionária da Telesc. Seu plano dava direito a 14 mil cruzeiros em caso de morte do marido. Não era muito, mas também não era ninharia. A mãe usou esse dinheiro para levantar o moral dos filhos. Comprou roupa nova, tênis e também uma filmadora para registrar nosso crescimento e os jogos que ela pudesse acompanhar. Foi um dos raros luxos que a gente se permitiu naquela época. Afora isso, tudo continuou como antes. A mãe fala que apertou bastante o cinto, mas eu e Rafa nunca percebemos.

A ausência do pai abriu um buraco emocional em nossas vidas. Não sabia disso na época, mas a mãe olhava fotos, relembrava momentos bons e chorava escondida dos filhos, de noite no quarto ou quando não estávamos em casa. Aquele primeiro médico a acudir o pai, o que estava filmando o jogo em Curitiba, deu a fita original de VHS de presente para a mãe. Era o único registro que ela tinha do marido em movimento, seus últimos momentos de corpo inteiro. A mãe via e revia essa fita, matando saudade e se entristecendo mais pela falta.

Um dia, o trabalho se estendeu e ela telefonou para casa pedindo ao Rafa que gravasse a novela. Rafa atendeu o pedido, mas, sem saber, gravou o capítulo por cima e apagou as últimas imagens do pai. A mãe ficou arrasada, mas encontrou um lado positivo no incidente. Sem aquele registro, ficava menos difícil se desapegar do passado e seguir em frente.

Por dever de ofício, a mãe viajava quase toda semana, passando dois ou três dias fora de casa. A assistência social da Telesc atuava no estado todo. Por isso, ela tinha que ir a outras cidades para, por exemplo, acompanhar o caso de um funcionário de Concórdia que tinha

sofrido um acidente ou dar suporte a uma garota de Chapecó que havia perdido os pais.

Mesmo viajando, a mãe fazia uma mágica na qual, ainda que estivesse longe, sentíamos que estava sempre perto, cuidando de nós. A presença dela era tão forte, tão marcante, que continuava quando saía de casa. Eu e o Rafa nos lembramos de uma infinidade de dias em que tivemos saudade do pai, mas não conseguimos nos recordar de um único em que parecesse que a mãe não estava ao nosso lado.

O truque era que, quando estava conosco, ela realmente estava disponível para o que precisássemos. A mãe se dedicava, dava atenção, conversava, perguntava da escola, dos treinos e dos jogos, olhava as lições, brincava, fazia carinho e massagem no pé, enchia a gente de beijo, abraço e cafuné, e no fim do dia ainda colocava para dormir.

Na ausência dela, quem regia a casa e cuidava de mim, do Rafa e do Gui era a Dete, que está com a família há mais de trinta anos. Começou como empregada, virou uma mistura de babá e governanta, até por fim se tornar uma pessoa fundamental, amiga e confidente da mãe, sem a qual a casa não funcionava bem, o Gui não se alimentava e eu e o Rafa talvez nos sentíssemos perdidos, sem referência. A Dete foi decisiva para nos ajudar a manter a sensação de normalidade no dia a dia.

A gente acordava e a Dete já tinha preparado o café. Ia dormir e ela ainda estava arrumando alguma coisa. Lembrava o que a gente não podia esquecer e cobrava depois. Mesmo que procurasse manter a rotina da casa, deixava às vezes eu e Rafa vermos TV até um pouco mais tarde. Ela foi a nossa segunda mãe, responsável por parte da nossa educação. Era um pouco assim antes da morte do pai e continuou sendo depois disso, só que com mais intensidade e dedicação.

Outra coisa importante que ajudava a manter a sensação de normalidade era a Astel. A gente conhecia todo mundo e todo mundo nos conhecia. Praticamente crescemos lá. A mãe era da filosofia de que, se o filho já sabia andar, tinha que sair de casa para conhecer o mundo e se relacionar com ele, exercitando independência e autonomia. Por isso, com mais ou menos 1 ano de idade, eu e o Rafa passamos a frequentar a creche e, com 3 anos, assim que desfraldamos, ingressamos nas atividades de recreação esportiva da Associação da Telesc. Segundo a mãe, eu chorei bastante no período de adaptação, com o Rafa foi mais fácil. Normal: sempre fui mais emotivo do que ele.

Acervo pessoal

Guga, com 1 ano e meio, posa com uniforme do colégio Petequinha, de Florianópolis.

A Astel era a nossa rotina. Já mais crescidos, eu e o Rafa fazíamos os deveres correndo, engolíamos o almoço e saíamos em disparada para, a pé ou de bicicleta, chegar logo à Astel. Quando não havia treino de futebol ou tênis, eu ficava vagando por lá, falando com as pessoas, trocando ideias, jogando conversa fora. Passava o dia naquele local e nunca queria ir embora. A mãe tinha uma sala no prédio da Telesc, que fica do outro lado da rua. Marcava de me encontrar às sete horas no portão para voltarmos juntos para casa. Mas raramente eu estava lá,

pois perdia a hora jogando futebol. Indignada, ela saía me procurando em todas as quadras. Quando me achava, geralmente na última, dava bronca e pedia para eu não fazer mais isso. Eu prometia, mas, dois dias depois, já tinha esquecido e ela tinha que sair de novo atrás de mim.

Lá eu me sentia em casa. Todo mundo tratava com o maior carinho os filhos da dona Alice, chegando ao ponto de às vezes eu pensar que podia fazer tudo o que eu queria. Numa tarde, me deu vontade de jogar bocha, esporte de que o pai gostava muito. Como bocha é jogo de adulto, os funcionários estavam proibidos de entregar as bolas à garotada. Procurei um caminho alternativo para matar minha vontade. Pedi ao seu Milton, que cuidava da entrega de material esportivo para os associados, que me emprestasse as bolas de sinuca.

Ele, obviamente, desconfiou. Com 11 anos, eu já era alto para os garotos da minha idade, mas não tinha tamanho suficiente para alcançar a contento a mesa de sinuca. Mas, talvez por ser um filho da Alice que pedia, resolveu liberar. Lá fui eu jogar bocha com as bolas coloridas da sinuca. Durante quase uma hora, me diverti muito. Quando as recolhi para devolvê-las, percebi que estava encrencado. Assim que tirei das bolas o pó marrom das quadras de bocha, parecido com o saibro do tênis, vi que estavam todas lascadas.

Lustrei o máximo que pude, guardei tudo na caixa e rezei para o seu Milton não notar, mas foi a primeira coisa que ele viu. Conforme o estipulado, colocou em ação uma combinação com a mãe: relatar qualquer coisa que fosse relacionada aos filhos, principalmente se houvesse algo errado no meio. Foi assim que descobri que, apesar da distância num tempo em que não havia celular nem internet, a mãe tinha um serviço secreto para ficar de olho em nós.

Ela nunca foi de encostar na parede. Boa de estratégia, sabia jogar o jogo que incendiava minha culpa para me fazer sentir o peso da responsabilidade. Quando cheguei em casa, ela comentou, como quem não quer nada:

– Guga, encontrei hoje o seu Milton e ele me disse que quer falar com você. Está te esperando na sala dele amanhã logo depois do colégio.

Falou só isso. Longas esperas costumam ser aflitivas para crianças. Dormi perturbado, tive pesadelos com bolas de sinuca. Fui para a escola torcendo para o tempo não passar. Seu Milton me deu um chá de cadeira. Quando enfim me recebeu, falou com brandura e firmeza que eu não tinha feito a coisa certa, que eu não repetisse aquilo. No final das contas, o medo do fantasma foi maior que o susto. Mas o episódio das bolas de sinuca ainda não tinha acabado. Faltava o toque pessoal da mãe.

Assim que cheguei em casa, ela perguntou se eu tinha honrado meu compromisso. Falei que sim. Mais uma vez, ela não deu bronca nem foi rude. Sem perguntar o que ele tinha dito ou revelar que sabia de tudo desde o dia anterior, a mãe disse:

– Guga, tu não pode fazer tudo o que quiser. A vida não é um jogo. Na quadra, tu desafia os limites, mas, fora dela, tem de seguir as convenções. Eu quero ter confiança em ti. Mas, para isso, tu deve ser responsável pela tua conduta.

A lição ficou para a vida toda, útil em todos os momentos e situações. A mãe sempre foi assim. Dava liberdade, mas controlava sem que a gente se sentisse vigiado. Sempre sabia o

que estava acontecendo. Quando necessário, passava o corretivo, mas no tom justo, procurando incutir responsabilidade sem sufocar. Depois amparava e dava força, mostrando que estava próxima sem estar perto. Além de meio vidente, minha mãe sempre foi sábia.

Esse seu estilo ajudou muito a superar a ausência do pai. Muita gente pergunta por que não fiquei traumatizado por ele ter morrido numa quadra de tênis, essa ironia do destino. Difícil saber a resposta. Até hoje não tenho uma conclusão, só teorias. A principal é que a perda do pai foi tão devastadora que o local foi o que menos importou. Em nenhum momento eu pensei que o tênis tinha tirado ele de mim.

Outros dois infortúnios, por exemplo, tiveram um efeito negativo muito maior no meu comportamento. O primeiro foi um acidente de carro, em setembro de 1985, cinco meses depois da morte do pai. A mãe estava nos levando para um torneio no Clube Doze de Agosto, em Jurerê, no norte de Florianópolis. A Belina era zero quilômetro, fazia poucos dias que o nome da mãe havia sido sorteado no consórcio, ainda não tinha nem seguro.

Rafa estava no banco de trás. Numa época em que utilizar cinto de segurança nem passava pela cabeça, o Gui, então com 5 anos, estava no banco da frente comigo. A mãe liderava o comboio, com os carros dos outros pais vindo atrás. Já perto de Jurerê, todos vibrando com o passeio no carro novo, ela parou num trevo. Olhou e não vinha nada. Foi adiante. Mas, no ponto cego, vinha um motorista em alta velocidade. O carro dele acertou com tudo a nossa lateral.

Foi uma trombada arrepiante. Capotamos cinco vezes, duas no ar e três no chão. Na hora você não entende o que acontece. É tudo ao mesmo tempo, muito rápido: o estrondo do impacto, o susto, a barulheira, o desespero. Saí do carro zonzo mas inteiro, tentando processar o que tinha ocorrido. Vi o Rafa ensanguentado se arrastando para fora, a mãe atordoada no banco do motorista. E cadê o Gui? Ele não estava à vista. O carro tinha parado de cabeça para baixo, todo entortado. O capô virou uma concha, não dava para ver o que tinha no interior. A única possibilidade é que ele tivesse sido arremessado pela janela e agora estivesse debaixo dos escombros. “Morreu, não sobrou nada, só pode ser”, pensei, na única conclusão possível.

No desespero, desviraram o carro. Todo mundo já esperava vê-lo esmagado. Mas o Gui estava numa dobra do metal, intacto, numa intervenção divina, talvez do meu pai, em sua primeira atuação nos protegendo do céu. Fomos levados para o hospital por um dos amigos que faziam parte do comboio. Por incrível que pareça, fui a contragosto, reclamando que estava na final e não podia faltar ao jogo.

– Mãe, não aconteceu nada comigo, estou inteiro, preciso jogar – eu falava, repetia e implorava.

Obviamente, meus apelos foram inúteis, não teve jeito. A mãe e o Rafa tinham se machucado. Meu irmão levou quase trinta pontos no rosto. Ela também estava sem cinto de segurança. Se estivesse com ele, provavelmente teria sido esmagada, uma vez que a porta foi parar no câmbio. Mas, num dos raros casos em que a falta do cinto é positiva, a mobilidade lhe salvou a vida.

Teve um monte de escoriações e quebrou a clavícula. Ficou com o braço imobilizado por alguns meses, proibida de dirigir e fazer esforço. Foi terrível para ela. Pela primeira vez na vida, desabou, se sentiu limitada, impotente, impedida de trabalhar e cuidar dos filhos como sempre fez. Depois do acidente, embora nenhum de nós tenha percebido, teve síndrome de pânico. Receava sair de casa. Tinha taquicardia frequentemente e achava que ia morrer de infarto. Sem conseguir lidar sozinha com o problema, passou a se consultar com um dos médicos da Astel, o doutor Celso Lopes, que lhe receitou remédios. Com o tempo, os sintomas sumiram e a mãe voltou a ter o ânimo e a confiança de sempre.

O Rafa foi quem lidou melhor com a situação. No que dizia respeito a carros, saiu do acidente do mesmo jeito que entrou. Quando fez 18 anos, a primeira coisa que comprou com seu dinheiro foi um Gol. Para mim, não foi bem assim. Não deixei de andar de carro, mas fiquei muito traumatizado. Mesmo no banco de trás, houve ocasiões em que eu chorava de medo de aquilo acontecer de novo. Do começo ao fim do caminho, ia rezando.

Quando completei 18 anos, não queria tirar carteira de motorista. Marcelo Rebelo, o Cascata, tentava me ensinar a guiar no carro dele, um Voyage rebaixado com volante pequeno tipo carro de corrida. Eu evitava. Larri me forçava, dizia que dirigir era necessidade e que eu obrigatoriamente teria que enfrentar o medo. Então ele me jogava na fogueira. Me colocava na direção do carro dele e ficava do lado, orientando. Uma vez deixei o carro morrer umas cinco vezes num cruzamento, com caminhão buzinando atrás. Foi uma aflição. Aí Larri pulou para o volante e nos tirou dali, em mais uma das muitas vezes em que ele me salvou. Depois de muita barbeiragem, com 19 anos eu já estava com a carteira e com a confiança restaurada para enfrentar cruzamento e pegar estrada. O primeiro trauma estava superado.

O segundo incidente ocorreu no mar. Com 12 anos, fui surfar com o Rafa na Praia Brava, em Florianópolis. Lá encontramos o Luciano Faustino, um dos meus melhores amigos e que hoje trabalha comigo. Eu pegava onda desde os 5 anos, quando ganhei minha primeira prancha. Desde então, o surfe era uma aventura, uma coisa fantástica, um dos meus maiores prazeres.

Destemido, entrava no mar sozinho, pegava qualquer onda sem problema. Mas naquele dia o mar estava grande, com ondas altíssimas, uma atrás da outra. No episódio das bolas de sinuca, a mãe já tinha dito que, fora das quadras, eu precisava respeitar os limites. Mas eu não estava numa quadra e resolvi arriscar. Passei a arrebentação, fui para o fundo; o Rafa ficou mais perto da praia.

Veio uma onda enorme e eu mergulhei. Quando voltei à tona, já vinha outra. Mergulhei de novo. Na hora em que subi para respirar, uma terceira onda me pegou de jeito. Na tentativa de voltar à superfície, a prancha bateu na minha cabeça. Desorientado, meio desacordado, perdi a noção de tudo. Afundei. Engoli muita água. Desesperado, vi o filme da minha vida passar inteiro na mente. Já imaginava a notícia no jornal: jovem campeão catarinense de tênis morre afogado no mar.

De repente, consegui subir. Me agarrei à prancha, na esperança de que a correnteza me

levasse à praia. Finalmente, depois de minutos de agonia, senti a areia debaixo dos pés. Desabei na praia, ainda cuspindo água. Sem ter como chegar, Rafa me olhava de longe, olhos arregalados, o pânico no olhar. Coloquei a mão no corpo para ter certeza de que estava inteiro. Aí percebi que estava sem relógio, corrente, camiseta de lycra, tudo perdido no sacode que levei no mar. Mas isso era o de menos. Eu estava vivo, possivelmente em mais uma obra do pai como anjo da guarda.

Fiquei traumatizado de novo. Depois desse episódio, passei quase seis anos sem subir numa prancha. Só aos 18 anos, num descanso de final de ano em Florianópolis, é que voltei a fazer uma das coisas de que mais gosto na vida. Estava de novo na Praia Brava num lindo dia de verão, com ondas convidativas. Então me deu saudade de surfar. Pensei: "Vou lá." Simples assim. Confiante, subi na prancha como se nada tivesse acontecido. Mais um problema resolvido.

Ao contrário da capotada na estrada e do arrastão no mar, não tive nenhum tipo de trauma por o pai ter morrido numa quadra. O tênis sempre foi um vínculo, um elo muito forte entre nós. Depois da sua morte, continuou assim, só que ainda mais intenso. A quadra de tênis se tornou o meu melhor canal de comunicação com ele, o lugar onde marcávamos os nossos encontros e onde eu o sentia ao meu lado.

A MÃO DO PAI

Entrar na jaula da pantera e sair vivo é complicado. Invadir o território de um leão faminto e voltar inteiro é ainda mais difícil. Nadar no tanque dos tubarões e achar que sobreviverá para contar a história é pedir para ser retalhado. Fazer os três e sair ileso e vitorioso, então, é uma total improbabilidade estatística. Mas eu tinha realizado essa tripla façanha ao vencer Dosedel, Björkman e Muster. E então, pelas oitavas de final de Roland Garros, me via diante de outro desafio mortal. Logo mais, teria que entrar na toca do urso. Ninguém acreditava que, dessa vez, eu conseguiria me safar. Na opinião da maioria, pela lógica, eu seria comido vivo.

Forte, matador, com quase 1,95 metro de altura, o ucraniano Andrei Medvedev recebeu o apelido de Urso depois de trucidar todo mundo que passou na sua frente. Aos 23 anos, já tinha se cansado de ganhar do russo Yevgeny Kafelnikov, campeão do ano anterior em Paris. Formado pela antiga escola soviética, Medvedev tinha um jogo agressivo e uma garra capazes de esfacelar os oponentes mais combativos. Na bolsa de apostas do tênis, todo mundo achava que mais cedo ou mais tarde ele seria campeão de Roland Garros. Provavelmente, do meu lado eu podia contar com Kafelnikov, que devia estar torcendo como um louco para eu ganhar do seu algoz.

Como sempre, eu e Larri fizemos a lição de casa, analisando o estilo do adversário. Por mais temida que fosse a escola soviética, seus jogadores começavam a partida meio devagar e só esquentavam de verdade no segundo set. Diante disso, nossa tática era simples mas eficaz: rotação máxima desde o início, sem dar chance para respirar.

No início do primeiro set, executei o plano com perfeição. Parti com tudo para cima dele, me impondo, forçando, arriscando. Mas aí ficou claro que, apesar de pertencer àquela escola, o ucraniano estava numa classe mais adiantada. Eu acelerava, ele me fazia pisar no freio. Estava a um passo de ultrapassar, ele jogava óleo na pista. Me fazendo derrapar a cada investida, venceu o primeiro set, apertado, por 7-5. Um a zero para ele.

Tudo bem, não tinha sido o começo que eu esperava, mas também não era nenhuma tragédia. Sentei no banco e olhei ao redor. Daquele ângulo, lotada com 12 mil pessoas, a quadra Suzanne Lenglen era a minha Apoteose. Nunca tinha jogado num lugar tão magnífico. Dentre as dezoito de Roland Garros, essa é a quadra mais lenta, o que me permitia soltar o braço, dar porrada e ser feliz. Sentia que era só questão de tempo para entrar em sintonia, ficar mais confortável e desempenhar o meu papel.

“Vamo, Guga, o melhor ainda está por vir”, pensei. “Espera que a tua chance vai aparecer.”

As partidas anteriores em Roland Garros tinham me ensinado muito. Com Dosedel, ficou claro que eu era um jogador muito diferente daquele que havia perdido duas vezes para ele no ano. Com Björkman, que, lambanças à parte, dava para botar a cabeça no lugar e vencer o jogo. Com Muster, foram duas lições. A primeira era que, mesmo me sentindo esgotado, podia virar uma chave e ser capaz de jogar mais três horas seguidas. A segunda era que, ali em Roland Garros, não tinha jogo perdido.

Comecei o segundo set voando para cima, dando uma marretada atrás da outra, acertando tudo. Motivado, me iluminei, quebrei duas vezes o saque dele, encaixei bolas mágicas. Fechei em 6-1. Empatei a partida. No terceiro set, continuei de vento em popa. Venci por 6-2. Virei o jogo. Dois a um para mim.

Comecei o quarto set na maior empolgação, já me vendo correr para o abraço. Mas aí aconteceu tudo o que eu não queria: me deparei com um Medvedev inspiradíssimo. Com a mesma naturalidade com que eu tinha ganhado os dois sets anteriores, ele venceu o quarto por 6-1 sem errar uma bola e empatou o jogo. Dois a dois.

Fomos para o set decisivo, dois gladiadores se matando, dando a vida dentro da quadra para saírem vencedores. Nesse dia, porém, nenhum dos dois ganhou. Começou a escurecer e pedi para parar o jogo, mas não teve jeito. Para piorar, quando o set estava 1-1, Medvedev quebrou meu saque. A frustração era tanta que me restou descontar na bola. A incoerência deu certo e na sequência veio o troco. Quebrei o saque dele e aí foi a vez de o ucraniano querer interromper a partida. Por mais que agora eu quisesse continuar mesmo sem enxergar a bola, nada feito. Com o set decisivo empatado em 2-2, foi todo mundo para casa.

Foi uma noite horrorosa. Como é que dava para dormir numa situação daquelas? Fiquei na cama pipocando, inquieto pra caramba, virando para cá e para lá. Dormir pouco me ajudou. Levantei cheio de adrenalina. No aquecimento com Larri, eu estava em ponto de bala, era só finalizar. Entrei em quadra fervendo, pronto para liquidar a partida antes que Medvedev tivesse tempo de despertar.

De início, foi uma maravilha. Voei para cima, o cara sem reação. Em dez minutos, já estava 4-2 para mim. Se continuasse assim, em mais cinco minutos tudo estaria resolvido a meu favor. Mas, de repente, sem mais nem menos, perdi cinco pontos seguidos. Num piscar de olhos, o ucraniano tinha empatado a partida em 4-4.

Num minuto eu estava com o jogo na mão, no outro o sonho escorria pelos dedos. No nono game, sacando, parecia um trem descarrilhado. Em outro piscar de olhos, Medvedev teve três oportunidades para quebrar meu serviço, 0/40. Isso é que dá baixar a guarda em briga com urso. Ciente da bobagem que eu tinha feito, frustrado e irritado, comecei a praguejar comigo mesmo:

“Pronto, Guga, parabéns, tu fez de novo. Vai perder o jogo, já era, agora não tem mais o que fazer. Mas, cara, como tu me desperdiça uma chance de ouro dessas?! Como joga no lixo

a oportunidade de ir para as quartas de Roland Garros? O que tu tem na cabeça?!"

Até hoje acho que o que veio a seguir teve a mão do pai. Fiz tudo errado, mas ele deu um jeito de consertar e me salvou do pior. Eu estava tão indignado comigo mesmo que mandei tudo às favas.

– Quer saber? Que se dane! – falei alto.

Saquei sem mirar, com o máximo da minha raiva e toda a minha força. Medvedev respondeu e, quando a bola voltou, dei uma pancada maior ainda, sem me preocupar com a direção. Foi um golpe tão desgovernado que a bola poderia ter ido até para fora do estádio, mas, para minha surpresa, caiu na linha.

No ponto seguinte, dei mais uma bordoada de saque, sem pensar para onde. E não é que entrou? Foi praticamente um ace. O ucraniano mal tinha conseguido se mexer para tentar alcançar o petardo.

"Opa, pera aí, agora tá 30/40, estou vivo de novo", pensei, me acalmando um pouco. "É só mais um ponto que tu empata."

Segunda vida é coisa rara para tenista. Não convém desperdiçar chance, que não volta mais. Caprichei no saque, agora, sim, um saque indefensável. Empatei, 40/40. E aí foi Medvedev quem ficou com a batata quente na mão, desesperado por estar deixando a vitória escapar. Larri vivia repetindo:

– Calma, aguarda que a oportunidade vai aparecer.

E, se aquela não fosse a oportunidade, nada mais seria. Mantive o embalo e fui para cima. Fechei o game. Passei à frente de novo: 5-4 para mim no set decisivo. Belisquei, mas não levei. Na sequência, o ucraniano confirmou o saque e igualou tudo mais uma vez: 5-5. Mas aí eu já tinha virado a chave interna e me convencido de que aquele jogo seria meu. Confirmei o serviço e o ultrapassei: 6-5 para mim. Chegou, então, a hora que eu estava esperando desde o dia anterior, o momento de encerrar a partida.

Na Suzanne Lenglen, até o silêncio é diferente, mais surdo, abafado. Pouco antes de Medvedev chegar à linha para sacar, Larri gritou, sua voz de um jeito que eu nunca tinha escutado antes, como se saísse de uma concha:

– Guga, ele vai sacar na direita, te prepara.

Mais uma vez, meu treinador me salvou. Foi uma intuição iluminada, um toque providencial. A bola veio mesmo na direita. Eu estava preparado para dar sequência ao jogo, Medvedev não. Respondi com uma bordoada na linha, o ucraniano mal pegou na bola, ponto meu. No saque seguinte, ele repetiu a estratégia; mandei-lhe outra martelada, 0/30.

Depois de um ponto para cada lado, finalmente eu tinha um match point, 15/40. Olhei para Larri fazendo uma pergunta silenciosa, ele respondeu que sim com a cabeça: o saque vinha na direita de novo. De fato, Medvedev mandou ali. Usei toda a minha concentração, toda a minha força para devolver com a bomba das bombas. Acertei e tive certeza de que o ucraniano não ia pegar. Mas ele pegou, respondeu bem e começamos a disputar o ponto.

Lá pelas tantas, deu uma curtinha. Devolvi com outra curta. Ele rebateu. Mal a bola voltou

para o meu lado, cutuquei por cima dele com um lob. Medvedev saiu correndo para o fundo da quadra, eu torcendo, rezando: "Não vai chegar, não vai chegar." Mas ele chegou e rebateu. No golpe dele, a bola foi subindo, descrevendo um arco, e, no instante em que começou a descer, olhei para Larri para saber se ele estava vendo o mesmo que eu. Meu treinador estava segurando o grito na garganta, só esperando a bola cair fora para ter certeza. No instante em que ela tocou o saibro, do lado de fora, nós dois demos mais um urro de conquistador.

Além de mim, minha família e meu treinador, só devia haver em Paris uma pessoa mais feliz do que nós. Kafelnikov, meu próximo adversário, devia estar rindo sozinho por um brasileiro desconhecido ter eliminado o maior algoz da carreira dele. Já devia estar esfregando as mãos, antevendo a vitória nas quartas de final comigo. Mas, por maior que fosse a satisfação dele, não chegava perto da minha. Nem antes nem depois em Roland Garros eu comemorei tanto. Pulei como criança, de felicidade.

Vinte minutos antes, eu estava indignado por ter entregado o jogo. Agora, tinha nas mãos o bilhete premiado, o meu ingresso para as quartas. Após o cordial cumprimento de Medvedev – "Bem jogado, parabéns" –, saboreei a maior conquista. Ainda na quadra, num gesto de agradecimento a mais de quinze metros de distância, abracei o Larri com os olhos e tive a sensação de que meu pai estava ali, cuidando de seu filho e aplaudindo nossa façanha.

Remy de la Mauviniere / AP

Guga vibra buscando Larri na plateia após o jogo com o ucraniano Andrei Medvedev.

FUTEBOL NO INTERIOR OU TÊNIS PELO MUNDO

Até os 12 anos, eu queria ser tudo ao mesmo tempo: surfista, tenista e jogador de futebol. Depois de John McEnroe e meu pai, um dos meus primeiros heróis foi o Zico. Eu e o Gui víamos, revíamos e trevíamos uma fita de vídeo sobre ele. Impossível dizer qual dos dois adorava mais aquilo. O Gui ficava fascinado com as imagens. Eu me imaginava entrando no Maracanã lotado ao lado do Zico, o Guguinha marcando gol e correndo para comemorar com a torcida.

No clube, eu treinava tênis e futebol de salão, mas, se deixassem, passava todo o tempo livre na quadra de salão. Adorava, era bom em armar as jogadas e deixar meus colegas na cara do gol. Desconhecia sensação melhor do que driblar e dar uma assistência precisa. Como todo garoto brasileiro, eu sonhava em um dia jogar uma Copa do Mundo pela seleção brasileira.

Acompanhava de perto os jogos dos campeonatos catarinense, paulista, carioca, gaúcho e, claro, os do brasileiro e do mundial. No salão, décadas antes de as duas empresas se juntarem, não perdia uma partida dos times da Sadia e da Perdigão, os melhores do mundo na modalidade. Os caras eram bons demais, sobretudo Jackson, camisa 12 da Perdigão que também jogava na seleção. Sonhava em ser como eles. Mas achava que só gênios da bola mereciam a honra de vestir camisas apoiadas por grandes empresas.

Acervo pessoal

Rafael, Zico e Guga no Rio de Janeiro em 1983.

Uma vez, com 10 ou 11 anos, o time da Astel, em que eu jogava, enfrentou um adversário patrocinado pela Sadia. Caramba, então a meninada da minha idade também tinha aquele privilégio. Se aqueles guris podiam, o que me impedia de um dia ser como eles? Passei a ter esperança de que, mais cedo ou mais tarde, aquilo também aconteceria comigo. Se não desse para jogar no Maracanã, já me daria por feliz por jogar em time patrocinado por uma grande empresa.

Quando o treino de tênis começava, eu raramente estava lá. As aulas da escolinha de futebol de salão acabavam às três da tarde, mas eu continuava por ali, fazendo timinho com quem sobrasse, jogando gol a gol se só tivesse ficado mais um. Já sabendo do meu paradeiro, Carlos Alves, o Carlinhos, meu professor de tênis dos 8 aos 12 anos, mandava o boleiro ou o Zanuzzo, o preparador físico, me chamar. Eu falava que estava indo e continuava jogando.

Carlinhos treinava quinze crianças que faziam parte da equipe da Astel e não podia se ausentar das aulas. Mas, vendo que eu tinha driblado seus emissários, perdia a paciência e ia

pessoalmente me tirar da quadra. Eu o seguia a contragosto e, mais de uma vez, quando o Carlinhos não estava olhando, me esgueirei de volta para o futebol de salão. Aí ele vinha atrás de novo e não tinha mais apelação para mim.

Eu não sabia na época, mas a mãe e meu professor se reuniam com alguma frequência para discutir meu comportamento. Em casa, quem sempre apostou no meu futuro no tênis foi o pai. Depois que ele morreu, a mãe não precisava necessariamente acreditar na mesma coisa que ele. Tinha todo o direito de dizer que tudo havia mudado e agora eu precisava me voltar para coisas mais práticas. Mas o fato é que ela e o Rafa se deixaram contagiar pela crença do pai e passaram a acreditar também que eu seria campeão de tênis. Numa das vezes em que fugi do treino, o Carlinhos conversou de novo com a mãe. Ele evitava falar diretamente comigo sobre esse tema, pois sabia que a decisão de abraçar o tênis tinha que partir de mim, e não dele.

– Alice, não sei mais o que fazer. O Guga está perdendo o interesse pelo tênis, só quer saber de futebol. Você diz para eu ser firme, mas não adianta, ele não escuta.

– Conheço o Guga. Tem que ser firme mesmo, mas sem pressionar, senão ele se sente acuado e recua. Precisa de argumento, não força. Paciência que você vai achar a hora de fazer a coisa certa.

Aos 12 anos, em mais um dia em que eu devia estar treinando tênis e o Carlinhos teve que me buscar na quadra de futebol de salão, ele me sentou num banco e falou assim:

– Guga, tu não é mais um menininho. Precisa escolher entre o tênis e o futebol. Tem condições para os dois. Ficar no meio do caminho, entre lá e cá, é que não vai funcionar. Decide se vai jogar futebol aqui pelo estado ou tênis pelo mundo.

As palavras do Carlinhos nunca saíram da minha cabeça, fincaram raízes em mim e foram se espalhando pela vida, consolidando-se com o tempo e as minhas conquistas. Mas, naquele momento, ainda não sabia para qual lado ir. Pensava, pensava e neca. Gostava tanto de futebol que estava seguro de que não ia passar despercebido, algum olheiro me levaria para um time grande. Por outro lado, todo mundo estava investindo em mim no tênis. Mas como eles acreditavam tanto numa coisa tão improvável?

Com o Carlinhos, joguei o meu primeiro grande torneio no exterior. No começo de 1989, numa viagem que misturou tênis e turismo, fomos numa turma de uns vinte meninos e meninas passar um mês nos Estados Unidos. A mãe e o Rafa também foram. Com eles, conheci o Epcot Center e a Disney. Quando não estava visitando o Mundo do Futuro ou a Terra do Mickey, a garotada jogava. Disputamos meia dúzia de torneios na Flórida: em Tampa, Orlando, Boca Raton, Fort Lauderdale e Miami. No ano seguinte, mais uma vez com Carlinhos, eu voltaria aos Estados Unidos, mas só para jogar, sem nada de turismo.

Acervo pessoal

Campeões citadinos mirins de futsal de 1988, pela Astel. Guga, então com 12 anos, é o segundo da esquerda para a direita.

Em 1989, o mais memorável dos torneios foi o fantástico Orange Bowl, o mundial juvenil. A experiência valeu demais, inclusive por conviver com uma figura que, para mim, fazia parte do folclore do tênis. Argentino radicado nos Estados Unidos, Oscar Wegner era amigo do Carlinhos. Certa vez ele foi passar uma temporada no Brasil, hospedou-se na casa do meu professor por alguns dias, mas, em vez de voltar logo para a Flórida, acabou ficando lá por três anos. Agora ele estava conosco para ajudar Carlinhos a orientar a gurizada.

Durante quase trinta anos, nas décadas de 1970 a 1990, Oscar foi um treinador reconhecido mundialmente. Teve um programa na ESPN International para ensinar a jogar tênis, chamado *Play Like the Pros*. Também escreveu um livro que prometia melhorar o jogo dos tenistas em apenas duas horinhas, o *Play Better Tennis in Two Hours*.

Ele dizia com o maior dos orgulhos que tinha sido técnico do Björn Borg. Eu não sabia se treinara mesmo, se tinha só batido bola ou apertado a mão, mas, para mim, ele era o cara que tinha ensinado algo para o Borg e, por isso, era uma entidade divina na Terra. Só anos mais tarde é que descobri que, sim, o Oscar tinha treinado o Borg, mas por um curto período.

Ele tinha um mantra para demonstrar como devia ser o estado de espírito de um jogador em

quadra: “Numa ponta, ansiedade. Na outra, passividade. No meio, serenidade. Você tem que jogar na serenidade.” E destacava: “Como eu disse para o Borg.”

Se uma lenda tinha acatado isso, quem era eu para contestar o que ele dizia? Oscar falava, eu fazia. Qualquer coisa. Até trabalhar como ambulante. Numa dessas viagens aos Estados Unidos, ele colocou a turma toda para montar barraquinhas em que ele exibia pilhas do seu livro de autoajuda tenística. E lá estava eu, ajudando o figura a faturar um dinheirinho. No fim do dia, ainda tinha que desmontar e guardar tudo de novo no carro.

Em retribuição, ele me passava alguns ensinamentos, além da busca da serenidade. Fora das quadras, eu não podia tomar leite, pois, segundo Oscar, isso deixa a pessoa mais lenta. Para acelerar, tinha que engolir uma vitamina preparada com água, um farináceo estranho de aveia, granola, nozes e linhaça, adoçado com mel. Ficava uma papa mais densa que mingau. Tu virava o copo e aquilo mal escorria, mais mastigava do que bebia. Tomei a primeira, fui pro jogo, ganhei. Pô, não é que o negócio funcionava?! E aí passei a engolir aquilo toda manhã.

Nos treinos, Oscar colocava na quadra uma corda que tinha a altura de duas redes. Mandava jogar normalmente, como se a rede elevada fizesse parte da regra do jogo. A ideia era que, na hora em que a rede voltasse à altura habitual, ficaria mais fácil passar a bola para o outro lado. Além de aumentar a margem de segurança, o jogador era forçado a bater com top-spin para que a bola fizesse uma parábola e caísse dentro da quadra.

Mesmo com todas essas experiências valiosas, aos 12 anos eu não conseguira me decidir se o tênis era realmente o que eu queria para mim. Ser jogador de futebol era uma ideia muito sedutora. No fundo, até hoje é difícil saber o que motivou minha decisão. De alguma forma o tênis foi me hipnotizando. Quase toda tarde, passava duas, três horas na quadra praticando saque, voleio, paralela, cruzada, jogando simples, duplas, primeiro ainda com o Carlinhos e depois com o Larri. Participava de todo torneio local ou regional de que ouvia falar, perdia uma partida, ganhava duas e ia me motivando.

Quanto mais resultado obtinha no tênis, menos saudade sentia do futebol. Parecia que eu tinha sido o último a perceber que isso ia acontecer. O pai no passado, depois a mãe, o Rafa, o Carlinhos, o Larri, todo mundo apostava nisso. Comecei a ganhar títulos no brasileiro, avancei, consegui mordiscar as primeiras colocações do sul-americano. A dúvida foi definitivamente para escanteio. O futebol ficou igual ao surfe: uma delícia de fim de semana. Passei a acreditar que meu jogo, minha busca, minha vida eram o tênis.

O período de transição entre a dúvida e a convicção foi longo, durou pouco mais de dois anos. E, no momento em que tive certeza do que queria, a família se viu num dilema. A gente não tinha como pagar as minhas viagens para participar de torneios.

O salário da mãe bancava as despesas da casa, os ganhos do Rafa se destinavam a faculdade e poupança. O que sobrava de ambos até pagava passagem de ônibus para Porto Alegre, mas não era suficiente para transporte e hospedagem em torneios em outros estados. Mas, caso quisesse ir para a frente, eu precisava jogar nesses lugares. Se tivesse patrocínio,

estava tudo lindo. Mas não era o caso. Nem sei calcular quantas vezes deixei de participar de torneios longe de casa por falta de dinheiro, ainda mais depois dos 14 ou 15 anos, quando a conta ficou mais salgada e me tornei uma central de gastos ambulante.

Só havia duas opções: ou parava de disputar torneio fora, ou a gente fazia brotar dinheiro. Como ninguém queria interromper minha carreira, a mãe começou uma peregrinação em busca de apoio. Por anos, bateu em porta de vereador, deputado, órgãos públicos, estatais, secretaria de esportes, companhias privadas, empresas pequenas, médias, grandes ou imensas, tentando levantar verba para a próxima viagem. Onde via uma luz, ia atrás.

Em sua busca por suporte financeiro, a mãe era profissional. Primeiro, descobria quem era o presidente da companhia, numa época em que quase ninguém tinha relações-públicas ou assessoria de comunicação. Escrevia cartas a políticos, executivos e empresários apresentando a mim e a ela e antecipando seu propósito. Dava uns dias e telefonava para a secretária pedindo uma reunião. No dia acertado, chegava com a pasta debaixo do braço.

A capa da pasta trazia um retrato meu desenhado à mão, feito pelo Miltinho, antigo sócio do pai na empresa de acrílico. Bom desenhista, ele mais tarde faria, a meu pedido, outra pintura especial: a ponte Hercílio Luz, símbolo de Florianópolis, em cima da minha cama em meu apartamento.

No interior da pasta, feito no computador, estava o meu currículo, com dados pessoais e minhas principais conquistas, com nome do torneio, data, cidade e posição obtida. Para arrematar, em anexo, vinha uma série de cópias de notícias de jornal em que eu era mencionado. Para confeccionar essas pastas, no começo a mãe usava o computador e a impressora do Rafa. Mas, à medida que intensificava seu périplo pelas empresas, a tecnologia doméstica deixou de dar conta. Então tirava xerox do material com o tio Silas na Astel. Ele foi um fã precoce da minha carreira, que àquela altura, de tanto tirar cópia do histórico, já sabia de cor todos os meus resultados.

Em quatro anos, dos meus 12 aos 16, entre 1988 e 1992, a mãe visitou quase cinquenta empresas de todo tipo. Percebe-se aí de onde tirei minha persistência. Ela não solicitava nada de mais. Não pedia salário, raquete nova, almoço em restaurante bacana ou acomodação cinco estrelas. Só pretendia a quantia exata para eu sobreviver no circuito, um lugar para dormir, uns cruzeiros pros sanduíches e transporte para ir e voltar.

Desde que comecei a viajar para participar dos torneios regionais, e até eu ganhar Roland Garros em 1997, ela fazia uma planilha com todos os meus gastos. Anotava gasolina, ônibus, metrô, passagem de avião, gasto com refrigerante, macarrão comprado no mercado, prato feito da padaria, a noite no hotel, ficha telefônica para telefonar para casa, quanto eu gastava de calções, meias e tênis. Com isso, sabia o custo das minhas participações nos torneios por semana, mês e ano, em moeda nacional e em dólar.

Quando eu precisava viajar para longe, ela procurava ajuda nas agências de turismo, uma escolha lógica. Ao esgotar essa possibilidade, arriscou-se em bancos, seguradoras, indústrias de aparelhos eletrônicos, tecelagens, importadoras, concessionárias de veículos,

retransmissora de TV.

Muitas vezes a mãe chegava ao escritório das empresas, esperava uma hora e ouvia a secretária dizer que o ilustre não ia poder atendê-la naquele momento, que voltasse no dia seguinte. E a mãe voltava e voltava até conseguir falar cara a cara com o diretor ou o presidente. Com alguns, teve o dissabor de receber proposta para discutir o assunto num jantar reservado. Aí ela se levantava, agradecia a atenção e ia embora, sem nunca mencionar o ocorrido para mim, o Rafa ou o Larri.

Olhando em retrospecto, o pai e a mãe pareciam missionários pregando no deserto, o pai para os amigos, a mãe para os políticos, funcionários de estatais e empresários. Era uma missão impossível convencer as pessoas de algo que não existia, num tempo em que o tênis profissional era um esporte de outra galáxia para a maioria dos brasileiros. Por mais que eu ganhasse campeonatos, o fato é que nenhum jogador de Santa Catarina, infantil, juvenil ou profissional, tinha exposição em torneios internacionais para justificar um investimento corporativo. Pela lógica, por que eu seria diferente?

Anos depois, comentei com um amigo do pai que a mãe era uma guerreira e o pai, um sonhador. Ele concordou em relação à mãe, mas me corrigiu a seguir:

– Sonhador nada. Teu pai era visionário.

Pena que era o único. Mesmo quem acompanhava de perto minha carreira não se animava a colaborar. Em meados da década de 1990, fazia 23 anos que a mãe trabalhava na Telesc. A diretoria de lá me viu engatinhar, andar, aprender a jogar, ganhar torneio, conquistar título no Brasil e ficar bem colocado no exterior. Quando eu tinha 18 anos, a mãe pediu colaboração oficial, numa carta datada de janeiro de 1995 e endereçada ao presidente da Telesc. Mas, em vez de apoiar, ele escreveu outra carta, dessa vez destinada ao assessor de comunicação social do sistema Telebras, que comandava as operadoras de todo o país.

A carta do presidente da Telesc dizia que eu era um "telesquiano autêntico" e que, por ter perdido o pai prematuramente, passei a ser um filho adotivo deles. Continuava afirmando que, pela análise do meu currículo, eu era "muito mais do que uma promessa". Assegurava que o sonho da Telesc era me patrocinar e que agora, "como o Guga está a cada dia se projetando no mundo, acreditamos que isso possa ser feito pelo sistema Telebras". Arrematava a carta concluindo que esse era "o sonho de sua mãe e, a partir de agora, de todos nós". Apesar de sua carta bem-intencionada, o presidente da Telesc não deu satisfação para a mãe sobre a resposta da Telebras, se é que existiu, nem explicou por quê.

Mesmo quando meu currículo já tinha engordado bastante, a mãe continuava recebendo negativas ou sendo ignorada. Em dezembro de 1996, cerca de seis meses antes de eu ganhar Roland Garros, ela enviou uma carta ao diretor-executivo da filial catarinense da RBS, retransmissora da Rede Globo, pedindo uma audiência. Relatava ali que, aos 20 anos, eu era hexacampeão estadual, tri do brasileiro, campeão sul-americano em Caracas e ainda campeão mundial por equipe na Sunshine Cup, que o Brasil não ganhava havia mais de trinta anos.

O executivo nem sequer respondeu. A mãe não se esqueceu disso. No ano seguinte, quando

a RBS me prestou homenagem depois que ganhei Roland Garros, ela fez questão de dizer a eles que agradecia a condecoração e que considerava aquele reconhecimento a resposta que até desistira de esperar.

Na infância, a única empresa que apostou em mim foi a Schlösser, que me deu uniforme novo e algo como cem reais por mês. Depois, com 13 anos, a Ceval também me patrocinou. Desde então, até o final da década de 1980, só mais uma empresa se dispôs a colaborar. A Vale Refeição, que prestava serviço para a Telesc, deu uma passagem para eu ir jogar longe de casa em 1988. Foram ajudas tão fundamentais que eu e a mãe as guardamos na memória como troféus. Foi com aquelas colaborações que cavei a trincheira, abri o caminho e fui em frente. Sem elas, seguramente a história não seria a mesma.

Como a ajuda era pouca, a conta nunca fechava. Aí o único jeito de fazer dinheiro era vender as coisas da família. Primeiro, para eu continuar viajando e jogando, foi uma moto que estava meio encostada, uma das permutas da época da empresa de esquadrias de alumínio. Depois, a mãe se desfez de suas joias, menos de um anel de que gostava muito, presente do pai. Os meses passaram e lá se foi o carro. Mais tarde, o piano da família entrou na lista. Fabricado na Alemanha, esse piano tinha sido da oma. Passado como herança em vida para a mãe, se tornara um de seus xodós. Vendê-lo para que eu pudesse continuar a competir foi uma decisão doída. Cada vez que eu olhava para o lugar onde o piano ficava, me dava um aperto no peito.

Anos mais tarde, sabendo o paradeiro do piano, eu e o Rafa pensamos em recomprá-lo. Conhecendo a mãe, achei melhor consultá-la antes de fazer a surpresa. Ela não quis. “Ele já cumpriu seu papel, Gu, te ajudou a ganhar troféus. Deixa que outros o aproveitem.” No fim, depois de vencer Roland Garros, lhe demos outro de presente. E a mãe acabou ficando com seu piano e também com um filho campeão.

Mas bem antes disso acabaram os objetos para vender. Só sobrou a casa. A mãe já pensava em procurar uma imobiliária para colocá-la à venda quando o milagre caiu do céu. Conseguimos o patrocínio da Sadia, que nasceu de um encontro casual na rua. Em setembro de 1991, a mãe estava andando pelo centro quando encontrou Esperidião Amin, ex-prefeito de Florianópolis que então era senador por Santa Catarina. Ela o conhecia havia tempos, desde que passara a percorrer gabinetes oficiais em busca de passagens e hospedagens para mim. Espiridião a cumprimentou e foi logo perguntando:

– E aí, cadê o nosso guri? Está bem? Ganhando tudo?

– Está firme e forte, continua lutando, mas até agora não conseguiu patrocínio. Já foi tudo o que a gente tinha, agora vou vender a casa para ele continuar.

– Mas como? De jeito nenhum! Espera um pouco, não vende, deixa comigo. Vou falar com uns conhecidos na Sadia. Pode ligar para lá e marcar uma reunião que vai conseguir alguma coisa.

Esperidião prometeu, cumpriu e a Sadia decidiu apostar em mim. No passado, quando ainda estava encantado com futebol de salão, eu tinha sonhado em jogar no time deles. E

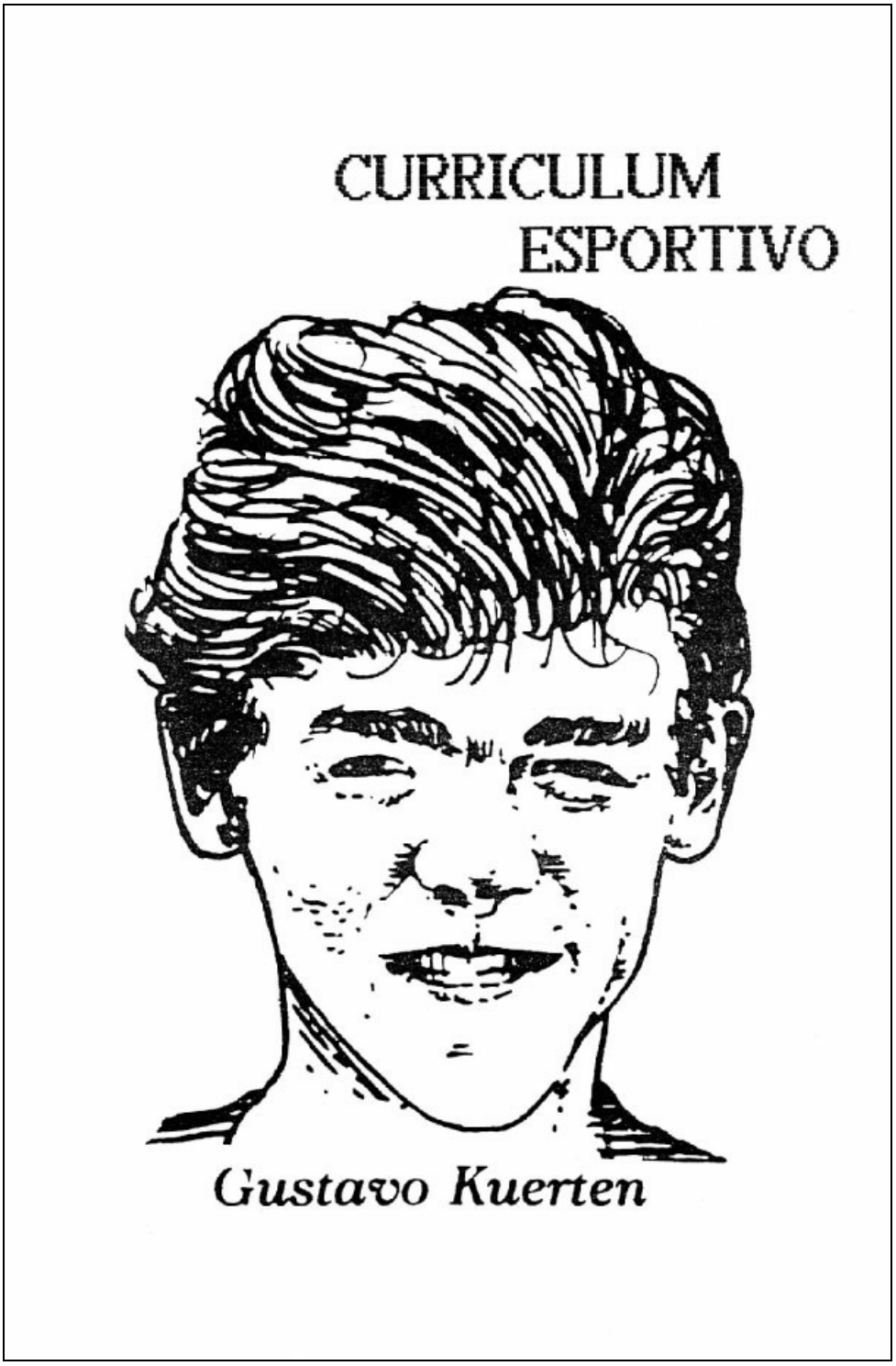
agora, com o patrocínio no tênis, eu era parte da equipe. Assinado em outubro de 1991, o primeiro contrato tinha duração de três meses. Por ele, eu tinha direito a uns 300 dólares mensais, quantia que dava para honrar quase todo o salário do Larri.

Dois meses depois, em dezembro, mostrei resultado e fiquei em quarto lugar no mundial por equipes. Com isso, a Sadia viu uma oportunidade de associar sua marca ainda mais ao esporte, à saúde, a um possível vencedor. Naquele mesmo mês, revalidou o contrato em condições mais favoráveis. Apostando de verdade, fechou um patrocínio de uns 30 mil dólares anuais, dividido em doze parcelas mensais, que mais tarde seria renovado. Isso dava 2.500 dólares por mês. A mãe não ganhava isso na Telesc.

Durante o contrato com a Sadia, o LIC, meu clube da infância, decidiu me contratar por um ano para que eu o representasse em competições. Como pagamento, me inscrevia nos torneios, dava cem bolas novas por mês e ainda garantia quadra para treinar na hora que quisesse. De uma hora para outra, me vi afortunado.

Para quem estava prestes a vender a casa para financiar um sonho, isso era nadar em dinheiro e ainda ter bolinha nova para treino, uma raridade para nós. A mãe não precisava mais tirar um tostão do bolso para bancar minhas viagens para participar de torneios. Não sobrava um dólar de economia, mas técnico, quadra, meias, calção, camiseta, ônibus, avião, água, refrigerante, hotel, café da manhã, almoço, lanchinho da tarde, jantar, bolacha da madrugada, tudo cabia nos novos patrocínios. Num dia a gente estava pedindo esmola e no outro podia planejar adequadamente o meu futuro. Com isso, sem me preocupar com dinheiro, eu tinha tranquilidade para só jogar tênis. Agora estava na minha mão. Tudo dependia só de mim.

Acervo pessoal



Capa do currículo de Guga, que Alice levava aos potenciais apoiadores. O desenho foi feito à mão pelo amigo Miltinho.

O CHURRASCO E A PROMESSA

Meu primeiro herói nas quadras, o pai foi um tenista temporão. Na juventude, gostava de jogar futebol e basquete. Só depois que conheceu a mãe é que pegou gosto pelas raquetes. Como tudo, aprendeu sozinho. Num dia estava no paredão, no outro já disputava dupla com a mãe e, em meses, já jogava melhor do que meio clube. Mas só jogar não era suficiente para ele. No LIC, Lagoa Iate Clube, tornou-se diretor de tênis e organizou torneios. Na Astel, fez campanha para construir as primeiras quadras de lá e também criou a equipe de tênis da associação.

Além de jogar, incentivar os filhos e promover torneios, acompanhava os campeonatos, conhecia os jovens talentos regionais e sabia quem eram os principais treinadores do Sul do país. Dentre os técnicos, o que mais admirava era Larri Passos, gaúcho da cidade de Rolante que tinha sido tenista em Porto Alegre até perceber que seu maior talento estava em ensinar. Larri era treinador do Bocão, apelido pelo qual o catarinense Marcus Vinicius Barbosa se tornaria conhecido no circuito nacional de tênis.

Anos mais velho do que eu, Bocão chamava a atenção de todos os pais e filhos que gostavam de tênis. Com 14 anos e quase 1,90 metro de altura, batia forte, tinha técnica e estilo. Precoce, depois de ser número 1 do estado e um dos melhores do Brasil, chegou à semifinal do juvenil de Wimbledon com 15 anos. Por mais talentoso que Bocão fosse, o pai enxergava que o Larri tinha uma boa participação naquela mágica. E, se havia feito o truque com um menino catarinense, também podia fazer com outro.

Foi assim que, quando eu tinha 7 anos, o pai cismou que o Larri tinha que me treinar. Isso é outra coisa que me intriga até hoje. Larri era o melhor treinador que ele conhecia nas proximidades. Até aí tudo bem. Mas, pelo que a mãe conta, mais do que um professor, parecia que o propósito do pai era me encaminhar na vida. Mas querer isso com tênis no começo da década de 1980?! Naquela época, ninguém ligava para tênis e brasileiro não ganhava dinheiro com isso. Raquete e bolinha eram lazer de fim de semana, hobby e olhe lá. Todo mundo sabia disso.

No dia em que Márcio Carlsson, então jovem tenista catarinense, foi apresentado à mãe de sua namorada, deu-se esse diálogo:

– O que você faz da vida, Márcio?

– Jogo tênis.

– Tênis e mais o quê?

– Nada. Só isso.

– Mas tem certeza? Bolinha de tênis não enche a barriga de ninguém.

Era assim que o Brasil encarava o tênis. Mas o pai enxergou em 1983 o que mais ninguém via e, apostando na sua intuição, decidiu que ia fazer um churrasco para tentar fisgar o Larri. Telefonou para Porto Alegre e fez o convite, sem revelar sua intenção. Marcou para um domingo. E então, lá pelas tantas do churrasco, o pai deu o bote:

– Larri, quero que tu treine o Guga.

– Mas, Aldo, tá maluco? Ele é muito criança... Tem 7 anos. Precisa brincar, não jogar tênis...

– Mas ele tem talento, Larri. Vem treinar no LIC, tem um monte de garotos interessados em tênis.

– Aldo, escuta, hoje não tem nenhuma chance de eu parar minhas coisas e vir para cá cuidar do menino. Mas prometo que um dia vou treinar o Guga. Não agora, mas na hora certa. Deixa ele crescer primeiro. Você tem minha palavra – disse o gaúcho, que, eu saberia mais tarde, se falasse que ia fazer, não havia no mundo o que o demovesse.

Essa foi a primeira, única e última vez que eu, Larri e o pai estivemos juntos. O pai morreu no ano seguinte ao churrasco, sem nunca me contar detalhes da conversa.

A segunda vez que encontrei Larri aconteceu uns três anos depois. Ele convidou a mim e ao Rafa para passarmos uma semana treinando com ele em Balneário Camboriú. Como a oma tinha apartamento lá, a hospedagem estava garantida. Eu tinha 10 anos, era muito novo, não me lembro de uma só aula de tênis com ele. Mas guardei duas recordações importantes na memória.

A primeira foi o buggy do Larri. Toda manhã ele nos pegava na casa da oma para treinarmos no Itamirim, clube de Itajaí a 20 quilômetros de distância. A gente ia sentado no banco de trás sentindo o vento no rosto, o que dava um gosto de aventura ao passeio. O ponto alto era quando Larri acionava uma buzina que parecia sirene de polícia. Não sei por que ele tinha mandado instalar aquilo, só que a gente se acabava de rir. Foram dias prazerosos e felizes.

A segunda sensação é que eu me sentia o máximo só de ficar perto dele, como se a simples proximidade fosse me transmitir ensinamento. Eu tinha orgulho de ser visto ao lado do treinador do Bocão e, mais ainda, que ele gastasse tempo dando atenção a mim. Larri não tinha nenhuma razão para passar essa semana comigo e o Rafa a não ser transmitir a mensagem de que não tinha nos esquecido e, de quebra, ver de perto como eu vinha evoluindo no tênis. Para mim, essa pequena temporada em Camboriú deixou um gosto de quero mais que jamais me abandonou.

Mais ou menos três anos depois, Larri foi me ver jogar num torneio no Bela Vista Country Club, em Gaspar, cidade entre Blumenau e Brusque. Quando vi que ele estava lá, fiquei nervoso, apreensivo, com a adrenalina a mil. Joguei tudo o que sabia para impressioná-lo,

tentava ace, buscava lances matadores. Queria fazer bonito para ele. Na minha sensação de criança, parecia que eu jogava melhor, batendo mais forte, mais certeiro, com o Larri olhando.

Depois disso, passei meses sem contato com ele. Até que, em meados de 1989, o telefone tocou em casa. Larri queria falar com a mãe. Na conversa entre os dois, ele explicou que tinha sido contratado pela Ceval para montar uma equipe de tênis e queria que eu fizesse parte.

A Ceval era então uma das maiores empresas de alimentos do Brasil, líder nacional no processamento de soja e na produção de farelos e óleos. Não costumava investir muito em esporte, mas isso estava mudando, e mudaria ainda mais quando um diretor se encantou com um projeto idealizado por Valmor Buzz, um amigo do Larri.

Daniel Conzi / RBS

Guga com uniforme da Ceval, jogando a Copa Centro-Sul de 1991.

Esse amigo tinha uma filha que levava jeito com a raquete e, como meu pai, queria encontrar um modo de Larri treiná-la. Como não tinha cacife para bancar sozinho, criou, tendo Larri como mentor intelectual, um programa inteiro que poderia beneficiar diversos jovens. E aí foi atrás de uma grande empresa que bancasse os custos. Fanático por tênis, um diretor da Ceval aceitou financiar tudo, do alojamento dos tenistas de outras cidades ao salário de Larri, que passou a ser o coordenador do projeto, além de principal treinador.

E agora o técnico que o pai sempre quisera que me orientasse telefonava à mãe para pedir que eu, aos 13 anos, me juntasse à equipe. "Só tem um inconveniente: o Guga vai ter que morar em Gaspar, onde fica a sede da Ceval", Larri explicou. "Mas o negócio é profissional, a oma mora lá do lado, eu estarei por perto, vou ajudá-lo a tirar de letra. Acredite, Alice, vai ser bom para ele."

Até hoje é raro encontrar no Brasil uma estrutura voltada para o tênis tão completa quanto a da Ceval. Começava com escolinha de tênis para crianças, avançava pelo juvenil e chegava ao profissional. O centro de treinamento no Bela Vista Country Club era um primor, com pista de corrida, equipamentos, preparador físico, treinadores para todas as categorias. A Ceval dava moradia e refeição para os jogadores, matriculava os menores em colégio público e

também fornecia material. Havia mais uma cereja no pudim: quando completei 14 anos, tornei-me funcionário da Ceval, com carteira de trabalho assinada e salário simbólico. Eu me senti a pessoa mais importante do mundo, um profissional com direitos e deveres, obrigações e regalias, um cidadão.

Era um mundo novo para mim, uma coisa incrível, de cinema. Sem que eu tivesse que fazer força, todas as peças se encaixavam. Quando viajava para participar dos torneios, tinha as despesas pagas. Sabia como ia chegar lá, onde ia ficar, até quando, quanto de dinheiro teria para comer. Era a primeira vez que uma organização cuidava de me inscrever nos torneios, planejar e cuidar da logística, encontrar lugar para treinar. Na época nem me dei conta disso, só fui perceber anos depois que vivenciei ali minha primeira experiência profissional.

Eu morava num condomínio, em um apartamento com sala, cozinha, banheiro e dois quartos. Eu o dividia com Carolina Boscardim, tenista então com 18 anos que também fazia parte do time da Ceval e estava na transição do juvenil para o profissional. Apesar da diferença de idade, gostava da nossa convivência, infelizmente limitada por ela viajar muito para participar de torneios. Chegou a passar três meses jogando na Europa. Nesse período, fiquei cuidando sozinho do dia a dia do apartamento.

Às vezes, a mãe ia me visitar e dava uma força. Mas, sem ela, eu fazia compras, limpava, tirava pó, lavava banheiro, arrumava cama. Só a roupa é que eu não lavava nem passava. Nos fins de semana em que voltava para casa, levava a trouxinha comigo e a mãe resolvia isso para mim. Para combinar se eu estava indo ou ela vindo, na sexta-feira ia para a fila do orelhão e esperava chegar a minha vez para falar.

A rotina era puxada, as atividades começavam cedo e terminavam tarde. Eu acordava às sete horas. Quando a Carolina estava por lá, ela preparava um café com leite e pãozinho com manteiga na chapa para mim. Na sua ausência, se não achasse sucrilhos na despensa, comia algo na padaria da esquina. Depois, já com a pasta da escola debaixo do braço, andava uns 300 metros até o clube para treinar.

Lá, às oito, começava o aquecimento com a turma toda. Como Larri viajava muito, não era sempre que ele podia acompanhar. Às vezes falava que não ia e aparecia de surpresa para nos pegar desprevenidos. Mas era meio impossível com um carro daqueles. Larri tinha um Fiat 147 amarelo, daqueles cujo barulho do motor parecia aspirador de pó velho. A gente o ouvia chegando e apressava o passo na pista de corrida ou então fazia cara de quem estava no limite de tanto praticar. Mesmo quando Larri não estava presente, a coisa funcionava bem, comandada pelos outros treinadores.

Depois de aquecer, era a vez de praticar paralelas e cruzadas por duas horas e meia. Às vezes, nos confrontávamos em partidas que eu quase sempre perdia. Pelo menos noventa por centro das pessoas com quem eu treinava eram maiores e melhores do que eu. Aquilo era excepcional para o meu desenvolvimento. Eu tinha que me esforçar muito para acompanhar o jogo deles.

O treino acabava por volta das onze e meia. Depois eu tomava banho, colocava o uniforme

da escola e entrava na Kombi que nos levava para almoçar no bandejão junto com os milhares de funcionários da Ceval. Aí escovava os dentes e, com a pasta e os livros da oitava série debaixo do braço, esperava o ônibus para ir à escola. Depois de descer no ponto, caminhava quase trinta minutos até chegar lá.

No percurso, passava em frente de dois colégios particulares. Todo dia tinha provocação. Tiravam sarro porque eu usava uniforme, ameaçavam dar uns sopapos, aquela coisa de moleque cheio de hormônios. Ao passar por ali, geralmente eu estava acompanhado por outro jogador da Ceval que também tinha projeção nacional. Mais velho, Marcelo Rebelo, o Cascata, estava no então terceiro colegial. Como ele também era vítima das provocações, a gente precisava criar uma estratégia para sair ileso daquela situação. Não deixava de ser um treinamento para aprender a se virar, algo sempre útil, na vida e na quadra.

No final da tarde, com as aulas encerradas, a gente fazia o caminho de volta e retornava ao clube para mais sessenta minutos de exercícios de condicionamento físico. Só às oito horas estávamos liberados para jantar na churrascaria que ficava grudada num posto de gasolina próximo ao condomínio em que a gente morava. Terminado o jantar, só havia energia para se arrastar até o apartamento e desabar na cama para recomeçar tudo no dia seguinte.

Desde que nasci, sempre passava alguns dias de férias na casa da oma, em Brusque, a meia hora, quarenta minutos da sede da Ceval. Então, nos fins de semana em que não voltava para Florianópolis, eu ficava com ela. Larri sempre foi rigoroso e disciplinador, mas a oma conseguia ser ainda mais exigente. Como aperitivo ou ensaio, conviver com ela ajudava a preparar o espírito para o treinamento com Larri. A diferença é que a oma cozinhava melhor, embora Larri também seja talentoso na cozinha.

Como toda avó, ela me mimava com comida gostosa. O café da manhã era um show, com frutinha, farinha láctea, pão e geleia. O almoço era aquele trivial magnífico com arroz e feijão, salada e carninha que até hoje dá saudade. De tarde, servia bolo e suco para mim e meus amigos.

Mas, para saborear tudo isso, ela, alemã de carteirinha, exigia comprometimento, rigor nos modos e disciplina no dia a dia, com tudo muito certinho. Não podia sair da linha. Se eu passava o fim de semana lá, tinha horário para acordar, almoçar, lanchar e dormir. Mascar chiclete era proibido. Depois do banho, tinha que me enxugar no chuveiro para não molhar o chão do banheiro. Esquecer luz acesa ou a geladeira aberta era pedir para levar bronca. Na hora do almoço, tinha que sentar com a coluna reta. Para evitar que eu nem sonhasse em me recostar, ela trocava a cadeira por um banquinho.

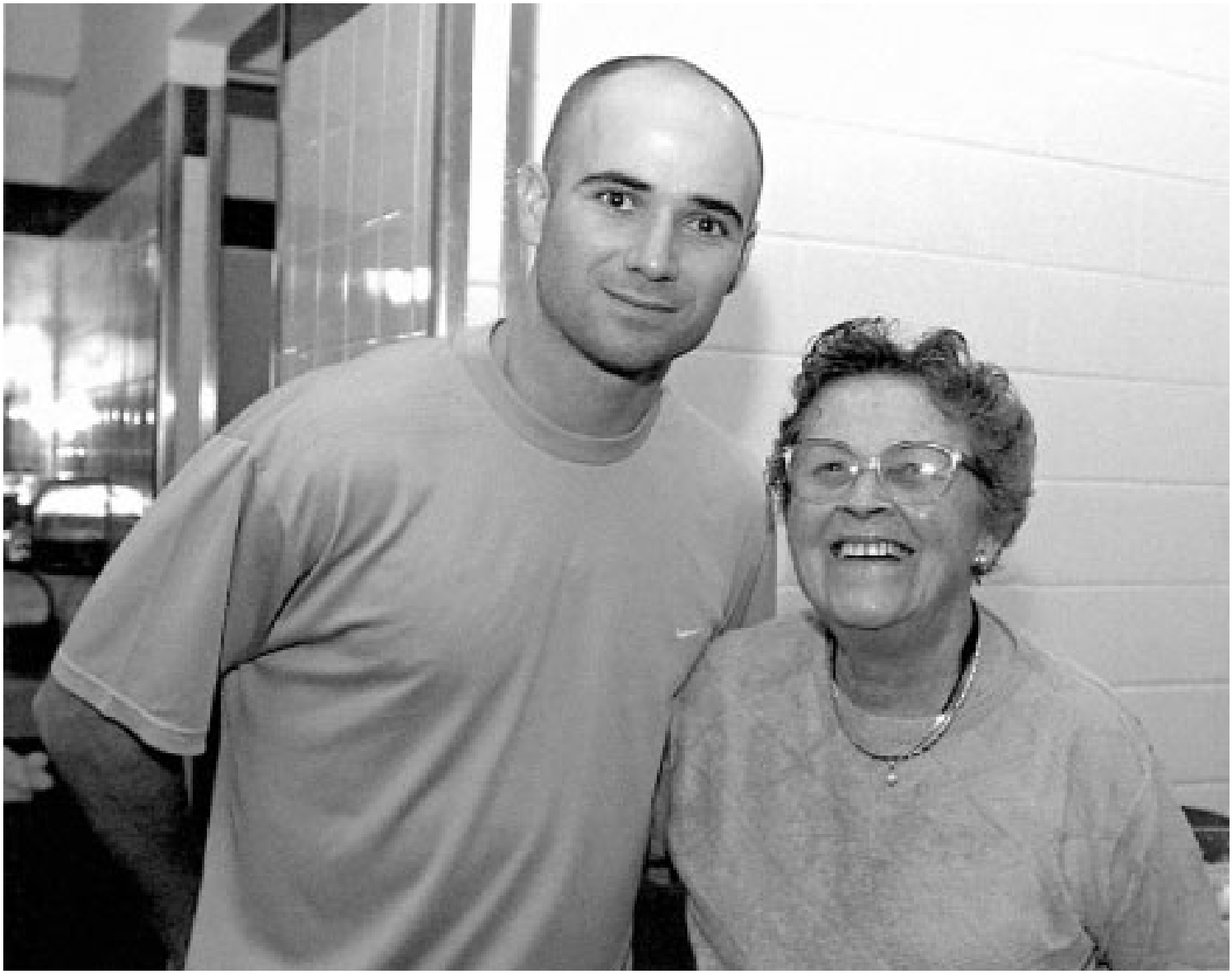
Dentre todas as instruções da oma, porém, a mais marcante era a obrigação de tirar os tênis antes de entrar em casa. Se eu esquecia, o chão da sala ficava salpicado de saibro, ela tinha um treco e eu ficava mal. De um jeito ou de outro, limpar a sola no tapete era lei. Tanto me policiei, que isso, mais do que um hábito, acabou virando um gesto automático.

Na época da Ceval, a vó não entendia nada de tênis. Mas, quando percebeu que o neto ia bem naquilo, começou a acompanhar minha carreira a distância. Numa viagem que fez à

Europa, aproveitou para me ver jogar na Holanda e na Alemanha. No Roland Garros de 1997, ela assistiu, na plateia da quadra central, à semi e à final. Numa coletiva de imprensa, ao falar da minha avó, os jornalistas me perguntaram se ela gostava de tênis e eu disse de brincadeira que a oma sabia tudo, até dava dica para mim. Depois disso, começou a sair em tudo quanto é jornal que eu tinha uma "avó treinadora". Ela ficou conhecida no circuito, querida pelos jogadores, e tirou até foto com Andre Agassi. Quando não aparecia, os tenistas mandavam beijos e abraços para ela.

No tempo da Ceval, o carinho e os mimos de fim de semana da oma ajudavam a suportar a rotina pesada para um garoto de 14 anos que estava longe da mãe e dos irmãos. Sem contar a ninguém, mais de uma vez pensei em desistir, por mais que estivesse fazendo o que queria, com quem queria. Passada a empolgação inicial, veio a rotina desgastante, a ralação nos treinos, a repetição da mesma coisa quinhentas vezes todo dia, um cotidiano de profissional para um guri que não estava preparado para aquilo.

Marcelo Ruschel



Avó de Guga, Olga Schlösser, depois do banho de champanhe da vitória em foto com Andre Agassi no Masters Cup de Lisboa 2000.

A única coisa que me segurava é que eu via que estava melhorando. Então tentava esquecer a saudade de casa e seguia as orientações de Larri. É para ficar três horas na quadra dando cruzada? Tá bom. Tem de repetir amanhã e depois? Vamos lá. Não sabia se era capaz, se ia aguentar ou aonde aquilo ia me levar, mas continuava. A decisão de se tornar um tenista profissional tem que ser uma consequência, uma vontade interior, não uma obrigatoriedade. Larri sabia disso, eu não. Em silêncio, ele me observava enquanto eu tentava ir além do meu limite.

No carnaval de 1990, eu tinha planejado cair na folia em Florianópolis. Mas, semanas antes, soube que haveria um torneio em Blumenau com duas coisas que me interessavam. A primeira era que as partidas seriam uma melhor de cinco sets, chamariz desafiador para quem, como eu, só tinha jogado competições de três. A segunda era o prêmio em dinheiro. Eu

conhecia os adversários e acreditava que tinha chance. Só havia um inconveniente, insignificante para mim. O torneio começava na quarta, prosseguia até a sexta-feira de carnaval, parava no fim de semana e era retomado na segunda, ainda no carnaval.

Falei para Larri que queria jogar e ele me desaconselhou. Disse que era uma decisão equivocada, que eu estava indo para o lado errado, devia desistir dessa bobagem e ir me divertir em casa. Cabeça dura, teimei e fiquei em Blumenau para o torneio. Meu plano era jogar até sexta, ir para Florianópolis no fim de semana, voltar na segunda para continuar e ganhar o prêmio em dinheiro. Quase deu certo.

Joguei a primeira partida, a segunda, a terceira e então chegou a pausa do fim de semana do carnaval. Subi no ônibus e fui matar as saudades de casa e rever meus amigos. No sábado e no domingo, me esbaldei na rua e nos bailes. Estava tão bom que, na hora de voltar para Blumenau, não quis ir. Desisti do torneio e não houve quem me fizesse mudar de opinião. Em vez de assumir a responsabilidade, pedi para a mãe ligar e avisar que eu não ia mais. Só voltei na quarta depois do carnaval, quando o torneio já tinha acabado.

Quando soube disso, o Larri ficou chateado. Me chamou para conversar e falou que aquilo não estava certo.

– Tá faltando seriedade em ti, Guga. Se assumiu um compromisso, tem que honrar – disse a pessoa que tinha me aconselhado a não participar.

Essa conversa, na qual me senti mal e culpado do começo ao fim, teve um efeito positivo na minha relação com Larri. Se eu ainda não sabia para onde ir, ficou claro que do meu lado havia uma pessoa capaz de escolher o melhor caminho por mim. Ele tinha o que me faltava, o norte da minha bússola. Foi a última vez que o contestei.

Retomei os treinos na Ceval com a sensação de que podia seguir Larri de olhos fechados. Menos ansioso, entendi que precisava de tempo para que as coisas acontecessem. Temendo que Larri ficasse com má impressão sobre mim, me empenhei mais. Passei meses assim, dando o máximo do máximo. Mas aí veio a bomba. Larri se desentendeu com a Ceval e avisou que ia sair do projeto. A notícia abalou meus alicerces. Meu primeiro impulso foi sair junto. Cheguei a telefonar para a mãe e falar da minha vontade de abandonar tudo já que não ia mais ter Larri por perto. Nessa ligação, ela pediu para eu ter paciência e confiança que as coisas iam se ajeitar. Não percebi no telefonema, mas ela ficou preocupada. Assim que desligou, falou para o Rafa:

– O Larri está saindo e o Guga quer voltar. Entendo o lado dele, mas o que vai ser desse menino se a cada contratempo, a cada decepção ele quiser desistir?

O Rafa concordou, mas partilhou com a mãe a preocupação de que, se eu me sentisse sozinho e desamparado demais, podia buscar conforto nas companhias e nas coisas erradas. Para evitar isso, a mãe e o Rafa concordaram que, a partir dali, precisariam de um plano B.

Eu mergulhei no cotidiano. De noite, estudava na cama até dormir em cima dos livros. De dia, como sentia que continuava progredindo nos treinos, praticava até o corpo arriar. Nos torneios, me entregava como se fosse o último. Mas, por mais que evitasse enxergar, o mundo

tinha mudado. Aos poucos, as coisas estavam deixando de ser como antes. Faltava a energia do Larri. A mágica tinha acabado para mim. Comecei a ter uma saudade insuportável de casa. Dia a dia, a vontade de treinar evaporava. Meu mundo colorido ia desbotando a cada semana. Passei a não gostar mais de estar ali.

A mãe tinha dito que eu precisava ter paciência, que tudo ia se arranjar, mas minha fé nisso ficava menor de hora em hora. Numa noite, depois de jantar sozinho na churrascaria da esquina, voltei para o apartamento que dividia com a Carolina Boscardim. Ela não estava lá. Foi então que me vi no meio da maior solidão que senti na vida. Mal sabia o nome dos vizinhos. A sensação de abandono me derrubou e o desespero bateu.

Eram quase dez horas da noite de uma quinta-feira quando peguei uma ficha telefônica, desci as escadas do prédio correndo e fui para o orelhão. Disquei o número e, quando a mãe atendeu, comecei a chorar. Ela não entendia nada de tanto que eu soluçava. Consegui me acalmar um pouco e falar:

– Não quero mais ficar aqui. Acabou. Me leva para casa agora.

– Mas, Guga, não tem como te buscar neste momento. Fica mais dois dias aí. No fim de semana eu vou.

– Não durmo mais uma noite aqui. Tem que ser agora – implorei, aos prantos, voltando a soluçar.

A mãe foi um gênio. Sozinha com o Rafa e o Gui em casa, sem a Dete para segurar as pontas, ela não tinha jeito de ir me salvar. Mas criou um plano alternativo num instante.

– Guga, tu sobe para o apartamento, arruma tuas coisas e espera, que o socorro já segue.

Desligou o telefone, discou na sequência para a casa da oma e explicou a emergência. Em menos de uma hora, de táxi, minha avó saiu de sua casa em Brusque e foi me resgatar em Blumenau. Quando vi a oma, eu a abracei forte e chorei mais. Continuei assim por pelo menos metade do caminho. Só acalmei de verdade quando ela, depois de me dar um leite quente, me pôs na cama e disse para eu dormir bem que no dia seguinte estaria em casa.

De manhã, a oma me levou até a rodoviária, me colocou num ônibus para Florianópolis e desejou boa viagem. Quando, horas depois, da janelinha do ônibus, vi a mãe me esperando na calçada, caí na choradeira de novo. Poucas vezes na vida senti um alívio tão grande.

Na volta para a casa do Itacorubi, a mãe esperou a poeira baixar um pouco e me chamou para conversar.

– Guga, estamos do teu lado, mas tu ainda tem compromisso com a Ceval. Finaliza isso, não esquece da escola. Faz a tua parte que nós vamos encontrar uma solução, o melhor caminho para ti.

Faltavam menos de dois meses para o final do semestre. A mãe, colocando em ação o plano B, prometeu que passaria os fins de semana comigo, deixando o Gui aos cuidados do Rafa e da Dete. Então voltei e cumpri minhas obrigações. Quando o semestre terminou, fui correndo para casa. Mas o compromisso com a Ceval ainda não tinha terminado.

Mesmo que eu não estivesse mais lá, a Ceval não queria abrir mão de mim na equipe. Eu

não treinava mais com os outros tenistas, mas continuei jogando os torneios sob a chancela deles. Era conveniente para ambos os lados, embora não fosse suficiente para nenhum dos dois.

A experiência na Ceval tinha sido maravilhosa. Avancei muito em pouco tempo. Descobri ali coisas determinantes, cuja importância só compreendi anos depois. Mas eu sabia que, mais do que a Ceval, o que fez a diferença foi o Larri. Era ele quem sabia lidar comigo, me dava a centelha, aguçava os sentidos, me provocava para melhorar, apontava o caminho para o mundo de que eu queria fazer parte. Eu podia ficar sem a Ceval, mas não longe do Larri. O sonho, porém, tinha acabado e parecia que não ia ter mais jeito de unir as duas pontas, entrelaçadas anos antes pelo pai num churrasco no quintal.

Eu não sabia disso na época, mas o Larri também não queria me deixar para trás. O problema é que ele precisava de uma quantia mensal que a gente não tinha para fazê-lo sair de Camboriú e ir a Florianópolis me treinar três vezes por semana, o mínimo dos mínimos para um garoto que sonhava ser profissional. Por mais que quebrasse a cabeça para solucionar a equação, a mãe se via de mãos atadas.

No entanto, mais uma vez, o problema trouxe a solução. Quando ficou com síndrome do pânico, logo depois da morte do pai, a mãe fez um tratamento com Celso Lopes, médico da Astel cujo filho, Bernardo, também jogava tênis. Depois que saí da Ceval e ninguém sabia como continuaria meu treinamento, a mãe voltou a ficar preocupada e apreensiva. Teve síndrome do pânico de novo. Marcou então uma nova consulta com o doutor Lopes. Vendo-a nervosa, ele perguntou o que estava acontecendo e a mãe respondeu:

– O Guga está meio perdido depois que o Larri saiu da Ceval. Eu queria tanto que eles continuassem a treinar juntos, mas não tenho como pagar.

– Quanto é?

– Mil dólares por mês.

– Alice, você tem 400?

– Acho que dou um jeito.

– Que tal a gente somar esforços? Você dá 400, eu pago 600 e o Larri treina o Bernardo e o Guga. Mesmo que o Bernardo não vire profissional, vai ser uma experiência importante para ele.

Até hoje, a mãe acha que o doutor Lopes, que já morreu, era "um anjo que saiu das nuvens para nos salvar". Com a remuneração assegurada, ficou combinado que o Larri nos treinaria três vezes por semana, às segundas, quartas e sextas. Às terças e quintas, eu praticaria com Bernardo, geralmente seguindo orientações do Larri. Assim, ficou bom para todo mundo. Ou quase todo mundo.

Estava tão feliz por ter meu treinador de volta que nem me passou pela cabeça que não convém a ninguém servir a dois senhores ao mesmo tempo, no caso à Ceval e ao Larri. Não demorou dois meses até a diretoria da Ceval descobrir que eu, um dos jogadores mais talentosos da equipe, estava treinando com um desafeto deles. Foi o suficiente para me

ejetarem dali. Perdi o suporte e o emprego da Ceval, empresa que foi a primeira e última a assinar minha carteira de trabalho. A partir daí, a gente estava por nossa conta, só eu, minha família e Larri. O peso da minha decisão aumentou. Não havia mais margem para erro.

Por estranho que pareça, me senti mais poderoso. Fiquei com a sensação de que a gente podia qualquer coisa, que, não importava o tamanho do problema, daríamos um jeito. Ótimo que eu pensasse assim. O dia a dia mostrou que simplesmente não tínhamos onde praticar. Às vezes, treinávamos de favor num lugar que alugava quadras. Mas não era sempre que dava. Então tentávamos na Astel ou no LIC.

Por mais cedo que chegássemos, as quadras já estavam ocupadas pelos sócios. Larri então me mandava correr, dando voltas no clube, até uma quadra vagar. Aí ele assobiava para me chamar. Para evitar esse improviso, passamos a reservar horário. Aguardávamos um jogo terminar, começávamos a bater bola e aí vinham outros alegando que não podiam esperar porque tinham compromisso profissional depois. A gente passava o dia todo lá e não conseguia treinar nem duas horas. Então, mais uma vez, Larri tirou da cartola:

– Se não tem quadra aqui, vamos fazer a nossa em outro lugar.

Quando ele disse isso, achei que era brincadeira. Esqueci que Larri não falava por falar e era mais fácil vaca cair na piscina do que ele desistir de um plano. Uma semana depois de ter plantado a semente em nossas cabeças, ele apareceu com o lugar. Ricardo Pereira era dono de um tradicional hotel de Florianópolis chamado Maria do Mar, perto da praia, no bairro de João Paulo. Havia ali uma quadra de saibro, abandonada há anos. Larri convenceu Pereira a cedê-la para nós com o argumento de que iríamos recuperar o patrimônio dele.

A quadra era uma mistura de horta na areia com campo de batalha, com limo, musgo, erva daninha, mato e tufo de grama brotando da buraqueira. Eu, o Bernardo, o Larri e o Laerte, que ajudava nossa família havia anos como uma espécie de faz-tudo, levamos um dia quebrando o piso, martelando tudo aquilo para depois aplainar. Descobrimos que a rede ainda existia, mas estava cheia de furos. Emendamos tudo. Compramos fita para desenhar a quadra. Medimos, afixamos as linhas com martelo e pregos grandes. Para arrematar, conseguimos sacos de pó de tijolo e espalhamos tudo ali. Três dias depois, nossa quadra estava pronta. Eu olhava para Larri, depois para Bernardo e mal acreditava, ria sozinho, orgulhoso do nosso feito.

– Taí, terminamos. Daqui ninguém nos tira. Chega de papo. Vamos jogar – comandou Larri.

Inauguramos nosso centro de treinamento. De vez em quando, a fita se soltava e ficava levantada. Ou a bolinha pegava num morrinho artilheiro e desviava. Aí, de brincadeira, eu acusava o Larri de não ter nivelado direito e ele então dizia que aquilo tinha sido obra do Bernardo, tudo pretexto para dar risada. Não existia tempo ruim. Juntos, tínhamos resolvido um problema crucial. Podia não ser o ideal, mas ainda estava no padrão das quadras dos clubes de Florianópolis, com a diferença de que aquela era só nossa, e ainda com vista para o mar.

A BATALHA DOS SOBREVIVENTES

A imensidão da proeza justificaria, mas a noite de celebração da vitória sobre Kafelnikov nas quartas de Roland Garros em 1997 não teve fogos, festa nem champanhe. Não fossem as exclamações de entusiasmo, as risadas fáceis e a euforia geral à mesa, seria o jantar de sempre na pizzaria Victoria, com muito macarrão e um pouco de refrigerante. Lá pelas tantas, comentei:

– Puxa, seria muito legal se a mãe e a oma estivessem aqui...

Larri, Rafa e Letícia se entreolharam.

– Teu comentário acaba de estragar a surpresa. Elas estão vindo, Guga – Larri falou.

Eu não sabia que, logo depois do fim da partida contra Kafelnikov, meu técnico e meu irmão conversaram sobre a conveniência disso.

– Rafa, telefona para casa e chama o pessoal.

– Mas, Larri, tu sabe como o Guga é emotivo. Ele pode se desconcentrar com a mãe e a oma aqui – falou meu irmão pragmático.

– Liga lá, Rafa. O que tiver que ser será. Acabamos de matar um leão atrás do outro. O Guga fez mais do que qualquer um de nós podia imaginar. Ganhamos até do Kafelnikov, campeão do ano anterior. Estamos na semifinal. Elas, como tu, apostaram a vida toda para ver esse dia. Agora é hora da festa e as duas não podem ficar de fora.

Dois dias separavam a vitória sobre Kafelnikov da partida contra o belga Filip Dewulf. A mãe e a oma conseguiram providenciar tudo e chegar a tempo. Paris durante Roland Garros é como Salvador ou Rio de Janeiro no carnaval, só tem hotel lotado. Larri conversou com o dono do Montblanc, que a essa altura já tinha virado meu torcedor desde criancinha. Sei lá que malabarismo o homem fez, mas desencavou um quarto para a mãe e a oma. Só faltava o Gui, meu irmão caçula, para eu me sentir realmente em casa.

A mãe trouxe com ela alguns recortes de jornais brasileiros que me retratavam como revelação, fenômeno e a esperança do Brasil. Em quase todas as reportagens me tratavam como ídolo nacional! Eu não acreditava, não era possível que estivessem falando isso de mim. Ídolo era Pelé ou Senna; aquilo não se encaixava, não combinava comigo. Passei os dois dias treinando e definindo estratégia com Larri. Não era nada muito elaborado. O plano inteiro cabia em uma constatação e uma recomendação:

– Cavalo, tu tá jogando muito. Repete o que fez até agora que este torneio é nosso.

Nos cinco jogos até ali, eu era uma zebra azul e amarela. Na partida contra Dewulf, no entanto, pela primeira vez fui considerado favorito. Eu era o 66º do mundo, Dewulf, o 122º. Mas era inegável que o belga também estava na melhor semana da vida dele. Antes da nossa partida, venceu Fininho, o espanhol Alex Corretja e o sueco Magnus Norman, todos paradas duríssimas. Moral da história: eu e Dewulf éramos dois sobreviventes que não deviam estar ali no topo e, uma vez que chegaram, não queriam sair de jeito nenhum.

Por mais que eu tentasse me manter meio zen, felicidade incontida demora a passar. Em cada dez minutos do meu dia, cabia alegria para dois carnavais. Nos treinos, pedindo café, andando na rua com a mãe e a oma, tomando banho, não tinha como escapar da sensação de euforia. Se eu havia vencido Kafelnikov, um cara que era melhor do que eu em tudo, o terceiro do ranking, campeão do ano anterior, agora ninguém me segurava, a taça era minha. Larri me alertava para não entrar num clima de já ganhou, o que afetaria minha concentração. Mas também tentava preservar minha empolgação, essencial naquele momento. Como ser máquina e humano ao mesmo tempo? – eis a questão.

A rotina ajudava. Eu tomava café, almoçava, jantava, essas coisas que, perdendo ou ganhando, todo mundo faz todo dia. Treinava de manhã e de tarde, como sempre. A única novidade era que o assédio dos jornalistas havia aumentado. Tinha que dar entrevista coletiva em sala de imprensa lotada, com uns cinquenta repórteres, americanos, europeus, asiáticos, sul-americanos. Ninguém estava entendendo nada, o mundo precisava de uma resposta. De onde tinha saído aquela figura? Brasileiro era jogador de futebol, não de tênis. Eu respondia a todas as questões, quase sempre em tom de brincadeira. Nunca tinha passado por aquilo, não tinha nenhuma resposta pronta, então falava o que vinha na cabeça.

Quando me perguntaram quem era meu ídolo no futebol, não hesitei:

– Jacaré.

Os repórteres internacionais não entenderam. Muitos jornalistas brasileiros também boiaram. "O artilheiro do Avaí, meu time em Santa Catarina", expliquei, e os caras não sabiam se eu estava falando sério ou brincando, davam risada do meu jeito, simpatizavam comigo, só escreviam coisas legais a meu respeito. Impressionados pelo que eu vinha fazendo em quadra, alguns até diziam que estavam torcendo por mim.

O estilo de jogo de Dewulf lembrava o de Kafelnikov, mas não tinha o brilhantismo do russo. Larri decidiu manter a estratégia da partida anterior: potência máxima desde o início para surpreender e passar por cima. Uma hora e meia antes do jogo, fomos aquecer para entrar em quadra fervendo. O tempo passou muito rápido. No vestiário, mal acabei de prender o cabelo com uma bandana azul e amarela que combinava com o uniforme quando Larri avisou que estava na hora.

O primeiro set foi praticamente um passeio, 6-1 para mim. Controlei do início ao fim, uma execução perfeita da primeira parte do plano. No começo do segundo, continuei com o desempenho de um rolo compressor. Quebrei o saque de Dewulf e fiz 3-1. Mas aí uma série de fatores se juntou, me desconcentrei e a velha bobeira tomou conta de mim.

Primeiro, começou a ventar, o que poderia ser uma vantagem para o guri de Florianópolis que aprendera a jogar em quadras nas quais, muitas vezes, dava tranquilamente para empinar pipa. Mas, àquela altura da minha carreira, vento atrapalhava, não só pela possibilidade de interferir na trajetória da bola. Como os meus golpes de maior potência dependiam de movimentos largos e longos, o vento afetava a precisão.

Além disso, se o grau de exigência fosse maior, com um adversário estraçalhando o outro, é provável que eu continuasse exibindo um tênis de primeira linha. Mas, numa partida relativamente tranquila, sem aquela tensão que me incendiava, viajei, diminuí o ritmo, amoleci, comecei a errar uma atrás da outra. Dewulf aproveitou a brecha e se animou. Contando com o vento, minha bobeira e a crença de que o adversário não era indestrutível, Dewulf fechou o set e empatou o jogo. Um a um.

Não me abalei. Estava seguro de que ia entrar de novo no compasso e voltar a jogar bem. A essa altura, já tinha aprendido que podia sair da enrascada com a mesma facilidade com que tinha entrado. Bastava passar uma borracha naquilo e começar o set seguinte do mesmo jeito que o primeiro. Com a lição na ponta da língua, fomos para o jogo. Sem me deixar distrair, soltei o braço. Mais uma execução perfeita da teoria. Venci fácil, fechando o terceiro set em 6-1. Só faltava mais um.

Na plateia da quadra central lotada, as pessoas se espremiam, a maioria me incentivando com "Allez, Gugá". Era a quarta vez seguida que eu ouvia aquilo, e a cada vez o impacto era maior. Eu adorava, me fazia sentir em casa.

O quarto set começou parelho, com um lado incomodando o outro. Depois de ter levado um caldo no set anterior, Dewulf não tinha muita opção. Com a faca no pescoço, ele tinha que vir para cima com tudo. O jogo subiu de nível. Forçando muito, batendo forte, acertando umas bolas difíceis, ele se mantinha à tona, acreditando que podia virar a partida. Empatamos em 3-3 em games.

A partida tinha alcançado aquele patamar de que eu gostava, com o grau de dificuldade que me estimulava a ir além. Engatei a sexta marcha e acelerei. Pisando fundo, quebrei o saque dele e visualizei a reta final, 5-4 pra mim. Agora só faltavam quatro pontos e nada mais. Embalado, o saque era meu, a torcida do meu lado, nada de vento, tudo a favor.

Mas aí a máquina voltou a ser humana. Com o coração disparado, novamente me vi às voltas com o mal que acomete nove em dez tenistas em momentos cruciais: a síndrome de finalização da partida. Eu tentava retomar o domínio da situação, sem muito sucesso. A situação era muito anormal, uma semifinal em Roland Garros na quadra central, mais de 10 mil pessoas gritando. A poucos passos da maior conquista da minha carreira, tremi nas bases, fiquei tenso pra caramba.

Do outro lado da quadra, como tudo indicava que o jogo estava perdido, Dewulf relaxou. Sem o peso da responsabilidade nas costas, passou a arriscar, acertando bolas incríveis. Agarrando-se a um fio de esperança com uma mão e dando show com a outra, recomeçou a escalada. Quebrou meu saque e empatou em 5-5.

Na mesma hora, perdi a compostura, comecei a gesticular, indignado com a derrapada. Não tinha como ser diferente. Era um soco no estômago e não consegui manter a tranquilidade. Comecei a falar sozinho, reclamando que estava com o jogo na mão e tinha colocado tudo a perder.

Nem olhei para Larri, para não ficar mais perturbado. Ele devia estar com expressão de desespero, quase entrando em quadra para puxar minha orelha. Então vamos lá de novo. Dewulf sacou e fez 6-5. Era só o que me faltava, ficar em desvantagem no penúltimo degrau, dando oportunidade para o belga se animar mais. Eu precisava reverter aquele cenário. Na troca de lado, mordendo a toalha no banco, olhando para o céu, tive a presença de espírito de refletir um pouco:

"O jogo está 2 a 1 para mim. Para de se preocupar com o cara, com o que ele vai fazer ou não. Se concentra no teu jogo. Entra lá e resolve."

A pausa me fez bem. Saquei e empatei, 6-6.

Fomos para o tie-break. Naquela hora, valia qualquer coisa para me sentir superior. Quando estava me ajeitando para recepcionar o saque, encarei Dewulf. Ele nem deve ter notado, mas aí, nessa encarada, eu percebi que o panorama tinha mudado. O belga já não estava relaxado nem confortável. O peso da responsabilidade tinha voltado, o cara estava nervoso e agora ia ser um salve-se quem puder. Sim, claro, óbvio, eu precisava me agarrar a isso e não soltar mais. Faltava menos para mim do que para ele. Voltei a ficar confiante.

Começamos o duelo do tie-break com tensão total. Eu tinha decidido que ia manter a pressão, mas também procurando administrar mais, jogando no erro dele e esperando a chance certa de soltar o braço. Eu era senhor da situação e assim iria até o fim, tentando deixar claro para Dewulf que, se ele quisesse ganhar, ia ter que jogar o melhor tênis do mundo. E então, na hora H, ele derrapou e eu aproveitei. Finalizei a partida, derrotei o belga e carimbei o passaporte para a final de Roland Garros.

Eu tinha feito o milagre do milagre do milagre. Mas, mesmo com a mãe e a oma na plateia, essa foi a comemoração mais contida de todas. É difícil explicar a razão. Antes minha impressão era que cada partida em Roland Garros começava e terminava em si mesma, uma conquista de cada vez, como sempre tinha sido na minha carreira. Mas a vitória sobre Dewulf, embora fosse a mesma coisa, soava diferente. A sensação era de ser parte de um processo, o pedágio para chegar ao verdadeiro jogo da vida, para o qual eu precisava me preparar desde já. Ainda mais porque aquela pane no último set, quando eu estava ganhando por 5-4 e deixei Dewulf passar na frente, mostrava que eu precisava ser mais incisivo, menos humano e mais máquina na final.

Ninguém precisou falar sobre minhas virtudes ou deficiências. Eu sabia, Larri também. Logo depois da partida, nos abraçamos, comemoramos, vibramos, mas a cabeça dos dois já estava em outro lugar. Juntos, fomos ao vestiário assistir à outra semifinal, entre o australiano Patrick Rafter e o espanhol Sergi Bruguera. Os jornalistas tinham me perguntado uma dúzia de vezes com quem eu preferia jogar caso passasse para a próxima fase. Respondia que o

importante era a oportunidade de disputar uma das finais mais nobres do circuito, que o adversário não fazia diferença. Era lorota. Eu preferia mil vezes encarar Bruguera.

Rafter tinha um estilo de jogo que me incomodava. De saque e voleio eu queria distância, ainda mais naquele lugar e naquela hora. Eu preferia o jogo franco do espanhol, mesmo que ele fosse bicampeão em Roland Garros e já tivesse sido chamado de rei do saibro.

Bruguera perdeu o primeiro set de Rafter, mas ganhou os outros três. Meu oponente na final já tinha identidade, nome e rosto. Enquanto eu me levantava para tomar banho, antes que meu treinador fosse cuidar das coisas dele, Larri deu um sorriso encorajador e três tapinhas na minha perna, um comentário tátil e silencioso que queria dizer: É isso aí, Cavalo. Agora só falta um.

SACRIFÍCIO OU O OFÍCIO SAGRADO

Tênis, na teoria, é simples. É só botar a bola onde o adversário não está. Na prática, porém, não há simplicidade mais capciosa. Tudo o que devia acontecer não ocorre exatamente do jeito que você quer. Essa lei começa a vigorar antes mesmo de a bola entrar em jogo.

Dizem que o saque é o único momento em que o tenista tem controle do jogo, uma vez que não há influência do adversário. Discordo. Mesmo sem a participação do cara que está do outro lado, você não controla o saque tanto assim. O domínio só existe quando a bolinha está segura na sua mão. Soltou, jogou para cima, adeus, o controle foi para o espaço e o saque virou um somatório de fatores e variáveis. Faça a experiência em casa. Parado no mesmo lugar, jogue a bolinha para o alto mil vezes. Nesses mil lançamentos, quantas vezes ela foi à mesma altura, com a mesma curvatura ou ângulo, e depois caiu no mesmo ponto? Provavelmente, zero. O saque é um dos golpes mais técnicos e difíceis do tênis.

Mas suponha que você saque perfeitamente. Na hora em que a gravidade age e a bola desce, você a acerta bem no meio da raquete, na direção desejada, no ângulo certo, com a força ideal. Nesse cenário, obviamente a bola vai aonde pretendia, certo? Não necessariamente. Uma variação milimétrica, de meio grau na inclinação da raquete, já faz com que a bola chegue do outro lado até um metro distante de onde tinha sido mirada. Sacar com precisão é acertar um quadrado imaginário de 20 por 20 centímetros.

O bom é que o adversário está sujeito às mesmas leis da física que você, mas, vira e mexe, ele saca esplendidamente a 210 quilômetros por hora. E aí você tem que devolver com potência, criatividade ou efeito, às vezes tudo junto, calibrando o golpe num micromilésimo de segundo, sinalizando que vai dar na direita e mandando na esquerda, simulando cruzada e desferindo paralela, pensando em umas trezentas variáveis enquanto salta que nem desvairado tentando acertar o golpe, fingindo que está tranquilo e confiante quando na verdade está em pânico e apavorado. Isso apenas na devolução. E a coisa ainda pode ficar muito pior se houver vento ou o piso for muito rápido.

Na troca de bolas, mesmo numa tentativa muito bem executada, um acerto que atinge o alvo embute uma margem de erro de outros 20 centímetros. O adversário conhece os mesmos truques que você e, num dia inspirado, está decidido a usar todas as armas da mala e aí desfere voleio desconcertante, deixadinha humilhante, múltiplos efeitos, te deixando enlouquecido com tanta alternância de projéteis, alturas, forças, velocidades e ângulos

diferentes. Então você tenta reagir, faz uma jogada de gênio, mas o oponente devolve de modo mais brilhante ainda e isso mexe muito com seus nervos. Para trucidar de vez a paz de espírito, no ponto seguinte você perde a chance, erra um golpe fácil, entrega de graça e aí a cabeça vira uma panela de pressão, pronta para explodir.

Se o tenista não tiver a concentração de um monge budista e o sangue-frio de James Bond, o jogo acaba antes de terminar, ou às vezes até mesmo antes de começar. Quase todo torneio tem partida em que o cara entra em quadra derrotado, intimidado pelo oponente, o famoso peru que morre na véspera. Agora imagine transmitir tudo isso, de A a Z, do ace à zica, a um menino de 13 anos. Ensinar a bater na bolinha é simples. O complicado é fazê-lo jogar tênis de verdade, com tudo o que o esporte tem e pode ter, suas nuances e malícias, suas necessidades e exigências, sua psicologia e as sutilezas. Esse é o tamanho do desafio para alguém se tornar tenista profissional. Foi essa lição extraordinária que Larri Passos me ensinou. "Tênis é artesanato": eis a essência, a coluna vertebral da filosofia de Larri. "Cada um é de um jeito e não existem dois iguais."

No começo da década de 1980, o mundo se impressionava com a eficácia de treinadores que exigiam repetições intermináveis de atletas até que atingissem a perfeição. Ginastas russas, jogadoras de vôlei chinesas, nadadores da Alemanha Oriental, todos eram representantes do modelo que massacrava o indivíduo em prol da performance, repetindo golpe atrás de golpe até tudo ficar idêntico ou alguém desmaiar, o que viesse primeiro.

Por mais rigoroso e exigente que Larri fosse, e ainda é, para ele esporte nunca teve nada a ver com tortura. Padronização podia funcionar no nado sincronizado, mas não prestava, não valia um vintém nas quadras. Pode-se dizer que ele desenvolveu um estilo de treinamento que dá para chamar de "militar humano", uma mistura de disciplina com bom senso e um toque do calor brasileiro. Precisava ser duro com a meninada, pois ninguém se torna campeão sem exigência, cobrança, comprometimento e empenho. Mas sempre teve a sabedoria de enxergar que o que era bom para um podia não servir para outro. E, também, de apontar o mais indicado para cada um, nas etapas do processo de construção do jogador. No tênis, um treinador deve entender muito do jogo e mais ainda de pessoas, e investir nas duas frentes se quiser que o discípulo vá adiante.

No início do treinamento, muitas vezes penei com as ordens do Larri. Eu não sabia o que estava aprendendo, embora ele sempre soubesse o que estava ensinando. Por mais que adorasse tênis, eu mal passava de uma criança e às vezes era muito chato repetir a mesma coisa quinhentas vezes. Ficava saturado daquilo e não via a hora de parar para me divertir com os amigos.

Tinha dia que simplesmente não dava, parecia que as pernas sumiam e o braço esfarelava. Quando via que eu estava amolecendo, Larri endurecia. Mais de uma vez, cansado de tanto repetir golpe, fiz menção de parar.

– Aonde tu pensa que vai? – Larri me interceptava.

– Não aguento mais. Vou descansar um pouco.

– Não acabou. Volta lá e só pensa em sentar quando acertar tudo.

"Acertar tudo" podia significar fazer cinco aces em dez tentativas ou dar cinquenta smashes seguidos sem errar. Ou então dar cem paralelas, acertando a bola no meio de dois cones colocados a 50 centímetros de distância um do outro. Se percebesse que eu não estava me dedicando como deveria, Larri chegava a me colocar para fora da quadra por uns minutos como advertência. Eu saía, o arrependimento batia e eu ficava doido para voltar logo. Numa das vezes em que fiz corpo mole, Larri me deixou do lado de fora até o fim do treino. Detestei aquilo. Eu nem sempre entendia a mensagem que ele queria passar, mas, dessa vez, ela foi clara.

Ser um profissional do tênis é como qualquer trabalho. Existem obrigações, não dá para comparecer só quando está a fim. Ninguém escolhe local, dia e hora do vamos ver. Tem que entrar na empresa ou na quadra para dar o melhor e decidir o jogo, estando triste, feliz, chateado, ansioso, agoniado, indisposto, acabrunhado, doído ou preocupado. Eu precisava entender o que estava fazendo, o que queria da vida. Se num treino não dava tudo de mim para acertar vinte vezes seguidas, como é que poderia pretender um dia superar os melhores do mundo?

Larri nunca foi de muitas palavras, discurso e sermão. Se falava, era para motivar, nunca para derrubar, mesmo que às vezes desse chamadas aos berros. Nos treinos, considerava mais produtivo valorizar e aprimorar pontos fortes do que minar a confiança enfatizando fraquezas. Em vez de dissertar sobre precariedades e deficiências, sem mais nem menos me punha logo para praticar e corrigir as lacunas. Um dia, com meus 13 anos, logo depois da viagem aos Estados Unidos para o Orange Bowl, ele me chamou:

– Guga, a partir de hoje tu vai bater o backhand só com uma mão.

Nessa idade, minha direita já justificava sua existência, mas a esquerda não era grande coisa. Os adversários ganhavam de mim mandando tudo naquele lado. Era minha maior fragilidade e daquele jeito não dava para ir para a frente.

Mas, ao me mandar bater sem o apoio da mão esquerda, que me auxiliava no backhand, Larri não disse uma palavra a respeito, não se pronunciou sobre o que estava pretendendo, nem justificou que aquela era uma peça que estava faltando no meu processo de montagem.

No começo, foi uma catástrofe. Dava vergonha. Mandava a bola fora da quadra, no meio da rua, quase acertava urubu. Depois de meia hora, o braço estava arrebentado. Eu não estava acostumado a treino tão intenso, queria colocar as duas mãos, parar de vez, mas Larri não deixava, me provocava dizendo que o Bocão tinha aprendido assim. E aí eu continuava, ameaçando mais as aves e os passarinhos, a vergonha aumentando, principalmente nos jogos.

Meu primeiro torneio com Larri foi logo dois dias após a mudança, um Banana Bowl no Clube Pinheiros, em São Paulo. Antes da primeira partida, ele frisou:

– Guga, não esquece. Esquerda só com uma mão.

– Mas o jogo é importante. Preciso da outra para me dar segurança.

– Nada disso. Resolve com uma só, isso é mais importante.

Eu não entendia nada, não via sentido nenhum naquilo. O que aquele cara estava inventando? O que custava me deixar jogar como sempre no torneio juvenil mais importante do Brasil? Mas eu já tinha passado da fase de duvidar de Larri. Então, se ele estabelecia o plano, eu cumpria. Naquele Banana Bowl, não acertei uma bola. Mas, aos poucos, fui pegando o jeito. Só depois de três ou quatro anos é que a esquerda ficou boa de verdade e finalmente consegui dar paralela, cruzada e winner com ela.

Foi com essa decisão de Larri, me fazendo bater desde a primeira vez 1.500 bolas por dia, que comecei a ganhar Roland Garros e mais um monte de troféus. Minha maior arma nasceu ali, por eu não conseguir acertar uma bola decente com a esquerda. O que acho mais incrível é que, 25 anos depois daquele dia, ainda não vi outro tenista bater o backhand do mesmo jeito que eu.

Acervo pessoal

Guga em torneio estadual batendo na bola de backhand ainda usando as duas mãos.

Fiel a um estilo, sempre sem revelar suas intenções, Larri aproveitava toda chance para reforçar alguma coisa. Minutos antes do jogo contra Kafelnikov, nas quartas de Roland Garros de 1997, ele achou que ainda dava para me preparar melhor para reagir a uma das jogadas mais eficientes do russo, a bola rápida e baixa na esquerda. Em vez de fazer alguma recomendação, não falou nada, me colocou em quadra para aquecer com Alexandre Simoni, que jogava no juvenil. Sua única instrução para o garoto foi:

– Quando o Guga bater, devolve com toda a força, reta e baixa, na esquerda dele.

Artimanha, treino e estratégia sempre foram o norte e o forte de Larri. Professor de educação física por formação, ele alternava seu lado militar com grandes doses de psicologia. Era exigente com todos, mas com uma abordagem diferente para cada pessoa, conforme a personalidade, o talento e o esforço de cada um. Olhando de fora da quadra, você via três

jogadores fazendo o mesmo treino, sendo tratados do mesmo jeito, mas, do lado de dentro, Larri estava fazendo coisas diferentes com os três, aperfeiçoando facetas distintas de cada um.

Mesmo que na época eu não soubesse traduzir em palavras o método dele nem o efeito que provocava, algo em mim entendia e aprovava aquela linguagem. Não era difícil, apesar da minha pouca idade. Eu treinava, fazia o que ele pedia e na semana seguinte via que estava jogando melhor. Além disso, desde que meu pai convidara o Larri para aquele churrasco, eu tinha certeza de que ele era o cara que tinha que estar ao meu lado para me levar adiante.

Larri já tinha sacado havia muito tempo que, para jogar tênis bem, eu tinha que ser feliz. De maneira geral, com todo aluno – comigo, com Bernardo, com os que vieram antes e depois – a estratégia dele era conquistar a confiança antes de ser rigoroso. Dava abraço como velho amigo, abrigava na casa dele quando tinha jogo por perto, servia café da manhã, nos defendia em qualquer circunstância. Ficava evidente que ele queria o nosso bem. Assim ganhava créditos conosco e podia ser duro na hora certa, pois a gente sabia que o propósito daquilo era nos beneficiar.

Desde que, com meus 11 anos, tinha me levado para passear de buggy com sirene de polícia na semana de treino que passei com ele em Camboriú, Larri percebeu que eu me envolvia mais com aquilo que me dava satisfação. Quanto mais contente, mais me dedicava. Quanto mais resultado enxergava, mais feliz ficava. Quanto maior o desafio, mais gostosa a sensação de me superar.

Então, sem esquecer o rigor, Larri fazia o possível para que eu extraísse prazer dos treinos. Entre meus 15 e 16 anos, ele dava um jeito de enfiar alguma espécie de aventura no meio. Havia treinos em que ele me instigava a criar um tipo de torneio em que eu jogava comigo mesmo, um jogo particular com recompensa interior no final. Quanto mais aces fizesse, mais perto estaria do pódio. Quanto mais paralelas perfeitas, mais próximo de um recorde imaginário. Ele me forçava sem eu perceber, me fazendo sempre querer ir além.

Com 17 ou 18 anos, no entanto, a minha disposição para treinar tinha mudado muito e eu já enxergava os atalhos sem Larri indicá-los, aproveitava melhor o tempo em quadra, a fase do corpo mole tinha ido para o espaço, a vontade de ir mais longe me dominava. Naquela época, por iniciativa própria, queria ver até onde podia chegar. Às vezes, depois de treinar por duas horas, duas horas e meia, Larri mandava parar, falava que já podia ir para casa e eu me pegava dialogando comigo mesmo:

– Mas parar agora? Não estou cansado.

– Claro que tu está, o braço está pesado, a mão tá pegando fogo.

– Mas cansado de não dar mais?

– Larri falou que estava bom por hoje.

– Mas já? Ainda pode melhorar...

– Vai descansar, amanhã continua.

– Será?

Algumas vezes, fui para casa, mas, em muitas outras, ainda treinei por mais quarenta

minutos, uma hora tentando aperfeiçoar os golpes. Aí Larri vinha e tinha que me tirar da quadra na marra. Eu queria descobrir qual era o meu limite. Estava intrigado com essa questão. Não dava mais para saber qual era o meu limite. Às vezes me sentia morto e, dez minutos depois, estava aceso de novo. Até onde poderia ir a minha capacidade de superação?

Ao mesmo tempo que explorava os limites físicos, eu tentava domar o lado mental. Na maior parte do juvenil, eu tinha uma característica que não conseguia mudar. Era bonzinho demais na quadra, o que representava uma fragilidade emocional para mim e uma vantagem para o adversário. Se estivesse ganhando de 5-0, às vezes acontecia de ficar com pena e relaxar. Começava a viajar, me desconcentrava, pensava no filme do dia anterior, no gol do Zico, na prova da escola. Amolecia o jogo, o adversário virava e eu perdia.

Era talvez uma herança da mãe, assistente social por vocação, que dizia que eu tinha que considerar todas as pessoas e ser gentil com todo mundo. Mas aquilo não combinava com a quadra de tênis, onde Larri tentava me ensinar a ser matador. O fato é que, sem dominar a parte mental, não há chance de alguém se tornar campeão. Então, com a mesma determinação de me fazer mudar a esquerda, Larri trabalhava uma parte minha muito mais preciosa, delicada e intangível.

Quando eu dava aquelas viajadas e perdia partidas ganhas, muitas vezes saía da quadra chorando. Ia para o vestiário com vergonha e receio de que Larri bronqueasse ou perdesse a fé em mim. Passava minutos de aflição até ele chegar e eu ver que estava tudo bem, que meu treinador ainda me apoiava apesar da vacilada. Perdi as contas de quantas vezes vivi essa situação.

Uma delas foi particularmente dramática, daquelas de deixar o outro sem ação. Eu tinha 13 anos e fazia pouco tempo que saíra da Ceval. Na Copa Gerdau, em Porto Alegre, estava ganhando por 5-2 no terceiro set do irmão da tenista gaúcha Niege Dias. Com a partida na mão, me distraí, comecei a pensar em qualquer coisa e, quando percebi, estava me lembrando do pai, desejando que ele estivesse ali para me ver. A saudade que sempre sentia ficou maior, a falta que ele fazia virou uma enormidade, fui tomado pela tristeza sem fim que era não mais tê-lo por perto. Errei onze bolas seguidas. Perdi um jogo ganho. Saí da quadra aos prantos, fui para um canto; Larri foi atrás. Ele já tinha percebido que aquele não era um choro comum de derrota. Não disse nada, só me abraçou. Entre soluços, falei:

– De que adianta tudo isso? Se perder, vai ficar tudo igual. Se ganhar, a vitória também não vai trazer meu pai de volta. Nada disso tem sentido.

Olha o tamanho do pepino que coloquei na mão dele. O que um treinador pode fazer diante disso? Como se resolve essa equação? Baixar um decreto que obrigue o menino a ser implacável? Impossível. Então Larri falou:

– Guga, estou aqui. Teu pai me pediu para ficar contigo e eu não vou sair do teu lado.

Larri me confortava, oferecia afeição para diminuir o buraco na minha alma, dando toques, criando situações que podiam aumentar minha concentração no jogo, dizendo para eu ter paciência e prestar mais atenção durante as partidas. Ele sabia, e tentava me passar, com

atitudes e gestos, e não com palavras, que experiências difíceis não precisavam ser necessariamente ruins, que sempre ensinavam alguma coisa e, dependendo da forma como fossem observadas, podiam ter proveito, servir de estímulo no grande e misterioso futuro que brotava de cada dia do presente.

O fato é que, além do pai, eu tinha medo de perder o Larri. Na Ceval, a mágica evaporou quando ele saiu. Com meu técnico ali, a chama tinha voltado, mas eu tinha receio de que ele fosse embora de novo. Um dia, tentei dizer isso a ele, mas não encontrei as palavras, me atrapalhei, não falei coisa com coisa. Mesmo assim, Larri deve ter captado a mensagem. Ele só falou isto:

– Guga, já disse, não vou a lugar nenhum.

Aquela foi uma fase muito difícil. Na adolescência, não só a mente, mas até seu próprio corpo te trai. Imagine que alguém tivesse de passar seis meses treinando milhões de saques com o objetivo de acertar três vezes, em dez tentativas, um alvo estratégico: uma pequena pirâmide de bolinhas – três embaixo, uma em cima – que seu treinador montou como alvo no canto da quadra, quase em cima da linha, um lugar difícil para o adversário alcançar.

No primeiro mês, aquilo parece impossível. Tu acerta uma a cada cem. No segundo mês, idem. No terceiro, já começa a enxergar uma melhora ao derrubar a pirâmide duas vezes em cinquenta tentativas. No quarto mês, o progresso continua a mostrar a cara. No quinto, tu sai dando pulos de alegria ao destruir três vezes a pirâmide nas dez tentativas. Mas aí, no sexto mês, mal consegue desfazer uma pilha. A bola até passa perto, mas não acerta o alvo.

Como se explica esse retrocesso? Simples de dizer agora, mas motivo de muita preocupação na época. Adolescentes crescem rápido. E, naqueles seis meses, eu tinha espichado alguns centímetros. Num jogo que depende de precisão, eu tinha saído do meu esquadro. E aí toca a repetir o treino, tudo novamente desde o começo, para ajustar o saque ao meu novo corpo.

Nos meus 13 anos, quase 14, um dia Larri me disse que sacrifício era fundamental. Achei que era pegadinha. Aquela palavra não me trazia boas lembranças; o que ele estava pretendendo com isso? Pensei que ele ia insistir, mas deve ter notado que eu ainda não estava pronto para ouvir a lição completa. Só lá pelos meus 15 ou 16 anos é que voltou ao assunto. Dessa vez, repetiu a frase e depois continuou explicando a etimologia da palavra. Ensinou que sacrifício vem do latim, era uma combinação das palavras *sacrum* e *facere*. Juntas, significavam o fazer sagrado. O ofício sagrado. Arrematou dizendo que era assim que ele encarava o esporte, que jamais devia ser visto como tortura, mas como uma missão, uma relação de amor. E que eu só me tornaria um grande jogador quando encontrasse no tênis o meu ofício sagrado.

Gostei muito de ouvir isso, mas só com 17 ou 18 anos, às portas de me tornar profissional, é que assimilei mesmo a aula de latim. Nesse momento, a palavra sacrifício perdeu totalmente seu teor massacrante e seu significado passou a ser o mesmo dos antigos romanos. Minha visão dos treinos mudou. Eles eram tão sagrados quanto o ofício, faziam parte dele. Da mesma

forma, o senso de missão começou a permear cada partida, impulsionando a vontade interior de superar barreiras e conquistar títulos com os quais sempre sonhei, mas que ainda pareciam a anos-luz de distância.

Olhando em retrospecto, até hoje não consigo entender como tudo aconteceu. No Roland Garros de 1997, antes de jogar as oitavas, as pessoas me perguntavam se eu achava que tinha chance de ganhar.

– Pô, sem chance, tá maluco.

De todas as mágicas que aconteceram comigo em Roland Garros, a conquista do título de 1997 foi a mais inacreditável de todas. A sensação que eu tenho é a de que, se jogasse o mesmo torneio milhões de vezes, jamais sairia campeão novamente. Minhas chances eram menores do que ganhar na Mega Sena com os mesmos números duas vezes consecutivas.

Da mesma forma, também tenho a impressão de que, se uma só peça tivesse sido mudada na minha trajetória, nada teria sido como foi. De vez em quando, me pego pensando em como seria se a mãe não jogasse tênis. Em consequência, o pai não faria companhia a ela numa quadra e, portanto, sem se apegar às raquetes, não incentivaria os filhos a jogar. Ou se o pai não tivesse feito aquele churrasco para o Larri. Ou se ele ainda estivesse vivo, se a mãe não tivesse síndrome do pânico e o médico não se propusesse a ajudar a pagar o Larri.

Acervo pessoal

Larri e Guga no topo do mundo (montanha em Klosters, na Suíça, julho de 1992) durante a longa excursão pela Europa.

Por mais que tivesse talento, me esforçasse e a pessoa certa estivesse ao lado, sempre tive mais dúvidas do que respostas. Quando começou a me treinar na quadra que construímos, Larri tinha uma boa experiência, mas não a experiência necessária para fazer tudo o que fizemos. Como o pai antes, e a mãe e o Rafa depois, ele tinha uma fé insana nas minhas futuras conquistas improváveis.

Na base de tentativa e erro, derrapamos muito, mas sempre conseguimos voltar logo para o eixo. Em todos os momentos, tínhamos a certeza interior de que, mesmo batendo vinte vezes no muro, incidentes e acidentes faziam parte do percurso e do aprendizado. A gente só tinha que fazer nossa parte, cair, levantar, se sacudir, não ficar pensando no desastre e seguir adiante mirando no mais alto que desse.

De maneira geral, na intuição, acertamos muito mais do que se poderia esperar. Diversas vezes não soubemos que trilha seguir, mas, em todas as situações, estávamos convictos de que,

juntos, a gente chegaria longe. Tenho até um hino, ou um mantra, para essa minha certeza com o Larri. Extraído de uma música de Raul Seixas, parece que o verso foi composto para mim. Era justamente assim que eu pensava quando pisei pela primeira vez em Roland Garros, com 15 anos, procurando um jogo legal para assistir: “Não sei onde eu tô indo, mas sei que eu tô no meu caminho.”

BEM-VINDO À TERRA DA MAGIA

Quando eu tinha 13 anos, em 1989, a mãe, eu e o Rafa viajamos com o Carlinhos para a Disney, aproveitando que ia jogar meu primeiro Orange Bowl. Em 1992, com 15 anos, fui com Larri para a Europa. Na Disney, me esbaldei nos brinquedos e andei de montanha-russa pela única e última vez; saí de lá apavorado. Com Larri, foi a primeira vez que pisei em Roland Garros e Wimbledon. Por mais sensacional que tivesse sido conhecer a Disney, para mim o maior parque de diversões, a verdadeira terra da magia sempre foi e será Roland Garros.

A viagem à Europa teve um propósito estratégico. Minha carreira vinha numa escadinha. Desde os 13 anos, era o melhor da cidade e do estado na minha categoria. Com 14, brigava pelas três primeiras colocações no nacional e as oito do sul-americano. Com 15 anos, ganhava mais do que perdia dos meus principais adversários. Larri olhou para o lado e falou que eu não ia evoluir muito mais se continuasse jogando contra os mesmos rivais. "Está na hora de perseguir um desafio maior", anunciou. "Vamos para a Europa. É lá que está o tênis que tu precisa para dar um salto. Tu vai ver como os caras jogam, disputar umas partidas por lá e tomar porrada para aprender."

Passamos setenta dias no Velho Continente. Isso era caro pra caramba, sacrificado para nossa família. Mas a mãe e o Rafa rasparam o tacho e conseguiram levantar 3.500 dólares para a viagem, uma fábula para nós, mas que, no mundo real, representava uma verba de mochileiro para uma viagem tão longa. Incluindo transporte, hospedagem, alimentação, roupa e inscrição nos torneios, tínhamos de nos virar com 50 dólares por dia. Larri anotou cada centavo que gastamos nas nove cidades dos sete países europeus que visitamos. Registrou até os 15 dólares que gastei num CD numa das escalas, os 10 do presente para o Gui e os 35 para o da mãe. Mas isso era o luxo dos luxos. No dia a dia, meu treinador só abria a carteira a conta-gotas.

Como Larri tinha amigos pelo mundo, a primeira opção era nos hospedarmos de favor na casa deles, geralmente num porão em que a gente tinha que tirar as malas para entrar e montar camas retráteis de metal. Caso não tivesse nenhum conhecido na cidade, íamos para hotéis modestos, cujas diárias cabiam no bolso. Mesmo assim, Larri nunca pagava o preço de tabela. Pechinchava, negociava até obter o desconto dos descontos e, com isso, parecia que a gente estava sempre voltando para o porão, com um dormindo quase em cima do outro.

De uma cidade a outra, íamos de trem noturno, mais barato. Chegando ao destino, táxi nem

pensar. Ônibus só em última instância. A praxe era ir a pé, inclusive de noite. Eu ia arrastando a bagagem sem rodinhas, suando para achar o hotel, parando para descansar de cinco em cinco minutos. No almoço, não tomava refrigerante para economizar e comprar bolacha no supermercado, caso desse fome de madrugada. O jantar era no lugar mais simples possível. Nunca comi tanta pizza barata na vida. Cada passo da jornada era um exercício diário de sobrevivência. Por maior que fosse a pendura, eu achava tudo lindo. A gente não passou fome nem frio, não ficou na rua e, na hora de dormir, estava tão cansado que até tapete velho por baixo e toalha por cima estaria bom.

Eu me achava afortunado, ainda mais depois da estada em Essen, na Alemanha. Ali, ficamos alojados num quartinho no porão da casa do Renê, um tenista alemão que, anos antes, jogara no Brasil e aproveitara para treinar com Larri. Apelidamos o porão de batcaverna. A gente ficava amontoado mas se divertia, ouvindo até gastar a fita de um álbum duplo recém-lançado do Guns N' Roses. No tempo livre, encordoava raquete na máquina que o Larri levou, uma lembrança providencial, pois os alemães cobravam o preço de um jantar pelo serviço.

Nessa casa também morava uma prima da mãe do Renê. Essa mulher era bósnia e tinha uma filhinha de uns 2 anos que não conhecia o pai. Quando estava grávida, o marido se engajara na guerra pela independência. Nunca mais se teve notícia do paradeiro dele e ela sequer sabia se estava vivo ou morto, esperando uma notícia que nunca chegava. Diante de uma história dessas, eu tinha que dar graças aos céus por tudo que estava acontecendo, até carregar mala sem rodinha e dormir em lugar improvisado.

Na primeira escala da viagem, chegamos a Santa Croce, na Itália, no dia 8 de maio de 1992. Jogamos um torneio num clube pequeno, perdi na primeira rodada do quali. Foi ali que conheci Kafelnikov, que seria o campeão desse torneio. Passamos uma semana em Santa Croce e fomos a Milão para jogar o Bonfiglio, um torneio grande. Nas duas viagens, que totalizaram 12 dias e 500 dólares de gastos, só levei porrada, como Larri tinha previsto e anunciado. O mesmo se repetiu na semana seguinte em Essen, na Alemanha. Em todo canto, sempre havia dúzias de caras que já tinham pontos na ATP. Pelo menos uns 95 por cento eram melhores do que eu. Enquanto eles andavam de iate, eu estava aprendendo a entrar no bote. Ainda tinha que remar muito para chegar lá.

Depois, ainda iria levar lambada em Antuérpia, na Bélgica, numa quadra de grama sintética em que nem vi a cor da bola. Também tomei cascudo em Castricum, no norte da Holanda, em Klosters, na Suíça, além de em outra cidade alemã cujo nome tinha mais consoante que vogal. Larri anotava todos os resultados e depois passava fax para a mãe informando o meu desempenho, set por set. Às vezes, eu pedia que ele inventasse uns sets com resultados a meu favor para que a mãe não parasse de acreditar em mim.

Mesmo perdendo, aquilo foi um teste magnífico. Ali não tinha moleza ou facilidade. Os europeus jogavam num nível desconhecido para mim. Eu tinha que me virar nos trinta do começo ao fim para segurar um volume de jogo que nunca tinha visto na vida. Perdi quase todas, mas ganhei uma experiência inédita e valiosíssima, inclusive a de conseguir enxergar o

tamanho do monstro que tinha pela frente.

No tempo livre, quando não estava treinando ou jogando, eu estudava. A mãe tinha negociado na escola que eu poderia me ausentar das aulas contanto que fizesse as provas depois e tirasse boas notas. Então eu abria a mala, pegava os livros e o Larri ficava fazendo marcação cerrada até ter certeza de que eu tinha aprendido as lições do dia. Incrível, ele era mais rigoroso do que a mãe no acompanhamento dos meus estudos. De vez em quando, até fazia prova surpresa.

– Se tu não for bem nos exames, nós dois estaremos em apuros quando tu chegar em casa. Então, capricha aí para tirar 10 – dizia o professor Larri.

Desde que eu tinha começado a treinar na Ceval, Larri sempre disse que era fundamental ir bem tanto nas quadras quanto na escola, que uma coisa estava ligada à outra, que conhecimento e inteligência só somavam em todas as situações. Mas ali, sozinho comigo na Europa, assumiu para si um pouco da responsabilidade da minha educação, fosse nos livros ou fora deles. Se havia tempo livre, me levava para conhecer a cidade, apresentava os pontos turísticos, contava um pouco da história. Às segundas-feiras, quando a entrada é grátis, me arrastava para algum museu e mostrava os quadros, ensinava quem eram os grandes pintores ou escultores.

Eu tinha uma curiosidade natural de conhecer tudo, mas o que me deixava mais ansioso era a iminência de ver de perto os dois maiores monumentos do tênis, Wimbledon e Roland Garros. Dias antes de embarcar para Londres, eu já estava fritando de impaciência. No dia 12 de junho, quando chegamos à estação King's Cross, fui contrariado para o YMCA da região, onde a gente ia ficar, um daqueles com um banheiro para cada vinte quartos. Por mim ia direto ver as quadras, por mais insensato que fosse. Quando garoto, eu tinha gastado horas e horas assistindo às finais de Wimbledon, o único Grand Slam que passava na TV. Nem piscava direito, só desgrudava da tela quando a transmissão era interrompida.

E lá estava eu, pisando naquele estádio histórico, sentado na plateia, ouvindo uma língua que não era a minha, a poucos metros da grama. Na TV, a gente só via que era verde. Mas, ali, era mais verde do que quintal de vizinho, uniforme, lisinha, tinha cheiro e textura, parecia carpete baixo, a bola fazia um barulho diferente ao quicar, mais surdo, porém mais profundo e retumbante, com a plateia mais quieta que na missa.

Foi uma experiência gloriosa para um garoto de 15 anos que queria ser tenista profissional. Mas a visita a Wimbledon não chegou nem perto da que eu vivi pouco mais de duas semanas antes, quando conheci Roland Garros. Taí outra coisa que nunca vou entender. Cresci vendo Wimbledon na TV, os jornais e revistas davam mais destaque a esse torneio, meus amigos tenistas só falavam de jogar em Londres, o cume do auge do pico na época. De Roland Garros, eu não sabia muito. Mas, assim que coloquei os olhos no complexo, fiquei fascinado por aquele lugar fantástico. Tive uma sensação sem igual na minha vida. Maravilhado, eu não queria mais sair dali.

Como toda história de amor, precisou de um pouco de suspense para acontecer. Vindos de

trem de Essen, na Alemanha, pisamos em Paris no dia 27 de maio de 1992. Nos instalamos num hotelzinho chamado Montblanc – duas estrelas, modesto como nossos recursos –, em que o Larri já tinha ficado uma vez. O dono já conhecia seu poder de negociação, fazia um precinho camarada para ele. Por menos de 50 dólares a diária, ficamos três no mesmo quarto – eu, o Larri e o Bernardo Lopes. Já fazia mais de dois anos que eu e Bernardo dividíamos o mesmo treinador. Pouco mais velho do que eu, agora ele ia jogar o juvenil de Roland Garros, além de participar das duplas da chave principal. Eu estava lá só para aprender.

No primeiro dia, logo depois do café da manhã, fomos visitar o lugar onde Bernardo ia jogar. Rapaz, foi uma decepção. Eu não fazia ideia de que o juvenil era realizado num anexo nos cafundós do judas, em um clube distante do verdadeiro complexo principal. Até chegar lá e descobrir isso, eu ia andando, olhando para os lados, e nada na paisagem lembrava o que eu imaginava ser Roland Garros. Quando chegamos, só consegui pensar: "Mas é aqui?!" Não tinha nada de especial, era igual a qualquer torneio juvenil de qualquer lugar do mundo, com uma quadra grudada na outra, só correria, joga aqui, ganha, passa pra lá, na plateia só o treinador e os companheiros de equipe. Foi muito desapontador.

Acervo pessoal

Guga e Bernardo Lopes em quarto do hotel MontBlanc (Paris, 1992).

Por sorte, nesse lugar havia uma salinha com umas vinte cadeiras e uma televisão sintonizada num canal que passava partidas do profissional. Eu só saía de lá para ver jogo do Bernardo. Mesmo sabendo que eu estava fora, fui checar duas vezes se minha pontuação no ranking juvenil não me permitia entrar na competição. Sei lá, alguém podia ter se machucado ou perdido o avião. Mas não foi dessa vez. É estranha a sensação de se sentir tão perto e tão longe ao mesmo tempo.

De tarde, dei uma volta pelas ruas, entrei numa loja de artigos esportivos e vi que estava passando uma partida de tênis na TV. Cheguei mais perto e uau, aí sim. Luiz Mattar estava jogando contra o francês Henri Leconte. Não arredei pé, fiquei hipnotizado. Uma atendente perguntou umas dez vezes se eu precisava de ajuda na hora e meia em que fiquei ali plantado vendo Leconte vencer o Nico, o apelido de Mattar.

Só no dia seguinte é que o mundo começou a mudar. Depois do café, com a minha raqueteira nas costas, pegamos o ônibus e descemos numa praça que ficava no final de um parque. Era bonito, mas ali também não tinha nada. Eu e Bernardo apressamos o passo,

tentando acompanhar o ritmo de Larri. De repente, depois de uma esquina, olhei pelas frestas de uma construção e percebi que havia quadras. Uma depois da outra. Não dava para ver direito, o negócio é grande, só relances de saibro, redes, arquibancadas, gente circulando e o povo chegando.

E aí, de repente, a gente deu de cara com o portão principal. Naquela época, poucos torcedores chegavam por ali, a não ser os que se aglomeravam para tentar ver os jogadores entrarem com seus carros e, depois, vê-los seguir por uma passarela que hoje não existe mais. Na hora, mais por instinto do que por conhecimento, olhei para cima na esperança de ver algum tenista famoso. Não tinha ninguém. Parado ali, tomei coragem para fazer a pergunta que me incomodava havia dias, gelando a barriga:

– Mas, Larri, como nós vamos entrar? Não tem ingresso, convite, nada.

– Confia, Guga. Vou dar um jeito.

Caminhamos até um guardinha. Em francês, para despertar simpatia, Larri explicou que era um treinador brasileiro, eu tenista, que o Bernardo ia jogar o juvenil, embora estivesse sem a credencial porque o torneio ainda não tinha começado. O guardinha fazia perguntas, Larri respondia, eu num canto temendo ser barrado no baile. Até que finalmente a lábia do Larri triunfou e o segurança, que até hoje está sem saber se foi enrolado ou não, nos deixou entrar.

– Agora é cada um por si. Divirtam-se, que eu vou pegar minha credencial – disse Larri para nós, sumindo de vista.

A gente estava na cara da quadra central, mas para entrar lá era necessário um ingresso que não tínhamos. Sem saber para onde ir, escolhemos um lado. Começamos a andar para a esquerda, seguindo as placas que indicavam as quadras 2, 3 e 4 (na época ainda existia a 5 naquele canto). Não sabia para onde ia, mas estava no caminho. Nem desconfiávamos, mas ali sempre houve e haverá um monte de jogo bom. Na minha primeira surpresa em Roland Garros, fomos parar na divisa da quadra 2 com a 3, de onde também dava para ver um pouco da 4.

Até então, a maior plateia que eu tinha visto numa partida de tênis somava umas vinte pessoas: Larri, Rafa, uns amigos, às vezes a mãe, talvez a oma, o técnico, a família e os colegas do adversário e mais uns desavisados. E ali estavam, mesmo nas quadras periféricas, centenas, milhares de pessoas para ver uma partida de tênis. Embora fosse a mesma coisa, até o jogo era totalmente diferente, tudo cinematográfico, com ação, drama e aventura tudo junto, e ainda por cima cheio de super-heróis. Voilà.

Então era isso o profissional, o universo do tênis que existia além do meu mundinho. Por mais que eu tivesse imaginado, aquilo não tinha comparação. Era o suprassumo do néctar. Depois de meia hora olhando tudo aquilo, tive plena convicção: "É isto aqui que eu quero para a minha vida, este é o meu lugar. Um dia eu tenho que jogar aqui."

Eu e Bernardo ficamos de pé num lugar de onde dava para ver as quadras 2, 3 e 4. Numa delas, jogando dupla, estava o croata Goran Ivanisevic, que na época tinha o saque mais rápido do mundo, sei lá, uns trezentos por hora na minha cabeça. Caramba, era muita revelação para um garoto só: o Ivanisevic existia mesmo e estava na minha frente, em carne e

osso. Fiquei ali, entretido e eletrizado, prestando atenção em cada movimento do saque para depois tentar fazer igual.

Foi aí que me toquei de que, na quadra ao lado, estava o Jaime Oncins. Um brasileiro jogando em Roland Garros! E seu adversário era, espera, não pode ser. Sim, isso mesmo. Jaime estava enfrentando Ivan Lendl, a lenda, na minha frente! Não podia ser, eu mal tinha colocado os pés ali e a mágica já estava acontecendo. Tirei a sorte grande de que o primeiro jogo profissional de simples do circuito da ATP que vi da plateia, uma das coisas mais emocionantes da minha vida até então, era entre o brasileiro que mais admirava e um dos melhores da história.

Treinado pelo Paulo Cleto, Jaime estava em grande fase, vindo de um título no torneio de Bolonha, na Itália. Mas ali, naquela quadra, estava sendo trucidado, perdendo por 2 sets a 0. Com sorte, ainda daria para ver uns vinte minutos de jogo até que Lendl o liquidasse de vez. Do outro lado da quadra, estavam Luiz Mattar, Paulo Cleto, Larri e mais uns cinco brasileiros. Eram poucos, mas torciam como muitos. No nosso canto, eu e Bernardo incentivávamos Jaime, pulando e gritando.

Aos poucos, Jaime foi crescendo, incomodando o Lendl, jogando de igual para igual, assumindo o controle contra um jogador que foi o número 1 por três anos ininterruptos. Bola pra cá, bola pra lá, Jaime ganhou o set. Começou o quarto e ele saiu na frente. A gente mal se segurava de tanta vibração. A partida foi indo e o Jaime, embalado, ganhou um game, depois outro, mais um.

Peraí, que história é essa? Brasileiro dando canseira no Lendl? Eu mal acreditava no que estava vendo, me esgoelava mais, amplificava minhas energias positivas, me sentia o próprio amuleto vivo, o mascote que já chegou estrelando. Sentia que não havia força na Terra que quebrasse essa conexão, que só chuva de meteoro ia me tirar dali.

– Guga, preciso ir ao banheiro – Bernardo falou.

– Eu também, mas não saio daqui nem amarrado em guindaste. Nós estamos virando este jogo para o Jaime – respondi; era assim que me sentia, como se eu fosse o talismã dele.

E aí, i-na-cre-di-tá-vel, começou a chover. A partida foi interrompida. Corremos para o banheiro e depois voltamos para a chuva. Como dois postes fincados no concreto, eu e Bernardo não nos movemos mais, rezando para a água parar de cair e o jogo seguir. Nosso santo, louvado seja, estava forte naquele momento. Os céus se acalmaram e o árbitro mandou prosseguir a partida.

Quando Jaime voltou para a quadra, tinha trocado a camisa, mas continuava com as mesmas meias barrentas de saibro, possivelmente por acreditar que estavam dando sorte. A essa altura, já tinha corrido por Roland Garros a informação de que Lendl estava penando para ganhar de um brasileiro. A arquibancada ficou entupida. A gente se deslocou um pouco, se espremeu e continuou a testemunhar a transformação de Jaime num rolo compressor que não parava de acuar Lendl. O brasileiro venceu o quarto set e empatou o jogo, 2 a 2. Eu me sentia "o cara", o torcedor que chegou com Jaime perdendo de 2 a 0, mas que, com seu prodigioso

poder mental, tinha mudado a partida e conseguido que ele igualasse o placar.

Aí começou a chover de novo, ao mesmo tempo que escurecia. O árbitro fez sinal de parar. Eu não acreditava que não ia ter mais jogo, mas não houve jeito. O final da partida foi adiado para o dia seguinte. Fiquei desalentado. Não ia poder acompanhar a continuação da arquibancada, uma vez que Bernardo tinha jogo no mesmo dia e horário, mas no anexo, e ele precisava treinar comigo antes da partida.

Na volta para o hotel, fiquei matutando na façanha que tinha presenciado, o cara perdendo por 2 sets a 0 e depois esmagando o Lendl: "Caramba, então é possível um brasileiro desafiar os melhores?" Foi então que comecei a acreditar de verdade no sonho, que de algum jeito dava para eu também chegar lá.

No dia seguinte, mal me liguei no jogo do Bernardo. Saía de cinco em cinco minutos para ir à salinha da TV e assistir à continuação da partida entre Jaime e Lendl. Foi numa dessas que, finalmente, percebi que o jogo tinha acabado. Estavam passando os melhores momentos. Vi, então, o último ponto. Jaime tinha vencido! Pulei como doido, me senti um campeão vibrando por ele. Que loucura! Como é que o Jaime tinha feito aquilo? Como é que um brasileiro ganhara de uma lenda do tênis?

O melhor é que ainda tinha outros espetáculos. Larri não precisava mais ficar mendigando para os guardinhas a minha entrada em Roland Garros. Bernardo ia jogar dupla no complexo principal e, além de credencial, ele tinha direito a passe para convidados. Para garantir, Paulo Cleto, treinador de Jaime e amigo de Larri, também me deu convite para o próximo confronto do Jaime, contra o alemão David Prinosil, e, depois, para o jogo contra o tcheco Petr Korda nas oitavas de final.

Foi a primeira vez que entrei em Roland Garros pela porta da frente, com ingresso na mão e a sensação de fazer parte daquele mundo. Quando cheguei ao lugar marcado no ingresso, deu vontade de chorar de alegria. Ficava numa zona reservada à família e aos amigos do jogador e do técnico, quase como se eu fosse parte da equipe. Acomodado no meu assento privilegiado, vi os jogos do Jaime. Quando ele venceu Prinosil, continuei me sentindo um talismã. Contra o tcheco, minha força mental não funcionou e Jaime perdeu. Korda estava muito embalado. Em 1992, o tcheco seria o vice-campeão de Roland Garros, com o americano Jim Courier ficando com o título.

Mesmo sem levantar troféu no saibro francês, naquele ano memorável Jaime já tinha me dado a alegria de ver brasileiro fazendo milagre. Na minha cabeça, parecia que Roland Garros estava apenas me esperando chegar para mostrar que era possível, para me dar coragem e esperança. Nos dias seguintes, Cassio Motta, jogando em dupla com o argentino Pablo Albano, ganharia do combinado Andre Agassi e John McEnroe. O que era aquilo? Mais um brasileiro superando os melhores? Juntando tudo, eu tinha visto gente do meu país ganhar de Lendl, Agassi e McEnroe. Fascinado, parecia que um portal para outra dimensão havia se aberto para mim. Eu tinha que fazer parte disso de algum modo.

Embalado, acordava com os passarinhos, engolia o café e depois eu, Bernardo e Larri

corríamos para bater bola em qualquer quadra de Roland Garros. Mesmo que estivéssemos nas quadras periféricas, para mim tudo tinha sabor de central. Nossa brincadeira começava antes das oito da manhã, durava mais ou menos uma hora e terminava lá pelas nove, quando os jogadores chegavam para treinar. Aí a gente ia para a arquibancada e outra diversão começava. Era magnífico ver os grandes tenistas baterem bola.

Presenciei Jim Courier, bicampeão de Roland Garros, aquecendo por meia hora na mesma quadra que Andrei Medvedev, adversário que ele enfrentaria horas depois. Medvedev estava com 17 anos, dois a mais do que eu, e já disputava o profissional. Para mim, o ucraniano era o gênio precoce da lâmpada. Eu observava, via como ele fazia e tentava assimilar. Do outro lado, aquecendo com Medvedev, estava Kafelnikov, favorito para levar o troféu do juvenil naquele ano. Em 1992, Bruguera, com 21, e Muster, aos 24, também disputavam o torneio. Os caras que eu enfrentaria em 1997 já estavam quase todos em Roland Garros, enquanto eu olhava os doces do lado de fora da vitrine, sem qualquer suspeita de que, cinco anos depois, todos estariam jogando comigo naquelas mesmas quadras.

Um dia, perto das quartas de final, quando não havia mais muitos tenistas competindo, eu e Larri conseguimos treinar sem interrupção em outra quadra periférica. Foi aí que eu prestei atenção. Nas quadras de Roland Garros, colocavam-se em cima do saibro milhares de microesponjas parecidas com isopor para absorver a umidade. Nunca tinha imaginado aquilo, do mesmo jeito que nunca me passou pela cabeça que as linhas da quadra não eram inteiriças. Em vez de uma única linha grossa, eram duas finas paralelas com um intervalo, um friso de menos de um centímetro no meio.

Com meu treinador do outro lado da rede, me sentia pisando em solo sagrado, em conexão com o divino. Ali, na quadra 8, eu e Larri jogamos por quase uma hora acertando tudo, sem eu errar uma única bola: ela ia aonde eu queria. A bola quicava redonda a meu comando, do jeito que imaginava, num controle que nunca tive antes e raramente consegui depois. Mais do que meu melhor jogo, era uma meditação iluminada, uma troca de golpes na porta do Nirvana. De um jeito ou de outro, a mágica já estava ali em Roland Garros.

Foi tão perfeito que, quando paramos o treino, na hora em que eu guardava a raquete, uns dez garotos grudaram na mureta da quadra para pedir autógrafo. Era a primeira vez na vida que me solicitavam isso ao final de uma troca de bolas. Até então, o único autógrafo que dera tinha sido de brincadeira. Ainda moleque, na final da então oitava série, Luís Augusto, colega de turma e um de meus melhores amigos, cumpriu uma praxe de final de ano e pediu para toda a classe assinar na caderneta dele.

Assinei meu nome bem caprichado e, de gozação, também escrevi que ele guardasse aquilo com cuidado que um dia ia valer milhões. Não sei de onde tirei aquilo, só que o Guto quase ficou com dor de barriga de rir. Aliás, até hoje ele gargalha com essa história, acha graça do delírio da época e ri ainda mais pelo que veio a acontecer depois. Não importa quanto valha, ele pode dizer que tem o meu primeiro autógrafo.

Poucos anos depois, ali na quadra 8, nas minhas primeiras dedicatórias oficiais, assinei

Guga para os meninos que estavam na frente da fila, mas depois fiquei sem jeito. Imaginei o garoto chegando em casa e mostrando a assinatura ao pai. Na minha cabeça, via um senhor perguntando ao menino quem era Guga e se esforçando para não rir do filho. Para que nenhum garoto passasse constrangimento por minha causa, assinei os próximos como Pelé. O pai podia até questionar, mas o menino ia estar sempre com moral enquanto houvesse o benefício da dúvida.

Os pedidos de autógrafo foram uma recompensa lisonjeira pela minha exibição perfeita no treino, mas o melhor elogio aconteceu na volta a Florianópolis, logo depois da temporada na Europa para ampliar os horizontes e poucos meses antes de jogar o Orange Bowl nos Estados Unidos em dezembro. Fui treinar no Clube Lira com Márcio, Cascata e Bocão, todos mais velhos e experientes. Dei trabalho para todo mundo. Assim que o treino terminou, Bocão me cumprimentou e disse:

– O que aconteceu? Esse não é o Guga que eu conheço, é outro jogador. Que bicho te mordeu? Você nunca jogou tanto.

ABRINDO O APETITE

No primeiro semestre de 1993, com 16 anos, eu era um dos principais tenistas juvenis da América Latina. Tinha sido campeão de uma etapa do circuito Cosat, a Confederação Sul-Americana de Tênis, e figurava entre os cinco primeiros jogadores do continente. Ainda estava a anos-luz dos cem primeiros do ranking da ATP, mas pelo menos passei a existir no mapa do tênis profissional. Em abril, num torneio satélite na Argentina, conquistei meu primeiro pontinho oficial, um marco histórico, o grande divisor de águas da carreira de qualquer tenista. Tornei-me o 847º do mundo na relação da ATP. Eu estava lá na rabeira do ranking mundial, mas finalmente tinha atravessado a linha que separava meninos de homens.

O primeiro ponto veio em março, em um circuito satélite na Argentina com duração de um mês. Na hora da inscrição, achei que não ia ser tão difícil. Faltando uma hora para o fim do prazo, mal havia cinquenta tenistas inscritos. Mas, de repente, de um minuto para outro, deu-se o fenômeno da multiplicação dos argentinos. Parecia que eles saíram do nada, do ralo, de trás das moitas, de baixo do tapete, uns 150 numa tacada só. Nunca vi tanto jogador aparecer do além tão rapidamente.

Se não fosse o Larri conseguir na última hora um convite para eu jogar a fase classificatória, a viagem teria sido em vão. Até hoje não entendo como ele convenceu o amigo organizador do torneio argentino a abrir mão de uma vaga cobiçada por mais de trinta jogadores do seu país em favor de um brasileiro, mas deu certo.

Depois de passar pelo qualifying, na primeira partida da chave principal, entrei em quadra determinado a fazer meu primeiro pontinho. Mas fui derrotado, na negra, por 7-5. Na segunda semana, foi a mesma coisa, pelo mesmo placar. Na terceira, não era possível!, pela primeira vez perdi ainda no quali. Com isso, desperdicei a chance de entrar no ranking da ATP. Pô, que droga, estava tão perto e não consegui cravar. Mas aí acho que o pai mais uma vez aprontou das suas, mexendo uns pauzinhos lá no céu, e intercedeu a meu favor.

A porta já estava fechada, mas se abriu de novo, como que por milagre. Um jogador desistiu do torneio e, por ter a melhor colocação entre os que já estavam fora, entrei no lugar dele como *lucky loser*, o perdedor sortudo. Dessa vez não desperdicei a chance. Ganhei o jogo e conquistei meu primeiro e valioso ponto, carimbando meu passaporte dourado para o planeta Tênis.

No começo da década de 1990, para um tenista brasileiro, conseguir o primeiro ponto da

ATP era uma saga. Para obtê-lo, na maioria dos casos, um juvenil tinha que atravessar uma selva de qualis na América do Sul, sempre em quadras mambembes, partidas sem juiz e infraestrutura zero – o máximo que o jogador tinha de luxo era a garrafinha d'água. Era uma epopeia, uma prova de resistência. No Brasil, havia pouquíssimos torneios que pontuavam para o ranking. Para piorar, todos nessa fase inicial duravam um mês, o que tornava a viagem muito cara para a maioria dos jovens tenistas. Era um circuito tão difícil que acabou extinto e foi substituído por uma série de campeonatos com duração de uma semana.

Com o primeiro ponto no bolso, voltei para a rotina do juvenil. Na época, a Cosat recompensava os tenistas que se destacavam na etapa inicial do ano, e eu fazia parte dessa equipe. Aos cinco melhores do ranking sul-americano, um de cada país, a confederação pagava as despesas básicas de uma viagem de quase três meses à Europa para participar de torneios. Começava em Santa Croce, na Itália, e terminava em Wimbledon, o mesmo roteiro que fiz com Larri quanto tinha 15 anos. Era um avanço e tanto em relação à minha primeira temporada na Europa, na qual eu parecia mochileiro. Agora, pelo menos sabia de antemão onde ia dormir. Assim, com passagem e hospedagem garantidas, eu, o equatoriano Nicolás Lapentti, o venezuelano Jimmy Szymanski, o argentino Sebastian Pietro e mais o mexicano Jorge Esquerda, que não sobressaiu mais tarde, embarcamos para a Europa no final de abril de 1993.

Estava cheio de esperança e moral com meu primeiro pontinho na ATP. Meu jogo era acima da média, mas havia pelo menos uns quatro ou cinco tenistas bem superiores, como o chileno Marcelo Ríos e os espanhóis Roberto Carretero e Albert Costa, juvenis que já despontavam como profissionais.

Durante os 45 dias na Europa bancados pela Cosat, disputei tudo o que pude. Somando simples e duplas, toda semana eu disputava entre cinco e dez partidas. Jogando contra os melhores do mundo, tinha resultados consistentes, indo para as cabeças em quase todos os torneios. Aos poucos, dei outro pequeno grande salto de qualidade, no meu volume de jogo e no ranking.

Uma semana antes de Roland Garros, vivi um dos ápices da temporada europeia. Em Charleroi, na Bélgica, fui campeão. Na final, derrotei o sueco Thomas Johansson, um ano e meio mais velho do que eu. Nas duplas, jogando com Nico, ficamos em segundo lugar. Somando forças com meu amigo e parceiro equatoriano, era possível até ter esperança de levar o primeiro troféu de Grand Slam para casa.

Como o torneio de duplas acabou um dia antes da minha final com Johansson, enquanto eu competia, Lapentti viajou na frente para a França com a missão de inscrever nossa dupla dinâmica no juvenil de Roland Garros. Dois dias depois, com os troféus na mala, me juntei a ele em Paris.

Larri já estava lá nos esperando. Na primeira vez que eu e meu técnico estivemos em Roland Garros, tinha sido um desbravamento, uma expedição para conhecer o terreno. Eu era um curioso, um espectador que queria assistir aos profissionais para absorver tudo que existia

ali. Agora, em 1993, eu já sabia que não podia ficar sem isso. Graças aos excelentes resultados do ano, minha vaga no torneio estava garantida. Finalmente ia entrar em quadra para disputar na simples e nas duplas do juvenil.

Cheguei a Roland Garros como um dos dez melhores juvenis do mundo na simples e entre os cinco primeiros na dupla. Em 1992, todas as surpresas ali, uma atrás da outra, foram sensacionais. Dessa vez, porém, a primeira delas foi uma cachoeira de água fria. Eu e Lapentti fomos descobrir em qual chave nossa dupla tinha caído. Olhei de cima a baixo, de baixo para cima, duas, três, quatro vezes e nada de encontrar os nossos nomes. Não era possível que os organizadores tivessem se esquecido de nos incluir. A gente tinha que estar ali, eu é que não estava enxergando. Mas, de repente, me veio uma iluminação para tentar decifrar o enigma:

– Ô Nico, tu fez a inscrição?

– Que inscrição?

– Ô querido, lembra o que nós combinamos? Que tu ia nos inscrever nas duplas?

– Achei que o pessoal da Cosat tinha cuidado disso.

– Ah, não acredito. Tá de brincadeira?!

Ainda tentamos convencer os dirigentes a nos deixar fazer a inscrição fora do prazo, mas não teve jeito. Ficamos de fora das duplas de Roland Garros. Assim, numa derrapada histórica, evaporou-se a maior chance de conquistar um então inédito troféu de Grand Slam. Felizmente, essa foi a última das surpresinhas indesejáveis. No mesmo dia, a maré já mudou, e em grande estilo.

Pela primeira vez, vi como era Roland Garros do lado de dentro. De saída, dei uma beliscada no aperitivo das benesses do circuito profissional. Até então, para mim vestiário era um lugar que existia só para jogador trocar de roupa e umas palavras com o treinador. Mas ali até no juvenil havia um aparato, com gente especializada em todo tipo de macetes, uma espécie de mundo paralelo às quadras que eu ainda ia demorar a compreender em toda a sua extensão e benefícios.

Além dos fisioterapeutas e encordoadores, havia profissionais que se dedicavam a colocar o grip na raquete para que a fita se moldasse à empunhadura do jogador. Ou gente especializada em palmilhas, escultores de formas que, com uma variação milimétrica na espuma, faziam o cara chegar na bola ou se contorcer de dor na quadra. Também conheci músculos de que nunca tinha ouvido falar. Quando Patrick, um dos massagistas oficiais de Roland Garros, se aproximou e perguntou se eu queria massagem, quase dei risada. Por que raios eu ia precisar disso? Mas, como era de graça e ele estava lá na maior boa vontade, aceitei. Não precisei de vinte segundos para entender que a massagem certa tinha o poder de transformar pangaré em alazão.

Mas a framboesa da torta se revelou no dia em que, sem querer, dei de cara com o Klaus, figurão da Adidas que Larri tinha me apresentado no ano anterior. Klaus era a pessoa que decidia quais jogadores seriam, ou não, patrocinados pela marca. Fazia parte do trabalho dele ficar de olho nos talentos que despontavam no juvenil. Eu logo teria um indício de que estava

começando a entrar no radar do circuito. Klaus me deu de presente uma mala lotada de roupas da Adidas. Além disso, um representante da Head me deu seis raquetes Prestige, as mesmas do croata Goran Ivanisevic, que em 1994 seria o número 2 do mundo. Caramba, até então nunca tivera tanto brinquedo novo de uma vez só; me senti o próprio rei da cocada branca.

A chave da simples do juvenil de Roland Garros tinha 64 tenistas. Vestido e equipado como um príncipe, venci fácil a primeira partida. Na segunda, peguei o americano J. Jackson. Problema. No Orange Bowl de 1989, nos Estados Unidos, eu ainda estava no quali enquanto ele já era cabeça de chave. Mas agora, pelo menos de material, eu estava igualado. Além disso, o saibro contava a meu favor. Joguei bem, venci e fui para as oitavas.

O adversário seguinte era Franco Squillari, argentino canhoto que, com 17 anos, jogava mais o profissional do que o juvenil. Sete anos mais tarde, em 2000, chegaria a 11º do mundo. O jogo começou de igual para igual. De vez em quando, ele me sufocava, mas aí, na empolgação, eu dava um jeito de sair do aperto. A coisa foi indo nesse ritmo até que ganhei e passei para as quartas.

Logo depois dessa partida conheci uma pessoa que viria a ter um significado especial na minha vida. Ainda estava comemorando a vitória com Larri quando um homem se aproximou, falando em português com voz grossa, atropelando uma frase atrás da outra sem dar tempo de ninguém responder:

– Larri, quem é o garoto? O magrelo bate forte, o menino é bom, tá na cara que tem futuro, mas precisa engordar, está muito magrinho, precisa comer para ganhar força. Vai se alimentar direito, garoto, tá aqui uma contribuição, continua assim que vai longe – disse, estendendo ao Larri algumas notas que, soube depois, pagavam a diária do hotel, o jantar, o almoço, outro jantar e ainda deixavam uma sobra, algo como 200 dólares de hoje, uma fortuna para a gente.

O homem então apertou minha mão, deu os parabéns e tapinha nas costas com um sorrisão no rosto, conversou um pouco mais com o Larri e, do mesmo jeito vapt-vupt que veio, se foi. Não entendi nada, mas achei graça do estilo, simpatizei de cara com ele.

Larri foi logo me dizendo:

– Guga, aquele é o Braguinha.

Até então tinha ouvido muito falar dele, mas nunca o tinha visto. Mecenas do esporte, amigo de Pelé e Emerson Fittipaldi e íntimo de Ayrton Senna, fã de Fórmula 1 e tênis, Antônio Carlos de Almeida Braga era uma lenda para quase todo atleta brasileiro, o próprio símbolo do sucesso. No passado, havia patrocinado um time de vôlei, o Atlântica Boavista de Bernard, Bernardinho, Renan e Xandó. Fazia anos que ele tinha box em Roland Garros, do qual assistia aos jogos principais sem perder de vista o desempenho de qualquer brasileiro que despontasse por lá. Além disso, Braguinha era parte importante da história do mercado financeiro nacional. Ex-sócio da seguradora Atlântica, foi diretor do Bradesco e dono do banco Icatu até se aposentar, mudar-se para Portugal e se consolidar como um incentivador dos esportes.

Naquele ano, 1993, Braguinha também acompanhava com atenção os jogos de outro brasileiro magro, alto, desengonçado e com cabelo ruim. Brigador, com rompantes de brilhantismo, Fernando Meligeni, o Fininho, estava fazendo sua melhor campanha até então no profissional de Roland Garros. Correndo por fora, Fininho ganhou a primeira, a segunda, inspirado foi indo e chegou até as oitavas. Perdeu então para o espanhol Sergi Bruguera, que estava numa fase iluminada. De qualquer modo, mais uma vez um brasileiro tinha contribuído para eu continuar acreditando que o sonho de ir longe era possível.

Acervo pessoal

Guga cumprimenta Braguinha ao lado do ex-ministro Luís Fernando Cirne Lima, no torneio juvenil de Roland Garros em 1993.

Depois de passar por Squillari, meu próximo jogo, pelas quartas, era contra Albert Costa, um páreo duríssimo, que já estava entre os duzentos melhores do mundo no ranking da ATP. Mas, no início daquele juvenil de Roland Garros, ele quase tinha perdido para Johansson, o sueco que, dias atrás, eu tinha derrotado em Charleroi. Somando dois mais dois, embora Costa fosse amplo favorito, eu calculava que dava para incomodar e, se estivesse num dia iluminado, até ganhar.

Entrei em quadra confiante, mas mal acreditei no que aconteceu depois, numa das mais gratas surpresas daquele ano em Roland Garros. Pela primeira vez, consegui atingir, durante uma partida, um nível de jogo tão alto. Antes, só tinha conseguido isso em treinos. Aquilo era inimaginável, não sabia que podia jogar tanto.

O primeiro set foi de aplaudir de pé, o Costa não acreditando que um cara com um ano a menos estava passando por cima dele daquele jeito: ganhei por 6-3. No segundo, Costa não deixou barato e veio para cima com tudo. Eu procurava impedir o avanço dele, mas era muito volume de jogo para um novato magrinho como eu. Ele venceu e fomos para a negra, eu forçando no limite, ele dando o máximo. A experiência dele prevaleceu. O espanhol levou o último set.

Na sequência, Costa venceria a partida seguinte e só perderia na final para Carretero. Apesar da derrota para ele, me senti triunfante. Não é todo iniciante que pode dizer que fez uma campanha magistral, chegando às quartas de Roland Garros jogando num nível elevado contra adversários superiores.

Com a sensação de missão cumprida, assisti à esperada final masculina na quadra central. Foi um dos mais belos confrontos da história do torneio, uma batalha épica entre Sergi Bruguera, décimo do ranking, e o americano Jim Courier, então bicampeão do evento. Num espetáculo eletrizante em cinco atos, até o final não dava para saber quem ia ganhar, com um avançando, o outro recuperando, o placar uma hora pendendo para um lado, depois para o outro. No final, Bruguera venceu e levou seu primeiro título.

Nesse jogo, percebi uma coisa importante. Courier personificava a excelência da velocidade. Bruguera era o mestre do efeito. Assistindo àquele duelo de dois estilos opostos, uma luz diferente se acendeu dentro de mim: como seria um jogador que combinasse os dois? Larri sempre falava que eu precisava investir nessa combinação. Ora, ora, se era assim, faltava aperfeiçoar, lapidar, mas eu podia tentar aquilo.

Na época, era um pensamento pretensioso e fantasioso, uma ilusão de um gurizão de 16 anos. Mas também podia ser um achado valioso. Pelo sim, pelo não, coloquei aquela possibilidade na relação dos deveres de casa dos próximos anos. Se um dia eu quisesse figurar numa final de Roland Garros, precisava de um mapa com as setinhas indicando a trilha do tesouro. Como isso não existia, achei que a combinação de estilos podia ser um caminho.

A sensação de otimismo ganhou um reforço poucos meses depois. Junto com Márcio Carlsson, meu amigo de infância, disputei a Sunshine Cup, a Copa Davis juvenil, onde só entram os 16 melhores países do mundo. Eu treinava com o Marcio desde os 10 anos, ele era um parâmetro para mim, uma rivalidade positiva que me puxava, me estimulava a jogar sempre melhor. Nós estávamos afinados, tínhamos chance. Dentre as zebras que corriam por fora, estávamos bem cotados. Mas pouca gente arriscaria dizer que tínhamos chances reais contra a favoritíssima Espanha.

De saída, quase demos com a cara na porta. Chegamos à Flórida e o diretor do torneio nos deu a notícia de que não poderíamos jogar.

– Por quê? – perguntamos em coro.

– A Confederação Brasileira de Tênis não pagou a inscrição – disse ele, referindo-se à responsável pelos tenistas que, convocados por ela, disputavam a Sunshine.

– Quanto custa a inscrição?

Era, sei lá, uns 70 dólares por cabeça. Eu e Marcio abrimos as carteiras e contamos nossas posses. Não era suficiente. Pedimos para esperar e voltamos à casa de família em que estávamos hospedados. Quando contamos a situação, o dono fez questão de contribuir. Juntando o dinheiro dos três, pagamos a inscrição.

Começamos ganhando de Israel. Veio o outro adversário, levamos. Fomos para a semi contra os Estados Unidos, vencemos. Enquanto isso, na outra chave, demos a maior sorte. O

chileno Marcelo Ríos ganhou praticamente sozinho da equipe da Espanha, que tinha Roberto Carretero e Albert Costa. Com isso, a Sunshine seria decidida numa final improvável entre Brasil e Chile.

Márcio jogou sua partida e ganhou. Eu caí com o Ríos. Pouco antes do início da partida, Oscar Wegner, aquele que escreveu um livro para ensinar a jogar tênis em duas horas, apareceu por lá e repetiu seu mantra:

– Guga, numa ponta, ansiedade. Isso não pode. Na outra, passividade. Também é ruim. No meio, serenidade. É aí que você tem que ficar, na serenidade, como o Borg.

Entrei em quadra com aquilo na cabeça. Ficava repetindo "serenidade, serenidade, serenidade...". Segui a instrução ao pé da letra, mais do que deveria. Fiquei tão sereno que perdi o primeiro set de 6-0. No segundo, melhorei, mas o chileno Ríos era praticamente imbatível e levou a partida. Com 1 a 1 no cômputo geral, a decisão do título foi para a dupla.

A partida começou nervosa, com um lado apertando aqui, o outro espremendo ali. Os chilenos ganharam o primeiro set. No começo do segundo, o acaso nos favoreceu. Sobrou uma bola flutuando na rede e, descarregando a frustração de ter perdido o primeiro set, dei um voleio top-spin com gosto e aí... a bola foi certeira no meio das pernas do Ríos. O cara se contorceu todo, quase desabou. Enquanto ele se esforçava para recuperar o prumo, eu não sabia se pedia desculpa ou comemorava.

Esse golpe mudou o cenário do jogo. Meio entortado, Ríos começou a errar umas bolas, principalmente quando tentava revidar a bolada no meio das pernas. Vendo que a parte mais forte da dupla estava alterada, o parceiro dele, que antes acertava todas as bolas, passou a errar uma atrás da outra. Contrariado com as falhas do parceiro, Ríos começou a olhar feio para ele, deixando-o cada vez mais desconfortável, mais intimidado com seu ar de reprovação. Aproveitamos a avenida aberta, fomos para cima, ganhamos o segundo set e, embalados, vencemos também na negra.

Assim, em dezembro de 1993, em parceria com Márcio Carlsson, fui campeão da Sunshine Cup, torneio que o Brasil só tinha vencido uma única vez, com Thomaz Koch e Edison Mandarino, havia mais de trinta anos. Comemorei me sentindo o campeão dos campeões, vendo a bandeira brasileira hasteada no pódio.

Acervo pessoal

Equipe brasileira (Márcio Carlsson, Guga, Larri Passos e Pedro Zannoni) após vencer a final contra o Chile na Sunshine Cup em dezembro de 1993.

O APERTO DO FUNIL

No tênis, não tem idade mais delicada do que os 18 anos. Até ali, o jogador tem opção. Mas esse é o último ano em que pode ficar disputando num ambiente conhecido, na zona de conforto do juvenil, antes de se encaminhar para o profissional. Se tiver pontos suficientes no ranking da ATP, nada impede que também se arrisque em voos mais altos. Caso seja um prodígio iluminado, tem até chance de ser campeão de Roland Garros com 17 anos e três meses e meio, como o americano Michael Chang realizou em 1989.

Tirando esses casos homéricos, ao completar 19 anos o tenista não tem mais para onde correr. Com a porta do juvenil fechada, só sobra o profissional. E aí vem o aperto do funil. É um momento complicado de superar, que deixa uma multidão pelo caminho. No juvenil, você está disputando um mocinho e bandido no quintal com pistola d'água. Mas, no ano em que assopra as velinhas do bolo de aniversário de 19 anos, já está no profissional, no meio de um tiroteio de verdade. Não é fácil sobreviver ali.

Há centenas de casos de tenistas que não conseguem repetir no profissional o mesmo sucesso de antes. Muitos que venceram dois ou três Grand Slams no juvenil não chegaram nem perto disso depois. Não é que eles desaprenderam. O nível dos adversários é que subiu muito.

A motivação do jogo também muda. No juvenil, o tenista está perseguindo o sonho de ser profissional. No profissional, o tênis deixou de ser sonho e virou questão de sobrevivência, ganha-pão, o único meio de sustento. Se não atravessar o funil com o mínimo de brilho, não vai ter como pagar o leite das crianças no final do mês.

Isso, porém, não quer dizer que o circuito profissional seja somente um tudo ou nada. Mesmo muito longe do top ten, abaixo da 100ª colocação dá para se manter bem, pagar as contas, ter uma vida confortável, até fazer um pé-de-meia. Não vai ser manchete de jornal, não vai conquistar um mundo novo, mas também não será tragado pelo buraco negro.

Entre os meus 17 e 19 anos, Larri começou a trabalhar para eu não ficar encalacrado no gargalo. Traçou uma estratégia que pode ser resumida em mirar alto para chegar longe. Juntos, decidimos que eu só ia pegar pedreira, alternando a elite do juvenil com a base do profissional. Se conseguisse terminar o ano com uma boa colocação na ATP, além de pagar as contas básicas e conquistar pontos importantes, ganharia moral para chegar em ponto de bala à transição do juvenil para o pro.

Em 1994, um dos grandes torneios para os juvenis era a etapa venezuelana do Orange

Bowl, o mundial do juvenil, com status de Grand Slam. Esse estava na nossa mira. Não havia lugar mais propício para me firmar entre os melhores do ranking internacional.

Na Venezuela, eu estava infernal. Joguei muito, ganhei todas, levei o título, somei um monte de pontos. Com isso, fiquei entre os três primeiros do mundo no juvenil, uma coisa magnífica, meu melhor ranking mundial até então. Estava na maior felicidade, mas nem festa a gente fez. Depois de levantar o troféu, a cabeça já estava em outro lugar. Sentindo o gostinho de ganhar um torneio internacional, estava louco para fazer a mesma coisa no profissional. Pela lógica do Larri, só ganhando dos melhores eu cruzaria de cabeça erguida a fronteira entre meninos e homens e, assim, teria condições de um dia ser mais do que uma promessa.

No final de janeiro de 1994, eu e ele pegamos um avião para disputar um satélite do profissional em Portugal. Era uma correria danada, uma paulada total, uma partida atrás da outra. Nesse torneio, aconteceu uma coisa que viria a fazer diferença mais tarde. Na época, Jorge Salkeld já era meu empresário. Ele era amigo de um belga que fabricava uma corda recém-lançada chamada Luxilon. Jorge mandou dois rolos dessa corda, uma mais grossa, outra mais fina, para que nós a experimentássemos. Disse que o espanhol Albert Costa, que também era agenciado por ele, jogava com a grossa. Mais de acordo com meu estilo de jogo, Larri preferiu testar a fina.

Nos torneios, o serviço de encordoamento de raquetes custava 25 dólares, um dinheiro que a gente não tinha. Então nós estávamos acostumados a colocar corda na raquete, usando uma máquina que o Larri levava nas viagens. Às vezes, para fazer um dinheirinho, até encordoávamos raquetes de outros tenistas. Mas e para encordoar a Luxilon?

Ela é uma corda dura, meio parecida com arame, difícil de manipular. Machucava a mão, chegava a fazer uns cortes. Eu geralmente levava vinte minutos para encordoar uma raquete. Com a Luxilon, precisava de uma hora e meia. O esforço valeu a pena. Essa corda é revestida por um tipo de borracha, o que ajuda no controle e também aumenta a velocidade e a potência do golpe, gerando umas estilingadas explosivas.

Junto com Costa, servi de cobaia, sendo um dos primeiríssimos a usá-la. Naquela época, a maioria dos tenistas jogava com corda de tripa. Alguns, como Roger Federer, fazem isso até hoje. Mas, após alguns anos de uso e o título de Roland Garros de 1997, ficou claro que a Luxilon era mais versátil e podia representar uma vantagem competitiva. Anos depois de eu adotá-la, Agassi viu a minha raquete e perguntou que corda era aquela. Resolveu testá-la, gostou e passou a jogar com uma mistura de tripa e Luxilon. Mais tarde, ele contou que, se não tivesse se adaptado, tinha pensado em fazer campanha para a ATP proibir aquele tipo de corda. Hoje pelo menos 70% dos tenistas do circuito jogam com ela.

Depois de Portugal, ainda joguei torneios profissionais no México ao longo de um mês inteiro, mas minha cabeça já estava no Brasil. Em maio, eu tinha uma obrigação a cumprir: numa outra prova de que fazer 18 anos é complicado para um tenista.

A lei diz que todo brasileiro deve se alistar no serviço militar no primeiro semestre do ano em que atinge a maioridade. Meu aniversário é em setembro, eu ia passar maio, junho e julho

participando de torneios na Europa, então só me sobravam os poucos dias em Florianópolis para cumprir a obrigação. Às seis e meia da manhã, lá fui eu para o quartel. Entrei numa filona e aí começou a triagem: quem tem primeiro grau vai para cá, arrimo de família para lá e coisa e tal. Por ter o segundo grau completo, fui um dos primeiros a serem chamados. Aí veio a ordem: "Todo mundo de cueca." Pois não, sim, senhor. Tirei a roupa, fui para outra sala com uns seis ou sete e entrei em mais uma fila, a do exame médico. Na minha vez, um homem vestido de branco me olhou de cima a baixo e ordenou em tom militar:

– Fica direito aí, guri.

– Como assim?

– Fica reto.

– Tô reto – respondi.

– Mais reto.

– Não dá. Não consigo.

Quase todo jogador de tênis destro fica com o lado direito mais baixo do que o esquerdo. Além disso, a mãe e a oma têm problema de coluna, também saí meio enviesado. Não tinha culpa daquilo.

O homem de branco me olhou de um jeito meio estranho. Fiquei sem entender a razão. Então ele se levantou e saiu. Mais estranho ainda. Não sabia se aquilo era bom ou ruim. Mas logo voltou e me mandou vestir a roupa, eu continuando sem entender o que ia acontecer. O homem balançou a cabeça, como se estivesse decepcionado. Seu olhar quase me deixou encabulado. Era como se ele pensasse: "Magrinho desse jeito, só pele e osso e ainda por cima torto, esse aí não dá nem para cozinheiro."

Então gritou "O próximo" enquanto me dispensava de servir o exército. Carimbou "B2" na minha ficha de alistamento, código que me considerava "fisicamente incapaz", inapto para fazer exercícios e treinamentos. Foi o erro de avaliação mais bem-vindo da vida. Não conseguia me imaginar no exército. Foi o único dia da minha vida em que fiquei feliz por ter escoliose.

No fim de abril, eu e Larri embarcamos para Lisboa para jogar mais uma série de torneios satélites. No hotel, havia uma mensagem para nós na recepção: "Favor entrar em contato com Braguinha." Larri telefonou assim que entramos no quarto.

– Ô Larri, como é que vamos? O magrelo tá bem? Ótimo. Então é o seguinte: o Senna vai correr na Itália no domingo e depois vem passar uns dias comigo em Portugal. Vem aqui em casa com o Guga para conhecer o Ayrton.

Logo na sequência do torneio de Lisboa, vinha Roland Garros. Essa surpresa boa só podia já ser influência do meu mundo mágico. Se a temporada no saibro estava começando assim, imagina como seria no final. Na infância, eu era fã do Nelson Piquet. À medida que cresci, fui conhecendo e admirando cada vez mais o Senna até considerá-lo um gênio. Ficava grudado na TV durante as corridas de Fórmula 1, tentando entender o que ele tinha de diferente para conseguir fazer tudo aquilo de forma tão magnífica.

No domingo, um dia antes do início do torneio em Portugal, eu e Larri estávamos almoçando no restaurante do hotel e assistindo à corrida de Fórmula 1 em Ímola, o Grande Prêmio de San Marino. De repente, o susto. Senna bateu no muro depois de passar direto pela curva Tamburello. O que podia ter acontecido? Ficamos ali grudados, tentando decifrar o mistério, analisando possibilidades, imaginando se ele ainda teria chance no campeonato e antecipando a explicação que ele daria numa entrevista mais tarde.

Passou um tempão e foi ficando claro que era sério. Senna não saía do carro e não parava de chegar gente, com ambulância ao lado e helicóptero por perto. Tudo indicava que ele teria que ir para o hospital, mas tudo bem: Senna é um super-herói, indestrutível, que sempre vence no final. Não passava pela minha cabeça outra possibilidade.

Mesmo depois que anunciaram na TV que o ferimento tinha sido muito grave e que ele não resistira, não queria acreditar de jeito nenhum. Demorei uma eternidade para assimilar que ele tinha morrido. Esperava que a qualquer momento um repórter entrasse no ar para dizer que o Senna tinha vencido mais uma e estava tudo bem. Fiquei acordado até tarde, vendo na TV centenas de reportagens, aguardando o anúncio do milagre que nunca veio a acontecer.

Aquilo mexeu um bocado comigo. Um mito, o grande campeão do mundo, um super-herói universal podia perder a vida num instante, numa curva errada. E agora os brasileiros estavam com um buraco imenso na alma por não terem mais seu maior ídolo. Como é que a gente ia ficar sem o Senna?

Dias depois, eu estava jogando contra um português na final do torneio quando vi Braguinha na plateia. Era fácil enxergá-lo, pois em torneios satélites nunca havia mais do que umas vinte pessoas assistindo. Ao vê-lo, senti um monte de coisas diferentes ao mesmo tempo. Primeiro fiquei abalado, pois ele representava e personificava para mim a perda do maior esportista brasileiro em atividade. Depois, preocupado. Como estaria o meu amigo? Provavelmente destruído depois da morte de uma pessoa que ele considerava como um filho.

Ao mesmo tempo, me senti lisonjeado por ele estar ali para me ver. Braguinha extraía força sei lá de onde para me prestigiar, apesar da dor e do abatimento que o fizeram envelhecer anos em dias. Joguei o máximo como forma de homenagem a ele. Não tinha a mesma amizade, proximidade ou afinidade, mas queria vencer para dar ao Braguinha o mesmo tipo de alegria que o Senna lhe dava. Era pouco, mas tudo o que eu podia fazer naquele momento.

Ganhei a partida e, pela primeira vez, fui campeão num satélite do profissional. Queria dar um abraço em Braguinha, dedicar a vitória a ele, mas meu amigo não estava mais lá. Tinha ido embora sem me dar tempo de cumprimentá-lo. Mesmo sem poder lhe dizer isso na hora, aquele troféu era para ele.

Depois do ótimo resultado em Portugal, minha expectativa era alta no juvenil de Roland Garros. Na dupla com Lapentti, eu enxergava boas possibilidades de título. Mas era na simples, na condição de um dos oito melhores do mundo, que eu apostava minhas fichas mais altas.

Aquela era a primeira vez que ia entrar sozinho numa quadra de Grand Slam me sentindo um dos favoritos. Olhava a chave em que caíra e achava que não havia nenhum cara espetacularmente melhor do que eu. A maioria tinha idades, habilidades e experiências semelhantes. Ou eram tenistas que eu já tinha superado ou que estavam no pau a pau, como meu amigo Lapentti. Outros candidatos ao título eram os espanhóis, Galo Blanco e Carlos Moyà, e o sueco Magnus Norman, que depois brilhariam no profissional. Também havia o argentino Federico Browne, número um do ranking juvenil. No meu radar, só não estava um italiano, Giorgio Galimberti.

Aquele ano tinha tudo para ser especial. A mãe e o Rafa tinham tirado férias para me ver jogar pela primeira vez em Paris. Como não sabia se também seria a última, queria mostrar meu melhor jogo para que eles se orgulhassem e provar que tinha valido a pena apostar em mim. O cenário, em resumo, não podia ser mais promissor: eu confiante, os adversários mapeados e a família na plateia.

Mas, logo na primeira disputa, joguei abaixo do que esperava. Penei para passar pelo parisiense Jean-Noel Grinda, que mais tarde ficaria célebre por participar de uma edição do BBB francês. Depois encarei o holandês Rogier Wassen num jogo duríssimo. Venci, mas me sentindo desconfortável o tempo todo, sem que meu melhor tênis desse sinal de vida.

A terceira partida foi contra o italiano Galimberti, de quem eu não sabia quase nada. Aprendi rapidinho que ele era um franco-atirador mais disposto a matar do que a morrer. Por mais que tentasse, não consegui encaixar meu jogo. O cara me atropelou. Perdi.

Foi um soco no estômago. No ano anterior, eu tinha ido longe, chegado às quartas, e mesmo a derrota teve sabor de vitória. Agora estava confiante de que avançaria pelo menos à semifinal. Mas parei no meio do caminho, sem nem igualar o desempenho de 1993. Fiquei arrasado, essa doeu demais. Poxa, será que, em vez de ir para a frente, estava indo para trás? Quando você acha que está fazendo tudo certo, tem pouca coisa pior do que um fato que venha questionar seu jogo, colocando seu valor em dúvida.

E isso logo em Roland Garros, onde coisas boas sempre aconteciam! Será que a varinha de condão quebrara e eu não percebera? A resposta veio no dia seguinte. Mais uma vez, a magia de Paris brilhou no meu caminho, me reservando mais surpresas boas. De manhã, por volta das oito horas, eu e Lapentti aquecemos sozinhos por meia hora numa das quadras periféricas. Depois, fomos procurar Larri e Pancho Guzmán, o técnico do Nico. Tínhamos combinado treinar com eles às nove. Achamos os dois parados numa das alamedas de Roland Garros. Com cara de perdidos, eles analisavam um papel.

– Guga, vê se tu entende que quadra é essa. A gente pediu um lugar para treinar, mas aqui não tem nenhum número – disse Larri.

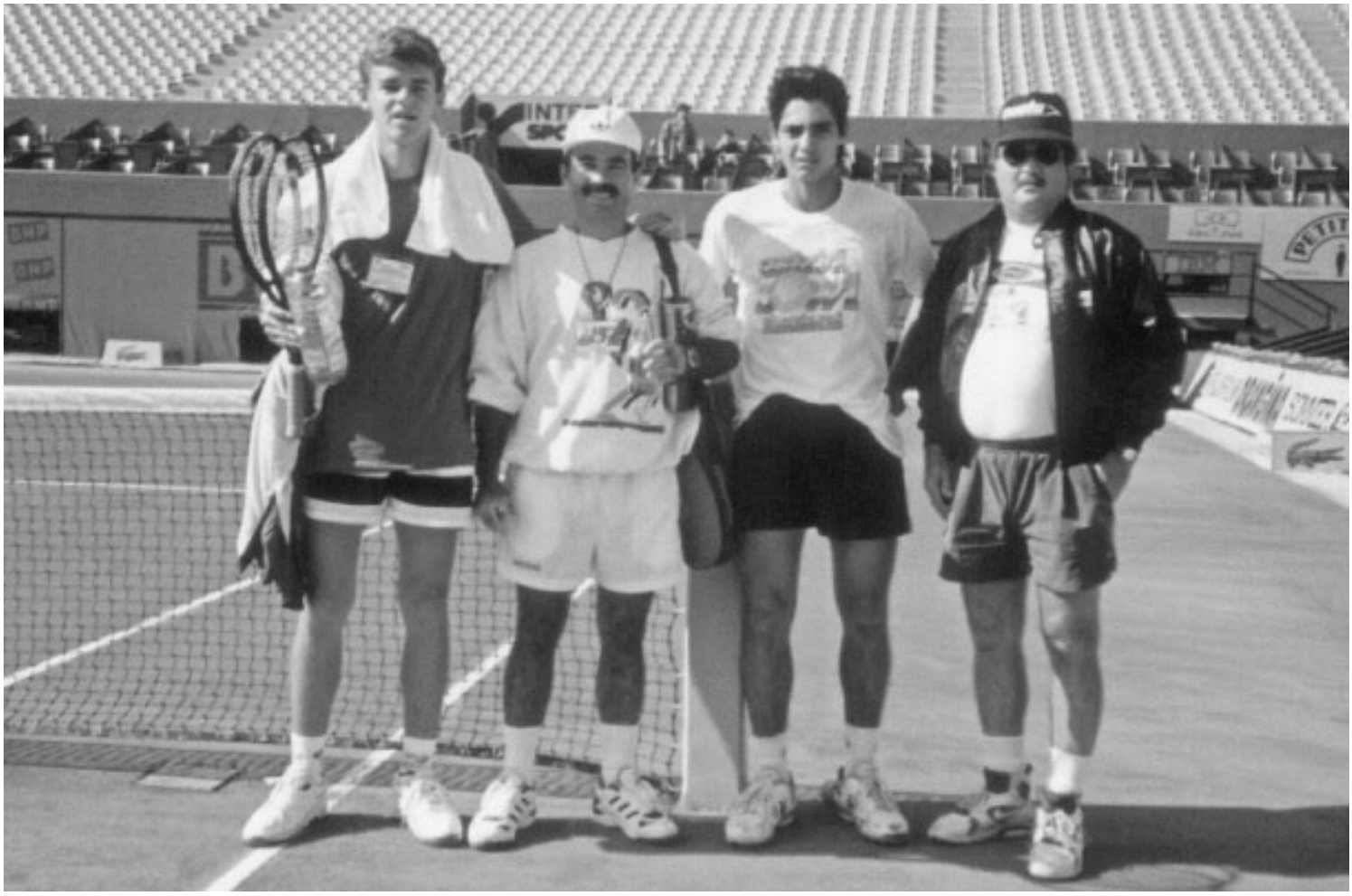
De fato, aquilo parecia um zero pela metade, mas quadra zero não existia. Também lembrava um 6 sem a bolinha de baixo. Até que, de repente, me veio uma iluminação. Não era número. Era letra. A letra C.

– Matei a charada. É C de central! – falei de brincadeira.

Aquilo era tão improvável que Larri ainda lembrou que as quadras A, B, C e D ficavam num anexo e que devia ter gente querendo impedir que nós treinássemos em Roland Garros. Pelo sim, pelo não, fomos para a central conferir. “Vamos rapidinho. Se não tiver ninguém, a gente finge que é nossa, até que alguém venha nos tirar”, falei.

E não é que era mesmo?! Era o máximo estar ali, pisando o mesmo saibro dos campeões, sem ninguém na plateia, um silêncio de catedral, a central inteira só para nós naquele espetáculo imprevisto. Como menino jogando botão sozinho, eu ficava imaginando o público torcendo, numa ovação ensurdecedora, no treino mais memorável da minha vida. Jogamos quase uma hora inteira ali.

A quadra central deu sorte. Nas duplas, eu e o Nico jogamos como manda o figurino. Ganhamos uma, depois outra, com o pai do Lapentti e a mãe e o Rafa nos incentivando da plateia, tirando foto, filmando as partidas. Levamos as quartas, a semi e, pá, chegamos à final.



Guga, Larri, Nicolás Lapentti (Nico) e Pancho Guzmán na quadra central do torneio juvenil de Roland Garros em 1994, no qual Guga e o equatoriano foram vencedores nas duplas.

A partida foi agendada na mesma quadra em que Jaime Oncins vencera Ivan Lendl em 1992, o que só podia ser bom presságio. E não deu outra. Eu e Nico ficamos com o troféu dos campeões, uma bandeja de prata com a inscrição "Internationaux de France – Roland Garros 1994 – Gagnant double juniors garçons", os ganhadores da dupla masculina dos juniores.

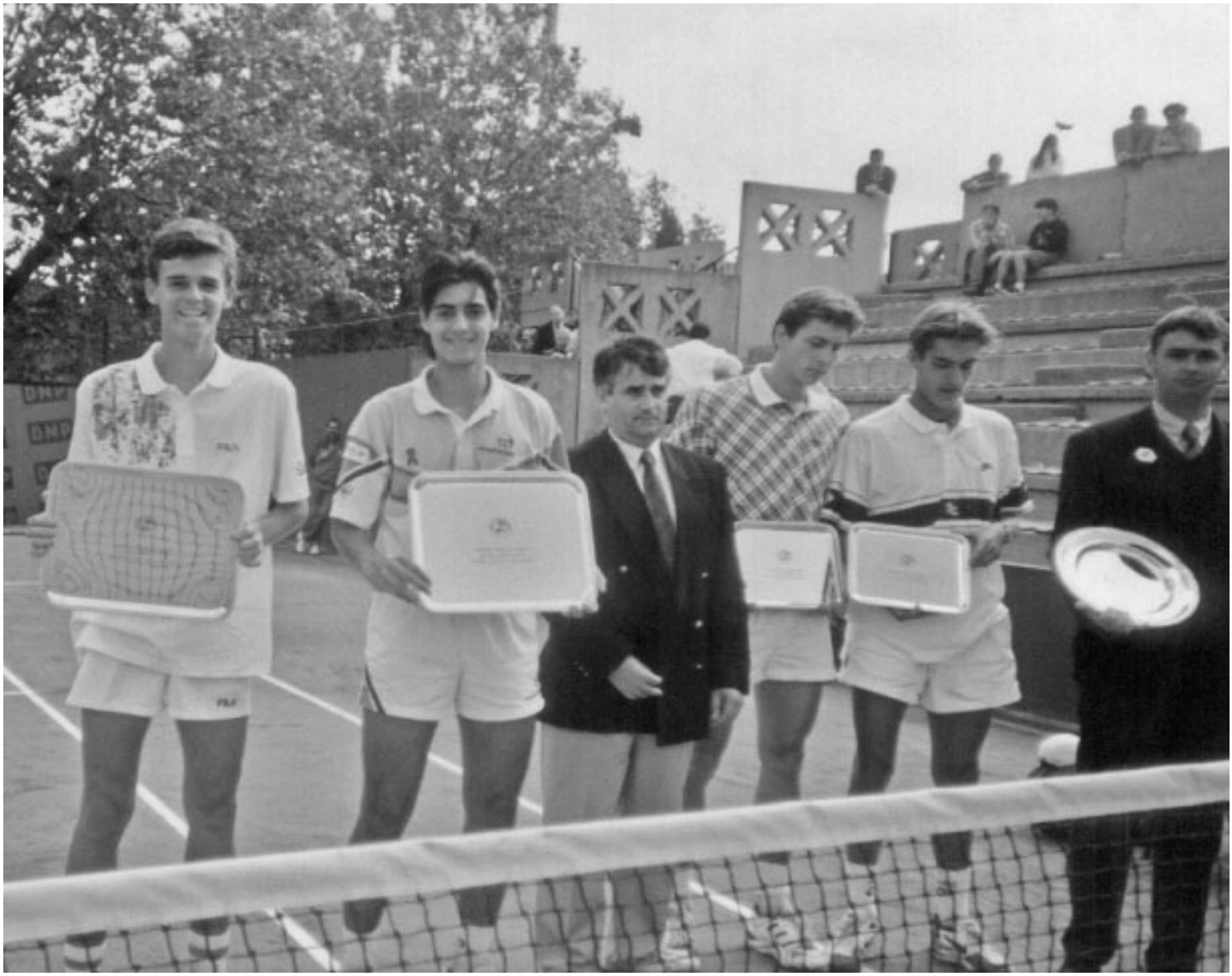
Eu e Nico seguramos juntos a nossa bandeja, eu sorrindo todo orgulhoso para a mãe, esperando ela tirar as fotos que engrandeceriam nosso álbum de família. Mas ela só me olhava de um jeito meio estranho. Só mais tarde descobri que, emocionada e ansiosa por ver o filho jogar uma final, a mãe esquecera câmera e filmadora no hotel. Se não fosse o pai do Lapentti, eu não teria um único registro do meu primeiro título de Grand Slam.

Admirado com a proeza e consagrado no circuito, segui o programado e fui com Larri para Londres, sem a mãe e o Rafa, que voltaram para casa. De cara, percebi que a grama não foi feita para mim. Na simples do juvenil, perdi na primeira rodada para um japonês. Para compensar, a dupla salvou de novo. Mesmo sem a mesma desenvoltura no saibro, eu e Lapentti beliscamos uma semifinal em Wimbledon e ainda vi meu amigo Ricardo Schlachter

jogar a final na quadra central e ser cumprimentado pela rainha. Minha missão estava cumprida em mais uma temporada europeia.

Na semana do meu aniversário, ganhei outro presente. Na primeira quinzena de setembro, joguei um challenger em Natal. Na estreia, ganhei na negra do favoritíssimo Alexandre Hocevar, ex-campeão brasileiro. Depois veio o Jaime, o ídolo nacional que tinha derrotado Lendl dois anos antes. Esse foi um jogo épico para mim, o primeiro espetáculo que vivi numa quadra.

A plateia estava lotada, com umas 5 mil pessoas torcendo de início para o Jaime. Mas aí comecei a jogar muito e terminei o primeiro set vencendo por 6-2. Uma parte do público se empolgou com a minha atuação e passou a me incentivar, gritando meu nome. Rapaz, era a primeira vez que uma torcida gigante me dava força num torneio profissional, e ainda jogando contra o ídolo do tênis brasileiro! Que negócio emocionante. Eu mal acreditava que fazia parte daquela festa. Entrei num clima de euforia com a vibração da torcida, sentindo o gostinho de ser aclamado na quadra. Mas aí Jaime entrou no jogo e ganhou o segundo set.



Guga e Lapentti exibem as bandejas de campeões nas duplas do torneio juvenil em Paris – nas quais mais tarde o Gui, irmão mais novo de Guga, iria adorar fazer um lanchinho.

Então fomos para uma negra dramática. Tive um monte de match points, desperdicei todos, sei lá, fiquei nervoso, senti o peso, não é simples jogar com ídolo de infância. Jaime ganhou de 7-6. Nos cumprimentamos na rede, os dois pingando de suor, a plateia aplaudindo e gritando o nome de ambos. Apesar da derrota, eu sentia o sabor do triunfo e me aproximava de um mundo novo do tênis, do lugar a que eu sonhava chegar. Era a coisa certa na hora certa. Dali para a frente, só tinha mesmo o profissional.

Na volta para Florianópolis, mantendo a tradição, dei os troféus do ano para o Gui. Ele gostou do de Portugal, mas se encantou mesmo com o primeiro troféu de Grand Slam que levei para casa, a bandeja de prata de Roland Garros. O olho dele cintilava com o brilho do metal e o seu reflexo na superfície polida. Fazer a felicidade do Gui valeu mais que a taça. Para comemorar a temporada vitoriosa, na qual terminei o ano como 371º do mundo, eu e Gui ainda

fizemos um lanchinho em cima daquela bandeja de prata.

NÃO TENHO VALOR COMO TENISTA?

O ano de 1995 começou mal e conseguiu ficar ainda pior. Até quase o fim do primeiro semestre, foi desesperador, os quatro ou cinco meses mais tenebrosos da minha carreira.

O golpe que gerou toda a turbulência foi dado no fim de 1994. Mantendo um hábito de cinco anos, eu e Larri estávamos nos Estados Unidos para disputar o Orange Bowl, o torneio mundial juvenil mais importante na época. Antes do banho de água fria, a coisa até que vinha bem. Na simples, depois de ganhar do espanhol Galo Blanco, fui à final. Na dupla, jogando de novo com o Nico, idem. Por coincidência divina, as duas partidas decisivas estavam marcadas para o dia 25 de dezembro.

Na véspera do Natal, eu e Larri fomos jantar no Dino's, um restaurante italiano, o único que encontramos aberto em Miami Beach. Obviamente éramos só nós dois ali, um lugar esquisito, meio escuro, mais para cavernoso do que romântico. Cansados, queríamos só comer um negocinho e ir descansar no hotel. Apesar dos resultados extraordinários, das duas finais em sequência no dia seguinte, Larri estava estranho, calado. Tentava disfarçar, mas era evidente que tinha alguma coisa errada. Ele não era de ter saudade de casa e também não ligava para festa de fim de ano. Se não queria dizer o que o incomodava, então o melhor era deixar quieto. Por isso, só no dia seguinte, quando ele revelou o que estava acontecendo, é que fui do céu ao inferno em cinco minutos.

Na simples, perdi para o Nico. Nas duplas, jogando com ele, perdemos também. Foi aí que, logo depois da premiação, Larri me abraçou e, com os olhos marejados, disse que a gente precisava conversar. Não entendi nada. Para mim, as derrotas como presente de Natal não estavam nos planos, mas terminar o ano com dois troféus de vice no maior torneio juvenil do mundo era sensacional. Por que aquela tristeza toda? Não era possível, aquelas eram conquistas boas para a gente. Mas, se não fosse isso, o que eu tinha feito de errado?

– Não joguei bem? Acha que eu podia ter dado mais?

– Não, tu jogou bem.

– Então o que foi?

– Agora posso dizer. Não falei antes para não atrapalhar tua concentração no torneio.

– Que houve?

– Resumindo: estamos sem patrocínio. A Sadia desistiu do tênis. Agora vão financiar o Christian Fittipaldi na Fórmula Indy.

– Como assim? Desde quanto tu sabe? – perguntei, pasmo.

– Tua mãe me ligou faz três dias, mas preferi não contar nada.

Depois da catástrofe, Larri se mexeu para tentar obter uma salvação imediatamente. Me levou até São Paulo para uma reunião com o investidor Jorge Paulo Lemann, então sócio do banco Garantia. Fã de tênis, Lemann foi profissional e jogador de Copa Davis, e até hoje continua na ativa vencendo torneios de veteranos. Larri propôs que o Garantia fosse nosso parceiro. O banqueiro fez uma contraproposta. Daria o dinheiro, mas em troca de uma participação nos meus ganhos nos campeonatos. Larri agradeceu a atenção e saiu de lá sem acordo, parceiro ou patrocinador. Mais tarde, Lemann se tornaria um amigo.

Com respostas negativas dos patrocinadores nós estávamos até acostumados, mas a surpreendente desistência da Sadia foi uma paulada. Pô, logo agora que eu estava tão bem, encerrando o juvenil com uma sequência de conquistas importantes, indo além de todas as metas e expectativas... Me senti desnorteado. Era ruim ficar sem patrocínio, mas a sensação amarga de derrota pessoal era muito pior. Uma empresa do meu estado, que me apoiava havia dois anos, cujo uniforme eu tinha sonhado vestir na infância, achava que não valia mais apostar em mim.

Qual o propósito daquele corte? Dinheiro não podia ser. A Fórmula Indy era cara e eu recebia da Sadia uns 2.500 dólares por mês. Não importava se era uma decisão estratégica corporativa, a rejeição me pegou pelo lado emocional. Acusei o golpe, fiquei com a sensação de que o meu estado, o meu país, o mundo tinham perdido a fé no meu jogo justo na hora mais crucial, na transição do juvenil para o profissional. Foi assim que, no momento mais difícil da carreira, comecei a me questionar. Será que a Sadia estava certa em me abandonar? Não vou vingar como jogador? Não tenho nenhum valor como tenista?

Bagunçado por dentro, me vi sem saber como prosseguir pelo lado prático. Sem apoio financeiro, como é que a gente ia cumprir o planejamento do ano? O dinheiro guardado só permitia jogar perto de casa, algumas viagens pela América Latina, sem chance de temporada na Europa para disputar os torneios que alavancavam a carreira. Sem opção, Larri refez nosso cronograma.

Em meados de janeiro, no meu primeiro torneio de 1995, jogamos um satélite em El Salvador, na América Central, num clima de guerra civil. Na primeira rodada, entrei na quadra como favorito, mas perdi para um austríaco que era um ano mais novo que eu. Na segunda, joguei contra um americano que jurava que estava doente. Quando a partida parava para trocar de lado, ele sumia e voltava dizendo que tinha ido vomitar. De início, me senti desconfortável por enfrentar um adversário nessas condições. Mas aí o jogo recomeçava e ele, correndo e saltando mais que gazela, não parava de ganhar ponto atrás de ponto.

Fiquei cabreiro, indignado, e mais ainda quando ficou óbvio que o americano tinha me enrolado com aquela conversa de dodói, o trouxa aqui virando pato na arapuca dele. Perdi o jogo. Na hora do cumprimento na rede, fiz um comentário que deixava clara a minha insatisfação com a estratégia dele. Com expressão irônica, o cidadão riu e, me provocando,

disse “Te vejo no quali da semana que vem”, querendo dizer que eu jogava um tênis de quinta categoria. Que maneira de começar o ano.

Na sequência, desviei para a Argentina para disputar uma série de qualis entre fevereiro e abril. Em Mar del Plata, perdi para meu amigo Márcio Carlsson. Em Mendoza, para Guillermo Cañas. Em Buenos Aires, para mais uma batelada de argentinos. A essa altura da carreira, eu já devia tirar de letra esse tipo de torneio, mas só estava levando pancada. Mesmo em jogo que estava ganhando, errava uma, depois duas, fazia bobagem, ficava nervoso, me abalava, perdia a concentração, o cara virava e eu era derrotado. Larri não acreditava, ficava uma meia hora sem falar comigo, acabrunhado com a minha rolada na ladeira. Em todo começo de temporada, eu demorava um pouco para engrenar. Mas aquilo estava passando do limite, eu não emplacava uma. Ô fase.

É impressionante o estrago que a falta de confiança pode fazer. De uma hora para outra, me sentia medíocre, parecia que tinha desaprendido, não sabia fazer mais nada. Já entrava em quadra desacreditando. Se não tinha mais confiança no meu jogo, só me restava confiar mais uma vez em Larri.

Meu técnico sempre disse que a gente tem que apagar o que não serve e reter só o que ajuda a ir para a frente de cabeça erguida. Eu estava tão abalado com a série de insucessos que Larri resolveu mudar a estratégia:

– A gente não tem nada o que fazer aqui neste momento. Só estamos perdendo tempo. Tu tá precisando de uma pausa e também de ânimo e desafio. Primeiro vamos para casa treinar mais. Depois damos um jeito de ir para a Europa. Se perder de novo por lá, pelo menos será em torneio grande.

Parecia que os céus estavam só esperando essa decisão de Larri para intervir. Em Florianópolis, três semanas antes de viajarmos para a Europa, fechamos praticamente dois patrocínios ao mesmo tempo. Até aquele momento, ou eu jogava com roupa comprada em loja, ou com os raros uniformes que ganhava de presente da Adidas ou da Fila. Mas Jorge Salkeld, que me acompanhava desde 1993, convenceu a Diadora a investir em mim. Isso fez um bem enorme para a autoestima.

A Diadora já tinha patrocinado campeões como Borg e Courier. Assinado em abril de 1995, o acordo inicial previa cerca de 12 mil dólares anuais para despesas e uniforme completo até o fim do ano, com possibilidade de se tornar um acordo de médio ou até de longo prazo. Ali na hora, se não resolvia os problemas financeiros, pelo menos dava um bom respiro.

O segundo patrocínio veio de uma das maiores demonstrações de amizade que já tive. Na época, Rico Schlachter era patrocinado pela indústria de alimentos Frigorífico Chapecó, localizada no oeste de Santa Catarina. Rico marcou uma reunião na empresa, foi conosco até lá e convenceu o dono da empresa, Plínio David de Nes Filho, a nos apoiar. A companhia não tinha verba para isso. Rico então abriu mão de uma parte de seu patrocínio em nosso benefício. Agora já dava para equilibrar as contas e seguir em frente.

Em três semanas, fomos do desespero ao alívio total. Os dois patrocínios possibilitavam que a gente jogasse os torneios grandes na Europa. Além da salvação financeira, os novos parceiros fizeram bem à alma. Eu não estava sozinho. Ainda apostavam em mim como tenista, acreditavam no meu jogo. Essa sensação era mais bem-vinda do que dinheiro.

Em maio, jogamos o quali de Hamburgo, na Alemanha, um antigo Masters Series que tinha uma premiação milionária, de 1,5 milhão de dólares, um choque cultural em comparação aos torneios a que eu estava habituado. Ali só tinha tenista graduado, os melhores do mundo. Eu e Larri ainda estávamos longe de nos integrar naquele ambiente. Uma noite, nos convidaram para jantar. Fomos num grupo de oito pessoas, do qual fazia parte o peruano Jaime Yzaga, ex-top ten que figurava na chave do campeonato. Escolheram um restaurante muito caro para o nosso bolso. Eu jantei, estava morrendo de fome. Prevendo o pior, Larri só pediu uma água para minimizar o estrago. Depois do cafezinho, propuseram rachar a conta. Larri quase teve um treco, argumentou que não jantou e, portanto, estava fora dessa. Mesmo assim morri em uns 80 dólares, dinheiro suficiente para uns quatro jantares nossos.

No torneio, joguei a primeira contra um tcheco; ganhei. Na segunda, venci o alemão Nicolas Kiefer, que mais tarde seria quarto do ranking. Na terceira, perdi para o argentino Marcelo Charpentier. Mesmo com a derrota na fase classificatória, recebi um prêmio em dinheiro. Era pouco, mas providencial, colaborava para continuar adiante. Mas o fundamental é que voltei a acreditar que era um jogador de verdade. Fazia cinco meses que não ganhava duas partidas seguidas. Finalmente, depois de só cavar para baixo, eu estava saindo do buraco. Realmente é impressionante como confiança decide o jogo.

Com esse ímpeto positivo, o primeiro do ano, segui para Dresden, outra cidade alemã, e Budapeste, capital da Hungria. Na primeira, cheguei às quartas, na outra parei nas oitavas. Jogando contra gente bem mais experiente, tinha conquistado pontos importantes, mas que, infelizmente, não seriam computados a tempo da inscrição de Roland Garros.

O Aberto da França é disputado por 128 tenistas, dos quais 104 entram pelo ranking, oito por convite e dezesseis pela etapa classificatória. O quali funciona quase da mesma forma. Para disputá-lo, na época um tenista precisava estar pelo menos na 400ª colocação. O problema é que, na data da inscrição, o ranking que valia era o de seis semanas antes do início do torneio. Quando assinei o papel, eu já era o 385º, mas, seis semanas antes, era o 402º. Ou seja, bati na trave, fiquei de fora, na lista de espera, por apenas duas colocações. Mesmo assim, eu e Larri tínhamos esperança de entrar como *lucky loser*, caso houvesse alguma desistência ou contusão.

Fiquei treinando em Paris, aguardando para ver se abria uma vaga, o que não aconteceu. Desde 1992, quando pisei lá pela primeira vez, aquela foi minha passagem mais breve, de apenas dois dias, e também a mais frustrante por Roland Garros. Em vez de me entristecer, usei o fato como impulso. Aquilo devia ser um presságio do torneio parisiense: se ele me mandava seguir em frente, era porque a sorte estava em outro lugar. Larri analisou o cenário e decidiu que, em vez de ficar na Europa, a gente ia atrás dos torneios em que eu teria mais

chance de pontuar. Fomos, então, para a América do Sul.

Em junho, na cidade colombiana de Medellín, fiz a minha primeira final em um challenger, um salto importante no circuito, para o patrocinador, a autoestima e o ranking da ATP. Mesmo sem levar o título, acumulei mais de 100 pontos em um mês e cheguei a 278º do mundo.

Em setembro, voltei à Europa para outra dose de sucessos. Em Prostejov, na República Tcheca, um torneio duríssimo, cheguei à semi. Como Larri tinha outro compromisso, fui sozinho para lá e, para variar, já comecei com uma lambança daquelas. Cheguei à capital tcheca e não sabia como me deslocar até a cidade do evento. Fosse de ônibus, táxi ou avião, não havia maneira de chegar ao destino a tempo e, com isso, ia me atrasar e ficar de fora novamente. Desesperado, lá fui eu para o orelhão ligar para Jorge Salkeld, meu manager, em busca de uma solução. Ele deu uma de MacGyver: conseguiu que um carro oficial do torneio fosse me pegar no aeroporto e quando cheguei ao local fui informado de que teria um convite para a chave principal. Mesmo com o atraso, minha vaga estava garantida. Valorizei bem o incentivo: só perdi na semi para o italiano Andrea Gaudenzi, na época número 20 do mundo.

Logo depois desse jogo, voltando de ônibus para o hotel, aconteceu uma coisa importante. Não foi pensamento, intuição, sensação, certeza ou vontade. Foi tudo junto. Eu sabia que a fase ruim havia ficado para trás, tinha consciência de que estava voltando a vencer, havia me dado conta naquele momento de que estava jogando com os melhores da Europa em condições muito semelhantes.

Agora que tinha chegado a esse patamar, não podia me permitir sair dele nunca mais. Aquele era o meu lugar, o que eu queria para mim, não podia deixar escapar.

Então prometi a mim mesmo que nunca mais, de jeito nenhum, ia retroceder. Eu nunca mais ia querer passar por outra tempestade como a dos primeiros meses do ano, que esse tipo de enrosco ficasse longe de mim. Dali para a frente, não ia ter mais desvio de caminho, só ia evoluir. A Europa era o lugar certo para isso. Imbuído de uma força interior que havia muito tempo não dava o ar da graça, entrei num estágio de pura ascensão.

Para mim, 1995 foi o ano mais importante da carreira, um marco da minha capacidade de recuperação. Em janeiro, eu estava sem patrocinador e sem reserva financeira. Em dezembro, tinha dois patrocinadores e o saldo bancário estava no azul. Iniciei o ano na 371ª colocação e terminei como 188º do mundo, um salto extraordinário de 183 posições em doze meses. Estava distante do topo, mas o fato é que agora havia muito mais gente atrás do que na minha frente e eu tinha todas as condições de realizar o sonho de chegar aos cem melhores do mundo em 1996.

MALABARISMOS

Com 19 anos, realizei um sonho dourado. Fui convocado para defender a seleção brasileira. Mal acreditei quando Paulo Cleto telefonou para dizer que eu seria um dos quatro tenistas a disputar a Copa Davis, uma das cerejas mais saborosas do tênis. Aquela convocação era uma conquista fenomenal na minha carreira. Sabia que não estava sendo chamado para ocupar uma posição de destaque, tinha toda a consciência de que meu papel oscilava entre reserva e curinga, entre suporte e elemento surpresa. Mas seleção é seleção e agora eu fazia parte de um time formado por Fernando Meligeni, Roberto Jábali e Jaime Oncins, o principal responsável pela vitória épica do Brasil sobre a Alemanha de Boris Becker em 1992.

Em 1996, o Brasil não pertencia ao grupo principal. Para mim, era uma honra a chance de enfrentar os maiores jogadores do mundo e, quem sabe, devolver nosso time à elite do tênis. Sentia que tinha toda a condição de colaborar. Minhas dúvidas em relação a meu valor como tenista haviam se perdido num passado que parecia longínquo. Eu tinha encontrado meu rumo e me firmado como jogador. Pagava minhas contas apenas com o tênis, sentia que melhorava mês a mês, não parava de subir no ranking, enfrentando adversários cada vez mais fortes, as recompensas aparecendo.

O primeiro jogo da Davis seria em fevereiro contra o Chile na casa deles. Uma parada duríssima, que incluía digerir Marcelo Ríos, então 24º do ranking, futuro número 1 do mundo. O voo para Santiago saía de São Paulo, onde Jaime, Fininho e Jábali moravam. Combinamos nos reunir 24 horas antes do embarque e passar o dia treinando no Clube Pinheiros. Com o time completo, praticamos de manhã, almoçamos e jogamos até a hora em que escureceu. Aí um se despediu, o outro disse tchau, o terceiro foi embora e, quando percebi, tinha ficado sozinho. Todo mundo foi para sua casa, sem se tocar de que eu não morava na mesma cidade.

Então tá, já que é assim, vamos em frente. Em vez de procurar hotel, resolvi ficar por lá. Eu tinha jogado no Pinheiros quando guri e sabia que havia um alojamento no clube. Encontrei o lugar, expliquei a situação e pedi para dormir lá, num colchão no chão e sem roupa de cama. Na mochila, achei umas bolachas. Com o problema de hospedagem e alimentação resolvido, assisti a uma partida de futebol de salão, conversei com o pessoal da limpeza e, assim que as luzes se apagaram, fui pra cama. Realmente não esperava estrear desse jeito no treino para a Davis. Parecia que tinha retornado à infância. Quando achava que estava me aproximando de um mundo novo, lá estava eu de novo num alojamento com bolachinha de jantar.

A estratégia de Paulo Cleto para a Davis era a mais realista possível. Ganhar do Ríos na simples era praticamente impossível. Então, de saída, já considerava duas derrotas. Para empatar o placar, Jaime e Fininho precisavam ganhar nas simples do número 2 dos chilenos. Com isso, a decisão ficaria na mão da dupla. Até a chegada em Santiago, nosso treinador ainda não havia decidido quem seriam os dois a encarar essa responsabilidade. Eu não tinha perspectiva de jogar, mas dava o sangue nos treinos para mostrar ao Paulo que, se ele precisasse, eu estava pronto para o desafio.

Como previsto, no primeiro dia Ríos venceu o Jaime e Fininho ganhou de Sergio Cortes. E aí veio a surpresa. Fui escalado, junto com o Jaime, para enfrentar a parceria de Ríos com Pedro Rebolledo. Caramba, ia ser a estreia na estreia, pois eu também nunca tinha jogado antes uma partida que podia ser decidida em cinco sets. Só de entrar em quadra já foi assustador. Imponente, enorme, grandioso, o Estádio Nacional, em Santiago, estava lotado, com uns 12 mil chilenos entoando os nomes dos seus ídolos e uns cinco brasileiros espremidos na plateia.

A torcida na Davis é diferente da de qualquer outro torneio, especialmente em jogos na América do Sul. O pessoal se comporta como num estádio de futebol, vibra, xinga, provoca; vale tudo para incentivar os ídolos e perturbar os adversários. Não me lembro de ter entrado tão nervoso numa quadra.

O jogo começou tenso, com a adrenalina lá em cima. Ríos estava num dia inspirado: fazia cara de arrogante e distribuía olhar torto para intimidar, deixando claro que ele era o maestro. A gente ia sacar e o público berrava para desconcentrar. Mais experiente, Jaime foi decisivo na partida, me ajudando a administrar a situação. Vencemos o primeiro set.

No segundo, controlamos mais o jogo e também ganhamos. Perdemos o terceiro set, mas vencemos o quarto com relativa facilidade, de 6-2. Derrotamos os chilenos! No placar geral, estava 2 a 1 para nós. Até ali, não me lembro de um dia mais feliz na minha carreira, nem quando ganhei com Lapentti o título na dupla do juvenil de Roland Garros. Que orgulho eu senti de, junto com um dos meus ídolos, dar uma vitória para o Brasil num jogo fundamental de um dos campeonatos mais importantes do mundo.

No dia seguinte, a profecia do Paulo se cumpriu. Ríos ganhou do Fininho e Jaime, do Cortes. Vitóóóóória!!! O Brasil acabava de derrotar o Chile por 3 a 2. Com a exagerada porém deliciosa sensação de estar fazendo parte da história, voltei para casa feliz da vida.

Em abril, veio a segunda rodada da Davis, em Santos, no litoral paulista, contra a Venezuela. Logo na chegada, outra surpresa boa. Paulo Cleto anunciou que eu estava pronto para ser titular na simples. Aquela etapa era importante pra caramba. Se o Brasil batesse a equipe venezuelana, faltaria só mais um adversário para ter a chance de disputar o ingresso no grupo mundial. O favoritismo dessa vez era nosso. Tínhamos superado os chilenos e agora jogaríamos em casa, com a torcida a favor.

Na primeira partida da simples, enfrentei Nicolas Pereira, uma das estrelas da minha geração no juvenil, que já tinha ganhado de mim no passado. Entrei em quadra superconfiante.

Venci um set, perdi o segundo e passei por cima nos dois últimos. Mais uma vitória! No Chile já tinha sido inesquecível ganhar na Davis com cinco brasileiros na torcida. Mas vencer em Santos com 5 mil pessoas gritando meu nome foi alucinante.

Na segunda partida, Fininho ganhou tranquilo de Jimy Szymanski. Dois a zero para nós. Na dupla, os venezuelanos venceram. No dia seguinte, porém, Fininho liquidou a fatura, superando Nicolas Pereira e classificando o Brasil para a próxima rodada. Ainda joguei contra Szymanski para cumprir tabela e manter minha invencibilidade na Davis.

Rapaz, que felicidade! Eu tinha provado que era capaz de encarar uma responsabilidade daquele tamanho, que estava à altura do desafio. Dei alegria para uma plateia que começou sem saber como eu me sairia, foi me apoiando aos poucos e terminou quase me carregando no colo.

A etapa seguinte da Davis só ocorreria em setembro. Eu tinha quase seis meses para mergulhar no circuito, tentar me destacar nos challengers e, quem sabe, beliscar uns torneios da ATP. Iniciei, assim, uma grande temporada de malabarismos. No final de abril, entre os dias 22 e 28, joguei, ao mesmo tempo, o challenger e também o quali do ATP de Praga, na República Tcheca. Contando simples e dupla, apenas nos primeiros três dias foram oito partidas. No challenger, enfileirei quatro e cheguei à final.

Tinham me falado que Praga, com seu castelo no alto da montanha e suas pontes decoradas com estátuas, era uma das cidades mais bonitas do mundo, que eu não deixasse de conhecer a praça do relógio e coisa e tal. Não tive chance. No afã de jogar e na correria de uma partida atrás da outra, só vi quadra, bolinha e macarrão. Turismo, nem pensar. A rotina era tão estafante que, depois dos jogos, só queria cama para desempenhar bem no dia seguinte.

No quali do torneio principal, venci as três que precisava e aí, pela primeira vez, me classifiquei para um torneio da ATP. Que sensação sensacional, que delícia saborear o gostinho de pertencer ao mundo iluminado dos melhores.

Meu jogo de estreia num ATP foi contra o russo Andrei Chesnokov, um legítimo carne de pescoço. E eu ganhei! Me senti realizado. Era uma alegria tão grande que nem importou muito quando perdi na sequência para o espanhol Javier Sanchez, num jogo disputado, o cara tendo que usar toda a experiência para segurar meu volume de jogo, ganhando no detalhe do detalhe. Rapaz, eu, o guri de Florianópolis, tinha disputado um torneio do circuito da ATP, superado um russo experiente e vivenciado situações e sensações que nem pensava serem possíveis na realidade! Parecia que tudo o que tinha sonhado estava acontecendo naquele ano.

Os céus se mostravam mesmo dispostos a sorrir para mim. Um ano e meio antes, em outubro de 1995, durante o challenger de Siracusa, na Itália, o dirigente de um clube de Essen me convidara para fazer parte da equipe deles e disputar o torneio interclubes alemão de 1996. Fazia uns cinco anos que eu, com avós germânicos de tudo quanto é lado, tinha requisitado passaporte alemão. Respondi que topava, desde que já tivesse conseguido o passaporte. E finalmente ele saiu a tempo de eu disputar o interclubes, que começaria em julho, depois do torneio de Stuttgart.

A proposta era irrecusável. Começava com 50 mil dólares apenas para jogar. Em toda partida vitoriosa, a soma subia, numa meritocracia pura. A cada vitória na simples, mais 2.500 dólares. Na dupla, outros 1.000. Diante do que estava acostumado, era uma fortuna majestosa, um dinheiro que eu nunca tinha visto, a maior cenoura que já tinham colocado na minha frente.

Enquanto o interclubes não começava, eu continuava investindo em me preparar para Roland Garros e tentar terminar o ano entre os cem melhores do mundo. Até o final de 1996, essa temporada na Europa representaria uma das experiências mais estupendas, sortidas e ricas da minha vida. Conheci por dentro como funcionavam coisas que só tinha ouvido falar ou imaginado. Desmistifiquei idealizações, constatei realidades, reforcei impressões, alternando as bordas de um mundo dourado com a estrutura meio mambembe que conhecia desde sempre. Na maior parte do tempo, não vi um lampejo do requinte que transparecia nos torneios que passavam na TV, nem mesmo as imagens panorâmicas que mostravam a beleza das cidades que os sediavam.

Imaginava que Bratislava, na Eslováquia, entre a Áustria e a Hungria, sediava um torneio charmoso. Pode até ser, mas para mim não foi. A final e a semi do challenger eram jogadas numa quadra central bonita, mas o restante das partidas se desenrolava numas quadrinhas laterais, sem juiz, com três bolas, uma toalha e dez caras assistindo. O que eu queria era jogar tênis, sem importar o lugar. Se fosse bom, melhor; se não fosse, ia para a frente do mesmo jeito. Mas aquilo era ruim demais. Parecia que eu tinha voltado no tempo, aos torneios de clube da época de garoto. Nessas horas a vontade precisa ser ainda maior. Assim superei quatro adversários e acabei com a taça de vice em Bratislava. E no dia seguinte já estava em Dresden, na Alemanha, para disputar outro challenger.

Eu não sentia falta de lazer, só de descanso. Às vezes até dava vontade de conhecer uns cartões-postais, mas sentia que ia me desviar do objetivo. Agarrava toda oportunidade de, correndo por fora, comendo pelas beiradas, abocanhar uns nacos dos torneios da ATP. Queria ter o máximo possível de pontos para chegar cheio de moral ao meu mundo mágico.

No dia 22 de maio, como cabeça de chave, estreei no quali de Roland Garros contra o americano Jim Grabb. Mais conhecido pelo sucesso na dupla do que na simples, Grabb tinha um estilo que não me deixava à vontade, com subidas constantes à rede. Joguei a partida inteira no maior nervosismo, com a pulsação lá em cima, buscando um modo de anular as investidas do americano. Eu precisava ganhar aquele jogo de qualquer jeito. Ao cabo de quase três horas, derrotei Grabb na negra e na garra.

Depois dessa partida emperrada, me soltei e voei baixo. Na segunda rodada, passei fácil por um búlgaro e, na sequência, tive sorte. O terceiro adversário era o canadense Daniel Nestor, outro cara chato de jogar. Mas, no dia anterior, ele passara umas cinco horas disputando uma partida interminável contra um francês. Na hora de jogar comigo, o cara ainda estava moído. Comecei com tudo, para acabar de quebrar o homem, e depois fui controlando o jogo, com a adrenalina a mil conforme avançava e via a linha de chegada se aproximar. Fiz 2

a 0 e as portas do céu pareciam ter se aberto para mim. Eu estava classificado. Menos de um mês depois de beliscar meu primeiro torneio da ATP, finalmente ia disputar um Grand Slam!

Quatro anos antes, eu estava deslumbrado nas alamedas de Roland Garros, zanzando com Bernardo Lopes para descobrir onde ficavam as quadras, fascinado por ver de perto os iluminados que jogavam ali, e agora eu era um deles! Na vida de todo jogador que quer se estabelecer como profissional, existem quatro marcos emblemáticos, com os quais a pessoa fantasia desde criancinha. A pedra fundamental é o primeiro ponto no ranking da ATP. O segundo marco é ser convocado para a Copa Davis. O terceiro, não necessariamente nessa ordem, é jogar um Grand Slam. Dos quatro, eu tinha acabado de completar 75 por cento do sonho. Para o pacote completo, faltava chegar entre os cem melhores do mundo.

Feliz da vida, fui procurar na chave quem seria meu adversário. De saída, uma bucha. Peguei um cabeça de chave, o sul-africano Wayne Ferreira, então 11º do mundo, jogador versátil, cheio de recursos. Às onze da manhã, entrei meio tenso na quadra 10, uma das mais nobres do setor periférico, com bastante gente na plateia para assistir à partida do estreante contra o cara que já fazia aquilo com um pé nas costas.

Na primeira oportunidade, aproveitando que eu estava visivelmente nervoso, Ferreira quebrou meu saque. Só lá pela metade do set foi que consegui relaxar. Comecei então a incomodá-lo. Acabei perdendo o primeiro set, mas já me sentindo no jogo.

No segundo, me soltei ainda mais. Ferreira quebrou meu saque de novo, mas dei o troco e fui ganhando confiança. Mas, quando estava em 5-5, deu a lógica: mais experiente, ele quebrou meu saque num momento crítico do jogo e fechou o set. Dois a zero para ele.

No terceiro, fui me sentindo cada vez mais à vontade. Acertei umas bolas lindas, fiz uns pontos incríveis. Mas não tinha jeito. Por mais que eu jogasse num nível raro para mim, elevado para o meu padrão, Wayne Ferreira era muito melhor. Levou o último set no tie-break e me eliminou na primeira rodada.

Mesmo perdendo, fiquei feliz como um campeão. Até paguei o jantar de calouro em Roland Garros para o Fininho e mais uma meia dúzia. No cômputo geral, aquele resultado tinha sido magnífico. Se passei pelo quali de um Grand Slam uma vez, agora tinha que acontecer sempre. Eu era o 131º do mundo e tinha incomodado um típico jogador top-ten, indo além do que imaginava ser possível naquelas circunstâncias. No ano anterior, eu nem aparecia no retrovisor dos melhores, mas agora já dava para ver uma ponta do meu carro saindo da curva e entrando na mesma reta que eles.

Larri tinha a mesma sensação que eu, mais forte ainda. Logo depois da partida contra Wayne Ferreira, meu técnico me abraçou como se eu tivesse levado o caneco, comemorando meu desempenho como um alucinado e já traçando o próximo passo.

– Cavalo, tu matou a pau. Tá pronto pra ir pro estouro. Vamos aproveitar a confiança para fazer um monte de pontos no circuito e depois voltar para casa de cabeça erguida por ter cumprido todos os desafios – disse ele, referindo-se à entrada na lista dos cem melhores do mundo e ao interclubes alemão.

Apesar de estar sempre próximo, Larri ainda não era meu treinador exclusivo, como também não seria no ano seguinte. Ele passava metade do ano indo e vindo numa espécie de ponte aérea entre a Europa, onde eu estava, e o Brasil, onde cuidava de outros jogadores. Mas a impressão que eu tinha era a de que, mesmo quando estava distante, ele não se desligava de mim. Ficava o tempo todo elaborando planos, traçando metas e maquinando o meu progresso. No mesmo dia em que perdi para Wayne Ferreira, ele tirou mais uma do boné:

– Também vai trocar de raquete. Do jeito que tu está jogando, essa já chegou no limite.

Desde 1993, quando recebi meia dúzia de presente, eu vinha jogando com a Prestige, da Head. Sempre achei excelente, uma raquete com uma cabeça meio pequena que permite ótimo controle da bola. Mas Larri achou que meu jogo tinha uma pegada que a Prestige não favorecia. Eu precisava de mais velocidade, de uma raquete que desse uma estilingada maior no saque e também possibilitasse explorar os efeitos com mais desenvoltura e eficácia. Podia ser que eu perdesse um pouco de controle de início, mas, com a prática, ia ganhar em dobro. Larri então me apresentou a Pro Tour, também da Head, a mesma com que Muster jogava.

Depois de Roland Garros, me adaptando à nova raquete, joguei alguns torneios antes do interclubes alemão. No challenger de Kosice, na Eslováquia, cheguei à semi. Em julho, passei pelo quali e disputei o torneio de Stuttgart. Na primeira rodada, ganhei de um alemão. Na segunda, joguei pela primeira vez contra uma das feras do circuito, um russo que era então o número 4 do mundo: Yevgeny Kafelnikov. No primeiro set levei um sabão, 6-1. No segundo foi menos feio, mas perdi também, por 6-4. Como prêmio de consolação, fiz com ele meu último treino em Stuttgart antes de honrar o compromisso assumido em Siracusa e seguir para o interclubes.

Acervo pessoal

Equipe brasileira da Davis em 1996, da esquerda para a direita: Luiz Mattar, Paulo Cleto, Fernando Roese, Jaime Oncins, Osvaldo Maraucci, Guga, Fernando Meligeni e a fisioterapeuta Silviane Vezzani.

A TOMADA DE CONSTANTINOPLA

Não fazia ideia que até treino em interclubes na Alemanha era um evento com no mínimo 3 mil pessoas assistindo. Nos clubes da minha infância, nem família ia. Quis brilhar na estreia para mostrar ao pessoal de Essen que eles tinham feito uma boa contratação. Mas fui cair logo com o alemão Karsten Braasch, uma figuraça que fumava e tomava cerveja cinco minutos antes de entrar em quadra e, quando a partida começava, tinha a técnica mais estranha do mundo. Era um negócio tão bisonho que fica difícil de explicar. Na prática, a tática dele era fazer o adversário jogar mal. Funcionava, pois Braasch chegou a 38º do ranking com esse estilo estapafúrdio.

Cheguei a acreditar que não ia ter muito problema, ainda mais porque, em vez de aquecer, ele ficou fumando. Mas não consegui me desembaraçar das armadilhas dele. Perdi o jogo. Saí da quadra envergonhado, imaginando que os torcedores deviam estar amaldiçoando o cara que tinha tido a ideia de contratar o manezinho da ilha. Por sorte, tinha uma partida de dupla na sequência contra o mesmo Karsten Braasch e essa eu venci. Menos mau; equilibrei a decepção inicial.

No final das contas, venci mais de quinze partidas das cerca de vinte que disputei no interclubes. Honrei com louvor a camisa da equipe de Essen, os organizadores me cumprimentaram, os torcedores aplaudiram, ganhei um monte de fãs na Alemanha. O esforço valeu em todos os sentidos. Ainda embolsei algo como 70 mil dólares. Coloquei parte na poupança e, com 50 mil, comprei o primeiro imóvel da minha vida, um apartamento de dois quartos, todo mobiliado, que ficava no mesmo prédio e no mesmo andar do da avó, em frente à porta dela, em Balneário Camboriú.

Com a primeira etapa finalizada, restava acelerar para cumprir a última meta de 1996: terminar o ano entre os cem melhores do ranking. No começo de agosto, no torneio de San Marino, perdi nas oitavas para o espanhol Albert Costa. Foi nessa altura do campeonato que veio a dúvida. O US Open estava se aproximando e a perspectiva de jogar outro Grand Slam fazia disparar meu nível de adrenalina. E aí, Larri, o que a gente faz, para qual lado vai? Larri achou melhor não arriscar.

Para cumprir nosso objetivo, pela visão dele, seria mais prudente continuar na Europa, espremendo até onde desse para conseguir pontos e subir no ranking. Inclusive porque era provável que muito tenista bom fosse para o US Open, deixando, pela lógica, os torneios

europeus um pouco menos difíceis. Por mim, eu viajaria para Nova York, mas não era doido de contestar meu treinador. Desde os meus 13 anos, Larri tinha acertado tudo. Mais uma vez, fui atrás dos seus passos.

Embalado, segui para a competição seguinte, na Áustria. O challenger de Graz era um torneio grande, daqueles de cinema, com a quadra central construída no teto de um shopping center. Ao contrário do esperado, estava concorrido, cheio de cara bom. Era um palco perfeito para minhas ambições.

Supermotivado, desempenhei bem nas primeiras rodadas. Nas quartas, encarei o espanhol Carlos Moyà, então 21º do mundo. Ganhei o primeiro set. No segundo, Moyà passou a jogar muito. Além disso, fiquei nervoso com o que poderia acontecer, me atrapalhei com meu próprio sucesso. Deu aquela bobeira clássica, travei, perdi de zero, ele empatou e vi meu sonho descendo pelo ralo.

Começou o terceiro set e virei um bicho, fui para o tudo ou nada. Acertava umas bolas impossíveis, mas Moyà não amolecia e vinha atrás querendo estragar minha festa. No tie-break, mandei três bolas na linha, ele olhando para o treinador como quem busca salvação divina. Por fim, dei um saque vencedor e liquidei a fatura. Venci o espanhol por 2 a 1.

Para Moyà, tinha sido só mais uma partida. Para mim, era o jogo da minha vida. Numa prova de que a estratégia de Larri tinha sido acertada, minhas vitórias na Europa renderam uma montoeira de pontos. Naquele tempo, havia bônus para o jogador que ganhasse de adversários situados acima dele no ranking. E foi com aquele êxito sobre Moyà que a coisa aconteceu e carimbei o passaporte para a realização de um dos meus maiores desejos.

Assim que a ATP soltou o seu ranking atualizado, no dia 26 de agosto de 1996, eu finalmente estava entre os cem melhores do mundo. Tinha pulado da 107ª colocação para o 93º lugar. Depois do primeiro pontinho, da convocação para a Davis e de Roland Garros, agora tinha chegado à relação dos cem principais tenistas da ATP. Com a quadra de ases completa na mão, eu tinha virado o jogador que sempre quis ser. Eu e Larri ficamos numa euforia tão grande que parecia que eu tinha rompido a barreira do som, dobrado o Cabo da Boa Esperança, pisado em Marte e conquistado Constantinopla, tudo junto e mais um pouco.

A gente devia ter comemorado com festa e champanhe, ou pelo menos um jantar num bom restaurante, mas não deu. Precisávamos correr para jogar um challenger na Alemanha e, na sequência, outro em Prostejov, na República Tcheca, no qual cheguei às quartas. E aí, dando fim a uma temporada europeia com adversários encardidos, prêmios de sonho e vivências inusitadas, arriei de cansaço. Tinha passado cinco meses jogando quase todo dia, pingando de cidade em cidade. Estava no prego. Precisava recarregar a bateria antes de jogar a rodada seguinte da Copa Davis, dali a duas semanas. Voltei a Florianópolis para descansar. Da mesma forma que mal podia conceber que era um dos cem melhores do mundo, não acreditei na hora em que deitei na minha cama. Esse era outro troféu com que eu sonhava havia meses.

No dia 20 de setembro, veio a nova rodada da Davis, contra a Áustria, no hotel Transamérica, em São Paulo. Era a nossa chance de fazer história e devolver o Brasil ao

grupo mundial. Por um lado, tínhamos a vantagem de jogar em casa e escolher o tipo de quadra. Por outro, encararíamos adversários duríssimos. O astro da equipe austríaca era Thomas Muster, então um dos três melhores tenistas do mundo.

Escolhemos o piso mais rápido possível para acuar Muster. Com isso, demos um tiro no pé. As quadras do Transamérica eram tão velozes que o único que conseguia jogar naquele chão liso como gelo era o próprio austríaco.

No primeiro jogo da simples, Fininho não teve chance contra ele. Na partida seguinte, enfrentei Markus Hipfl, o número 2 deles. De início, simplesmente eu não conseguia jogar – era a primeira vez que entrava em quadra como número 1 da nossa equipe. A bola passava do meu lado e eu nem me mexia, mal acertava uma. A quadra estava lotada para me ver jogar e essa soma de fatores me deixou atordoado. Com menos de uma hora de jogo, a catástrofe parecia iminente, com 2 a 0 para o austríaco, que já estava achando que aquela ia ser a maior barbada da vida dele.

Se esse jogo fosse em outro país, eu estava lascado. A torcida brasileira, porém, não desistia, gritava meu nome dando força, me incentivando a ir para cima. Fui me apegando a isso, não querendo decepcionar, brigando que nem louco para encontrar um jeito de ganhar. Cresci na partida, celebrando cada ponto, e ele começou a tremer. Ganhei o terceiro set no tie-break.

Começou o quarto e o jogo nervoso começou a me favorecer. O austríaco estava possesso, jogando o máximo para acabar logo com aquilo. Mas aí a torcida já tinha pegado fogo, me incendiando junto. No último ponto do quarto set, encarei Hipfl vibrando com toda a minha convicção, tentando transmitir com os olhos a certeza que me inflamava. Poucas vezes fiz um discurso tão eloquente apenas com o olhar, com tudo em mim querendo dizer uma coisa só:

– Meu amigo, não vai ter jeito. Pode fazer o que quiser que eu vou fazer melhor. Daqui tu não sai com a vitória. Este jogo é meu.

Ganhei o quarto set do mesmo jeito que o anterior, no tie-break, e igualei o placar, 2 a 2. Agora tudo dependia do derradeiro.

Entrei num estágio mental tão poderoso que, pela primeira vez, tive a sensação de ganhar o jogo antes de a partida terminar. O austríaco sacou e eu quebrei o saque dele. Na minha vez, passei por cima e fechei o game rapidinho. Aí ele sacou de novo e eu atropelei novamente. Para encurtar a história, venci o último set, 6-1, e virei o jogo. Hipfl foi para o vestiário de cabeça baixa, a torcida bradando meu nome no último volume, eu me sentindo consagrado. Com 1 a 1 no placar geral da Davis, o desempate foi para a dupla.

No dia 20 de setembro, eu e Jaime encaramos a dobradinha formada por Muster e Udo Plamberger, na primeira vez que eu ia ficar frente a frente com um número 3 do mundo. A nossa dupla estava entrosada, a torcida, empolgada com a virada do dia anterior, todo mundo com ânimo redobrado para fazer acontecer. Esses foram os ingredientes iniciais de uma das partidas mais inacreditáveis que vivenciei, com um pouco de tudo no meio e um desfecho impensável.

Nossa estratégia de jogo era simples: fazer o máximo para colocar Muster na geladeira, só mandando a bola no outro cara. Ganhamos o primeiro set no tie-break. Perdemos o segundo, ganhamos o terceiro e perdemos o quarto. Com tudo igualado em 2 a 2, o jogo ficou num pau a pau que ninguém sabia como ia terminar.

Era sábado, a plateia entupida de gente aproveitando o fim de semana para nos apoiar numa partida fundamental. O parâmetro do brasileiro sempre foi futebol. E aí, com a partida empatada, no começo do set derradeiro, a torcida se manifestou como se estivesse no Maracanã, lançando mão de todo tipo de recurso para atormentar o adversário.

Com o primeiro game a nosso favor no quinto set, os brasileiros começaram a entoar, em coro, "Muster gay, Muster gay". Não era um maluco ou outro, mas a plateia inteira, achando que valia qualquer coisa para derrotar o rival. Era desagradável e constrangedor, para os austríacos e para nós. Ficamos embaraçados, aquilo não podia estar acontecendo. A torcida tinha passado do ponto e, em vez de incentivar um, atrapalhava a todos.

Ganhamos o primeiro game e também o segundo. Com a quebra de saque, eu e Jaime estávamos com a faca e o queijo na mão, passando a mensagem irrevogável de que aquele jogo seria nosso. Mas aí, ao mesmo tempo que a torcida continuava com o coro perturbador, um gaiato usou a pele de plástico de um tamborim para, sem trégua, refletir a luz do sol nos olhos do Muster, da mesma maneira que fazem hoje com canetinhas de laser nos estádios de futebol. Pô, o austríaco não tinha condições de enxergar nada.

Muster se enfureceu. Por amor à arte, ele vinha aguentando as provocações, fazendo seu papel e tentando ganhar para calar a boca da torcida. Mas como ia conseguir isso com um reflexo atrapalhando a visão? Aquela deslealdade luminosa foi demais para o número 3 do mundo. Num gesto extremo que nunca vi antes nem depois, Muster simplesmente pegou as raquetes, botou na bolsa e abandonou a quadra. Vencemos por W.O. Não foi do jeito que pretendíamos, mas ganhamos da Áustria na dupla e, depois, eles desistiram dos dois confrontos que ainda restavam. Com isso, o Brasil voltou ao grupo mundial. Magnífico.

Com a missão cumprida na Davis e sem mais torneio importante na Europa ou nos Estados Unidos, restava descobrir o que fazer nos últimos três meses do ano. Larri sacou do colete mais uma decisão surpreendente:

– Agora tu precisa ampliar os horizontes para continuar subindo. Vamos fazer a mesma coisa de outro jeito: jogar com cara excelente, levar porrada e ganhar experiência, mas agora do outro lado do mundo.

Guga em momento de descontração com Roberto Jábali, Fernando Meligeni e Jaime Oncins (equipe da Davis) em São Paulo, em 1996.

Por essa eu não esperava mesmo. Era uma guinada e tanto. Mas não havia razão para contestar aquilo. Ele não falhava nunca. Tudo o que o Larri dizia só me levava para a frente.

Em outubro de 1996, me descambei para Tel Aviv, Singapura e Pequim, onde só tinha torneio grande, todos em quadra rápida. Perdi em tudo quanto era canto, mas treinei como desesperado e ganhei mais experiência num piso em que ainda não me sentia confortável. Depois de muito tempo, me dei ao luxo de fazer um pouco de turismo, como um viajante normal. Na China, conheci a Grande Muralha e a Cidade Proibida.

Hoje, leio as notícias, vejo fotos e não dá para acreditar que é a mesma cidade que visitei. Em 1996, ninguém falava inglês, nas ruas só se viam bicicletas velhas e carros despencando, o banheiro era um buraco no chão. Para treinar, só uma única quadra poliesportiva. Tinha que sacar nos cantos. Se jogasse a bola para o alto no meio da quadra, ela batia na tabela do basquete. Tirando as quadras do torneio, que eram requintadas, o atraso imperava. Ali, cheguei às quartas. Ganhei de um sueco, depois de um americano e então perdi para o britânico Greg Rusedski, que detinha recordes de saques mais rápidos do circuito.

Desgastado pela maratona de jogos e exausto pela excursão ao outro lado do mundo, meu

rendimento baixou. No penúltimo torneio do ano, em Santiago, no Chile, perdi na estreia para o espanhol Alberto Berasategui. Levei uma escovada, não tive chance. Bastou essa derrota para me jogar de novo na velha montanha-russa emocional. Mais uma vez, tive que enfrentar minhas velhas assombrações. Caramba, por mais que remasse, sempre encalhava. Por mais que melhorasse, nunca era suficiente, os outros iam mais para a frente do que eu. Me senti girando em falso.

Nesse torneio no Chile, eu também disputava dupla em parceria com Fernando Meligeni. Logo depois da partida contra Berasategui, Fininho viu que eu estava mal e veio conversar para saber o que estava acontecendo. Expliquei:

– Pô, cara, quando penso que vou disparar, alguém sempre me atropela. Não sou tão bom quanto esses caras. Acho que cheguei ao meu limite, daqui não vou passar.

– Deixa de ser tonto, Guga. Para de falar besteira e vamos lá jogar a nossa dupla e ver se a gente ganha este torneio – Fininho me estimulou.

Abençoado incentivo. Eu e Fininho fomos campeões em Santiago, uma conquista providencial para espantar logo os fantasmas. E ainda repetimos a dose no último compromisso do ano, o challenger de Campinas, no interior de São Paulo, vencendo a dobradinha Pablo Albano-Nicolás Lapentti. Isto é que era sensacional na dupla: nas muitas vezes em que me vi desanimado na simples, ela vinha me resgatar, me tirando do fundo do poço e injetando ânimo. Essa alternância de estados de espírito não deixa de ser normal em toda profissão. De alguma forma, mais cedo ou mais tarde, sempre existe um questionamento na carreira. A questão é que no tênis, por sua natureza, essa oscilação pode acontecer com uma rapidez muito grande, fazendo a pessoa ir do céu ao inferno, e vice-versa, em dias ou horas – ou em segundos, dependendo do que acontecer no jogo.

No challenger de Campinas, a roda da fortuna apontava mesmo para o céu. Assim como na dupla, também fui campeão na simples e conquistei meu primeiro troféu no Brasil. Na final, venci por 2 a 0 o espanhol Galo Blanco, para quem só tinha perdido antes como profissional. Não dava para terminar o ano de um jeito melhor, ganhando em casa torneio bacana e acumulando um monte de pontos. Em questão de dias, o pessimismo sumiu e voltei a ficar confiante.

Sete meses antes, logo depois de Roland Garros, Larri tinha falado que, se pisasse no acelerador, eu podia chegar ao Natal como um dos cem primeiros do mundo. Em agosto, eu estava na 97ª colocação. Mas, quando o último ranking do ano foi divulgado, no fim de dezembro de 1996, fui às nuvens. Eu já tinha feito as contas, mas era maravilhosa a sensação de ver meu nome naquela posição na lista. No meu segundo ano como profissional, terminava a temporada entre os 88 melhores tenistas do mundo.

Além de fazer bem para o ego, isso mudava a perspectiva das coisas. As primeiras grandes metas estavam alcançadas. Cheguei aonde qualquer tenista profissional precisava para se posicionar no circuito. O negócio agora era lutar para terminar o ano seguinte entre os cinquenta melhores do mundo. O objetivo era audacioso, mas não impossível. Por um lado,

ficava difícil continuar subindo rápido porque, em oito de cada dez jogos, só ia encarar adversário situado acima de mim no ranking. Por outro, disputaria mais torneios grandes, que rendiam maior pontuação ao vencedor. Além disso, havia o sonho dourado dos Grand Slams, o Santo Graal dos tenistas, com pontuação na casa dos milhares para o campeão. Sabia que aquilo ainda era inalcançável para mim, mas o chamariz estava lá.

Para 1997, eu e Larri montamos um calendário visando disputar a maioria dos grandes torneios: o Aberto da Austrália, Indian Wells e Miami. Em maio, Roland Garros. Punha a maior fé em que, dessa vez, chegaria pelo menos à terceira rodada. Se isso acontecesse, eu já me consideraria o mais afortunado dos tenistas.

UM MARCO EM MINHA VIDA

Treze dias antes, na revista diária que circula em Roland Garros, eu era uma nota de rodapé. Quando ganhei de Thomas Muster, na terceira rodada, fui agraciado com uma foto minúscula no canto da página. Agora estava na parte interna da capa de página dupla, meu rosto frente a frente com o do espanhol Sergi Bruguera, com quem ia jogar a final. Duas semanas atrás, eu que me virasse para chegar até as quadras. Mas agora tinha tratamento de estrela de cinema. Um carro foi me buscar no antigo hotel Montblanc, perto da estação Porte de Versailles. O motorista deve ter rodado bastante até encontrar a portinha espremida entre os toldos de uma mercearia e um bistrô. Acomodado no banco de trás, morrendo de vergonha, eu fingia conversar alguma coisa muito importante com Larri enquanto um cara nos filmava do banco do passageiro.

Chegamos ao complexo de Roland Garros, passamos pelo portão principal, o carro nos deixou diante da entrada dos tenistas, só faltou estenderem o tapete vermelho. Um cinegrafista estava posicionado para nos acompanhar pelos corredores até o vestiário, eu e Larri andando lado a lado, a câmera registrando os dois brasileiros destemidos indo enfrentar seu destino. Eu não sabia onde enfiar as mãos, se andava rápido ou devagar, ficava quieto ou fingia fazer comentário inteligente. Tudo bem, hoje é registro histórico, mas, ali na hora, só levando na brincadeira para que não fosse constrangedor.

O vestiário, abarrotado de gente no início da competição, tinha se esvaziado de vez. Agora mal havia meia dúzia de gatos pingados ali: o chefe dos fisioterapeutas da ATP, dois massagistas, eu, Larri, Bruguera e o treinador dele. O que antes dava a impressão de ser meio apertado parecia gigantesco, uma catedral esportiva ressonante. Os passos ecoavam. A sensação de estar naquele ambiente era sensacional. O lugar que antes comportava centenas de pessoas agora era só meu e de Bruguera.

Essa constatação, de alguma forma, me deixou mais enraizado no meu propósito. Além da final, eu não tinha outra preocupação em mente, não precisava ficar ansioso imaginando o que viria depois, quem seria o próximo oponente em Roland Garros. Depois do espanhol, não tinha mais nada. Era o último capítulo do livro e só cabia a mim escrever um belo final para a história.

Eu e Larri tínhamos feito a lição de casa e estudado o adversário. O caminho de Bruguera até ali não havia sido tão árduo quanto o meu. Ele caíra numa chave menos pedregosa, sem

precisar enfrentar os principais favoritos. Essas circunstâncias, porém, não tiravam os méritos de Bruguera. Pelo contrário, o espanhol tinha recursos de sobra para ganhar de quem atravessasse seu caminho. Para começar, era um mestre do efeito. Errava pouco, se defendia bem, devolvia bolas profundas que obrigavam o oponente a sair da zona de conforto. Paciente, conservador, experiente, administrava os pontos, controlando a partida, forçando o erro do outro. Seu plano de voo, em síntese, era asfixiar o adversário com a consistência do seu jogo.

Nas preliminares das seis partidas anteriores em Roland Garros, eu estava sempre apreensivo, preocupado, nervoso ou aflito, às vezes tudo junto. Mas agora me via em meio a uma serenidade absurda. Estava tão seguro de que faria o necessário para ser campeão que a sensação de tranquilidade chegava a ser inverossímil. Não fazia ideia de onde vinha tanta convicção. Larri estava na mesma sintonia, os dois parecendo inabaláveis. Depois de superaquecermos em quadra por mais de uma hora, voltamos ao vestiário, eu pingando de suor, ele falando pouco. Na hora em que soou o gongo, Larri não deu os costumeiros brados de incentivo. Sem uma palavra, apertou minha mão, o olhar transbordante de certeza transmitindo uma mensagem explícita:

"Vai lá, Cavalo, ser campeão."

"Deixa comigo", respondi com outro olhar, também em silêncio, retribuindo com mais força o aperto de mão.

Dessa vez, a quadra central já estava lotada. Sob muitos gritos de "Allez, Gugá!", deixei minhas coisas no banco. Dali, já dava para sentir o orgulho da mãe por ter um filho na final de Roland Garros. Mais compenetrado do que nunca, Larri tinha se ajeitado ao lado do Rafa. Meu irmão, como ocorria desde a vitória contra Muster, tinha se transformado num monumento ao otimismo, com cada célula confiando que eu ia brilhar. Pela primeira vez desde que o torneio tinha começado, eu acreditava nisso tanto quanto ele. O surfista do saibro estava pronto para pegar a maior onda da sua vida.

Seguindo o roteiro de sempre, comecei com potência máxima, soltando o braço desde a primeira bola. Bruguera investia na sua especialidade, administrando as jogadas, buscando meu erro. Mas, inspirado, eu mal falhava, acertando uma atrás da outra. Ele caprichava no efeito, eu devolvia uma bomba na linha. O espanhol tentava me empurrar para o fundo da quadra, eu dava o passo certo para trás e martelava ainda mais forte. Sem dar chance a ele, fechei o primeiro set em 6-3. Um a zero para mim.

Mais de dez anos depois dessa minha vitória parcial, Bruguera, a meu convite, veio ao Brasil para participar da Semana Guga Kuerten, evento de tênis que organizo todo ano em Santa Catarina. Jogamos juntos, foi ótimo. Aproveitamos para conversar sobre nosso confronto na final de Roland Garros.

– Pô, cara, quando entrei na quadra contigo, tinha certeza de que ia ganhar – eu disse.

– Pois eu estava seguro de que quem ia ganhar era eu – respondeu Bruguera.

– Na hora em que fiz 1 a 0, a certeza ficou absoluta, indestrutível.

– Pois foi exatamente aí que tive mais certeza ainda de que o jogo seria meu – afirmou o

espanhol.

Foi então que Bruguera contou uma coisa que, ainda bem, nunca tinha passado pela minha cabeça. Em quase todos os jogos que o levaram à final, o espanhol começou perdendo de 1 set a 0. Isso aconteceu, por exemplo, nos três jogos antes de me enfrentar. Nessas partidas, acabou virando o placar e vencendo por 3 a 1. Ou seja, para ele, perder o primeiro set era um bom presságio. Sempre que isso aconteceu, ele saiu vitorioso da quadra. Foi ótimo não desconfiar disso na hora, senão podia me deixar impressionar.

Como na maioria das partidas anteriores, o segundo set ficou mais equilibrado, com a experiência dele represando um pouco o meu furor. Vendo que a estratégia habitual não estava funcionando, Bruguera deixou de lado seu estilo conservador e partiu para o tudo ou nada. Começou a arriscar, colocando mais força e velocidade nas bolas, constantemente buscando a linha. Indo para o ataque, cresceu no jogo. Empatamos então em 3-3, depois em 4-4.

No game seguinte, veio a encruzilhada. Ele teve duas oportunidades de quebrar meu saque. Era a chance de ouro de que o espanhol precisava para virar a partida. Mas eu continuava seguro, enxergando o jogo com clareza. Bruguera tinha saído da sua zona de conforto, tentando coisas a que não estava habituado. Pela lógica, seria uma questão de tempo até ele errar uma. Eu só precisava continuar concentrado, fazer minha parte e esperar. E aí, bingo. Arriscando-se no limite, Bruguera desperdiçou um ponto crucial. Foi o suficiente para mim. "Ninguém mandou perder essa chance, agora é comigo", pensei. Ganhei o game, 5-4 para mim.

O curioso é que, durante o jogo, minha convicção da vitória era tanta que nem dei importância àquela encruzilhada. Mais tarde, revendo a partida, percebi que aquele tinha sido um momento decisivo para Bruguera e o destino da partida. Se ele quebrasse meu saque e ficasse em vantagem no placar, o confronto ficaria em aberto. Foi, talvez, o único momento em que ele poderia se agarrar para tentar uma reação. Mas, com uma oportunidade daquele tamanho perdida, ele se abalou e eu fiquei mais forte. Ganhei também o segundo set, fechando em 6-4.

Nesse momento, do outro lado da rede, havia um cara com expressão de imensa frustração por ter tentado de tudo e pelo dissabor de ver todas as suas armadilhas desarmadas. Eu continuava com aquela segurança absurda, uma tranquilidade inexplicável. Na minha cabeça, observando aquele cenário, a vitória já estava encaminhada.

O terceiro set começou deixando tudo evidente. Eu acertava até pensamento. De repente, encaixei uma devolução tão imprevista e matadora que Bruguera abriu os braços do mesmo jeito que Björkman e Muster fizeram antes nos jogos e Corretja num treino, naquela expressão inconformada de "Mas, pô, cara, qual é a tua? Não vai errar nada?!".

Depois daquela reação, eu sabia, e Bruguera também, que nem uma avalanche do Himalaia seria capaz de deter minha escalada. Eu estava com a corda toda. Continuei iluminado no quinto game do terceiro set, deixando Bruguera cada vez mais apreensivo. Quando fiz 4-2, a convicção que me acompanhava desde o início se transformou em felicidade e empolgação. Nesse momento, só veio uma coisa à cabeça: "Vou ser campeão, é de verdade. Vai acontecer,

está acontecendo."

E, já que eu ia ser campeão, quis desempenhar como campeão. À vontade, relaxado, inspirado, solto, afiado, passei a exibir meu melhor tênis, com tudo funcionando melhor do que o planejado. Me inspirei ainda mais e, durante vinte minutos, o espetáculo, que já era lindo, ficou magnífico.

Com o olhar, procurei meu pessoal, sobretudo a mãe, o Rafa, o Larri. Encontrei-os exultantes e maravilhados, mas também perplexos. Se eles estavam assim, imagina minha avó. No restante da plateia, as pessoas aplaudiam, a maioria com expressão espantada, abismadas com o que estava acontecendo. Nesse momento, sem que eu tivesse como saber, o locutor da extinta TV Manchete, que transmitia o jogo, afirmava aos telespectadores brasileiros que "Guga está assombrando a todos ao massacrar um bicampeão".

Por dentro, eu tinha virado um monobloco de alegria, contentamento, satisfação e realização. Mas, por fora, fingia estar impassível, tentando manter o semblante o mais sereno e profissional possível. Não queria cometer a deselegância de demonstrar a Bruguera que para mim a partida já tinha acabado antes de terminar. Meu único desejo era jogar, aproveitar toda a beleza daquele momento e ser feliz.

A segunda grande onda de euforia veio quando fiz 5-2, colocando três games de vantagem, faltando só mais um para ser campeão. Tudo o que eu precisava fazer era me controlar e esperar o momento certo de liquidar a fatura. Tinha a sensação de que ia sair voando quando finalizasse a partida.

Mas quando isso aconteceu, já no game seguinte, a explosão não veio. Ao fazer o último ponto, encerrar o duelo e me tornar campeão, a primeira sensação foi de alívio. Num gesto de meio segundo, soltei o tronco e me abandonei, a cabeça batendo nos joelhos, pensando comigo mesmo: "Eu consegui!" É impressionante como tanta coisa pode acontecer em tão pouco tempo. Naquele instante, além do alívio de concretizar a façanha, me senti em comunhão com meu pai, dando um abraço nele e também agradecendo a Deus por aquela conquista inacreditável. Depois, me aprumei e, com um sorriso contido, levantei os braços em triunfo em direção aos meus familiares. Somado, tudo isso durou pouco mais de um segundo. Em seguida, andei até a rede, cumprimentei Bruguera e saímos abraçados da quadra.

Caminhei até o banco e, sem sentar, tomei um gole d'água, olhando 15 mil pessoas me aplaudirem de pé. Em segundos, um homem com um microfone encostou do meu lado para a entrevista de praxe depois do jogo. Fez três perguntas. Em duas, tudo que consegui dizer é que eu ainda não acreditava. Na terceira, agradeci a quem tinha me acompanhado desde o primeiro jogo, a meu irmão e, sobretudo, a meu treinador, dedicando o título a eles.

Sentei um pouco no banco, abaixei a cabeça, mordi a toalha. Então eu tinha completado a escalada da montanha. No dia 8 de junho de 1997, depois de superar os três últimos vencedores do torneio e ganhar a final por 3 sets a 0 em uma hora e cinquenta minutos de jogo, eu era o novo campeão de Roland Garros. Tinha vontade de extravasar a alegria, mas a sensação maior era de gratidão ao universo pela oportunidade de ter vivido aquilo.

Estava ali rezando em transe quando me chamaram para receber o troféu. Ajeitei o boné azul que eu tinha acabado de colocar, com a aba virada para trás. No alto de um pequeno palanque recém-montado na quadra, me esperavam o presidente da Confederação Francesa de Tênis e os ex-campeões Guillermo Vilas e Björn Borg. Antes de subir a escada do pódio acarpetado, bati as solas dos tênis na borda do primeiro degrau para tirar o saibro. Era uma herança da oma ao vivo e em cores para o mundo, a repetição de um hábito antigo, do tempo em que minha avó me obrigava a limpar os pés antes de entrar na casa dela.

Uma vez lá em cima, antes de qualquer outra coisa, fiz uma reverência para Borg, um dos gestos mais espontâneos e autênticos da minha carreira. Eu nunca o tinha visto pessoalmente, mas aquele era o ídolo que, emoldurado num pôster, passou anos na parede do meu quarto de infância. Seis vezes campeão de Roland Garros, o herói ali era ele, não eu.

Entre sorrisos e risadas, Borg me parabenizou, apertou minha mão e me passou o troféu. Vilas me deu um abraço. O presidente da Confederação Francesa me cumprimentou. Olhei para o troféu como quem ainda não acredita. Mas ele estava na minha mão, era meu. E então, finalmente, comemorei de verdade. Com um ar exuberante de felicidade e uma sensação arrebatadora, ergui o troféu, com força e com vontade, o mais alto que pude, e o exibi para a plateia. Depois beijei a taça com carinho, como se fosse o amor da minha vida.

Aí veio a parte mais difícil. Colocaram um microfone na minha mão. Eu sabia que teria que fazer isso na eventualidade de sair vitorioso, na noite anterior tinha até ensaiado uns dizeres. Mas há uma diferença enorme entre falar sozinho no quarto e fazer discurso com sotaque de manezinho diante de um estádio lotado. Meu inglês era suficiente para me virar no dia a dia, mas não para expressar a importância da conquista sem gaguejar. Emocionado, mais uma vez agradeci a todos que me apoiaram na minha carreira, sobretudo minha família e, principalmente, meu treinador. “Agradeço a meu pai, meu amigo, meu técnico: Larri, eu te amo”, eu disse e olhei para ele. Na arquibancada, o gaúcho bigodudo e durão estava com os olhos cheios de lágrimas.

Depois da glória, veio o mais saboroso. É uma delícia, ao fim do protocolo, encontrar as pessoas que você ama, que vieram remando junto contigo até ali. Se não fossem elas em minha vida, aquele dia nunca teria existido para mim. Abracei a mãe com força, a felicidade transbordando dos dois. Com um nos braços do outro, sem palavras, eu lhe agradecia por ser a mãe maravilhosa que sempre acreditou em mim e ela apertava o filho querido que tinha realizado um sonho impossível. A oma não parava de rir, achando tudo aquilo o máximo.

Lá fora, na rua, o samba rolava solto. Os organizadores de Roland Garros tinham organizado uma batucada com músicos brasileiros. Fomos para o carnaval, pulando, com todo mundo se abraçando. Foi uma das primeiras vezes que meu treinador abriu um champanhe para comemorar uma vitória minha. Era uma oportunidade majestosa e única de brindar com o cara que me fizera chegar até ali, sem o qual não haveria troféu nenhum de Grand Slam.

Mais tarde, Jorge Salkeld, meu empresário, comentaria que, a partir dali, muita coisa ia mudar, inclusive as cifras.

– Campeão de Grand Slam é um tenista que vale pelo menos 10 milhões de dólares.

– Tu tá de brincadeira? Nem sei o que é isso. Se entende com o Larri e o Rafa – respondi.

Fosse ou não verdade, não podia negar que eu tinha passado por uma porta desconhecida. Apenas por ter chegado à final, mesmo se não ganhasse, teria direito a um prêmio de 350 mil dólares. Até aquele dia, disputando torneios desde os 6 anos de idade, somando tudo o que havia ganhado com tênis em 14 anos de carreira, dois deles como profissional, eu mal tinha chegado a 280 mil. Com a vitória em Roland Garros, no entanto, recebi, numa tacada só, 750 mil dólares, além de 1.000 pontos, uma fortuna que, em moeda da ATP, me elevava em apenas um torneio da 66ª posição no ranking para a 15ª colocação!

Naquele dia em que tudo começou a mudar, Braguinha estava na plateia. Quando o abracei, também me senti realizado por conseguir lhe dar uma alegria que, até então, imagino, só o Ayrton tinha sido capaz. Senti um orgulho enorme por vê-lo sorrir daquele jeito. Braguinha é uma pessoa muito importante na minha vida, por todo o seu envolvimento, seu carinho e seu apoio – afetivo, emocional e mesmo financeiro – desde a primeira hora.

Desde 1993, a cada vitória, ele entregava ao Larri cerca de 200 dólares, uma grana preta para a gente na época, que garantia alimentação por uma semana. Em 1997, depois da final contra o Bruguera, tivemos uma bela surpresa. Ainda na primeira semana do torneio, Braguinha tinha convencido um de seus melhores amigos, o empresário Antônio José de Almeida Carneiro, conhecido pelo apelido de Bode, a dar um carro para nossa dupla dinâmica caso a gente conquistasse a taça. Assim, além de tudo aquilo de maravilhoso que tinha acontecido, a gente ainda ficou com carro novo na garagem: eu com um Audi A3 preto e Larri com um Fiesta.

Os raros jornalistas brasileiros que estavam em Roland Garros conversavam comigo e me equiparavam a Pelé e Senna no panteão de ídolos nacionais. Eu achava a comparação insana:

– Tão brincando, né? Para com isso. Senna é um herói, Pelé é um gênio, um dos maiores atletas de todos os tempos, eu nem sei direito o que fiz ainda.

A verdade é que eu não fazia a menor ideia do que significava um brasileiro ganhar um Grand Slam. A subida no ranking tinha sido meteórica e prodigiosa, mas demorei uns dois anos para entender totalmente a dimensão do meu feito em Roland Garros.

Depois do título, jantei com o pessoal na pizzaria Victoria. Quis estender aquele momento de união ao máximo. Na manhã seguinte, o sonho ia ceder lugar à rotina. Minha família pegaria um avião de volta para casa e eu e Larri viajaríamos para, já no outro dia, jogar o torneio de Bolonha, na Itália. Não é porque tínhamos ganhado Roland Garros que iríamos nos desviar do caminho. Estávamos no meio de um processo e não podíamos interrompê-lo.

De madrugada, indo de avião para a Itália, não consegui dormir. Ainda me sentia no meio de um sonho. Ficava rememorando tudo para me convencer de que era verdade, tentando abrandar a euforia para encadear os pensamentos. Larri estava de olhos fechados. Dei-lhe uma pequena cutucada.

– Tá dormindo?

– Não – ele respondeu.

– Só queria te agradecer por tudo que tu fez por mim.

– Guga, lembra do churrasco que teu pai preparou para me pedir para te treinar?

– Claro.

– Tu não passava de uma criança. Naquele momento, falei que não era a hora, mas prometi que, quando tu crescesse, eu me encarregaria de ti. Sabia disso?

– Não.

Então Larri emendou uma revelação na outra, deixando claro como se sentia em relação a essa questão:

– Estou aqui e vou ficar. O dia em que o Aldo morreu se tornou um marco na minha vida. Eu não podia quebrar a promessa que fiz a ele. Tinha que completar a missão que ele me deu. Por isso hoje somos campeões. Por isso é que ainda vamos muito mais longe.

Philippe Wojazer / Reuters / Latinstock

A emoção na conquista do título.

Jean-Loup Gautreau / AFP

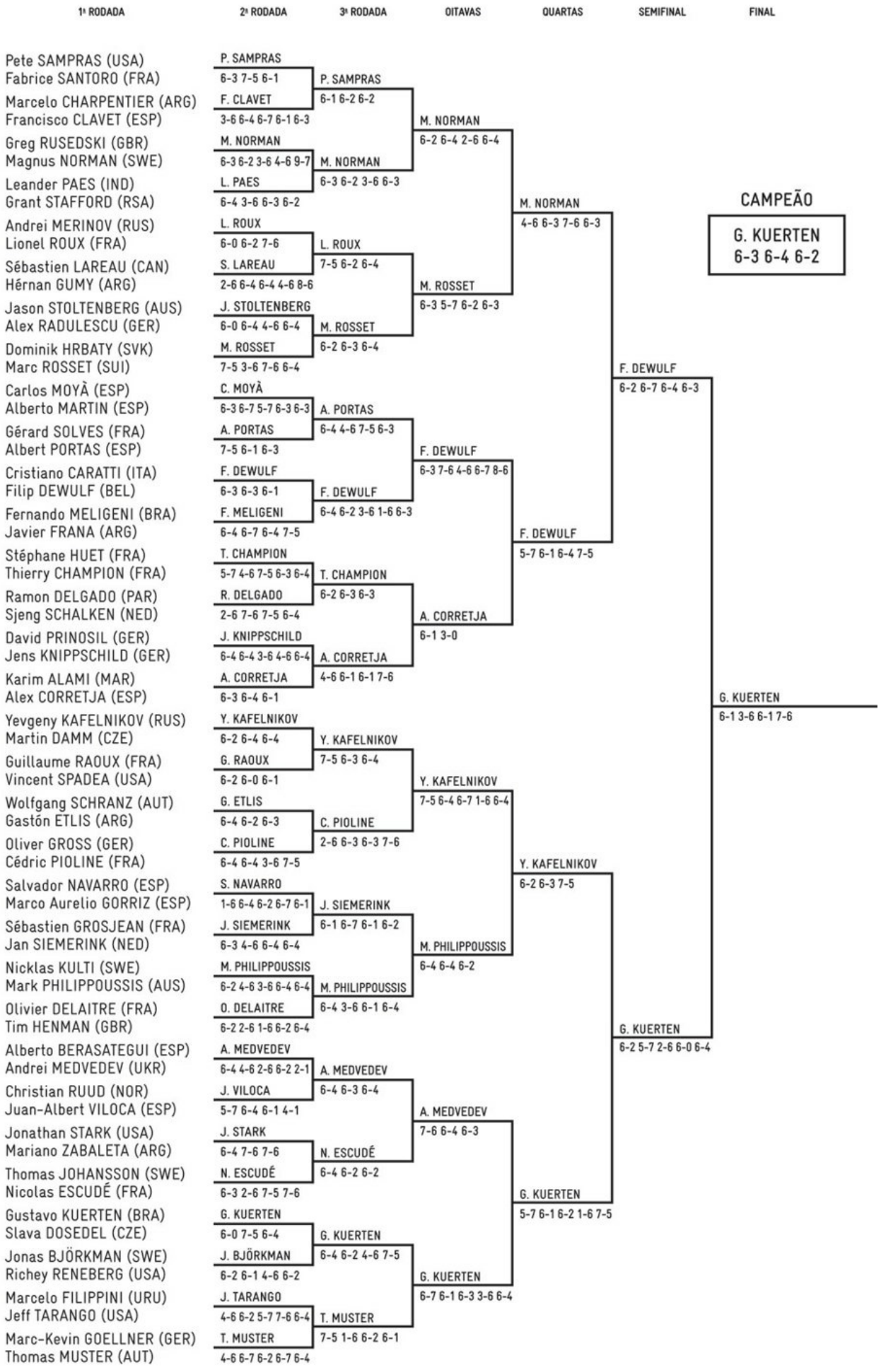
Guga cumprimenta o espanhol Sergi Bruguera após se tornar campeão de Roland Garros.

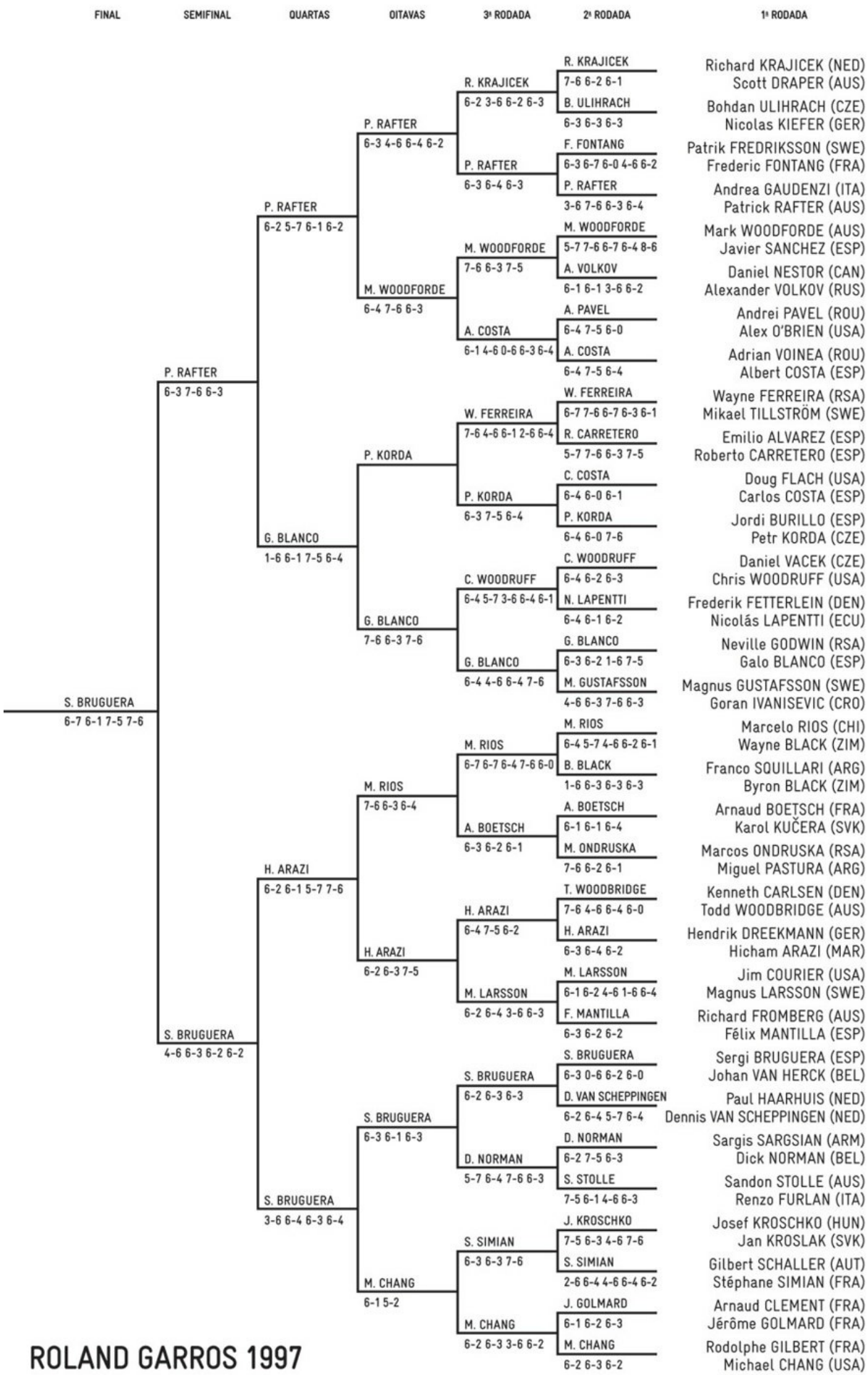
Acervo pessoal

Guga faz reverência ao tenista Björn Borg, seu ídolo de infância e de quem receberia o troféu.

Remy de Mauvinieri / AP

Beijando "a taça dos mosqueteiros" na premiação do torneio de Roland Garros de 1997.


1ª RODADA
2ª RODADA
3ª RODADA
OITAVAS
QUARTAS
SEMIFINAL
FINAL
CAMPEÃO
G. KUERTEN
6-3 6-4 6-2
Pete SAMPRAS (USA)
Fabrice SANTORO (FRA)
P. SAMPRAS
6-3 7-5 6-1
Marcelo CHARPENTIER (ARG)
Francisco CLAVET (ESP)
F. CLAVET
3-6 6-4 6-7 6-1 6-3
P. SAMPRAS
6-1 6-2 6-2
Greg RUSEDSKI (GBR)
Magnus NORMAN (SWE)
M. NORMAN
6-3 6-2 3-6 4-6 9-7
Leander PAES (IND)
Grant STAFFORD (RSA)
L. PAES
6-4 3-6 6-3 6-2
M. NORMAN
6-3 6-2 3-6 6-3
M. NORMAN
6-2 6-4 2-6 6-4
Andrei MERINOV (RUS)
Lionel ROUX (FRA)
L. ROUX
6-0 6-2 7-6
Sébastien LAREAU (CAN)
Hérnan GUMY (ARG)
S. LAREAU
2-6 6-4 6-4 4-6 8-6
L. ROUX
7-5 6-2 6-4
Jason STOLTENBERG (AUS)
Alex RADULESCU (GER)
J. STOLTENBERG
6-0 6-4 4-6 6-4
Dominik HRBATY (SVK)
Marc ROSSET (SUI)
M. ROSSET
7-5 3-6 7-6 6-4
M. ROSSET
6-2 6-3 6-4
M. ROSSET
6-3 5-7 6-2 6-3
M. NORMAN
4-6 6-3 7-6 6-3
Carlos MOYÀ (ESP)
Alberto MARTIN (ESP)
C. MOYÀ
6-3 6-7 5-7 6-3 6-3
Gérard SOLVES (FRA)
Albert PORTAS (ESP)
A. PORTAS
7-5 6-1 6-3
A. PORTAS
6-4 4-6 7-5 6-3
Cristiano CARATTI (ITA)
Filip DEWULF (BEL)
F. DEWULF
6-3 6-3 6-1
Fernando MELIGENI (BRA)
Javier FRANA (ARG)
F. MELIGENI
6-4 6-7 6-4 7-5
F. DEWULF
6-4 6-2 3-6 1-6 6-3
F. DEWULF
6-3 7-6 4-6 6-7 8-6
Stéphane HUET (FRA)
Thierry CHAMPION (FRA)
T. CHAMPION
5-7 4-6 7-5 6-3 6-4
Ramon DELGADO (PAR)
Sjeng SCHALKEN (NED)
R. DELGADO
2-6 7-6 7-5 6-4
T. CHAMPION
6-2 6-3 6-3
David PRINOSIL (GER)
Jens KNIPPSCHILD (GER)
J. KNIPPSCHILD
6-4 6-4 3-6 4-6 6-4
Karim ALAMI (MAR)
Alex CORRETJA (ESP)
A. CORRETJA
6-3 6-4 6-1
A. CORRETJA
4-6 6-1 6-1 7-6
A. CORRETJA
6-1 3-0
F. DEWULF
5-7 6-1 6-4 7-5
Yevgeny KAFELNIKOV (RUS)
Martin DAMM (CZE)
Y. KAFELNIKOV
6-2 6-4 6-4
Guillaume RAOUX (FRA)
Vincent SPADEA (USA)
G. RAOUX
6-2 6-0 6-1
Y. KAFELNIKOV
7-5 6-3 6-4
Wolfgang SCHRANZ (AUT)
Gastón ETLIS (ARG)
G. ETLIS
6-4 6-2 6-3
Oliver GROSS (GER)
Cédric PIOLINE (FRA)
C. PIOLINE
6-4 6-4 3-6 7-5
C. PIOLINE
2-6 6-3 6-3 7-6
Y. KAFELNIKOV
7-5 6-4 6-7 1-6 6-4
Salvador NAVARRO (ESP)
Marco Aurelio GORRIZ (ESP)
S. NAVARRO
1-6 6-4 6-2 6-7 6-1
Sébastien GROSJEAN (FRA)
Jan SIEMERINK (NED)
J. SIEMERINK
6-3 4-6 6-4 6-4
J. SIEMERINK
6-1 6-7 6-1 6-2
Nicklas KULTI (SWE)
Mark PHILIPPOUSSIS (AUS)
M. PHILIPPOUSSIS
6-2 4-6 3-6 6-4 6-4
Olivier DELAITRE (FRA)
Tim HENMAN (GBR)
O. DELAITRE
6-2 2-6 1-6 6-2 6-4
M. PHILIPPOUSSIS
6-4 3-6 6-1 6-4
M. PHILIPPOUSSIS
6-4 6-4 6-2
Y. KAFELNIKOV
6-2 6-3 7-5
Alberto BERASATEGUI (ESP)
Andrei MEDVEDEV (UKR)
A. MEDVEDEV
6-4 4-6 2-6 6-2 2-1
Christian RUUD (NOR)
Juan-Albert VILOCA (ESP)
J. VILOCA
5-7 6-4 6-1 4-1
A. MEDVEDEV
6-4 6-3 6-4
Jonathan STARK (USA)
Mariano ZABALETA (ARG)
J. STARK
6-4 7-6 7-6
Thomas JOHANSSON (SWE)
Nicolas ESCUDÉ (FRA)
N. ESCUDÉ
6-3 2-6 7-5 7-6
N. ESCUDÉ
6-4 6-2 6-2
A. MEDVEDEV
7-6 6-4 6-3
Gustavo KUERTEN (BRA)
Slava DOSEDEL (CZE)
G. KUERTEN
6-0 7-5 6-4
Jonas BJÖRKMAN (SWE)
Richey RENEBERG (USA)
J. BJÖRKMAN
6-2 6-1 4-6 6-2
G. KUERTEN
6-4 6-2 4-6 7-5
Marcelo FILIPPINI (URU)
Jeff TARANGO (USA)
J. TARANGO
4-6 6-2 5-7 7-6 6-4
Marc-Kevin GOELLNER (GER)
Thomas MUSTER (AUT)
T. MUSTER
4-6 6-7 6-2 6-7 6-4
T. MUSTER
7-5 1-6 6-2 6-1
G. KUERTEN
6-7 6-1 6-3 3-6 6-4
G. KUERTEN
5-7 6-1 6-2 1-6 7-5
F. DEWULF
6-2 6-7 6-4 6-3
G. KUERTEN
6-2 5-7 2-6 6-0 6-4
G. KUERTEN
6-1 3-6 6-1 7-6



ROLAND GARROS 1997

O PLANETA DESCONHECIDO

—O que tu acha que vai acontecer daqui em diante? – perguntei, ainda no voo de Paris à Itália, indo disputar o torneio de Bolonha.

– Ué, a gente vai continuar – disse Larri com ar indiferente, sabendo muito bem que eu queria saber uma coisa e ele respondeu outra.

A pergunta soava como a velha questão de sempre, mas não era. Depois do título de Roland Garros, ela estava em outro contexto e, portanto, tinha um novo significado. Embora o planejamento do ano continuasse o mesmo, a perspectiva era outra. O que eu ansiosamente queria saber era: o que vai mudar na minha vida a partir de agora?

Contra as probabilidades, eu tinha ganhado um Grand Slam, e os desdobramentos da conquista estavam nebulosos como um sonho. O salto na carreira tinha sido muito grande e rápido. Em quinze dias, eu alcançara a colocação a que só esperava chegar em dois ou três anos. Entrara em Roland Garros como 66º do ranking e, duas semanas depois, saíra de lá como um dos 15 melhores do mundo. Com isso, o rodapé virou manchete. Passei do anonimato à fama internacional. De repente, o cara conhecido por meia dúzia de gatos-pingados era a sensação do tênis mundial.

Em julho de 1997, logo depois de Wimbledon, um mês após levantar a taça em Paris, voltei para casa. Ao embarcar no avião em Londres, fui saudado pelos passageiros com tanto entusiasmo que parecia que tinha ganhado Roland Garros no dia anterior. Na escala em São Paulo, me vi no meio de um tumulto, com uma multidão gritando meu nome, tirando foto, querendo abraçar e beijar, enquanto os jornalistas se empurravam para conseguir uma entrevista. Em Florianópolis, o comandante parou o avião exibindo a bandeira do Brasil pela janela da cabine. Ao descer da aeronave, mais uma multidão de repórteres, admiradores e curiosos me esperava na pista. Nem conseguia andar direito com tanta gente ao meu redor.

Queriam me homenagear com um desfile em carro aberto em Florianópolis. Declinei, pois aquilo não tinha nenhum sentido para mim. Fizeram estátua de bronze, e pedi para não instalarem. Recebi a chave da cidade. De Brasília veio o convite para um encontro com o presidente. Também não fui, faltou tempo e vontade. Aliás, era incrível o número de políticos que apareciam do lado na hora da fotografia. Cumpri alguns protocolos e atendi convites, mas nem todos. Se fizesse isso, não teria tempo para treinar para o que vinha pela frente.

Impressionante como minha vida mudou para os outros. Eu fazia a mesma coisa de sempre,

mas todo mundo me enxergava diferente. Corria na praia e aparecia em coluna social. Era seguido por fotógrafo e equipe de TV. Artistas que eu só conhecia dos jornais telefonavam para dar parabéns. Num momento eu nem conseguia entrar, no seguinte não existia mais fila para mim. Minha rotina era a mesma, mas a realidade estava completamente distinta.

O que ajudou muito a manter o passo foi que oba-oba nunca me atraiu, por formação, influência familiar e pela cidade onde morava. Tudo e todos que me rodeavam não davam espaço para deslumbre. Se vivesse em São Paulo ou no Rio de Janeiro, o grau de sedução e a chance de degringolar seriam maiores. Mas a Florianópolis da década de 1990 não tinha badalação. A cidade era um porto seguro. Todo mundo me conhecia desde criança, continuava me tratando como antes e isso contribuía para que eu não me deixasse levar pelos apelos da fama.

Desde meus 15 anos, Larri falava que noite e tênis nunca combinaram, as baladas podiam ser viciantes e o melhor que eu tinha a fazer era ficar longe disso. Para evitar a tentação das noites de sexta-feira, ele marcava treino para sábado de manhã bem cedo. Por natureza, nunca fui chegado a noitadas e me afastei mais por necessidade. Como tinha metas a cumprir na carreira, recusava convites e acordava cedo para tentar jogar cada vez melhor.

Na base desse comportamento, estava a mãe. Ela sempre foi muito pé no chão, com valores e princípios bastante claros. Larri os reforçava e Gui colaborava para que eu incorporasse de vez a lição: o que importa são as coisas simples, o essencial, os detalhes que revelam a beleza do ser humano.

Na hora em que os holofotes acenderam, também foi importante, pelo lado prático, ter Jorge Salkeld por perto. Eu nunca tinha sido tratado como celebridade, mas meu empresário estava habituado com assédio. Ex-tenista peruano que fez faculdade nos Estados Unidos e morava em Paris, Jorge era executivo da antiga Advantage, atual Octagon, empresa que agencia atletas. Já tinha visto aquele filme muitas vezes e dava toques preciosos para que a gente não caísse em armadilhas.

Eu tentava encarar tudo da mesma forma de antes. Mesmo no calor da conquista, agia como o Guga de sempre. Falava com todo mundo, mantinha a rotina dos treinos, me preparava para os torneios, encontrava os amigos, passava o maior tempo possível com a minha família. Mas logo ficou evidente que eu precisava me adaptar a uma nova realidade. Não havia jeito de continuar como antes. Era impossível.

Além do maior número de compromissos e da admiração conquistada, também havia mudado o grau de expectativa e o nível de cobrança dos brasileiros. O parâmetro do torcedor é o futebol campeão mundial e eterno favorito ao título. Ninguém admite que a seleção perca. Se levou a taça uma vez, tem que ganhar todas. Então agora parecia que todos estavam convencidos de que eu não podia entrar num torneio sem levantar o caneco. Se perdia duas partidas seguidas, diziam que o Guga era horrível, o fenômeno tinha acabado, Roland Garros foi sorte e eu não ia repetir nunca mais, como aquelas bandas de sucesso de uma música só.

Não falavam por mal, mas por puro desconhecimento. Em 1997, mesmo os cronistas

esportivos se baseavam na mentalidade futebolística para falar do tênis profissional. Raros eram os que conheciam as particularidades do circuito, as peculiaridades dos duelos, as exigências entre os jogadores do mais alto nível. Aí eu disputava uma partida duríssima de cinco sets contra um dos melhores do mundo, os dois lados voando baixo, eu perdendo no detalhe do detalhe, e o repórter perguntava se não tinha sido decepcionante jogar tão mal e ser eliminado do torneio. Haja paciência.

Na época, mais do que hoje, as redações premiavam os bons jornalistas com viagens internacionais. Se o cara era um talento em economia, por exemplo, podia ser recompensado com uns dias em Paris. Em troca, trazia alguma notícia de lá. Com isso, vários jornalistas fizeram a cobertura dos meus jogos sem saber direito o que era saibro ou break point, e menos ainda dupla falta. A única coisa que tinham segurança para afirmar é se eu tinha ganhado ou perdido. Do que tinha acontecido no meio, mal desconfiavam.

Eu, Larri e Diana Gabanyi abraçamos o desafio de ensinar a natureza do tênis profissional aos jornalistas. Diana era nossa assessora de imprensa desde 1995. Quando fui vice do Orange Bowl nos Estados Unidos, em dezembro de 1994, ela havia ido me ver jogar. Paulistana, terminava um curso de comunicação naquelas bandas. Depois da partida, conversamos e ela contou que seu sonho era trabalhar com esporte. Eu estava na transição do juvenil para o profissional e achei que, unindo o útil ao agradável, ambos sairíamos ganhando. Pouco depois, Diana foi trabalhar conosco como assessora de imprensa.

Depois que ganhei de Muster, na terceira rodada de Roland Garros, Larri telefonou para Diana, que estava no Brasil, e pediu a ela que se juntasse a nós em Paris.

– Vem para cá que o Guga está fazendo um estrago e a gente vai precisar de você para botar ordem na casa.

Na base da necessidade e do improviso, sem querer inovamos no circuito da ATP. Diana passou a nos acompanhar diariamente, numa época em que nenhum tenista, brasileiro ou estrangeiro, tinha uma pessoa que comparecia aos torneios para atender a imprensa.

Larri me avisou que estava chamando Diana, mas eu só soube muito depois que, naquela hora, ele já acreditava que eu seria campeão. Quando os jornalistas insistiam, Diana intercedia e dizia que, fora das entrevistas coletivas programadas, era preciso marcar hora para falar comigo. Então agendava conversas, combinava exclusivas, controlava o fluxo. No começo estranharam. Hoje é assim que funciona com os principais jogadores. A providência foi muito útil. Eu tinha interesse e vontade de falar com as pessoas, mas precisava me organizar para que nada tirasse a concentração. Com Diana fazendo o meio de campo, eu jogava tranquilo e também papeava sem afetar meu ritmo.

O trabalho com a imprensa durou um bom tempo. Na volta ao Brasil, durante uns dois anos convidamos jornalistas para assistir aos jogos conosco. Às vezes, acompanhavam as partidas na plateia, com Larri fazendo comentários e dando suas explanações ao vivo. Nesse processo, todo mundo saiu ganhando. Os jornalistas aprenderam mais sobre o mundo do tênis profissional, eu criei uma relação fraterna com muitos repórteres e cronistas esportivos e até

Larri, o durão com a imprensa, por incrível que pareça, acabou se casando com uma jornalista.

Enquanto o mundo me apertava por resultados, eu tentava aprender a lidar com meu próprio grau de exigência. Por mais que soubesse que o título de Roland Garros tinha sido um ponto fora da curva e que dificilmente se repetiria tão cedo, minha expectativa estava nas alturas. Tinha toda a consciência de que precisava continuar dando um passo de cada vez para avançar no circuito, mas não conseguia deixar de pensar que todo mundo, e principalmente eu, estava esperando mais de mim. Antes, minha meta era ganhar duas ou três partidas seguidas. Agora eu me cobrava para no mínimo chegar à final. Era uma receita perigosa que podia gerar frustração para todos os lados.

A essa altura do campeonato, em meados de 1997, eu conhecia uma parte mínima do circuito. Havia muito mais torneios em que nunca tinha pisado do que aqueles de que já participara. Precisava sondar o terreno, conhecer os detalhes e, sobretudo, me preparar para a temporada de 1998, a primeira em que disputaria as principais competições.

O primeiro passo, logo no dia seguinte à conquista de Roland Garros, foi Bolonha. Embalado, abocanhei mais dois troféus: na simples fui vice e na dupla, jogando com Fininho, fui campeão.

Na sequência, veio Nottingham, na Inglaterra, no qual tenistas importantes participavam para se adaptar à grama, numa espécie de aperitivo de Wimbledon. Eu precisava daquele preparativo, nunca tinha jogado naquele piso como profissional. No primeiro set da minha estreia, contra o britânico Greg Rusedski, levei um vareio, nem vi a bola. No segundo, peguei um pouco mais a manha, mas mesmo assim perdi. Tudo bem, eu estava apalpando o terreno.

Fui para Wimbledon debaixo de uma expectativa enorme da torcida, o Brasil todo querendo que eu vencesse outro Grand Slam. Estreei contra o americano Justin Gimelstob, um jogador mediano. Perdi de saída. Antes mesmo que o jogo terminasse, eu ficava pensando e me questionando: "Puxa, isto é rápido pra caramba, mal consigo chegar na bola, não encaixo uma devolução. O que está acontecendo? Como é que eu acho o meu jogo? Não dá pra jogar aqui!"

Diante da primeira dificuldade, o lado emocional se misturava ao psicológico e eu me colocava em dúvida. Só mais tarde é que conseguia analisar os fatos friamente. Se o jogo fosse no saibro, o resultado seria completamente diferente. Mas na grama não tinha jeito, aquilo não combinava com meu estilo de jogo. Eu ainda precisaria de alguns anos de adaptação. Se para mim era difícil entender, imagina para a torcida. Diante da precoce eliminação, o povo fez piada: "Sabe qual é a semelhança entre o Guga e o time do Avaí?" Resposta: "Os dois não sabem jogar na grama."

Na época, muito mais do que hoje, saibro e grama eram duas coisas antagônicas. O saibro deixava o jogo mais lento e cadenciado, com longas trocas de bola e maior margem para estratégia. A grama acelerava tudo, mal dava para respirar, era pura ação e reação, com pontos que se resumiam a dois ou três golpes. Naquele tempo a grama de Wimbledon era mais

baixa e a bola, menor, tornando o saque praticamente indefensável.

Com a evolução dos equipamentos e da força dos jogadores, chegou um momento em que ninguém mais conseguia devolver saque na grama. Os tenistas estavam insatisfeitos, as partidas ficaram monótonas de assistir e a audiência caiu. Então a ATP pediu para subir a altura da grama de Wimbledon, a fim de reduzir a velocidade da partida. Com o mesmo objetivo, aumentou o tamanho da bola e, em consequência, seu peso.

Uma das decorrências disso, além da volta do público, é que os pisos ficaram mais parecidos. Antes, a discrepância era tão gritante que raramente o mesmo tenista ganhava os dois Grand Slams europeus. O cara que era bom no saibro sofria para vencer na grama, e vice-versa. Para entender melhor a dificuldade da tarefa, nas décadas de 1980 e 1990, Agassi foi o único jogador a vencer nas duas superfícies, em Roland Garros e Wimbledon. Hoje, elas se assemelham muito mais e, por isso, com frequência vemos os mesmos tenistas triunfando no saibro e na grama.

Com o fim da temporada por ali, fui para a quadra dura, que também estava longe de ser minha especialidade. Mas, aos poucos, vinha aprendendo a me firmar naquele piso. Em julho, fui vice no Aberto do Canadá, com direito a vitória na semifinal, por 6-3 e 6-1, sobre Michael Chang. Foi um resultado importantíssimo. Com ele, cheguei pela primeira vez ao top ten, meu novo sonho dourado depois de ganhar Grand Slam. Rapaz, que coisa sensacional estava acontecendo comigo.

No US Open, eu e Larri chegamos antes de todo mundo para treinar. Acabamos inaugurando, extraoficialmente, a Louis Armstrong, a nova quadra central do Aberto dos Estados Unidos. Até então, meu único Grand Slam em quadra dura tinha sido na Austrália, onde parei na segunda rodada. Dessa vez, fui mais longe. Numa partida disputada no mesmo dia em que Lady Di morreu, 31 de agosto de 1997, perdi na terceira rodada para o sueco Jonas Björkman, de quem acabara de ganhar em Roland Garros.

Passei cinco semanas, de 4 de agosto a 1º de setembro de 1997, como top ten. Cheguei a ter a ilusão de que poderia jogar o Masters Cup, que ainda não se chamava ATP Finals, embora, como hoje, fosse reservado aos oito primeiros do ranking. Mas ainda não estava pronto, notoriamente faltavam peças para minha montagem como tenista profissional ficar completa. Lá estava eu embalado numa ascendente, mas de repente descambava, rolava a ladeira, me via em desespero e, então, tinha um lampejo e voltava a jogar um tênis deslumbrante. Era uma de Pelé e dez de Lelé. Uma coisa muito estranha, difícil de compreender.

No final da temporada, disputei mais quatro torneios na Europa, incluindo Viena e Moscou. Em oito partidas, perdi cinco. Mesmo perdendo mais do que ganhando, ainda estava no lucro, aprendendo e desbravando o circuito. Apesar do afã de conhecer tanta novidade, meu gás chegou ao fim. Na primeira quinzena de novembro, o cansaço bateu. Em 11 meses, tinha disputado 31 torneios. Precisava muito de descanso, de encostar a raquete e relaxar, de finalmente comemorar com calma a conquista de Roland Garros com a mãe, o Rafa e o Gui.

Voltei para casa.

Quando a ATP divulgou a última listagem do ano, eu aparecia como o 14º do mundo. Aquilo era um feito inimaginável, magnífico, extraordinário. Mas, na prática, eu sabia que não representava a realidade. Se não tivesse ganhado Roland Garros, eu teria terminado 1997 lá pela 40ª colocação. Isso seria o normal, o previsto e o condizente com as minhas virtudes e inabilidades da época. Mas, por causa de um inesquecível título de Grand Slam "sem querer", agora eu estava no topo.

O ANO QUE NINGUÉM ENTENDEU

Terminei o ano de 1998 como 23º do ranking. A queda de nove posições seria a comprovação do fim do fenômeno, a prova de que Roland Garros foi acaso, o início da descida da ladeira. Ninguém dizia isso na minha frente, mas era o comentário geral, o que todos pensavam. Todos menos eu e Larri. Continuávamos convictos de que estávamos no caminho certo. De fato, mesmo sem título de Grand Slam, o ano seria melhor do que o anterior.

Em 1997, mais da metade dos meus torneios foram pequenos ou médios. Tirando a conquista de Roland Garros e os posteriores lampejos de empolgação, perdi muito mais do que ganhei. Em 1998, só joguei os maiores da ATP e, encarando adversários mais difíceis, fui campeão duas vezes. Mesmo sem dar uma grande alegria ao Brasil, o número de títulos subiu. Quando terminei o ano, sabia que era um jogador mais capacitado do que no início.

Incompreendido pela maioria, o ano de 1998 foi um dos mais importantes da carreira, um período de construção no qual pavimentei a estrada. Foi o ano em que a tempestade de verão passou, o mar acalmou e depois ficou perfeito para surfar. O ano em que, pela primeira vez, tive toda a condição de explorar o circuito com as ferramentas necessárias. Por fim, foi o ano em que me integrei ao topo do profissional, com todas as suas benesses e exigências.

Juntando 1997 e 1998, passei dois anos seguidos como um dos 25 melhores do mundo. Depois que o tenista entra nesse clube, é tratado com generosidade. Para disputar torneio, só paga passagem. Nos jogos, motorista leva e traz. Hospedagem é por conta dos organizadores, com direito a uma refeição por dia. Por hábito e pelo prazer da convivência, Larri ficava no meu quarto. Só em Wimbledon passou a ser diferente. A gente alugava uma casa para abrigar família e equipe. No fim de semana anterior ao torneio, os tenistas brasileiros e alguns estrangeiros eram convidados para o "Dia do Brasil", no qual Larri fazia churrasco. Tinha que ser no fim de semana antes de iniciar o torneio, porque a gente sempre durava pouco por lá. Mas agora, de barriga cheia e com pique total, podia até ter chance de ganhar nosso primeiro jogo em quadra de grama.

A época em que eu precisava saltar de um torneio para outro, correndo atrás da classificação, tinha ficado para trás. Sem a velha correria, eu e Larri nos concentrávamos em montar a melhor programação. Estudávamos a combinação que mais me beneficiaria, os torneios mais favoráveis para subir no ranking. Além de definir o roteiro, o negócio era

encontrar o passo certo, sem perder tempo em pausa desnecessária ou ter o desgaste de pingar de cá para lá. Assim descobriríamos que meu ganha-pão estava nos três meses de saibro na Europa e nos Grand Slams.

A gente transformava tudo em aprendizado. Tirava proveito de cada dia, semana e situação para entender melhor como explorar o mundo novo. Em fevereiro de 1998, em San Jose, nos Estados Unidos, enfrentei Agassi mais uma vez. Nas duas anteriores, ganhei. Mas dessa vez ele me atropelou. A derrota virou uma nova lição. Ganhando ou perdendo, mais do que nunca o principal era aprender e evoluir. Na semi de Memphis, Michael Chang me derrotou num jogo duríssimo. No Lipton-Key Biscayne, em Miami, ganhei do urso ucraniano Andrei Medvedev e, nas quartas, encarei Tim Henman, britânico que passou cinco anos no top ten. A oportunidade de jogar constantemente com o primeiro time do tênis mundial era inestimável.

Fomos assim até abril, quando, por mais que estivesse disposto a novas experiências, jamais imaginei viver uma situação tão absurda e constrangedora – definitivamente o tratamento mais ríspido que recebi em toda a minha carreira. No início do mês, numa etapa da Davis, o Brasil enfrentou a Espanha. Jogaríamos no saibro, em Porto Alegre, com o apoio da torcida, tudo a favor para superar a temida armada espanhola: Alex Corretja, 7º do mundo, e Carlos Moyà, 17º; além do duplista Javier Sanchez.

Por ser o mais recente campeão de Roland Garros, imaginei que intimidaria Moyà na primeira partida da simples. A ilusão desapareceu rapidamente. Perdi os dois primeiros sets, com o espanhol voando baixo, a plateia quieta e eu embaraçado.

No terceiro set, empatamos em 4-4. No nono game, com break point, 30/40 no meu saque, praticamente um match point para ele, errei o primeiro serviço, droga. Dei o segundo receoso. Se falhasse, o jogo já era. Tenso, coloquei o saque bem devagar e acertei. Na devolução, o espanhol, com a faca e o queijo na mão, arriscou tudo para ganhar o ponto e a bola saiu meio centímetro. Na hora, assim como eu, 10 mil brasileiros suspiraram aliviados.

Pensei: "É agora. O cara desperdiçou a chance de ouro. Se eu sair desse buraco e trouxer a torcida para a partida, o jogo é meu."

Eu me agarrei nisso e não soltei mais até o fim, em mais um momento sublime de simbiose entre mim e o público. Num dia que se tornou inesquecível, com uma virada histórica venci o jogo no meu país por 3 a 2 com a torcida vindo abaixo, aplaudindo de pé, gritando meu nome, provocando aquela sensação extraordinária que só o esporte consegue proporcionar.

Na segunda partida da simples, em outro jogo duríssimo, Corretja ganhou do Fininho. Tudo empatado, 1 a 1 no placar.

Às 10 horas da manhã seguinte, eu e Jaime entramos na quadra para encarar Corretja e Sanchez na dupla. Vencemos os dois primeiros sets e perdemos o terceiro. No quarto, o jogo ficou em aberto, com os dois lados podendo levar a melhor. Mais aí Sanchez cometeu uma dupla falta. Com aquela generosa contribuição, a torcida em peso começou a gritar "San-chez! San-chez!". O cara ficou atordoado e não conseguiu mais jogar. Eu e Jaime não precisamos fazer mais nada.

Constrangido e intimidado, Sanchez mal acertava uma bola. Com a plateia se deliciando pela influência no resultado e berrando seu nome cada vez mais forte até o final, ganhamos por 3 sets a 1. No placar geral do confronto, 2 a 1 para o Brasil. Faltava só uma vitória para afundar a armada espanhola.

No dia seguinte, às 8h30 da manhã de domingo, minha partida era contra Corretja. No aquecimento, para tentar esquecer como o corpo doía depois de quase dez horas de tênis nos últimos dois dias, ficava imaginando como podia ganhar dele com o pouco que sobrara de mim. A tarefa parecia cada vez mais complicada. O espanhol começou jogando muito e fez 2 sets a 0. Pronto, lasquei-me. Para reverter, só tinha uma última opção: ir para o braço do povo. Novamente comecei a pedir o envolvimento da torcida. Na hora, a plateia veio junto. Fiz um ponto. Dois. Ganhei o game, outro e venci o terceiro set. Opa!

O caldo entornou. A vitória do último set incendiou a torcida, o lugar ferveu, contagiando a quadra e o quarteirão inteiro. No início do quarto set, o clima saiu do controle e o jogo virou um salve-se quem puder. Na plateia, brasileiros afrontavam espanhóis. Eu e Corretja nos encarávamos, olhando feio, provocando. Se pudesse tocar o adversário, um talvez estrangulasse o outro. A coisa ficou quente, diversos graus acima da já elevada temperatura da Davis, e seguiu assim até a última bola.

Foram momentos tensos, nervosos, constrangedores, intimidadores e emocionantes. Na quadra, apesar dos pesares, a batalha sempre foi leal e terminou com a vitória de quem estava mais preparado para lidar com aquilo: Corretja. Com isso, o placar da Davis ficou igualado em 2 a 2.

No confronto decisivo da simples, Fininho foi atropelado por Moyà e a Espanha nos superou por 3 a 2. A chance de passar pela primeira vez às quartas de final no grupo mundial escorreu pelas mãos. Foi chato pra caramba, era triste ver a equipe deles comemorando uma vitória importante no nosso país, com vinte espanhóis se acabando na plateia enquanto milhares de brasileiros se calavam. Mas o pior, o grande absurdo ainda estava por vir.

Na semana seguinte, fui com Fininho para o torneio de Barcelona, onde eu jogaria simples e dupla. No dia da chegada, jantávamos no hotel quando um tenista argentino sentou à mesa para conversar. Papo vai, papo vem, perguntou:

– O que aconteceu na Davis?

– Ué, eles ganharam – respondemos.

– E além disso?

– Nada.

– Certeza? O pessoal daqui parece indignado com vocês.

Não entendemos bulhufas. Não havia razão para isso, soava até como brincadeira. Mas, na manhã do dia seguinte, a gente se viu numa situação que não tinha graça nenhuma. No clube em que treinamos, o clima era hostil, com vaias e insultos. Não ficamos nem 15 minutos na quadra e voltamos para o hotel. Depois, demos uma volta. Piorou. Sentamos para comer num restaurante e todo mundo olhou feio. Engolimos a comida e voltamos para o quarto de novo.

Não dava para andar nas redondezas do hotel e do clube em Barcelona.

Descobrimos então que, depois da Davis em Porto Alegre, assim que pisou na Espanha, Corretja deu uma entrevista dramatizando o enredo do duelo, dizendo que tinha sido maltratado e pintando os brasileiros como selvagens. Os espanhóis não gostaram nada daquilo, compraram a briga e agora queriam acertar as contas.

Na estreia da dupla, eu e Fininho enfrentamos a dobradinha Dinu Pescariu e Slava Dosedel. Peraí, tem alguma coisa muita estranha aqui. Plateia lotada em Barcelona em jogo de dois brasileiros contra um romeno e um tcheco? Ninguém nunca tinha visto aquilo. O lugar parecia uma panela de pressão pronta a explodir, com todo mundo incomodado com a nossa presença.

Pisamos na quadra e começaram a vaiar. O pessoal só estava ali para atazanar, gritar e ofender. Eu não esperava, na verdade não compreendia aquele comportamento. Só sabia que não havia a mínima condição de jogar tênis ali. Ganhamos o primeiro set. A artilharia aumentou. Perdemos a partida.

Na minha estreia na simples, foi pior, uma vez que o adversário era um ídolo espanhol, Carlos Costa. Eu nem ligava mais para ganhar ou perder. Só queria cumprir meu papel e pular fora dali o quanto antes.

Fiquei mal. Saí de Barcelona inconformado. Aquilo não tinha sentido, era uma injustiça nos tratarem assim. Eu tinha um monte de amigos espanhóis, cresci jogando com eles, mantinha uma relação afetiva com quase todos. Mesmo sem culpa, me perguntava o que podia fazer para mudar a situação. Sem achar resposta, tinha confiança de que, em alguma hora, a besteirada acabaria.

Um ano depois, em abril de 1999, o Brasil voltou a enfrentar a Espanha na mesma rodada da Davis, mas agora na casa deles, com a torcida apoiando Corretja, Moyà, Albert Costa e Felix Mantilla. Se antes era ruim, agora parecia pior. Os espanhóis tinham subido no ranking. Moyà já era o segundo do mundo e Corretja, o sexto. Muita gente me desaconselhou a participar, mas a tentação do desafio falou mais alto. Me recusava a acreditar que aquela situação absurda ainda continuasse. Errei.

Eu, Jaime, Fininho e Márcio Carlsson chegamos a Lérida como se a rodada de Porto Alegre tivesse sido na véspera, e não doze meses atrás. A agressividade dos espanhóis era a mesma, eles fazendo de tudo para mostrar que não éramos bem-vindos, com constrangimentos e hostilidades a rodo. Não havia outro jeito senão fingir que não era conosco.

No primeiro jogo da simples, entre Fininho e Moyà, a torcida parecia mais desigual do que nunca. De um lado, cinquenta brasileiros estavam tão espremidos e encolhidos que pareciam cinco. Já os milhares de espanhóis soavam como milhões em fúria. Moyà atropelou Fininho. Espanha 1, Brasil 0.

Na partida seguinte, encarei Corretja. No primeiro game do primeiro set, ele quebrou meu saque e me olhou com uma expressão de que iria me atropelar. O ápice espanhol não durou cinco minutos. Na sequência, quebrei o saque dele, me tranquilizei, assumi as rédeas da

partida e comecei a jogar em um nível avassalador que até eu desconhecia. Na troca de lado, enquanto eu mordia toalha e comia banana, a torcida empurrava a grade tentando me intimidar. Não funcionou. Em menos de uma hora e meia de partida, apliquei 3 a 0 no Corretja, debaixo de um enorme e eloquente silêncio da plateia espanhola. Empatamos o placar da Davis em 1 a 1.

A questão da torcida estava resolvida. Eu tinha encontrado o jeito de lidar com ela: ganhar a partida de maneira incontestável. No meio do jogo, até deu para usar o desconforto deles a meu favor. Quanto mais quietos, mais eu me empolgava.

Na dupla, eu e Jaime Oncins encaramos Corretja e Costa. Ganhamos o primeiro set fácil, 6-2. Eles empataram. Vencemos o terceiro por 6-4 e fizemos 2 a 1. No quarto set, estávamos indo bem até Jaime cometer um erro bobo. Na hora, lembrando do episódio em que os brasileiros entoaram "San-chez! San-chez!", a equipe espanhola pediu que a torcida gritasse o nome do Jaime. Só uma meia dúzia embarcou. Mas aí Jaime cometeu dupla falta. Pronto, a caça virou caçador. Milhares de espanhóis começaram a gritar "On-cins! On-cins!".

Aquele era mesmo um recurso poderoso para intimidar. Como Sanchez no ano anterior, Jaime se embananou e errou uma atrás da outra. Tentei de tudo para reativá-lo, gritei, incentivei, animei, motivei. Não funcionou. Os espanhóis venceram o quarto set e a partida ficou igualada em 2 a 2.

No set derradeiro, Jaime continuava no fundo do poço. Com os espanhóis em vantagem, ele repetiu uma frase que já tinha dito dez vezes:

– Não vai dar.

Nessa hora, me enchi de remar sozinho. Se era isso que ele queria, então tá. Falei:

– Tá certo. Não vai dar mesmo. Acabou.

Sem querer, dei a chacoalhada certa. Jaime acordou. A torcida ainda provocava com "On-cins! On-cins!", mas agora ele dava risada e jogava seu melhor tênis. Na virada de lado, olhei para Jaime e não acreditei que era o mesmo cara que estava derrubado vinte minutos antes. Parecia que se sentia o melhor do mundo, imbatível. É muito louca essa transformação radical no tênis, que por vezes é capaz de igualar profissional e amador. Vencemos o set derradeiro por 6-3, ganhamos a partida e passamos à frente no placar geral, 2 a 1 para nós.

Na hora em que fizemos o último ponto, não se ouvia uma sílaba em espanhol na plateia. Os cinquenta brasileiros, no entanto, faziam barulho como se fossem 5 mil. Depois de quatro horas e meia de jogo, eu estava destruído, pela exaustão física e o desgaste emocional. A única coisa maior do que meu cansaço era a recompensa por, com Jaime, ter conquistado uma vitória tão importante.

A próxima simples podia decidir tudo a nosso favor. Então, às 9 horas da manhã do dia seguinte, entrei em quadra de novo para enfrentar Moyà, o número 2 do mundo. A única alternativa para superá-lo era ganhar em três sets. O que já era difícil se complicava ainda mais porque o corpo doía só de pisar no chão. Se parasse de me mexer, ficaria por ali mesmo. Para amenizar a fadiga, fiz um pouco de massagem, aqueci aos poucos, bebi tonéis de

isotônico. Já tinha caminhado tanto no deserto que não ia deixar o cavalo passar selado na frente. Movido a empolgação, tinha a convicção da alma de que aquela partida seria minha.

Tirando forças do além, fazia qualquer negócio para manter a adrenalina no alto: berrava no saque, gemia mais alto nos golpes, acenava para a equipe na hora da virada. Ganhei o primeiro set por 6-2 em 25 minutos. Na metade, já dava para notar o desespero da torcida.

No segundo set, Moyà conseguiu equilibrar por uns 15 minutos. Mas aí passei a jogar o melhor tênis da minha vida, acertando bolas impossíveis uma atrás da outra. Quando fechei em 6-4, todo mundo já sabia que eu ia ganhar a partida – eu, Moyà, a torcida espanhola e os brasileiros na plateia, que pareciam estar numa apoteose de escola de samba.

O terceiro set foi o mais surpreendente. Me iluminei a ponto de vencer o então número 2 do mundo em sua casa por 6-2, 6-4, 6-1. Com isso, o Brasil fez 3 a 2 sobre a Espanha e avançou no grupo mundial. No final do jogo, eu mal conseguia dar dois passos, mas saí da quadra com uma alegria equivalente à do dia em que conquistei Roland Garros, tendo meu maior momento na Davis, o que mais me realizou em todas que disputei.

Acervo pessoal

Equipe brasileira comemora vitória na Copa Davis de 1999 contra a Espanha no Tênis Clube de Lérida (Oncins, Faria, Carlsson, Guga, Prieto e Acioly).

Aquela era uma conquista espetacular, um feito para entrar na história. Fazia 33 anos que brasileiros não ganhavam dos espanhóis na Davis. A última vez tinha sido em 1966, com Thomaz Koch e José Edison Mandarino, em Barcelona. De 1999 até hoje, a Espanha não perdeu sequer um confronto de Copa Davis jogando em seu país.

Quando a partida terminou, os brasileiros vibravam como alucinados, mas mal dava para ouvi-los. Para minha surpresa, os 5 mil espanhóis me aplaudiam pelo belo espetáculo de tênis que eu tinha proporcionado. Finalmente, eu conquistara o respeito deles.

Outro desafio, porém, estava por vir dentro de cinco minutos: responder às provocações dos jornalistas. Loucos para colocar lenha na fogueira, esperavam que eu fosse aumentar a polêmica iniciada em 1998 e falar mal da torcida. Com suas perguntas, os repórteres tentavam me encaminhar para uma arapuca. Falavam ao mesmo tempo:

– Ficou abalado com os xingamentos?

– Teve raiva na hora em que gritaram On-cins?

– Sentiu-se assustado, acuado?

– Já foi tratado assim em outros lugares?

Fazia um ano que eu aguardava pela oportunidade de liquidar com aquela rixa desnecessária. Com jeitinho e habilidade, desmontei a armadilha, tirando a importância das provocações.

– A Davis é assim e por isso é tão maravilhosa. Aí é que está o brilho da coisa, o extraordinário, a paixão das pessoas se manifestando ao máximo para ajudar seus ídolos e representantes a ganhar o jogo – afirmei, dando raquetada com corda de pelica, mostrando que não tinha ressentimento nem nunca teria.

Depois disso, o confronto saiu do ar e a rivalidade voltou para a quadra, o lugar de onde nunca devia ter saído. Toda a animosidade morreu ali. A partir daquele momento, recomeçou, para nunca mais acabar, a relação de respeito e admiração que eu e os espanhóis sempre tivemos antes daquele mal-entendido.

Enquanto o armistício de 1999 não vinha, eu e Corretja ainda jogaríamos outra partida com o constrangimento se infiltrando na rivalidade sadia. Esse jogo ocorreu em maio de 1998, no torneio de Hamburgo, na Alemanha. Passei por Dosedel e o marroquino Hicham Arazi nas primeiras fases e aí disputei as quartas com Corretja. Ganhei o primeiro set, mas a gana do espanhol de vencer prevaleceu: perdi a partida.

Na sequência, fui para Roma, torneio importante no qual cheguei à semi. Era um grande resultado, mas o que eu queria mesmo era que chegasse Roland Garros. Defender o título e os pontos era por si só uma bucha de canhão, ainda mais com a ansiedade e a expectativa me matando. Claro que eu desejava ganhar de novo, mas a tarefa parecia pouco provável. Cheguei lá como um dos favoritos, num tempo em que ainda não me sentia confortável com isso. A expectativa, minha e dos brasileiros, era enorme, uma cobrança geral para sair de lá com o título. A encrenca era tão grande que eu só queria saber de me livrar daquilo o quanto antes. Torcia para que começasse logo e acabasse mais rápido ainda.

Não tinha chance de dar certo. Não deu mesmo. Perdi na segunda rodada para Marat Safin, russo que vinha do quali. No futuro, diriam que Safin foi meu maior rival. Sem dúvida era um pedregulho no sapato. Mas não chegamos a nos enfrentar um número suficiente de vezes a ponto de chamá-lo de rival, como Nadal e Federer se tornaram depois de mais de vinte confrontos. Contra Safin, joguei sete vezes. Contra Magnus Norman, joguei dez e, contra Agassi, onze. O recordista foi Kafelnikov, com doze jogos.

Até o Roland Garros de 1998, eu e Safin nunca nos enfrentáramos. Tinha poucas informações sobre ele, sabia que havia se destacado no juvenil e passara pelo funil do qualifying. Na minha cabeça, não era ameaça, mas alguém que eu tinha tudo para vencer. No entanto, perdi por não estar preparado para a obrigatoriedade de defender a taça. Do lado de fora, é quase impossível entender o que ocorre exatamente numa quadra. Mesmo do lado de dentro, às vezes também é. Atinei, então, com uma coisa que jamais tinha me passado pela mente. Tive a sensação de que só ali, na nova largada em Roland Garros, eu estava

compreendendo a complexidade do autódromo. Só ao perder de Safin é que comecei a entender de verdade a proeza do ano anterior em Paris e quanto estava despreparado para repeti-la.

Por incrível que pareça, perder foi excelente. Os brasileiros ficaram decepcionados, mas para mim significou um grande alívio. Aquilo era o que eu menos queria, mas o que mais precisava. Estava difícil conviver com o grau elevado de expectativa e ansiedade. A pressão precisava terminar para eu recuperar a tranquilidade.

Finalmente, um ano depois do título de 1997, passado aquele furacão, pude retomar a vida. Nem a perda dos 1.000 pontos foi uma tragédia. Aquilo não matou ninguém. Eu tinha ficado sem eles e continuava vivo e muito bem, inclusive porque as boas colocações nos torneios anteriores deram uma segurada. Na ponta do lápis, baixei uns 600 pontos, o que não era nenhum drama. Sem ansiedade, menos tenso, mais leve, voltei a me sentir eu mesmo. Incrível, uma derrota que fez com que eu me sentisse muito melhor.

Sem a carga da simples, mergulhei na dupla de Roland Garros, jogando com Fininho. Fomos subindo, com chance de título. Estava empolgado e confiante. De um jeito ou de outro, a terra da magia sempre reservava surpresas para mim. Até então elas tinham sido incríveis, mas, daquela vez, o negócio foi além da imaginação. Pela primeira, única e última vez na carreira, fui expulso.

Pelas quartas, jogando na quadra Suzanne Lenglen, eu e Fininho enfrentamos a dupla Björkman e Rafter. No primeiro set, o jogo estava difícil, tenso, os dois lados dando tudo para chegar à semi de Grand Slam. A decisão do set foi para o tie-break. Com o placar igualado em 3-3, Fininho sacou. Rafter respondeu. Dei um voleio cruzado e matei o ponto. Na fração de segundo do meu golpe, Rafter parou o jogo dizendo que o saque do Fininho havia saído. O juiz desceu da cadeira e marcou fora.

Fininho questionou, convicto de que o ponto já havia acabado quando o australiano se manifestou. Reclamou, protestou, encrencou com o juiz, exigindo nosso ponto. Não adiantou, tivemos que jogar com o segundo saque e perdemos o ponto: 4-3 para eles.

Em seguida, eles abriram vantagem e Rafter sacou com 5-3 a favor. Fininho respondeu, Björkman cruzou na rede e matou o voleio. Igualzinho à jogada da polêmica anterior. Fino correu para a marca, mostrando que fora visivelmente fora. O juiz desceu da cadeira e foi lá olhar. E então resolveu que fora dentro. Fininho ficou enlouquecido, não podia acreditar naquela decisão, queria ir para cima do árbitro de qualquer jeito. Eu tentava de tudo para acalmá-lo:

– Calma, cara. Fica tranquilo. São dois saques meus, a gente faz 6-5 e tamo no jogo de novo.

Cumpri minha própria profecia e converti dois pontos de saque. O tie-break ficou em 6-5 para eles. Complicado, mas a gente tinha chance. Aí Björkman colocou a bola em jogo, respondi, o Rafter se esticou todo e sem querer ganhou o ponto com um voleio. Fim do set.

Num segundo, minha calma se transformou em ira. Minha cabeça foi dominada pelas

cagadas do juiz que comprometeram o resultado do set. Olhei para minhas coisas no banco, que estava do outro lado da quadra, e com toda a frustração atirei a raquete mirando nelas. Em vez de ir em linha reta, ela subiu. Para piorar, pegaria em cheio no juiz se ele não desviasse. Foi um arremesso tão forte que a raquete foi parar na arquibancada. Meu corpo virou um liquidificador de emoções, misturando raiva pelas interferências do juiz, frustração, desilusão, desconforto, constrangimento, vergonha. Eu queria sair da quadra correndo.

Andei até o banco, peguei a raqueteira. O juiz olhou sem saber o que fazer. O dever dele seria me colocar para fora, mas ele não quis fazer isso. Nós tínhamos uma história, era o mesmo juiz da final de Roland Garros em 1997. Falei:

– Vou sair, não quero mais jogar, pode me expulsar.

E foi o que ele fez. O jogo acabou ali. Saí da quadra sem olhar para trás. Num mau humor do cão, fui para o vestiário fazer o exame antidoping. Meia hora mais tarde, estava arrependido, querendo que o tempo voltasse e, com ele, também a chance de continuar a competição. Ficou a lição: dali para a frente, parei de ser burro e nunca mais deixei de lutar até o último instante numa partida.

Depois fui para Wimbledon crente que ia levar a velha lambada. Na primeira rodada, peguei o australiano Jason Stoltenberg, que no passado tinha chegado à semi do torneio. Minhas chances diminuíram mais ainda, mas a partida chegou a ficar 2 a 1 para mim. Aí Stoltenberg empatou e fomos para uma negra duríssima. Quando o set estava 8-8, acabaram as bolas novas que precisavam substituir as usadas. Foi a única que vez que isso aconteceu em toda a minha carreira. Tivemos que esperar quinze minutos até chegarem para eu continuar sacando. Depois do intervalo inesperado, perdi a concentração, o saque e o jogo, mas fui melhor do que imaginava.

Duas semanas depois, ganhei o torneio de Stuttgart. Só tinha cara bom. Superei os espanhóis Carlos Costa, Albert Costa e Carlos Moyà e, por fim, o eslovaco Karol Kučera. Na sequência, em Umag, na Croácia, fui às quartas. Sem o peso da responsabilidade de ganhar sempre, passei a ganhar mais.

Em agosto, no torneio de Long Island, venci Marcelo Ríos pela primeira vez. Em setembro, fizemos 3 a 0 na Romênia pela Copa Davis. No mesmo mês, fui o campeão de Mallorca, na Espanha. Essa teve sabor especial: nas quartas, ganhei de Bruguera; na semi, de Muster; e, na final, de Moyà.

A missão do ano estava cumprida. Joguei a Davis, boa parte dos principais torneios e todos os Grand Slams. Conquistei dois títulos importantes. A tendência era de crescente evolução. Se em 1997 subi três anos em um no ranking, em 1998 vivi o equivalente a cinco anos de aprendizado. Antes eu era o 14º do mundo e não me enxergava assim. Agora era o 23º e me sentia capaz de estar entre os dez.

Guga vence Carlos Moyà no torneio de Palma de Mallorca em 1998.

PRONTO PARA O ATAQUE

Na primeira vez foi impossível. Na segunda entendi como funcionava. Na terceira peguei a mão. Na quarta dominei a arte. Nesse estágio, o bicho-papão não assustava mais, virou amigo e parceiro. Eu conhecia a maior parte do circuito, tinha me estabelecido como tenista, sabia onde colocar as fichas. Ganhava duas, perdia uma, não acertava uma longa sequência de tiros, mas as virtudes já superavam as deficiências. Era só questão de tempo para as grandes recompensas.

Eu olhava à frente e só via alegria, as peças do quebra-cabeça se encaixando. Enxergava o traçado de janeiro a dezembro, os 23 ou 24 torneios de que participaria, a parte perigosa da estrada, o momento de deslanchar, cada passo até cumprir a meta de 1999. Se fosse tudo bem, eu encerraria o ano no top ten. O mapeamento era tão completo que até férias estavam definidas: 14 dias inteiros no verão de Florianópolis sem pegar na raquete.

Na volta para casa na metade do ano, o eterno problema do lugar para treinar também estava resolvido com a academia do Larri em Camboriú. Quando me mostrou o terreno em que pretendia construí-la, achei que ele estava maluco. No caminho até lá passamos por uns 10 quilômetros de estrada de chão, não chegava nunca. O mato era mais alto do que eu. Até em sonho era difícil imaginar que aquilo viraria um lugar para ensinar, praticar e jogar tênis, com todo o suporte, o equipamento e os recursos. Mais uma vez, Larri estava vários passos à minha frente. No ano seguinte, as primeiras quadras já estavam prontas, e tornou-se o único local apropriado para a nossa rotina, pois havia tanta gente querendo ver os meus treinos que ele precisou agendar horário para receber todo mundo.

Com tudo redondo, arranquei como nunca. No Aberto da Austrália, disputei com Safin uma partida que valeu cada centavo do ingresso. O russo venceu o duelo, mas eu nunca tinha jogado tão bem na largada do ano. Em Indian Wells, em março, atropelei Muster, ganhei de mais caras difíceis e cheguei à semi, resultado excelente num Masters Series. Aí perdi para Moyà. Aquele era o jogo da vida do espanhol. Com a vitória, ele se tornou o número 1 do mundo.

Foi um desses raríssimos jogos em que, mesmo perdendo, fiquei feliz pelo meu adversário. De certa maneira, foi uma retribuição. Em 1996, no challenger de Graz, na Áustria, cheguei pela primeira vez aos 100 melhores do mundo depois de ganhar de Moyà. E agora ele assumia a liderança do ranking ao ganhar de mim. No fim da partida, para comemorar a conquista, a

ATP levou à quadra um bolo para ele. Comi um pedaço com a pergunta automática na cabeça: "Por que não eu?" Moyà era meu amigo, nós vínhamos caminhando juntos e, nas vezes em que nos enfrentamos, mais ganhei do que perdi.

Vinte dias depois, eu e Moyà nos encontramos de novo naquela rodada histórica da Copa Davis na Espanha, quando o Brasil derrotou os espanhóis numa façanha que até hoje não se repetiu. Essa conquista improvável na Davis foi a coisa certa na hora exata. Justo na hora do saibro, o meu filão no circuito, eu me sentia a-vas-sa-la-dor. Na minha cabeça, não ia ter para ninguém, aquele era o meu terreno, o meu momento, pode sair da frente que o brinquedo é meu.

Duas semanas mais tarde, ganhei meu primeiro título num Masters, em Monte Carlo. Sen-sa-ci-o-nal! Foi uma vitória atípica pelo modo como aconteceu. No segundo set da final, Ríos abandonou a partida com dores. No embalo que eu vinha, mesmo se ele estivesse inteiro, ia ser muito difícil tirar aquele caneco de mim.

Depois de quase cinco anos sem Senna, o Brasil estava escrevendo novamente a história em Monte Carlo. Foi lá que Ayrton se consagrou, a 150 metros da quadra central em que me tornei campeão. Por isso, Mônaco sempre foi um lugar especial para mim. E se tornou mais por receber ali um título inédito do Masters Series, atual Masters 1000. Com troféu na mão, bandeira do Brasil hasteada e coração disparado, Ayrton parecia mais perto do que nunca, como se ele estivesse acelerando comigo.

Com um presságio desses, o ano só podia ser magnífico. Em maio, cheguei às quartas em Hamburgo. No torneio seguinte, em Roma, ganhei de quem apareceu no caminho e depois, na final, de maneira irretocável, venci Rafter, quarto do ranking. Com meu segundo título do Masters Series no ano, fui para oitavo no ranking, mergulhando de cabeça no lugar de que ninguém quer sair, o top ten. Dessa vez, sim, eu me sentia preparado para isso.

Junto com a armada espanhola – Corretja e Moyà – e o chileno Marcelo Ríos, eu era considerado um dos favoritos para Roland Garros. Jogaria sem a pressão do ano anterior, o que era excelente. Meu tênis estava melhor do que nunca, um grande trunfo. Com a recente conquista de dois títulos importantes, o moral flutuava nas alturas. Agora, além de estar habituado, me agradava a ideia de ser favorito. Ainda faltava experiência, mas o principal já estava na mão.

Ganhei os quatro primeiros jogos atropelando meus adversários. Me empolguei completamente. Nas quartas, me vi de novo frente a frente com o urso ucraniano Andrei Medvedev. Me animei mais. O histórico me favorecia. Nas duas vezes em que nos enfrentamos, ganhei, inclusive em Roland Garros. Além disso, havia uma motivação extra. Se eu vencesse, haveria uma semifinal inédita entre dois brasileiros, pois Fininho ganhara de Corretja nas quartas e já estava garantido na semi.

Não me adaptei ao vento. Estaria ótimo se esse fosse o único fator, mas não foi assim. Ansiedade, falta de conhecimento e experiência, excesso de confiança e empolgação abusiva foram determinantes para eu perder o jogo para um Medvedev entusiasmado no ponto certo. O

urso não deu chance, me esgoelou do começo ao fim.

De noite, fiquei pensando. Poxa, como eu queria ganhar um Roland Garros que não fosse o do "sem querer". Se antes tive tênis para aquilo, agora eu tinha muito mais. Então por que continuava errando e me deixando levar pelas emoções? Eu sabia a resposta, mas experiência não sai da cartola de uma hora para outra. Eu precisava continuar no meu ritmo. Uma vez absorvidas todas as lições, eu começaria a ganhar o Roland Garros do ano seguinte.

Torci demais para Fininho, que jogou muito, fez uma partida espetacular, merecia ter vencido Medvedev. Mas não deu. Talvez tenha esbarrado na mesma falta de hábito que eu naquele tipo de confronto.

Gerard Julien / AFP

Saudando o público no Masters Series de Roma após a vitória contra o australiano Patrick Rafter na final.

Com o fim da temporada no saibro, eu costumava disputar todos os torneios até Wimbledon. Mas, a essa altura, já estava claro para Larri que, se eu quisesse me firmar no top ten, o intensivão na grama mais atrapalhava do que ajudava. Passar três meses longe de casa, disputando cinquenta jogos em sequência, era desgastante. Comia na hora que dava, engolia algum treco voando ou deixava metade no prato porque tinha jogo. Eu terminava esse pedaço

do circuito completamente demolido.

Um tenista top europeu só sai do seu continente três vezes: duas para jogar nos Estados Unidos e uma na Austrália. De resto, passa a vida lá e vira número 1 só disputando os torneios da vizinhança. Se perder, pega um avião e em três horas está na sua cama. Se eu quisesse descansar em casa, eram dois dias para ir e dois para voltar. Totalmente impraticável. Então vivia com o pé na estrada. Fôlego, porém, tem limite. Por isso eu e Larri decidimos que, depois de Roland Garros, mudaríamos de estratégia. A gente ia pular os torneios menores na grama, voltar para casa, descansar por dez dias e só então seguir para Londres.

No meu sonho mais generoso, esperava chegar a uma inédita terceira rodada em Wimbledon. Mas Larri achava que podia ser diferente e lançou um desafio.

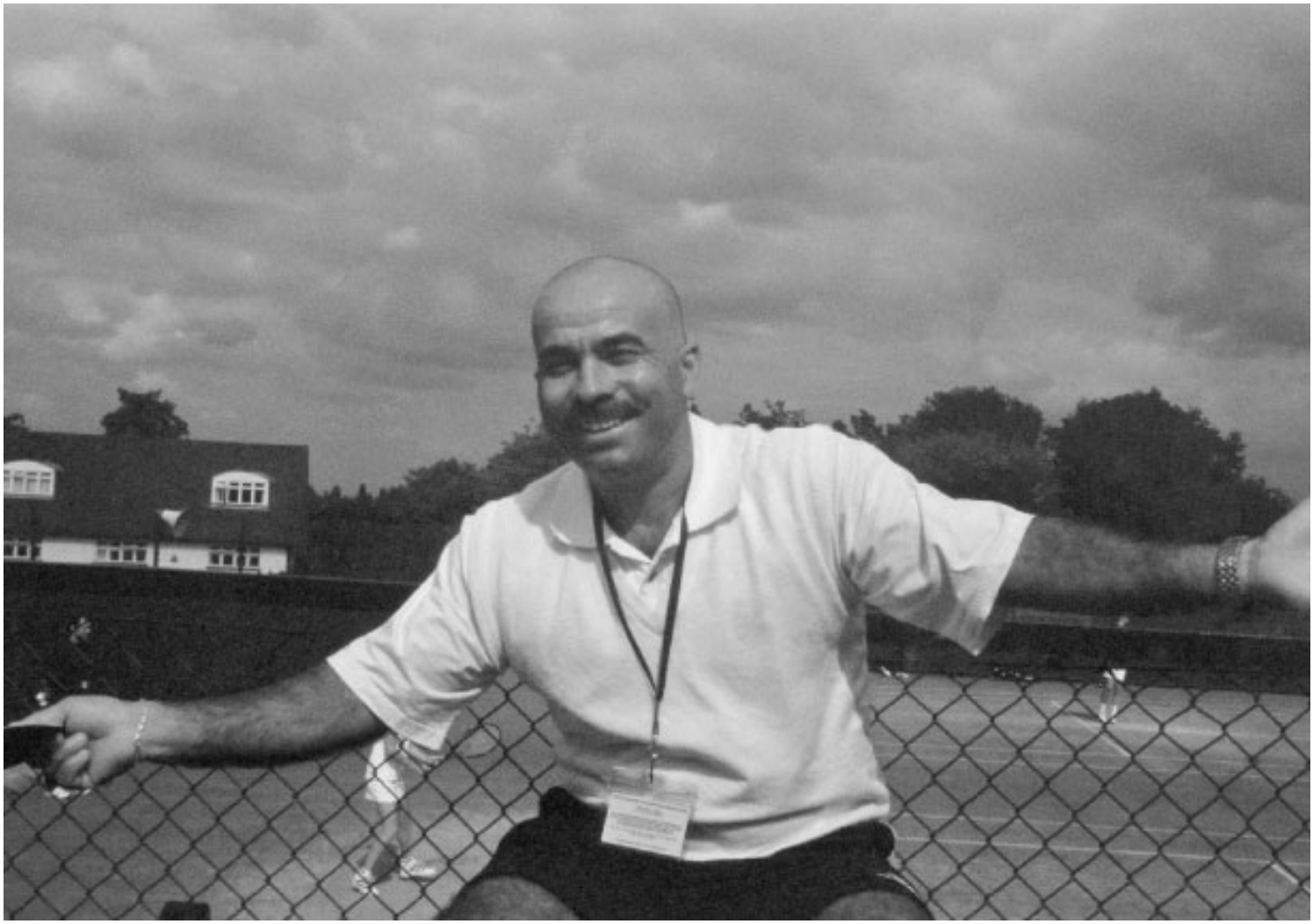
– Guga, se tu chegar às quartas, raspo a cabeça – provocou Larri.

– Mas tu já tem pouco cabelo, que graça tem?

– Muita. É pouco para ti, mas tudo para mim.

Larri vivia me instigando com essas provocações. No Roland Garros de 1997, prometeu que rasparia o bigode se eu ganhasse, sendo que Larri sem bigode é mais estranho do que Kojac com cabelo. Em 1999, depois de Roma, nós dois já tínhamos pintado o cabelo, eu de amarelo e Larri de laranja. Também já fiquei careca, ainda nos tempos de juvenil. Em 2000, quando venci Roland Garros pela segunda vez, ele colocou um brinco de aro que nunca mais tirou.

Acervo pessoal



Larri cumpre a promessa de que rasparia a cabeça se Guga chegasse às quartas de final do torneio de Wimbledon em 1999.

A tática de Larri deu certo. Nas oitavas de Wimbledon, quando saquei para o jogo, já podia ouvir o barulho da maquininha. No caminho até a rede, antes de cumprimentar o adversário, olhei para Larri e passei a mão no cabelo, como se estivesse passando uma máquina zero nele. Ele deu uma gargalhada de felicidade. Depois de tantos anos ao seu lado, eu ainda achava isso incrível. Treinador só encontra a felicidade por intermédio de outra pessoa. Ele não joga, não aparece, depende do sucesso do outro para ser feliz. Eu sentia uma satisfação especial quando conseguia alegrá-lo. Jogando num patamar alto, era a segunda vez no ano que chegava às quartas de final de um Grand Slam, minha melhor campanha em Wimbledon, que seria encerrada apenas por uma derrota para Agassi.

Na segunda-feira, quando a ATP divulgou o ranking da primeira semana de julho de 1999, minha colocação cabia numa mão. Depois das quartas em Wimbledon, eu estava entre os cinco melhores do mundo. Subindo um pouco aqui, descendo um tico ali, manteria essa colocação até o final do ano. Aos 22 anos, eu estava no topo. Nessa posição, o universo é outro. O

tenista vira uma das atrações do circuito; os organizadores dos torneios fazem questão de sua presença. Não falta mais carro com motorista, indicação de passeio, restaurante bom, fisioterapeuta, massagista, hotel de luxo. Os patrocinadores também começam a enxergá-lo com outros olhos.

Se somasse todos os meus contratos desde os 15 anos, não chegaria à quantia negociada nas semanas posteriores à chegada a quinto do mundo. Todas as principais marcas passaram a me cobiçar. Para se defender, Diadora e Banco Real reajustaram o patrocínio. A Head também entrou para o time. Dali em diante, sobretudo nos dois ou três anos seguintes, os valores e a procura decolaram. Em breve, também faria parcerias com o guaraná Kuat, o portal globo.com e o Banco do Brasil, com os quais apaguei de vez a desilusão da desistência da Sadia numa hora crítica.

Mais tarde, em 2000, a Nike entraria na parada. Aquilo podia ser a realização de um sonho de infância, pois desde novinho me imaginava jogando com o símbolo da empresa, como Agassi no tênis ou Michael Jordan no basquete. Mas preferi não bater o martelo. Eles exigiam exclusividade e eu não quis trocar três marcas brasileiras por uma estrangeira.

No cômputo geral, a parte financeira é a que menos me atrai. Se dependesse de mim, não queria saber de valor nenhum. Dinheiro sempre foi decorrência do tênis, não objetivo. Meu negócio estava na quadra, jamais gostei de me envolver em negociações, discutir contrato, pensar em valores. Jorge sabia o que fazer, Larri e Rafa davam as coordenadas. Na maioria das vezes, vinha tudo mastigado e com os conceitos preestabelecidos por nós, assim eu perdia o mínimo de tempo possível com aquilo.

Imagine receber, numa tacada só, 750 mil dólares de prêmio por um título de Grand Slam. Aí jogar mais cinco partidas e ver mais 50 mil na conta. Depois chegar a uma semi e receber 100 mil. Ganhar um torneio legal e embolsar outros 300 mil. Aquilo já estaria mais do que excelente, mas ainda havia reajuste de patrocínio, proposta de interessados, oferta daqui e dali, sondagem de publicidade, negociações de mais contratos. Como a carreira continuava, aquilo devia se repetir no próximo ano e no seguinte e no que viria depois. Quando pensava nisso, eu ficava abismado. Lembrava que o Jorge tinha dito, pouco depois do título de Roland Garros, que um campeão de Grand Slam era um cara de 10 milhões de dólares.

Aqueles números eram uma loucura para mim, um negócio completamente fora da minha realidade. Até três anos atrás, quando eu ganhava torneio, o dinheiro do prêmio cabia na carteira emborrachada que usava, com fecho de velcro. Aí eu entrava numa loja de discos, gastava metade comprando meia dúzia de CDs e saía de lá realizado, o mais feliz dos vencedores. Era isso o normal para mim. A única exceção tinha sido o prêmio do Interclubes alemão, com o qual comprei o apartamento de dois quartos em Camboriú.

Eu não tinha o que fazer com tanto dinheiro. Em 1999, morava com a mãe, o Rafa e o Gui. Casa, quartel-general para treinar com o Larri, carros na garagem, CDs, a sequência de camarão no tradicional restaurante do Oliveira, tudo o que eu precisava já estava ali, com sobra. Depois do violão, tinha comprado um baixo para tocar com os amigos. Não tinha mais

nenhum sonho de consumo, só me restava fazer uma poupança. Já tinha ouvido dezenas de histórias de caras que compravam helicóptero, iate, jatinho e depois não sabiam de onde tirar grana para encher o tanque da frota. Isso não ia me pegar.

Mas também não tinha ideia da melhor maneira de investir ou aplicar. Mais uma vez, o cara certo estava do meu lado. Agora, no entanto, não era o Larri, e sim o Rafa. Com o passar dos anos, a aptidão natural do meu irmão para administrar situações evoluiria para um talento incomum em gerir negócios, a ponto de hoje o Rafa ser o presidente executivo do nosso grupo empresarial. Já que o guarda-chuva era grande, Rafa, Larri e Jorge que se virassem com as finanças, enquanto eu continuava a jogar tênis.

Acervo pessoal

Rafa e Guga em evento corporativo no Museu do Louvre em 2012.

GUARDIÕES DO TRONO

Depois do Wimbledon em que Larri ficou careca de vez, veio uma rodada importante da Davis, na França, nas quartas de final do grupo mundial. Ali, na estreia da simples, contra Sebastien Grosjean, 34º do mundo, tive uma das partidas mais complicadas da carreira. Com o jogo empatado em 1 a 1, no meio do terceiro set, tive cãibra na mão direita. Demorei a identificar, nunca tinha sentido aquilo na vida. Era uma dor paralisante, eu sacava e a mão ficava torta, travada, uma garra que não mudava de posição. Na devolução, conforme fosse, tinha que bater com as duas mãos. Venci o terceiro set, 2 a 1 para mim, mas a agonia continuou.

No quarto, me arrebentando por dentro, tentei manter a expressão de paisagem para Grosjean não perceber. Mas aí a cãibra se espalhou. O abdômen se contorcia. A panturrilha fisgava. A coxa travava. A perna petrificava. Não deu mais para disfarçar. Numa virada de lado, Alex Stober, fisioterapeuta da equipe brasileira, me mandou beber litros de isotônico para reidratar e repor eletrólitos. Respira fundo, anda, não senta, bebe mais. Já estava encharcado de líquido e aquilo não passava.

Grosjean estava ganhando o quarto set por 5-2. Se fechasse, teríamos que ir para o derradeiro e eu não me aguentava em pé. Tirando força sei lá de onde, joguei mais meia hora entortado. Empatei em 5-5, a cãibra me arregaçando. Tanto esforço foi em vão. Grosjean ganhou no tie-break. Ainda faltava mais um set para a partida ter um vencedor.

– Gente, não vai dar – falei para Ricardo Acioly, o Pardal, que havia substituído Paulo Cleto no comando da equipe brasileira.

– Precisa dar, encontra um jeito, a cãibra já vai passar, bebe mais para reidratar – disseram Pardal e Alex quase em coro.

No quinto set, a dor não dava sinal de diminuir, eu não tinha para onde correr, os músculos repuxavam em agonia, uma aflição miserável. A partida não acabava. Nos saques, escorriam lágrimas de dor. Elas já deviam estar ali, mas eu só percebia nessa hora. Fomos indo, um encostado no outro, 5-5, 6-6, 7-7. Depois de Grosjean desperdiçar todas as oportunidades possíveis, passei à frente, 8-7 para mim. No ponto seguinte, finalmente, pus fim ao martírio e ganhei o jogo. Em toda a carreira, aquele foi, de longe, o maior caso de superação que tive numa quadra de tênis. Uma foto tirada no momento da comemoração resume a ópera. É o retrato de um monobloco de dor explodindo de felicidade pelo dever cumprido sob as

condições mais adversas.

Só depois de uns dois meses de investigação, descobriríamos nos Estados Unidos o que provocou aquilo. Na época, estava na moda a creatina, um composto de aminoácidos que nutricionistas recomendavam e tenistas adotavam. Fazia meses que eu tomava creatina, junto com as habituais proteínas e vitaminas. Nunca tinha acontecido nada. Mas, para uma pessoa que bebe pouca água como eu, aquilo funcionou como uma bomba-relógio. Tique-taque e o organismo reagiu à combinação de pouco líquido com muita creatina. Meu corpo virou um reservatório de ácido láctico e a cãibra me consumiu.

Depois da partida com Grosjean, fiquei duas horas sem sentar, alternando caminhada com corrida. Dormi com soro. No dia seguinte, havia a partida de dupla, na qual eu e Jaime tínhamos de encarar Fabrice Santoro e Olivier Delaitre. Alex marcou comigo às oito da manhã para darmos início aos preparativos para o jogo. Não despertei. Quando ele foi me tirar da cama, não consegui me mexer. Na pista de corrida, faltava perna para me arrastar. Levei mais de quinze minutos até dar os primeiros passos e meia hora para o trote.

Por mais que Jaime tenha feito o máximo, eu estava muito avariado. Perdemos da dupla francesa. No dia seguinte, na simples, encarei Cedric Pioline. Eu me sentia menos quebrado, mas sem chance de competir de verdade. Perdi. Com isso, a França foi para a semifinal e o Brasil ficou no meio do caminho.

Depois dessa experiência mórbida na Davis, era óbvio que precisava descansar. Mas me meti a besta, disputei Stuttgart e quebrei a cara. Com os fatos falando por si, tirei o time de campo. Voltei a Florianópolis e passei quase duas semanas de molho antes da temporada de quadra rápida. Sábia decisão. Descansado, entre agosto e setembro emplaquei três quartas de final seguidas, em Cincinnati, Indianápolis e no US Open.

Na segunda rodada do Aberto dos Estados Unidos, contra o holandês Paul Haarhuis, voltei a ter cãibra. Não foi terrível como da outra vez, mas também atrapalhou bastante a vitória. Para compensar, foi aí que a gente matou a charada. Conversando com médicos americanos, descobrimos que a creatina estava provocando aquilo. Parei de tomar na mesma hora. A cãibra não voltou mais.

Aquele seria um dos meus melhores US Open. Na terceira rodada, ganhei do croata Ivanisevic e de seu saque demolidor. Nas oitavas, Magnus Norman, sentindo dores, abandonou nossa partida. Nas quartas, contra o francês Cedric Pioline, joguei bem. Deve ter sido a primeira vez que consegui desempenhar na quadra rápida como fazia no saibro. Ganhei o primeiro set de 6-4. Mas depois perdi os três seguintes no tie-break, os três por 7-6. Fiquei pelo caminho, mas o jogo poderia ter sido meu. Estava pegando a manha, me tornando um jogador versátil e eficiente.

Em todos os momentos da partida, nenhum lado deu brecha para o outro respirar. Na maior parte do tempo, fui superior, mas, na hora agá, Pioline fazia malabarismo e salvava bola impossível. Numa dessas, não me aguentei. Num rali com mais de vinte trocas de bola, no qual o francês parecia um limpador de para-brisa indo de um lado a outro para pegar minhas bolas,

com o jogo em 9-9, subi à rede e dei um voleio impossível de chegar. Mas Pioline se esticou todo e, caindo no chão, rebateu, com a bola fazendo uma curveta do além numa jogada indefensável. Aquilo foi demais. Não pensei, agi por impulso.

Larguei a raquete, atravessei a quadra e parei na frente de Pioline, ainda caído no chão. Ele me olhou e, como toda a torcida, não estava entendendo nada. O francês me observava com uma expressão interrogativa: "O que esse cara está fazendo aqui? Tá querendo me bater? Veio entregar o jogo?"

Então estendi a mão, cumprimentei-o e falei:

– Jogada espetacular. Impressionante. Parabéns.

Ninguém esperava ver essa cena numa quadra de tênis. Eu já estava voltando para o meu lado quando a ficha caiu para as 15 mil pessoas na plateia. De repente, todas se levantaram e aplaudiram. Pioline sorria, ainda incrédulo. Aquele meu cumprimento inusitado acabaria se tornando o gesto emblemático do jogo. Mas, não importava o que eu fizesse, aquele não era o meu dia de ganhar. Apesar da qualidade do confronto, foi uma derrota doída. No detalhe do detalhe, perdi uma chance real de chegar à semi do US Open, talvez de alcançar uma final inédita.

Na sequência, em Munique, na Alemanha, disputei o Grand Slam Cup, que não existe mais. O torneio era uma das guloseimas mais apetitosas do circuito. Com uma premiação de 1,5 milhão de dólares para o vencedor, era disputado pelos 16 jogadores mais bem colocados nos Grand Slams do ano. Só por se classificar o tenista recebia 100 mil dólares. Se tivesse sido campeão em Grand Slam, levava mais 250 mil de bônus.

Eu havia participado desse torneio em 1997. Ali, torci o pé e perdi na primeira rodada para o tcheco Petr Korda. Dessa vez, fui derrotado pelo britânico Greg Rusedski. Essa foi a última edição do Grand Slam Cup. Caríssimo, com prêmio milionário, poucos patrocinadores e uma conta que não fechava, foi extinto.

Depois veio o torneio de Lyon, na França, que acabou sendo muito importante. Lá, sacramentei o que já era quase certo desde o US Open: carimbei mais um passaporte dourado. Agora estava garantido no Masters Cup no final do ano, o grande torneio dos campeões, hoje conhecido como ATP Finals.

Lyon ainda me deu outra felicidade. Depois de ganhar de mim e se tornar o campeão do torneio, Nicolás Lapentti, o Nico, se posicionou entre os oito primeiros do ranking e se classificou para o Masters junto comigo. A presença do meu amigo ali tornou a conquista mais saborosa. A gente vinha na mesma estrada desde os 13 anos. Sorrimos, sofremos, choramos juntos diversas vezes e logo, mais uma vez lado a lado, disputaríamos o torneio mais exclusivo do tênis.

Eu e Nico caímos na mesma chave de Sampras e Agassi. Nem no meu sonho mais absurdo eu me imaginei um dia na mesma chave que esses caras, menos ainda no Masters. Se Lapentti não estivesse ali, seria ainda mais assustador.

Logo na minha primeira participação no Masters, dois dias antes da estreia, recebemos a

notícia de que a ATP queria mudar a bonificação dos jogadores, que cada um recebe dependendo da posição final no ranking daquele ano. Aquilo era um absurdo. De uma hora para outra, os oito tenistas perderiam o direito de receber uma premiação que variava entre 250 mil a 1 milhão e meio de dólares. Descontente, a maioria protestou. Apenas Agassi e Sampras não se manifestaram, para eles não fazia grande diferença. Um dia antes do início do Masters, uma comissão de tenistas insatisfeitos se reuniu com o presidente da ATP reivindicando os bônus de direito. Ele foi inflexível, disse que não ia dar. Então eu, Nico e Kafelnikov, falando pelos outros três, ameaçamos não jogar. Estava em cima da hora, não dava mais tempo de substituir seis jogadores de um dia para outro. Vencemos a queda de braço. A ATP voltou atrás e o bônus foi mantido naquele ano.

Realizado no final de novembro em Hannover, na Alemanha, mais do que um torneio, aquele Masters foi um show. Em 1999, já estava em andamento o processo pelo qual o tênis também pretendia ser visto como entretenimento, com seus ídolos dando espetáculo como superstars. Foi uma experiência maravilhosamente inusitada.

Quando os alto-falantes anunciaram meu nome, primeiro fiquei arrepiado com a salva de palmas e os gritos de saudação dignos de concerto de rock. Depois, entrei na quadra toda escura, com só um holofote me iluminando, coisa de cinema. Só não me achei o próprio Bono porque não conseguia sentir mais nada além de nervosismo, apreensão e expectativa, ainda mais depois que os mesmos alto-falantes, o mesmo holofote, a salva e os gritos se voltaram para Pete Sampras, meu adversário na estreia.

Então aquilo estava mesmo acontecendo. O Guguinha ia jogar contra um cara que passaria 286 semanas – 5 anos e meio! – como número 1 do mundo, dono de 64 títulos na carreira, sendo 14 em Grand Slams. Ele havia passado mais tempo no topo do ranking do que eu tinha de profissional! Difícil manter a calma nessa situação.

Começamos o aquecimento seguindo o ritual que vigora desde os primórdios do tênis, com os dois batendo no fundo, depois voleando e sacando. Iniciamos o bate-bola. Depois ele deu seus voleios. Na minha vez, peguei a bolinha, atirei para o alto e comecei a sacar. De repente, escutei a voz de Sampras:

– Ô cara, não vai volear?

Estava tão nervoso que esqueci que existia voleio, passei direto para o saque. Ficou evidente o quanto eu estava desnorteado. Perdi a partida antes de a bola entrar em jogo. Mesmo se não tivesse cometido essa gafe, o fim da história seria o mesmo, com Sampras me dando uma escovada memorável em menos de uma hora. Já tinha assistido a partidas da lenda na plateia, vira de perto o quanto era perigoso. Mas com ele ali, dentro da quadra, não precisei de cinco minutos para sentir na pele sua genialidade.

O prodígio começava no saque. Não era só uma questão de força e precisão, mas também de versatilidade e, sobretudo, de uma capacidade inacreditável de ler o posicionamento e a movimentação do adversário. Parecia que ele estava sempre um passo adiante, se antecipando à minha intenção e mandando do lado inesperado. Mal dava para chegar nas bolas.

Lá pelo quinto ou sexto saque vencedor, uma lembrança fora de hora me veio à cabeça. Quando eu tinha 19 anos, Marcelo Filippini me pediu para treinar com ele. No dia seguinte, o uruguaio ia jogar com Sampras no torneio da Filadélfia, em que eu tinha perdido no quali. Prevendo o problema que o cidadão ia enfrentar, Larri sugeriu que eu sacasse com toda a minha força para que ele praticasse devolução. Surpreendentemente, ele largou esta:

– Não, não precisa. O saque dele não é problema.

No outro dia, Filippini perdeu de lavada. Levou um monte de aces. Até hoje não entendi de onde ele tirou aquela conclusão. Agora era eu que estava sofrendo aquele bombardeio. Sampras me venceu facilmente, 6-2 e 6-3.

Se essa partida tivesse ocorrido dois anos antes, eu levaria uns quatro meses para compreender tudo o que aconteceu ali. Mas agora já estava escolado. Em três horas, entendi que o meu nervosismo não deixava de ser inevitável: Sampras era um adversário muito superior, o saque não tinha defesa naquele momento e eu precisava me virar no futuro e encontrar um antídoto para aquele veneno.

Na sua primeira partida, Nico também não conseguiu segurar Agassi. Como eu, levou uma lambada. E depois eu e Lapentti nos enfrentaríamos, os dois novatos no clube dos campeões. Venci meu amigo por 6-1 e 6-2, na minha primeira e inesquecível vitória naquele evento glorioso. Com duas derrotas, Lapentti não tinha mais chance de ir à rodada seguinte. Mas eu ainda estava vivo no torneio. Para seguir além, porém, precisava vencer Agassi.

Aquele Agassi de quem eu tinha ganhado no passado não existia mais. Ele tinha deixado para trás a fase ruim e agora era de novo um exterminador em quadra, o cara que terminaria o ano como número 1 do mundo. Mesmo assim, eu tinha esperança. Já estava mais calmo, tinha vencido uma partida, reencontrado meu melhor tênis e ganhado confiança.

Do começo ao fim, eu e Agassi jogamos de igual para igual. Tudo bem que, para isso acontecer, eu tinha que ir ao meu limite, enquanto ele ficava no feijão com arroz iluminado dele. De qualquer forma, foi um combate franco, com um lado dando trabalho para o outro e fazendo a alegria da plateia com jogadas empolgantes. No fim, perdi de 2 a 0, por 6-4 e 7-5, mas aquela partida me deu a sensação de que eu não era um estranho no ninho, que dava realmente para fazer parte daquele clube.

Quando o ano terminou, só quatro tenistas estavam mais bem posicionados do que eu no ranking da ATP: no topo, Agassi, seguido, pela ordem, de Kafelnikov, Sampras e o sueco Thomas Enqvist. Para mim eles representavam os guardiões do trono. Naquele momento, seria muita ousadia achar que poderia superá-los e me tornar o número 1. De qualquer forma, essa era uma questão para outra hora. Depois de uma temporada com 24 torneios, 75 partidas, 50 vitórias e dois títulos de Masters Series, a missão estava cumprida e eu finalmente ia receber o tão esperado prêmio das minhas férias. No aconchego do lar, fui curtir a família, ver os amigos e surfar nas minhas duas semanas de folga em Floripa.

Michael Probst / AP

Masters de Hannover de 1999, reunindo os oito melhores tenistas do ano. Da direita para a esquerda: Andre Agassi, Yevgeny Kafelnikov, Gustavo Kuerten, Thomas Enqvist, Pete Sampras, Nicolas Kiefer, Todd Martin e Nicolás Lapentti.

A HORA DA SOBREMESA

—Tá na hora da sobremesa, entra lá e se lambuza.

Desde o juvenil, era desse jeito que Larri me incentivava quando eu passava das quartas. A sobremesa era a porção compreendida entre a semi e a final, que ficava mais saborosa conforme o bolo crescia e atingia a perfeição se fosse servida numa taça.

Até dois anos antes, chegar às quartas era motivo de festejo. Mas agora, como quinto do ranking, o que era o final do arco-íris virou a porta de entrada. Vencer as primeiras rodadas se tornou um aperitivo, uma parte do ofício, a abertura do ritual para chegar aonde realmente interessava, a hora da sobremesa. É certo que minha gulodice vinha aumentando nos últimos anos, mas 2000 foi o primeiro ano em que me lambuzei com a fatia mais gostosa do circuito. De 1997 a 1999, eu tinha conquistado seis títulos em oito finais. Nos 23 torneios de 2000, cheguei à final sete vezes, nas quais fui campeão em seis. Ou seja, fiz em um ano o que antes só fazia em três. Até então, esse seria o melhor desempenho da minha carreira.

Desde os meus 13 anos, quando comecei a treinar com Larri, as metas sempre miravam para cima e eu as seguia sem saber muito bem aonde iam dar. Essa, no entanto, foi a primeira vez que consegui enxergar o fim do caminho. Eu nunca tinha estado tão perto do topo da montanha. O caminho até lá não era longo, mas os últimos metros da escalada eram os mais íngremes. Montamos então o nosso cronograma de forma a continuar subindo com calma e segurança, passo a passo.

Como de costume no início da temporada, perdi na Austrália. Em Sydney e Melbourne, não passei da primeira rodada. Na sequência, voltei a Florianópolis para disputar uma rodada da Davis pelo grupo mundial, dessa vez contra a França. Ganhamos tranquilo, com folga. Era o impulso de que eu precisava para voltar empolgado ao circuito.

Vira e mexe, a ATP fazia mudanças no calendário, que geralmente não alteravam grande coisa. Mas a mais recente delas me favoreceu. Os torneios da América do Sul, que só ocorriam no final do ano, passaram para o começo. Por jogar mais perto de casa, eu me desgastaria menos com viagens. Além disso, todos eram no saibro. Era minha chance de começar a faturar. Então, em Santiago, no final de fevereiro, ganhei o primeiro título de campeão do ano. Em Bogotá, cheguei à semi. Maravilha. Se mantivesse esse pique na quadra dura, teria ainda mais condição de deslanchar.

Fui para Indian Wells no maior embalo. Mas, na metade do primeiro jogo, minhas costas

começaram a doer. No segundo, sofri do começo ao fim. Perdi. Sei lá de onde vinha aquilo, provavelmente resultado de uma noite maldormida ou um mau jeito no dia anterior.

Quando cheguei a Miami para o torneio seguinte, a dor tinha desaparecido. Fora do Brasil, esse é o lugar em que um tenista brasileiro mais se sente em casa. Na torcida sempre há pelo menos umas quinhentas pessoas torcendo e apoiando, lembrando o clima de Copa Davis.

O primeiro confronto, contra o francês Arnaud Clement, foi aquele típico jogo de estreia, enroscado, nervoso. Virando uma partida praticamente perdida, ganhei de 2 a 1, sendo que os três sets acabaram em tie-break. Depois desse sufoco, passei tranquilo pelo croata Goran Ivanisevic e o italiano Gianluca Pozzi. Nas quartas, dei um caldo no Wayne Ferreira. Na semi, veio a hora da verdade. Meu adversário agora era Andre Agassi. E, se passasse por ele, teria que enfrentar Pete Sampras na final.

Mas foi na semi de Miami que tive o meu primeiro lampejo extraordinário do ano. Iluminado, ganhei de Agassi por 6-1 e 6-4. Venci o número 1 do mundo com as mãos nas costas, na quadra de que ele gosta, em um de seus torneios preferidos e no país dele. Sensacional.

E aí fui para a final com Sampras. "Se eu ganho essa, tô consagrado, posso encerrar minha carreira", eu pensava antes do jogo, uma vez que nenhum tenista tinha ganhado de Agassi e Sampras num mesmo torneio. Mas não ia ser dessa vez. Em 25 minutos, Sampras já tinha fechado o primeiro set, me dando uma escovada, 6-1; parecia jogo de profissional contra amador, um trem passando por cima do garotão.

No segundo set, já via tudo indo para as cucuias. Se ficasse daquele jeito, ia acabar rapidinho. Perdido por perdido e meio, fiquei alternando jogadas. Melhorou mas não muito. Como já tinha tentado de tudo, decidi inventar. Todo mundo aconselhava a ficar o mais para a frente possível para responder o saque do Sampras. Resolvi fazer o contrário. Comecei a me posicionar três metros mais para trás. Desse modo, mesmo que viesse um petardo e em cima da linha, eu teria mais tempo e força para responder. Acertei. Depois disso, a partida foi outra. Encontrei uma forma de jogar e finalmente me senti competitivo contra ele. Passei a incomodar, ameaçando, apertando. Ganhei o set. Tudo igual. Um a um.

Encarar Sampras no auge era realmente um negócio complicadíssimo. O cara era mesmo um fenômeno, sabia todos os truques, não existia mais mistério para ele numa quadra. Mas, agora que eu tinha encontrado uma brecha, ia ficar grudado no pescoço até o final. Cada vez mais empolgado por estar conseguindo competir com um dos maiores gênios da história do tênis, atingi um daqueles níveis iluminados. A partida ficou sensacional, um duelo de titãs, com a torcida dos dois lados berrando. Parecia que não era mais um jogador contra outro, mas uma batalha entre Brasil e Estados Unidos, uma sensação arrepiante. Perdi o terceiro set no tie-break, com os americanos indo ao delírio.

No quarto set, outra batalha épica. Depois de três horas e meia de jogo, exaustos, chegamos novamente ao tie-break. Ali, Sampras chegou a fazer 6-2. Salvei quatro match points e empatei em 6-6. No ponto seguinte, num momento crucial da hora derradeira, fui

garfado escandalosamente. Numa troca de bola, subi à rede na esquerda de Sampras. Ele mandou uma cruzada, que passou na minha frente. Deixei ir embora, sabia que ia para fora. Esperei um segundo que parecia meia hora pela decisão do juiz. Mas o cara, inacreditavelmente, deu bola boa.

Fiquei pasmo. Todo mundo viu que foi fora. Metade do estádio protestou e a torcida brasileira deu uma vaia de um minuto. Frustrado, com raiva, esperneei, reclamei, bati a raquete no chão. Mas que juiz teria coragem de voltar atrás nessa hora e contrariar Sampras?

Era tão claro que o ponto devia ter sido meu que foi constrangedor até para Sampras. No ponto seguinte, ele fez dupla falta. Tudo igual de novo, 7-7. Mais dois pontos e chegamos ao 8-8. Mas aí não teve mais jeito. O erro do juiz acabou custando muito caro para mim. Na sequência, numa jogada parecida, só que do outro lado da quadra, mandei uma bola no mesmo lugar que Sampras. Mas dessa vez o juiz acertou e marcou fora. Perdi o jogo.

Fiquei indignado, não pelo resultado em si, mas pelo jeito que aconteceu. Aquilo foi muito dolorido. Enquanto Sampras comemorava, destruí a raquete de raiva, jogando-a longe. Não via mais nada na frente, só a frustração. De tão amuado, não lembro de cumprimentar o juiz ou Sampras e nem de levantar o troféu de vice. Uma partida que tinha tudo para ser memorável, inesquecível pelo duelo arrebatador em quadra, na hora acabou sendo uma das mais frustrantes da minha carreira.

No vestiário, Sampras estava acabado por causa do nosso confronto, com saco de gelo por tudo quanto era lado. Num belo gesto, ele se levantou do banco e veio falar comigo. Deu os parabéns, comentou que tinha sido uma linda batalha, que tínhamos dado um espetáculo magnífico, que eu jogara como campeão. Foi um dos maiores elogios que recebi, sobretudo por vir de um cara que sabia muito bem do que estava falando. Perder aquela partida doeu, mas, depois do reconhecimento do que eu tinha feito em quadra, não machucou mais.

Saí de Miami naquele mesmo domingo em direção ao Brasil para mais uma rodada da Davis pelo grupo mundial. Fui praticamente do vestiário direto para o aeroporto. No avião, pensei, ainda espantado: "Caramba, olha só os caras com quem eu estou competindo!" Era uma sensação incrível, mas também ainda um pouco estranha, entrar em quadra com aqueles tenistas que você sonhava ser. Pela primeira vez, me permiti, sem medo, receio ou falsa esperança, me reconhecer como uma das cerejas do bolo.

Nessa etapa da Davis, contra a Eslováquia, a equipe brasileira era comandada pela dupla Larri Passos e Ricardo Acioly, o Pardal. A base da nossa equipe era a mesma: eu, Jaime, Fininho, além do estreante André Sá. A essa altura, eu já me sentia confortável cumprindo o papel de líder da equipe. Com eles ao meu lado, estava em casa.

Cheguei ao Rio de Janeiro numa segunda-feira e, como vinha ocorrendo desde que virei o quinto do ranking, tive mais uma recepção de celebridade mundial. No começo, a multidão me deixava pasmo, mas àquela altura tinha virado rotina e eu já conseguia lidar bem com o assédio. A imprensa queria saber tudo. Como foi jogar com Sampras? Vai chegar a número 1? Prefere cachorro ou gato? Azul ou amarelo? E aí, tá namorando? Não havia assunto que

ficasse de fora.

Às vezes encarar aquilo era um pouco desgastante, mas não chegava a incomodar. Também entendia perfeitamente quando um admirador tomava coragem e vinha pedir autógrafo, no que talvez fosse a única chance da vida dele de ficar diante de um ídolo de carne e osso. Naquela semana devo ter dado uns mil autógrafos, algo cada vez mais raro depois da invenção do celular com câmera. Hoje, para cada dez fotos que tiro, aparece só um pedindo autógrafo.

Comecei a treinar na mesma segunda da chegada, debaixo de um sol de quase 40 graus e de uma plateia de quase mil pessoas. Os jogos seriam na sexta e no sábado. Nos três dias que eu tinha até a largada, precisava descansar do turbilhão de Miami, treinar para me readaptar ao saibro e também atender todas as pessoas que queriam falar comigo. Uma equação difícil de resolver, ainda mais porque, como Sampras, também saí destruído daquela final. Eu me arrastava nos treinos, o sol derretendo, a plateia querendo ver jogo.

Na primeira partida da simples, Fininho perdeu de Dominik Hrbaty, que desde o ano anterior estava numa grande fase. Na segunda, encarei Karol Kučera, um jogador raro no circuito. Quanto melhor o adversário, mais ele jogava. Irritante. As vitórias dele sobre Sampras não foram por acaso. Eu tinha suado muito para ganhar de Kučera em Roma no ano anterior, com 7-5 na negra.

No primeiro set, numa atuação irretocável do meu adversário, perdi fácil, de 6-2. No segundo, preocupado e cansado pela maratona dos últimos dez dias, ficava ofegante até no saque. Desgastado, comecei a jogar mal. E aí, sem querer, descobri uma coisa interessante. Se o adversário jogava mal, Kučera também o seguia no desempenho sofrível. Eu dava uma bola fraca no meio da quadra e ele desperdiçava. Fazia o básico e ele se embananava. Maravilha, tinha achado um caminho, mas como ia achar a fórmula de jogar mal de uma hora para outra, ainda mais na frente de uma torcida de 10 mil brasileiros? Bem, naquele momento, não tinha outro jeito. E, desse modo estranho, ganhei o segundo set por 6-3.

Jogo contra Karol Kučera pela Copa Davis, no Clube Marapendi, no Rio de Janeiro, em abril de 2000.

A plateia pareceu não ter se importado. Continuava gritando meu nome, me empurrando, incentivando. No terceiro set, quase sem fôlego, a tática salvadora não foi suficiente. Voltei a jogar bem, Kučera foi ainda melhor e venceu por 6-4. Dois sets a um para ele.

No quarto, tudo indicava que eu rumava para uma derrota dolorida. Mas aí resolvi acatar uma sugestão da minha equipe. Coloquei um boné para tentar amenizar o calor. Não achei que

ia adiantar nada, mas fez uma diferença enorme. Na hora, a temperatura baixou uns dez graus. Recuperei o fôlego e me senti renovado. Fomos indo no pau a pau. Chegamos ao 5-5. Aí quebrei o saque dele e fiquei em vantagem. Uma das fotos de que mais gosto foi tirada neste instante, no momento em que comemorei com a torcida o que para mim foi o ponto mais importante do jogo.

"Agora que fiquei na frente, meu amigo, tu vai dançar", desafiei Kučera com o olhar.

Como tinha dado certo antes, voltei à tática de jogar mal, tirando o peso da bola, devolvendo devagar para o cara se atrapalhar. Pilhado pela torcida, minha vontade era partir para cima de novo e dar show. Mas eu ficava me contendo: "Se jogar bem, ele pode ameaçar. Então vai na maciota, deixa ele se enrolar." Deu certo, fiz 7-5 no quarto set, empatei a partida, com o estádio vindo abaixo, eu já me sentindo o campeão Master of the Universe.

No quinto set, continuei me policiando para não soltar o braço. Fiquei só naquele feijão com arroz que ele não sabia como digerir. Fiz 3-0. Fui levando tranquilo até o jogo ficar 5-1, sem arriscar uma única bola. Só depois disso é que soltei o leão. Kučera não teve mais reação, o jogo era meu. Quando fechei em 6-1, só faltou a torcida invadir a quadra para me carregar nos braços. Explodindo de alegria, eu nem sentia mais o cansaço. Mais do que a vitória, o maior privilégio foi a extraordinária oportunidade de ter vivido tudo aquilo.

Com 1 a 1 no placar geral, eu e Jaime enfrentamos Kučera e Hrbaty na dupla. Ganhamos numa partida equilibrada, mas sob nosso controle. A torcida mantinha a mesma energia do dia anterior, aplaudindo e vibrando, numa empolgação que tornava nossa dupla quase imbatível na Davis. Era uma coisa tão sensacional que eu não queria que aquilo acabasse. Dava vontade de ficar ali para sempre, recebendo o carinho do público.

Agora estávamos na frente, Brasil 2, Eslováquia 1. Precisava de só mais uma vitória. Se eu ganhasse de Hrbaty na simples, a fatura estaria liquidada.

Mas não sou o Super-Homem. Moído pelo desgaste e entorpecido por um calor absurdo, deparei com um Hrbaty inspirado e avassalador. Num primeiro set duríssimo, ele venceu por 7-5. Eu tinha brigado como maluco para evitar isso, mas não deu. Senti o golpe, fiquei meio baqueado.

No segundo set, eu continuava sem entender como um europeu, um cara que saiu da neve, conseguia ser tão agressivo debaixo daquele sol. Perdi de novo. E no terceiro também. Saí frustrado, ofegante e desmilinguido da quadra. Fui ao limite do corpo, extrapolei. Faltou a energia que eu vinha consumindo nas duas últimas semanas de competições intensas. Acabado em todos os sentidos, precisei de ajuda para chegar ao vestiário e deitar na maca.

Com 2 a 2 no placar geral, a decisão foi para a partida entre Meligeni e Kučera. E aí Fininho ganhou de virada, num jogo dramático que envolveu de tudo: persistência, luta, superação, as especialidades da casa de Fininho. Foi a maior vitória dele na Davis, uma recompensa pelo que vinha jogando desde a semi de Roland Garros do ano anterior. Com isso, pela terceira vez na história, a segunda com o Jaime, no maior momento vivido pela nossa equipe, o Brasil se classificou para a semi do grupo mundial da Copa Davis. A primeira

foi com Thomaz Koch e Edison Mandarino. A última tinha sido em 1992, quando Jaime, Mattar e companhia venceram a Alemanha de Boris Becker.

A Davis sempre teve um significado especial para mim. Eu me entregava de corpo e alma, não me poupava em nenhuma vírgula, ainda mais quando era no Brasil. Estava disposto a qualquer sacrifício para defender o meu país, mas depois precisava ficar quatro dias de molho, sem sair de casa, só deitado e comendo, para me recuperar. Dessa vez, no entanto, não dava tempo. Tinha que fazer as malas e ir direto para a Europa.

Nessa época, o mundo do tênis estava passando por outra transformação. Até então, os organizadores dos torneios pagavam quantias cada vez maiores para garantir a participação dos melhores jogadores, que, por sua vez, atraíam grandes plateias e patrocinadores. Os tenistas, obviamente, preferiam participar daqueles que pagassem mais, deixando de lado os menos atrativos. Chegou então um momento em que as cifras ficaram tão altas que se tornaram proibitivas. Para acabar com esse leilão que desequilibrava o circuito, a ATP mudou a regra do jogo.

Os nove torneios do Masters Series, hoje chamados de Masters 1000, passaram a ser obrigatórios para os tenistas mais bem posicionados no ranking. Com isso, o número de torneios aumentou de uma hora para outra, passando de 14 para 18 o total de eventos que geravam pontos para o ranking. Isso colocou ordem na casa, mas de certa forma, até que tudo se readaptasse, desgastou, comprometeu e encurtou a carreira de vários tenistas. A demanda proposta era sobre-humana, com uma série de torneios com final de cinco sets numa temporada de praticamente onze meses, sem um tempo de descanso apropriado entre as competições.

O tenista que queria continuar subindo no ranking não tinha outra opção senão encarar essa tarefa. Começava aí também uma nova era de lesões entre tenistas, desgastados com a elevação do número de partidas, do grau de exigência e do treinamento para tentar ser ainda mais competitivos. Não há corpo que aguente, como comprovam Ríos, Safin, Norman e mais uns dez tenistas, inclusive eu, que tiveram suas carreiras abreviadas por lesões provocadas por desgaste físico.

Depois daquele massacre de jogar a Davis debaixo de um calor insano, era evidente que eu precisava de um respiro. Mas, para tentar me manter entre os cinco primeiros, era inconcebível fazer uma pausa naquele momento. E, assim, lá fui eu para o Masters 1000 de Monte Carlo perder na primeira rodada para o mesmo Kučera que eu tinha acabado de vencer.

A vontade era voltar para casa e cair na cama. Mas eu estava relacionado no torneio de Barcelona e todos contavam com a minha presença. O problema é que realmente não tinha a mínima condição de disputar nada. Eu poderia ter virado as contas e pagado uma multa simbólica de 5 mil dólares, mais ou menos o preço da passagem de ida e volta do Brasil para a Europa. Mas optei por uma alternativa. Em consideração aos espanhóis e aos organizadores do torneio Conde Godó, fui pessoalmente ao tradicional Real Club Barcelona explicar que não tinha como jogar. Aquele era o mesmo lugar em que, dois anos antes, ocorrera aquele

triste episódio em que eu fora maltratado. Dessa vez, mesmo sem jogar, apenas por me mostrar disponível, saí de lá reverenciado.

Só duas semanas depois voltei a competir, no torneio de Roma, onde havia sido campeão no ano anterior e tinha um monte de pontos para defender. Era o início da temporada europeia no saibro, a minha hora e a minha vez. Da primeira rodada à semi, só ganhei de dois sets a zero. Na final, enfrentei Norman. Eu o conhecia havia muito tempo, mas tinha esbarrado pouco com ele como profissional. A primeira vez que o vi, eu tinha 13 anos, quando fiquei em sexto lugar num Orange Bowl nos Estados Unidos. Ele foi o campeão desse torneio.

Em Roma, nossa partida durou quase três horas. Ele venceu, mas no detalhe, por duas ou três bolas. Terminei como vice, um ótimo resultado, mas, para o que estava buscando, era esse jogo que eu tinha que ganhar.

Saí de Roma, peguei avião, cheguei à Alemanha, aluguei carro, nem tive tempo de treinar e já estreei no torneio de Hamburgo, no qual eu chegara às quartas no ano anterior. Ganhei o primeiro jogo meio arrastado. No segundo, já desempenei. No terceiro, engrenei, enfiando 6-1 e 6-2 no Wayne Ferreira. E aí, nas quartas, putz, peguei Norman de novo. Eu precisava fazer algo diferente para não ser derrotado outra vez. O sueco era um cara pesado, mas tinha boa mobilidade. Batia forte, sacava bem e a devolução também era boa; não dava brecha na esquerda. A direita não chegava a ser ponto fraco, mas era um lado vulnerável.

Larri traçou um plano. Sempre que possível, eu precisava mirar na direita, explorando esse flanco. Tinha que mandar bolas profundas e com pouco ângulo para tirar Norman da base, fazê-lo sair da zona de conforto. E então, sempre tentando tomar a iniciativa do ponto, eu ficaria empurrando o cara lá para trás. Aí, na hora certa, daria as minhas deixadinhas, chamando-o para a frente. Não é que a estratégia funcionou perfeitamente?! Pela primeira vez, ganhei de Magnus Norman, 6-4, 6-2. Beleza!

Na semi, joguei contra o romeno Andrei Pavel. Ganhei bem, folgado. E fui à final com o Marat Safin, mais um de quem nunca tinha ganhado.

O ano 2000 também foi aquele em que, para colocar mais emoção no circuito, a ATP criou a Corrida dos Campeões, um ranking paralelo ao oficial. A listagem tradicional sempre foi e continua sendo cumulativa. Na Corrida dos Campeões, no entanto, todo mundo largaria do zero em janeiro. A partir daí, cada pontinho conquistado iria sendo acumulado até dezembro, sem deixar de ser computado no ranking tradicional. De início, como os rankings não coincidiam, foi uma confusão para todo mundo. Mas a partir da metade do ano ficou mais claro quem podia terminar o ano como número 1, o que dava outro sabor à competição.

Em 21 de maio de 2000, dia da final de Hamburgo, eu era o quinto do ranking oficial e um dos primeiros na Corrida dos Campeões. Safin era o 12º do oficial e simplesmente mal existia na corrida. Aparentemente, não era a mais séria das ameaças. Mas não é que o danado resolveu começar a galopar bem ali, em cima de mim? Sem nenhum dos dois saber, daríamos início, naquela final, a uma briga pelo título de Hamburgo e, também mais tarde, conforme as coisas foram se desdobrando, a uma batalha pelo privilégio de chegar ao final do ano como o

número 1 do mundo.

Safin era imprevisível. De repente, lá de longe, ele arriscava uma bola sem sentido e conseguia acertar na linha. Depois a bola estava na mão dele e mandava na rede. E aí, quando era só dar uma colocada, ele queria inventar uma mágica e se atrapalhava. Quando eu achava que ele continuaria fazendo bobagem, não errava mais nenhuma. Ganhei o primeiro set, mas sem muita lógica, pois não tinha conseguido controlar o jogo.

No segundo set, continuei fazendo a minha parte, meio inseguro. Mesmo quando estava 5-4 para mim, ainda não sabia como lidar direito com aquilo. Tive possibilidade de fechar o set, mas Safin deu um jeito de empatar. Nessa hora, olhei para Larri e, em mais um entendimento silencioso, nós dois já sabíamos o final da história daquele set. De fato, baqueei. Safin ganhou de 7-5. Um a um.

No terceiro, cansei das minhas reclamações, de praguejar que não conseguia controlar a partida. Retomei o prumo e ganhei de 6-4. Dois a um para mim.

No quarto set, quando tudo parecia encaminhado para o meu lado no 4-3, Safin veio com a artimanha que mais me incomodava: se fazer de morto para pegar o coveiro. Jogava a raquete, reclamava, xingava. Parecia que ia se entregar, mas, no fundo, estava só esperando eu cair naquela lenga-lenga, baixar minha guarda, para ressurgir avassalador. Safin era um especialista nessa estratégia. Empatados em 5-5, ele quebrou meu saque, fez 6-5 e depois fechou novamente em 7-5. Dois sets a dois.

No banco, não sabia se estava mais cansado ou indignado por ter caído na armadilha dele e perdido o set.

Fomos para o derradeiro. A partida ficou amarrada. Eu não me convencia da vitória, continuava praguejando, embora também não quisesse largar o osso. Fui lutando até onde deu, mas aí cansei de vez. Perdi a força, comecei a rebater mal e Safin abriu vantagem. Então aconteceu o improvável. Sem querer, Safin deu um monte de tiro no pé, se preocupando mais comigo do que com o jogo dele, fazendo uns negócios sem pé nem cabeça.

Stefan Hesse / AFP

Guga é abraçado por Larri após vencer o russo Marat Safin no torneio de Hamburgo, em 21 de maio de 2000.

Eu estava tão cansado que ignorei a loucura dele e me concentrei em manter meu corpo funcionando. Para me resguardar, fiquei mais parado, tentando fazer o russo correr e tropeçar nas suas invenções mirabolantes. Funcionou. E foi aí, por causa da exaustão física, que consegui encontrar a chave para ganhar de Safin.

O final foi dramático, ainda salvei match point até fechar a partida no tie-break. Na hora do abraço de comemoração eu e Larri caímos no choro. Eu, para desafogar a tensão acumulada. Ele, porque há pouco tinha morrido o seu Adanilo Müller, o homem que lhe deu a primeira raquete de presente e, de certa forma, selou o destino dele e também o meu. A raquete do seu Adanilo era uma daquelas peças que, se não houvesse aparecido na hora certa, talvez nunca tivesse feito o quebra-cabeça da minha carreira se encaixar.

BI EM ROLAND GARROS

Roland Garros começava em uma semana e não havia mais tempo de voltar para casa. Eu e Larri decidimos fazer uma parada estratégica em Biarritz, cidade litorânea francesa que me aproximava da minha casa em Florianópolis. Durante três dias, não peguei na raquete. Se Larri colocasse uma na minha mão, eu atiraria longe. Em 13 dias, haviam sido 12 jogos, 11 vitórias e duas finais e um título, num ritmo desgastante, mas que resultara no melhor cenário possível para chegar aonde eu queria.

Dois dias antes do início de Roland Garros, eu me sentia pronto para segurar todos os rojões. Em 1997, a vitória tinha sido um ponto fora da curva, uma improbabilidade, a coisa mais inusitada que podia me acontecer. Por lógica, histórico e evolução da carreira, o primeiro título de Roland Garros não deveria ter ocorrido ali. Poderia ter vindo em 1999, mas não veio. Em 2000 eu não podia deixar escapar. Precisava beijar aquela taça novamente.

Como vinha ocorrendo nos últimos anos, eu era considerado um dos favoritos. Tal qual em 1999, de fato me sentia um dos cinco que podiam sair de lá como campeão. Estava embalado, seguro, confiante no meu plano de ir avançando nos catorze dias seguintes até abocanhar a parte mais saborosa da sobremesa. Os principais adversários, Norman, Safin, Kafelnikov, a armada espanhola – Moyà, Corretja, Albert Costa –, não eram mais imbatíveis.

Na estreia de Roland Garros de 2000, joguei um tênis excepcional. Fiz 16 games seguidos no sueco Andreas Vinciguerra, uma coisa que não existe. Até eu fiquei angustiado pelo cara, torcendo para ele fazer pelo menos um game. No final, ganhei de 6-0, 6-0 e 6-3.

Na segunda rodada, contra o argentino Marcelo Charpentier, depois de um set vencido no tie-break, acabei atropelando o cara. Na terceira rodada, peguei Michael Chang. Dei até uma oscilada, perdi o segundo set, mas sem duvidar por um segundo de que ia ganhar. O jogo acabou 3 a 1 para mim, com 6-1 e 6-4 nos dois últimos sets.

Nas oitavas, derrotei por 3 a 0 meu velho amigo Lapentti. E, nas quartas, lá veio de novo Kafelnikov. Caramba, esse cara não saía do caminho. Eu torcia para ele estar num dia ruim, mas, se isso aconteceu, nunca foi na minha vez e muito menos em Roland Garros.

Os dois entraram em quadra doidos para sair de lá vitoriosos, ambos com a sensação de que, caso passassem aquele obstáculo, nada mais ficaria no caminho. Ganhei o primeiro set, aquele que o russo sempre começava devagar. No segundo, ele acordou e venceu. No terceiro, acelerou mais e ganhou de novo. Dois a um para ele. Parecia que ele tinha encontrado a

fórmula de me superar.

No começo do quarto set, tive a impressão de que Kafelnikov pensou assim: “Se você acha que eu joguei bem até agora, então olha isso.” E aí passou a exibir o mais iluminado dos tênis, um primor de absurdo. Fiquei desnorteado, sem saber o que fazer para conter a avalanche de petardos. Ele foi seguindo nesse ritmo, fez 4-2, cada vez mais perto de fechar. Eu resistia como dava, cada vez mais desiludido. No sétimo game, ele ficou dois pontos na frente. Na bola que poderia me conduzir a meu último suspiro, Kafelnikov mandou uma bomba que saiu por um milímetro de nada. “Opaaa, finalmente errou uma. Será que é a minha chance?”, me agarrei a esse pensamento. Aí, na sequência, ele errou mais uma. “Será?”, pensei de novo, me sentindo mais aliviado. “Sim. Ainda tô vivo no jogo.”

Aquilo era tudo de que eu precisava. Até o meu semblante se transformou. Minha mudança de postura abalou um pouco Kafelnikov. A partir daí, todo o meu imaginário mudou e o que era drama para mim virou aventura.

O russo continuou vindo para cima, eu só me esquivando. Ele caprichava para acertar o tiro derradeiro, eu me defendia. Quando ele tinha certeza de que eu não ia conseguir chegar na bola, eu fazia um malabarismo e devolvia de maneira impossível. Aquilo foi deixando-o apreensivo e nervoso. O cara entrou em parafuso. Empatei em 4-4, depois fiz 5-4, até terminar em 6-4. Depois dessa aula de superação, eu não ia largar mais aquela oportunidade. Na minha cabeça, a partida já estava ganha.

Comecei o quinto set com sangue nos olhos e ímpeto assassino. Inacreditavelmente, Kafelnikov passou a jogar melhor ainda. Não dei a menor pelota. Depois daquela reviravolta magnífica, o jogo era meu. Quebrei o saque do russo. Dei cascudo atrás de cascudo, bordoada na paralela, um winner e depois mais um e mais outro. Para cada mágica que ele fazia, eu inventava duas. O russo foi tonteando, se agarrando onde dava, mas dali a pouco estava pronto para o abate. Fiz 6-2 no último set, a vitória era minha. Nenhum dos dois disfarçou seu estado de espírito. Kafelnikov foi embora indignado; eu, feliz da vida, de olho na taça.

Na semi, o adversário era o espanhol Juan Carlos Ferrero. Era a primeira vez que nos enfrentaríamos. Só sabia que ele vinha embalado e cheio de empolgação. Não devia ser grande problema. Nosso confronto foi marcado para um final de tarde com ventania. De cara já deu para ver que o sujeito era bom, tinha volume de jogo, soltava o braço, gostava do embate, de dar porrada, não tinha medo de ser feliz. Legal. Essa também era a minha praia.

Na metade do primeiro set, ficou claro que Ferrero encarava aquela semi como o jogo da sua vida. Desde a primeira bola, não parava de espancar, com uma precisão incrível. Eu tentava intimidar usando todo o arsenal, mas ele não me deixava atacar direito. Tentei montar armadilhas, mas ele não caiu em nenhuma. Ao contrário dos meus golpes, os dele eram curtos, o vento não atrapalhava tanto. Ganhei o primeiro set por 7-5 na experiência, suando a camisa, usando todo tipo de truque que sabia.

No segundo set, achei que ele fosse dar uma sentida. Não aconteceu. Ficou mais eficiente e demolidor ainda. Aumentei a pancadaria, ele respondia tudo. Variei jogadas, não deu certo.

Dava deixadinha, ele alcançava. "Caramba, quando esse menino vai dar uma acalmada?", eu pensava a cada bomba que ele soltava para cima de mim. Ferrero venceu o segundo set por 6-4 e empatou a partida.

No terceiro set, tive a impressão de estar jogando contra o Guga avassalador de 1997, o gurizão desconhecido que tinha chegado ali para surpreender todo mundo. Eu sentia na pele o mesmo desespero, pânico e aflição que Kafelnikov, Muster e Bruguera passaram comigo. Aquilo não era possível, como que o quinto melhor jogador do mundo não conseguia anular o jogo de um cara de 20 anos? Ferrero venceu o terceiro set por 6-2 e virou a partida, 2 a 1 para ele.

No início do quarto set, vi a coisa degringolando. Ele começou quebrando meu saque e fazendo 2-0. Fiquei apavorado. Numa hora em que está tudo errado, o tenista precisa desesperadamente se convencer de que alguma coisa pode dar certo. É aquele momento do vale-tudo, em que qualquer estalinho pode virar mensagem dos céus. E então o espanhol, que só vinha mandando martelada, deu uma curtinha nada a ver e errou. Ganhei um ponto de brinde. Pensei: "Epa, peraí, essa bola foi uma tremenda cagada. O cara começou a inventar. Tá partindo para a besteirada? Boa. Taí minha chance."

Esse pensamento virou verdade universal na minha cabeça. No ano anterior, Medvedev me tirara do torneio numa partida parecida. Eu não podia cair duas vezes na mesma armadilha. Aos poucos, fui me aprumando no jogo, confiando na titubeada de Ferrero, me apoiando em cada detalhe para crescer na partida, acreditando do fundo da alma que a sorte estava mudando.

"Só preciso ficar no jogo, manter a intensidade total e contar com as bobices dele" – eis a síntese da minha estratégia rumo à vitória.

Na metade do quarto set, consegui passar na frente, 3-2 para mim. Além de alívio, também veio a certeza de que a tática ia mesmo funcionar. O cansaço sumiu, substituído pela postura de campeão. Como tênis também é teatro, criei um personagem, o inabalável Guga. Numa atuação digna do Oscar, ficava me mexendo de lá para cá, pulando para a frente e para trás, dando a entender que eu ainda era capaz de correr até a Lua para que aquele jogo fosse meu.

Com esse estratagema, fui ganhando todos os pontos importantes. Ferrero não voltou a cometer tolices, mas fez uma coisa muito mais importante para mim: começou a duvidar dele mesmo, enquanto eu ia ficando absoluto. Ganhei o quarto set por 6-4 e empatei a partida em 2 a 2.

Agora aquilo parecia uma reedição do jogo contra Kafelnikov. Eu tinha começado bem, o cara empatou, virou o jogo, quase me empurrou no abismo e então fiz a mágica de igualar tudo de novo. Mas ainda faltava repetir o final feliz e concretizar a vitória no último ato. Como na partida contra Kafelnikov, iniciei o quinto set convicto de que ia ganhar. Antes de sacar, na necessidade de acabar com aquilo o mais rapidamente possível, mirei Ferrero e marquei o território com o olhar:

"Ô gurizão, parecer até parece, mas para de pensar que tu é o Guga de 97. Tu já foi longe

demais, a semi está mais do que excelente para ti, daqui não vai passar."

A convicção era tão grande que o pensamento se transformou em ação. Só dei tiro certeiro, um atrás do outro. Meu melhor tênis tomou conta da quadra, sem dar margem para o espanhol. Acertando um monte de bola linda, segui assim até o fim. Foi dessa forma que venci a semifinal mais surpreendente da minha vida. Uuufaaa, tamo na final.

O adversário derradeiro era o sueco Magnus Norman, número 2 do mundo. A princípio, tudo podia acontecer, com 50% de chance para cada um. Eu vinha de cinco sets contra Kafelnikov e quatro horas e meia suando para ganhar de Ferrero, desgastado numa partida que eu tinha obrigação de vencer. Ao contrário de mim, Norman estava novo. Sua vitória sobre Squillari na outra semi tinha sido um passeio. Como ganhar de um cara inteiraço? O que eu podia fazer com o que tinha sobrado de mim?

Se o jogo durasse cinco sets, não ia aguentar. Se ficasse só na martelada, com Norman devolvendo mais forte, idem com batatas. Foi aí que Larri deu a sua contribuição magistral:

– Essa partida não tem favorito. Presta atenção, tu já sabe como é a final de Roland Garros, ele não. Vamos utilizar isso a nosso favor. Administra o cara. Se poupa, Cavalo, aproveita a tensão inicial dele. E não te apressa no saque, gasta todos os segundos, se recompõe, deixa ele ansioso com a expectativa. Controla o jogo que a gente vai sair daqui de novo como campeão – disse Larri, acrescentando: – Só mais uma coisa: tu vai insistir em jogar só com duas raquetes?

Fazia quase dois meses que ele batia na mesma tecla. No começo de ano, como de praxe, o pessoal da Head tinha mandado um lote novo de raquetes. Não gostei do modelo, que retardava a velocidade da minha bola. Com ele, ainda ganhei no Chile e fiz final em Miami, mas decidi encostar essas raquetes no início da temporada no saibro. Resgatei duas antigas que tinha em casa com a intenção de jogar com elas até que a Head mandasse as novas.

Larri ficava maluco com minha decisão. Dizia que eu tinha perdido o juízo, principalmente quando uma raquete perdia a tensão durante o jogo e ele tinha que correr até o vestiário para encordoá-la e me devolver o mais rapidamente possível.

Pouco antes de Roland Garros, a Head mandou seis raquetes novinhas, baseadas no modelo antigo, que eu gostava. Escolhi apenas duas, pois, naquela altura, eu já tinha me apegado ao hábito de contar somente com um par durante a partida inteira. E, além de tudo, estava dando sorte. Momentos antes da partida com Norman, mesmo sabendo da resposta e para manter o ritual dos jogos anteriores, Larri fez ainda sua última tentativa. Falei não de novo, ele me deu um abraço, trocamos um sorriso e, assim, numa das únicas vezes em que o contrariei, eu e minhas duas raquetes fomos disputar a final de Roland Garros.

No primeiro game do jogo, Norman sacou. De saída, quebrei o saque dele, confirmei o meu e quebrei de novo. O sueco estava visivelmente abalado e, como previmos, sentiu o peso de sua primeira final em Roland Garros. Em quinze minutos, já estava 4-0 para mim. Além de nervoso, Norman parecia envergonhado por não acertar uma bola. A torcida dele calada, incrédula, decepcionada. Era assim que eu tinha que manter a situação. Fechei o set na maior

tranquilidade: 6-2 em 25 minutos.

No segundo, foi a mesma história. Em menos de uma hora de partida, já estava 2 sets a 0 para mim. Olhei para o meu treinador, sentado ao lado do Rafa, da mãe e da oma, e todo mundo me devolveu um olhar de aprovação, é isso aí, tá no caminho certo, continua assim. Mesmo debaixo desse otimismo, dava para notar que o pessoal estava meio tenso, a cabeça tomada pela mesma dúvida que eu: "Até agora é a partida dos sonhos. Tudo bem, mas até quando isso vai durar?"

Sentado no banco antes da troca de lado, Norman tinha aquele olhar aparvalhado, o desespero em pessoa tentando encontrar o rumo. Se continuasse assim, em meia hora a gente estaria no vestiário.

No terceiro set, ele entrou em quadra ainda muito tenso. Mesmo assim, os dois primeiros games foram disputadíssimos – até que Norman conseguiu salvar um break point. Todo tenista que está atrás no placar fica buscando qualquer coisa em que se apoiar para acreditar que pode reverter a situação. Pois naquele momento, pela primeira vez, ele sentiu o gostinho de sair da minha emboscada. O sinal que ele buscava. Com isso, tirou o piano das costas e virou outro adversário, o Norman de sempre.

Por mais um game tentei acompanhar o ritmo, mas ele simplesmente passou a jogar de maneira impecável. Quebrou meu saque e abriu vantagem. Nessa hora, o desgaste das partidas anteriores começou a apresentar a conta. Diminuí o ritmo, preservando o físico para o set seguinte. Norman ganhou o terceiro por 6-2.

Tudo bem, ainda estava 2 a 1 para mim, embora o cansaço começasse a me pegar. A situação tinha se invertido. Agora eu é que precisava encontrar a brecha. Se ele ganhasse o quarto, levando a decisão para um quinto set, já era. Eu precisava evitar isso de qualquer maneira.

Quando retomamos o jogo, Norman fez de tudo para me esgoelar. Agressivo, chegou a 4-2. Na arquibancada, Larri abaixava a cabeça de desgosto. Eu não podia deixar que ele vencesse aquele set. Tinha que encontrar a solução ali na hora. Reuni a força restante e apostei tudo na premissa de Larri de que a experiência contava a meu favor. Passei a agredir mais, na esperança de que a pressão para fechar o set fosse intimidar Norman. Foi a melhor decisão que eu podia ter tomado. Ele sentiu minha reação e se retraiu.

Com minha nova postura e a encolhida de braço dele, duas viradas de lado depois a partida estava 5-4 para mim, com tudo encaminhado para a vitória. Faltava só mais um game para o título. Eu tinha toda a certeza de que já era campeão. Era só uma questão de tempo para levantar a taça. A essa altura, Larri, de cabeça bem erguida, dava socos no ar em comemoração à minha recuperação.

Na virada, sentado no banco, antecipei na mente o que ia acontecer, ponto por ponto. A ideia principal era colocar a bola em jogo e esperar. Ele podia acertar uma aqui ou ali, mas fatalmente ia errar. Ou então dar brecha para um ataque inapelável. Incrível, não errei nada. A realidade foi uma réplica do filme premonitório que passou na minha cabeça. Ou quase.

Norman sacou e fez um ace: 15/0 para ele.

No ponto seguinte, trocamos algumas bolas e ele mandou na rede: 15 iguais.

Na sequência, dupla falta: 15/30.

E depois Norman jogou uma direita para fora: 15/40.

Só faltava mais um ponto. Larri levantou as mãos para os céus, dando graças. Rafa bateu com a mão no peito, como se a conquista já fosse nossa.

Norman sacou. Na sétima troca de bolas, ele arriscou uma direita e errou. Bola fora. Depois de três horas de confronto, eu e Norman começamos a andar em direção à rede para os cumprimentos. No meio do caminho, tratei de apontar com a raquete a marca da bola e segui adiante. O sueco vinha cabisbaixo, mas de repente parou, como se algo lhe devolvesse a esperança. O que tinha acontecido? A única coisa que eu não tinha como prever.

O juiz desceu da cadeira, olhou a marca de perto e deu bola boa. O semblante de Norman se iluminou. Nem argumentei, pois sabia que não tinha jeito. Ia ter que jogar outro match point, agora com 30/40 no placar.

Eu não podia acreditar. Já era o bicampeão – como é que iam me garfar daquele jeito? Mas não tinha o que fazer. Indignado e ainda incrédulo, me preparei para recepcionar o saque, respirei fundo e pensei: "Fica tranquilo. É só ganhar esse ponto e acabou."

Mas aí devolvi mal e Norman empatou: 40 iguais. Naquele instante, o que restava de tranquilidade foi para o espaço e a raiva do juiz ficou estampada na minha cara. Era visível o que eu pensava: "Não é possível, não posso acreditar que esse cara decidiu inventar que a bola foi dentro se todo mundo viu que foi fora."

Mas o estrago já estava feito. Da mesma forma que meu ânimo tinha levado um balde de água gelada, o de Norman entrou em ebulição. Num segundo, ele estava morto e, no seguinte, estava mais vivo do que nunca, interpretando aquilo como sinal divino de que o título ia ser dele. Enquanto isso, a velha esquizofrenia de tenista me conduzia para o lado contrário: "Perdi. Se fosse para ganhar, já tinha sido."

Norman sacou de novo, eu fiz o ponto e na hora pensei: "Para de imaginar besteira. Claro que tu vai ser campeão. Ele vai sacar na direita, administra, controla, segue o plano de Larri, o match point é teu."

E aí o Norman empatou novamente e eu tive mais uma certeza: "Óbvio que vou perder. Tive o terceiro match point, não aproveitei e agora não vai ter mais jeito."

Veio mais um saque, eu devolvi com força, vantagem minha: Agora não escapa mais, na quarta vez ele não acerta nem a pau, a taça é minha."

Mas Norman acertou, igualou o placar e depois fechou o game, empatando a partida em 5-5 no quarto set. Faltou vocabulário para xingar mais o juiz. Na hora, me senti com 12 anos, naquele dia em que quase morri surfando, as ondas me engolfando enquanto o filme da minha vida passava na minha cabeça e terminava sem final feliz. Era a mesma agonia, o mesmo desespero, o fim da linha chegando e eu sem poder fazer nada para evitar isso. Aí pensei: "Guga, pode parar com isso agora mesmo, te apruma. Controla esse teu desespero, cara, dá um

jeito.”

No game seguinte, joguei como um desesperado para me manter à tona. Consegui, passei à frente, 6-5 para mim, mas nem sei direito como fiz aquilo. Minha cabeça já tinha virado uma montanha-russa ambulante, o céu e o inferno se digladiando, as piores lembranças consumindo as boas recordações. Se Norman tivesse vencido esse game e passado à frente, a vaca teria ido pro brejo.

Voltamos para o jogo. Na base do desespero, fui avançando, com Norman na cola. Chegamos de novo ao match point. E aí a situação do 5-4 se repetiu em detalhes cruéis. Na hora, perdi a conta das idas e vindas, com vantagem para cá e para lá, numa sequência interminável de faz-não-faz, a montanha-russa subindo e descendo, bem me quer, mal me quer, vou ganhar, vou perder. Norman venceu o game e o jogo ficou empatado em 6-6 no quarto set.

Eu evitava olhar o juiz, tinha vontade de esganar o sujeito que tinha me obrigado a passar por isso depois de já ter ganhado a partida. O tie-break começou tenso, com Norman lutando para se manter vivo e eu brigando pelo bicampeonato. Com o coração na boca, larguei na frente, 3/0, uma vantagem confortável naquela situação. Só que o sueco não desistia. Empatou novamente em 3/3. Depois da troca de lado, reencontrei o eixo e fui avançando sem dar brecha. Chegamos a 6/3 para mim, faltando só mais um mísero ponto. E dessa vez com três oportunidades seguidas.

“Tem que ser agora”, pensei. “Tu já sabe a jogada que ele vai fazer, te prepara, se atira, faz tudo o que precisar, mas fecha esse jogo.”

Norman sacou. Acertou uma pancada, dei uma encurtada no braço. A devolução saiu fraca. Ponto dele.

“Vai, Guga, te ajeita, é agora.”

Norman sacou de novo. Entramos num rali de umas vinte bolas, cruzada para cá, paralela para lá, mais alto, mais baixo, mais forte, mais fraco, o campeonato é meu, ele vai errar e aí... puf, ponto dele. Mas não era possível, aquilo não terminava nunca. Tudo bem, vamos lá, eu ainda estava na vantagem, 6/5, e agora o saque era meu, o jogo literalmente na minha mão.

A essa altura da partida, o plano de voo de Larri já tinha ido por água abaixo há muito tempo. Não dava para prever nem planejar nada, era tudo no coração, na coragem e na garra, temperado com um pouco de intuição, que hoje percebo nitidamente que estava misturada com o cagaço.

Eu tinha pensado em sacar um pouco mais devagar, para que Norman colocasse a bola em jogo e eu pudesse usar minhas melhores armas. Mas, na hora do saque, no instante em que joguei a bola para cima, antes que ela caísse, no meio do caminho, veio a intuição: “Solta uma bomba. Faz um ace. Liquida com isso. Agora. Já. Ace.”

Num microssegundo, ajustei a intenção e mandei uma pancada colossal. O ace ficou no sonho. A bola caiu uns dois metros fora, num anticlímax de desanimar. “Não, não, nada disso, tem o segundo, menos força, mais capricho no saque”, pensei. Coloquei a bola em jogo como tinha planejado antes da minha intuição falida. Norman devolveu com um winner demolidor e

fez 6/6. Não aguentei. Olhei para o juiz com expressão ameaçadora, querendo dizer: "Tá vendo a lambança que tu fez? Isso tudo é culpa tua, para que foi inventar que a bola entrou?"

Aquilo só servia de desabafo. Na prática, não ajudava em nada. Sentei no banco, mordi a toalha, comi o teco de banana e tentei raciocinar: "A confiança dele tá lá em cima. Ele deve estar crente de que não vou arriscar. Então agora é a hora da surpresa, de fazer o inesperado."

Foi aí que, pela primeira vez no jogo, decidi ir à rede para fechar o espaço da devolução. Era arriscado, isso estava fora da minha especialidade, mas não custava tentar. Se Norman acertasse uma bola espetacular, eu não ia pegar, de qualquer jeito. Em síntese, queria resolver aquilo rápido, não aguentava mais, os nervos estavam em pandarecos, lá se iam 39 minutos dessa lenga-lenga desde que o juiz resolvera que a bola fora boa.

Lá fui eu sacar, no estilo kamikaze, rezando para que ele errasse a devolução. A bola pegou mal na raquete de Norman e foi na rede. Vantagem minha. Agora o meu veneno tinha que funcionar. Era botar todas as bolas dentro que o cara ia se atrapalhar. Num longo rali, salvei três vezes no fundo da quadra, quando a bola sobrou para Norman na direita. E aí ele resolveu arriscar novamente a dita-cuja da direita paralela – que caiu quase no mesmo lugar daquele ponto duvidoso, só que do outro lado da quadra.

Finalmente, depois de uma epopeia de onze match points, eu tinha vencido a partida no tie-break, 3 sets a 1 para mim, amém. Mas, antes de vibrar, corri até a marca, circulei e olhei para o juiz com uma expressão provocativa: "Posso comemorar? Assim tá bom para ti? Foi fora o suficiente?" Ele olhou para o outro lado, se fez de desentendido.

Dessa vez não tinha mais volta. O título era meu. Aos 22 anos, eu me tornava bicampeão de Roland Garros, subia para quarto no ranking e me consolidava na liderança da Corrida dos Campeões.

Num aspecto, esse talvez tenha sido o jogo mais importante da minha carreira, não só pelo resultado e o título, mas pelo fator moral. Aquilo tinha sido uma aula de superação. Tive que lidar com cansaço, guerra de nervos, enxurrada de emoções, frustração, desesperança, erro de juiz. Se eu tinha contornado tudo jogando só com duas raquetes, conseguiria qualquer coisa, fosse com adversário impossível, debaixo de chuva, neve, geada. Foi a primeira vez na vida que me convenci de que, sim, era possível, eu tinha mesmo chance de me tornar o número 1 do mundo.

Marcelo Ruschel

Momento de garra e entusiasmo durante o torneio de Roland Garros em 2000.

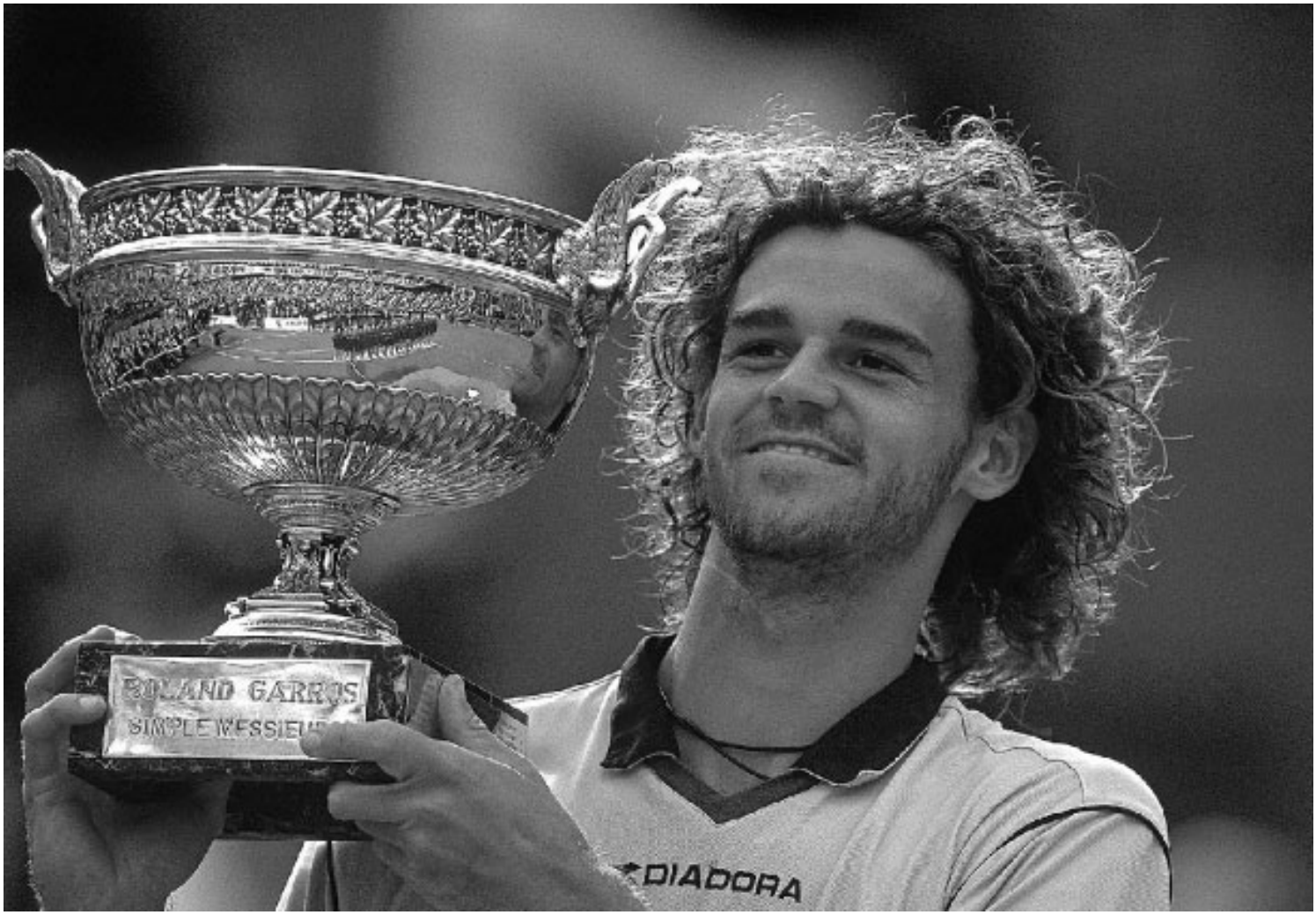
Clive Brunskill / Allsport / Getty

Guga cumprimenta seu adversário na final, o sueco Magnus Norman.

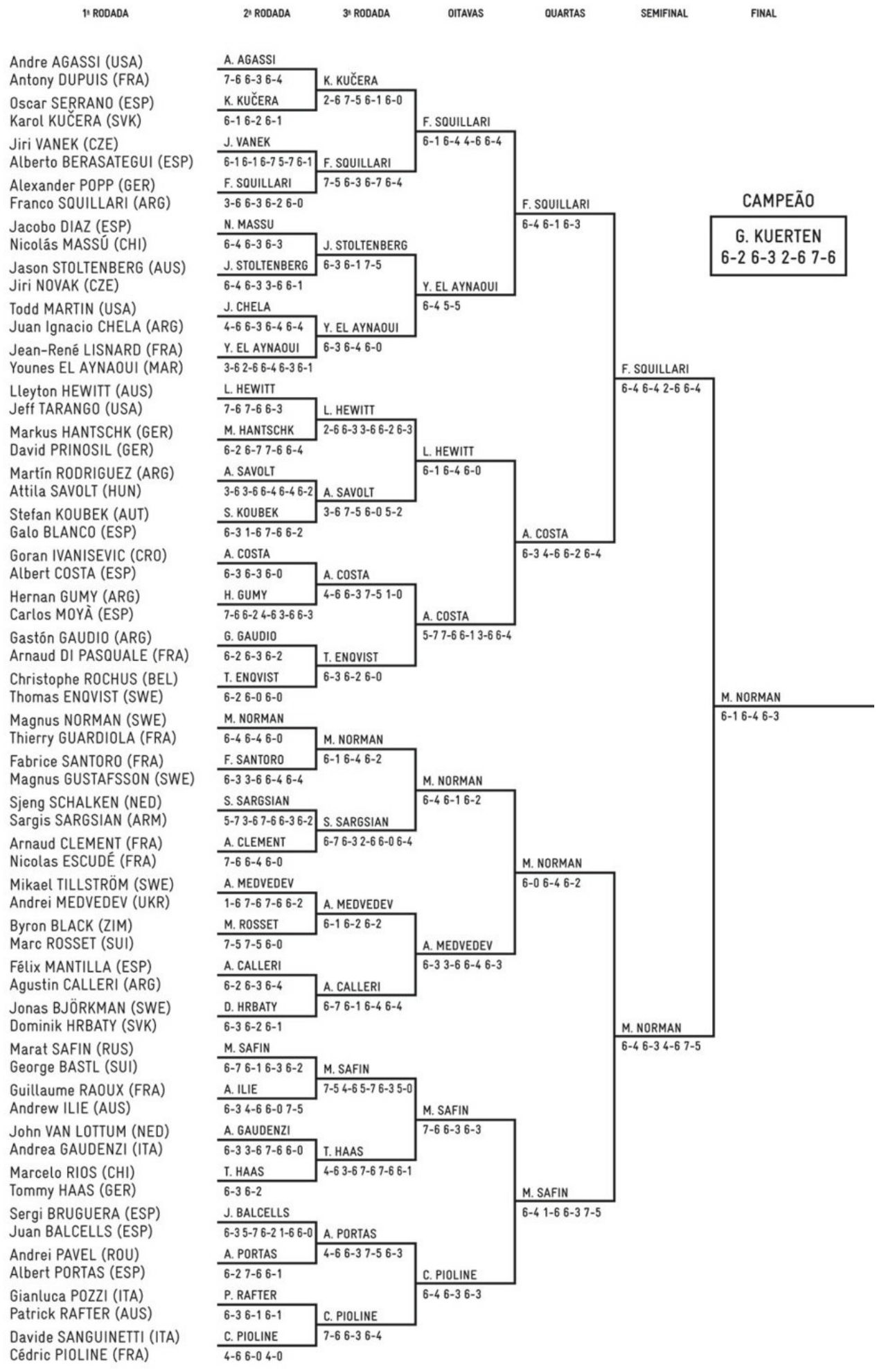
Jacky Naegelen / Reuters / Latinstock

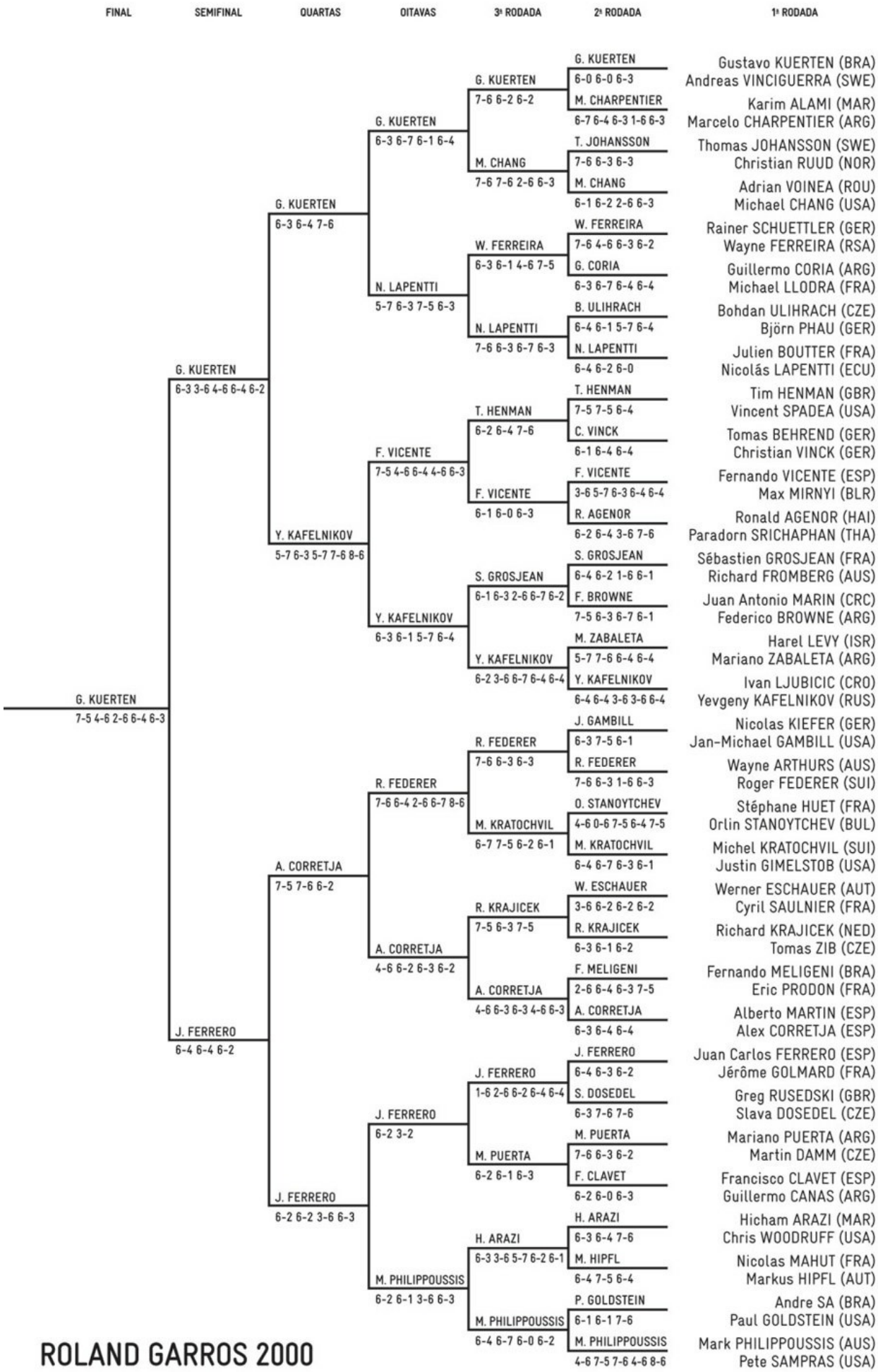
Invadindo as arquibancadas para abraçar Larri Passos e Braguinha após conquistar o bicampeonato no Aberto da França.

Stu Forster / Allsport / Getty



Guga põe seu nome na taça pela segunda vez em Paris.


1ª RODADA
2ª RODADA
3ª RODADA
OITAVAS
QUARTAS
SEMIFINAL
FINAL
CAMPEÃO
G. KUERTEN
6-2 6-3 2-6 7-6
Andre AGASSI (USA)
Antony DUPUIS (FRA)
A. AGASSI
7-6 6-3 6-4
K. KUČERA
2-6 7-5 6-1 6-0
Oscar SERRANO (ESP)
Karol KUČERA (SVK)
K. KUČERA
6-1 6-2 6-1
F. SQUILLARI
6-1 6-4 4-6 6-4
Jiri VANEK (CZE)
Alberto BERASATEGUI (ESP)
J. VANEK
6-1 6-1 6-7 5-7 6-1
F. SQUILLARI
7-5 6-3 6-7 6-4
Alexander POPP (GER)
Franco SQUILLARI (ARG)
F. SQUILLARI
3-6 6-3 6-2 6-0
F. SQUILLARI
6-4 6-1 6-3
Jacobo DIAZ (ESP)
Nicolás MASSÚ (CHI)
N. MASSU
6-4 6-3 6-3
J. STOLTENBERG
6-3 6-1 7-5
Jason STOLTENBERG (AUS)
Jiri NOVAK (CZE)
J. STOLTENBERG
6-4 6-3 3-6 6-1
Y. EL AYNAOUI
6-4 5-5
Todd MARTIN (USA)
Juan Ignacio CHELA (ARG)
J. CHELA
4-6 6-3 6-4 6-4
Y. EL AYNAOUI
6-3 6-4 6-0
Jean-René LISNARD (FRA)
Younes EL AYNAOUI (MAR)
Y. EL AYNAOUI
3-6 2-6 6-4 6-3 6-1
F. SQUILLARI
6-4 6-4 2-6 6-4
Lleyton HEWITT (AUS)
Jeff TARANGO (USA)
L. HEWITT
7-6 7-6 6-3
L. HEWITT
2-6 6-3 3-6 6-2 6-3
Markus HANTSCHK (GER)
David PRINOSIL (GER)
M. HANTSCHK
6-2 6-7 7-6 6-4
L. HEWITT
6-1 6-4 6-0
Martín RODRIGUEZ (ARG)
Attila SAVOLT (HUN)
A. SAVOLT
3-6 3-6 6-4 6-4 6-2
A. SAVOLT
3-6 7-5 6-0 5-2
Stefan KOUBEK (AUT)
Galo BLANCO (ESP)
S. KOUBEK
6-3 1-6 7-6 6-2
A. COSTA
6-3 4-6 6-2 6-4
Goran IVANISEVIC (CRO)
Albert COSTA (ESP)
A. COSTA
6-3 6-3 6-0
A. COSTA
4-6 6-3 7-5 1-0
Hernan GUMY (ARG)
Carlos MOYÀ (ESP)
H. GUMY
7-6 6-2 4-6 3-6 6-3
A. COSTA
5-7 7-6 6-1 3-6 6-4
Gastón GAUDIO (ARG)
Arnaud DI PASQUALE (FRA)
G. GAUDIO
6-2 6-3 6-2
T. ENQVIST
6-3 6-2 6-0
Christophe ROCHUS (BEL)
Thomas ENQVIST (SWE)
T. ENQVIST
6-2 6-0 6-0
M. NORMAN
6-1 6-4 6-3
Magnus NORMAN (SWE)
Thierry GUARDIOLA (FRA)
M. NORMAN
6-4 6-4 6-0
M. NORMAN
6-1 6-4 6-2
Fabrice SANTORO (FRA)
Magnus GUSTAFSSON (SWE)
F. SANTORO
6-3 3-6 6-4 6-4
M. NORMAN
6-4 6-1 6-2
Sjeng SCHALKEN (NED)
Sargis SARGSIAN (ARM)
S. SARGSIAN
5-7 3-6 7-6 6-3 6-2
S. SARGSIAN
6-7 6-3 2-6 6-0 6-4
Arnaud CLEMENT (FRA)
Nicolas ESCUDÉ (FRA)
A. CLEMENT
7-6 6-4 6-0
M. NORMAN
6-0 6-4 6-2
Mikael TILLSTRÖM (SWE)
Andrei MEDVEDEV (UKR)
A. MEDVEDEV
1-6 7-6 7-6 6-2
A. MEDVEDEV
6-1 6-2 6-2
Byron BLACK (ZIM)
Marc ROSSET (SUI)
M. ROSSET
7-5 7-5 6-0
A. MEDVEDEV
6-3 3-6 6-4 6-3
Félix MANTILLA (ESP)
Agustin CALLERI (ARG)
A. CALLERI
6-2 6-3 6-4
A. CALLERI
6-7 6-1 6-4 6-4
Jonas BJÖRKMAN (SWE)
Dominik HRBATY (SVK)
D. HRBATY
6-3 6-2 6-1
M. NORMAN
6-4 6-3 4-6 7-5
Marat SAFIN (RUS)
George BASTL (SUI)
M. SAFIN
6-7 6-1 6-3 6-2
M. SAFIN
7-5 4-6 5-7 6-3 5-0
Guillaume RAOUX (FRA)
Andrew ILIE (AUS)
A. ILIE
6-3 4-6 6-0 7-5
M. SAFIN
7-6 6-3 6-3
John VAN LOTTUM (NED)
Andrea GAUDENZI (ITA)
A. GAUDENZI
6-3 3-6 7-6 6-0
T. HAAS
4-6 3-6 7-6 7-6 6-1
Marcelo RIOS (CHI)
Tommy HAAS (GER)
T. HAAS
6-3 6-2
M. SAFIN
6-4 1-6 6-3 7-5
Sergi BRUGUERA (ESP)
Juan BALCELLS (ESP)
J. BALCELLS
6-3 5-7 6-2 1-6 6-0
A. PORTAS
4-6 6-3 7-5 6-3
Andrei PAVEL (ROU)
Albert PORTAS (ESP)
A. PORTAS
6-2 7-6 6-1
C. PIOLINE
6-4 6-3 6-3
Gianluca POZZI (ITA)
Patrick RAFTER (AUS)
P. RAFTER
6-3 6-1 6-1
C. PIOLINE
7-6 6-3 6-4
Davide SANGUINETTI (ITA)
Cédric PIOLINE (FRA)
C. PIOLINE
4-6 6-0 4-0



ROLAND GARROS 2000

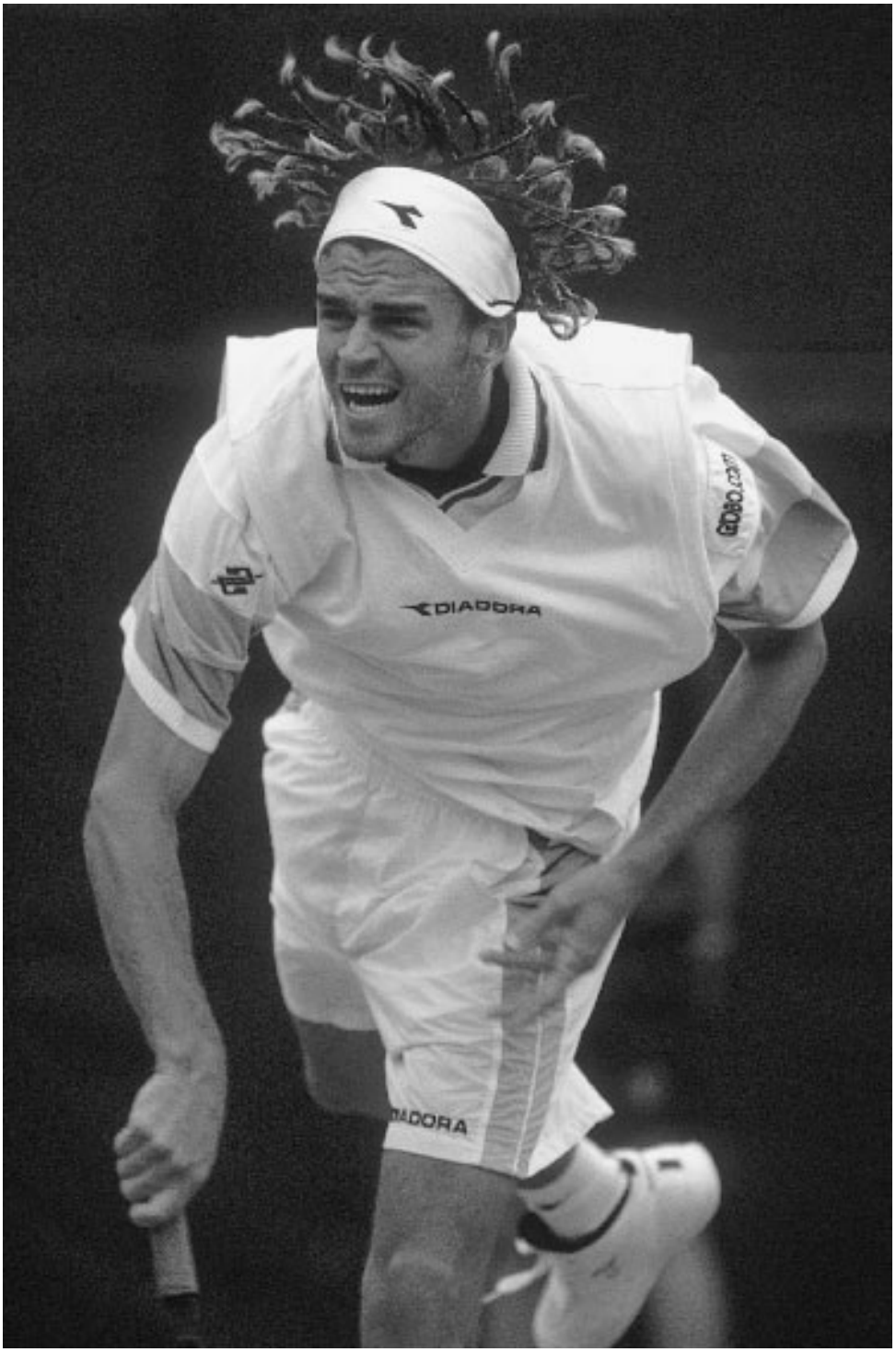
ENTRE HERÓIS

Seis dias depois do bicampeonato em Roland Garros, houve uma grande festa com a presença de toda a família. No dia 17 de junho de 2000, Rafa, meu irmão, casou com Letícia, sua namorada desde a adolescência. Fui o padrinho. Quando me viu chegar na igreja, Rafael quase ficou sem palavras.

– Mas que que tu fizeste? Que negócio é esse? – ele perguntou, balbuciando, espantado com meu novo visual.

Como resultado de mais uma provocação de Larri, coloquei uns dreadlocks no cabelo, aquelas trancinhas que o Bob Marley usava. Rafa quase teve um treco. Mais tarde, fui eu quem teve um de verdade por causa daquilo. Depois de lavar, o cabelo não secava com aquele penteado. Juntando com a imunidade baixa depois de tanto esforço consecutivo em quadra, o organismo se ressentiu. Peguei uma gripe horrorosa que demorou quase duas semanas para passar e me deixou meio enfraquecido.

Stu Forster / Allsport / Getty



Guga e seu cabelo camaleão, dessa vez com dreadlocks, no torneio de Wimbledon em 2000.

Com o corpo demolido pelos efeitos da gripe dreadlock e tendo que enfrentar a temporada em quadra de grama, passei quase um mês perdendo partidas que poderia ganhar. Foi o suficiente para os críticos se manifestarem, dessa vez atingindo também Larri. Muita gente da imprensa o questionava, dizendo que ele tinha esgotado seus recursos comigo, que, se eu quisesse ser número 1, precisava de outro treinador. Ganhando ou perdendo, eu e ele ríamos

do festival de bobagem que os caras falavam. Meu corpo estava detonado, o piso não me favorecia e eles diziam que o problema era o Larri?!

Em Wimbledon, eu tinha vencido fácil nas duas primeiras rodadas, mas, na terceira, fui derrotado pelo alemão Alexander Popp, 114º do ranking. Para complicar, a rodada seguinte da Copa Davis, pelo grupo mundial, foi na Austrália, também na grama. Cheguei lá, em meados de julho de 2000, com todos os músculos doendo. Perdi de Rafter por 3 a 0. No torneio do Canadá, no fim do mês, não passei da segunda rodada.

Toda vez que forçava a máquina, só me estropiava mais. Tirei meu time de campo. Passei uma semana me recompondo, só comendo e dormindo. Era o que precisava para colocar meu corpo em dia. Em agosto, no torneio de Cincinnatti, cheguei à semi. Em Indianápolis, fui campeão, vencendo Safin e me tornando número 2 do mundo. Além do título, ganhei pontos importantes para me distanciar do russo na Corrida dos Campeões.

Safin vinha num embalo vertiginoso. Em fevereiro, era o 30º do ranking. No dia da final de Indianápolis, 20 de agosto, já estava na sexta posição. Jogar com ele ficava cada vez mais complicado. No primeiro set da final em Indianápolis, não consegui me impor e ele venceu por 6-3. Mas depois ganhei o segundo e o terceiro, em tie-breaks aguerridos.

Com o troféu de Indianápolis na mão, fui para o US Open com uma chance real de assumir a liderança dos dois rankings. Bastava eu chegar às quartas e Agassi, o então número 1, não defender o título. Isso seria um presente sensacional, uma vez que a final cairia na semana do meu aniversário.

A partida de estreia foi contra o australiano Wayne Arthurs, um adversário indigesto, daqueles que ninguém quer pegar na primeira rodada. O cara tinha um estilo que chamamos de "corta-físico": sacava a 230 km/h e não trocava mais de duas bolas, sem deixar o oponente pegar o ritmo do jogo. Ganhei o primeiro set tranquilo. No segundo tive várias oportunidades de me firmar, mas deixei escapar. De repente, com a partida empatada em 3-3, olhei para a torcida e vi Brad Gilbert, o treinador do Agassi, naturalmente me secando, rogando praga para eu perder. Parecia um urubu meio careca e grisalho, colocando uruca no meu jogo. O santo dele estava forte naquele dia. Perdi o set.

O jogo ficou dramático. Continuei tendo várias chances de quebrar o saque de Arthurs ao longo da partida, mas desperdicei todas. Os dois últimos sets foram para o tie-break, e dancei em ambos. Meu US Open de 2000 cheio de esperanças começou e acabou no primeiro dia. Para completar a lambança, Agassi perdeu na segunda rodada. E eu desperdicei a chance de ouro. Se tivesse chegado ao menos às oitavas, seria o novo número 1.

Correndo por fora, mais dentro do que nunca, Safin continuava atropelando. Acabou sendo campeão do US Open, derrotando Sampras na final, e virou meu concorrente direto na disputa pelo topo do ranking.

A maré não estava das mais favoráveis, mas pelo menos eu ia realizar um sonho de criança. Desde moleque, sonhava em disputar uma Olimpíada. E aí a chance apareceu em Sydney, na Austrália. Hoje a Olimpíada é uma espécie de Grand Slam paralelo, uma honraria

na carreira. 2000 foi o primeiro ano que a ATP creditou pontos pela Olimpíada. Eu era alucinado por aquilo, inventava meus jogos olímpicos em casa com os amigos, ficava grudado na TV vendo Joaquim Cruz cruzar a linha de chegada no atletismo em 1984 e 1988, as cestas do Oscar no basquete e a geração de prata do vôlei. Eles me fizeram acreditar que os brasileiros podiam alcançar o sucesso. Eu ficava arrepiado só de pensar na possibilidade de um dia defender meu país na mais ilustre das competições mundiais.

A convocação começou com um telefonema de bastidores. A cúpula do COB, o Comitê Olímpico Brasileiro, queria saber se eu estava disposto a jogar em Sydney. Sim, claro, obviamente, já tô indo para lá. "Mas tem um problema", adiantou o pessoal do COB. "Você vai ter que vestir o uniforme oficial do Brasil", afirmaram.

Tradução da frase enigmática, que me colocava contra a parede de saída: o COB estava me obrigando a usar uma roupa com o logotipo do patrocinador oficial do Comitê. Se não aceitasse os termos deles, poderia me considerar dispensado. Aquela poderia se tornar a maior frustração da minha vida, mas eu não ia ceder a um negócio daqueles. No passado, nenhum órgão brasileiro vinculado ao esporte me dera um único centavo, no máximo meia dúzia de passagens e hospedagens para competições oficiais. Quando fui campeão na Copa Davis juvenil, tivemos de pagar do próprio bolso para participar.

Por outro lado, já fazia mais de cinco anos que a Diadora me apoiava. Investira em mim no momento mais difícil, o início da carreira profissional, quando eu tinha perdido todos os patrocínios. Se não fosse por ela, seria impossível participar dos torneios mais importantes. E agora vinha uma suposta autoridade do esporte nacional dizer que eu tinha que renegar a Diadora. Eu jamais passaria o pé em quem ficou do meu lado numa hora tão crucial.

Cheguei a dar entrevista dizendo que jogaria até sem camisa. Para o COB, propus um uniforme sem marca, apenas com as cores do Brasil. Eu abdicaria da Diadora, mas não a trairia. Falaria com eles, tinha certeza de que entenderiam e não colocariam obstáculo. "Isso é inaceitável, não tem negociação, repensa sua posição senão vai ficar de fora das Olimpíadas", ameaçaram os emissários de Carlos Nuzman, o presidente do COB. Então tá, fico de fora. De comum acordo, eu, Larri e minha família preferíamos abrir mão do sonho e deixar de viver uma oportunidade rara a lesar um parceiro.

Durante essa queda de braço, a imprensa e a opinião pública ficaram do meu lado. As autoridades permaneciam inflexíveis. Já instaladas na Austrália, telefonavam para Larri de madrugada tentando nos convencer a mudar de ideia. Não era justo a gente passar por essa chantagem emocional. Defendi o Brasil em todas as Davis a que fui convocado, eu tinha que estar em Sydney também, aquilo não tinha sentido. A quatro dias da Olimpíada, a ser realizada do outro lado do mundo, com dois dias e tanto apenas para chegar, eu mal dormia, aflito, tentando encontrar um jeito de me conformar com o fato de que o sonho de infância não ia se realizar.

Pressionado pela opinião pública, finalmente Nuzman "abriu uma exceção". Mas aí o estrago já estava feito. Com toda a tensão e o desgaste na bagagem, saí correndo aos 43 do

segundo tempo para chegar em cima do laço e participar da abertura das Olimpíadas. O sonho não começou do jeito que eu queria, mas acabou acontecendo. E então vivi a experiência inesquecível de representar meu país nos Jogos Olímpicos. Dormi na vila olímpica, não saía de lá, aparecia em tudo quanto é treino, filmava basquete, vôlei, atletismo, registrava todo atleta de verde e amarelo que encontrava pela frente, não queria correr o risco de esquecer nada.

Na dupla, eu e Jaime tivemos a falta de sorte de enfrentar os campeões olímpicos na primeira rodada. Perdemos na estreia para os canadenses. Na simples, fui indo até chegar às quartas, quando perdi para Kafelnikov, que sairia de Sydney com a medalha de ouro. Foi doído, mas pelo menos posso dizer que estive lá e que foi emocionante pra caramba. Só por chegar a uma Olimpíada, um brasileiro tem de se considerar vitorioso. Ali ficou claro para mim que, com exceção de raros esportes, o atleta nacional vive sem apoio, sem condições, sem equipamento e dinheiro, essas coisas que todo mundo sabe e ninguém faz nada. Tudo o que ele tem é o suporte da família, a própria vontade, o esforço e a raça. No tempo que passei na Austrália, me senti entre heróis.

Depois do sonho olímpico, voltei toda a minha atenção para os cinco torneios restantes do circuito. Mais uma vez o fato de morar no Brasil trazia uma dificuldade adicional. Não dava para voltar para casa. Seria uma perda de tempo precioso. Na reta final, tinha que me preparar para as partidas nas quadras de carpete cobertas que iam decidir o ano. Então, depois de disputar em Tóquio e Hong Kong, fui da Ásia diretamente para a Europa.

Gerard Julien / AFP / Getty

Defendendo o Brasil nas Olimpíadas de Sydney em 2000.

Era boa a possibilidade de fechar o ano como número 1. Em outubro, Sampras era o primeiro do ranking, Safin estava em segundo e eu em terceiro. Mas a diferença de pontuação entre nós era pequena. Eu dependia mais das minhas boas colocações do que do desempenho deles nos torneios, principalmente nos dois Masters que faltavam, em Stuttgart e Paris. Eu nunca tinha beliscado uma semifinal nesse tipo de quadra, mas precisava ganhar pelo menos algum deles para chegar ao topo do ranking.

No indoor de Stuttgart, numa quadra extremamente rápida, venci o francês Nicolas Escudé em dois tie-breaks, mas perdi nas oitavas para outro francês, Sebastien Grosjean. Não consegui adaptar minhas características a um piso tão veloz. Sorte que Safin também foi derrotado ali de forma prematura.

Em Lyon, um torneio preparatório para o Aberto da França, ficou mais claro que jogar em alto nível no carpete ia ser uma pedreira. No começo fui bem, mas nas quartas, na hora do vamos ver, perdi para Rafter de 2 a 0. É certo que eu tinha dado um passo adiante, mas meu jogo ainda precisava de ajustes para ser eficaz naquele piso. Eu precisava encontrar rapidamente uma solução para continuar na briga pela liderança.

No Masters de Paris Bercy, eu e Larri intensificamos os treinos. Passávamos a maior parte do tempo livre numa quadra subterrânea em Roland Garros, embaixo do vestiário dos juvenis,

meu conhecido desde a primeira visita em 1992. Aprendi ali que meu jogo não dependia de nenhuma grande transformação para se adaptar ao carpete. O segredo do ajuste estava na postura, sobretudo no posicionamento das pernas. Foi uma pequena grande sacada, daquele tipo que faz a diferença.

Com a bola em jogo, precisava me movimentar mais rápido para rebater com mais impacto. Isso não teve nenhum mistério para eu conseguir. A parte mais complicada foi encontrar o jeito de acertar a devolução do saque. Todo dia, eu, Larri e Oded, treinador israelense que era nosso amigo, praticávamos durante 45 minutos a recepção do saque em busca da solução. No começo a coisa estava triste, mas, de repente, indignado e para descarregar a minha frustração, fui uns três metros para trás e passei a devolver com toda a minha força, do mesmo jeito que eu fazia no saibro. Tive 15 minutos seguidos de devoluções perfeitas. Ali estava a chave. Era só aumentar a movimentação das pernas e me antecipar ao encontro da bola, de um modo parecido com o que eu tinha feito com Sampras em Miami.

Depois de vencer o americano Chris Woodruff na estreia no Aberto de Paris, enfrentei Rafter nas oitavas, no dia seguinte ao treino em que acertei o compasso na devolução do saque. Logo nos primeiros games, Rafter se espantou com a mudança. O australiano sacava como sempre, mas agora eu devolvia com força nos dois lados. Ganhei de dois a zero.

Depois venci o espanhol Albert Costa nas quartas. Na semi, o adversário era o australiano Mark Philippoussis. Na outra chave, Safin e Ferrero disputavam a semi. No ranking anterior ao Aberto de Paris, eu era o segundo e Safin o terceiro, com apenas 192 pontos nos separando. Mas esse ranking ainda não computava os pontos que o russo tinha obtido por ter sido campeão na semana anterior. Quando isso acontecesse, mesmo que terminássemos Paris na mesma colocação, ele me passaria no ranking. Sampras ainda continuava na liderança, com 305 pontos acima de mim, mas ele só vinha defendendo pontos, nem foi jogar em Paris. Por isso, os resultados naquelas duas semis eram determinantes para mim e Safin, os dois que se engalfinhavam para destronar Sampras.

Philippoussis estava num dia inspiradíssimo. Por mais afiado que eu também estivesse, ele só marretava bigorna na minha cabeça. Perdi de 2 a 0 para ele na semi, os dois sets no tie-break.

Safin, por sua vez, ganhou de Ferrero. E a final em Paris ficou entre o russo e o australiano.

Depois de três meses viajando, arrumei as malas e voltei para o Brasil na mesma noite em que perdi na semi. Fui matar a saudade de casa e espairecer nos dez dias de intervalo até o Masters Cup em Lisboa. Nem quis ver a final do Masters de Bercy. Fui para a praia surfar. E aí um amigo veio falar comigo:

– Ué, mas tu já tá aqui?! Te vi há pouco na TV jogando com o Philippoussis.

– Pois é...

– Nem viste a final?

– Não. Quem ganhou?

– O Safin, em cinco sets. Jogaço.

Já imaginava, mas, pô, a notícia me deixou maluco. Quando eu estava chegando muito perto, lá vinha um russo tirar a sobremesa do meu prato. Com Safin sendo campeão na França, o ranking sofria uma reviravolta. Na lista do dia 27 de novembro, Agassi era o oitavo e Corretja, o sétimo. Hewitt foi para a sexta posição, com Kafelnikov acima dele. Norman vinha em seguida, em quarto lugar. Sampras em terceiro. Eu, em segundo. E o novo número 1 do mundo era Marat Safin.

A diferença de pontuação entre mim e Safin era pequena, pouco mais de 370 pontos. Mas minha chance de terminar o ano como líder do ranking tinha desmoronado, ficando abaixo de 10%. A única possibilidade de isso acontecer dependia de duas coisas muito improváveis no último torneio do ano: Safin não passar da semi e eu ser o campeão da competição mais seletiva do tênis mundial.

Ajeitei a prancha de lado e sentei na areia. Desiludido, mas ainda acreditando, fitei o mar pensando nas minhas possibilidades. Aí sacudi a cabeça, espantei os pensamentos, deixei para lá e entrei na água para me refrescar. Eu já tinha saído de enrascadas piores. Essa era a beleza da coisa. No tênis, mesmo quando tudo parece perdido, a gente sempre pode virar o jogo.

O NÚMERO 1

Era o meu segundo Masters Cup. Apesar da experiência, a cabeça não mudou. Esqueci do sapato, peça de vestuário obrigatória para a cerimônia de sorteio das chaves. Tinha feito questão de que todo mundo estivesse do meu lado ali, mas ninguém – eu, Rafa, Larri, a mãe e a oma – que também estava no seu segundo Masters tinha se lembrado de trazer o raio do sapato. Tive que pedir emprestado no hall de entrada para participar de uma festa que também era minha.

Por estarmos nas duas primeiras posições do ranking, eu e Safin fomos automaticamente para chaves diferentes. No sorteio, Agassi, Norman e Kafelnikov ficaram no meu grupo. No de Safin, Sampras, Hewitt e Corretja. Pelo menos em dois aspectos estávamos todos igualados no final da temporada: destruídos, mas querendo o título de qualquer jeito.

A meu favor, o Masters ia acontecer em Portugal. Além da afinidade histórica entre brasileiros e portugueses, o carinho da torcida sempre fez com que eu me sentisse em casa em Lisboa. Na pior das hipóteses, eu teria o apoio do povo, e isso era reconfortante. A cada treino, eu me via mais confiante. Pratiquei com Sampas, Agassi, Corretja, quase todo mundo menos Safin. Me sentia em ponto de bala, pronto para encarar qualquer um.

Na estreia, peguei Agassi de cara. No primeiro set, joguei um tênis de primeira linha, massacrei o americano e venci tranquilo por 6-4, já sentindo que o jogo estava encaminhado, só uma questão de tempo para a vitória.

No segundo, também estava jogando muito bem, conseguindo me impor. Aí, de repente, a torcida de Lisboa entrou em peso no jogo. Para minha completa surpresa, começou a gritar:

– A-gas-si, A-gas-si!

Não entendi nada: "Eu é que sou o brasileiro. Por que todo mundo está do lado do americano?" Aquilo me desconcertou. Perdi uma oportunidade aqui, um break point ali, fui travando à medida que Agassi ia se empolgando, quebrando meu saque e fazendo winners, se transformando num gigante. Lá pelas tantas, para completar, em função do cansaço, travei as costas. O chefe dos fisioterapeutas entrou em quadra, tentou me consertar, mas não teve jeito. Agassi virou o placar e venceu a partida, 2 a 1 para ele.

Saí desolado da quadra, com meu time me olhando com expressão triste, menos a mãe, que, como toda mãe, estava mais preocupada com minha saúde do que com o resultado do jogo. No vestiário, fui direto para a maca receber tratamento. Ali, soube que Safin ganhara a primeira

partida dele. Certamente era outro problema, mas a dor não me deixou raciocinar direito. Fiquei três horas ali, com todo mundo me esperando para voltar para o hotel.

A mãe ficou comigo no quarto até umas quatro da madrugada, passando pomada e colocando calor nas costas, cuidando do filho, não do jogador. Estava tão preocupada com a minha saúde que, na primeira oportunidade, foi rezar para Nossa Senhora, lá em Fátima, para que eu me recuperasse. Eu tinha um dia de folga até a partida seguinte. Dormi sem saber se ia conseguir jogar ou não.

Acordei mal de manhã. Só comi e repousei até umas cinco da tarde, quando fui fazer fisioterapia. Deitado na maca, pensava que não dava para exigir mais. Eu estava de novo no Masters Cup, era um dos dois melhores jogadores do mundo, bicampeão de Roland Garros, a família estava orgulhosa de mim, dinheiro não era problema, não tinha sentido reclamar de nada, que mais eu podia querer?

Antes da partida contra Norman, eu e Larri batemos bola por apenas vinte minutos, o suficiente para eu desenferrujar. Naquele momento, já nem pensava se podia ou não me tornar o número 1. Só queria ficar vivo no torneio. A partida começou e, para minha surpresa, me vi voando baixo, jogando o melhor tênis da minha vida. Tudo o que fazia dava certo, martelada, voleio, saque, paralela, na rede, no fundo, uma atuação impecável. Ganhei de 2 a 0. Na entrevista no final da partida, Norman comentou que, se eu estava com as costas machucadas, ele também queria se machucar daquele jeito para poder jogar com toda aquela perfeição.

Nessa noite fui dormir realizado. Num dia eu estava no fundo do poço, achando que não tinha condição de andar 10 metros, e agora, depois de vencer uma partida numa exibição magistral, só precisava ganhar mais uma para ir para a semifinal. Era nisso que eu ia mirar, no simples, no próximo passo, uma coisa de cada vez, sem me preocupar com as grandes conquistas. Tinha sido assim na carreira inteira, no Roland Garros de 97, no que veio antes e depois. Era assim que eu funcionava melhor.

Antes do jogo contra Kafelnikov, bati outros vinte minutos de bola com Larri e mais uns dez com Pedro Pereira, tenista português que tinha nos hospedado na casa dele em 1994. Pouco antes de a partida começar, Larri ainda reforçou:

– Tu já fez muito. Não pensa no que vem depois. Desfruta o momento, aproveita, saboreia. Entra lá e se lambuza.

Mais ou menos naquele momento, Safin entrava em quadra para jogar com Sampras. Ele já estava classificado para a fase seguinte, o resultado não importava tanto. A única coisa é que, se ele ganhasse, eu não teria mais chance de ser o número 1. Mas eu não estava ligando. Só pensava em cumprir a recomendação de Larri e me lambuzar no meu próximo passo.

Já nos primeiros games, deixei Kafelnikov desnorteado. Acho que nunca dei tanta pancada, bordoada e martelada numa partida só, com winner para tudo quanto era lado, um volume de jogo descomunal, incomum para mim naquele piso. No segundo set, Kafelnikov forçou mais, mas, se ele fazia uma boa jogada, eu fazia três. Na plateia, Rafa gritava a toda hora: “Boa, garoto, continua assim!” Parecia que eu estava em casa, no clube da infância. A plateia

também me abraçou e começou a gritar o meu nome. Ganhei de 2 a 0: 6-3 e 6-4.

Sensacional, incrível. Dois dias antes eu estava desacreditado e agora ia para a semi daquele torneio dos sonhos pela primeira vez. Para completar, Sampras atropelou Safin enquanto eu vencia Kafelnikov. Eu ainda estava no páreo.

No Masters Cup, o primeiro de uma chave joga contra o segundo da outra. Com isso, tive que encarar Sampras, enquanto Safin enfrentava Agassi. Desconfio que Safin deva ter sentido o peso do que significaria mais uma vitória. Na pior das hipóteses, mesmo se não vencesse a final, ele assumiria a liderança do ranking. Aquilo pode ter sido demais para ele. O resultado é que Safin travou e Agassi o massacrou. Não podia existir resultado melhor para mim, que subitamente voltei a ter mais chance de terminar o ano como número 1. Para isso, bastaria ser campeão do Masters Cup pela primeira vez, superando Sampras na semi e Agassi na final. Ou seja, tarefa nada fácil – se a chance antes era de 0,5%, passou então para uns 5%. Como no Roland Garros de 1997, ser campeão era outra vez uma improbabilidade estatística.

Pela lógica, seria quase um milagre ganhar de Sampras, o melhor jogador que enfrentei na vida, naquela superfície. Mesmo assim, por mais paradoxal que fosse, estava com a confiança lá em cima, a motivação na estratosfera. Era a chance da vida, a mãe e a oma estavam na plateia, eu queria muito dar esse presente a elas. "Vou ganhar desse cara", não parava de repetir no aquecimento com Larri e Pedro Pereira.

Eu estava bastante nervoso no começo de uma partida que era amedrontadora por si só. Sampras aproveitou a fragilidade inicial dos meus nervos para me trucidar. Fez 3 games a 0 rapidinho. Em vez de me desesperar, foi a partir daí que encontrei meu caminho na partida. Quebrei o saque dele uma vez, passei a controlar a situação, jogando o melhor tênis da minha vida naquele piso. Fui buscar o resultado, empatei e levei o primeiro set para o tie-break. Acabei perdendo, mas no detalhe do detalhe, uma bola que saiu um milímetro, a outra dele que bateu na fita e caiu para o meu lado, essas coisas imponderáveis.

No intervalo, sentado no banco, mordendo a toalha, eu estava irreconhecível. Era a personificação da calma. Sabia que estava jogando melhor do que ele. O pior já havia passado, dali para a frente não via mais problema. O grau de confiança era tão grande que chegava a ser absurdo. Mesmo perdendo o primeiro set para um dos maiores tenistas da história, eu tinha plena convicção de que a partida era minha.

Comecei o segundo set com total intensidade. Logo no segundo game, quebrei o saque de Sampras, fazendo 3-0 de entrada. Controlei o set com extrema tranquilidade do início ao fim. Ganhei por 6-3, com Sampras não escondendo a surpresa com meu volume de jogo.

Fomos para a negra. O início do terceiro set foi épico, com os dois lados se digladiando no pega pra capar, um toma lá dá cá avassalador. De vez em quando, ele me incomodava, ameaçava quebrar meu saque, mas, na minha cabeça, eu continuava jogando melhor.

Quando o set derradeiro estava empatado em 4-4, consegui a quebra de saque que eu tanto esperava e passei à frente. Na virada de lado, olhei para o meu pessoal. A mãe, Larri, Diana, Rafa, Jorge Salkeld, todo mundo pulando e vibrando. Eu era o mais eufórico de todos.

– O jogo é meu. Vou ganhar do Sampras. Vou para a final disto aqui! – falei, já fechando o punho naquele gesto de conquista.

Minha euforia era tão grande que exagerei a dose e, louco para fechar o jogo, perdi o ponto de equilíbrio. Mas só fui diagnosticar isso quando Sampras me botou contra a parede e deixou o placar em 15/40 no meu saque. "E agora? O que eu faço? Arrisco tudo? Guga, tu não pode perder esta chance", pensei.

Saquei na direita, ele devolveu fraco, cravei sem chance na esquerda dele, ponto meu. "Tá 30/40, vamos lá, mais um pontinho", ficava repetindo enquanto me concentrava para dar uma martelada de primeiro saque. Consegui, a bola partiu que nem raio. Para fora. Saiu um milímetro.

Respirei fundo. Tudo bem, tinha o segundo serviço. Praticamente só coloquei a bola em jogo e começamos a disputar o ponto. Sampras teve chance de ser mais agressivo, mas preferiu ficar na defensiva, contando com um erro meu. Trocamos 16 bolas, num rali cauteloso dos dois lados. E então dei o toque mais lindo da minha vida, uma jogada sensacional. Subi para a rede, Sampras defendeu com um slice, a bola pegou na fita e caiu para o meu lado a cinco centímetros de distância da rede. Num passo meio voador, com um reflexo do além, me desloquei até a bola e devolvi para o lado dele, com a bola seguindo rente à rede na cruzada, ganhando o ponto num ângulo formidável. Empatei o game nesse lance praticamente espírita, o meu gol olímpico no tênis. Levantei o braço direito e dei um urro de conquistador do universo para a plateia.

Gastei meus vinte segundos para sacar, a mãe escondendo o rosto nas mãos de apreensão, o coração aos pulos, Larri, Diana, Rafa e Jorge paralisados. Mandei um petardo na direita de Sampras, bem aberto. Ele se esticou todo, a bola pegou meio torta na raquete e parou na rede. Isso! Agora só faltava mais um.

É difícil pra caramba se concentrar no saque com o coração saindo pela boca. Enrolei, mexendo nas mangas da camisa polo cor de creme. Suspirei fundo. Dessa vez, mandei na esquerda de Sampras, mais aberto ainda. Ele mal se mexeu. Ace. O jogo era meu. Vitória!

Minha comemoração foi contida. Apertei os dois punhos fechados na altura do peito e olhei para o céu, dividindo a alegria com o meu pai. Larri, de tão emocionado, estava fazendo qualquer coisa para não demonstrar. Em vez de vibrar, tirou o boné e o assoprou para tirar alguma coisa inexistente lá dentro. A mãe continuava com o rosto encoberto pelas mãos, mas agora para esconder o choro de felicidade. Só depois que cumprimentei Sampras na rede debaixo do aplauso de 12 mil pessoas é que a mãe descobriu o rosto, abraçou Larri e os dois ficaram comemorando na plateia. Pela primeira vez na história, um brasileiro estava na final do Masters Cup.

Como de praxe, o vencedor era entrevistado ainda dentro da quadra. O homem quis saber se eu achava que tinha chance de vencer Agassi na final. Normalmente, eu desconversava, mas, dessa vez, disse que sim, mesmo com a dor nas costas que incomodava desde a primeira partida. Eu tinha chegado até ali desse jeito, podia muito bem ir além. Depois ele quis saber

se eu conseguia me enxergar como número 1.

– Quando o Masters começou, eu não estava pensando nisso. Mas agora estou. Só falta uma vitória. Está certo que é contra o Agassi. Sei que vai ser duro passar por ele, mas vou fazer de tudo para conseguir.

Nesse torneio especial, cada um tem o seu vestiário, como um camarim. É bom ficar ali, se preparando para um jogo decisivo, dá uma sensação de que aquilo foi feito só para você. Não tem jeito de o adversário intimidar. Antes de ir para lá, no aquecimento com Larri, eu não tinha errado uma bola. O único problema foi que o meu par de tênis, de tão gasto, abriu o bico. Desde 1999, a Diadora tinha criado um modelo de calçado ótimo, com jeito de botinha. Eu não tirava do pé. E, na hora agá, ele foi para o beleléu.

Nunca gostei de viajar com muita mala. Carregava somente duas, uma de roupa e outra de equipamento, o mínimo possível. Raquete, apenas quatro. Todo tenista é obsessivo com raquete, sobretudo com o encordoamento, e alguns, como eu, com o grip. A empunhadura é tudo, e esse era o meu carma. Aquela fita precisa ser enrolada de uma maneira muito específica para se amoldar perfeitamente à mão. Naquele tempo, só eu conseguia deixar o grip do jeito que queria. Mas, para isso, às vezes gastava duas horas numa única raquete. Por isso, nunca tinha à mão mais de quatro. Deixá-las perfeitas já consumia um tempão. Trocar de raquete era um parto. Quando acertava a empunhadura, jogava com ela até o grip praticamente esfarelar.

O estoque de uniformes durava só cinco dias, então estava sempre com roupa lavando. Levava no máximo três pares de tênis, dois para jogar e um de corrida. Quando o meu abriu o bico, peguei o reserva, que tinha sido desenhado para o saibro. Experimentei. Problema. Como todo tênis novo, a sola ficava pegando no chão, não deslizava, não tinha condição de jogar com aquilo. Para ficar do jeito, Larri teve que lixar a sola. Passou a tarde fazendo isso. Mesmo assim, preferi entrar em quadra com os tênis velhos e arriados, com a língua de fora. Claro está que eles não aguentaram. No meio da decisão com Agassi, tive que trocar de tênis, aposentando os esbodegados e calçando a obra de artesanato do Larri.

Apesar de ser o nosso nono confronto, até agora eu achava estranho enfrentar Agassi, meu ídolo na passagem da infância para a adolescência. Aos 13 anos, numa viagem aos Estados Unidos, pedi à mãe que comprasse uma camisa dele de presente para mim. Custava 50 dólares, uma fortuna, mais caro que os famosos calções de jeans que ele usava. Fiquei na dúvida entre uma camisa verde e uma preta com detalhes avermelhados, as duas chamativas. Se não fossem do Agassi, seriam feias. Mas, como eram, me pareceram magníficas. Fiquei com a preta. Cresci com aquela camisa, sonhando um dia jogar tão bem quanto ele. Mas nem no meu sonho mais doido achei que um dia jogaria nove vezes contra ele. E nem no mais alucinante dos sonhos delirantes imaginei que, se isso acontecesse um dia, seria numa final do torneio dos campeões.

E ali estava Agassi mais uma vez na minha frente, com uma camisa discreta, creme, parecida com a minha. A dele era da Nike, a minha da Diadora, com o logotipo do Banco do

Brasil na manga. Eu usava uma cinta azul para tentar controlar a dor nas costas, e parecia ter resolvido o problema. Meu cabelo estava curto, ele tinha raspado a cabeça. No aquecimento em quadra, os dois estavam confiantes, firmes, seguros. Pela ótica da plateia, não havia nada que nos diferenciasse, no comportamento, na atitude, na roupa, no jeito, no olhar, dois campeões se preparando para tentar superar o adversário e levantar a taça mais uma vez.

Eu e Larri tínhamos visto uma série de jogos entre Agassi e Sampras ao longo de suas carreiras, o que nos ajudou a traçar uma estratégia vitoriosa. Havia uma jogada de Sampras que costumava funcionar muito bem. Ele deslocava o Agassi para a direita e, com a quadra aberta, subia à rede na esquerda do oponente, se antecipando e surpreendendo. Eu não me lembrava de ter feito isso nas minhas partidas contra Agassi. Incorporei o golpe ao arsenal. Percebi também que, se atacasse na direita em vez de ficar variando força e velocidade, seria mais eficaz ir com força total. Isso também ajudaria a controlar o ritmo do jogo, a me poupar, a fazê-lo correr mais do que eu.

O primeiro set foi uma execução perfeita do plano que eu e Larri traçamos. Comecei quebrando o saque de Agassi, depois fui controlando a partida. O americano não conseguia comandar as jogadas nem se sentir confortável em quadra. Mesmo assim não largava o osso, tentava por aqui, inventava ali, mas eu ia fechando as portas. Em momento algum estive atrás no placar. Venci o primeiro set por 6-4.

O segundo set foi uma repetição do primeiro, com a diferença de que a torcida começou a apoiar Agassi, gritando o nome dele sem parar. Só que dessa vez eu já estava vacinado. "Tudo bem, é normal isso acontecer. O cara é um ídolo, foi ele quem revolucionou o tênis com aquele jeito carismático de rebelde sem causa. Então usa teu tempo, controla o entusiasmo da torcida e não deixa ele crescer no jogo." Estava claro que a supremacia da partida era minha, ainda mais depois de quebrar outra vez o saque dele. Se eu mantivesse o equilíbrio, o volume e a intensidade de jogo, ele não ia ter chance. Ganhei o segundo set, também por 6-4.

No início do terceiro, Agassi ainda tentava se manter na batalha, mas nós dois sabíamos que ele ia perder a guerra. Logo nos primeiros games, sua expressão dava mostras de uma frustração monumental. Na metade do set, ele foi se encrespando cada vez mais.

Quando o terceiro set estava em 5-3 para mim, Agassi sacou e fez 40/15. Mas estava tão desnorteado que, em vez de sacar de novo, achou que o game já tinha acabado. Deu dois passos para fora da quadra, se dirigindo ao banco, como se fosse sentar. Então se ligou de que o game não tinha terminado e voltou. Uma vez posicionado para o saque, bateu a bolinha no chão cinco vezes e deu sequência à partida. Rebati para fora. Game para Agassi.

Agora o saque era meu. Quando estava 15/30 para o americano, dei um ace e empatei. Saquei mais uma vez e, após a devolução, bati forte na esquerda dele e subi à rede. Quando Agassi rebateu, dei um voleio de direita cruzado curto inalcançável. Ponto meu.

De repente, a mãe gritava, levantando o dedo para cima: "Um, Guga, um!" Não entendi se ela estava dizendo se faltava um ponto ou que eu seria o número 1 do mundo. Fosse como fosse, o mais importante foi ouvir a voz dela ali, torcendo por mim.

E então fiz o ponto que faltava. Mais uma vez, venci por 6-4. Encerrava-se assim uma das mais belas exibições que dei numa quadra de tênis, uma das maiores atuações da minha carreira. Agassi teve nove break points e não aproveitou nenhum, salvei todos. Fiz 19 aces. Fui praticamente perfeito do início ao fim. Show.

Rendendo-se às evidências, os portugueses ao final me ovacionaram e gritaram meu nome. Mais tarde, no discurso para o público, pela primeira vez na carreira tive o enorme privilégio de falar na minha língua no exterior, e dediquei o título à "melhor mãe do mundo".

No cumprimento na rede, Agassi falou uma coisa que despertou minha atenção e se mostraria sábia e útil para a vida toda, ainda mais vindo da boca dele.

– Parabéns, merecido – disse, apertando minha mão, e completou com a frase marcante: – Aproveita que passa rápido.

Naquele momento, de imediato, a sensação era realmente maravilhosa. No dia 3 de dezembro de 2000, ao levantar a taça do Masters Cup, eu batia três recordes ao mesmo tempo. Acabava de me tornar o único tenista da história que conseguiu ganhar de Agassi e Sampras em semi e final no mesmo torneio. Além disso, era o único brasileiro a ter a glória de conquistar o torneio dos campeões e, por fim, aos 24 anos, também o único sul-americano a terminar o ano na posição de número 1 do mundo.

Há muitas formas de alguém se tornar o número 1, mas, do jeito que aconteceu, tinha sido particularmente sensacional, mais uma improbabilidade estatística que consegui transformar em realidade. E, de quebra, fiz a coisa certa na hora certa, pois existe uma grande diferença entre ser o número 1 em abril ou agosto e terminar dezembro como número 1, consequentemente se tornando o melhor tenista daquele ano.

De noite, para celebrar, nossa turma foi jantar num restaurante, todos na maior alegria. Apesar da felicidade, acabou cedo. Depois de tanta tensão e descarga de adrenalina, estava todo mundo meio esgotado, com o corpo pedindo cama. No dia seguinte, família e equipe iam voltar para o Brasil. Alguém perguntou se eu não ia junto para comemorar com eles. Não ainda. Desde janeiro, eu tinha combinado passar parte dos meus 14 dias de férias surfando no Havaí com três amigos. Não quis mudar os planos; fazia tempo que eu sonhava com aquilo, a gente já tinha alugado casa e tudo o mais. Depois disso é que eu voltaria para o Brasil.

Meus amigos estavam levando prancha para mim. Só precisei colocar três bermudas e quatro camisetas na mochila. Às três da tarde do dia seguinte ao maior título da minha vida, já estava no aeroporto. Na área de embarque, sentei numa cadeira para esperar o voo.

Fiquei lá sentado sozinho, pensando, cara, olha só o que aconteceu, que coisa inacreditável. Mas, além do orgulho e da alegria, não conseguia me sentir muito diferente do dia anterior. Na prática, não tinha mudado nada, não me enxergava maior ou menor. Naquele instante, a única diferença em relação ao dia anterior era estar em um aeroporto sem raquete do lado, com uma prancha me esperando na chegada.

Eu ficava matutando no significado daquilo para minha vida, mas não saía nada. Era mais fácil enxergar o brilho da conquista nos outros do que em mim. Eu via bem a felicidade da

mãe por ter um filho que era número 1 do mundo, a alegria do Rafa por ser importante na minha trajetória, o contentamento do Larri por ter carregado um guri pela mão e o conduzido até que ele se tornasse o primeiro do ranking. Ouvia até a gargalhada do Gui quando recebesse a taça e o abraço de orgulho e satisfação que o pai estava dando lá de cima em todos nós, o meu pai, o primeiro maluco a achar que um dia eu podia ser o melhor no tênis.

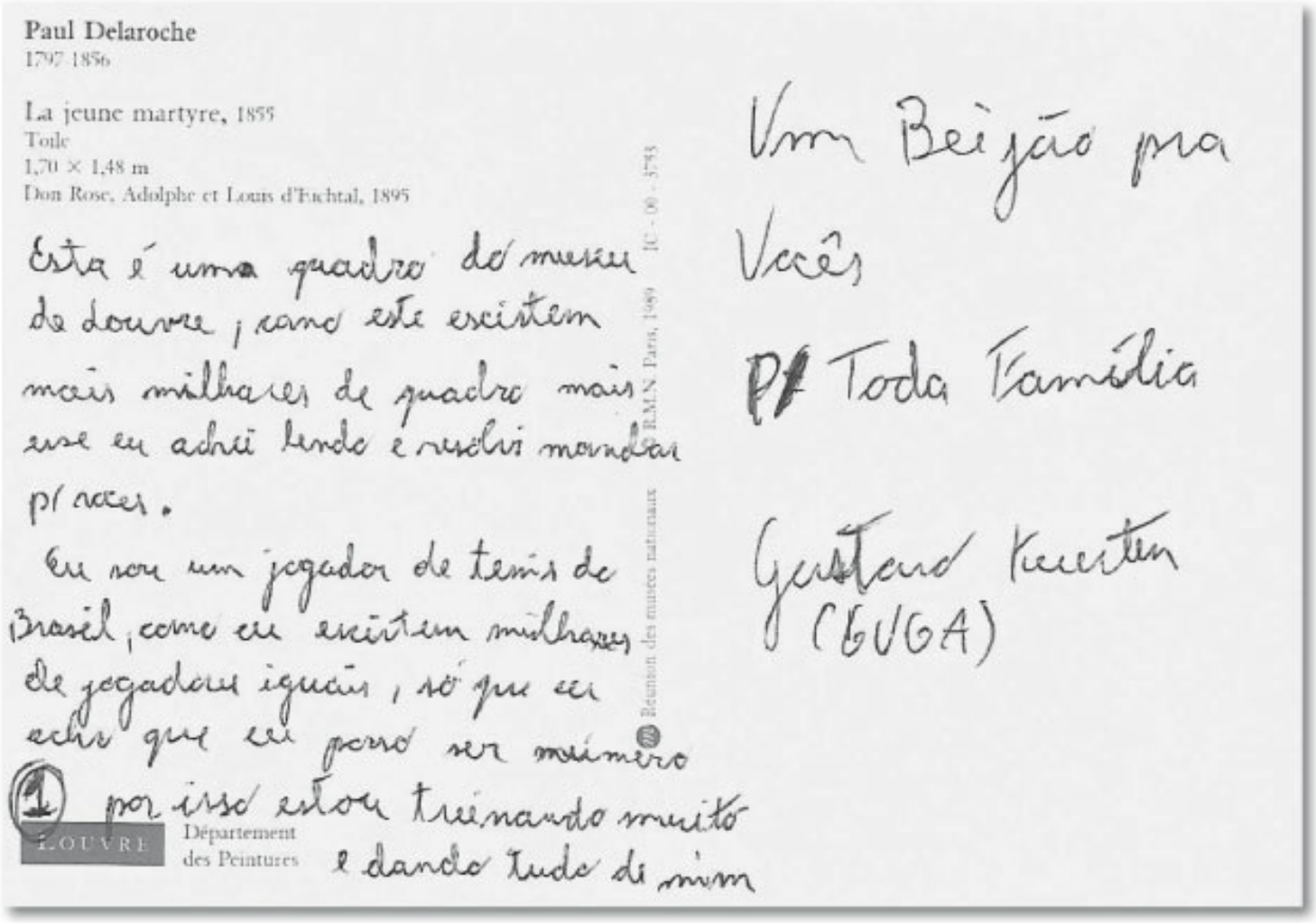
Pensar no pai, sem ele estar ali, era bom, mas não era fácil. Me deu muita saudade. Fiquei relembrando quando ele assistia aos meus jogos, fui revivendo minha trajetória, os torneios no clube, em que o prêmio para o vencedor era só um perfume, as primeiras competições em outras cidades, as primeiras viagens para fora do país. Pensei em tudo o que todos fizeram por mim. E então veio uma lembrança tão distante que, a princípio, fiquei na dúvida se aconteceu ou não. Mas aí acionei o escaninho certo e resgatei aquilo. Era fato, tinha acontecido mesmo.

Aos 15 anos, na minha primeira viagem à Europa com Larri, três minutos de telefonema internacional custavam mais do que uma diária de hotel. Como era impossível para mim gastar esse dinheiro todo, tinha que encontrar outras maneiras de me sentir próximo de casa. Em uma visita ao Museu do Louvre, em Paris, veio a ideia de mandar um cartão-postal para a mãe.

Dentre milhares de possibilidades, optei por um com a imagem de um quadro que não era dos mais conhecidos, só que para mim tinha algo especial, o *La jeune martyre*, de Paul Delaroche. Nesse postal, disse por que escolhi essa obra e que estava treinando bastante, vendo de perto os melhores jogadores e aprendendo muito. E aí, sei lá de onde tirei aquilo, escrevi à mãe que ela podia acreditar que eu também era especial e que um dia seria o número 1 do mundo.

Naquele momento no aeroporto, ao relembrar os dizeres do velho cartão, o guri de 15 anos que ainda existia dentro de mim deu um sorriso maravilhoso, como se tivesse feito a mais estupenda das travessuras, e assim nós dois, com a missão cumprida, entramos no avião para surfar no Havaí.

Acervo pessoal



Verso do cartão-postal que Guga mandou para a mãe aos 15 anos depois da visita ao Museu do Louvre, em Paris.

Marcelo Ruschel

Guga vence o americano Pete Sampras na semifinal do Masters Cup de Lisboa, em dezembro de 2000.

Steven Governo / AP

O americano Andre Agassi parabeniza Guga pela dupla façanha.

Após vencer o torneio e se consagrar como número 1 do mundo, Guga abraça o Brasil.

MASTERS CUP LISBOA 2000

GRUPO VERMELHO

Marat SAFIN
Pete SAMPRAS
Lleyton HEWITT
Alex CORRETJA

M. SAFIN x A. CORRETJA
6-7 7-5 6-3
L. HEWITT x P. SAMPRAS
7-5 6-0
P. SAMPRAS x A. CORRETJA
7-6 7-5
M. SAFIN x L. HEWITT
6-4 6-4
A. CORRETJA x L. HEWITT
3-6 7-6 6-3
P. SAMPRAS x M. SAFIN
6-3 6-2

GRUPO VERMELHO

1º COLOCADO
Pete SAMPRAS

2º COLOCADO
Marat SAFIN

GRUPO VERDE

Gustavo KUERTEN
Magnus NORMAN
Yevgeny KAFELNIKOV
Andre AGASSI

A. AGASSI x G. KUERTEN
4-6 6-4 6-3
Y. KAFELNIKOV x M. NORMAN
4-6 7-5 6-1
A. AGASSI x Y. KAFELNIKOV
6-1 6-4
G. KUERTEN x M. NORMAN
7-5 6-3
A. AGASSI x M. NORMAN
6-3 6-2
G. KUERTEN x Y. KAFELNIKOV
6-3 6-4

GRUPO VERDE

1º COLOCADO
Andre AGASSI

2º COLOCADO
Gustavo KUERTEN

SEMIFINAL	FINAL	CAMPEÃO
Pete SAMPRAS		
	Gustavo KUERTEN	
Gustavo KUERTEN	6-7 6-3 6-4	
		Gustavo KUERTEN
		6-4 6-4 6-4
Andre AGASSI		
	Andre AGASSI	
Marat SAFIN	6-3 6-3	

VAI DAR TUDO CERTO

Em 2001, na posição de número 1 do mundo, aprendi a jogar realmente como campeão. Para mim, campeão não é necessariamente o melhor de todos, mas o que resolve os pepinos que aparecem no percurso e no final ganha o jogo. Então, na hora de maior necessidade, eu agia como o mais matador dos assassinos. Se o adversário não exigisse tanto, resolvia a partida com 70% da minha capacidade, só administrando, controlando, fazendo o dever de casa. Quando o oponente era mais perigoso, conseguia me impor de tal jeito que mais cedo ou mais tarde obtinha o domínio da partida.

Isso não quer dizer que eu era invencível, embora me sentisse assim ao entrar em quadra. Além de uma questão de postura e mentalidade, pensar assim era também uma obrigatoriedade no nível em que eu estava. Os tenistas vivem de cobiçar a posição do outro e agora todo mundo queria o meu lugar. Isto é ser o número 1: se sentir imbatível, e tentar se manter assim, enquanto todos querem desbancá-lo. Por mais que eu quisesse ficar no topo para sempre, em algum momento seria inevitável ceder a posição, da mesma forma que a minha geração – eu, Hewitt, Kafelnikov, Safin – destronou Agassi e Sampas. Ainda que seja um processo natural, o ritual de passagem é uma briga de leão. O rei só perde mesmo a coroa quando realmente não dá mais para segurar.

Mal saboreei minha conquista, Safin me ultrapassou de novo no começo de 2001. Isso só me deu motivação para ir atrás e recuperar o posto quanto antes. Em Buenos Aires, tive um dos torneios mais surpreendentes da carreira. Argentino é patriótico, fanático por tênis, idolatra seus ídolos. Sempre fui respeitado ali, mas jamais poderia esperar o que aconteceu. Jogando contra argentinos na casa deles, na quadra central do Lawn Tennis Club, do primeiro ao último set, diversas vezes a torcida ficou do meu lado. Nunca tinha visto aquilo, era um negócio de arrepiar. Até na final, jogando contra o tenista local José Acasuso, a sensação do torneio, a plateia me apoiou, gritava meu nome, me incentivando a ficar com o título e voltar a ser o número 1 do mundo. Venci por 2 a 0 e retomei a liderança do ranking. Na premiação, até Acasuso parecia feliz por mim. É o tipo de episódio que traz uma satisfação especial, uma admiração que supera a rivalidade entre países e para mim representa uma conquista que vai além do universo do tênis.

Enquanto eu disputava em Buenos Aires, Rafa se preparava para entrar na avenida Nego Quirido no carnaval de Florianópolis. A Protegidos da Princesa, escola de samba de Santa

Catarina, tinha feito o samba-enredo em minha homenagem, com o título "O manezinho que conquistou o mundo". Tinha até carro alegórico, com um boneco gigante de cabelo encaracolado e vestido com o uniforme azul e amarelo da Diadora. Todo mundo sabia que eu não podia comparecer, mas o público continuava na maior expectativa, achando que eu ia chegar de algum jeito, de helicóptero, de paraquedas, sei lá. De repente, quase no final do desfile, a cabeça do boneco quebrou e ficou pendurada. Aí as pessoas começaram a aplaudir em suspense, imaginando que fosse parte do show e que eu ia surgir de dentro do boneco. Que nada. Nessa hora, eu estava indo para o aeroporto de Buenos Aires, a caminho do México. Apesar do incidente e da minha ausência forçada, a Protegidos foi a campeã daquele ano.

Como número 1 do mundo, eu seria a grande estrela no torneio de Acapulco. Um carro com motorista foi me buscar no aeroporto, ficando à disposição para me levar aonde eu quisesse. O quarto no hotel parecia um apartamento, com quarto, sala e suíte com banheira. Mas, tirando as regalias, tudo continuava do mesmo jeito. Na terça, eu já estava na quadra comendo saibro. Fiquei com o título de novo, ganhando na final do espanhol Galo Blanco. Beleza. De três torneios disputados no ano, tinha sido campeão em dois. Aquilo ia dando a convicção de que ser o número 1 não fora apenas um lampejo, eu tinha toda a condição de chegar assim ao final do ano.

Roberto Scola / RBS

A Protegidos da Princesa homenageou Guga no Carnaval de 2001 com o enredo "O manezinho que conquistou o mundo".

Acervo pessoal

Alice e Guga na praia do Revolcadero com o troféu do torneio de Acapulco.

Eu continuava treinando muito. Isso sempre foi uma coisa curiosa. A sensação de ser imbatível só existia nos jogos. Nos treinos, com uma ou outra exceção, não me via como um jogador excepcional. Parecia que sempre faltava alguma coisa, vivia com uma necessidade constante de aprimoramento, como um chamado interior, uma provocação interna para me refinar mais. Como número 1, de certa forma isso se intensificou. Antes, eu só olhava para cima e parecia que tinha mais tempo para me preparar. Agora, só olhava para baixo, onde tinha um mundaréu de gente, e isso gerava uma instigação extra a me tornar mais eficiente de um dia para outro.

O caminho para chegar ao topo é longo e árduo, mas se manter nessa posição é quase tão complicado quanto. O desafio é imenso, o grau de exigência é astronômico. Mesmo que a pessoa tenha sido preparada a vida inteira para ser líder, ainda vai existir uma enorme diferença entre a teoria e a realidade.

Conversando com a equipe numa Copa Davis, Thomaz Koch falou que as pessoas que alcançam o sucesso precisam aceitar que merecem esse posto. O sucesso não é natural nem uma coisa simples para um brasileiro. Eu precisava me convencer diariamente de que era o melhor jogador de tênis do mundo. Tinha que construir isso todo dia na minha cabeça, aceitar os meus méritos, me permitir incorporar a ideia, me sentir confortável com isso. O disco

rígido na minha mente não foi programado para isso. Por mais que minha família me incentivasse, a cultura jogava contra.

Fora do futebol, quantos campeões mundiais nasceram na minha cidade, no meu estado, no meu país? Quantos têm medalha de ouro em casa? Poucos. E nos Estados Unidos ou na Europa? Milhares. Mas no futebol somos uma potência. Isso acontece porque, desde que aprende as primeiras palavras, o menino ouve os pais dizendo que a seleção brasileira é o máximo, ganha bola antes do chocalho, é incentivado a treinar e cresce, como eu, acreditando que é possível marcar gols no Maracanã e levantar a taça do mundo como capitão da seleção. Nos outros esportes, isso é muito raro.

No tênis, além do meu pai e do Larri, até os meus 20 anos, ninguém esperava que eu fosse me tornar o maior tenista do planeta. Mesmo eu tinha extrema dificuldade para me convencer disso. No Brasil, de maneira geral, convivemos com o hábito de depreciar nossa capacidade e nossos valores. Cresci envolvido por esse contexto, e por isso foi ainda mais difícil para o guri de Santa Catarina acreditar no próprio sucesso.

Em 2001, eu era um jogador muito superior ao que era em 1997 ou 1999, mas estava longe de ser o único que vinha evoluindo. A briga pelo topo do ranking estava muito acirrada, disputada por tenistas que mal tinham falhas. Apesar de eu ter conquistado dois títulos em dois meses, Safin me passou mais uma vez e voltou a ser o número 1.

O povo de Florianópolis não ligou para isso. Quando desembarquei na minha cidade para mais uma rodada da Davis, fui recepcionado e aclamado como se fosse o maior super-herói de todos os tempos. Era a primeira vez no ano que eu disputaria um torneio no Brasil.

Quatro meses antes, logo depois da vitória no Masters, tinha ido surfar no Havaí. Não sei o que meus amigos esperavam, mas talvez tenham se surpreendido porque quase não falei sobre a conquista, queria mesmo era aproveitar a rotina do surfe, conversar e brincar com todo mundo. Sei lá, imagino que, na cabeça deles, eu devia estar ansioso para contar os detalhes da façanha ou ter algum comportamento diferente por me tornar número 1 depois de vencer Sampras e Agassi. Numa manhã, Álfio Lagnado, dono da marca Hang Loose, sentou do meu lado na praia e perguntou:

– Guga, você não percebe, não entende mesmo o que fez?

– Fiz o quê?

O Álfio riu e balançou a cabeça, como se eu não tivesse conserto. E acrescentou:

– Espera mais um pouco que você vai entender.

E ali em Florianópolis, em abril de 2001, comecei a entender. Parecia feriado porque o "nosso Guga" ia jogar em casa. Nos dez dias que passei lá, as pessoas buzinavam, davam vivas no meio da rua, aplaudiam, assobiavam, num clima de Copa do Mundo. Havia uma energia diferente em toda parte, uma mistura de vibração, orgulho, idolatria, felicidade, empolgação e carinho. Os hotéis estavam lotados, com gente vinda de tudo quanto é canto do Brasil para comparecer ao que parecia ser o evento do ano. Nos treinos, nunca havia menos de 3 mil pessoas assistindo, tirando fotos e batendo palmas. Tinha até equipe de tevê

filmando, como se fosse treino da seleção brasileira de futebol.

No passado, eu, Larri e Bernardo tivemos que fazer uma quadra com as nossas mãos para poder treinar. Agora, por influência minha, Florianópolis tinha ganhado um conjunto de quadras de primeira categoria, construído para perdurar e se tornar um legado para a cidade depois que a Davis acabasse.

Aquela rodada da Davis contra a Austrália seria especial. Se vencêssemos, o Brasil iria para a semi do grupo mundial, repetindo o feito de 2000. No ano anterior os australianos tinham ganhado da gente e agora nosso time estava louco para dar o troco na revanche, jogando no saibro e com a torcida absolutamente a favor. Eram os ingredientes perfeitos para uma exibição consagradora e inesquecível.

Na sexta-feira, na partida de estreia, Rafter ganhou o primeiro set. A plateia ficou meio apreensiva. Aí ganhei o segundo. E venci o terceiro, no tie-break. No quarto, quando eu me preparava para correr para o abraço da galera, Rafter tirou um pouco do sabor do doce que já estava na minha boca. Vendo que não ia ter jeito para ele, desistiu da partida. Abandonou estrategicamente a disputa para se poupar para a dupla, no dia seguinte. Primeiro sinal de algo que a gente não estava esperando. Com a desistência, o australiano impediu o estádio de vir abaixo. Por mais que todo mundo tenha ficado feliz com a minha vitória, a comemoração não chegou a 10% do que poderia ser se nós tivéssemos jogado os últimos games.

Na sua partida da simples, Fininho perdeu de Hewitt. Caramba, nunca tinha visto o australiano jogar daquele jeito destruidor. Mais uma surpresa. Um a um no placar geral.

Na dupla, eu e Jaime encaramos Hewitt e Rafter. No Brasil nossa dupla era quase imbatível, vindo de uma bela sequência de vitórias. Mas rapidamente a partida virou uma batalha que acabaria reforçando a minha fama de me complicar em tie-breaks. Acabamos perdendo por 3 sets a 0, os três no tie-break.

Passamos o jogo inteiro só esperando a nossa chance, aguardando abrir uma brecha para virar, com aquela sensação ininterrupta de que “agora vai”. Mas aí eles acertavam na linha, pegavam errado na raquete e faziam ponto mesmo assim, nossa bola saía por meio milímetro, quicava na fita e caía do nosso lado. Tudo dava certo para os australianos e errado para nós. A partida terminou com uns oito australianos vibrando e gritando “Come on!” enquanto 10 mil brasileiros, dentro e fora da quadra, ficavam com o grito entalado na garganta. No placar geral, 2 a 1 para a Austrália.

No domingo decisivo, a plateia transbordava com mais de 10 mil pessoas. Havia até caminhão da Globo para transmitir imagens ao vivo para o programa do Faustão. Minha partida contra Hewitt tinha virado questão de honra. Se eu perdesse, adeus. Caso ganhasse, o Brasil ainda tinha chance. Eu estava otimista. Tinha jogado contra Hewitt uma vez só, em 2000, na quadra dura de Indianápolis, e ganhado de 2 a 0. No saibro, a maré estava mais ainda a meu favor.

Na noite anterior ao jogo, numa reunião habitual da equipe, depois de Larri e Acioly falarem, pedi a palavra e disse com a maior segurança: “Calma, turma, tranquilidade. Nada

está perdido, vai dar tudo certo. Está 2 a 1 para eles, mas nós estamos bem. Vamos virar." Ninguém tinha dúvida disso.

Mas logo no primeiro set a coisa ficou complicada. O volume de jogo de Hewitt me surpreendeu. O australiano foi me deixando cabreiro. Pegava tudo, não errava uma bola e ganhava todos os pontos importantes. Mas tudo bem, ainda não me soltei, daqui a pouco vai, por enquanto vamos forçando como dá. A queda de braço foi indo igualada até o bendito do tie-break. Perdi.

Voltei para o segundo set indignado por ter sido derrotado no primeiro. A essa altura da carreira, não me apavorava mais com situações adversas. Já tinha virado uma dúzia de jogos que pareciam perdidos. O negócio era ir tocando o comboio até surgir a chance de cruzar o rio. A torcida ficava me empurrando, gritando meu nome, incentivando. Hewitt parecia que nem escutava, não dava a menor mostra de se deixar influenciar por aquilo. Ganhou de novo. Dois a zero.

No terceiro set, me soltei, passei a jogar muito bem, mas sem atingir aquele ponto iluminado. Na raça, parti para cima determinado a virar o jogo. Hewitt não se intimidou. Continuou inabalável, dando bola mágica e salvando ponto perdido. Tentei e tentei, mas, quando vi, já estávamos em mais um tie-break. Dessa vez tinha que ser meu, mas não teve jeito. Três a zero. O dia era do Hewitt. Com isso, o Brasil parava no meio do caminho e a Austrália avançava à semifinal da Davis.

Na plateia, todo mundo ficou abismado com aquela derrota surpreendente. Bateram palmas para Hewitt, um aplauso sentido, de reconhecimento, mas sem deixar de me apoiar. Mesmo em meio à tristeza, era evidente o apreço que todos tinham por mim, o orgulho por um cara que tinha nascido ali e se tornara o melhor jogador do planeta.

Deitado na minha cama de noite, frustrado pra caramba por perder em casa na simples pela primeira vez, eu fiquei relembrando a partida. Não tinha mordomo para culpar naquela história. Cheguei descansado para o torneio, fiz tudo o que dava, busquei alternativa, não desisti em nenhum momento. O que podia ter feito de diferente? Nada. A única conclusão era que eu teria que me preocupar mais com Hewitt dali para a frente. O cara era competitivo até a alma, forte, rápido, versátil, eficaz, tão bom que se firmaria como número 1 no ano seguinte. Eu tinha que ficar de olho nele também. Caramba, quando eu achava que tinha as respostas, sempre vinha uma pergunta nova.

Bem, bola pra frente, dali a dez dias começava o torneio de Monte Carlo, um Masters importante. Torneio novo, vida nova, eis aí mais uma maravilha do esporte. Nas oitavas, venci o alemão Tommy Haas. Na semi, fiz 2 a 0 no Coria. E aí me tornei bicampeão de Monte Carlo ao ganhar do marroquino Hicham Arazi. Por vencer outra vez ali, novamente me senti mais próximo do Senna, envolvido por sua magia de campeão.

No torneio seguinte, em Roma, fui de novo para as cabeças, na minha terceira final seguida ali. Bernardinho e Fernanda Venturini estavam na plateia. Sean Connery também apareceu, mais um monte de atores e atrizes. Paulo Roberto Falcão, jogador magistral da seleção

brasileira, rei de Roma, ídolo maior do Larri, que é torcedor fanático do Internacional de Porto Alegre, não esteve presente, mas era sempre lembrado. A plateia se alternava, gritando o nome dele e o meu, às vezes os dois juntos. Ouvir aquilo dava uma sensação boa. Aos poucos, eu ia me acostumando a ser tratado como ídolo mundial.

Roma tem as quadras de saibro mais ligeiras do circuito. A primeira partida foi meio emperrada, mas depois deslanchei. Venci um monte de gente boa, incluindo Chang na segunda rodada e Corretja nas quartas. Fui vice, só perdi para o espanhol Juan Carlos Ferrero, numa final de cinco sets. A princípio, perder faz parte do jogo, mas, depois de ganhar muito, ainda mais se você está no topo, a derrota pesa e dói mais.

Em Hamburgo, Álfio, aquele amigo que fora surfar comigo no Havaí, foi me ver disputar uma partida pela primeira vez. Que estreia! Jogando no saibro, num torneio em que eu fora campeão no ano anterior, perdi na primeira rodada para o bielorrusso Max Mirnyi. Foi a zebra das zebras, o que me fez passar uns cinco anos chamando o Álfio de pé-frio.

Na sequência, vinha Roland Garros. Como em 2000, eu e Larri íamos fazer uma escala antes em Biarritz, a casa já estava alugada, tudo certo. Mas, com a derrota precoce em Hamburgo, me deu vontade de voltar para o Brasil. Larri achou contraproducente. Como sempre, não me falou isso. Pediu ao Álfio para me enrolar e inventar coisas para fazer em Hamburgo. Foi assim que meu amigo descobriu um cartaz que anunciava um show do The Wailers, banda criada pelo meu ídolo Bob Marley. Genial, maior sorte, ok, "everything's gonna be alright", tudo certo.

E então, numa noite, fomos parar num porão com outras 150 pessoas para descobrir que nosso alemão era muito ruim. Estava escrito "tributo" no cartaz, era uma banda cover de reggae, não o verdadeiro Wailers. Só restou dar risada. No dia seguinte, fomos a uma churrascaria matar saudade de picanha. Aí deu vontade de chorar de tão ruim que era a carne. Com o Álfio, parecia que eu não acertava uma.

Em Biarritz, o cenário melhorou. Comida excelente, calor, quadra boa para treinar, onda legal para surfar, tudo perfeito, só contando os dias para a minha parte predileta do circuito. Como sempre, chegamos a Paris um dia antes do início de Roland Garros. Agora a gente não ficava mais no hotel Montblanc, e sim num apartamento que alugamos perto do complexo. Também não ia mais à pizzaria Victoria. Ao lado do apartamento, descobrimos o restaurante La Tavola. O dono também virou amigo e quebrava um monte de galhos, ficava aberto até mais tarde para nos esperar, inventava receita, fazia o macarrão do jeito que eu queria.

Mais do que em qualquer outro ano, eu me sentia em casa em Roland Garros. Agora, ao contrário de antes, me agradava muito ser o favorito, dava uma sensação boa ser um campeão pensando como campeão, um legítimo número 1. Era magnífica a chance de defender o título do ano anterior, com possibilidades efetivas de ser tricampeão naquele lugar especial, onde toda a magia começou.

TRI

A expectativa sempre existiu, mas a ansiedade não fazia mais parte do meu mapa. A atmosfera de tensão não me impressionava mais. A planta de Roland Garros estava gravada na minha cabeça. Estava tudo incorporado, era quase rotina, como o goleiro que coloca as luvas e o piloto de Fórmula 1 que ajeita o capacete antes da competição. Na hora de entrar em quadra, o grau de confiança ficava lá em cima, como se derrota não existisse no vocabulário.

Para os franceses, Roland Garros é uma espécie de manto sagrado. O vínculo deles com o torneio é passional. Os ídolos que eles elegem são praticamente patrimônio nacional. Eu andava nas ruas e sentia a força disso. Mais do que nunca, as pessoas faziam questão de demonstrar seu carinho, seu apoio, sua torcida.

Na estreia de Roland Garros, mal pisei na quadra, a plateia me recepcionou com o velho grito de guerra, "Allez, Gugá!". Até hoje, se revejo alguma daquelas partidas, me empolgo com aqueles brados de incentivo, entro de novo no jogo, revivo os mesmos sentimentos, sensações, frustrações, vibrações. Do outro lado da quadra estava Coria, que vinha bem no circuito e prometia dar trabalho. Mas eu já tinha ganhado dele em Monte Carlo e não ia deixar que ele se animasse. Três a zero para mim.

Na segunda rodada, veio Agustin Calleri, argentino com fome de bola. Também ganhei de 3 a 0. Na seguinte, encarei Karim Alami, marroquino com um estilo de jogo que me dificultava, ficando naquele negócio de sacar e correr para a rede ou então se plantar no fundo inventando moda a cada ponto. Eu jogava como franco favorito, tinha a obrigação de ganhar. O adversário, por sua vez, dava a vida na quadra. Se vencesse, seria sua consagração.

No primeiro set, ganhei com folga. No segundo, Alami se soltou, acertou um monte de bola espírita e levou o set para o tie-break. Venceu e empatou a partida, 1 a 1.

Por ter ganhado um set, se animou com a possibilidade de levar os outros. No terceiro, deu seu máximo e, inspirado, chegamos a um novo tie-break. Mas dessa vez eu não podia dar brecha para o cara se inflamar. Ganhei, 2 a 1 para mim.

É nesse momento que, mesmo que ganhar seja o que ele mais quer na vida, o adversário reconhece que não vai ter mais chance. O número 1 é melhor jogador do que ele, que já fez tudo o que podia. Se não aconteceu até agora, é porque não vai acontecer nunca. O brilho no olhar de Alami murchou, a confiança rolou a ladeira. Ele ainda podia tentar, mas já sabia que era uma questão de tempo para ser exterminado. A plateia, os torcedores, os espectadores na

TV não conseguem detectar isso, mas o tenista sabe quando já aconteceu, que a partida acabou antes de terminar. Assim, venci o último set por 6-2, fechei o jogo e passei para as oitavas.

Sabia pouco sobre o americano Michael Russell, o 122º do ranking. Entrei em quadra despreocupado, sem antever problemas. Era o primeiro jogo do dia, às onze da manhã, meio difícil para engatar. O vento castigava, mas tudo bem. Com ou sem adversidade, as oitavas eram parte da rotina, uma etapa necessária para cumprir tabela e seguir em frente. Mas o bicho pegou.

No terceiro game do primeiro set, Russel quebrou meu saque. Tudo bem, normal, daqui a pouco me encontro. Mas nada do que eu fazia dava certo. Quando conseguia uma bola na veia, ele me passava a rasteira. Eu ficava esperando a chance de dar o troco e, se aparecia, desperdiçava, a frustração crescendo. Tentava de tudo, não adiantava. Eu era o número 1, jogando praticamente em casa, na terra da magia, com tudo a meu favor, e o cara ganhou de mim o primeiro set por 6-3.

No final do segundo set, quando ele ganhou de novo, criei um monstro na cabeça e a frustração virou vergonha. Dois a zero para ele? Pô, que é isso? Como assim?

No terceiro set, quando Russell abriu dois games de vantagem, me senti como o dono da casa que tentou mostrar quem mandava ali, mas o gaiato, depois de entrar pela porta dos fundos, abriu geladeira, ligou a TV, sentou no sofá e pôs os pés em cima da mesa da sala. Eu já me via dando entrevista coletiva, lamentando que não tinha dado e querendo ir embora dali o mais rapidamente possível.

E aí Russell fez 5-2. Nessa hora, já me vi com o cartão de embarque na mão. Na minha cabeça, estava certo de que a partida já era. Minha única dúvida era qual seria o melhor buraco para me esconder. Se eu perdesse aquela, teria sido a derrota mais difícil da minha carreira, a mais doída, a que eu estaria tentando esquecer até hoje.

Desesperançado, ganhei o game seguinte e a partida ficou 5-3 para ele no terceiro set. Nada que mudasse o cenário. Russell sacou e o game ficou em 40/30, o match point na mão dele. A essa altura, eu não me importava mais com o que ia acontecer. Como no jogo contra Medvedev no Roland Garros de 1997, mandei tudo às favas e, para descontar a raiva, joguei o ponto de qualquer jeito. Num rali de mais de vinte bolas, eu batendo cada vez mais forte, acertei duas vezes a linha, e não é que ganhei o ponto? Empatei, 40 iguais.

Era impossível eu ficar mais encurralado do que no cenário anterior. E, se eu entendia um pouco daquele negócio, era bem provável que Russell estivesse se apavorando com a minha ressurreição. Se era assim, vamos lá. E então passei a construir uma certeza de que o jogo seria meu. Só o grau de confiança que eu guardava em mim desde o início do torneio justificaria tamanha convicção naquela hora.

Voltei à vida em grande estilo. Vantagem minha. No ponto seguinte, repeti a dose. Ainda estava 5-4 para Russell no terceiro set, faltando só mais um game para ele liquidar a fatura, mas a essa altura eu já não tinha a menor dúvida de que eu ia ganhar.

Na minha cabeça, aquele era um novo jogo. Os deuses de Roland Garros eram poderosos e

estavam do meu lado. Se Russell não tinha agarrado sua chance, ele que se lascasse. Se não aproveitara até agora, não ia aproveitar mais. A chance agora era minha. Pouco antes de sacar, olhei direto para Russell. Parecia que ele estava concordando com tudo o que eu estava pensando. Empatei, fiz 5-5, depois 6-5, ele igualou. Fomos para o tie-break, minha fama jogando contra, ele se agarrando a isso para liquidar a partida. Mas, se ele não tinha entendido a mensagem antes, lá ia a trombeta final. Venci o tie-break.

O estádio veio abaixo. Sentado no banco, bebendo água, Russell sabia que o jogo tinha acabado ali. O olhar do cara era um negócio indizível, ele não podia acreditar na chance que tinha perdido. Em 1997, a zebra era eu. Mas, contra Muster, Kafelnikov, Medvedev, Bruguera, os parisienses me apoiaram com o seu "Allez, Gugá!". Agora, contra o americano, se os franceses só gostassem de zebra, essa seria a hora de gritar "Allez, Russéll!". Mas ninguém falou isso. Todo mundo continuava me incentivando, Gu-gá, Gu-gá, allez, Gu-gá, Gu-gá, apesar da enrascada em que tinha me metido. Essa é mais uma das razões por que sempre levarei Roland Garros no meu coração.

Aí, com toda aquela empolgação, aquele carinho da torcida, é que não tinha mais jeito mesmo. O jogo virou de cabeça para cima. A mandracaria de Russell gorou. E até minhas bolas tortas entravam. Quando eu acertava na linha e fazia minhas melhores jogadas, a arquibancada tremia com os gritos de incentivo. Entrei em sintonia com a plateia, comecei ali a viver um dos meus momentos mais fabulosos no tênis, desempenhando como poucas vezes na vida.

Mesmo que ainda continuasse atrás no placar, eu nem lembrava mais disso. Só queria jogar cada vez melhor, mais bonito, para merecer todo aquele apoio, que não parava de crescer, me sentindo como se estivesse sendo carregado nos braços do povo. Ganhei o quarto set por 6-3. Empatei a partida, mas os números não tinham mais significado, só a certeza da vitória e o calor da torcida existiam, era apenas uma questão de tempo para aquilo acabar a meu favor, sem a menor margem para dúvida.

No set derradeiro, aniquilei Russell, mesmo com o cara não se entregando em nenhum momento. Fechei o quinto com 6-1, encerrando uma das partidas mais dramáticas da minha carreira, sem dúvida a mais emocionante. Meu primeiro impulso foi me jogar nos braços da torcida, mas faltava cumprir as convenções. Andei até a rede, cumprimentei Russell, depois o juiz e só então dei vazão ao coração. Numa cena raríssima, chorei ao ganhar um jogo. Eram lágrimas discretas, que não estavam visíveis a todos, mas que expressavam quanto eu estava arrebatado pela emoção, pelo sufoco, por ter virado um jogo totalmente perdido, pela superação, pela vibração, pela entrega, pelo amor da torcida.

Cheguei ao banco com o corpo explodindo de felicidade e a alma embargada, agradecendo aos céus, ao meu pai, sentindo uma necessidade descomunal de retribuir à plateia todo aquele estímulo e carinho que ela me deu. Mas como agradecer devidamente? Como passar aquela emoção? Era impossível transformar aquilo em palavras. Num impulso, sem pensar em mais nada, peguei a raquete e voltei à quadra.

Devagar, fui riscando o saibro. Fiz um semicírculo, uma curva, depois fui indo para o fundo, então para cima de novo, descrevi uma parábola, fui baixando em outro semicírculo, outra curva, até o desenho se unir ao ponto em que tinha começado. Visto de perto, eram só rabiscos no saibro. Mas, do ponto de vista da plateia, a mensagem estava clara. Eu tinha desenhado um enorme coração, na tentativa de que a imagem universal do amor e da paixão pudesse transmitir aos franceses o que nenhuma palavra minha conseguiria.

Quando terminei o desenho, deitei no meio dele. Fiquei estirado ali, com as pernas abertas, as meias e os tênis recobertos de saibro, o calção azul-marinho, da mesma cor da bandana, as costas da camiseta branca suada se impregnando de mais saibro. A plateia explodiu numa salva de palmas, com 12 mil pessoas de pé gritando meu nome. Espremi os olhos e, deitado ali diante de todos, chorei de novo, me sentindo o cara mais feliz do mundo.

O primeiro ponto na ATP, chegar aos 100 do mundo, o top ten, o número 1, nada se comparava em emoção àquela catarse. Duas horas antes, eu era dado como morto. Agora que os céus tinham me dado uma segunda vida, ninguém mais me tirava o título. No momento em que me levantei, coberto de saibro, tinha plena certeza de que seria campeão mais uma vez em Roland Garros.

Nas quartas, lá veio Yevgeny Kafelnikov, adversário invariável nas minhas escaladas em Paris. Mas eu estava tão embalado e comprometido que esse acabou sendo o jogo menos complicado que tive com ele, apesar de o russo vencer o segundo set e me dar um sufoco no terceiro, em que fomos para o tie-break. No final, ganhei a partida por 3 a 1. Mais tarde, Kafelnikov faria um dos elogios mais belos que recebi. Numa entrevista, ele me descreveu como o "Picasso das quadras".

Lisonjeado pelo elogio e turbinado pela torcida, agora ia encarar na semi Juan Carlos Ferrero. Um mês antes, em Roma, tinha perdido dele na final, em que a derrota fica mais difícil de engolir. O espanhol também vinha embalado, com a confiança lá em cima, acreditando que ia me vencer de novo. Roland Garros era o cenário ideal para o nosso tira-teima.

Marcelo Ruschel

Momento histórico após vencer o americano Michael Russell, pelas oitavas de final de Roland Garros em 2001. Guga desenha o coração na quadra com a raquete e se deita no meio, ovacionado pela torcida.

A quadra central estava lotada, todo mundo na maior expectativa, encarando a partida como uma final antecipada. No aquecimento, Larri reforçou a tática: agressividade máxima, forçando o cara a correr e atacando na direita dele. No dia anterior, tinha feito com que eu treinasse essa estratégia durante uma hora e meia, com os repórteres apavorados, pensando que o Larri estava maluco e o melhor para mim era descansar.

Chovia quando começamos a nos enfrentar. Com a quadra mais lenta e a bola pesada, eu espancava com vontade, sem trégua. Tudo que eu fazia dava certo. Na base da pancada, ganhei o primeiro set na tranquilidade.

No segundo, vendo que eu não ia segurar o braço, ele também passou a bater mais forte. Quanto mais violento ele ficava, mais arriscava. Quanto mais arriscava, mais errava. Do meu lado, eu raramente deixava escapar uma chance. Venci o set, 2 a 0 para mim, com Ferrero olhando para o treinador em busca de uma iluminação.

O terceiro foi um show para mim e uma tortura para o espanhol. Do nada, eu soltava uma esquerda matadora. Se ele esperava martelada, eu dava deixadinha. Quando pensava que ia na esquerda, levava direita cruzada. Desesperado, Ferrero levava a mão à cabeça, olhava abismado para o treinador, a torcida se acabando com seus Gu-gá, allez, Gu-gá. Resultado: 3 a 0 para mim. Pela terceira vez, a primeira como número 1 do mundo, eu estava na final de Roland Garros.

Felizmente, na outra chave o espanhol Alex Corretja ganhou de Sebastien Grosjean. Bom. Eu não precisaria enfrentar um francês na final. Corretja eu conhecia bem, sabia o que fazer para superá-lo. No dia anterior, antes de ir para a cama, como de hábito, já tinha o jogo todo na cabeça, com todas as variáveis cercadas. Quando ele fizer isso, eu mando lá; se forçar, recuo e depois avanço; e assim vamos indo até o final feliz.

Pois esse excesso de segurança quase custou caro. De saída, Corretja fugiu do roteiro e criou um cenário muito diferente do que eu tinha imaginado. Normalmente, ele só vinha para cima com tudo quando não tinha mais saída. Dessa vez, agressivo como poucas vezes na vida, resolveu atropelar desde o primeiro game. Fiquei desconcertado, não estava preparado para aquela volúpia toda.

Como em quase todas as outras partidas de Roland Garros de 2001, ventava bastante. Mas então começou a chover e tivemos que fazer um intervalo. Foi um respiro bem-vindo para tentar encontrar um jeito de refrear a animosidade de Corretja. Quando a chuva parou e o jogo voltou, aprontei as armas e fui pro embate. A partida virou uma pancadaria só, e ele levou a melhor. Perdi o primeiro set, no bendito tie-break.

No segundo, o cenário continuou o mesmo, com ele me encurralando em meio ao fogo cruzado. Eu estava seguindo o plano do Larri, jogando bem, mas não conseguia sair do sufoco. Onde estava o erro? Eu analisava a situação, pensava em todas as hipóteses, mas não encontrava a falha. Como não achava a resposta na quadra, em mais uma loucura de tenista, coloquei a culpa na camiseta que estava na minha bolsa. Só podia ser ela que estava tirando a minha sorte!

Na noite anterior, estava tão confiante na vitória que preparei uma camisa para usar na premiação e fazer uma surpresa para todo mundo. Fiz um desenho no capricho, escrevi uma mensagem, era para ser uma coisa legal. Mas agora não tinha outra explicação: era ela a causa dos meus problemas. Por que fui fazer aquilo?

Se fosse em 1997, é possível que eu entrasse em colapso mental. Mas agora, mais experiente, continuava mantendo a convicção de que o título tinha que ser meu. Parei de pensar tanto na camiseta e me concentrei no jogo. Corretja seguia acertando tudo, mas fui indo, tentando não deixar o cara abrir vantagem. Então ficamos empatados em 5-5 no segundo set.

O saque agora era meu. Eu forçava, mas o espanhol continuava muito afiado. Chegou ao break point, 30/40 para ele. Nesse momento, errei o primeiro saque. Acertei o segundo e a bola entrou em jogo. Na devolução, Corretja abriu o braço, juntou as forças e resolveu arriscar, tentando um winner, mais uma vez utilizando-se da estratégia que vinha dando certo

desde o começo. Mandou uma esquerda paralela furiosa, o golpe que mais vinha me incomodando. Saiu por menos de um milímetro. Era pouquíssimo, mas suficiente para mim.

"Opa, aconteceu, finalmente errou uma. Estamos jogando há mais de uma hora e essa é a primeira oportunidade que o cara desperdiça. Não é mais o Super-Homem, nem imbatível. Se eu jogar bem agora, ele vai sentir."

Fui com tudo para cima, sem dar chance, a torcida me empurrando. Fiz 6-5. E aí, impulsionado pelos gritos de "Allez, Gugá!", pus mais lenha na fogueira. Na briga por cada pontinho, levantava os braços, comemorando e incentivando a torcida a dar mais apoio. Com o público indo ao delírio, fechei em 7-5 com um winner, uma esquerda paralela de cinema. Empatei a partida em 1 a 1. Levantei o punho num gesto de conquista em direção à plateia. Naquele clima sensacional, nada mais tiraria a taça da minha mão.

Depois daquela invertida, sentado no banco durante a virada de lado, Corretja já estava com a expressão de quem sabia que nem uma dúzia de extintores de incêndio evitaria que sua batata fosse carbonizada. Registrei a aflição, somei à minha determinação interior e me aproveitei da situação. O espanhol não tinha mais para onde correr.

Venci o terceiro e o quarto sets jogando livre, leve e solto, com um tênis digno do número 1 do mundo. Dois sets na maior empolgação, fazendo o máximo para retribuir à plateia toda a demonstração de carinho, de apoio apaixonado que ela me dava. Numa nova catarse, passei quase uma hora jogando tênis como o cara mais feliz do mundo, só na alegria e no deleite, o que não é comum numa competição e menos ainda numa final de Grand Slam. Ganhei o último set por um incontestável 6-0 e me tornei tricampeão de Roland Garros.

Cumprimentei Corretja e o juiz e, como na partida contra Russell, desenhei no saibro o coração para reafirmar todo o meu amor e gratidão por Roland Garros. Naquele momento, isso também deixava explícito que eu tinha ganhado aquele torneio na base da garra, da entrega, da paixão. Fiquei ali estendido mais uma vez, me sentindo em comunhão com o universo, num mundo à parte, acariciado pelas manifestações e pelos aplausos da plateia. Por mim, estaria ali até hoje.

Quando a comoção diminuiu, levantei, tirei a camisa suada do jogo e me dirigi ao banco. Peguei então a outra camisa na sacola, aquela a que eu injustamente cheguei a atribuir a culpa por não conseguir controlar o jogo. No momento em que a vesti, todo mundo pôde ver o que eu tinha feito com uma caneta Pilot de ponta grossa e tinta azul: "Je t'aime, Roland Garros", eu te amo, Roland Garros, sendo que o verbo tinha sido substituído pela imagem de um coração. Vestindo essa camiseta e enrolado na bandeira do Brasil, chorei de novo.

Aos 24 anos, além de número 1, eu me tornava o único brasileiro do seleto grupo de então três tenistas – Mats Wilander, Ivan Lendl e Björn Borg – que tinham conseguido vencer três vezes em Roland Garros na era aberta do tênis.

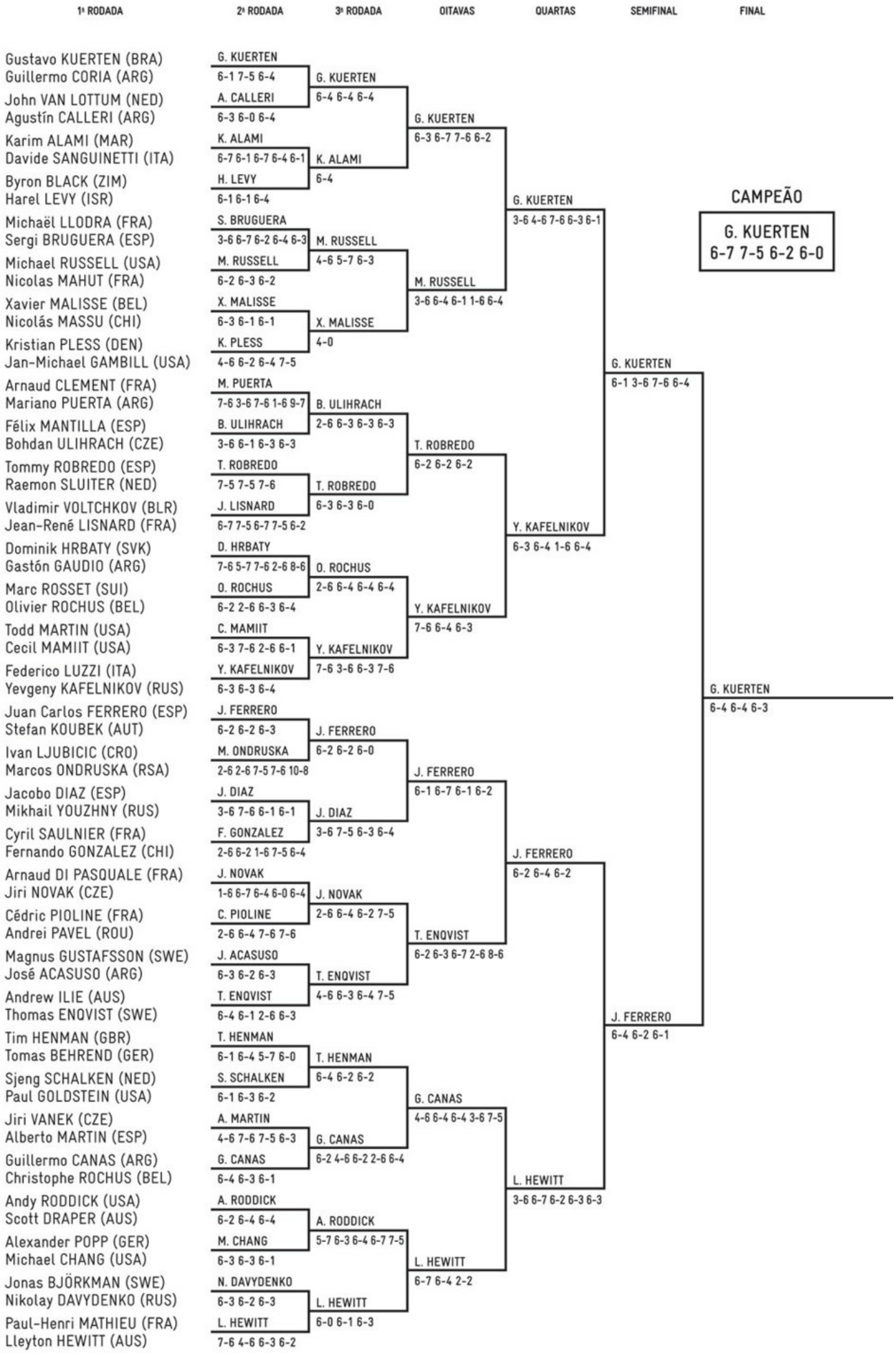
Bassignac-Lehnof / GammaRapho / Getty

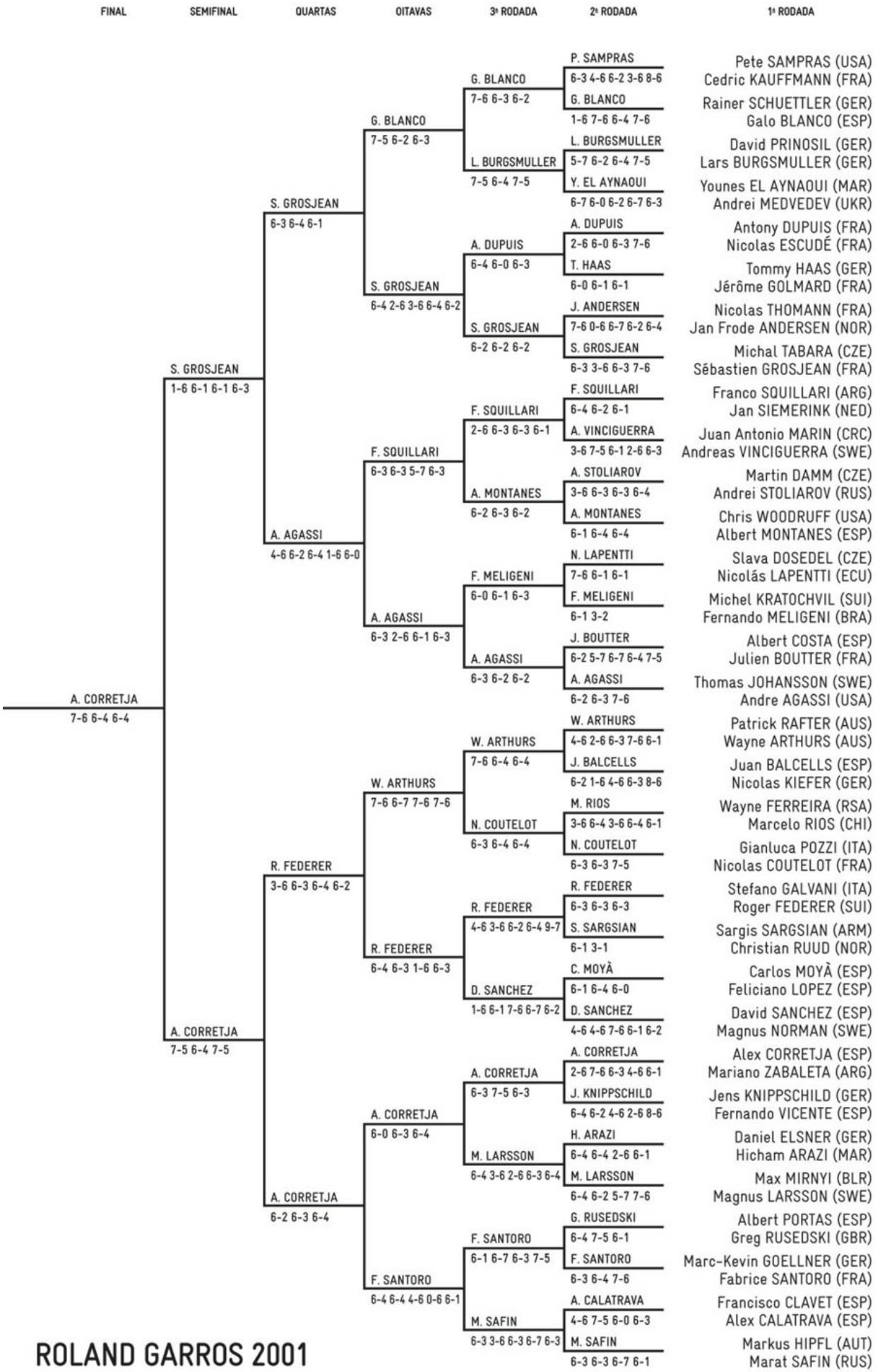
O espanhol Juan Carlos Ferrero cumprimenta Guga após o duelo mais esperado de Roland Garros em 2001.

Pascal George / AFP / Getty

A vibração de Guga quando venceu o espanhol Alex Corretja na final.

Declaração de amor ao torneio retratada no momento do tri.


1ª RODADA
2ª RODADA
3ª RODADA
OITAVAS
QUARTAS
SEMIFINAL
FINAL
Gustavo KUERTEN (BRA)
Guillermo CORIA (ARG)
John VAN LOTTUM (NED)
Agustín CALLERI (ARG)
Karim ALAMI (MAR)
Davide SANGUINETTI (ITA)
Byron BLACK (ZIM)
Harel LEVY (ISR)
Michaël LLODRA (FRA)
Sergi BRUGUERA (ESP)
Michael RUSSELL (USA)
Nicolas MAHUT (FRA)
Xavier MALISSE (BEL)
Nicolás MASSU (CHI)
Kristian PLESS (DEN)
Jan-Michael GAMBILL (USA)
Arnaud CLEMENT (FRA)
Mariano PUERTA (ARG)
Félix MANTILLA (ESP)
Bohdan ULIHRACH (CZE)
Tommy ROBREDO (ESP)
Raemon SLUITER (NED)
Vladimir VOLTCHKOV (BLR)
Jean-René LISNARD (FRA)
Dominik HRBATY (SVK)
Gastón GAUDIO (ARG)
Marc ROSSET (SUI)
Olivier ROCHUS (BEL)
Todd MARTIN (USA)
Cecil MAMIIT (USA)
Federico LUZZI (ITA)
Yevgeny KAFELNIKOV (RUS)
Juan Carlos FERRERO (ESP)
Stefan KOUBEK (AUT)
Ivan LJUBICIC (CRO)
Marcos ONDRUSKA (RSA)
Jacobo DIAZ (ESP)
Mikhail YOUZHNY (RUS)
Cyril SAULNIER (FRA)
Fernando GONZALEZ (CHI)
Arnaud DI PASQUALE (FRA)
Jiri NOVAK (CZE)
Cédric PIOLINE (FRA)
Andrei PAVEL (ROU)
Magnus GUSTAFSSON (SWE)
José ACASUSO (ARG)
Andrew ILIE (AUS)
Thomas ENQVIST (SWE)
Tim HENMAN (GBR)
Tomas BEHREND (GER)
Sjeng SCHALKEN (NED)
Paul GOLDSTEIN (USA)
Jiri VANEK (CZE)
Alberto MARTIN (ESP)
Guillermo CANAS (ARG)
Christophe ROCHUS (BEL)
Andy RODDICK (USA)
Scott DRAPER (AUS)
Alexander POPP (GER)
Michael CHANG (USA)
Jonas BJÖRKMAN (SWE)
Nikolay DAVYDENKO (RUS)
Paul-Henri MATHIEU (FRA)
Lleyton HEWITT (AUS)
G. KUERTEN
6-1 7-5 6-4
A. CALLERI
6-3 6-0 6-4
K. ALAMI
6-7 6-1 6-7 6-4 6-1
H. LEVY
6-1 6-1 6-4
S. BRUGUERA
3-6 6-7 6-2 6-4 6-3
M. RUSSELL
6-2 6-3 6-2
X. MALISSE
6-3 6-1 6-1
K. PLESS
4-6 6-2 6-4 7-5
M. PUERTA
7-6 3-6 7-6 1-6 9-7
B. ULIHRACH
3-6 6-1 6-3 6-3
T. ROBREDO
7-5 7-5 7-6
J. LISNARD
6-7 7-5 6-7 7-5 6-2
D. HRBATY
7-6 5-7 7-6 2-6 8-6
O. ROCHUS
6-2 2-6 6-3 6-3 6-4
C. MAMIIT
6-3 7-6 2-6 6-1
Y. KAFELNIKOV
6-3 6-3 6-4
J. FERRERO
6-2 6-2 6-3
M. ONDRUSKA
2-6 2-6 7-5 7-6 10-8
J. DIAZ
3-6 7-6 6-1 6-1
F. GONZALEZ
2-6 6-2 1-6 7-5 6-4
J. NOVAK
1-6 6-7 6-4 6-0 6-4
C. PIOLINE
2-6 6-4 7-6 7-6
J. ACASUSO
6-3 6-2 6-3
T. ENQVIST
6-4 6-1 2-6 6-3
T. HENMAN
6-1 6-4 5-7 6-0
S. SCHALKEN
6-1 6-3 6-2
A. MARTIN
4-6 7-6 7-5 6-3
G. CANAS
6-4 6-3 6-1
A. RODDICK
6-2 6-4 6-4
M. CHANG
6-3 6-3 6-1
N. DAVYDENKO
6-3 6-2 6-3
L. HEWITT
7-6 4-6 6-3 6-2
G. KUERTEN
6-4 6-4 6-4
G. KUERTEN
6-3 6-7 7-6 6-2
K. ALAMI
6-4
M. RUSSELL
4-6 5-7 6-3
X. MALISSE
4-0
B. ULIHRACH
2-6 6-3 6-3 6-3
T. ROBREDO
6-3 6-3 6-0
O. ROCHUS
2-6 6-4 6-4 6-4
Y. KAFELNIKOV
7-6 3-6 6-3 7-6
J. FERRERO
6-2 6-2 6-0
J. DIAZ
3-6 7-5 6-3 6-4
J. NOVAK
2-6 6-4 6-2 7-5
T. ENQVIST
4-6 6-3 6-4 7-5
T. HENMAN
6-4 6-2 6-2
G. CANAS
6-2 4-6 6-2 2-6 6-4
A. RODDICK
5-7 6-3 6-4 6-7 7-5
L. HEWITT
6-0 6-1 6-3
G. KUERTEN
6-7 6-4 2-2
G. KUERTEN
6-3 4-6 7-6 6-3 6-1
T. ROBREDO
6-2 6-2 6-2
Y. KAFELNIKOV
6-3 6-4 1-6 6-4
M. RUSSELL
3-6 6-4 6-1 1-6 6-4
J. FERRERO
6-1 6-7 6-1 6-2
T. ENQVIST
6-2 6-3 6-7 2-6 8-6
G. CANAS
4-6 6-4 6-4 3-6 7-5
L. HEWITT
3-6 6-7 6-2 6-3 6-3
G. KUERTEN
6-1 3-6 7-6 6-4
J. FERRERO
6-2 6-4 6-2
L. HEWITT
6-4 6-2 6-1
G. KUERTEN
6-4 6-4 6-3
CAMPEÃO
G. KUERTEN
6-7 7-5 6-2 6-0



ROLAND GARROS 2001

HAJA FÔLEGO!

Parecia que a oma tinha tomado o elixir da juventude. Cada vez que eu ganhava um título importante, ela remoçava. Mas, depois do tri em Roland Garros, a alegria foi tão grande que minha avó treinadora rejuvenesceu uns dez anos. Ela sempre foi ativa, mas ali ficou com disposição de garota. Fez questão de ir comigo ao torneio de Stuttgart, onde foi tratada como estrela de cinema. Falando em alemão, recebia as honras da casa, contava histórias do neto, dava palpite sobre os jogos, tinha até torcida organizada só para ela.

Na média de 2001, eu chegava a uma final a cada três torneios. Em Stuttgart, como a oma estava lá, não podia decepcionar. Jogando na final contra o argentino Guillermo Cañas, fiz 2 sets a 0 com tranquilidade. No final do terceiro set, faltando pouco para fechar, olhei para o lugar onde ela estava e ué, cadê minha vó? Só fui descobrir depois de ganhar a partida.

Assim que peguei a toalha no banco, escutei uma colossal salva de palmas, o estádio inteiro gritando "O-ma! O-ma! O-ma!". Levantei a cabeça e entendi a razão, caindo na gargalhada, maravilhado com a cena. Além da taça e do prêmio em dinheiro, o torneio de Stuttgart dava uma Mercedes conversível para o vencedor. E ali estava minha avó entrando na quadra de carro, do lado do passageiro, conduzida por um motorista, sendo aplaudida de pé e dando tchauzinho para a torcida, tomando cuidado para não estragar o penteado na sua volta triunfal. Uma surpresa sensacional.

Harry Melchert / AFP

Guga com os boleiros na Mercedes SLK Cabriolet ao vencer o torneio de Stuttgart em 2001. No carona, a avó Olga.

Nas oitavas do torneio do Canadá, joguei pela primeira vez contra o americano Andy Roddick, que começava a se destacar no circuito. Roddick é seis anos mais novo do que eu. Mesmo com a diferença de idade e a experiência, perdi. Já dava para sentir nele a união do talento com a mentalidade autoconfiante e ultracompetitiva com a qual os americanos são criados.

Na sequência, na primeira rodada do Masters de Cincinnati, enfrentei Roddick de novo. Dessa vez, ganhei de 2 a 0, com tie-break no primeiro set e 6-1 no segundo. Na semi, contra o britânico Tim Henman, começou a chover no começo do terceiro e decisivo set e a partida teve que ser transferida para o dia seguinte. Problemão. Quem vencesse teria que disputar a semi e a final no mesmo dia, com pouco tempo de intervalo entre uma partida e outra.

Eram mais de onze horas da noite quando o organizador do torneio veio avisar que a continuação do jogo com Henman estava marcada para as 9 da manhã. Larri não gostou.

– É muito cedo. Fica complicado dormir depois de meia-noite e acordar às seis para se preparar, ainda mais com a possibilidade de dois jogos seguidos – explicou.

– Mas a final precisa acontecer às onze da manhã, está tudo acertado com as emissoras de

TV, não dá para atrasar. E se a semi for além desse horário? – argumentou o diretor do torneio.

– Vou ser mais claro então. Às dez estaremos aqui para a semi. Essa é a nossa decisão. E ponto final. Boa noite e até amanhã – decretou Larri, pedindo que eu pegasse minhas coisas e fosse embora para o hotel.

Para um brasileiro tomar uma decisão radical como essa nos Estados Unidos, só sendo número 1 do mundo. Se eu fosse o quinto, aquilo seria considerado uma afronta e eu seria obrigado a voltar atrás. De uma maneira sutil e velada, às vezes nem tanto, eu ia vendo como um brasileiro era visto como um ser estranho no topo de um mundo então dominado por americanos e europeus. Pelo menos 40% do circuito era realizado nos Estados Unidos, o presidente da ATP era americano, assim como os maiores ídolos da época, Agassi e Sampras.

Às 10 horas em ponto, a partida contra Henman recomeçou. Venci fácil os primeiros games. Em vinte minutos, a partida estava 5-2 para mim. Para desespero dos organizadores, me compliquei na reta final e Henman empatou em 5-5. Aquilo não terminava. Só consegui fechar o jogo no tie-break, faltando quinze minutos para o início da final contra o australiano Patrick Rafter. Cumprimentei Henman e fui para o vestiário rapidinho.

Troquei de camisa e, dez minutos depois, estava na quadra de novo aquecendo com Rafter, pronto para a sequência da maratona. De maneira surpreendente, venci por 6-1 e 6-3, e fiquei com meu primeiro título do Masters Series na quadra dura. Beleza. Se eu continuasse assim, tinha uns 80% de chance de chegar ao final do ano mais uma vez como número 1.

Em Indianápolis, na segunda semana de agosto, com o raio caindo duas vezes na minha raquete, choveu outra vez na semifinal, dessa vez contra Ivanisevic. A partida teve que ser transferida para o dia seguinte, no mesmo esquema de Cincinnati, com uma partida colada na outra. Venci a semi na negra em mais de duas horas debaixo de um sol escaldante. Mais uma vez, fui para o vestiário, enxuguei o suor, troquei de camisa e entrei em quadra para enfrentar novamente Rafter na final.

Apesar de desmilinguido de cansaço, eu estava lá para ganhar e defender o meu espaço. Mas, sentindo o corpo, desgastado ao limite do bagaço, a máquina não aguentou. Na metade do primeiro set, com a partida em 4-2 para Rafter, abandonei o jogo. Eu não tinha mais a menor condição de competir.

Para cansaço, existia um remédio simples. Bastava passar uns dias descansando que eu estaria renovado para o US Open, dali a dez dias. O que me deixava encafifado era uma sensação estranha que não me largava havia quase um mês. Não era dor, embora às vezes fisgasse, estava mais para um incômodo. Desde o torneio de Cincinnati, parecia que a virilha estava meio emperrada, limitando a movimentação. Os médicos e os fisioterapeutas dos torneios diziam que era muscular, aplicavam ultrassom e gelo, faziam massagem, eu tomava uns comprimidos anti-inflamatórios, a perna soltava e eu ia levando.

Na terceira rodada do US Open, disputei uma partida interminável contra o bielorrusso Max Mirnyi, gigante de quase dois metros de altura e forte como um ogro. Foi um parto vencer

de virada aquele confronto, no qual os dois jogadores foram até o limite em praticamente quatro horas de jogo, cinco longos sets e quatro tie-breaks. Poucas vezes na vida forcei tanto a máquina. Para completar mais uma volta no moedor de carne, joguei as oitavas, contra o espanhol Albert Costa, enfrentando longas trocas de bola do início ao fim. Ganhei, mas me arrastando em quadra no último set.

Contra Kafelnikov, nas quartas, aconteceu um episódio inusitado. No intervalo após o primeiro set da partida entre o russo e o brasileiro, um americano se levantou na arquibancada, com a bandeira de seu país estendida nas mãos, e cantou o hino inteiro dos Estados Unidos. Não sei se a intenção dele era atrapalhar, mas conseguiu. Apesar do lance inesperado e do tempo extra para eu recuperar o fôlego, não teve jeito. O jogo continuou de mal a pior e, a partir dali, fiz somente um game. Kafelnikov ganhou por 3 sets a 0.

Fui para Florianópolis. Seria melhor ter ficado em casa, quieto no meu canto, mas tinha me comprometido a jogar na Costa do Sauípe, na Bahia. Era o primeiro torneio que a ATP realizava no Brasil depois de um jejum de oito anos. A plateia transbordava de gente na maior expectativa de ver o número 1 conquistar um título em casa.

Na primeira rodada, joguei contra Flavio Saretta, então um dos principais jogadores da nova safra do tênis brasileiro. No dia 11 de setembro, começamos a partida ao meio-dia debaixo do mais solar e abrasador dos dias baianos, uma crueldade. Venci o primeiro set. No começo do segundo, com 2-0 a meu favor, fui para o segundo saque e o árbitro marcou foot fault. Estranho. Saquei de novo no ponto seguinte e ele marcou outro foot fault.

Rapaz, me deu um desânimo. Eu estava forçando a máquina ao máximo, me esfalfando debaixo de um calorão, dentro do meu país, e o cara vinha encrencar duas vezes com um suposto pé na linha, uma daquelas regras que nenhum juiz lembra que existe! O cara só podia estar de brincadeira, ou então era parente do Saretta, outra explicação não podia ter. Perdi a concentração, o ímpeto, o gosto, o set e, por fim, o jogo. Terminou 2 a 1 para ele.

Saí da quadra frustrado e indignado com o juiz, me sentindo péssimo, quando percebi que as pessoas ao redor estavam com expressão alarmada. Aí me contaram que, enquanto a gente estava na quadra, terroristas jogaram aviões contra as torres gêmeas de Nova York. Sérvia naturalizada americana, Monica Seles estava petrificada, sem saber se ficava ou pegava um avião para estar mais perto da família e dos amigos naquele momento trágico.

Fui para o quarto e fiquei em estado de choque vendo a catástrofe na TV. Dias atrás, eu estava em Nova York, assim como Hewitt, que tinha acabado de ser campeão do Aberto dos Estados Unidos e, havia menos de 48 horas, posara para as fotos segurando a taça no topo das torres gêmeas. Naquele momento, devia estar se lembrando disso, dando graças aos céus por ter escapado. Diante de uma calamidade dessas, me lamentar por perder uma partida não tinha sentido.

Depois do Sauípe, passei quase um mês em casa treinando pouco e descansando muito para voltar ao circuito. No final de outubro, na Basileia, na Suíça, conheci Roger Federer, então um gurizão local que já se aproximava do top ten e prometia ser uma das revelações da nova

geração. Ali, no jogo contra o francês Julien Boutter, com a sensação estranha na virilha voltando a incomodar, perdi duas coisas ao mesmo tempo: a partida e, pior, a grande festa de 80 anos da oma que a mãe organizou em Balneário Camboriú.

No Aberto de Paris, além do cansaço, comecei também a sentir as costas e não passei da segunda rodada. Mais uma vez, foi uma dupla derrota. Junto com a partida, perdi a boa margem que me mantinha à frente de Hewitt na liderança do ranking. O cara vinha encostando, grudado no meu retrovisor. Minha última oportunidade de me distanciar dele era ir bem no Masters. A chance já tinha diminuído para uns 50%, mas ainda tinha muita esperança de manter o título de principal tenista do mundo. No entanto, parecia que tudo conspirava contra.

Estava acertado que o Masters de 2001 ocorreria em São Paulo, no saibro. Depois de algumas edições na Alemanha, os patrocinadores perderam interesse quando Boris Becker pendurou as raquetes. Fizeram um teste em Portugal, no ano em que venci lá, mas a falta de um tenista lusitano de expressão mundial não sustentou o projeto.

Como um brasileiro tinha se tornado número 1, o português João Lagos, realizador do evento no ano anterior em Lisboa, teve a ideia de trazer a competição para o Brasil, apostando que seria um sucesso. Mas não foi o que ocorreu. São Paulo desistiu na última hora e deixou escapar a oportunidade de ouro por não ter um local adequado para receber o torneio. Não houve, mesmo em outras cidades, quem se arriscasse a construir um complexo somente para o Masters Cup no Brasil.

Foi aí que a Austrália entrou na jogada. Enxergando a possibilidade de sediar um dos maiores eventos do mundo do tênis, com um jogador local brigando pelo topo do ranking e podendo escolher o tipo de quadra que mais o favorecia, eles nem hesitaram: ofereceram mais vantagens, atrativos e garantias financeiras à ATP. E, assim, o Masters de São Paulo evaporou e foi transferido para Sydney.

Essa mudança foi o principal fator responsável pela não realização de outro feito magnífico em minha carreira, que seria terminar dois anos consecutivos como o número 1, façanha alcançada por menos de dez jogadores até hoje. Jogando em casa, no saibro, com a torcida a favor, minhas chances seriam absurdamente maiores do que do outro lado do mundo, em condições totalmente adversas. Até hoje é difícil acreditar que o cavalo encilhado chegou a bater o rabo na nossa cara sem ninguém ter coragem, boa vontade e interesse de montá-lo.

No final de 2001, meu tênis era melhor, em todos os aspectos, do que quando fui campeão do Masters em 2000. A técnica estava mais apurada do que nunca, a experiência no auge. Mas faltou sorte e fôlego para repetir o título.

Pela primeira vez na vida, sem contar situações extremas de cansaço extenuante, meu corpo não correspondeu ao esforço que exigi dele. Perdi as duas partidas da primeira fase do Masters. Hewitt, por sua vez, chegou à semifinal. Com esse resultado, quando a ATP publicou a última listagem do ano, o número 1 do mundo era merecidamente o australiano Lleyton Hewitt.

A LESÃO

Eu precisava muito de uma pausa para descansar o corpo, refrescar a cabeça e me desconectar do mundo. Fui passar metade das férias de final de ano nas Ilhas Fiji, com Larri, Rafa e Letícia. Surfava de manhã, jogava golfe à tarde e desviava de sapos, rãs e pererecas nas caminhadas noturnas. Mas não conseguia desligar. Não saía da cabeça que havia alguma coisa errada comigo. Ao mesmo tempo que tentava me divertir, fazia um balanço do ano, relembrando altos e baixos, buscando hipóteses para detectar onde podia estar a falha.

Numa das caminhadas noturnas, rememorei o jogo contra Mirnyi na terceira rodada do US Open de 2001. Rapaz, que virada incrível, estupenda, um dos maiores testes da carreira. A partida começara de noite e acabara de madrugada. Mirnyi tinha feito 2 sets a 0 e, até mais da metade do quinto, com umas três horas e meia de jogo, eu não tinha conseguido quebrar o saque dele uma única vez. O jogo estava mais do que perdido. Mas fui me recuperando, acertando as jogadas e mudando a sorte do confronto. Ao final de quase quatro horas de duelo, eu tinha operado o milagre depois de encaixar 33 aces e mais de cem winners. Poucas vezes precisei ir ao limite do limite como naquela partida. Saí da quadra direto para a maca para receber massagem. Eu e a mãe só voltamos para o hotel lá pelas quatro e meia da madrugada. Jantamos pizza no quarto, comprada na única loja de rua que encontramos aberta.

Tinha sido inesquecível, mas, ali em Fiji, comecei a suspeitar de que talvez existisse outra razão para jamais me esquecer daquele jogo. Antes dele, eu já sentia umas coisas meio estranhas. Em Stuttgart, não contei para a oma, mas tive uma dor esquisita na virilha lá pela segunda ou terceira rodada, que sumiu tão rápido quanto apareceu. Mais tarde, ela ressurgiu aqui e ali, mas não era nada comprometedor e fui levando. No entanto, depois da partida do Mirnyi eu vivia sentindo um incômodo, de vez em quando dor, e as coisas começaram a dar errado.

Fazia tempo que eu não tinha uma série de jogos com resultados tão ruins. Perdi de forma precoce no Sauípe, na Basileia, no carpete do Aberto de Paris e no Masters Cup. Tinha atribuído isso à exaustão inevitável da maratona de torneios, mas agora me parecia que o cansaço não era suficiente para explicar tudo. Se existia outra causa, eu precisava descobrir o quanto antes. Por exclusão, devia ser algum problema físico.

Depois de Fiji, hibernei em Florianópolis. Quando acordei, por desencargo de consciência, fui a um médico, que não achou nada de errado. Me sentindo mais revigorado,

parti para a pré-temporada, treinando com Larri na academia dele. Ao mesmo tempo, para garantir, retomei as sessões de Reeducação Postural Global, a popular RPG, com a fisioterapeuta Mariangela Lima. Já fazia algum tempo que ela trabalhava comigo. Começamos em Florianópolis dois anos antes, quando tive uma entorse. Nos entendemos bem. Quando senti dor nas costas no segundo semestre da temporada de 2000, chamei Mariangela para se juntar ao time. Ela conhecia meu corpo, era rápida em obter resultados. Então, achei sensato intensificar as sessões.

De imediato, senti os efeitos do toque especial de Mariangela. Meu corpo estava mais alinhado, atingindo um desempenho extraordinário, e a recompensa foi a melhor possível. Ainda naquele ano alcancei o topo do ranking, e ela me auxiliava diante das dificuldades físicas constantes.

Antes do início da temporada de 2002, nos treinos com Larri em Santa Catarina, senti que o negócio ficou mais estranho. A perna de vez em quando prendia e eu ficava com uma sensação de instabilidade. Mariangela me indicou um médico, o doutor Contreras. Resolvi ir lá. Fiz uma batelada de exames e então recebi o diagnóstico:

– Teu problema é labrum – afirmou o médico.

– Que raio é isso? – perguntei.

– Uma cartilagem, parte da estrutura que liga o quadril ao fêmur. A tua está comprometida no lado direito. Por isso a sensação estranha e a dificuldade de se movimentar. O quadril suporta o peso do corpo e mantém o equilíbrio. O labrum tem um papel importante nessa função. Tu tá sem apoio – explicou ele, enquanto eu passava a me enxergar como uma mesa bamba sem calço.

– E a dor na virilha?

– É decorrência disso. Sem apoio, o corpo cede de um lado e a musculatura da virilha tem que fazer mais força para compensar. Na tentativa de segurar todo o peso, vem a dor.

– E como se resolve isso?

– Cirurgia.

Mariangela, no entanto, acreditava que dava para me equilibrar com RPG e fisioterapia específica para corrigir a deficiência. Continuei treinando em Santa Catarina, me preparando para o início de temporada, no Aberto da Austrália. Sem forçar ao extremo, num ambiente controlado como os treinos, me senti confiante. Em janeiro, fiz as malas e zarpei para o circuito.

Na partida de estreia no Aberto da Austrália, depois de abrir dois sets de vantagem, perdi novamente para Julien Boutter, num jogo duríssimo de cinco sets, em outra partida interminável. Saí torto, com a impressão de que meu corpo estava envergando. Fui direto falar com o fisioterapeuta da ATP.

– Numa hora estava tudo bem. Mas de repente a perna começou a travar e o corpo não foi mais – descrevi e contei que um médico brasileiro tinha diagnosticado que o problema estava no labrum.

O cara me deu o telefone de um especialista. Na Austrália, um dos esportes nacionais é o *Australian football*, um prato cheio para lesões semelhantes à minha. O que não falta em Sydney, Camberra ou Melbourne é especialista em quadril. O especialista tirou raio X e, sem eu falar nada, não precisou de 15 segundos para achar o erro. Bateu o olho na radiografia e confirmou:

– Labrum.

– Como resolve? – perguntei, na esperança de que ele dissesse algo diferente do médico anterior.

– Cirurgia – falou, acrescentando um detalhe importante: – Igualzinho ao caso do Magnus Norman, que acabou de ser operado.

Logo depois da consulta, numa entrevista para a imprensa, os jornalistas só queriam saber o que vinha acontecendo comigo, perguntando por que eu estava perdendo tanto. Abomino me fazer de vítima, mas detesto mais ainda ser acuado por desconhecimento.

Greg Wood / AFP / Getty

No Aberto da Austrália de 2002, Guga é atendido pelo fisioterapeuta na partida contra Julien Boutter.

– Estou com uma lesão séria no quadril. Vou ter que operar – expliquei, desnorteando todo mundo, encerrando uma onda de especulações digna de bolsa de valores e criando outra imediatamente, com todos querendo saber quando ia ser a cirurgia, quem era o médico, quanto tempo ia durar a recuperação e por aí vai.

Mas intervenção cirúrgica sempre foi coisa muito séria na minha cabeça. Me desagradava a ideia de alguém subtrair ou alterar uma parte de um corpo de que eu dependia integralmente para existir no mundo do tênis. Decidi que, antes de levar ou não adiante a ideia, ia fazer mais um teste. Fui disputar o torneio de Buenos Aires. Se eu não conseguisse encaixar meu jogo no saibro, teria que me render às evidências e entregar os pontos.

Estreei contra o argentino Agustín Calleri. Entrei em quadra como se fosse o jogo da vida, doido para ganhar e provar que não precisava de cirurgia. Perdi o primeiro set. Ganhei o segundo no tie-break, no sufoco, levando a decisão para a negra. E então perdi num novo tie-brake. Se fosse em outra conjuntura, eu dificilmente seria derrotado, mesmo com Calleri na semana iluminada que o levou a ser campeão em Buenos Aires.

Os fatos falaram por si. Minha performance não era mais a mesma. O teste no saibro estava

encerrado e a cirurgia se apresentava como a melhor saída. Com o conhecimento que tenho hoje, se soubesse tudo o que vinha pela frente, não faria a operação nem a pau, continuaria buscando alternativas, pararia de competir por um ano se fosse o caso, pesquisando soluções. Mas uma coincidência decidiu o jogo. No clube de Buenos Aires, saindo do vestiário, encontrei Norman. Conversamos.

– Um médico australiano me falou que tu operou o quadril por causa de um problema no labrum. Como é que está? – perguntei.

– Nota 10. Me sinto novo.

– Mesmo?

– Olha só onde eu estou, Guga. Não faz nem três meses depois da operação e já voltei a jogar.

Se eu tivesse feito a primeira pergunta três meses mais tarde, Norman teria dado nota 7 para o resultado da cirurgia. Se o diálogo ocorresse seis meses depois, ele daria 5, e é provável que eu desistisse da operação. Mas naquele momento, com a nota 10 como resposta, decidi que, aos 25 anos, iria para a faca. Não ia mais ficar me desgastando até empenar de vez, inclusive porque Roland Garros estava logo à frente e, se eu não tomasse uma providência logo, corria o risco de ver os jogos pela TV.

Em março de 2002, a mãe do Larri descobriu que estava com câncer em estágio adiantado, com poucas semanas de vida pela frente. Antes de ir ficar com ela, no entanto, Larri quis ter certeza de que tudo correria bem comigo. Ele e o Rafa me acompanharam até a cidade americana de Nashville, no Tennessee, onde me internei numa clínica para fazer a cirurgia com Thomas Byrd, uma das sumidades mundiais em quadril da época, o mesmo que operou Norman.

Não era uma operação complicada. O labrum é uma mistura de ventosa e almofada, uma articulação na qual o fêmur se encaixa e se articula no quadril. Por causa do excesso de uso, o meu se desgastou. Isso gerava uma leve folga na articulação, suficiente para me desestabilizar e provocar dores. Para corrigir isso, os manuais médicos da época mandavam retirar a cartilagem solta e também raspar o osso, lapidando a cabeça do fêmur.

Fui operado na manhã do dia 26 de fevereiro e, no fim da tarde, já andava de muleta pelo quarto. Só quando me viu de pé e pôde dar um abraço emocionado, Larri pegou um avião para o Brasil e passou seus últimos momentos com a Dona Orestina dos Passos, sua mãe. Até hoje me impressionam as demonstrações de amor que Larri me dava, às vezes colocando os meus interesses acima dos dele, num desprendimento que só se explica pelo senso de missão que ele sempre teve comigo.

Minha recuperação nas seis primeiras semanas foi incrível. Tudo indicava que eu ia ficar zerado antes do tempo previsto. Mas aí os progressos cessaram. O quadril deu uma emperrada, limitando-me a 70% ou 80% da desenvoltura de antigamente. Movimentos corriqueiros, como agachar e levantar, exigiam concentração para serem executados.

Embora usual no início dos anos 2000, aquela abordagem cirúrgica do meu problema hoje

está comprovadamente falida, morta e enterrada. Quando um cirurgião desgasta o labrum para retirar a parte danificada, a articulação volta mais ou menos ao normal, mas o material retirado da cartilagem acaba fazendo falta. A ventosa perde parte do seu poder de sucção. Na prática, sem um encaixe perfeito, a cabeça do fêmur fica meio solta. Por um lado, as dores diminuem. Mas, com o passar dos meses, aquela invisível trepidação interna acaba por comprometer de vez a cartilagem e agravar continuamente o problema da instabilidade do quadril.

Depois de dois meses de recuperação, voltei ao circuito no torneio em Mallorca, na Espanha, no final de abril. Cheguei dias antes do início e fui praticar no clube. Lá, perguntaram se eu aceitaria treinar com um rapaz de 16 anos que vinha se destacando no juvenil. O garoto era Rafael Nadal, revelação tão singular que jogava com a esquerda e escrevia com a direita. De saída, ficou claro que ele tinha alguma coisa diferente. Em nenhum momento se intimidou por estar diante do número 2 do mundo, tricampeão de Grand Slam. Invocado, aguerrido, obstinado, não desistia de bola, não se conformava com erro, corria como alucinado, disputava cada ponto como se fosse o último. Ele me fazia lembrar de um tenista de Floripa na infância. Os espanhóis estavam certos: esse ia dar trabalho.

Em Mallorca, na estreia do primeiro torneio depois da cirurgia, jogando no saibro, ganhei fácil do russo Nikolay Davydenko. Nas oitavas, enfrentei Norman. Venci por 2 a 1. Apesar de não ter dor, em nenhuma das partidas me senti zerado. De um jeito ou de outro, a instabilidade no quadril incomodava. Nas quartas, perdi para o argentino Gaston Gaudio, que vinha despontando no circuito e seria campeão do torneio.

Da Espanha, pulei para Roma. Suei para ganhar de um italiano na primeira rodada. Na segunda, perdi de 2 a 1 para o espanhol Albert Montañés, que estava engatinhando no circuito. Em condições normais, eu só seria derrotado por ele no mais incongruente dos meus pesadelos. Mas tinha acabado de acontecer ali, numa quadra italiana de saibro, na vida real. Era chato, mas não deixava de ser esperado para um jogador que tinha saído da mesa de cirurgia dois meses antes.

Em meados de maio, disputei Hamburgo. Cheguei às quartas, mas de resto foi praticamente a mesma coisa. A única diferença foi que joguei pela primeira vez contra Roger Federer, então 14º do ranking. Antes da partida, dei uma espiada no aquecimento dele. O cara parecia meio desinteressado, um tanto paradão, e achei que não ia ter muita dificuldade. Mas, quando vi, tinha perdido o primeiro set por 6-0 em vinte minutos.

Aprendi, na prática, que uma eventual lentidão era pura ilusão. Chegava a ser impressionante, quase sobrenatural, a capacidade de Federer de gerar potência sem fazer esforço. Olhando para ele, parecia que jogar tênis era a coisa mais simples do mundo, fosse mandando a bola no fundo ou dando uns slices curtinhos que me incomodaram durante a partida. Ganhei o segundo set, mas depois, na negra, Federer acabou levando a melhor.

Cheguei a Roland Garros preocupado com as minhas limitações, mas sem deixar de acreditar nas reviravoltas que a terra da magia conseguia me proporcionar. Na primeira

rodada, despachei um suíço por 3 a 0. Na segunda, contra Davide Sanguinetti, italiano encardido e brigador, já tive que tirar coelho da cartola. Ele venceu o primeiro set, empatei. Aí o italiano fez 2 a 1 e abriu uma boa vantagem no quarto set. Para todos os efeitos, era jogo perdido. Na base da vontade, empatei de novo, virei a partida, venci o confronto e segui adiante. Na sequência, enfrentei o chileno Fernando Gonzales, um cara duríssimo. Utilizando toda a minha experiência, ganhei de 3 a 1.

Nas oitavas, peguei o espanhol Albert Costa, de quem eu tinha ganhado seis partidas consecutivas. Um ou dois anos atrás a chance de perder ali seria minúscula. Mas agora a equação tinha ficado mais complexa. Além do quadril daquele jeito, o tempo estava seco no dia, o que fazia os grãozinhos do saibro virarem microrrolamentos. Em consequência, com a dificuldade que eu já tinha de me estabilizar, em vez do surfista, virei o patinador do saibro. Perdi.

Apesar dos pesares, achei um bom resultado. Eu ainda estava bem abaixo do meu potencial. Se tinha chegado às oitavas de um Grand Slam com o quadril incomodando, a lógica dizia que, no máximo em seis meses, tudo voltaria ao normal. A recomendação de Larri continuava determinante:

– Calma, Cavalo, tranquilo, continua trabalhando que as coisas vão melhorar.

Na base da garra, com o corpo demorando a corresponder à intenção do cérebro, fui pulando de um torneio a outro com resultados abaixo das expectativas. Era desagradável, mas, apesar disso, eu não deixava de enxergar o quadro geral. Estava me recuperando de uma cirurgia, ainda sob efeito da limitação física. Em momento algum me coloquei em dúvida. Era uma questão de tempo até eu voltar a desempenhar como antes.

Existe pouca coisa pior para um jogador do que duvidar de sua capacidade. Só os obstinados são campeões. Derrotas podem ser compreensíveis, às vezes inevitáveis, mas jamais aceitáveis. O tenista pode perder algumas vezes de um cara excelente, mas depois tem que ganhar, pois sempre existe um caminho para a vitória e a questão é encontrá-lo. É bobagem essa história de que é na derrota que se aprende a ganhar. Perder uma partida tem, sim, seus ensinamentos e lidar com a frustração é uma lição necessária para todo tenista. Mas, no dia em que um jogador se conforma com resultados desfavoráveis, já era, pode pendurar as chuteiras. O que ensina a ganhar é a soma das experiências, dos treinos, dos desafios, das derrotas e das vitórias, sendo que vencer tende a ensinar mais que perder. A vitória é o combustível do vencedor, seu alimento, o propulsor para triunfar cada vez mais.

No final de agosto, fui para o US Open. Na estreia, ganhei do francês Julien Boutter, o mesmo cara que tinha me vencido na primeira rodada do Aberto da Austrália, sete meses antes. Beleza. Na segunda, voltei a derrotar Safin, um top ten, então terceiro do mundo, por 3 a 0. Magnífico. Depois, acabei com um chileno, que desistiu do jogo no segundo set. Tudo no prumo. E aí, nas oitavas, enfrentei o holandês Sjeng Schalken. Mais uma vez, o histórico e o estilo de jogo contavam a meu favor. Foi uma partida duríssima, com quatro sets e três tie-breaks. Fiz o máximo, levei o corpo ao limite, mas não foi o suficiente. O holandês ganhou.

A essa altura do campeonato, sem ganhar nenhum título no ano ou defender os pontos em Roland Garros, nos Masters Series e em outros torneios, caí da segunda para a 46ª posição no ranking. Alarmante para muitos, para mim aquilo era compreensível, talvez inevitável, certamente reversível pela ótica de quem vive o circuito do tênis. A queda no ranking estava dentro do escopo para um jogador que lutava para se recuperar de uma lesão. Isso era o de menos. Eu só precisava voltar a jogar como antes. Se conseguisse isso, o resto seria consequência.

No início de setembro, tinha um incentivo extra para resgatar meus melhores momentos. Ia jogar mais uma vez no Brasil, com a torcida apoiando, no torneio da Costa do Sauípe, na Bahia. A final, contra o argentino Guillermo Coria, foi mais um daqueles confrontos aguerridos, eu dando tudo para alegrar a galera e ele fazendo qualquer coisa para estragar a festa. Depois de mais de três horas de jogo, com a torcida me empurrando o tempo todo, venci. Sen-sa-ci-o-nal! Fazia tempo que eu não sentia o gostinho da felicidade nas quadras. Era o meu primeiro título depois da cirurgia, e ainda por cima conquistado no meu país. É isso aí, entrei nos trilhos, estou no caminho, um sinal de que daqui a pouco tudo volta a ser como antes.

Na semana seguinte, tive outro sinal da recuperação em mais dois jogos no Brasil. Dessa vez, disputando no Rio de Janeiro, precisávamos ganhar do Canadá para voltar ao grupo mundial da Davis. Na simples, venci Daniel Nestor por 3 a 0. Na dupla, em parceria com André Sá, ganhamos numa partida suada de cinco sets. Beleza. O Brasil retornou à elite do tênis e fiquei mais confiante.

Nos treinos para os torneios de piso duro, encaixei mais uma peça na minha remontagem. Nas devoluções, muitos golpes não tinham o mesmo impacto de antes. O corpo do tenista é uma orquestra, com o conjunto determinando a execução. Para dar um torpedo perfeito, era fundamental o movimento sincronizado e azeitado de perna, braço e quadril. Com a instabilidade da base, o corpo desafinava. Mas, com um ajuste aqui e ali, aprendi que dava para compensar colocando mais força – e resolvendo – no braço. Sem a mesma facilidade ou eficácia de antes, a fórmula funcionava de maneira satisfatória.

Entre o Sauípe e o torneio de Lyon, venci onze partidas seguidas em um mês, o que não acontecia havia um bom tempo. Maravilha. No primeiro semestre inteiro eu tinha ganhado só dez jogos. Ficou claro que estava progredindo com velocidade, retomando a confiança.

O fato de terminar o ano como 37º do mundo não significava nada. Confiante de que os desafios estavam sendo superados, acreditando na recuperação plena, empolgado como não me sentia havia meses, faltava só um clique para reencontrar meu melhor jogo. Tudo indicava que eu estava pronto para ir para as cabeças e atropelar em 2003. A fase de dificuldade tinha ficado para trás e eu só projetava o paraíso.

ÚLTIMO LAMPEJO

Um ano depois da cirurgia, eu ainda estava no purgatório, sem saber se ia terminar no céu ou no inferno. Numa hora era só alegria. No primeiro torneio de 2003, em Auckland, na Nova Zelândia, fui campeão. Mas na sequência perdi aqui, ali e acolá de jogadores que jamais me derrotariam em condições normais.

Aos 26 anos, eu sabia muito mais de tênis do que conseguia desempenhar na quadra. Continuava tudo ali dentro de mim, a cabeça enviava os comandos certos, mas o corpo reagia com atraso e executava as jogadas com resistência e dificuldade. Em todo minuto na quadra, em cada jogo ou treino, eu ficava me testando, tentando acertar a receita para resgatar a desenvoltura de antes.

Era um negócio desesperador, um desgaste constante do corpo e da alma. Fazia tempo que jogar tênis tinha se tornado algo natural para mim, como caminhar ou escovar os dentes. Mas de repente o natural não existia mais. Tentava de tudo quanto é jeito, mas o quadril não me permitia resgatar minhas habilidades anteriores.

Eu estava me tornando um jogador comum, embora a experiência, a garra, a vontade de ganhar e o espírito de campeão ainda compensassem isso. Dois anos antes, jogava controlando as doses de transpiração, técnica e inspiração. Agora toda partida exigia 100% de tudo. De qualquer jeito, ainda estava longe de perder a esperança. Continuava aguardando a faísca que promoveria a reviravolta e encerraria o tormento. Torcia para que ela aparecesse até a temporada de saibro na Europa, meu deleite no circuito. No saibro das Américas, não decepcionei. Em Buenos Aires e em Acapulco, fui à semi. Os títulos escaparam por pouco.

Em Indian Wells, em meados de março, joguei pela segunda vez contra Roger Federer, que vencera nosso primeiro confronto em 2002 em Hamburgo. Agora o suíço era o quarto do mundo, jogando aquele tênis elegante e magistral que o faria ser considerado o maior de todos os tempos. Ganhei de 2 sets a 0 e eliminei Federer. Na final de Indian Wells, perdi para Hewitt, então número 1 do mundo. Por um lado, lamentei voltar para casa sem o pote de ouro depois de ter chegado ao fim do arco-íris. Por outro, na minha condição física, era uma bela façanha ser vice de um Masters 1000.

Com esse resultado, a imprensa e os brasileiros entraram no clima de oba-oba, dando como certa minha retomada. Mas a vista da vitrine é diferente da visão do balcão. Ninguém conseguia enxergar o que estava realmente acontecendo. Eu tinha que fazer um esforço

descomunal para ganhar de cara bom, mais ou menos, ruim ou excelente. Antes, eu vencia o 50º do ranking com uma mão nas costas, o quinto com algum suor e o número 1 era eu. Agora, não existia mais adversário tranquilo, tudo era um parto. Se continuasse desse jeito, só por milagre voltaria ao top ten.

Com o segundo lugar em Indian Wells, pulei de 24º do mundo para a 15ª posição. Bastava mais um título, ou outra semi em torneio grande, para outro salto. Minha mente me impulsionava a quebrar de novo a barreira do som, mas o corpo puxava para baixo. Entre uma coisa e outra, os adversários faziam de tudo para se aproveitar da minha situação.

Minha expectativa foi às alturas no início da temporada europeia no saibro. Era um momento decisivo para mim. Estava confiante de que as peçam iam se encaixar e eu decolaria de novo. Mas não aconteceu. No máximo vi a cor de uma oitava de final.

Na segunda rodada de Monte Carlo, perdi para Norman, que, depois da operação do quadril, entrara numa fase de declínio e agora ocupava a 94ª posição do ranking. Venci o primeiro set de lavada, 6-1. No segundo, ia ganhando na tranquilidade por 5-2, era só finalizar. Até hoje não faço ideia do que ocorreu. Fui perdendo ponto atrás de ponto, game atrás de game, e Norman venceu o segundo set por 7-5. E depois o terceiro por 6-2. Essa doeu, não tanto pela derrota em si, mas pela decepção de, naquele momento delicado, ter deixado escapar um jogo ganho.

Na sequência, disputei pela primeira vez o torneio de Barcelona. Tinha ensaiado um par de vezes, mas nunca dera certo. Perdi nas quartas para Ferrero, então considerado o melhor jogador no saibro. Em Roma, não passei da primeira rodada. Em Hamburgo, fui derrotado nas oitavas por Wayne Ferreira, que não incomodava havia muito tempo: já tinha vencido o cara na quadra rápida, na mais rápida e na muito mais rápida. E aí fui perder para ele logo no saibro. Quanto mais eu me esforçava para tentar me manter competitivo, mais me desgastava.

Cheguei a Roland Garros desconfiando que a tendência era não ir bem, mas me fiando na magia e na minha capacidade de operar milagres de vez em quando. Derrapar ali ia machucar mais do que nos outros torneios, eu precisava dar o máximo do máximo. As partidas desse Roland Garros acabariam sendo uma espécie de síntese do ano, com sufoco, lampejo, artimanha, drama e a certeza de que meu corpo não aguentava mesmo quando eu o espremia.

Na primeira rodada, tive que usar todo o arsenal para vencer Marc Rosset, numa partida duríssima, de quatro sets e dois tie-breaks. Na segunda, depois de um bom tempo, ganhei um jogo com facilidade, contra o marroquino Hicham Arazi.

Na terceira, me vi numa encruzilhada quando soube que enfrentaria o argentino Gaston Gaudio de novo. O histórico contava a favor dele, mas entrei em quadra disposto a fazer qualquer negócio para levar aquela partida. Ganhei os dois primeiros sets, perdi o terceiro, no quarto o fôlego acabou. Mas, por sorte, começou a chover e a partida foi transferida para o dia seguinte. Com a perna ainda falseando, tive que apelar para o teatro. Ficava dando pulos, querendo passar a mensagem de que, se fosse preciso, jogaria uma semana inteira. A artimanha funcionou. Venci o quarto set por 6-3 e fechei a partida.

O esforço custou caro. Perdi nas oitavas para o espanhol Tommy Robredo. Nos nossos jogos anteriores, eu podia vacilar uma dezena de vezes com ele que ainda dava para me recuperar. Mas agora não tinha mais quadril para me reabilitar de um único descuido. Mais uma cachoeira de água gelada desabando na minha cabeça.

Essa derrota foi bem didática. Ficou claro que aquilo era tudo o que eu possuía. Eu tinha que jogar assim. Podia ser que um dia meu corpo ficasse novo, mas não ia ser agora. Saturei-me de falsas esperanças. O remendo cirúrgico tinha sido insuficiente e o problema continuava ali. Não era mais questão de convalescença, adaptação ou reajuste. O especialista no saibro precisava virar um especialista na corda bamba. Eu tinha que baixar a ansiedade e adequar minha expectativa de rendimento à realidade do quadril.

Torcendo por uma surpresa positiva, mas não contando mais com ela, fui para o restante do circuito, querendo ver até onde conseguia chegar desse jeito. Em três meses, derrapei em sete torneios seguidos. No máximo, fui semifinalista na Costa do Sauípe.

O processo de aceitação da limitação era tão dolorido quanto a frustração de tentar muito e não chegar lá. Eu não conseguia me conformar em jogar abaixo do meu potencial. Como eu ia me resignar a ser metade do que eu era, colocando parte de mim no escaninho do esquecimento e não acessando mais? Passei a vida toda me condicionando para atingir o máximo e agora o quadril me atrapalhava até no básico? Pô, parecia pegadinha.

No meio de setembro, veio mais uma rodada crucial da Copa Davis. Fomos jogar contra os canadenses na casa deles, em Calgary, precisando ganhar de qualquer jeito para permanecer na elite do tênis. Em fevereiro, depois de perder para a Suécia, tínhamos ido para a repescagem. Se vencêssemos, voltaríamos ao grupo mundial. Caso contrário, o Brasil seria rebaixado.

No primeiro confronto da simples, enfrentei Daniel Nestor. Consegui uma proeza. Bati o recorde de aces do torneio – 47 num único jogo – e, mesmo assim, perdi a partida. Na hora do saque, parado, eu continuava nos trinques. O problema estava na movimentação, ainda mais numa partida exaustiva de cinco sets e três tie-breaks.

No final das contas, o Canadá nos venceu por 3 a 2. Depois de seis anos no grupo mundial, o Brasil estava rebaixado. Aquele foi o vestiário mais triste em todos os meus anos de Davis. Larri e Acioly, os comandantes, falaram com a equipe, com todo mundo com lágrimas nos olhos. Eu também quis dizer algumas palavras. Chorando, elogiei o empenho de todo mundo. "Somos uma geração que colocou o nosso país entre os principais do mundo. Vamos levantar a cabeça e ter orgulho do que a gente fez."

Conversamos no vestiário por um tempão. De repente, o assunto recaiu sobre uma nota que vinha soando havia meses na nossa cabeça: o descaso da Confederação Brasileira de Tênis. Nós estávamos largados ao deus-dará. Daquele jeito não dava mais. A gente precisava fazer alguma coisa. Comandada por Nelson Nastás, a entidade estava mais alinhada com interesses políticos do que com tênis. Conseguiu até perder uma oportunidade única, desperdiçando a chance de promover o tênis nacional adequadamente tendo um brasileiro como número 1 do

mundo, sendo que sua obrigação seria incentivar o esporte mesmo que ninguém falasse português entre os 500 do ranking. Paga-se o preço por isso até hoje. Na Copa Davis, então, os problemas eram gritantes, indo de cima a baixo. A Confederação devia dinheiro para jogadores, juízes, fiscais de linha, boleiros, fornecedores, um absurdo.

No hotel em Calgary, com a presença da equipe técnica e alguns jogadores, tivemos uma conversa reservada com Nastás. Sem preâmbulos, fomos ao ponto. Explicamos que não dava mais para a Confederação continuar daquele jeito. Pedimos sua renúncia. Na época, ele estava na boca de assumir um cargo importante na Cosat, a Confederação Sul-Americana. Sugerimos que ele aproveitasse a oportunidade para sair, abrindo caminho para uma gestão que se preocupasse mais com o tênis do que com a política. A conversa não adiantou nada. O cara não queria largar o osso.

Nas semanas seguintes, sempre que havia oportunidade, a gente voltava à carga, sem sucesso. A situação foi ficando cada vez mais insustentável à medida que não constatamos nenhum movimento positivo da Confederação. A única saída que restou aos tenistas como instrumento de pressão foi partir para o tudo ou nada. No ano seguinte, em 2004, decidimos não participar de uma rodada classificatória da Davis contra o Paraguai. Por mais que eu amasse a competição, por mais que doesse muito, me neguei a dar as caras e incentivei outros a fazerem o mesmo. Num efeito dominó de cima para baixo, um por um foi abraçando a causa. Chegou um momento em que parecia que a adesão seria total.

A Confederação tentava inverter o jogo plantando notícias na imprensa que pintavam os jogadores como mercenários que só pensavam em dinheiro. A entidade reconhecia que havia problemas de pagamento, mas que isso era uma questão menor diante da responsabilidade de defender o Brasil num torneio como a Davis. Mas aquilo não tinha cabimento. Para mim, abdicar de momentos com que sempre sonhei em benefício de outros jogadores que poderiam ter uma estrutura melhor no futuro e uma entidade que os representasse de forma decente seria mais importante para o meu país do que a minha participação em qualquer competição.

Quatro tenistas, no entanto, foram convencidos a furar o bloqueio, seduzidos pelo canto de sereia de que seriam heróis se o Brasil vencesse. O cenário era favorável para isso. Os jogos seriam na Costa do Sauípe, com a torcida apoiando em peso. Com exceção de Ramon Delgado, o Paraguai não ameaçava. O segundo jogador deles, Francisco Rodriguez, estava lá pela 600ª colocação no ranking. Barbada. Mas mesmo assim o Brasil perdeu do Paraguai e foi rebaixado. Os fatos falavam por si. A gestão da Confederação era uma catástrofe. O tênis brasileiro regredia cada vez mais. Nem assim o presidente renunciou.

A rodada seguinte da Davis seria contra a Venezuela, na casa deles, em Caracas, em julho de 2004. Se o Brasil já tinha perdido para os fracos paraguaios, era quase certo que levasse uma surra dos venezuelanos. A Confederação apelou de tudo quanto foi jeito, mas, dessa vez, ninguém cedeu ao discurso. Todos os tenistas brasileiros se negaram a jogar. Isso, sim, seria uma bucha. Quando um país não aparece para jogar na Davis, leva W.O. (a temida sigla de *walk over*, ou "passar por cima" em português) e uma suspensão de dois anos no torneio. Nem

assim o presidente tomou uma atitude. Continuou sentado impassível no trono.

A falta de reação da Confederação foi inesperada e o tiro acabou saindo pela culatra para os tenistas. Não tínhamos o menor interesse em ficar dois anos na geladeira. Juntando esforços, reunimos um time de juvenis para evitar o W.O. Nastás continuou negligenciando o tênis mesmo quando nossos bravos juvenis não conseguiram segurar o rojão na Venezuela e o Brasil caiu para a segunda divisão da Davis. Com esse resultado, a casa caiu. Pressionado por jogadores, associações estaduais e advogados, Nastás teve problemas com a prestação de contas e a entidade sofreu intervenção do Ministério Público. Assim teve fim o desastroso mandato que tanto atrapalhou o tênis brasileiro. Esses imbróglios na Davis consumiram grande parte da minha rotina, mas pelo menos me fizeram prestar atenção em outra coisa que não o meu quadril.

Voltando a 2003, sem conseguir brilhar no meu velho amigo saibro, decidi arriscar e tentar a sorte numa coisa nova, a quadra rápida de São Petersburgo, na Rússia. Na semi, ganhei de Corretja. E então, no finzinho de outubro, entrei em quadra para enfrentar Sargis Sargsian na final, decidido a só sair de lá com a taça. Bom plano, execução perfeita. Fui campeão de São Petersburgo. Beleza.

Com essa conquista, encerrei 2003 como 16º do ranking, uma colocação mais do que honrosa para quem começara em 37º e passara o ano competindo na adversidade, sempre esperando um momento que não chegou. Mesmo muito longe da minha melhor forma, tinha subido dezenove posições no ranking, o que dava ao mundo uma falsa impressão de que eu vinha galopando. Eu sabia, porém, que ainda estava tateando no escuro, comprometendo cada vez mais a máquina, sem grande chance de continuar subindo a menos que algo radical acontecesse.

Passei as férias mais aflitivas da minha vida. Precisava descansar, mas não queria ficar parado. Já comecei o ano acelerado, buscando recuperar o tempo perdido. Em Auckland, no primeiro torneio de 2004, fui à semi, um resultado que mais uma vez mostrava que eu tinha virado expert em conduzir o meu corpo apesar das limitações. Se ele desse mais uma ajudinha, quem sabe ainda poderia emplacar torneios grandes.

Eu tinha chegado a um ponto em que, depois de uma partida, tinha que ficar pelo menos duas horas de molho fazendo massagem para aplacar a dor e reajustar a movimentação. Por mais competentes que fossem, os fisioterapeutas da ATP não conheciam meu corpo a fundo e muito menos meu problema no labrum. Então me ocorreu convidar Mariangela, minha fisioterapeuta de Florianópolis, a me acompanhar ao torneio de Viña del Mar, na esperança de que ela ajeitasse o que eu fosse envergando pelo caminho. Funcionou. Ali no Chile, só perdi na final.

Em seguida, fomos para Buenos Aires, mas peguei uma gripe danada, que quase me impediu de jogar, e fui eliminado na estreia. Logo depois, jogando em casa na Costa do Sauípe, praticamente curado da gripe, ganhei do espanhol Oscar Hernandez na primeira rodada. Na segunda, eliminei o francês Richard Gasquet, que vinha iniciando sua escalada no

ranking. Nas quartas, numa partida duríssima, venci aos trancos e barrancos o argentino Franco Squillari. Na semi, atropelei José Acasuso. E, na final, derrotei Agustin Calleri por 2 a 1.

Na comemoração, eu e Larri nos abraçamos e choramos como crianças. Depois de tanto sofrimento, eu tinha voltado a ser campeão, jogando em casa, aplaudido de pé pela torcida. Fazia tempo que não ficava tão feliz. Não fazia ideia de que aquela seria minha última vitória em um torneio da ATP.

Em Indian Wells, Miami e Monte Carlo, só me estrumbiquei. Em Barcelona, cheguei às quartas, mais um feito diante das minhas limitações físicas. Aproveitando que estaria por lá, marquei consulta com o doutor Angel Ruiz Cotorro, mesmo médico que cuidava de Nadal e de mais uma dezena de tenistas.

O homem tinha fama de mágico. Com ele, testei a eficácia do milésimo tratamento. Ele me aplicava injeções de ácido hialurônico, que prometiam resgatar a cartilagem lesada do quadril. Tomei dezenas de doses, um negócio doído pra caramba. Adiantou pouco, mas nem chegava perto de resolver. A cada novo insucesso, os médicos tentavam me induzir a uma nova cirurgia. Diziam que era a única saída. Eu desconversava. Estava traumatizado com operação.

Mas, sem cirurgia, a situação estava cada vez pior. Eu não conseguia esquecer a dor mesmo quando ia dormir. Era um fantasma, um espectro com poder de materialização, um adversário que não dava descanso. Sabia que ia aparecer, vivia sentindo ou esperando a dor, antes, durante e depois das partidas. De dia ou de noite, tinha que gastar uma energia abusiva num interminável e estressante duelo mental com ela, sem dar margem para que me dominasse. Era desgastante demais, aquilo me consumia numa luta sem trégua e sem possibilidade de rendição. A dor podia espezinhar meu corpo, mas não podia me vencer na cabeça.

Confrontado pelas minhas limitações, mas sem perder a confiança, cheguei a Roland Garros. A expectativa de ir longe até existia, mas eu a mantinha adormecida dentro de mim. Tinha toda a ciência de que meu corpo só me permitiria ir até certo ponto, mas restava a chance de conseguir fazer o máximo com o mínimo. Nos treinos, sem forçar, saindo de um tratamento, não tive dor, me senti melhor.

Na primeira rodada, em que eu me via na obrigação de ganhar, peguei Nicolas Almagro, gurizão perigoso que mais tarde chegaria ao top ten. O espanhol estava num dia inspiradíssimo, dando trabalho desde o primeiro momento. Ganhei os dois primeiros sets na base da experiência e da raça, suando e me acabando, por 7-5 e 7-6.

Mas aí começou a doer tudo. Por mais que eu conhecesse meu corpo, cometi a bobagem de chamar o fisioterapeuta. Sabia que ele não ia poder fazer muita coisa, no máximo um alívio momentâneo, o melhor seria continuar jogando meio quebrado. Paguei caro pela minha decisão. O cara demorou uma eternidade para chegar. E aí, além de continuar com o problema, meu corpo esfriou, enrijeceu e travou. Até ele voltar a aquecer de novo, perdi os dois sets seguintes, por 6-1 e 6-3. Depois de tanto esforço, a partida estava indo ladeira

abaixo.

No set derradeiro, Almagro ficou à minha frente e o caldo só não entornou de vez porque, quando ele já estava perto de fechar, a torcida entrou em peso no jogo e me impulsionou. Estimulado por aquele apoio todo, consegui tirar força sei lá de onde, empatei em 5-5 e depois, na marra, venci por 7-5, em mais uma daquelas partidas que se tornaram um exemplo de superação.

O jogo seguinte foi contra o belga Gilles Elseneer, que estava lá pela centésima posição no ranking. Eu era o 30º, mas isso não queria dizer muito. Venci sem dificuldade por 3 a 0, embora sem relaxar por um só momento. Pareceu que os deuses de Roland Garros tinham decidido me poupar um pouco para o que viria a seguir: número 1 do mundo, Federer era o favorito ao título de campeão em 2004.

Eu e Larri traçamos a melhor estratégia possível dentro daquele cenário. Eu tinha que tentar abater o leão na base da astúcia. Precisava usar a cabeça para levá-lo a uma armadilha. Três anos atrás, o poder de decisão de uma partida estava todo na minha mão. O cara podia fazer chover que eu continuava com a convicção de que não ia ter salvação para ele e que o jogo era meu. Eu podia ganhar ou perder, mas o domínio da situação estava sempre ao meu alcance. Mas agora isso não existia mais. Para ganhar, eu precisava da colaboração do adversário. Então eu precisava administrar a partida de um jeito que o induzisse a tomar as decisões erradas.

Entrei em quadra meio nervoso e apreensivo. A minha cabeça era um turbilhão que tentava gerenciar todos os processos necessários para desempenhar bem. Procurava manter a confiança altíssima, para ter alguma chance, e a expectativa minúscula, para, se alguma coisa desandasse, não me atolar na frustração. A minha própria cabeça era um quebra-cabeça, sempre tentando juntar as peças.

De cara, na alvorada do primeiro set, quebrei o saque de Federer. Na sequência, ele quebrou o meu, mas não me abalei, o importante era manter o plano. Durante todo o jogo, meu saque teria que ser uma das armas mais importantes. Era fundamental fazer sempre 15/0, para passar a mensagem de que eu estava ali para me impor e vencer. Fomos indo e, dentro das minhas limitações, me vi jogando no máximo que o corpo permitia, com um grau de acerto espantoso. Era como se, na melhor das hipóteses, eu esperasse chegar a 100 quilômetros por hora, mas de repente me visse em 130, acelerando para chegar a 150.

Era um desempenho tão incrível que chegava a ser absurdo. Eu pensava em acertar no cantinho com uma esquerda paralela e a bola ia aonde eu queria. Não era a mesma estilingada que dei por anos a fio, mas, nas atuais condições, dentro do que podia apresentar, era um show. Venci o primeiro set por 6-4.

E aí fui deixando cada vez mais claro para Federer que eu ia acertar tudo o tempo inteiro, obrigando-o a arriscar mais e a tomar decisões erradas ao longo do caminho. Quando ele se animava um pouco, eu dava um jeito de surpreendê-lo, e logo ele se via atordoado novamente. Eu era conduzido por uma frase que não saía da cabeça desde o começo da partida: “Cara, tu

pode até ser o melhor do mundo, um dos maiores da história, mas este lugar aqui me pertence.” Ganhei o segundo, de novo por 6-4.

Laurent Rebours / AP

Em 2004, Guga supera Roger Federer, então número 1 do mundo, por 3 sets a 0 na terceira rodada de Roland Garros.

No terceiro set, antes de a partida terminar, eu e Federer sabíamos que o jogo já tinha acabado e que a vitória era minha. Era mais uma prova de que o grande vencedor não era aquele considerado o favorito nem o mais preparado, mas sim o jogador que, independentemente dos pepinos que aparecessem, encontrava uma saída. Mantendo um grau de acerto enorme, errando pouco e fazendo o suíço optar por soluções que se mostrariam equivocadas, venci de novo, mais uma vez por 6-4, possivelmente tirando da mão de Federer o que poderia ter sido seu primeiro título de Roland Garros.

Na sequência, nas oitavas, eu ainda venceria o espanhol Feliciano Lopez por 3 sets a 0 antes de ser derrotado pelo argentino David Nalbandian nas quartas. Tive chance de vencer, mas Nalbandian tinha um estilo de jogo que me obrigava a me movimentar demais, o que me

prejudicou. Perdi algumas oportunidades, cometi uns deslizes e não consegui recuperar.

A vitória sobre Federer foi meu último grande momento em Roland Garros. Levou anos até que o suíço voltasse a perder num Grand Slam antes das oitavas. Também passou muito tempo até que alguém conseguisse vencê-lo por 3 sets a 0. Carinhosamente, apelidei aquela vitória de Saci-Pererê, a que foi conquistada numa perna só e, sobretudo, por ter sido fantástica. Naquele ano, mesmo contando com somente 70% da minha capacidade, não fui tetracampeão em Roland Garros por um triz.

A RETA FINAL

Depois de me perder por tanto tempo, parecia que finalmente eu tinha achado o atalho para sair do labirinto. A vitória sobre Federer me mostrara que dava para sonhar alto mesmo dentro da limitação. Se o corpo reagisse só mais um pouco, eu poderia ganhar de qualquer um e voltar a levantar taças de Grand Slam. Já estava claro que injeção, RPG, fisioterapia e mais uma dúzia de tratamentos ajudavam, mas não era o suficiente. Com um refresco aqui, um lampejo ali, o quadril continuava declinando sem que nada impedisse. Foi aí que me convenci de que valia a pena superar o trauma. Não tinha mais jeito. Para me devolver o que eu tanto buscava, a saída era fazer a segunda cirurgia.

A essa altura, eu só enxergava essa opção e estava disposto a arriscar tudo e fazer qualquer coisa para voltar ao que eu tinha sido. Se o médico mandasse atravessar o Saara ou Larri falasse para treinar uma semana sem dormir, eu acataria. Quando eu era menino, a mãe se impressionava com as coisas de que eu abria mão ou que fazia para me tornar um tenista valoroso. Mesmo quando tudo dizia o contrário, eu continuava acreditando no sonho em todo instante de cada dia. Já tinha passado por tantas barreiras que superar um trauma de cirurgia nem seria a mais difícil.

Em setembro de 2004, em Pittsburgh, nos Estados Unidos, o doutor Marc Philippon recompôs o labrum e deu um picote num tendão da musculatura que unia fêmur e quadril. Encurtando-o, eu ampliaria a sustentação do corpo, ganhando mais firmeza na movimentação. Essa era a teoria. Na prática, aquilo não segurou nada, a não ser a perna, que ficou ainda mais difícil de mexer. Uma coisa do além. Tinha dia que eu achava que a perna não era minha, que obedecia ao comando de qualquer um menos ao meu. Parecia que pesava dez vezes mais, tinha que fazer esforço para qualquer coisa, me concentrando em cada movimento.

A segunda cirurgia me desestabilizou completamente. Fiquei dois meses sem poder colocar o pé no chão, dormindo amarrado. Depois, para que o médico pudesse acompanhar meu progresso, fiquei indo e voltando numa ponte aérea entre Brasil e Estados Unidos. Ele dizia que a operação tinha sido um tremendo sucesso, mas, para mim, a sensação era de que o que antes estava ruim tinha piorado. Agora eu precisava reaprender a me mexer e a jogar com o quadril solto e a perna emperrada.

Com o passar do tempo, a situação só se agravaria. Uma parte da musculatura perdeu suas características originais e praticamente parou de funcionar, como se tivesse sido desligada.

Por outro lado, outros músculos passaram a ser mais exigidos e ficaram comprometidos pelo desgaste. Numa combinação perversa, me encalacrei mais e meu corpo foi me subjugando. Sofria para fazer coisas banais. Fiquei quase três meses só reaprendendo o básico.

Passada essa fase, imaginei como seria voltar a treinar com Larri na academia dele. De início, o quadril, de fato, parecia mais estável, mas agora o maior problema estava na perna presa. Com isso, a performance ficaria mais comprometida do que antes. Mas eu tentava ser otimista, continuava acreditando, pensando que precisava dar tempo ao tempo para o corpo se readaptar.

Eu e Larri tínhamos atingido tal sintonia que raramente ele tinha que fazer ou falar algo, e muito menos exigir alguma coisa. O ponto é que, sei lá por quê, talvez pela somatória de tudo o que vivemos juntos, bastava Larri chegar perto que eu já sabia o que fazer. A sua energia me envolvia de tal forma que eu queria sempre dar o máximo. Era uma coisa natural, automática. Com ele do meu lado, mesmo que recomendasse que eu pegasse leve, eu ainda me forçava para dar um passo adiante.

Tudo o que conquistei no tênis devo à minha família e ao Larri, meu segundo pai, meu maior amigo, o treinador mais magnífico com o qual eu poderia sonhar. Mas, naquele período alarmante da carreira, eu não estava precisando tanto de treinamento, e sim de um tempo para me reorganizar. Foi a decisão mais difícil que já tomei na vida. Resolvi que ia conversar com Larri, expor a situação e explicar que, naquele momento específico de desespero, eu ia parar um pouco de treinar com ele.

Se decidir isso foi muito difícil, falar com ele foi bem mais. Durante um mês, fiz várias visitas ao centro de treinamento, me sentei umas três ou quatro vezes na sua frente, não falei coisa com coisa, muito menos o que pretendia. Como a coragem me fugia, pedi ao Rafa para me ajudar e conversar com ele. Ele antecipou a situação, dizendo que eu precisava de uma pausa. Mais tarde, expliquei ao Larri que eu não conseguia mais corresponder da maneira ideal e achava que tinha que dar uma pausa. Larri ficou chateado, tristíssimo, acabado como eu, mas disse que entendia. Ele sempre quis o melhor para mim, mesmo que o meu melhor o desfavorecesse.

Depois de quinze anos de convivência quase diária e intensa, Larri deixou de ser meu treinador. Passei quase um ano e meio sem ser orientado por ele. Eu sentia uma falta enorme da nossa convivência, da companhia, parecia que sempre estava faltando alguma coisa. Mas era um vazio que eu não teria como preencher naquele momento. Aos 28 anos, além do quadril avariado, eu também precisava conviver com mais essa questão.

Depois da segunda cirurgia, levei seis meses para voltar ao circuito, em abril de 2005. Dali para a frente, progressivamente, eu me veria num beco sem saída. Em três anos, entre 2005 e 2007, só consegui jogar 21 torneios. Isso era menos do que eu costumava disputar em um único ano. Em nenhum passei das oitavas. Ao todo, joguei apenas 26 partidas, o que antes eu fazia em um mês. Nesse período, foi ficando cada vez mais claro que não era mais uma questão de ser ou não competitivo, mas de não ter mais condições de sequer disputar o

circuito profissional.

Quando entrava em quadra, um dos objetivos principais era ver se o quadril parava de bobeira e apresentava algum sinal positivo. Mas isso só acontecia uma vez ou outra por mês e mesmo assim não se mantinha por dois ou três dias. Da mesma forma que vinha do nada, a melhora sumia logo depois e ficava duas semanas sem aparecer. Nos jogos, eu vivia arriando e tendo que parar por dois ou três meses, sempre indo atrás de alternativas para me manter em pé.

No final de 2005, tive uma nova luz. Em uma nova consulta com o doutor Cotorro, em Barcelona, ele me sugeriu usar uma placa para segurar o quadril. No lugar que o médico espanhol me indicou para fazê-la, me fizeram a pergunta de um milhão de dólares:

– Já tentou bragueiro?

– Nem sei o que é isso.

– É um cueiro, um tipo de cinta usado em tratamento de hérnia para aliviar a dor. Tem aqui. Quer experimentar?

Caramba, eu já tinha tentado de tudo, feito duas cirurgias, passado milhares de horas em massagens e fisioterapias e o cara vinha me falar em usar uma cinta para resolver meu problema?! Parecia gozação. Mas, já que eu estava lá, o que custava tentar?

Colocaram em mim o tal do bragueiro, conectaram as pontas das faixas, fizeram um ajuste e... não era possível, só podia ser brincadeira. O Gui sempre teve razão. As coisas simples são as melhores. Em dois segundos, com a solução mais banal da face da Terra, eu tinha recuperado minha perna. Fiquei perplexo. Deu vontade de chorar. Depois de três anos de sofrimento, voltei a me sentir eu mesmo. Finalmente, tinha encontrado o caminho.

Saí de lá e, na hora, telefonei para o Rafa para dar o nome do santo e contar o milagre. Parecíamos duas crianças no telefone, rindo e chorando ao mesmo tempo. No dia seguinte, treinei com Galo Blanco. Impressionante, magnífico, sensacional. Fazia anos que eu jogava com uma limitação física que só me permitia chegar a 60% da minha capacidade, mas ali, naquele treino, eu consegui desempenhar com 90%. Jogamos por quase meia hora, eu e o Galo abismados com o meu renascimento.

Embora parecesse, o bragueiro não era mágico. O truque era simples. A junção do meu quadril com o fêmur tinha se tornado uma zona de instabilidade, mas o bragueiro comprimia de tal forma os músculos da região que me dava uma sensação de estabilidade. Acostumado a trabalhar ao léu, meu corpo se iluminou quando recuperou o mínimo de controle.

O problema é que o truque tinha prazo de validade. Em meia hora de treino, a compressão do bragueiro deixava de ser suficiente para corrigir a musculatura descompensada e perdia a eficácia. Ainda comprei mais uns trinta bragueiros da fábrica e depois mandei fazer alguns personalizados, sob medida, adaptando presilha, mudando uma esponjinha aqui e outra traquitana ali. Cada um à sua maneira, todos os bragueiros falharam e me vi de novo em desespero.

Os médicos voltaram a falar em cirurgia. Mas, se duas tinham dado em nada, para que mais

uma? A ideia luminosa era fazer por dentro o que o bragueiro tinha feito por fora. O doutor Philippon, mais uma vez, foi o encarregado de encaixar mais o topo do fêmur no quadril, acomodando tudo o que estava meio folgado ali na pélvis.

Eu seria operado em Vail, onde fica uma famosa estação de esqui dos Estados Unidos. Antes da cirurgia, decidi que ia mandar todas as minhas frustrações montanha abaixo. Passei dois dias fazendo snowboard, descendo pela neve da maneira mais radical que conseguia. Se me estourasse todo, pelo menos já estava no lugar certo.

Mais uma vez, disseram que a operação, realizada em março de 2006, tinha sido um sucesso. Foi essa informação que me ajudou a suportar os dois meses mais agoniantes da vida. Logo depois da operação, sentia tanta dor que implorava à enfermeira por mais morfina. Quando recebia mais uma dose, eu chegava a pedi-la em casamento, dizia que ela era a melhor pessoa do mundo, a mais beatífica entre as mulheres. Passei dias entre a dor e a súplica de mais analgésico.

Logo depois da cirurgia anterior, em 2004, fiquei indo e voltando dos Estados Unidos. Como queria seguir milimetricamente todas as recomendações do médico, dessa vez decidi ficar em Vail até ter a alta definitiva. Fazia um frio glacial no inverno americano de 2006. Mal dava para pôr o nariz para fora. Passava os dias no quarto minúsculo de um hotel de terceira categoria. Minha perna ficou inchada, parecia que tinha um elefante embaixo de mim. Por dois meses, não pude colocar o pé no chão. Dormia com a perna para cima, amarrada a uma roldana.

Só saía do hotel três vezes por dia para as sessões intermináveis de fisioterapia, a primeira às sete, depois às onze, por fim às cinco da tarde, todas a peso de ouro, numa conta que chegava fácil a dez mil dólares por mês. No meio desse tratamento desgastante, descobri que o Magnus Norman anunciara que ia abandonar a carreira. Péssimo sinal. Com um problema parecido com o meu, quatro anos antes ele me recomendara fazer o que seria a minha primeira operação. Agora que eu estava na terceira, ele estava se aposentando com as mesmas dores.

O resultado da nova cirurgia foi a velha decepção. Ao longo dos meses, ficou evidente que não mudara muito. Meu quadril continuava instável. A diferença é que tinha ficado ainda mais amarrado, sem a menor chance de incomodar os adversários nos torneios. Eu continuava conversando com médicos e eles me diziam que não havia mais o que fazer, que eu precisava me habituar à nova condição.

Mesmo assim, não me dava por vencido. Dormia e acordava acreditando que alguma coisa ia mudar. O mais incrível é que, em raros dias, do nada, havia mesmo indícios de melhora. Eu ia praticar e conseguia desempenhar pelo menos com 70% da minha antiga capacidade. Como era possível? Se era um problema crônico e incorrigível na articulação do quadril, como eu conseguia de vez em quando me sentir competitivo? Isso criava uma ilusão de esperança que me alimentava de forma brutal, suficiente para me impulsionar por semanas. Eu me agarrava desesperadamente à chance de poder repetir isso mais vezes. Então voltava a me consultar com médicos, tentando entender como conseguia ter dias bons se eles diziam que não havia

mais o que fazer. Jamais me responderam isso a contento. Falavam que era assim e então ficava por isso mesmo.

Ninguém que convivia comigo conseguia entender aquilo. Conhecido por ter ajudado Ronaldo, o Fenômeno, o fisioterapeuta Filé, que havia meses vinha trabalhando comigo, também não encontrou explicação. Hernán Gumy, treinador argentino que me auxiliava a manter a técnica na minha convalescença, tampouco tinha ideia. Para todos, fisioterapeuta, treinador e médicos, o consenso é que aquele lampejo era um mistério.

Sem esclarecimento de nada, o que me restava era a realidade dos fatos. Mal me abaixava direito para chegar nas bolas baixas. Meu impulso também foi para o espaço. Força, impacto, precisão, fui perdendo tudo. No saque, minha margem de erro, que antes era medida em centímetros, passou a ser contabilizada em metros. Um desespero total, amplo, geral e irrestrito.

Pouco depois da terceira cirurgia, quis matar a saudade e fui à academia do Larri para visitá-lo. Ele me acompanhou durante pouco mais de uma hora de treino. Algumas semanas depois, precisando desesperadamente do seu estímulo e sentindo falta de tudo que relembrasse os velhos tempos, liguei e disse que estava com vontade de bater uma bola com ele. Era isso mesmo, mas também tinha segundas intenções. Eu queria muito me reaproximar.

Nenhum dos dois falou nada no reencontro. Agimos da mesma maneira de sempre. Voltei no dia seguinte, para um novo treino. No terceiro dia, sem combinar nada, a dupla já tinha voltado à ativa, como dois eternos amigos que podem passar anos sem conviver mas que retomam naturalmente a conversa do ponto em que tinham parado.

Na semana seguinte, mais uma vez estávamos fazendo planos e traçando estratégias. Larri me chamou para um canto e expôs sua ideia:

– Guga, seis meses é o prazo para o teu corpo responder. Vamos treinar três meses e jogar mais três. No final disso, virá a resposta. Aí a gente vê o que faz da vida.

A academia do Larri era o meu salão de festas, eu me sentia revigorado só por estar ali. Praticando naquele lugar, eu tinha ido ao meu máximo, me burilara, me tornara número 1 do mundo. Mas agora eu também sofria ali, angustiado por penar para fazer as coisas mais elementares. Houve dias em que saí de casa e, depois de alguns quilômetros, tive vontade de dar meia-volta no carro. Mas jamais desisti. Insisti por mim, por Larri e para ter a confirmação de que eu tinha mesmo tentado de tudo, sem dar margem a uma fagulha de arrependimento por não ter explorado a fundo absolutamente todas as possibilidades.

Injeções doídas, dezenas de cintas, três operações no quadril, cirurgia espírita, milhares de sessões de reabilitação, dúzias de fisioterapeutas, um batalhão de médicos, tratamentos alternativos às pencas, a lista me parecia completa. Mas podia ser que Larri, como no passado, conseguisse alguma coisa de que mais ninguém seria capaz.

Entre janeiro e março de 2007, eu e Larri disputamos nove torneios no saibro e na quadra dura. Mas a nossa cota de milagres tinha acabado. Fomos obrigados a constatar o que já sabíamos mas relutávamos em admitir. Até cogitamos a possibilidade de forçar mais um

pouco e disputar Roland Garros. Desistimos. Realmente não dava mais. Eu chegara ao estertor. Estava tão limitado e desgastado que nem recompensa imaginária valia mais a pena.

– Larri, chegou a hora de recolher o time de vez.

– Se é assim, vamos fazer isso juntos.

Há jogadores que encerram a carreira no auge. Aquilo não era mais possível para mim. Briguei até onde deu, sempre tentando virar o jogo, sem sucesso. Em 1996, quando eu tinha 19 anos, o sueco Stefan Edberg, ex-número 1 do mundo e maior rival do alemão Boris Becker, decidiu abandonar as quadras com uma turnê de despedida. Achei aquilo um privilégio, um tenista poder aproveitar seus últimos momentos e ao mesmo tempo dar uma chance ao público para também desfrutar disso. Se pudesse, gostaria muito de viver uma experiência parecida. Era um jeito perfeito de dar adeus ao circuito.

Falei isso para Larri, ele gostou e então começamos a esboçar nosso último roteiro. Decidimos que não disputaríamos mais nenhum torneio em 2007, embora ainda continuássemos treinando como se tudo fosse como antes. Combinamos que a cerimônia de encerramento ficaria para 2008. Até lá, eu teria muitos meses para preparar a minha cabeça.

No dia 3 de novembro de 2007, o Gui completou 28 anos. Teve duas festas de aniversário, uma com a família e outra com os amigos da Apae. Quatro dias depois, ele estava em casa com o Fábio quando começou a respirar mal. O enfermeiro telefonou para a mãe ao mesmo tempo que voava para o hospital com o Gui. Na sequência, a mãe me ligou, contou o que estava acontecendo e saí também em disparada para lá.

A gente já tinha passado dezenas de vezes por isso, tinha visto e revisto aquele filme. Corri para o hospital mais para dar uma força para a mãe, na certeza de que o Gui ia superar mais uma. Depois de febres de 42 graus, pneumonias, convulsões de dez minutos e crises que o faziam ficar roxo dos pés à cabeça, ele tinha tudo para tirar de letra uma parada respiratória.

Mas, assim que cheguei ao pronto-socorro, vi que a mãe estava com uma expressão diferente. Ela me abraçou e falou de uma maneira mais emotiva do que o normal:

– Ah, Guga, desta vez acho que não vai dar.

O sinal de alerta passou de amarelo a vermelho. Ninguém conhecia o Gui mais do que a mãe. E então ele teve uma parada cardíaca na nossa frente. Com o desfibrilador, o médico foi dando um choque atrás do outro, eu e a mãe tentando segurar o Gui enquanto o corpo dele dava solavancos com a alta voltagem o percorrendo.

Não sei se foram quatro ou cinco choques com o eletrocardiograma traçando só uma linha reta. O médico não desistia, o corpo continuava dando pinotes, uma agonia total. Então a mãe levantou a mão e pediu para parar. Não havia mais o que fazer. O Gui tinha morrido na nossa frente. O equipamento foi posto de lado e o silêncio tomou conta de tudo. Sempre que recordo isso, fico arrepiado, com vontade de chorar, da mesma forma que todo filme que tenha médico e desfibrilador me dá nó na garganta até hoje. A despedida do meu irmão, o enterro de um dos maiores professores da minha vida, foi uma das coisas mais tristes que vivi.

Eu e Larri terminamos de definir a minha turnê derradeira. Decidimos que eu jogaria cinco

torneios. Minha vontade era ir bem além, mas eu não tinha condições. O jeito foi restringir ao máximo. Começaríamos na Costa do Sauípe, em fevereiro. Na sequência viriam Miami e um challenger em Florianópolis, para que a minha cidade pudesse me assistir. Depois Monte Carlo e, por fim, Roland Garros, o lugar mais mágico do circuito para mim.

Acervo pessoal

Guga e o irmão Guilherme em momento de plena sintonia.

Ao contrário de seis meses antes, o sofrimento tinha acabado. Eu não me martirizava mais, não ficava imaginando se ia conseguir voltar a jogar como antes. Já sabia que não. Não havia razão para me torturar com expectativa, ansiedade ou frustração. Agora era só deixar rolar. Mais leve, sem a responsabilidade de ter que me provar diariamente, tudo voltou a ser gostoso.

Foi só aí que realmente percebi o tamanho e o peso do fardo que tinha carregado. Podia ter parado antes, não precisava ter sofrido tanto, me desgastado numa montanha-russa física e emocional. Mas tudo o que eu queria, como ainda continuo querendo, era jogar. Só que precisei ir o mais longe possível para jamais me arrepender da minha decisão.

Finalmente, entrei na reta final. Dos cinco torneios, três acabariam sendo muito impactantes, inesquecíveis, a ponto de me arrepiar até hoje quando os relembro. Em fevereiro de 2008, na Costa do Sauípe, parecia que todos os brasileiros liam o que se passava na minha cabeça. Fui saudado, aplaudido e reverenciado com o máximo de carinho que uma plateia pode dar. De improviso, fiz um discurso inesperado até mesmo para mim. Nem nos três títulos em Roland Garros, ou na conquista do Masters, falei de maneira tão emocionada. Tentei me manter sereno, mas não aguentei e fui às lágrimas:

– Antes de entrar na quadra, vieram todas as lembranças que o tênis me trouxe. A cada dia que passa, o tênis simboliza minha vida. Vivi intensamente os anos em que pude jogar meu melhor, vivi mais intensamente ainda os anos em que tive minhas maiores dificuldades, e hoje saio muito orgulhoso por esse carinho que consegui conquistar. Aproveito para agradecer à minha família, às pessoas que foram importantes e também ao cara que, para mim, é muito mais gênio do que eu, o Larri, um grande homem na minha vida. Aproveito também para agradecer a vocês. Não é que eu não queira mais jogar, mas é que realmente eu não consigo mais.

Em Florianópolis, no Costão do Santinho, com a presença da família e de todos os amigos, parecia mais uma festa a céu aberto do que um torneio. Quando, na base do coração, ganhei a única partida da turnê de despedida, a impressão era a de que o carnaval, o Natal e o ano-novo tinham chegado ao mesmo tempo. Mais uma vez, chorei, agora abraçado à mãe, ao Rafa e ao Larri.

Em 25 de maio de 2008, um domingo, aos 31 anos, entrei na quadra central de Roland Garros para a minha última participação oficial em um torneio. Antes de sair do vestiário, eu já estava emocionado. Ao pisar no saibro, me arrepiei quando a plateia veio abaixo com os aplausos e os gritos de "Allez, Gugá!". A minha partida de despedida em um Grand Slam seria contra Paul-Henri Mathieu, um francês.

O tempo passou rápido. Quando faltava apenas um ponto para o francês vencer o jogo, a plateia fez um silêncio incrível. Mathieu sacou, eu devolvi, a torcida ficou estática, prendendo o fôlego, torcendo para que a partida não acabasse. Depois de um rali de 12 bolas, dei uma cruzada e o francês não conseguiu chegar. Ponto meu. Muitas pessoas se levantaram para aplaudir, eu olhando para elas e rindo. Levantei o punho erguido, como num sinal de vitória. A maioria da plateia começou a assobiar e gritar meu nome. Parecia que eu tinha ganhado Roland Garros de novo.

Quando Mathieu finalizou o jogo, depois do aperto de mão, fiquei parado no saibro acenando para a torcida, desfrutando os meus últimos momentos nas quadras de Roland Garros. Depois fui até o banco, guardei a raquete na bolsa e me sentei. Peguei a toalha, mas não a mordi. Usei-a para cobrir a cabeça. E ali debaixo, sozinho com meus pensamentos e a lembrança do pai, chorei como nunca numa quadra de tênis.

Eu sabia que haveria uma cerimônia em minha homenagem, preparada pela Federação Francesa de Tênis e os organizadores do torneio, mas não contava com mais esta agradável surpresa. Os franceses me pegaram desprevenido. Além de tudo o que Roland Garros me deu, recebi um troféu inigualável, feito especialmente para mim, que representava o lugar mais mágico do mundo – onde surgi para o universo do tênis, fui às alturas e agora, depois de uma carreira vitoriosa, me retirava.

Era uma peça retangular de vidro em cujo interior estava uma amostra do piso que me consagrou. Por baixo de tudo, estava a terra. Depois vinha uma camada de pedras grandes e brancas e, a seguir, pedregulhos negros. Em cima, cimento. E, sobre tudo, como a cobertura do

bolo, vinha o saibro francês que tanta alegria dera a mim, aos brasileiros e aos fãs do tênis. No vidro estava escrito meu nome e a heroica façanha: "*Gustavo Kuerten, triple vainqueur du simple messieurs, 1997-2000-2001*".

Suzanne Plunkett / Bloomberg / Getty

No torneio de Roland Garros em 2008, em sua última partida como tenista profissional, Guga recebe uma homenagem da Federação Francesa de Tênis, que o presenteia com um troféu exibindo as camadas da quadra de saibro.

OUTRAS TAÇAS

A mãe sempre sonhou que os filhos tivessem diploma universitário. O Rafael tem, em Ciências da Computação. Quando chegou a minha vez de prestar vestibular, eu e Larri enrolamos a dona Alice. Em 1993, passamos um mês na Argentina disputando um torneio profissional. A condição da viagem era que voltássemos para as provas. Na despedida na rodoviária de Florianópolis, a mãe ainda reforçou:

– Não vai atrasar, hein.

Prometemos que não, entramos no ônibus, mas, ali, eu e Larri já tínhamos em mente o plano de dar o cano no vestibular. Quando eu telefonava para casa para dar notícias, ela perguntava:

– Guga, já tá vindo?

– Daqui a pouco, ainda tem jogo.

No dia seguinte, a mesma coisa.

– Tá chegando?

– Quase. Tô ganhando, preciso ficar mais.

Essa foi uma das raras vezes que não acatei uma recomendação da mãe. Perdi as provas do vestibular e a chance de entrar em uma universidade. Ela sempre apoiou minha carreira, mas não tinha necessariamente a mesma visão que eu e Larri. Aos olhos de hoje, fica claro que tomei a decisão certa. Mas ali, na hora, foi o maior tiro no escuro. Arriscamos tudo, mesmo sabendo que o meu futuro no tênis não era garantido e que, se não desse certo, iam sobrar os puxões de orelha da mãe e da oma.

Anos mais tarde, depois que parei de jogar, quis saber como seria a experiência de estudar em uma universidade. Resolvi que ia fazer faculdade. Mas do quê?

Pensei em Matemática, Física ou Química, minhas matérias prediletas na escola. Mas eu também gostava da área de Humanas, com um interesse especial por História e Arte. Em julho de 2008, fiz um curso de cinema de vinte dias em Nova York. Me encantei com a direção, a composição de personagens, cenografia, iluminação. Fiquei inclinado a cursar Cinema, mas não havia curso próximo de casa ou do escritório e eu queria estudar por perto. Um dia, conversando com um amigo, ele perguntou se eu já tinha pensado em Artes Cênicas. Teatro? Não, nunca me passou pela cabeça. Comecei a investigar o currículo do curso. Fiquei interessado. Me atraiu a ideia de investigar a relação do teatro com o contexto histórico e a representação da vida através da arte. E o prédio da Udesc, Universidade do Estado de Santa

Catarina, ficava em frente ao escritório.

O vestibular seria em novembro. Fazia anos que eu não abria um livro de escola. De algumas coisas eu lembrava, mas regras e fórmulas estavam meio apagadas. Depois de rodar pelo mundo disputando torneios, pelo menos estava bem em geografia, história e inglês. Em agosto, me matriculei nas aulas noturnas do cursinho e comecei a estudar. O Beirão, um amigo de infância, trabalhava lá e me ajudava com as apostilas.

Durante três meses, mal saí de casa. Tomava café, almoçava, fazia lanche e jantava com livro do lado. Fiquei obcecado pelo estudo. Sempre fui bom aluno, nunca tirei nota baixa e não ia ser agora que a coisa ia mudar. Recordei muito, aprendi demais, prestei vestibular. Entrei em quinto lugar. Legal, lá estava eu de novo no top ten.

As aulas começaram em março de 2009. Gostei logo de cara, mas depois foi ficando ainda melhor. Ao longo do curso, percebi que o teatro tem muito a ver com o tênis. Ambos têm um ritual para entrar em cena e também estão sujeitos a improvisações. No teatro, o ator se prepara para fazer qualquer personagem. Na quadra, o tenista faz o mesmo; pode ser, por exemplo, o tipo malandro, o matador ou o fingidor, aquele que simula exaustão quando ainda aguenta jogar por horas ou que está desmaiando de cansaço e fica pulando para parecer que está esbanjando vitalidade.

Guga interpretando Bottom, o tecelão, na peça Sonhos de uma noite de verão.

Ao atuar, atores e tenistas acessam uma zona interior para se concentrar e desempenhar melhor o papel. Outra semelhança é que todo dia têm que fazer tudo igual, embora sempre seja diferente. Não existem dois saques ou voleios iguais, da mesma forma que a peça nunca é a mesma. Os gestos são parecidos, mas não idênticos, num dia a fala está mais alta ou mais baixa, às vezes anda mais para a frente ou mais para trás. Quando fiz teatro me sentia muito próximo da quadra de tênis.

Na minha vida de ator de faculdade, encenei duas peças de William Shakespeare. Fui Bottom, o tecelão, em *Sonhos de uma noite de verão*, e o conselheiro Polônio numa adaptação de *Hamlet*, que se passava na clínica de emagrecimento em que Ofélia tinha se internado para perder alguns quilos. Durante um tempo, esse universo me atraiu muito. Mas aquele tipo de holofote não era para mim. Meu negócio era mesmo tênis. Por mais que gostasse de teatro, sentia uma falta danada das raquetes e das quadras. A lesão tinha feito com que eu valorizasse ainda mais o que não podia mais ter. Mas não sabia como continuar ligado ao tênis. Então os acontecimentos, ou o destino, decidiram por mim, numa história que começou despretensiosa porém acabou indicando o caminho.

Em 1999, a mãe deu uma ideia que aceitei na hora. Para cada jogo que eu realizasse no

circuito, faríamos uma doação de 200 dólares (complementados com 300 dólares angariados com outros três parceiros), com o objetivo de construir uma casa para deficientes órfãos. Eu estava perto do auge da carreira, e o valor da contribuição cresceu rapidamente. Em menos de um ano já tínhamos os 30 mil dólares necessários. Em 2000, entregamos a casa para a Apae do Itacorubi, onde o Gui tinha estudado.

No mesmo dia em que a casa foi inaugurada, percebemos que não podia ficar só nisso. Decidimos então criar um instituto. O projeto inicial era ajudar deficientes e crianças carentes por intermédio do esporte e da arte. A mãe já tinha saído do seu emprego. Ela então se tornou a presidente do IGK, o Instituto Guga Kuerten. De saída, usando a experiência de décadas como assistente social da Telesc, já apresentou um monte de ideias. As coisas começaram a acontecer.

Nos seus primeiros anos, vivendo de parcerias e colaborações, o Instituto fazia o máximo que podia com os recursos disponíveis. Dinheiro não era problema; no auge da minha carreira muitas empresas se dispunham a ajudar. O Rafa colaborava informalmente, dando uma força nas áreas administrativa e financeira, ao mesmo tempo que cuidava dos negócios da família. A mãe ia montando a equipe, orquestrando tudo, enquanto eu seguia como jogador de tênis.

Levi Pereira

Guga rodeado pelas crianças do projeto Campeões da Vida do Instituto Guga Kuerten durante o 9º Encontro de Integração dos Núcleos Esportivos.

A partir de 2004, depois da segunda cirurgia no quadril, passei um bom período em Florianópolis. Com isso, comecei a dar mais atenção ao Instituto, mas o tempo disponível era curto. Por quase três anos, minha cabeça, meus maiores esforços estiveram voltados para recuperar a competitividade nas quadras. Em 2007, quando ficou claro que não ia mais acontecer, comecei a pensar num plano B para depois da turnê de despedida dos torneios oficiais. Mas, quando chegou o momento derradeiro, após a última partida do Roland Garros de 2008, ainda não sabia qual estrada tomar em direção ao futuro.

A fase final da carreira não foi um período fácil para o Instituto e os negócios. As contribuições financeiras das empresas minguaram e nossas contas deram uma barrigada. Com a fonte secando, reduzimos despesas. Foi uma tristeza. Atendíamos cerca de 1.200 crianças, entre deficientes e alunos de escola pública, num projeto de inclusão social pelo esporte. Fomos obrigados a ficar com trezentas.

No campo dos negócios, o Rafa também tinha que se virar. Depois que me despedi do tênis, um dos nossos parceiros mais antigos, a fabricante de calçados Grendene, para a qual eu emprestava meu nome numa linha de chinelos, quis reexaminar o contrato. Temia que, comigo

longe das quadras, minha imagem entrasse em declínio e comprometesse as vendas. Rafa tinha um ponto de vista oposto da situação. Onde eles viam crise meu irmão enxergava oportunidade:

– Pois é justamente agora que vamos crescer. O Guga está mais disponível, vai poder se engajar em outras causas, se dedicar mais aos negócios, e isso fará toda a diferença.

Rafa estava certo. Meu envolvimento maior com a equipe de criação e na parte comercial gerou resultados inéditos de sucesso nos anos seguintes.

Além de ter um diploma, comecei a fazer teatro decidido a concluir o curso para, quem sabe, me iniciar numa nova carreira. Mas, já no primeiro ano, o destino interferiu e o tênis deu um jeito de me sugar de volta. Ainda no primeiro semestre de 2009, uma agência de propaganda nos procurou com a proposta de unir esforços para criar um torneio profissional em Florianópolis. Eu e o Rafa não achamos uma boa ideia. Mas aquilo acabou sendo o embrião de um projeto maior, sem igual na época. Em parceria com a agência, mudamos o conceito e decidimos criar a Semana Guga, que estreou naquele mesmo ano, 2009, e segue até hoje.

De lá para cá, o evento só melhorou. Começamos com um torneio para as categorias infantil e juvenil. Nossa ambição era resgatar um valor que vem se perdendo. Queríamos que os jovens tenistas do país sonhassem em competir na Semana Guga como um dia eu sonhei com o Banana ou o Orange Bowl. Para atrair o público, Larri dava clínica, orientando as crianças a melhorar seu jogo. Além disso, como a cereja do bolo, programamos uma exibição minha com grandes tenistas. No primeiro ano, o convidado especial foi Sergi Bruguera. Nos anos seguintes, vieram Kafelnikov, Moyà, Nicolás Lapentti.

Desde o início, a gente almejava que as famílias se envolvessem no evento, que aquilo se tornasse um programa para pais e filhos. Na edição de 2013 da Semana Guga, por exemplo, espalhamos quadras desmontáveis de minitênis pela cidade, em frente da catedral, em calçadões e shoppings. O interesse pelo tênis ainda está a anos-luz do futebol. Mas, pelo menos em alguns dias de outubro, as raquetes tomam conta de Florianópolis, com 5 mil crianças se divertindo, brincando e jogando.

Vibro com tudo, mas tenho um orgulho especial do nosso torneio de cadeirantes. Em 2013, por exemplo, foram 66 participantes, um recorde. Com isso, nos tornamos os promotores da competição mundial que recebe a maior quantidade de jogadores nessa categoria. No mesmo ano, inauguramos nosso torneio juvenil de cadeirantes. É impossível assistir a qualquer um desses jogos sem pensar no Gui. Seria sensacional se ele pudesse estar ali comigo, a mãe e o Rafa.

No começo de 2010, depois do sucesso da primeira Semana Guga, um novo mundo começou a se desenhar na minha frente. Percebi que, fora das quadras, podia fazer mais pelo tênis do que do lado de dentro. Como não tinha me dado conta disso antes? Havia muitas frentes a serem exploradas. Comecei a estudar as possibilidades, ao mesmo tempo que o Instituto começava a receber mais propostas e projetos. Fui me envolvendo cada vez mais com

tudo aquilo, principalmente na Semana Guga, mas sem deixar de analisar eventuais cenários que ainda poderiam me fazer mudar de rumo.

No segundo semestre de 2011, as poucas dúvidas restantes deixaram de existir, aniquiladas pelo fato de que o tênis sempre foi, é e continuará sendo a minha vida, de um jeito ou de outro. Parei a faculdade de teatro na metade. Resolvi que, a partir do início de 2012, ia me dedicar integralmente ao Instituto e aos negócios conduzidos pelo Rafa na empresa. Juntos, decidimos investir no desenvolvimento do tênis no país, um antigo sonho meu. Criamos então a Escolinha Guga, que em 2014 terá mais de quinze unidades pelo país, com o plano de chegar a oitenta em 2018. É com ela que acho que tenho mais chance de exercer o papel de agente transformador no tênis brasileiro. Se um dia conseguir isso, será um novo sonho alcançado.

Rodeado de novos desafios, sinto que estamos no caminho certo, com todas as condições para executar o plano. Nosso grupo continua com a missão de inovar e surpreender, minha marca registrada desde 1997 em Roland Garros. Bem instalados, ocupamos os dois primeiros andares de um centro empresarial batizado em homenagem ao pai, onde fica o acervo com os meus troféus e centenas de recordações da minha carreira. Com mais de trinta pessoas, a equipe é excelente, cresceu conosco, compartilhou a minha história e acredita na mesma coisa que nós, permitindo que a gente sonhe cada vez mais alto.

Ex-colega da mãe na Telesc, que me viu jogando tênis com 6 anos de idade, Antonio Hammes é o nosso consultor. A Ângela, que responde pela secretaria, também veio de lá. Miro, nosso contador, foi a primeira pessoa a ser contratada, logo quando o Rafa abriu o escritório, lá em 1995. Luciano, amigo de infância, cuida do marketing. Flávio, o nosso curinga, também é um velho conhecido, era office boy da mãe na Telesc. Dois ex-alunos do Instituto também estão lá. Roni é assistente na Escolinha Guga e Adriana trabalha na parte financeira. Todos têm grande importância no processo de transformar uma empresa familiar, que de certa forma ainda age como uma família, em um grupo empresarial, com investimentos em empreendimentos imobiliários, franquias, educação, participações em empresas e, através do Instituto, em ações sociais.

Enquanto Rafa cuida da administração e das finanças, eu embarco na parte estratégica. Tenho prazer em analisar projetos e em viabilizá-los, estudando a melhor forma de execução e buscando patrocinadores e parceiros que contribuam para a operação. Através da minha ajuda, criamos um plano de ação para alargar os horizontes do grupo e traçamos um roteiro para o crescimento ao longo dos próximos cinco, dez e vinte anos.

Também me fascino com as atividades do Instituto, onde cerca de 70% da receita provêm de contribuições de empresas e pessoas que chamamos de família IGK. Outra parte vem do repasse de royalties de produtos licenciados com a minha imagem. Todos os rendimentos do grupo têm uma parcela destinada automaticamente ao fundo IGK. Só em 2013, mais de cinco anos depois da depressão em 2007, nos aproximamos novamente dos recursos que tínhamos em 2001, quando eu era o número 1 do mundo e a fonte jorrava com fartura. Isso está possibilitando ao Instituto aumentar seu campo de atuação.

Todo ano, fundações ou donos de creches enviam montes de pedidos e projetos ao nosso querido Faps, o Fundo de Apoio aos Projetos Sociais. O único requisito é que beneficiem os deficientes. Presidida pela mãe, uma junta analisa os mais promissores ou os mais necessitados, aqueles que vão receber o nosso suporte. No início de 2014, já tínhamos apoiado 188 entidades, que, juntas, amparavam 30 mil pessoas em 166 cidades.

Hoje, duas vezes por semana, o Instituto leva o esporte e a arte para setecentas crianças da rede pública em quatro cidades, num programa chamado Campeões da Vida. É o nosso carro-chefe. “Se não fossem vocês, não sei o que seria do meu filho”, taí uma frase relativamente comum, uma das que me dá mais orgulho de ouvir. Também é motivo de felicidade quando uma mãe ou um pai de um menino deficiente diz que um cuidador formado pelo IGK melhorou a vida da família toda.

Nos últimos dois anos, o nosso curso de cuidadores deu diploma a mais de 120 profissionais. Alguns deles trabalham nas colônias de férias exclusivas para deficientes que são sustentadas por nós, uma iniciativa que nasceu mais ou menos junto com o Instituto. Ali as crianças com síndrome de Down, autismo ou paralisia cerebral passam quinze dias de lazer em Florianópolis ou Balneário Camboriú. Não tem essa de ficar só dentro de quatro paredes. Eles passeiam, vão à churrascaria, ao cinema, à base aérea. Essas iniciativas trazem uma enorme satisfação pessoal, uma forma constante de me reaproximar do Gui e continuar dando taças a ele.

EPÍLOGO
UM BRASILEIRO

O tênis me deu tudo, menos a minha esposa.

Era domingo e a final de Roland Garros de 2000 passava na TV. Mariana Soncini Lerina, então estudante do primeiro ano de Fonoaudiologia, fazia um trabalho de faculdade no computador. Sua mãe, Lia, fez um apelo:

– Mari, vem aqui ver, ele está ganhando!

– Quem? Ganhando o quê?

– Ora, Mari! Não perde isso. Está quase no fim. O Guga vai ser bicampeão.

Mariana não deu a mínima para o meu momento histórico:

– Mãe, não tenho tempo para ver esse jogo chato. Preciso acabar o trabalho.

Foi assim que a Mari me deu o fora pela primeira vez.

No torneio seguinte, demos um passo adiante. Lia pediu à filha que se juntasse a ela, formando uma corrente positiva para me ajudar a ganhar a final.

– A partida está difícil. Ele está precisando de torcida e boas vibrações. Mentaliza aqui junto comigo – pediu Lia.

Mari aceitou e se sentou na frente da TV. Mas dormiu no meio da mentalização, caindo no sono antes do final do primeiro set. Certamente eu não era o ídolo dela.

Comparada a São Paulo ou Rio de Janeiro, Florianópolis é uma cidade pequena. Mais cedo ou mais tarde, de um jeito ou de outro, as pessoas acabam se conhecendo. Oito anos depois do bi em Roland Garros, amigos em comum me apresentaram à Mari em um restaurante. Gostei dela assim que a vi. Ela já sabia que eu era campeão de tênis, mas não fazia ideia da importância das conquistas. Não ia se impressionar nem se eu inventasse que tinha vencido oito Roland Garros e nove Wimbledon. Se tênis era chato para ela, tenista também devia ser.

Semanas depois, a turma se encontrou outra vez num bar. Lá pelas tantas, resolvi arriscar e, sutilmente, peguei na mão da Mari. Não colou. Ela se desvencilhou do meu gesto. Minha mão está sempre fria e úmida, é coisa de nascença. Atribuí à temperatura anormal a recusa dela em pegar na minha mão, algo muito melhor do que ficar pensando que ela não estava nada a fim de mim.

Naquela noite, quando a Mari se levantou para ir embora, me ofereci para acompanhá-la. Ela recusou, disse que estava indo a um aniversário e se mandou sem dar bola. Mais tarde na

mesma noite, telefonei um monte de vezes para o celular dela, mandei mensagens, insisti mesmo. Ela não se sensibilizou. Na verdade, me ignorou. A partida não estava mesmo a meu favor.

Só na terceira vez que a encontrei, consegui virar o jogo. Diante daquela retranca, tive de partir para o tudo ou nada. Fiquei sabendo que Mari iria a São Paulo com a irmã. Por coincidência, naquela data haveria um show da Madonna no estádio do Morumbi. Montei uma estratégia. Fui atrás de quatro ingressos. Consegui. E aí, na maior cara de pau, falei para a Mari que estava com ingressos sobrando e perguntei se ela e a irmã, Luíza, não gostariam de ver o espetáculo comigo e um amigo. Mesmo se ela relutasse em aceitar, eu tinha esperança de que a irmã a convencesse a não perder o show. Com o apoio da família dela e o apelo da Madonna, se eu não conseguisse nada naquela noite é porque era mesmo jogo perdido.

Mas a Mari aceitou o convite e ali começamos a nossa história. Casamos no dia 3 de novembro de 2010. Em fevereiro de 2012, nasceu Maria Augusta Soncini Kuerten, nossa primeira filha. Com os olhos do pai e o charme da mãe, aos 2 anos já era mais esperta do que o casal somado. Mais tarde, a família aumentou. Em 9 de junho de 2013, nasceu Luiz Felipe, batizado em homenagem ao pai da Mari, que a deixou precocemente mas continua sendo seu estimado exemplo de dedicação aos filhos. Bipe, como Maria Augusta chama o irmão, já começou a mil: nasceu no Dia do Tenista e, não satisfeito, na data da final de Roland Garros.

Gabriel Heusi

Mariana beijando o filho Luiz Felipe. Foto tirada durante a Semana Guga Kuerten (SGK) de 2013.

A pequena Maria Augusta em quadra de minitênis montada em frente à Catedral de Florianópolis durante a SGK.

Virei o próprio paizão, daqueles que canta as músicas, dança, bate palmas e conhece todos os personagens infantis de trás para a frente. Tentamos ficar juntos o máximo do tempo. Se possível, eles nos acompanham em compromissos, mesmo no exterior. Os dois ainda são pequenos, não suspeitam que o pai jogou tênis, mas já estão no meio da confusão.

O pai e a mãe sempre foram referências para mim, meus ídolos, meus heróis. Devo a eles o que sou, as lições sobre determinação e perseverança, os valores e princípios. E agora a bola está conosco. É a nossa vez, minha e da Mari, de transmitir os ensinamentos e dar respaldo, apoiando, ajudando, preparando bem os filhos para que eles sejam capazes de fazer boas escolhas ao longo da vida. Cabe a nós a missão de estimular e incentivar experiências que proporcionem o aprendizado e a confiança necessários para que no futuro consigam caminhar com as próprias pernas.

Para nós, família é o centro do mundo. Nos fins de semana, raramente ficamos sozinhos. Podemos estar com o Rafa, a Letícia e os meninos, Leonardo, Gabriel, Larissa e André, com as irmãs da Mari, Isabela e Luíza, e os sobrinhos, Helena e Antônio, e ainda com todos reunidos ao redor das avós. É assim, apoiados num forte vínculo familiar, que nos sentimos preparados para nosso maior desafio: influenciar nossos filhos da mesma maneira sublime que

nossos pais nos influenciaram. Comparada com o que vem pela frente, ganhar de Agassi, Sampras e Federer pode ter sido a parte mais fácil do caminho.

O vento está a nosso favor. Parei de competir há anos, mas até hoje as demonstrações de carinho continuam. Estão em todo lugar – nas quadras, nas ruas, nos aeroportos, no Brasil e no exterior –, assim como as homenagens. Em 2011, a escola de samba carioca Grande Rio criou uma ala inspirada em mim, com fantasias baseadas no tênis. Desfilei no Sambódromo no alto de um carro alegórico. Era inimaginável um menino vindo de Floripa se tornar uma figura central do carnaval do Rio de Janeiro, uma das maiores festas do mundo.

Também no Rio, no Maracanãzinho, tive mais duas oportunidades de viver momentos maravilhosos. Em 2011, com o estádio lotado, fiz uma partida de exibição com Agassi, resgatando o épico Masters Cup de 2000. Em novembro de 2012, com o mesmo espírito, o adversário foi Novak Djokovic, numa partida entre os números 1 do passado e do presente. Um painel me chamava carinhosamente de "o eterno número 1 dos brasileiros". Desenhei de novo o coração no saibro, a melhor forma de expressar minha gratidão a todos que acompanharam minha trajetória. Djokovic também me prestou uma homenagem bem-humorada, usando uma peruca que imitava meu cabelo encaracolado.

Quatro meses antes da partida com Djokovic, meu celular tocou. Do outro lado da linha estava Chris Clouser, presidente do Hall da Fama. Ele queria avisar que meu nome tinha sido escolhido para fazer parte da galeria mais ilustre do tênis. Como assim? Junto com o meu espanto, na hora veio a imagem do pai, o visionário, primeira pessoa do planeta que enxergou o que mais ninguém via. Rapaz, que sensação estranha. Aquilo era muito fora do meu imaginário. Quando criança, até sonhei com Olimpíada, que já ficava em outra galáxia, mas Hall da Fama era coisa de outra dimensão.

Clouser perguntou se eu "tinha disponibilidade" de comparecer no dia 14 de julho de 2012 em Newport, nos Estados Unidos, para a cerimônia. Mas claro! Disse sim na hora. Até aquele momento, apenas 225 tenistas de 19 países tinham sido condecorados com a inscrição de seu nome na mais nobre das galerias. Antes de mim, havia apenas um representante do Brasil, a grande Maria Esther Bueno.

Convidei a turma toda para a premiação: a mãe, Rafa, Mari, a família dela, Larri, Diana Gabanyi, Jorge Salkeld. A cerimônia ocorreu num lugar lindo, um antigo clube que foi transformado em cassino e depois em museu do tênis. Está cheio de fotos históricas de jogadores e relíquias do esporte, como as primeiras raquetes de madeira, enormes e pesadas. Ali há mais de uma dúzia de quadras de grama, onde foi realizado o primeiro grande torneio americano, em 1881. Rebatizado e transferido para Nova York, hoje ele é conhecido por US Open.

A quadra central estava lotada, com milhares de pessoas na plateia. Fui o último a receber o diploma. Antes de mim, vieram a tenista americana Jennifer Capriati, talento prodígio, campeã olímpica com 16 anos, e o espanhol Manuel Orantes, campeão de 33 torneios nas décadas de 1970 e 1980. Outra pessoa a ser homenageada foi o britânico Michael Davies.

Desconhecido do grande público, esse homem foi um mago dos bastidores, peça-chave na transformação do tênis em entretenimento. Antes dele, tênis não passava na televisão. Nenhuma emissora, americana, europeia e muito menos sul-americana, tinha interesse em transmitir as partidas. A maneira como o jogo era disputado, sem pausas, inviabilizava anúncios e espantava patrocinadores.

Davies colocou um banco na quadra para os jogadores pararem um pouco e inventou a virada de lado de um minuto e meio. Isso dava tempo para passar um bom número de intervalos comerciais. Foi só aí que as emissoras começaram a levar as câmeras para as quadras. Isso criou um círculo virtuoso. Os anunciantes e patrocinadores passaram a investir no tênis. Com mais dinheiro em caixa, aumentou a premiação para os jogadores. Para melhorar a visibilidade dos jogos nas transmissões, Davies mudou a cor de bola, que passou de branca a amarela. Foram mudanças revolucionárias, que permitiram que o tênis se tornasse um produto atraente para o público e viável comercialmente.

Chegou a minha vez. Conforme combinamos, a mãe falou primeiro. Fez um discurso lindo, contou casos da minha infância, mostrando como era conviver com o filho Gustavo, mais do que com o campeão Guga Kuerten. Foi aplaudida de pé. Depois, Chris Clouser quebrou o protocolo ao anunciar meu nome como se fosse um velho amigo: "Gugaaa, Gugaaa". Ainda emocionado pelo discurso comovente da mãe, levantei da cadeira com lágrimas nos olhos. Na minha vez de falar, relembrei o pai e o Gui, ressaltei a importância da minha família e de Larri na carreira e na vida. No final, para coroar minha felicidade, dei uma volta olímpica na quadra com a Maria Augusta no colo.

Quando eu achava que nada mais seria possível, em 2013 a ATP fez uma festa em Nova York para celebrar os dezesseis tenistas que terminaram o ano como número 1 do mundo nos quarenta anos da Era Aberta. Nunca tinha parado para pensar que eu estava nesse grupo restrito, ao lado de John McEnroe, Jimmy Connors, Ivan Lendl, Pete Sampras, Andre Agassi e Björn Borg, além da atual trinca de ouro: Roger Federer, Novak Djokovic e Rafael Nadal.

Foi outro momento magnífico de reconhecimento da minha carreira, mas saí de lá pensando. Em quarenta anos, apenas dezesseis tenistas alcançaram esse feito, sendo que, num período de dez anos, de 2004 a 2014, só três caras se revezaram no topo da lista, Federer, Nadal e Djokovic. Quando comecei a disputar torneios, também havia a supremacia de Sampras no ranking. Mas, no momento em que me tornei número 1, o cenário era bem diferente. Os reinados tinham acabado.

Eu jogava, portanto, contra muitos campeões: Agassi, Courier, Ivanisevic, Muster, Rafter, Bruguera, Kafelnikov, Ríos, Safin, Hewitt. Os adversários entravam em quadra e partiam para cima acreditando que tinham chance de vencer qualquer um. Com isso, os torneios eram mais competitivos e desafiadores. Todos cultivavam o mesmo desejo de ganhar Grand Slams, chegar ao topo do ranking e sentir-se campeão.

Para mim, ser campeão é uma mentalidade, um estado de espírito. O adversário pode até ser superior, mas o campeão entra em quadra sabendo que, mais cedo ou mais tarde, com

maior ou menor dificuldade, vai ficar com a taça. Mesmo derrotado, ele se sente imbatível. Sua aura vitoriosa é inabalável. Esse é o paradoxo do grande campeão.

Fui três vezes campeão de Roland Garros e número 1 do mundo por 43 semanas consecutivas. Mais do que qualquer outra coisa, foi a quantidade que me levou a ser incluído na relação dos dezesseis da ATP. Por outro lado, a qualidade também pesou na hora de ser lembrado para o Hall da Fama. Pela mesma razão, a ITF, a Federação Internacional de Tênis, tinha me dado, em 2010, o prêmio Philippe Chatrier, honraria concedida aos jogadores que mais contribuíram para o tênis, dentro e fora das quadras.

Jantar de gala do Programa ATP Heritage em 2013, que homenageou os tenistas que terminaram um ano como número 1 do mundo.

No passado, o jogo no saibro era mais lento e cadenciado. Com um estilo agressivo, imprimi velocidade às jogadas nesse piso, com bordoadas mais comuns às quadras rápidas. Até então, ninguém tinha visto backhands paralelos e cruzados desferidos com tanta regularidade, força e precisão. Além disso, a versatilidade também contou pontos. Para quebrar o ritmo do adversário, o arsenal incluía voleios e deixadinhas que tornavam meu jogo imprevisível. Aquilo era uma nova fórmula para o saibro. Foi estupendo ser reconhecido como alguém que deixou uma marca, um estilo pessoal no seu esporte.

Porém, meu maior motivo de orgulho é ter contribuído para popularizar e humanizar o tênis. Quando comecei a jogar, os maiores ídolos pareciam seres de outro mundo. Tinham um comportamento tão altivo e distante da realidade do povo que davam a impressão de chegar com sua espaçonave, jogar a partida e depois voltar para o seu planeta de origem. Com poucas exceções, era como se cultivar a imagem de inalcançáveis fizesse parte da composição

do personagem.

Em 1997, ano do meu primeiro título em Roland Garros, meu visual causou um tremendo espanto. Eu era cabeludo, usava camiseta azul e tênis amarelo, o extremo oposto do estereótipo tradicional. Quando as pessoas vinham falar comigo, se encantavam com meu jeito de gurizão, sempre brincando e rindo. Me achavam carismático, simpático, um jogador que conversava do mesmo jeito com jornalistas, dirigentes e pipoqueiros, dando um toque mais jovial e humano ao tênis. Talvez tenha sido a primeira vez que esse mundo glorioso teve um campeão que parecia gente como a gente.

Desde menino, eu ficava imaginando maneiras de divertir as pessoas. Comprava livrinhos de piadas e decorava a coleção inteira. Tinha um arsenal para todas as ocasiões. Quando ganhei torneios no juvenil, percebi que as vitórias traziam uma satisfação especial para minha família e meus amigos. Depois do primeiro título em Roland Garros, descobri que podia alegrar toda uma nação, contagiar o povo, transmitir felicidade, melhorar o dia de milhões de brasileiros. Esta é a parte mais fascinante da minha carreira, minha principal realização: eu fiz um país sorrir. O tênis foi o instrumento que me deu voz e amplificou meu alcance; ele me trouxe a preciosa oportunidade de manifestar ao redor do mundo minha vocação de levar alegria às pessoas.

Depois dos títulos em Roland Garros, os brasileiros começaram a se interessar mais por tênis. Em 2000, quando me tornei o número 1, o interesse virou febre, coincidindo com a expansão da TV a cabo no Brasil. As transmissões de torneios aumentaram. Os jornais faziam a cobertura completa dos campeonatos, as emissoras de televisão realizavam reportagens constantes. De uma hora para outra, de um jeito ou de outro, eu estava toda semana na casa dos brasileiros. Passei a fazer parte de milhares de famílias. As pessoas me encontravam e me tratavam como parente; em poucos anos me vi rodeado de centenas de novos avós, mães, pais, tios, tias... a minha família se agigantou.

Eu me tornei um ídolo nacional, motivo de orgulho para os adultos e referência para as crianças. O Brasil abraçava a Gugamania. Até o consumo de bananas aumentou, por conta das que eu comia nas viradas dos jogos. O país viveu uma epidemia de tênis. Na hora do intervalo nas escolas, na rua, nos quintais, mesmo os meninos de famílias sem recursos trocavam o futebol pelo tênis, muitas vezes jogando com bolinhas improvisadas e raquetes construídas em casa com cabo de vassoura, frigideira ou qualquer pedaço redondo de madeira.

Nos clubes, as quadras lotaram. Por todo o país, surgiram escolas de tênis. Por um lado, isso foi excelente, pela popularização do esporte. Por outro, acabou gerando um problemão. Havia mais gente interessada em aprender do que profissionais para ensinar. Depois de contratar todos os técnicos, treinadores e professores que encontraram, os donos das escolas colocaram até secretário para dar aula. Sem receber a qualidade de ensino esperada, a maioria da garotada foi desistindo e as academias murcharam. De qualquer forma, o interesse dos brasileiros pelo tênis continua muito maior do que no passado.

Além de todas as alegrias, o tênis também me deu a dor. Com o tempo, o problema que

comprometeu o desempenho nas quadras se alastrou para todos os departamentos da vida. Aos poucos, me comendo pelas bordas, invadiu cama, mesa e banho. Não havia situação em que o quadril não se manifestasse. Aos poucos parei de surfar, mais por bom senso do que por recomendação médica. Eu entrava no mar, passava meia hora remando, subindo e descendo da prancha e depois ficava torto por três dias. Pegar alguma coisa do chão podia me travar. Perdi as contas de quantas noites passei em claro tentando encontrar posição na cama.

Parecia mais um caminho sem saída. Acontece que a vida limita, mas não proíbe. Meu médico me desaconselhava a fazer uma nova cirurgia reparadora. A essa altura, não adiantava mais colocar ligamento, tendão ou barbante. A única alternativa possível, o último recurso, seria uma prótese. Eu resistia. Se em 2002 me incomodava a ideia de prender o fêmur ao quadril de maneira artificial, imagine então uma parte do meu corpo ser arrancada e substituída por uma peça de cerâmica. Era algo sem volta, com que eu passaria o resto da vida apitando em porta giratória de banco e detector de aeroporto. Mas, se eu quisesse levar uma vida normal, sem dor, desconforto e instabilidade, o único jeito era encarar o procedimento.

Em março de 2013, coloquei a prótese no quadril. Mais uma vez, passei semanas caminhando de muleta e fazendo fisioterapia. Seis meses depois, já andava normalmente, embora, depois de uns quarenta minutos, ficasse cansado e com dor. Tinha dificuldade de segurar o Bipe e correr atrás da Maria Augusta, inclusive porque ela ficava mais rápida a cada dia.

Mas, um ano depois da cirurgia, pelo menos já pegava as crianças no colo sem problema. Seis meses mais tarde, fazia quase tudo, embora com um pouco de dor depois da correria. Um progresso, sem dúvida, com tendência a melhorar, porém ainda nada que indicasse que um dia jogaria uma partida de exibição do jeito que quero. Mas isso só o tempo poderá dizer. Enquanto espero, vou tocando minhas coisas e tentando retribuir tudo o que o tênis me deu da melhor maneira que posso.

A atual batalha em busca de recuperação não deixa de ser mais um game do velho jogo. Desde garoto me vi em meio a provações. Da morte do pai à traição lenta do meu corpo, foram tantas que fiz da adversidade a minha fortaleza. Cresci numa cidade que mal tinha quadras, em um ambiente sem tradição no tênis, em que meu esporte era considerado um mero hobby de fim de semana.

Quando relembra o passado, a mãe se impressiona com a minha determinação. Desde o início, segundo ela, eu estava disposto a qualquer sacrifício para superar obstáculos, por maiores que fossem, e alcançar meu sonho. “Parecia que não existia mais nada no mundo. Ele dormia e acordava querendo ser tenista”, diz ela. “Eu quero, eu posso, eu vou fazer, vou conseguir.” Essa frase dançava na minha cabeça desde cedo, mas principalmente depois que pisei em Roland Garros pela primeira vez, aos 16 anos.

Quando finalmente conquistei o direito de disputar o circuito profissional, esbarrei em um obstáculo que jamais imaginei ter de enfrentar: o preconceito por ser brasileiro. Era quase uma afronta um guri de um país subdesenvolvido desafiar os campeões americanos e

europeus, um cara que mal falava inglês e se vestia com moletom e bermuda. Para superar isso, utilizei uma arma preciosa: o amor por tudo que eu fazia, e que me levou a alcançar o topo do ranking, onde me mantive por 43 semanas.

Daqui para a frente, muito vai mudar, embora bastante coisa permaneça como sempre foi. A essência sempre está lá. De certa forma, mesmo fora das quadras, até hoje jogo de camisa azul e tênis amarelo. Posso até sair da cama cedo e fazer tudo o que for preciso, mas só vou estar realmente aceso depois das 10 horas. Sempre serei meio desligado, esquecerei onde deixei chaves, celular, carteira, e terei pouco apego a algumas convenções. Mas sempre jogarei para ganhar.

O dia 8 de junho de 1997 transformou minha vida. De manhã eu não tinha a taça e de noite ela era minha. O que mudou? Um monte de coisas: fiquei famoso, virei ídolo, despertei curiosidade, as pessoas me reconheciam na rua, os patrocinadores e o mercado publicitário começaram a me olhar com outros olhos.

Mas também não mudou nada, pois na sequência tinha outro campeonato, e vida que segue. Ser campeão é passageiro; mais dia, menos dia, fatalmente outro jogador ocupará esse lugar. Depois do tri em Roland Garros, de vencer um torneio em que só ingressam os oito melhores do mundo e de virar número 1, depois de a dor ter me impossibilitado de jogar, o Gustavo Kuerten campeão entrou para a história e o Guga de sempre já estava na estrada para continuar vendo no que ia dar.

Nasci num país que me indicava o sentido oposto e, através de um caminho longo e repleto de obstáculos, construí uma carreira de sucesso. De longe parecia impossível, de perto a cada dia estávamos mais certos. Não era para passar de um sonho o que hoje brindamos como realidade. Com suor, sorrisos e lágrimas aconteceu comigo o que poderia acontecer com qualquer brasileiro.

AGRADECIMENTOS

Sem o pai e a mãe eu não existiria em nenhum sentido. Por isso, agradeço primeiro a eles, pelo que me proporcionaram, pela minha vida e por tudo o que sou. Na mesma linha, agradeço aos meus avós, ao Rafa, ao Gui e também a meus outros amores, Mari, Maria Augusta, Luiz Felipe, que estão comigo todos os dias. Minha eterna gratidão ao Larri, meu segundo pai, eterno protetor.

Ainda no contexto familiar, um beijo carinhoso a todos os entes queridos Kuerten, Thümmel e Schlösser, árvore genealógica da qual tanto me orgulho. Jogando no mesmo time, agradeço a Jonas, companheiro de minha mãe que mostra que a vida sempre prossegue com alegria.

Obrigado a Lia, minha sogra e minhas cunhadas Luíza e Isabela por me ajudarem na maior conquista de todas! Aos meus amigos de infância, da escola, à turma do tênis, do dominó Quarta Nervosa e de sempre, vocês me apoiaram em todos os momentos e fazem eu encarar a vida de maneira simples.

É muito especial meu apreço a todos os atletas brasileiros, que, com heroísmo, superações e conquistas impulsionaram meu sonho, como Joaquim Cruz, minha primeira lembrança de uma vitória olímpica. Em particular, muitíssimo obrigado a dois grandes exemplos, mitos do tênis nacional, Maria Esther Bueno e Thomaz Koch, que me mostraram que era possível alçar voos mais altos.

Obrigado aos nossos músicos que, com suas canções, embalaram minhas conquistas: de Raul Seixas, com seu "Não sei aonde tô indo, mas sei que eu tô no meu caminho"; a Fagner, amigo a quem deixo um abraço melódico como o que lhe dei depois de uma noite de conversa, água e Cheetos – o que eu tinha em casa para lhe oferecer. E minha homenagem especial a Gonzaguinha, que, com o verso da "beleza de ser um eterno aprendiz", traduz como sempre me senti.

No mesmo capítulo, agradeço a todos os artistas que alegraram minha fábula, como Renato Aragão e os Trapalhões. Relembro toda uma infância, abraçado ao Gui, de muitas gargalhadas.

Envio uma nota afetuosa à imprensa, que carregou meu nome nos braços, atravessando fronteiras. Meu especial apreço ao inesquecível poeta Armando Nogueira; a Olavo Moraes, Roberto Alves e Maceió, que possivelmente escreveram as primeiras linhas da minha

trajetória; a Felipe Awi, que contribuiu com as entrevistas iniciais; e a Rui Viotti, que estava lá, presente no título de Roland Garros, onde tudo começou.

Não poderia esquecer da importância dos professores na época da escola e treinadores de tênis que tive ao longo do caminho, mestres da vida e do conhecimento, que me guiaram na construção do meu caráter e de um jogador vitorioso.

Fica aqui também o registro de agradecimento aos preparadores físicos, fisioterapeutas, médicos e nutricionistas que fizeram de tudo pra me manter sempre preparado nessa luta.

Agradeço à sabedoria de Paulo Nogueira Batista, exímio leitor e amigo e à da fiel escudeira Morgana, que cuida do meu acervo. Os dois foram os primeiros críticos deste livro, a quem devo preciosas observações.

Este livro sem dúvida não seria possível sem a contribuição da minha equipe, meus anjos da guarda, Ângela, Luciano, Clarissa, Miro, Karina, Hammes, Julia, Tales e Bianca e todos os demais do GGK, a Carvalhinho, Jorge e Diana, trio infalível, e toda a família IGK: é muito bom ter todos vocês por perto.

No mesmo espírito de colaboração, um abraço fraternal ao fotógrafo Philippe Arruda e seu time, ao querido Marcelo Ruschel pelo acervo exclusivo e aos amigos da Editora Sextante, em especial à paciente e persistente Melissa Lopes, que soube cuidar tão bem deste trabalho, desde o início das revisões até a adrenalina dos minutos finais.

Marcos e Tomás, sou eternamente grato pela sincera amizade e pela brilhante parceria. Carregarei comigo o precioso exemplo de legado familiar que vocês construíram, amparados na imagem do Dr. Geraldo.

Um caloroso aperto na mão responsável por colocar tantas ideias harmoniosamente reunidas em palavras que ganharam alma: meu mais novo grande amigo Luís Colombini, você foi sensacional!!!

Por fim, agradeço a todos os brasileiros que acreditaram em mim, viveram comigo e compartilharam esta linda história.

Um beijo do coração,

Guga Kuerten

Gabriel Heusi

Mariana e Guga com Luiz Felipe e Maria Augusta.

UMA VIDA
DE CONQUISTAS

A CARREIRA DE GUGA ANO A ANO

1995 RANKING: 187º

- Primeiro ano como profissional.
- Disputou a primeira final de challenger, em Medellín, perdendo para o francês Jérôme Golmard.
- Disputou a primeira final de challenger, nas duplas, ao lado de Márcio Carlsson, em Assunção. Perderam para Donald Johnson e Jack Waite.
- Integrou a equipe de treinamentos da Copa Davis.

1996 RANKING: 88º | VITÓRIAS/DERROTAS: 11/10

- Estreou na Copa Davis, nas duplas, ao lado de Jaime Oncins, ganhando, em Santiago, de Marcelo Ríos e Pedro Rebolledo.
- Venceu o primeiro challenger de duplas, com Jaime Oncins, em Punta del Este. Derrotaram Alejandro Hernández e Simon Touzil na decisão.
- Estreou com vitória na simples da Copa Davis, marcando dois pontos na vitória do Brasil sobre a Venezuela, em Santos.
- Disputou, pela primeira vez, a chave principal de um torneio ATP, vencendo em Praga, na estreia, o russo Andrei Chesnokov. Perdeu na rodada seguinte para o espanhol Javier Sánchez.
- Passou o qualifying e disputou a chave principal de Roland Garros pela primeira vez. Perdeu na 1ª rodada para o sul-africano Wayne Ferreira.
- Conquistou o seu primeiro título de torneios challengers, derrotando o espanhol Galo Blanco na final, em Campinas. Foi campeão de duplas também, ao lado de Fernando Meligeni.
- Venceu seu primeiro ATP, nas duplas, em Santiago. Ao lado de Meligeni, derrotou Dinu Pescariu e Albert Portas.

1997 RANKING: 14º | VITÓRIAS/DERROTAS: 36/25

- Disputou pela primeira vez um Grand Slam, direto na chave principal – Australian Open.
- No ATP de Memphis, em fevereiro, venceu Andre Agassi pela primeira vez.
- Jogou o primeiro Masters Series da carreira, em Indian Wells, com direito à primeira vitória sobre um top 10 – Wayne Ferreira, na 2ª rodada.
- Antes de embarcar para jogar em Roland Garros, foi campeão do challenger de Curitiba, ganhando do romeno Răzvan Sabău, na final.
- Ocupando a 66ª posição do ranking, entrou para a história ao derrotar três ex-campeões do torneio – Thomas Muster, Yevgeny Kafelnikov e Sergi Bruguera – para conquistar Roland Garros pela primeira vez.
- Foi também vice-campeão de simples do ATP de Bolonha e do Masters Series de Montreal. Em Montreal derrotou o então número 2 do mundo, Michael Chang, na semifinal.
- Em seguida foi às quartas de final do Masters Series de Cincinnati, vencendo Andre Agassi novamente e perdendo para Chang.
- Nas duplas, conquistou os títulos dos ATPs de Estoril, Bolonha e Stuttgart, com Meligeni.

1998 RANKING: 23º | VITÓRIAS/DERROTAS: 41/25

- Conquistou os títulos dos ATPs de Stuttgart e Mallorca, vencendo, respectivamente, Karol Kučera e Carlos Moyà.
- Foi também semifinalista do Masters Series de Roma e do ATP de Memphis, e quadrifinalista dos Masters Series de Miami e Hamburgo, e dos ATPs de Umag e Long Island.
- Nas duplas, foi campeão do ATP de Gstaad, com Meligeni.

1999 RANKING: 5º | VITÓRIAS/DERROTAS: 50/25

- Conquistou o primeiro título de Masters Series da carreira, em Monte Carlo, vencendo Marcelo Ríos na final. Logo depois foi campeão do Masters Series de Roma, em que derrotou o australiano Patrick Rafter na decisão.
- Na Itália, venceu pela primeira vez um tenista número 1 do mundo, o russo Yevgeny Kafelnikov.
- Em algumas das performances mais espetaculares da carreira, superou Alex Corretja e Carlos Moyà, na Espanha, além de ter vencido o jogo de duplas, para levar o Brasil às quartas de final da Copa Davis.
- Alcançou as quartas de final de três Grand Slams – Roland Garros, Wimbledon e US Open.
- Também foi semifinalista do Masters Series de Indian Wells e quadrifinalista dos Masters

Series de Hamburgo, Cincinnati e dos ATPs de Lyon, Indianápolis, Estoril, Dubai e Sydney.

- Disputou o Masters pela primeira vez, em Hannover.
- Nas duplas, foi campeão do ATP de Adelaide, com Lapentti.

2000 RANKING: 1º | VITÓRIAS/DERROTAS: 63/22

- Foi o ano em que chegou ao posto de número 1 do mundo e obteve o maior número de vitórias em uma temporada: 63.
- Conquistou o bicampeonato de Roland Garros e o Masters Cup.
- Foi campeão também do Masters Series de Hamburgo e dos ATPs de Santiago e Indianápolis, o seu primeiro em quadras rápidas.
- Em Sydney, disputou sua primeira olimpíada, ficando a um jogo da disputa de uma medalha. Perdeu nas quartas de final para Kafelnikov.
- Na temporada mais regular de sua carreira, foi vice-campeão dos Masters Series de Miami e Roma; semifinalista dos Masters Series de Cincinnati e Paris, e do ATP de Bogotá. Alcançou também as quartas de final dos ATPs de Tóquio, Hong Kong e Lyon.
- Em Lisboa, chegou ao topo do ranking mundial ao conquistar o Masters Cup, vencendo na sequência Pete Sampras e Andre Agassi. Até hoje é o único tenista da história a ter derrotado, em seguida, no mesmo torneio, Sampras e Agassi.
- Depois de liderar a corrida dos campeões durante quase toda a temporada, subiu ao lugar mais alto do ranking, tornando-se o primeiro jogador da América do Sul a conseguir tal feito.
- Levou o Brasil à semifinal da Copa Davis.
- O ano teve também um título de duplas, conquistado com Antônio Prieto no ATP de Santiago.

2001 RANKING: 2º | VITÓRIAS/DERROTAS: 60/18

- Foi o ano em que Guga mais conquistou títulos, entre eles o tricampeonato de Roland Garros.
- Começou a temporada vencendo os ATPs de Buenos Aires e Acapulco. Depois veio o bicampeonato do Masters Series de Monte Carlo e o tri, em Roland Garros, em que precisou salvar match point nas oitavas de final contra Michael Russell para então erguer novamente o troféu de campeão.
- As vitórias continuaram com o bicampeonato do ATP de Stuttgart e o título do Masters Series de Cincinnati, em que jogou, numa mesma manhã, a semifinal e a final.
- Guga também foi vice-campeão do Masters Series de Roma e do ATP de Indianápolis.

Alcançou a semifinal no ATP de Los Angeles e as quartas no US Open.

- Campeão de simples em Acapulco, foi também campeão de duplas no ATP mexicano, ao lado do americano Donald Johnson.
- Terminou o ano como o jogador número 2 do mundo.

2002 RANKING: 37º | VITÓRIAS/DERROTAS: 25/14

- Jogou o Australian Open e o ATP de Buenos Aires e foi submetido a uma artroscopia no quadril direito no dia 26 de fevereiro, em Nashville, nos Estados Unidos.
- Voltou a competir em 29 de abril, no ATP de Mallorca, alcançando as quartas de final.
- Conquistou seu primeiro título no Brasil, o Brasil Open, na Costa do Sauípe, salvando match point contra Guillermo Coria na final.
- Foi vice-campeão do ATP de Lyon, quadrifinalista do Masters Series de Hamburgo e alcançou as oitavas de final de Roland Garros e do US Open.
- Nas duplas, foi vice-campeão do Masters Series de Paris, ao lado de Pioline, e do Brasil Open, com André Sá.

2003 RANKING: 16º | VITÓRIAS/DERROTAS: 41/21

- Começou a temporada com o título do ATP de Auckland e terminou com o do ATP de São Petesburgo.
- Foi vice-campeão do Masters Series de Indian Wells, com direito a vitória sobre Roger Federer durante a campanha; semifinalista do Brasil Open e dos ATPs de Buenos Aires e Acapulco; e quadrifinalista dos ATPs de Long Island, Los Angeles e Barcelona.
- Alcançou novamente as oitavas de final em Roland Garros.

2004 RANKING: 40º | VITÓRIAS/DERROTAS: 23/13

- Conquistou seu último título, o do Brasil Open, com vitória sobre o argentino Agustín Calleri.
- A temporada foi marcada por momentos especiais, como a vitória sobre Roger Federer, então número 1 do mundo, em Roland Garros e a chegada às quartas de final do torneio.
- Foi vice-campeão do ATP de Viña del Mar, semifinalista do ATP de Auckland e quadrifinalista no ATP de Barcelona.
- Participou de sua segunda olimpíada, em Atenas, perdendo na primeira rodada para o campeão chileno Nicolás Massú.
- No dia 21 de setembro foi submetido a outra artroscopia no quadril direito, desta vez em Pittsburgh (Estados Unidos).

2005 RANKING: 293º | VITÓRIAS/DERROTAS: 6/10

- Voltou a competir em abril, no ATP de Valência, alcançando as oitavas.
- Durante a temporada jogou apenas onze torneios, encerrando a temporada em setembro, depois de ajudar o Brasil a voltar ao Grupo 1 da Zona Americana na Copa Davis.

2006 RANKING: 1.083º | VITÓRIAS/DERROTAS: 0/1

- Jogou apenas o Brasil Open, em fevereiro, e o challenger de Assunção, no Paraguai, em novembro.
- Passou por sua terceira intervenção no quadril, em Vail, no Colorado (Estados Unidos).

2007 RANKING: 6.800º | VITÓRIAS/DERROTAS: 2/7

- Iniciou a temporada alternando a disputa de torneios challengers e ATPs, visando a recuperação. Os melhores resultados vieram no Brasil Open e no ATP de Las Vegas, em que conseguiu uma vitória em cada.
- Jogou, no total, oito torneios de simples.

2008

- Realizou uma turnê de despedida do Circuito Mundial, passando por Bahia, Miami, Florianópolis, Monte Carlo e se despedindo oficialmente do circuito mundial no dia 25 de maio, na quadra central de Roland Garros.
- O Governo de Santa Catarina criou o Troféu Gustavo Kuerten de Excelência no Esporte, que premia, por meio de votação popular, os atletas, clubes e instituições que obtiveram destaque no esporte catarinense.

2009

- Foi convidado pelo COB para integrar a Comissão de Atletas Olímpicos.
- Criou, em junho, a Semana Guga Kuerten, reeditando no jogo-exibição com Sergi Bruguera em Florianópolis a final de 1997, na França.
- Em dezembro, a Semana Guga Kuerten recebeu o Prêmio Tênis de Melhor Torneio Infantojuvenil Brasileiro.

2010

- Foi condecorado, em fevereiro, com a Cruz do Mérito Desportivo, maior honraria concedida a um atleta brasileiro.
- Em março, durante o Rio Champions, eternizou suas mãos na Calçada da Fama do

Maracanãzinho.

- Em junho recebeu em Paris o troféu Philippe Chatrier, honraria máxima concedida a um tenista pela Federação Internacional de Tênis (ITF).
- Em agosto realizou a segunda edição da Semana Guga Kuerten, vencendo o russo Yevgeny Kafelnikov durante o jogo-exibição.
- No dia 3 de novembro, casou-se com Mariana Soncini Lerina.
- Em comemoração aos dez anos da conquista do Masters de Lisboa, quando chegou à liderança do ranking mundial da ATP, Gustavo Kuerten participou com Andre Agassi do Tênis Espetacular, evento que promoveu no Brasil um jogo-exibição inédito entre os dois campeões no Maracanãzinho, no Rio de Janeiro.

2011

- Foi homenageado na maior manifestação popular brasileira: o Carnaval. A escola de samba Grande Rio criou um carro alegórico imitando o troféu de Roland Garros especialmente para Guga, que desfilou no topo.
- Em setembro, recebeu o Prêmio Ímpar (Índice das Marcas de Preferência e Afinidade Regional) como a Personalidade que Melhor Representa Santa Catarina.
- Em outubro, recebeu o Champion for Peace and Sports Awards, premiação concedida pelo príncipe Albert II de Mônaco.
- No mesmo mês, realizou a terceira edição da Semana Guga Kuerten, disputando o jogo-exibição contra o espanhol Carlos Moyà.
- Em novembro, participou de um desafio com Alex Corretja, no Rio de Janeiro. A partida celebrou os dez anos de aniversário da terceira vitória de Guga em Roland Garros, em 2001. Guga venceu o jogo-exibição por 2 sets a 1.

2012

- No dia 7 de fevereiro nasceu, em Florianópolis, Maria Augusta Soncini Kuerten, primeira filha de Gustavo Kuerten e Mariana Soncini Kuerten.
- Em março, foi anunciado o resultado da eleição que confirmou a inclusão de Gustavo Kuerten no International Tennis Hall of Fame & Museum. Durante uma cerimônia realizada na sede do Banco do Brasil, em São Paulo, Mark Stenning, CEO do International Tennis Hall of Fame, e Christopher Clouse, chairman do International Tennis Hall of Fame & Museum, receberam convidados e a imprensa brasileira para o anúncio oficial.
- Em maio, foi anunciado como embaixador mundial da Lacoste.
- No dia 14 de julho, numa cerimônia na sede do Hall da Fama, em Newport (Estados Unidos), Gustavo Kuerten ingressou oficialmente na instituição que eterniza os principais

campeões do tênis. É o primeiro tenista masculino brasileiro a entrar para o Hall da Fama do Tênis Internacional.

- Em outubro, participou do jogo exibição contra Nicolás Lapentti, vencendo por 6-2 e 7-6, durante a Semana Guga Kuerten.
- Ainda em outubro, recebeu, pelo segundo ano consecutivo, o Prêmio Ímpar como a Personalidade que Melhor Representa Santa Catarina.
- Em 17 de novembro, Guga participou de um desafio com o número 1 do tênis mundial: Novak Djokovic, no Rio de Janeiro. Com o Maracanãzinho lotado, superou o sérvio por 2 sets a 0, com parciais de 7-6 e 7-5.

2013

- Em março, foi submetido a uma cirurgia para implantação de uma prótese no quadril, em Florianópolis.
- No dia 9 de junho nasceu, em Florianópolis, Luiz Felipe Soncini Kuerten, segundo filho de Gustavo Kuerten e Mariana Soncini Kuerten.
- No dia 30 de julho, a ATP oficializou o nome de Gustavo Kuerten no Programa ATP Heritage que celebra as conquistas dos dezesseis tenistas que concluíram um ano como número 1 no ranking da ATP, em quarenta anos de história do ranking.
- Em agosto, participou, em Nova York, da noite de gala do ATP Heritage, no hotel Waldorf Astoria, ao lado dos principais tenistas que eternizaram o nome como número 1 no ranking da ATP.
- Recebeu, pelo terceiro ano, o Top of Mind na categoria Personalidade que Melhor Representa Santa Catarina, em agosto.
- Em setembro, foi anunciado como embaixador mundial da Hublot.
- No mesmo mês, recebeu, pela terceira vez, o Prêmio Ímpar como a Personalidade que Melhor Representa Santa Catarina.

Homenagem do Hall da Fama de 2012.

INFORMAÇÕES SOBRE A SEXTANTE

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA SEXTANTE,
visite o site www.sextante.com.br
e curta as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

www.sextante.com.br

facebook.com/esextante

twitter.com/sextante

instagram.com/editorasextante

skoob.com.br/sextante

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@esextante.com.br

Editora Sextante
Rua Voluntários da Pátria, 45 / 1.404 – Botafogo
Rio de Janeiro – RJ – 22270-000 – Brasil
Telefone: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244
E-mail: atendimento@esextante.com.br

SUMÁRIO

CRÉDITOS

PREFÁCIO, POR ALICE THÜMMEL KUERTEN
O MONSTRO
ACADÊMICOS UNIDOS DA RAQUETE
VALENDO!
UMA GRANDE DUPLA
UM PERIQUITO NA MUDA
O GUARDIÃO DAS TAÇAS
A FAÍSCA
VACA NA PISCINA E VOLEIO NO PINGUE-PONGUE
NÃO VOU ERRAR MESMO!
A MAIOR PERDA EM TODOS OS TORNEIOS
A ZEBRA FELIZ NO CEMITÉRIO DOS CAMPEÕES
A QUADRA, NOSSO SANTUÁRIO
A MÃO DO PAI
FUTEBOL NO INTERIOR OU TÊNIS PELO MUNDO
O CHURRASCO E A PROMESSA
A BATALHA DOS SOBREVIVENTES
SACRIFÍCIO OU O OFÍCIO SAGRADO
BEM-VINDO À TERRA DA MAGIA
ABRINDO O APETITE
O APERTO DO FUNIL
NÃO TENHO VALOR COMO TENISTA?
MALABARISMOS
A TOMADA DE CONSTANTINOPLA
UM MARCO EM MINHA VIDA
O PLANETA DESCONHECIDO
O ANO QUE NINGUÉM ENTENDEU
PRONTO PARA O ATAQUE
GUARDIÕES DO TRONO
A HORA DA SOBREMESA

BI EM ROLAND GARROS
ENTRE HERÓIS
O NÚMERO 1
VAI DAR TUDO CERTO
TRI
HAJA FÔLEGO!
A LESÃO
ÚLTIMO LAMPEJO
A RETA FINAL
OUTRAS TAÇAS
EPÍLOGO – UM BRASILEIRO
AGRADECIMENTOS
UMA VIDA DE CONQUISTAS

INFORMAÇÕES SOBRE A SEXTANTE